C 17-20

MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Manual de Campanha

FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS

3ª Edição
2002

C 17-20

MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Manual de Campanha

FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS

3ª Edição

2002

Preço: R$

CARGA

EM.....

PORTARIA Nº 086-EME, DE 30 DE OUBUTRO DE 2002

Aprova o Manual Campanha C 17-20 - Forças-Tarefas Blindadas, 3ª Edição, 2002.

O CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, no uso da atribuição que lhe confere o artigo 113 das IG 10-42 - INSTRUÇÕES GERAIS PARA A CORRESPONDÊNCIA, AS PUBLICAÇÕES E OS ATOS ADMINISTRATIVOS NO ÂMBITO DO EXÉRCITO, aprovadas pela Portaria do Comandante do Exército nº 041, de 18 de fevereiro de 2002, resolve:

Art. 1º Aprovar o Manual de Campanha **C 17-20 - FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS**, 3ª Edição, 2002, que com esta baixa.

Art. 2º Determinar que esta Portaria entre em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogar as Instruções Provisórias **IP 17-1 - FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS**, 2ª Edição, 1997, aprovadas pela Portaria Nº 140-EME, de 22 de dezembro de 1997.

Gen Div RICARDO BARBALHO LAMELLAS
Chefe Interino do Estado-Maior do Exército

NOTA

Solicita-se aos usuários deste manual de campanha a apresentação de sugestões que tenham por objetivo aperfeiçoá-lo ou que se destinem à supressão de eventuais incorreções.

As observações apresentadas, mencionando a página, o parágrafo e a linha do texto a que se referem, devem conter comentários apropriados para seu entendimento ou sua justificação.

A correspondência deve ser enviada diretamente ao EME, de acordo com o artigo 108 Parágrafo Único das IG 10-42 - INSTRUÇÕES GERAIS PARA A CORRESPONDÊNCIA, AS PUBLICAÇÕES E OS ATOS ADMINISTRATIVOS NO ÂMBITO DO EXÉRCITO, aprovadas pela Portaria do Comandante do Exército nº 041, de 18 de fevereiro de 2002.

ÍNDICE DE ASSUNTOS

		Prf	Pag
CAPÍTULO 1	**- INTRODUÇÃO**		
ARTIGO I	- Generalidades	1-1 e 1-2	1-1
ARTIGO II	- Missões, Características, Possibilidades e Limitações	1-3 a 1-6	1-2
ARTIGO III	- O Moderno Combate de Blindados ...	1-7 a 1-9	1-5
ARTIGO IV	- Estrutura Organizacional	1-10 a 1-12	1-10
ARTIGO V	- Organização para o Combate	1-13 a 1-15	1-16
ARTIGO VI	- Sistemas Operacionais	1-16 a 1-24	1-20
CAPÍTULO 2	**- COMANDO E CONTROLE**		
ARTIGO I	- Responsabilidades Funcionais de Comando e Controle	2-1 e 2-2	2-1
ARTIGO II	- Posto de Comando	2-3 a 2-12	2-6
ARTIGO III	- Sincronização	2-13 a 2-16	2-16
ARTIGO IV	- Ligações e Comunicações	2-17 e 2-18	2-21
CAPÍTULO 3	**- APOIO AO COMBATE**		
ARTIGO I	- Apoio de Fogo	3-1 a 3-7	3-1
ARTIGO II	- Defesa Antiaérea	3-8 e 3-9	3-9
ARTIGO III	- Defesa de Engenharia	3-10 a 3-12	3-10

		Prf	Pag
CAPÍTULO 4	**- RECONHECIMENTO E SEGURANÇA**		
ARTIGO I	- Reconhecimento	4-1 e 4-2	4-1
ARTIGO II	- Segurança	4-3 a 4-13	4-2
CAPÍTULO 5	**- OPERAÇÕES OFENSIVAS**		
ARTIGO I	- Introdução	5-1 a 5-5	5-1
ARTIGO II	- Marcha para o Combate	5-6 e 5-7	5-14
ARTIGO III	- Reconhecimento em Força	5-8 e 5-9	5-19
ARTIGO IV	- Ataque	5-10 a 5-13	5-21
ARTIGO V	- Aproveitamento do Êxito	5-14 a 5-17	5-52
ARTIGO VI	- Perseguição	5-18 e 5-19	5-59
ARTIGO VII	- Outras Operações Ofensivas	5-20 a 5-24	5-61
ARTIGO VIII	- Ataque Noturno	5-25 a 5-28	5-71
CAPÍTULO 6	**- OPERAÇÕES DEFENSIVAS**		
ARTIGO I	- Introdução	6-1 a 6-5	6-1
ARTIGO II	- Defesa Móvel	6-6	6-6
ARTIGO III	- Defesa de Área	6-7 a 6-13	6-9
ARTIGO IV	- Táticas e Técnicas Especiais na Defensiva	6-14 a 6-16	6-36
ARTIGO V	- Movimentos Retrógrados	6-17 a 6-30	6-43
CAPÍTULO 7	**- AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES BÁSICAS E OPERAÇÕES COMPLEMENTARES**		
ARTIGO I	- Introdução	7-1	7-1
ARTIGO II	- Ações Comuns às Operações Básicas	7-2 a 7-5	7-1
ARTIGO III	- Operações Complementares	7-6 e 7-7	7-20
CAPÍTULO 8	**- OPERAÇÕES SOB CONDIÇÕES ESPECIAIS DE AMBIENTE**		
ARTIGO I	- Introdução	8-1	8-1
ARTIGO II	- Operações em Regiões de Serras e Terrenos Montanhosos	8-2 e 8-3	8-2

		Prf	Pag
ARTIGO	**III** - Operações em Regiões de Mata Densa e de Selva.	8-4 a 8-7	8-3
ARTIGO	**IV** - Operações na Caatinga	8-8 e 8-9	8-6
ARTIGO	**V** - Operações em Regiões Contaminadas com Agente QBN	8-10 e 8-11	8-7
CAPÍTULO	**9 - OPERAÇÕES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS**		
ARTIGO	**I** - Transposição de Curso de Água	9-1 e 9-2	9-1
ARTIGO	**II** - Operações em Áreas Fortificadas	9-3 e 9-4	9-3
ARTIGO	**III** - Operações em Áreas Edificadas.	9-5 a 9-8	9-6
CAPÍTULO	**10 - LOGÍSTICA**		
ARTIGO	**I** - Introdução	10-1	10-1
ARTIGO	**II** - Logística nas Forças-Tarefas Blindadas.	10-2 a 10-18	10-2
ANEXO	**A - OPERAÇÕES COM FUMÍGENOS .....**	A-1 a A-5	A-1
ANEXO	**B - PREVENÇÃO DE FRATRICÍDIO .....**	B-1 a B-7	B-1
ANEXO	**C - OPERAÇÕES CONTINUADAS .....**	C-1 a C-5	C-1
ANEXO	**D - CASO ESQUEMÁTICO DE UM ATAQUE DE OPORTUNIDADE .....**	D-1 a D-7	D-1
ANEXO	**E - GLOSSÁRIO DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....**		E-1

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

ARTIGO I

GENERALIDADES

1-1. FINALIDADE

a. Este manual de campanha apresenta a doutrina básica das operações de blindados e estabelece os fundamentos doutrinários relativos ao emprego operacional das FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS baseadas no Batalhão de Infantaria Blindado e no Regimento de Carros de Combate, orgânicos das Brigadas de Infantaria Blindada e Brigada de Cavalaria Blindada, respectivamente, e no Regimento de Cavalaria Blindado orgânico das Brigadas de Cavalaria Mecanizada, no contexto da IP 100-1 - BASES PARA A MODERNIZAÇÃO DA DOUTRINA DE EMPREGO DA FORÇA TERRESTRE (Doutrina Delta - Ed. 1997) e do manual de campanha C 100-5 - OPERAÇÕES (Ed. 1997).

b. O C 17-20 destina-se a orientar o Comandante de Unidade e seu Estado-Maior no planejamento, execução, coordenação e sincronização das operações conduzidas pelas FT BIB, FT RCC e pelo RCB em campanha.

1-2. FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS

a. As FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS (FT Bld) valor unidade são organizadas, adestradas e equipadas para a destruição de forças inimigas, seja por meio do combate embarcado, seja por meio do combate desembarcado.

b. A FT RCC é uma força-tarefa forte em carros de combate, pois a maioria de suas subunidades (SU) são esquadrões de carros de combate (CC), da mesma forma, a FT BIB é uma força-tarefa forte em fuzileiros blindados, pois a maioria de suas subunidades são Companhias de Fuzileiros Blindados (Cia Fuz Bld).

c. As FT equilibradas são forças-tarefas que possuem igual número de subunidades de carros de combate e de fuzileiros blindados (Fuz Bld).

d. As FT Bld (RCC, BIB e RCB) cumprem missões no contexto das operações de suas brigadas, podendo, eventualmente, atuar diretamente sob o controle das divisões de exército, participando de forças de cobertura, da reserva ou da SEGAR.

e. O poder de combate das FT Bld repousa no emprego combinado dos carros de combate e dos fuzileiros blindados. Este combinado CC - Fuz Bld deve ser apoiado por engenharia de combate blindada, artilharia de campanha e antiaérea autopropulsadas, morteiros pesados e por aeronaves do exército ou da Força Aérea (F Ae). Nas FT Bld deve-se buscar sempre a sinergia entre todos os elementos subordinados, de forma que as deficiências de uns sejam anuladas pelas possibilidades e características dos outros, fazendo com que o resultado final das ações do conjunto seja maior que a soma das ações individuais das frações que o integram.

f. Neste manual, quando empregado o termo "FT" ou "FORÇA-TAREFA", ele se referirá às forças-tarefas baseadas nos RCC, BIB e RCB. Quando determinado conceito ou operação referir-se a apenas à força-tarefa forte em carros de combate ou forte em fuzileiros blindados, serão empregados os termos FT RCC e FT BIB respectivamente. Quando determinada ação, operação ou conceito se referir à FT Bld das Bda C Mec será usado o termo RCB. O termo FT SU refere-se às forças-tarefas baseadas nos Esqd CC ou nos Esqd / Cia Fuz Bld.

ARTIGO II

MISSÕES, CARACTERÍSTICAS, POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

1-3. MISSÕES DAS FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS

a. As Forças-Tarefas Blindadas são organizadas, equipadas e instruídas para operar como elementos de choque das Bda C Bld, Bda Inf Bld e Bda C Mec, ampliando-lhes a capacidade de combate e as possibilidades operacionais.

b. As missões básicas das FT Bld são:

(1) Força-Tarefa forte em carros de combate:

(a) cerrar sobre o inimigo a fim de destruí-lo ou neutralizá-lo, utilizando o fogo, a manobra e a ação de choque;

(b) destruir ou desorganizar o ataque inimigo por meio do fogo, da ação de choque e de contra-ataques.

(2) Força-Tarefa forte em fuzileiros blindados:

(a) cerrar sobre o inimigo a fim de destruí-lo, neutralizá-lo ou capturá-lo, utilizando o fogo, a manobra e o combate aproximado;

(b) manter o terreno, impedindo, resistindo e repelindo o ataque inimigo por meio do fogo, do combate aproximado e de contra-ataques.

(3) Força-Tarefa equilibrada:

(a) cerrar sobre o inimigo a fim de destruí-lo, neutralizá-lo ou capturá-lo, utilizando o fogo, a manobra, o combate aproximado e a ação de choque;

(b) manter o terreno, impedindo, resistindo e repelindo o ataque inimigo por meio do combate aproximado, do fogo e de contra-ataques ;

(c) executar movimentos retrógrados, particularmente a ação retardadora.

c. O RCB poderá, também, realizar missões de Rec e Seg em proveito da Bda C Mec, embora não seja a OM mais apta para estas operações. Suas subunidades poderão ser empregadas em reforço aos R C Mec, no curso das operações por estes desenvolvidas.

1-4. CARACTERÍSTICAS DAS FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS

a. Mobilidade - Resultante de serem todos os seus elementos transportados em viaturas, cujas possibilidades técnicas permitem grande raio de ação, deslocamento em alta velocidade em estradas, bom rendimento através campo e boa capacidade de transposição de obstáculos, inclusive de cursos de água não vadeáveis, já que muitas das suas viaturas são anfíbias.

b. Flexibilidade - Produto, particularmente, da mobilidade, estrutura e constituição, em pessoal e meios, que lhes conferem a possibilidade de mudar rapidamente a organização para o combate, o dispositivo e a direção de atuação, bem como lhes concedem desenvolvida capacidade de evitar ou romper o engajamento em combate.

c. Potência de fogo - Função do armamento orgânico, notadamente os carros de combate, os morteiros, as armas automáticas e os mísseis anticarro.

d. Proteção blindada - Proporcionada pela blindagem dos seus carros de combate e de suas viaturas blindadas.

e. Ação de choque - Resultante do aproveitamento simultâneo de suas características de mobilidade, potência de fogo e proteção blindada

f. Sistema de comunicações amplo e flexível - Ensejado, particularmente, pelo material rádio de que são dotadas, que assegura ligações rápidas e continuadas com o escalão superior e os elementos subordinados.

1-5. POSSIBILIDADES DAS FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS

a. As FT Bld são unidades de combate dotadas de meios suficientes para períodos limitados de combate. O prolongamento de suas participações nas operações subordina-se ao apoio logístico adequado e oportuno.

b. As FT Bld empregam seu poder de fogo, mobilidade e poder de choque para:

(1) conduzir operações ofensivas e defensivas continuadas;
(2) aproveitar o êxito e perseguir o inimigo;
(3) conduzir operações de segurança;
(4) atacar e contra-atacar sob fogo inimigo;
(5) conduzir ou participar dos movimentos retrógrados e das ações dinâmicas da defesa;
(6) participar de envolvimentos e desbordamentos;
(7) efetuar operações de junção;
(8) executar ações contra forças irregulares;
(9) cumprir missões no quadro da defesa interna.

c. As subunidades de carros de combate das FT Bld possuem , ainda, a possibilidade de:

(1) destruir blindados inimigos pelo fogo;
(2) apoiar pelo fogo a progressão dos fuzileiros blindados, quando impedidas de prosseguir.

d. As subunidades de fuzileiros blindados podem também:

(1) acompanhar o ataque dos carros de combate para destruir as resistências inimigas remanescentes;
(2) realizar a transposição de oportunidade e imediata de cursos d'água;
(3) conquistar e manter o terreno;
(4) cerrar sobre o inimigo para destruí-lo, neutralizá-lo ou capturá-lo.

1-6. LIMITAÇÕES DAS FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS

As FT Bld incorporam as limitações próprias dos blindados, sendo as principais, as abaixo especificadas.

a. Quanto ao inimigo

(1) Vulnerabilidade aos ataques aéreos.
(2) Sensibilidade ao largo emprego de minas, armas AC e obstáculos artificiais.

b. Quanto ao terreno e condições meteorológicas

(1) Mobilidade restrita nos terrenos montanhosos, arenosos, pedregosos, pantanosos e cobertos.
(2) Reduzida capacidade de transposição de cursos d'água pelos carros de combate.
(3) Necessidade de rede rodoviária para prover seu apoio logístico.
(4) Sensibilidade às condições meteorológicas adversas, que reduzem a sua mobilidade.
(5) Poder de fogo restrito em áreas edificadas e cobertas.

c. Quanto aos meios

(1) Necessidade de volumoso apoio logístico, particularmente dos suprimentos de classe III, V e IX e de manutenção.

(2) Limitada capacidade de transporte de seus trens.

(3) Dificuldade em assegurar o sigilo desejável, em virtude do ruído e da poeira produzidos por suas viaturas, quando em deslocamentos.

(4) Necessidade de transporte rodoviário ou ferroviário para os seus blindados nos deslocamentos administrativos a grandes distâncias.

(5) Mobilidade estratégica limitada, devido ao elevado peso e ao desgaste nos trens de rolamento de seus blindados.

(6) Em operações elevada dependência do apoio prestado pela engenharia, artilharia, logística, aviação do exército e força aérea.

(7) Limitada capacidade de transposição de cursos de água pelos carros de combate.

ARTIGO III

O MODERNO COMBATE DE BLINDADOS

1-7. CARACTERÍSTICAS DO COMBATE MODERNO (Fig 1-1)

O combate moderno caracteriza-se por:

- combate ofensivo, com grande ímpeto e valorização da manobra;
- ação simultânea em toda a profundidade do campo de batalha e combate não linear;
- busca do isolamento do campo de batalha com ênfase na destruição do inimigo;
- priorização das manobras de flanco;
- máximo poder relativo de combate no momento e local decisivo;
- combate continuado com a máxima utilização das operações noturnas e ataque de oportunidade;
- valorização da infiltração como forma de manobra;
- busca da iniciativa, da rapidez, da flexibilidade e da sincronização das operações;
- valorização dos princípios do objetivo, ofensiva, manobra, massa, surpresa e unidade de comando;
- mínimo de perdas para as nossas forças e para a população civil envolvida;
- decisão da campanha no mais curto prazo.

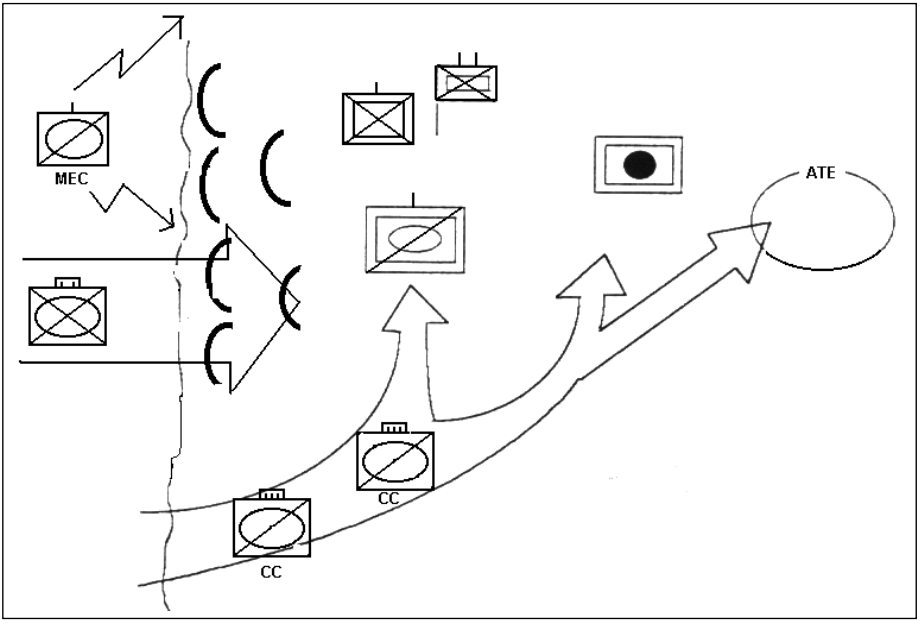

Fig 1-1. Destruição da Força Inimiga

1-8. A FORÇA-TAREFA E O MODERNO COMBATE DE BLINDADOS

a. No campo de batalha moderno o conceito de FT ganhou importância e uma dimensão maior para o emprego de blindados. Em face da grande evolução tecnológica ocorrida nos últimos conflitos, o comandante de blindados não terá mais liberdade para manobrar suas forças de forma independente e isolada do restante das forças em operações.

b. O moderno conceito de emprego de blindados enfatiza a necessidade de se empregar uma força capaz de enfrentar múltiplas ameaças, que possa aglutinar em torno dos carros de combate, elementos de infantaria blindada, artilharia de campanha e antiaérea autopropulsadas e engenharia de combate blindada, buscando a sinergia entre todos estes elementos, de forma a anular as deficiências de uns e maximizar as possibilidades de outros. Esta FT Bld não será capaz de manobrar e combater no moderno campo de batalha sem contar com um eficiente sistema de comando e controle, com ênfase para a inteligência de combate e, sem o apoio efetivo de helicópteros da aviação do exército e de aeronaves da aviação aerotática.

c. Os Cmt FT Bld passarão a enfrentar desafios substancialmente diferentes daqueles com que se depararam no passado. No moderno campo de batalha, o combate de blindados tornou-se complexo e multidimensional, fruto do advento de carros de combate dotados de sistemas de tiro informatizados, de equipamentos de sensoreamento e de navegação terrestre e com armamentos de elevada

letalidade, do grande poder de destruição das armas anticarro, dos helicópteros de ataque e da intensa utilização do espectro eletromagnético.

d. Neste complexo e hostil campo de batalha moderno será exigido do comandante de blindados um alto grau de iniciativa, liderança, agilidade mental e grande capacidade para sincronizar as operações e gerenciar o alentado número de informações à sua disposição. Ele deverá ser capaz de conquistar rapidamente a iniciativa e conduzir as operações com ímpeto ofensivo, rapidez, agressividade e audácia.

e. O êxito do comandante de blindados dependerá de sua iniciativa, da flexibilidade e da rapidez de sua tropa adaptar-se às situações inesperadas e da capacidade de sincronização das operações de seu sistema de comando e controle.

f. A iniciativa permitirá buscar a surpresa, combatendo com ousadia e agressividade, para impor ao inimigo o momento e o local favorável à decisão da batalha, além de possibilitar a manutenção do espirito ofensivo e da liberdade de ação, característicos do combate de blindados.

g. A flexibilidade será fator preponderante para reagir com rapidez às ameaças inimigas, concentrar forças no momento e no local oportunos, explorar as vulnerabilidades do inimigo, alterar a organização e a missão dos elementos subordinados de acordo com as necessidades, empregar oportunamente a reserva e transformar operações defensivas em ofensivas, e vice-versa, sem hesitação.

h. A rapidez permitirá manobrar com velocidade e continuamente no campo de batalha, deslocando-se de uma região para a outra, evitando situações estáticas que ofereçam ao inimigo a oportunidade de retomar a iniciativa das ações.

i. A sincronização da manobra, do apoio ao combate e do apoio logístico constituí-se num poderoso multiplicador do poder de combate e será a base do sucesso no moderno campo de batalha.

j. Como desenvolvimento da guerra eletrônica e a conseqüente limitação do uso dos meios de comunicações, a grande rapidez das ações e a constante evolução da situação tática no moderno campo de batalha, os comandantes de blindados serão levados, muitas vezes, a tomar decisões independentemente de ligação com os seus escalões superiores, enfatizando a necessidade do exercício da iniciativa e da liderança em elevado grau, em todos os escalões, e da perfeita compreensão da intenção do comandante e de seu conceito da operação.

l. Entretanto, apesar desta complexidade introduzida no campo de batalha pelo combate moderno e da grande evolução dos armamentos, blindados e equipamentos diversos, a clássica manobra de blindados é cada vez mais atual e válida. A decisão de empregar uma parte da força para encontrar o inimigo e então fixá-lo ou contê-lo, manobrar com o grosso para atacar

o seu flanco ou a sua retaguarda, destruindo seus sistemas de comando e controle, logístico e de apoio ao combate, fixando sua reserva, impedindo-o de retrair e apresentar nova defesa, tirando sua liberdade de manobrar e destruindo-o em sua posição, de forma vantajosa, rápida e com reduzido número de perdas e baixas para a força blindada continuará, ainda, a ser a chave para o sucesso de um comandante de blindados e de sua tropa no campo de batalha moderno.

1-9. PECULIARIDADES DO EMPREGO DAS FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS

a. Generalidades

(1) O emprego das FT Bld é orientado, basicamente, pela aplicação dos princípios de guerra. No entanto, assumem capital importância algumas peculiaridades, principalmente dentro do moderno campo de batalha.

(2) As novas condicionantes impostas pela letalidade dos modernos sistemas de armas, pelos meios de detecção e busca de alvos à disposição do inimigo e por sua capacidade de atuar sobre os nossos sistemas de comando e controle por intermédio dos meios de guerra eletrônica, determinam um novo tipo de conduta para a campanha terrestre.

(3) A eficácia dessas novas peculiaridades de emprego das FT Bld depende exclusivamente de comandantes (Cmt) e estados-maiores (EM) com espírito e mentalidade flexíveis, capazes de adaptarem-se rapidamente às flutuações do combate e , assumindo riscos calculados, conduzir suas tropas à vitória.

b. Utilização do fogo e manobra

(1) O emprego das FT Bld se baseia no uso do fogo e da manobra. A manobra é um meio para colocar-se em posição vantajosa em relação ao inimigo. A conjugação do fogo e da manobra permite a progressão de um elemento coberto pelos fogos de outro(s) elemento(s).

(2) O apoio aéreo, a artilharia e os morteiros proporcionam a cobertura de fogos que possibilitam aos CC e aos Fuz Bld cerrarem sobre o inimigo e destruí-lo. Obtém-se resultados decisivos concentrando os fogos diretos dos CC e das VBTP/VBC-Fuz em um ponto crítico para o sucesso da ação. Em raras ocasiões o emprego isolado da potência de fogo e da manobra acarretará a derrota do inimigo.

c. Obtenção e manutenção da iniciativa

(1) A iniciativa é mantida pela contínua aplicação do poder de combate contra os pontos fracos da defesa inimiga ou aqueles que melhor contribuírem para o cumprimento da missão. Estimula-se a iniciativa por meio de sucessivos ataques contra pontos vulneráveis, negando ao inimigo a oportunidade de reorganizar suas forças para rechaçar o ataque, e pela continuação da ação ofensiva durante a noite.

(2) É importante a preparação de planos alternativos para execução imediata, caso a operação inicialmente concebida não alcance o sucesso esperado.

d. Exploração dos pontos fracos do inimigo - Na condução de ações ofensivas as FT Bld, normalmente, procuram obter o máximo de ímpeto no ataque, valendo-se da exploração dos pontos fracos detectados no dispositivo inimigo. Na defensiva, a destruição da força inimiga também poderá ser realizada pelas ações dinâmicas da defesa que, explorando as vulnerabilidades do inimigo, criam as condições favoráveis à realização de rápidos e potentes contra-ataques.

e. Emprego máximo da mobilidade - A mobilidade das FT Bld deve ser explorada de modo a possibilitar o máximo de potência de fogo , provocando desta forma a derrota do inimigo. A mobilidade contribui decisivamente para alcançar a surpresa. Permite a rápida concentração e dispersão de forças e intensifica o efeito da manobra. Permite o rápido desdobramento em combate e torna possível o pronto desengajamento das forças empenhadas. Possibilita a concentração em um único objetivo de forças empregadas em eixos convergentes.

f. Flexibilidade das estruturas organizacionais

(1) A flexibilidade das estruturas organizacionais das FT RCC, FT BIB e do RCB concede às formações blindadas a possibilidade de adaptação ao cumprimento de um grande número de missões. O terreno, as condições meteorológicas e o inimigo podem tornar necessária a modificação das estruturas organizacionais básicas das FT Bld.

(2) O Cmt deve estar capacitado para utilizar a flexibilidade que os blindados lhe concedem.

g. Emprego do combinado CC - Fuz Bld - O emprego do combinado CC / Fuz Bld permite o máximo de aproveitamento das características particulares de cada elemento. O emprego de CC e Fuz Bld separadamente, ocorrerá eventualmente, e deve estar limitado ao tempo e à distância que permitam o apoio mútuo.

h. Planejamento detalhado e execução agressiva

(1) As operações das FT Bld caracterizam-se pelo planejamento detalhado (exceto no ataque de oportunidade) seguido de execução agressiva. A agressividade imprimida ao ataque determinará o grau de êxito da operação.

(2) A ação de choque não será efetivamente obtida sem uma execução agressiva.

i. Atribuição de missões pela finalidade - Aos comandantes de FT Bld, normalmente, são atribuídas missões pela finalidade. As missões devem transmitir ao comandante “o que deve fazer” mas, não “como fazer”. A rapidez das ações blindadas e a rápida evolução da situação tática imposta pela forma de movimento, tornam necessária a atribuição de liberdade de iniciativa ao comandante de blindado para que possa aproveitar, de imediato, as oportunidades favoráveis que se apresentem durante o desenrolar do combate.

j. Aproveitamento do terreno - O terreno e as condições meteorológicas, normalmente, condicionam o sucesso ao domínio e uso eficaz da rede de estradas. No entanto, a mobilidade através campo dos veículos blindados reduz a dependência das FT Bld às estradas e, permite ao comandante grande liberdade

para manobrar. No entanto, a capacidade de durar em combate depende fundamentalmente do fluxo de suprimentos, feito basicamente através de veículos sobre rodas que sofrem restrições ao movimento fora das estradas.

l. Atacar o inimigo pelos flancos ou pela retaguarda - No moderno campo de batalha as manobras devem ser conduzidas com grande ímpeto ofensivo, buscando a decisão no menor prazo possível e com o menor número de perdas. Para isso, o inimigo localizado no campo de batalha deverá ser fixado e, e atacado em seus flancos e / ou retaguarda, onde se buscará destruir seus sistemas de comando e controle, logístico, apoio de fogo e suas reservas e, ainda, obrigá-lo a combater em mais de uma frente.

m. Continuidade das operações - Nos seus planejamentos, o Cmt deverá enfatizar a continuidade das operações, particularmente após um sucesso obtido. Essa continuidade deverá ser buscada mediante a ampla utilização do combate noturno, dos ataques de oportunidade e por meio de freqüentes substituições dos elementos de 1º escalão, para se manter permanente a pressão sobre o inimigo.

n. Adequado apoio logístico - Um apoio logístico adequado e oportuno é essencial ao sucesso da operação. Planejamentos detalhados de ressuprimento, evacuação e manutenção devem preceder a operação.

ARTIGO IV

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

1-10. CONSTITUIÇÃO DAS FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS

As FT Bld possuem as seguintes estruturas organizacionais básicas (Fig 1-2):

- comando e estado-maior.
- esquadrão ou companhia de comando e apoio.
- esquadrões de carros de combate.
- esquadrões ou companhias de fuzileiros blindados.

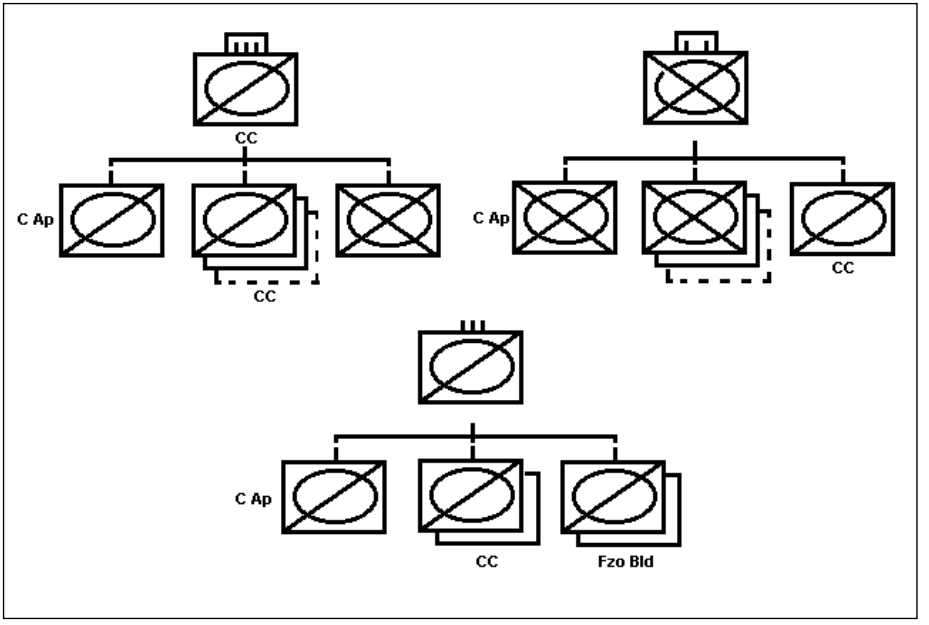

Fig 1-2. FT RCC, FT BIB e RCB

1-11. COMANDO E ESTADO-MAIOR

a. O comando das FT Bld é constituído pelo comandante da unidade e seu estado-maior.

b. O comandante, assessorado pelo estado-maior, planeja, organiza, coordena e controla as atividades da unidade.

c. O subcomandante da FT é o substituto eventual do comandante da unidade e o chefe do estado-maior da força-tarefa.

d. O estado-maior da unidade compreende:

(1) O estado-maior geral, constituído pelo oficial de pessoal (S1), o oficial de inteligência (S2), o oficial de operações (S3) e o oficial de logística (S4);

(2) O estado-maior especial, composto pelo adjunto do S3 (Oficial de Apoio de Fogo da FT, também Oficial de Ligação com a F Ae / Av Ex e S3 do Ar), o adjunto do S/4, o Cmt Pel exploradores, o oficial de manutenção, o oficial de comunicações , o oficial de suprimento, o oficial de saúde, o oficial de DQBN, o oficial aprovisionador e o comandante da SU C Ap.

e. Os deveres e responsabilidades do comandante, subcomandante e do estado-maior, assim como a documentação existente em cada seção de estado-maior, são tratados em manuais específicos e nas Normas Gerais de Ação (NGA) da Unidade.

1-12. ELEMENTOS SUBORDINADOS

a. Esquadrão ou Companhia de Comando e Apoio (Fig 1-3)

(1) O Esqd / Cia C Ap destina-se a apoiar o comando da unidade com os meios necessários à conduta das operações de combate e prestar o apoio logístico e de fogo às operações da unidade.

(2) O Comandante do Esqd / Cia C Ap, além de suas atribuições normais, também é o responsável pela supervisão da instalação, segurança, deslocamento e funcionamento da(s) Área(s) de Trens da unidade.

(3) O Esqd / Cia C Ap é constituído pelos seguintes elementos:

(a) comandante e subcomandante.
(b) seção de comando.
(c) pelotão de comando.
(d) pelotão de comunicações.
(e) pelotão de morteiros pesados.
(f) pelotão de exploradores.
(g) pelotão anticarro (FT BIB).
(h) pelotão de suprimento.
(i) pelotão de manutenção.
(j) pelotão de saúde.

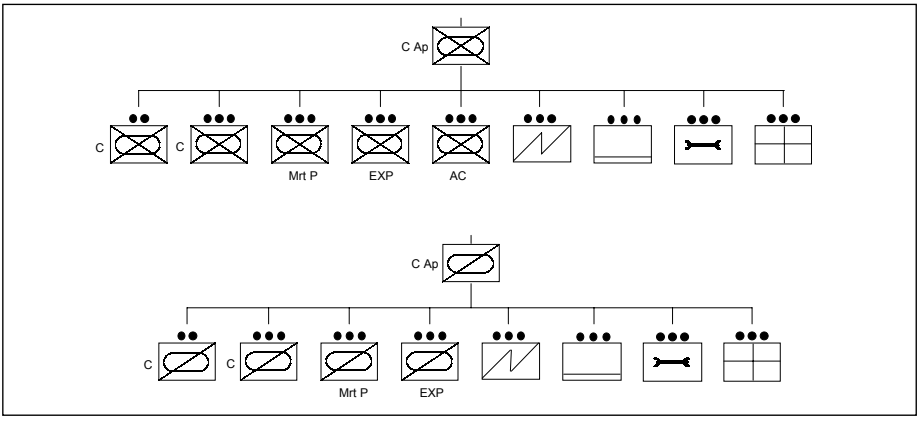

Fig 1-3. Esquadrão / Companhia de Comando e Apoio

(4) Seção de Comando - Reúne os meios e os efetivos necessários para apoiar o Comando da SU em suas missões, realizar o controle dos efetivos e do material, supervisionar a distribuição de suprimento às frações da SU e coordenar a manutenção do material, armamento e viaturas da SU.

(5) Pelotão de Comando - Enquadra o efetivo e os meios necessários de todas as frações que apóiam diretamente o comandante e as seções do estado-maior da unidade, no desempenho de suas funções. A seção de carros de combate apoia o comandante da FT, quando seus deslocamentos ou sua intervenção no combate necessitarem do emprego de VBC-CC. A seção de mísseis anticarro (FT RCC e RCB) cumpre missões semelhantes às do Pel AC do BIB, adequando-as ao seu efetivo e meios disponíveis.

(6) Pelotão de Comunicações - Estabelece e opera o sistema de comunicações da FT. Realiza a manutenção dos equipamentos de comunicações e o equipamento classe VII.

(7) Pelotão de Morteiros Pesados

(a) É o elemento de apoio de fogo orgânico da FT, por meio do qual o comandante pode intervir no combate pelo fogo.

(b) Os morteiros são empregados, principalmente, para bater alvos a distâncias reduzidas ou médias, em ângulos mortos do terreno, em apoio à progressão das subunidades, desarticulando o ataque do inimigo, destruindo posições fortificadas, armas anticarro e obstáculos. São empregados também para cegar observadores e forças inimigas com fumígenos, facilitando o movimento das peças de manobra da FT.

(c) O Pel Mrt P é empregado, normalmente, sob o comando da Unidade. Em situações em que se fizer necessário, poderá ter suas seções descentralizadas para o emprego com as peças de manobra da FT.

(8) Pelotão de Exploradores

(a) Atua de modo a colher os dados necessários sobre o terreno e o inimigo na Z Aç e Zona de Interesse da FT. Na busca de dados sobre o inimigo, procura determinar a sua natureza, composição, localização e dispositivo, levantando os dados necessários ao planejamento das operações da FT e evitando o emprego prematuro das peças de manobra no combate.

(b) Reconhece itinerários, zonas de reunião (Z Reu), bases de fogos, regiões de passagem sobre cursos d'água, obstáculos, posições de retardamento e posições de ataque; proporciona segurança nos flancos, à frente e na retaguarda da FT; realiza patrulhas em proveito das seções de inteligência e de operações, infiltrando-se no dispositivo inimigo a pé ou embarcado.

(c) É, normalmente, empregado sob o comando da unidade, podendo reforçar uma de suas peças de manobra, quando necessário.

(d) Os Pel Exp das FT Bld são equipados com viaturas blindadas leves (ou não blindadas), cumprindo somente missões de reconhecimento e de segurança, engajando-se no combate apenas para sua proteção.

(e) Sempre que possível, os Pel Exp devem ser reforçados com elementos de engenharia e observadores de morteiros ou de artilharia.

(9) Pelotão Anticarro (FT BIB)

(a) Reforça os fogos anticarro das Cia Fuz Bld nas operações ofensivas ou defensivas,particularmente na defesa móvel.

(b) Aprofunda o combate anticarro na defensiva.

(c) Bloqueia a penetração de blindados inimigos nos flancos ou retaguarda da FT.

(10) Pelotão de Suprimento - Provê a maior parte do apoio logístico à FT, transportando e distribuindo os suprimentos das classes I, III e V. Enquadra as turmas de aprovisionamento, responsáveis pelo preparo e distribuição da alimentação ao efetivo da força-tarefa.

(11) Pelotão de Manutenção - Realiza a manutenção, reparação e evacuação das viaturas e do armamento da FT. Enquadra as turmas de manutenção que apoiam as peças de manobra na manutenção de suas viaturas. Realiza o suprimento de classe IX e o de produtos acabados de

motomecanização e armamento.

(12) Pelotão de Saúde - Presta o apoio de saúde ao efetivo da FT, tratando e evacuando as baixas. Realiza o suprimento de classe VIII.

b. Esquadrão de Carros de Combate (Fig 1-4)

(1) Dotado de grande mobilidade através campo, potência de fogo e proteção blindada, constitui o elemento de manobra, eminentemente ofensivo, com que contam as FT. É apto a operar em cooperação com os fuzileiros blindados.

(2) Cada Esqd CC é constituído pelos seguintes elementos:

(a) comando;

(b) seção de comando;

(c) 03 (três) pelotões de carros de combate.

(3) O pelotão de carros de combate (Pel CC) é o elemento básico de emprego do esquadrão, sendo organizado, equipado e instruído para atuar em conjunto, não podendo ser fracionado. É a menor fração de emprego de carros de combate.

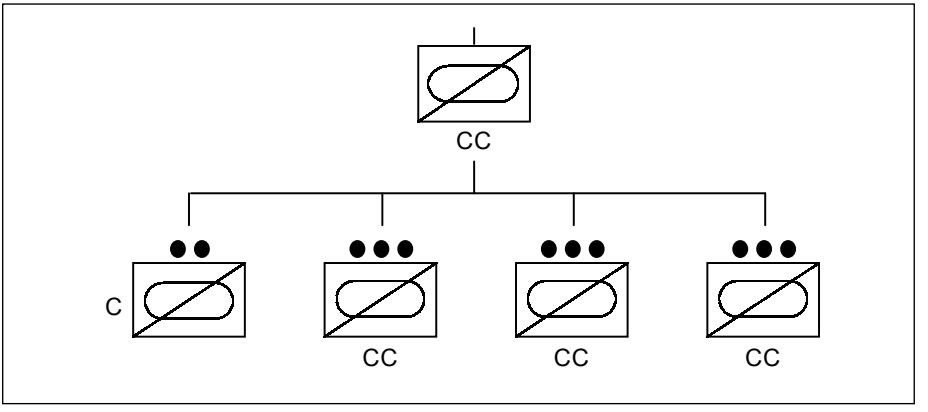

Fig 1-4. Esquadrão de carros de combate

(4) O Esqd CC é a menor fração de carros de combate a reforçar outra U. Ele possui sob seu controle os elementos mínimos de comando e controle e apoio logístico necessários ao emprego dos carros de combate. Quando reforçar outra Unidade, esta receberá um destacamento logístico da SU C Ap.

c. Esquadrão ou Companhia de Fuzileiros Blindados (Fig 1-5)

(1) Aptos a operar em conjunto com os elementos de carros de combate, facilitando o emprego destes, apoiando-os ou os precedendo-os na ação.

(2) Estas subunidades (desembarcadas) poderão ser empregadas isoladas dos Esqd CC, quando o terreno não permitir a progressão de viaturas blindadas.

(3) Cada Esqd / Cia Fuz Bld é constituído pelos seguintes elementos: (Fig 1-5).

(a) comando;
(b) seção de comando.
(c) 03 (três) pelotões de fuzileiros blindados;
(d) pelotão de apoio.

(4) O pelotão de fuzileiros blindados é o elemento básico de emprego do Esqd / Cia Fuz Bld. É constituído por um grupo de comando, um grupo de apoio e três grupos de combate. Sob determinadas situações poderá ser reforçado por outros grupos de combate ou elementos de apoio de fogo, ou ainda, reforçar outras frações com seus GC e Gpo Ap. O grupo de combate é a menor fração de emprego de fuzileiros blindados.

(5) O pelotão de apoio é a fração de apoio de fogo da FT SU. É constituído por um grupo de comando, por uma seção de morteiros médios (02 peças de Mrt Médio) e por uma seção de canhões sem recuo anticarro (03 peças de Can SR AC).

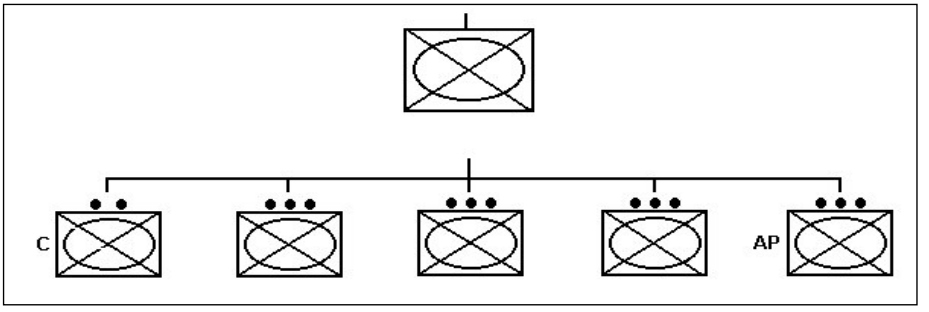

Fig 1-5. Esquadrão / Companhia de Fuzileiros Blindados

ARTIGO V

ORGANIZAÇÃO PARA O COMBATE

1-13. GENERALIDADES

a. O emprego tático das FT, normalmente, é feito no quadro de emprego de uma Bda C Bld, Bda Inf Bld ou Bda C Mec (RCB).

b. O comandante da FT organiza a unidade para o combate com base nas conclusões do estudo de situação. Em princípio, serão sempre organizadas FT SU, a fim de dar maior flexibilidade à FT e possibilitar uma reação mais rápida frente à qualquer ameaça inimiga não identificada anteriormente. As alterações na organização das peças de manobra são realizadas por meio de troca de pelotões entre subunidades de CC e Fuz Bld, de forma à constituir FT de valor subunidade (FT Esqd - FT Cia). A composição das FT Esqd / Cia não é rígida, podendo ser

rapidamente modificada, a fim de atender às mudanças da situação. Na organização de FT SU o comandante deverá compor os Esqd CC, no mínimo, com o mesmo número de Pel CC e Pel Fuz Bld, sendo desejável que a maioria de seus pelotões seja de carros de combate, o mesmo se dando com relação aos Esqd / Cia Fuz Bld para com os Pel Fuz Bld.

c. Ao organizar a unidade para o combate, o comandante deve manter a flexibilidade necessária para influir nas ações, designando elementos em reserva, em 2º escalão ou prevendo a sua rápida composição pelo emprego de frações hipotecadas das subunidades.

1-14. FORÇAS-TAREFAS SUBUNIDADE

a. O estudo de situação indicará se as FT Esqd/Cia devem ser organizadas com preponderância de CC, de Fuz Bld ou de maneira equilibrada.

b. O emprego de estruturas provisórias, respeitando-se o estabelecido como menor fração de emprego de carros de combate (Pel CC) e de fuzileiros blindados (GC), deve ser explorado ao máximo pelas FT SU, a fim de melhor se organizarem para o cumprimento da missão recebida ou para fazer face a determinada situação do combate.

c. A manutenção de laços táticos deve sempre ser buscada na organização das FT SU, reforçando-se uma determinada SU, sempre que possível, com o(s) mesmo(s) pelotão(ões) de outra(s) subunidade(s), a fim de facilitar o entrosamento das frações e seu desempenho em combate.

d. As condições que conduzem a organização das forças-tarefas, são as abaixo especificadas:

(1) FT organizada com predominância de elementos de carros de combate - FT Esqd CC (Exemplo: Fig 1-6)

(a) Terreno favorável aos CC, limpo e com poucos obstáculos.

(b) Posição do inimigo sumariamente organizada e/ou pouco profunda.

(c) Inimigo forte em blindados.

(d) Necessidade de velocidade e ação de choque.

(e) Missões de grande amplitude que exijam manobras rápidas, nos flancos, retaguarda ou em profundidade.

(f) Missões de contra - ataques.

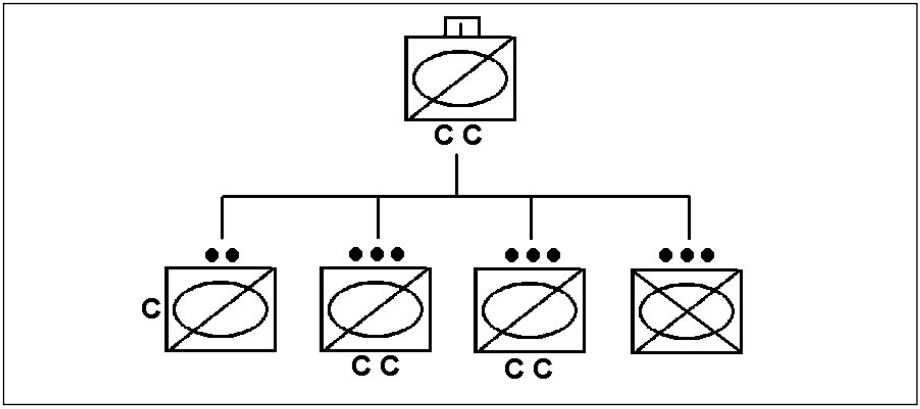

Fig 1-6. Força-Tarefa Subunidade forte em carros de combate

(2) FT com predominância de elementos de fuzileiros blindados - FT Esqd/Cia Fuz Bld (Exemplo: Fig 1-7)

(a) Visibilidade restrita.
(b) Existência de áreas edificadas e com muitos obstáculos.
(c) Forte defesa anticarro inimiga.
(d) Necessidade de limpeza da zona de ação.
(e) Missões que exijam organização pormenorizada do terreno.

(3) FT com igualdade de elementos em CC e Fuz Bld - FT equilibrada (Exemplo: Fig 1-8)

(a) Situação inimiga vaga.
(b) Necessidades equivalentes de CC e Fuz Bld.
(c) Missões que impliquem em defesa contra forças blindadas.

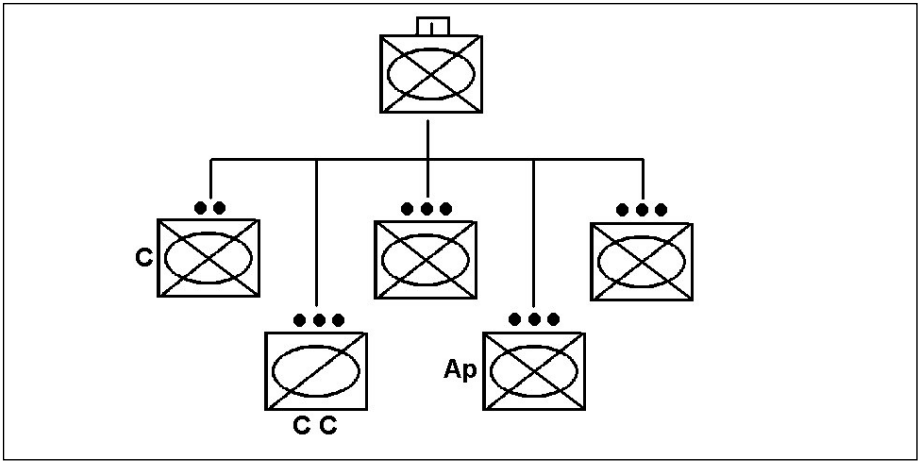

Fig 1-7. FT subunidade forte em fuzileiros blindados

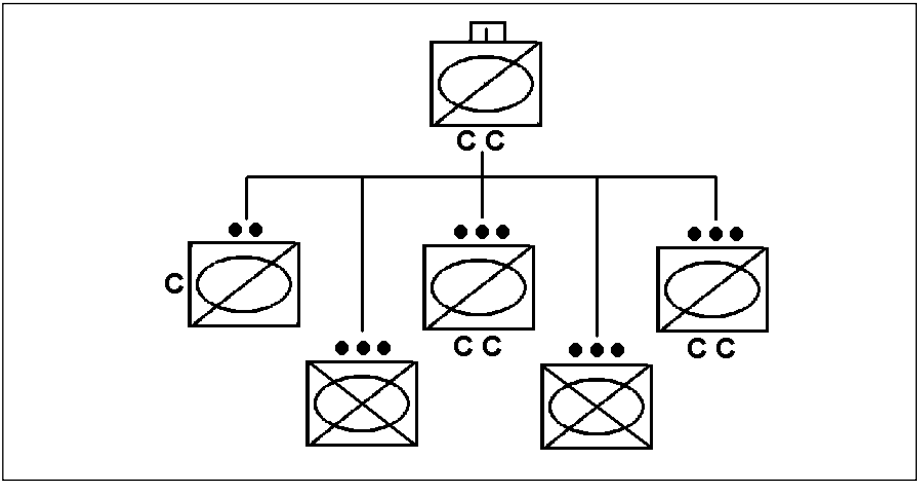

Fig 1-8. FT Esqd CC equilibrada

e. A FT Esqd / Cia recebe a designação da SU que lhe serve de núcleo e é comandada pelo comandante reforçado.

f. O pelotão é o menor elemento a ser cedido a outra subunidade.

g. Numa mesma subunidade ou FT SU, um Pel Fuz Bld poderá ser fracionado, cedendo um ou mais grupos de combate ou o grupo de apoio para reforçar outro Pel Fuz Bld, o Pel Ap ou mesmo um Pel CC, em função da situação tática ou peculiaridades da missão recebida.

h. No cumprimento de determinadas missões, o Cmt FT Esqd / Cia Fuz Bld poderá reunir os grupos de apoio dos pelotões de fuzileiros blindados, organizando uma seção provisória de metralhadoras, reforçando o pelotão de apoio ou um determinado pelotão de fuzileiros blindados.

i. O Pel Ap poderá ceder uma peça / seção de morteiro e / ou de canhão sem recuo anticarro para reforçar, provisoriamente, um determinado Pel Fuz Bld, em função da situação tática ou da missão recebida.

1-15. EMPREGO DO COMBINADO CC - Fuz Bld

a. Os elementos de CC e de Fuz Bld complementam-se e conferem versatilidade e eficiência à FT.

b. Os Esqd CC combatem em seus carros e os Esqd /Cia Fuz Bld combatem a pé ou embarcados. Quando empregadas com sua organização original, as subunidades trabalham a uma distância que permita o apoio mútuo entre si, a fim de que possam se beneficiar das tarefas que cada uma executa em proveito da outra.

c. Os elementos de CC, constituindo FT, são empregados para:

(1) neutralizar ou destruir as armas e os blindados inimigos pelo fogo e movimento;

(2) proporcionar potência de fogo, a fim de possibilitar a progressão dos Fuz Bld;

(3) abrir passagens para os Fuz Bld através dos obstáculos de arame, quando os Fuz atuarem a pé;

(4) liderar a ação, sempre que possível.

(5) apoiar a transposição de cursos de água pelos Fuz Bld, quando necessário.

d. Os elementos de Fuz Bld, constituindo forças-tarefas, são empregados para:

(1) acompanhar, quando embarcados, o deslocamento dos Esqd CC;

(2) destruir pequenos bolsões de resistência pelo fogo de suas armas automáticas;

(3) abrir ou remover obstáculos AC, dentro de suas possibilidades;

(4) cooperar na neutralização ou destruição das armas AC;

(5) designar alvos para os CC;

(6) realizar a limpeza e auxiliar na consolidação dos objetivos;

(7) proteger os CC contra o Ini a pé e contra medidas AC individuais;

(8) proporcionar segurança;

(9) liderar a ação, quando necessário;

(10) ser empregado a pé a fim de:

(a) esclarecer a situação em áreas de bosques ou florestas e em áreas edificadas;

(b) conduzir infiltrações;

(c) participar de operações aeromóveis limitadas;

(d) prover a guarda de prisioneiros;

(e) organizar e manter o terreno contra ataques do inimigo;

(f) realizar patrulhas de Rec e Seg e ocupar P Obs;

(g) realizar ações de emboscada contra o inimigo.

ARTIGO VI

SISTEMAS OPERACIONAIS

1-16. GENERALIDADES

O sistema de combate FT Bld é integrado por sete sistemas operacionais - Comando e Controle, Manobra, Apoio de Fogo, Inteligência, Defesa Antiaérea, Mobilidade, Contramobilidade e Proteção e de Logística, que devem ser integrados para apoiar a intenção do Cmt. O funcionamento de cada subsistema requer a coordenação de todos os elementos da FT.

1-17. SISTEMA DE COMANDO E CONTROLE

a. O Cmt deve se posicionar, no campo de batalha, onde melhor possa controlar suas subunidades e expedir as ordens necessárias para influir no combate. Seus subordinados devem ter conhecimento de sua presença no campo de batalha.

b. A FT deve utilizar terminologia, símbolos e convenções cartográficas regulamentares e documentos padronizados para a expedição de ordens, informações e instruções necessárias às operações.

c. A coordenação realizada através do contato pessoal deve ser preferida às realizadas através de qualquer outro meio de comunicações.

d. A atuação dos meios de Guerra Eletrônica (GE) sobre as comunicações no campo de batalha, passará a exigir que os Comandantes estejam preparados para prosseguir no combate sem ligação com o Esc Sp. O perfeito entendimento da "intenção do comandante" sobre a missão e a forma de cumpri-la, passa a ter uma dimensão maior. O perfeito conhecimento da intenção do comandante e do conceito da operação permitem que as ações dos subordinados possam ser realizadas com maior iniciativa e menor dependência das comunicações rádio.

1-18. SISTEMA DE MANOBRA

a. Através da manobra as SU da FT destroem as forças inimigas, conquistam e mantém o terreno. Todos os demais meios da FT são utilizados para apoiar os elementos de manobra.

b. Os Fuz Bld são os elementos de manobra mais eficazes quando os campos de tiro e de observação forem restritos e no combate aproximado com o inimigo. Entretanto, possuem limitada capacidade para destruir blindados inimigos, o que os torna dependentes dos fogos dos CC.

c. Os CC são mais eficazes onde podem deslocar-se velozmente e prover rápido e preciso fogo direto a longas distâncias. As câmaras de imagens térmicas aumentaram consideravelmente a capacidade dos CC nas situações de combate com baixa visibilidade. Os CC são dependentes do apoio dos Fuz Bld para o combate aproximado com o inimigo.

1-19. SISTEMA DE APOIO DE FOGO

a. O Cmt FT planeja e coordena seu apoio de fogo para neutralizar ou destruir o inimigo. O Adj S/3, Oficial de Apoio de Fogo da FT, assessora o comandante da força-tarefa no planejamento e coordenação do apoio de fogo. Em complemento aos fogos orgânicos de morteiro, a FT poderá receber meios de artilharia de campanha em reforço e, também, apoio de fogo aéreo.

b. O Pel Mrt P provê apoio de fogo indireto orgânico para a FT, contribuindo para a destruição ou neutralização do inimigo e favorecendo a manobra das SU.

c. A artilharia de campanha prover o apoio de fogo cerrado em apoio à manobra da FT, bem como desencadear fogos à média e a longa distâncias.

d. O apoio de fogo da força aerotática provê fogo adicional aos meios terrestres. A FT normalmente receberá um controlador aéreo avançado (CAA), quando apoiada por meios da força aérea.

1-20. SISTEMA DE INTELIGÊNCIA

a. Todas as unidades possuem a responsabilidade de transmitir dados e conhecimentos sobre o inimigo para o Esc Sp.

b. Nas FT o Pel Exp e os Pel Fuz Bld são os meios mais utilizados para a busca de dados sobre o inimigo e o terreno.

c. Meios de GE devem, sempre que possível, apoiar a manobra da brigada, ampliando a capacidade de busca de informes sobre o inimigo e a disponibilidade destes informes para a FT.

1-21. SISTEMA DE DEFESA ANTIAÉREA

a. A FT não possui elementos orgânicos de defesa antiaérea, entretanto, poderá ser apoiada ou reforçada por seção de artilharia antiaérea dotada de mísseis e/ou canhões antiaéreos autopropulsados.

b. Dispondo do apoio de artilharia antiaérea ou não, a FT adota medidas passivas de autodefesa como camuflagem, dispersão e fogo das armas individuais, metralhadoras dos blindados e metralhadoras sobre reparos terrestres e das viaturas não blindadas. O canhão dos CC pode ser empregado contra alvos aéreos, particularmente contra helicópteros de reconhecimento e de ataque do inimigo.

c. A coordenação do uso do espaço aéreo é realizado entre o Centro de Controle Aerotático (CCAT) e o COT Ex Cmp. Este último difunde as diretrizes e medidas de coordenação do uso do espaço aéreo para os Centro de Operações Antiaéreas (COAAe) das defesas antiaéreas desdobradas na Z Aç do Ex Cmp e para os COT das DE e CCAF das brigadas, através do canal de comando.

d. Os procedimentos para a coordenação do espaço aéreo são aplicados na FT pelo Adj S/3 , também S/3 do Ar, em coordenação com o oficial de defesa antiaérea. O S/3 da FT deve assegurar-se de que estas medidas complementem o esquema de manobra da força-tarefa.

1-22. SISTEMA DE MOBILIDADE, CONTRAMOBILIDADE E PROTEÇÃO

a. Todas as U tem possibilidades, limitadas, de cumprir as missões de preparação do terreno e lançamento de minas, normalmente atribuídas à engenharia.

b. A engenharia de combate provê apoio adicional de mobilidade, contramobilidade e proteção para a FT. Este apoio é normalmente executado por meio da construção de obstáculos, lançamento e limpeza de campos de minas, preparação de destruições, melhoramento de estradas e lançamento de pontes, dentre outras tarefas.

c. Normalmente a FT receberá da Bda, como apoio de engenharia, um pelotão de engenharia de combate. O Cmt da FT será assessorado no emprego da engenharia pelo Cmt do Pel E Cmb.

1-23. SISTEMA DE LOGÍSTICA

a. O apoio logístico (Ap Log) no nível FT é o conjunto de medidas e ações que sustentam a capacidade combativa dos elementos de manobra. Este apoio está relacionado basicamente ao transporte e distribuição de suprimentos, à manutenção do material e à saúde dos combatentes.

b. O S/4, Oficial de logística da FT, é o responsável pelo planejamento, coordenação e supervisão de todas as atividades logísticas. Para o cumprimento de suas missões o S/4 é auxiliado pelo Adj S/4, Cmt SU C Ap, Cmt Pel Sup, Cmt Pel Com, Cmt Pel Mnt, Cmt Pel Sau e Of Aprov da FT.

1-24. O ELEMENTO HUMANO

a. Embora não seja um sistema operacional, o ELEMENTO HUMANO é um componente crítico das operações da força-tarefa. As missões no campo de batalha são cumpridas por soldados, seres humanos, e não por sistemas de armas.

b. A coesão da U deve ser mantida a todo custo, para que a confiança dos soldados em seus comandantes e nas suas frações e subunidades seja maximizada.

c. Os Comandantes devem considerar a experiência e o adestramento de seus homens no planejamento operacional da U, bem como estimulá-los para que desenvolvam suas qualidades individuais.

d. Planos para o repouso da tropa, para a segurança individual e coletiva e para a manutenção da disciplina devem receber a atenção dos comandantes em todos os níveis.

e. Atenção especial deve ser dada para os aspectos relacionados com a manutenção do vigor físico e com o estado sanitário dos homens, bem como para aspectos que visem o seu conforto e a manutenção ou melhoria de seu

moral, como a distribuição de rações quentes, banho e troca de fardamento.

f. O comandante deve assegurar-se de que todas as medidas estão sendo tomadas para fortalecer o moral, a saúde, o bem estar e o adestramento para o combate da força-tarefa.

g. As modernas viaturas blindadas de combate, particularmente os carros de combate, incorporaram nas últimas décadas um grande número de equipamentos de elevada tecnologia e grande sofisticação. Esta variada gama de sensores, computadores de tiro, equipamentos de visão noturna, navegação terrestre, telêmetros laser, sistemas de defesa QBN, sistemas de alerta e sistemas de tiro estabilizado passaram a exigir guarnições de blindados muito mais adestradas e com maior nível intelectual, trazendo para os comandantes de blindados uma grande preocupação com a capacitação técnica e tática de seus homens.

h. Somente guarnições bem adestradas poderão utilizar em sua plenitude os recursos disponíveis nos modernos blindados, empregando-os com eficiência e eficácia. Essa necessidade de uma maior capacitação técnica e tática das guarnições e de um maior adestramento das frações de blindados deverá ser atendida através de um programa inteligente de instrução, desenvolvido permanentemente, nos momentos estáticos do combate, nas zonas de reunião e, principalmente, nos períodos em que a U não estiver empregada no combate. Este programa de instrução deverá proporcionar às guarnições e frações blindadas a possibilidade de uma reciclagem periódica, através de uma análise critica dos erros cometidos e dos ensinamentos adquiridos, enfocando a utilização dos equipamentos, da viatura e do emprego tático das frações e das subunidades.

CAPÍTULO 2

COMANDO E CONTROLE

ARTIGO I

RESPONSABILIDADES FUNCIONAIS DE COMANDO E CONTROLE

2-1. ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA DE COMANDO E CONTROLE (Fig 1-1)

a. Comando e Controle (C^2) é um processo através do qual as atividades da FT são planejadas, coordenadas, sincronizadas e conduzidas para o cumprimento da missão. Este processo abrange o pessoal, equipamento, comunicações, instalações e procedimentos necessários para obter e analisar as informações, para planejar, expedir ordens e planos e para supervisionar a execução das operações.

b. O Cmt FT é o responsável pelo comando e controle dos elementos orgânicos da FT, dos elementos em reforço e em apoio e pela sincronização das operações.

c. Uma efetiva liderança é o instrumento que irá assegurar uma vitória decisiva. O Cmt que desejar liderar sua FT deverá possuir um sistema de comando e controle confiável, seguro e eficiente. Este sistema deve ser capaz de continuar a funcionar, expedindo ordens, coordenando os apoios e proporcionando diretrizes para a FT, apesar das interferências do inimigo, da perda de instalações de comando e de elementos chave na cadeia de comando.

d. O Sistema de Comando e Controle da FT deverá ser mais ágil e eficiente que o do inimigo. Este sistema deve permitir que o comandante da FT receba e processe informações e expeça ordens de modo que a força-tarefa possa reagir com mais rapidez que seu oponente.

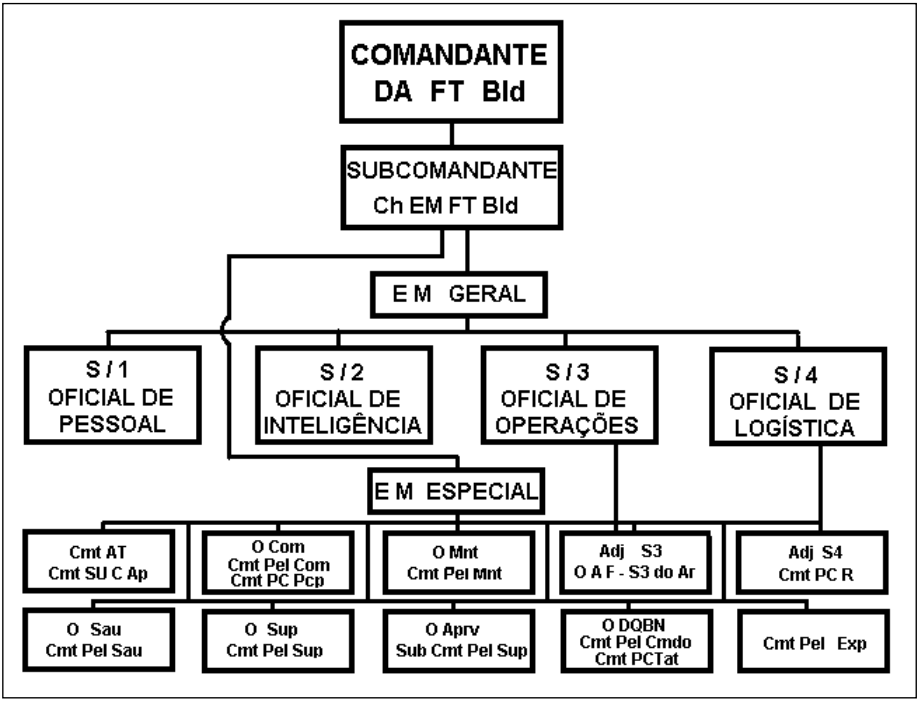

Fig 2-1. Comando e Estado-Maior das FT Bld

2-2. RESPONSABILIDADES FUNCIONAIS

a. Comandante da FT - O Comandante exerce sua ação de comando sobre todos os elementos orgânicos, em apoio e em reforço. Ele provê seus subordinados com missões, tarefas, diretrizes e uma orientação clara de suas intenções. O Cmt deve permitir que seus subordinados tenham liberdade de ação para implementarem suas ordens.

b. Subcomandante

(1) O Subcomandante é o principal assessor do Cmt FT. Ele é o chefe do EM da FT e o substituto eventual do comandante. O subcomandante é o principal responsável pela sincronização da manobra, do apoio ao combate e do apoio logístico. Na ausência do comandante ele o representa e conduz as operações de acordo com suas orientações e determinações.

(2) Durante o combate, normalmente, o subcomandante permanecerá no posto de comando principal (PCP), de onde supervisionará as operações, manterá o Esc Sp informado da situação, manter-se-á a par da situação dos elementos vizinhos e superiores, sincronizará o apoio ao combate e o apoio logístico com a manobra e iniciará o planejamento das operações futuras.

c. Estado - Maior Geral

(1) Oficial de Pessoal (S1)

(a) O S1 é o principal assessor do Cmt nos assuntos da Logística do Pessoal. Compete ao Oficial de Pessoal o planejamento, a coordenação e a sincronização de todas as atividades logísticas e administrativas referentes ao pessoal.

(b) As atividades do S1 abrangem o controle de efetivos, o recompletamento dos claros, a manutenção do moral, o apoio de saúde (localização e funcionamento do PS, apoio de saúde às SU, evacuação de feridos, verificação das condições sanitárias da tropa, etc...), a verificação da qualidade da alimentação da tropa e a supervisão de sua distribuição, o planejamento da evacuação dos mortos, a disciplina e a Justiça Militar, a assistência ao pessoal (assistência religiosa, serviço especial, serviço postal, banho, lavanderia, etc...) e prisioneiros de guerra (coleta, segurança, processamento etc...) dentre outras atividades da área de pessoal.

(c) O S1 é o assessor e substituto do S4 no que se refere às operações e ao controle do Posto de Comando Recuado (PCR), do Centro de Operações Logísticas e da Área de Trens de Combate. Normalmente cumpre suas missões no PCR. O S1 é o responsável pela escolha da localização do PCR, auxiliado pelo Adj do S4.

(2) Oficial de Inteligência (S2)

(a) O S2 é o principal assessor do comandante na área da inteligência de combate. Compete ao Oficial de Inteligência o planejamento, a coordenação e a sincronização das atividades de inteligência na FT, em especial as operações de reconhecimento e contra-reconhecimento, a produção e utilização do conhecimento obtido sobre o terreno, o inimigo e as condições meteorológicas, a distribuição de cartas e fotografias aéreas. Ele participa do estudo de situação continuado junto com o S3 e o subcomandante da FT e auxilia e orienta os oficiais do estado-maior geral e especial no trato e produção de informações em suas áreas funcionais.

(b) O S2 é o oficial do estado-maior geral responsável pelo posto de comando principal e pelo funcionamento do centro de operações táticas. Realiza a supervisão da instalação, operação, segurança e deslocamento do PC Principal. Normalmente, executa suas missões no PCP. O S2 é o responsável pela escolha da localização do PCP, auxiliado pelo Cmt Pel Com.

(c) O Cmt Pel Expl é o principal assessor do S2. Cabe ao S2, em ligação com o S3, o planejamento e a coordenação das missões de reconhecimento, contra-reconhecimento e segurança do Pel Expl.

(3) Oficial de Operações (S3)

(a) O S3 é o principal assessor do Cmt na área das operações e emprego da FT. Compete ao Oficial de Operações o planejamento, a coordenação e a sincronização das operações de combate da força-tarefa e dos elementos em apoio e em reforço. Ele coordena com o S2, com o Adj S/3, com o O Lig da artilharia, com o CAA e com outros elementos de planejamento do apoio ao combate, a expedições de ordens e planejamentos operacionais para os elementos da FT.

(b) O S3 é o responsável pela integração do apoio ao combate nas operações da força-tarefa. Ele assessora e auxilia o comandante na condução das operações de combate. Normalmente, o S3 atua à frente, junto com o comandante da FT, dedicando especial atenção às operações desenvolvidas nos setores secundários da Z Aç da força tarefa.

(4) Oficial de Logística (S4)

(a) O S4 é o principal assessor do comandante para as atividades da Logística do Material e o coordenador da Manobra Logística da FT. Ele é o responsável pela integração dos planejamentos das 1ª e 4ª Seções do estado-maior geral e, da logística com a manobra e o apoio ao combate.

(b) O Oficial de Logística mantém estreita e contínua coordenação com o E4 do escalão superior, com o comandante do B Log da Bda e com todos os demais oficiais responsáveis pelas operações de apoio logístico à FT. O S4 orienta e auxilia os demais oficiais do estado-maior sobre assuntos de natureza logística, em suas respectivas áreas de responsabilidades.

(c) Como responsável pela previsão e provisão do suprimento, manutenção, transporte e outras tarefas de apoio logístico na FT, deve manter-se continuamente à par da situação logística dos elementos subordinados, em reforço e em apoio à FT.

(d) O S4 é o oficial de EM responsável pela operação e controle do PC Recuado e do COL, pela supervisão da instalação, operação, segurança e deslocamento dos Trens da FT.

d. Estado - Maior Especial

(1) Adjunto do S3 - Oficial Auxiliar de Operações, de Apoio de Fogo, S3 do Ar e Ligação com a F Ae e Av Ex - É o assessor do S3 para os assuntos de apoio de fogo orgânico, controle do espaço aéreo e ligação com a aviação do exército (Av Ex) e força aérea (F Ae). Realiza o planejamento do apoio de fogo orgânico, em estreita ligação com o O Lig da artilharia e os comandantes do Pel Mrt P, Pel / Sec AC e de FTSU, conforme diretriz do S3. Planeja os pedidos de apoio da Av Ex e da F Ae, em ligação com o CAA e de acordo com a orientação do S3. Auxilia, também, o Oficial de Operações no planejamento, coordenação e supervisão das operações de combate e no controle da 3ª Seção. Em determinadas situações o Adj S/3 poderá ser substituído no CCAF pelo Cmt Pel Mrt P, principalmente, quando responder pelos trabalhos na 3ª Seção, durante os afastamentos do S3.

(2) Adjunto do S4 - Oficial Auxiliar de Logística e Cmt do PCR - Auxilia o S4 no planejamento das atividades da Logística do Material, na coordenação e supervisão das atividades de suprimento e manutenção e no controle da 4ª Seção. É o encarregado do planejamento e supervisão das operações de PAC LOG. É o comandante do PCR, assessorando o S1 na sua localização, sendo responsável pela sua instalação, segurança e deslocamento.

(3) Cmt do Pel Exp - É o principal assessor do S2 para os assuntos de reconhecimento, contra-reconhecimento e segurança. Auxilia o S3 e o S4 no planejamento e execução da segurança da área de retaguarda.

(4) Oficial de Comunicações e Comandante do PCP e do Pel Com

(a) É o principal assessor do comandante e do estado-maior quanto

às comunicações. Além de comandante do Pel Com, exerce supervisão técnica sobre o sistema de comunicações, as instalações de comunicações e o pessoal de comunicações da FT. Seu trabalho é diretamente supervisionado pelo S2 e pelo S3, de quem é adjunto para assuntos de comunicações e eletrônica, cabendo-lhe o planejamento do emprego e a segurança das comunicações na FT. É o comandante do PCP, assessorando o S2 na sua localização, sendo responsável pela sua instalação, segurança e deslocamento. Ele orienta o S1 no PCR, quanto ao assunto comunicações.

(b) O O Com é o assessor do S4 no planejamento, coordenação e execução das atividades de manutenção e suprimento do material de comunicações da FT.

(5) Oficial de Defesa Química, Biológica e Nuclear e Comandante do PC Tat e Comandante do Pel Cmdo - É o principal assessor do comandante e do estado-maior quanto à defesa química, biológica e nuclear. Assessora o S3 no planejamento do emprego de fumígenos em apoio à manobra da FT e sobre os efeitos dos agentes QBN inimigos sobre as operações correntes e futuras da FT. É o comandante do PCT quando desdobrado.

(6) Comandante da SU C Ap e Comandante dos Trens da FT - O Cmt Esqd / Cia C Ap é o principal assessor do S4 na execução da Manobra Logística e no controle dos trens da FT. É o comandante dos Trens da força-tarefa, responsável pela sua instalação, segurança, deslocamento e operação. Quando a FT desdobrar somente uma AT, o Cmt SU C Ap será o seu Cmt. Quando forem desdobradas duas AT, o Cmt Esqd C Ap será o Cmt da ATE.

(7) SCmt da SU C Ap - Cmt ATC (quando desdobrada). Quando a FT desdobrar uma ATC, o SCmt SU C Ap será o seu Cmt, integrando, provisóriamente, o EM Especial da OM. Auxilia o S4 na supervisão dos trabalhos desenvolvidos na ATC e realiza o planejamento e a execução da segurança, instalação e deslocamentos dessa área. Auxilia o Cmt SU C Ap no controle dos elementos da SU desdobrados na ATC.

(8) Oficial de Manutenção, substituto evetual do Cmt ATC e Cmt Pel Mnt - É o assessor do Cmt e do S4 no planejamento, coordenação e execução das atividades de manutenção do material da FT (exceto material de saúde e de comunicações). É o comandante do pelotão de manutenção da FT, é o responsável pela operação e segurança das instalações de manutenção e recuperação operadas pelo Pel Mnt e pela supervisão técnica dos trabalhos de manutenção nas FT SU. Na falta do SCmt SU C Ap é o comandante da Área de Trens de Combate, assessorando o S4 e o Cmt SU C Ap na sua localização.

(9) Oficial de Suprimento, substituto eventual do Cmt ATE e Cmt Pel Sup - É o assessor do Cmt e do S4 no planejamento, coordenação e execução das atividades relacionadas ao suprimento. É também o Cmt Pel Sup e substituto evetual do Cmt ATE. Assessora o S4 nas atividades relacionadas a suprimento em geral, nas ligações com o B Log e órgãos de apoio logístico do Esc Sp. Assessora o Cmt SU C Ap na localização ATE. É o responsável pela organização das operações de PAC LOG.

(10) Oficial de Saúde, Cmt Pel Sau - É o assessor do Cmt e do S1 no planejamento, coordenação e execução das atividades de saúde na FT. Assessora o S4 quanto ao suprimento de classe VIII e à manutenção do material de

saúde.

(11) Oficial Aprovisionador, Subcomandante do Pel Sup - É o assessor do Cmt e do S4 no planejamento, coordenação e execução das atividades suprimento classe I e no emprego das cozinhas de campanha. Assessora o S1 na verificação da qualidade da alimentação da tropa e na supervisão de sua distribuição às SU.

e. Outros elementos de comando e controle

(1) Oficial de Ligação da Artilharia - É o coordenador de apoio de fogo da FT, integrando os fogos orgânicos da força-tarefa com o apoio de fogo da artilharia e o aéreo. É o assessor do S3 no planejamento dos fogos em apoio à manobra da FT e dos elementos subordinados. O O Lig da artilharia é o coordenador do centro de coordenação de apoio de fogo (CCAF) no COT da FT, supervisionando o posicionamento do Pel Mrt P e o emprego dos fogos orgânicos da FT. O O Lig opera do CCAF, no COT do PCP ou à frente, junto com o comandante da força-tarefa.

(2) Oficial de Engenharia - É o Cmt da fração de engenharia em apoio à FT e o assessor do Cmt e do S3 para o apoio de engenharia.

(3) Oficial de Defesa Antiaérea - É o comandante da fração de artilharia antiaérea em apoio à FT e o assessor do Cmt e do S3 para assuntos de defesa antiaérea. Quando a FT não dispuser de fração da AAAe em reforço, o O Lig Art será o Of Def AAe da FT.

(4) Controlador Aéreo Avançado - É um oficial da F Ae, adido à FT, que assessora o Cmt e o S3 quanto ao emprego do apoio aéreo. Mantém estreito contato com o Adj do S3 / S3 do Ar, o Cmt da fração AAe e com o O Lig, no COT do PCP. Exerce o controle sobre as missões de apoio de fogo da força aerotática.

ARTIGO II

POSTO DE COMANDO

2-3. GENERALIDADES

a. O local onde se instala o comando da força-tarefa para planejar e conduzir as operações chama-se posto de comando (PC).

b. O PC reúne os meios necessários ao exercício do comando, incluindo a coordenação e controle dos elementos de combate e de apoio, da FT.

c. Nas FT Bld, normalmente, o PC é desdobrado em outras instalações de Comando e Controle, a fim de facilitar o planejamento, acompanhamento e condução das operações táticas e logísticas. Estas instalações de C2 são:

(1) POSTO DE COMANDO TÁTICO (PCT): local de onde o Cmt FT, em princípio, deverá conduzir as operações. É instalado o mais à frente possível, orientado para a Z Aç da SU que realizar a ação principal.

(2) POSTO DE COMANDO PRINCIPAL (PCP): principal instalação de Comando e Controle da FT, onde são realizados os planejamentos operacionais,

o estudo de situação continuado das operações e a sincronização da manobra, do apoio de fogo e da logística. No PCP é instalado o Centro de Operações Táticas da FT. É normalmente instalado entre as AT SU e a ATC, próximo da reserva e na parte principal da Z Aç da FT.

(3) POSTO DE COMANDO RECUADO (PCR): instalação localizada, normalmente, na Área de Trens de Combate, onde é desdobrado o Centro de Operações Logísticas da FT.

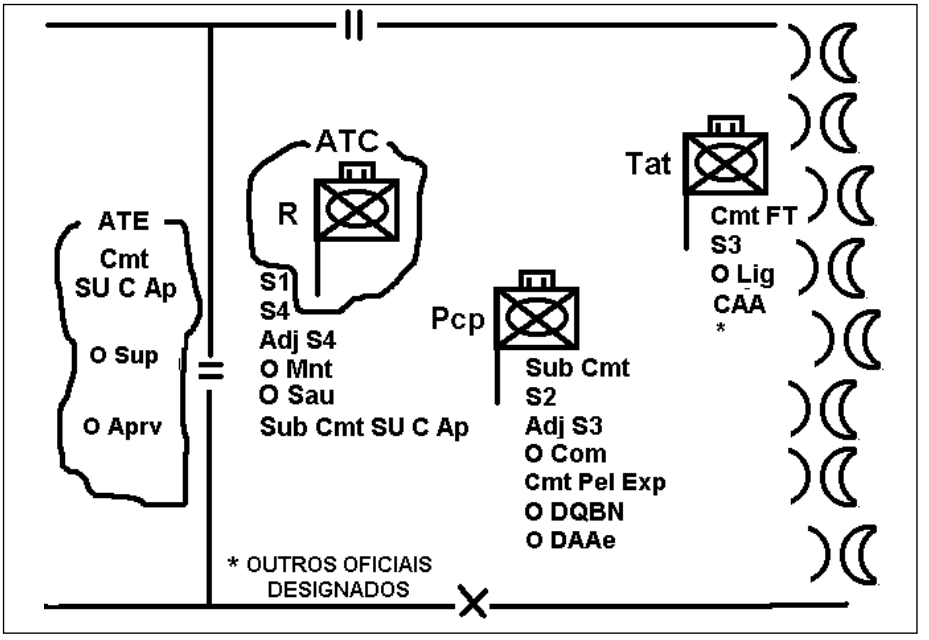

Fig 2-2. Desdobramento típico das instalações de Comando e Controle de uma FT Bld

d. O PCT e o PCR funcionam como Postos de Comando Alternativos da FT. Os meios de comunicações e de C2 devem ser duplicados nestes PC para assegurar a sobrevivência do Sistema de Comando e Controle, caso uma das instalações de comando e controle venha a ser destruída.

e. Nas FT Bld, em princípio, todas as instalações dos Postos de Comando (PCT, PCP e PCR) devem funcionar embarcadas nas viaturas de dotação das frações da SU C Ap, em condições de acompanharem a evolução da situação tática. Em situações especiais ou quando a FT estiver em Z Reu, o Cmt FT poderá determinar que estas instalações sejam operadas de barracas, toldos ou edificações existentes na região.

f. O Sistema de Comando e Controle da FT normalmente se desdobra para mobiliar as seguintes instalações:

INSTALAÇÃO DE C2	FUNÇÃO	COMANDO E ESTADO-MAIOR	EFETIVOS
Posto de Comando Tático	- Comando e controle das operações correntes - Apoio ao Cmt FT	- Cmt FT - S/3, O Lig, CAA (quando necessário) - Of DQBN - outros elementos que se fizerem necessários	- Cmt Pel Cmdo - Elm 2ª e 3ª Seções - Elm Pel Com - Elm Pel Exp - outros elementos que se fizerem necessários
Posto de Comando Principal	- Planejamento das operações - Acompanhamento das operações correntes - Sincronização da manobra, apoio ao combate e logística - Centro de Operações Táticas - Centro de Operações Antiaéreas da Sec AAe que apóia a FT	- Sub Cmt FT - S/2 e S/3 - Adj S/3 - O Lig Artilharia - CAA - O Com - O DAAe - outros elementos que se fizerem necessários	- Cmt Pel Com - Elm 2ª e 3ª Seções - Elm Pel Com - Elm Pel Exp - Tu COAAe - outros elementos que se fizerem necessários
Posto de Comando Recuado	- Acompanhamento das operações correntes - Planejamento e controle da manobra logística - Centro de Operações Logísticas	- S/1 e S/4 - Adj S/4 - Cmt Trens FT	- Cmt Esqd / Cia C Ap - Elm 1ª e 4ª Seções - Elm Pel Com - outros elementos que se fizerem necessários

g. Para atender às necessidades de comunicações do PCP da FT, o Pelotão de Comunicações instala um Centro de Comunicações de Comando (C Com Cmdo). Este centro, normalmente, compreende um centro de centrole do sistema de comunicações da FT (dotados de meios rádio e meios informatizados com programas para processamento, criptografia e decriptografia de mensagens) e postos de outros meios de comunicações.

2-4. LOCALIZAÇÃO DO POSTO DE COMANDO

a. A localização dos PC varia de acordo com o tipo de operação na qual a FT está engajada.

b. Os PC são localizados de modo a facilitar o controle da FT. São fatores que influem na sua localização: situação tática, facilidades para as comunicações, segurança e facilidades para a instalação. As entradas de cidades e vilas, os cruzamentos de estradas e outros acidentes do terreno que possam atrair o fogo inimigo, devem ser evitados.

c. No ataque, a localização inicial do PCP deve ficar bem à frente, a fim de evitar deslocamento prematuro e para facilitar o controle. Na defensiva, o PCP é normalmente localizado na área de retaguarda da FT, a fim de evitar o deslocamento, na eventualidade de uma penetração inimiga. Para obter segurança, o PCP normalmente é localizado próximo à reserva. A segurança local é obtida pelo estabelecimento de postos avançados guarnecidos por motoristas e pessoal disponível. Quando possível, as armas instaladas em viaturas recebem setores específicos de tiro. (Fig 2-3 e Fig 2-4)

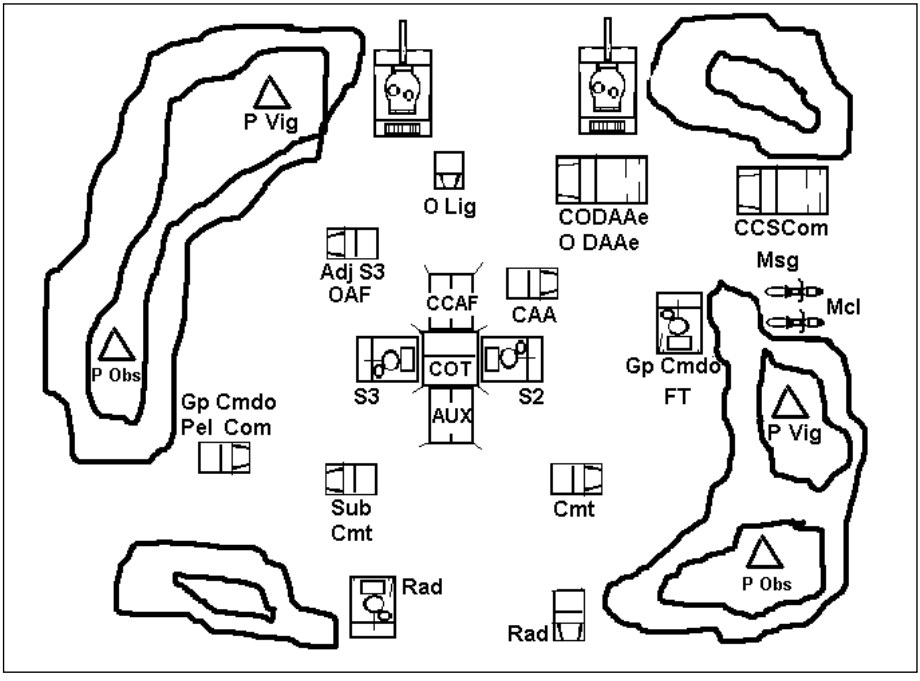

Fig 2-3. Posto de Comando Principal (desdobrado em área segura)

d. O S3 propõe a delimitação da área do PCP, após consultar o oficial de comunicações (que opina sob o aspecto das comunicações) e o S2 (que opina sob o ponto de vista das necessidades de distribuição interna). Uma vez aprovada pelo comandante da FT, caberá ao S2, juntamente com o oficial de comunicações a escolha do local exato dos diversos órgãos competentes.

e. O S4 propõe a delimitação da área do PCR, após consultar o oficial de comunicações (que opina sob o aspecto das comunicações) e o S1 (que opina sob o ponto de vista das necessidades de distribuição interna). Uma vez aprovada pelo comandante da FT, caberá ao S1, juntamente com o oficial de comunicações e o Adj S/4-Cmt PCR a escolha do local exato dos diversos órgãos competentes.

f. Os PC e seus sistemas de comunicações são alvos de elevada prioridade para o inimigo. Eles apresentam assinaturas de rádio freqüência,

térmicas, acústicas e visuais facilmente detectáveis pelo inimigo. Em função desta vulnerabilidade, a localização dos PC deve ser objeto de cuidadosa análise, a fim de se reduzir o risco de sua destruição ou bloqueio por meios eletrônicos. A localização do PC deve ser alterada após determinados períodos, em função da situação tática e dos meios de GE do inimigo, a fim de reduzir a possibilidade de sua destruição.

2-5. DISTRIBUIÇÃO INTERNA DE ÁREAS NO POSTO DE COMANDO

a. O PCP é normalmente integrado pelo Centro de Operações Táticas e pelo Centro de Comunicações de Comando da FT. Na área do PCP desdobram-se ainda o grosso dos elementos do Pel Cmdo, Pel Com e Pel Exp. Os grupos de inteligência e operações devem ficar em posição central e operar reunidos no COT.

b. O PCR é basicamente constituído pelo Centro de Operações Logísticas da FT. Desdobram-se em suas proximidades elementos do Pel Cmdo e Pel Com. Os grupos de pessoal e logística devem operar reunidos no COL.

c. O S1 e o S2 são os responsáveis pela distribuição interna e planejamento da segurança das instalações do PCR e PCP, respectivamente. Para tal, servem-se da assessoria do O Com / Cmt PCP e do auxílio do Adj S4/ Cmt PCR).

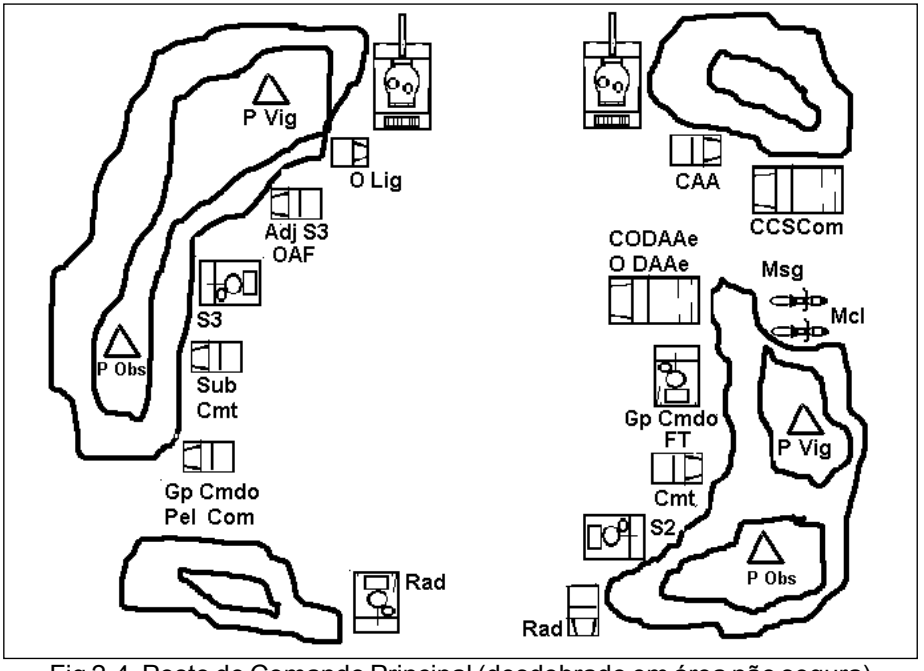

Fig 2-4. Posto de Comando Principal (desdobrado em área não segura)

d. Os planejamentos de segurança e deslocamento do PCR devem ser ajustados com os da ATC.

e. O comandante do Esqd/Cia C Ap é o comandante da AT da FT, cabendo-lhe a execução dos planos de segurança e de deslocamento da(s) área(s) de trens. É auxiliado pelo Sub Cmt Esqd / Cia Cmdo e Ap no controle do efetivo e na execução da manobra logística para a subunidade.

f. As estações de rádio devem ser localizadas de modo a permitir a melhor transmissão e recepção e não comprometer a segurança do PC.

g. O oficial de comunicações da força-tarefa liga-se com o S1, o S2 e com o comandantes do PCR para a localização dos meios de comunicações. Tais meios devem ser integrados no plano de segurança do PCP e PCR.

2-6. OPERAÇÃO DO POSTO DE COMANDO

O PC é organizado para funcionar ininterruptamente. As seções do EM são organizadas em turmas que se revezam para assegurar a operação efetiva do PC durante as 24 horas do dia e para que o pessoal possa ter o repouso necessário.

2-7. DESLOCAMENTO DO POSTO DE COMANDO

a. A situação tática, a segurança e os meios de comunicações, poderão impor a necessidade de deslocamentos freqüentes, que implicará, normalmente, em declínio de eficiência e desgaste de pessoal e material. Em conseqüência, as seguintes considerações devem ser feitas para o PCP e PCR:

(1) buscar uma localização inicial que atenda, durante o maior tempo possível, às necessidades do comando;

(2) restringir os deslocamentos às necessidades de segurança do PC e à evolução da situação tática;

(3) aproveitar, dentro do possível, os períodos em que houver uma redução no volume de tráfego de mensagens para realizar deslocamentos.

b. Quando é planejado um deslocamento, o S3 e o S4 propõem ao comandante (ou freqüentemente, ao subcomandante) a nova localização geral dos PC e a oportunidade para seu deslocamento. Os oficiais responsáveis pelo deslocamento do PC, coordenam com o:

(1) S3 - dispositivo da tropa, planos táticos, prioridade para utilização de estradas, hora de abertura do novo PC e fechamento do PC anterior;

(2) S4 - considerações logísticas, particularmente sobre transportes;

(3) Oficial de Comunicações - assuntos de comunicações; e

(4) Comandantes dos PC - deslocamento dos PC, providências sobre segurança, guias e hora de partida da turma de estacionadores.

c. O destacamento precursor, compreendendo o oficial estacionador de cada PC (S1 e S2), o elemento de segurança, os guias, o oficial de comunicações e praças auxiliares escolhidas, desloca-se para o novo local onde escolhe

a localização exata do PC. Escolhidos os locais, são colocados guias para orientar os elementos que chegam para as respectivas áreas. Quando todas as providências tiverem sido tomadas os antigos PC devem ser notificados.

d. Os PC deslocam-se, normalmente, em dois escalões, a fim de assegurar um contínuo controle das operações. O primeiro desloca-se para a nova área e prepara-se para operar. O segundo escalão continua a funcionar sob o controle de um oficial do EM. O comando da brigada e os elementos subordinados e em apoio devem ser informados do exato local e da hora de abertura do novo PC. Quando este ficar pronto para operar, os oficiais do EM que permaneceram nos antigos PC devem ser informados. Os novos PC são abertos simultaneamente com o fechamento dos antigos PC. O segundo escalão, então, reúne-se ao primeiro. Deve ser deixado um guia, nos antigos PC, durante um certo tempo, para informar onde se acham os novos PC.

e. Os PC podem deslocar-se como um todo, de uma só vez. Neste caso, o comando e o controle podem ser exercidos por meio de um grupo de comando, durante o movimento.

2-8. SEGURANÇA DO POSTO DE COMANDO

a. A segurança dos PC está relacionada com a localização das instalações, com a segurança das comunicações e com as normas e procedimentos gerais para operação dos PC.

b. No estabelecimento de medidas de segurança para os PC devem ser consideradas as seguintes medidas:

(1) localização das instalações em locais abrigados e cobertos, que facilitem a defesa;

(2) máxima dispersão das instalações e viaturas;

(3) não indicar a localização dos PC por sinais detectáveis pelo inimigo;

(4) instalação de postos de segurança e minas de proteção local;

(5) evitar a reunião de número significativo de viaturas próximo ao PC;

(6) camuflagem das instalações e viaturas;

(7) disciplina de luzes e ruídos; e

(8) reduzir ao máximo o deslocamento de pessoal entre as instalações dos PC.

c. A defesa do PCP é responsabilidade do SCmt FT, podendo ser delegada para o Cmt Pel Com / Cmt PCP. Esta responsabilidade inclui a segurança, o deslocamento, o apoio e a manutenção das instalações, viaturas e equipamentos.

d. O perímetro defensivo deve ser estabelecido em torno do COT no PCP e COL no PCR. Este perímetro será mantido pelo pessoal do COT / COL e elementos de apoio à estas instalações. Ele deve incluir posições de tiro (armamento individual e coletivo), minas AC e AP e, dependendo da operação e tempo de permanência no terreno, obstáculos de arame. Nas operações continuadas, as áreas de descanso do pessoal devem ser localizadas de maneira que as equipes

fiquem próximas de suas posições no perímetro defensivo. Todo o efetivo dos PC deve ter perfeita noção da missão a ser cumprida na defesa das instalações. Um sistema de alarme deve ser estabelecido e treinamentos para a defesa dos PC devem ser realizados.

e. A prioridade dos trabalhos para segurança dos PC deve seguir, em princípio, a seguinte ordem:

(1) estabelecimento de uma linha inicial de segurança;
(2) posicionamento do armamento coletivo e das viaturas blindadas de combate;
(3) localização do restante do pessoal;
(4) limpeza dos campos de tiro e observação;
(5) construção de obstáculos;
(6) preparação das posições de tiro;
(7) estabelecimento do sistema de comunicações fio;
(8) preparação de posições suplementares e de muda; e
(9) selecionar e preparar itinerários de suprimento e evacuação.

2-9. POSTO DE COMANDO TÁTICO

a. O Posto de Comando Tático (PCT) é uma instalação de comando e controle que apóia continuamente o Cmt FT Bld e o Grupo de Comando, quando de seu afastamento do PCP.

b. O PCT pode servir como instalação temporária ou operar por longo período de tempo. pode ser considerado como o escalão avançado do COT do PCP.

c. O Grupo de Comando utiliza o PCT como uma base de apoio, a partir da qual desenvolve o seu trabalho.

d. O PCT é comandado pelo Cmt Pel Cmdo e integrado por elementos dos grupos de inteligência e de operações do Pel Cmdo, por pessoal e meios de comunicações do Pel Com e por elementos do Pel Exp, quando necessário. Nas FT RCC e nos RCB, a Sec VBC-CC do Pel Cmdo integra também o PCT.

e. Deve ser mantida no PCT uma carta de situação atualizada a fim de apoiar as decisões do Cmt FT, a coordenação do apoio de fogo e a correta expedição de ordens. O PCT pode funcionar como PC Alternativo da FT.

f. Quando o PCT não é desdobrado, seus meios e efetivos passam a integrar o PCP.

2-10. GRUPO DE COMANDO

a. O Grupo de Comando não é uma organização permanente. Ele é composto e opera de acordo com as determinações do Cmt FT e as necessidades das operações correntes.

b. Ele é constituído para assessorar o comandante da FT durante seus afastamentos do PC. De composição variável, normalmente, além do comandante da força-tarefa pode incluir o S2, o S3, o CAF, o controlador aéreo avançado (CAA) e o pessoal de ligação necessário. O grupo de comando mantém ligação contínua com o PC, a fim de assegurar a troca oportuna de informações. Operando à frente do PCP com o grupo de comando, o comandante da força-tarefa pode influir, mais eficientemente, nas operações de combate.

c. O Cmt da FT, em princípio, só deverá permanecer no PC da unidade durante o planejamento das operações de combate e nas situações estáticas das operações. Após concluído o planejamento da operação, o Cmt desloca-se com o seu grupo de comando para a zona de ação da subunidade que realiza o esforço principal, de modo a influir decisivamente no combate, com sua liderança e ação de presença.

d. Nas operações de alta mobilidade o Grupo de Comando desloca-se em função do ritmo das operações, mudando freqüentemente sua localização.

e. O Cmt FT deve posicionar-se no campo de batalha de modo a poder observar o desenvolvimento das operações e a intervir no combate com rapidez e oportunidade. Quando as frentes forem muito extensas ou a situação for indefinida, o Cmt FT deverá posicionar-se no campo de batalha orientando-se para a Z Aç da SU da ação principal e o S3 deverá orientar-se para as Z Aç das SU da(s) ação(ões) secundária(s).

f. O CAA, quando acompanhar o Cmt FT, deverá posicionar-se de modo a poder observar a área de alvos e conduzir o apoio de fogo da força aerotática.

2-11. CENTRO DE OPERAÇÕES TÁTICAS (COT)

a. O Centro de Operações Táticas é constituído de três áreas básicas: 2ª Seção (Inteligência), 3ª Seção (Operações) e Apoio de Fogo (CCAF). O COT opera sob o controle do Sub Cmt da FT. Outros elementos podem ser organizados em torno destas áreas básicas, conforme os apoios recebidos pela FT.

b. A organização interna do COT deve facilitar a coordenação do estado-maior, prover adequado espaço para o trabalho e para as comunicações. Deve ser previsto um reduzido número de militares presentes no interior do COT, a fim de facilitar o trabalho de estado-maior.

c. No COT é realizado o planejamento das operações, o acompanhamento das operações correntes e a sincronização da manobra, apoio ao combate e logística. O COT antecipa as necessidades futuras de apoio ao combate e apoio logístico, para que o planejamento seja realizado a tempo e o apoio esteja

disponível no momento e local que se fizer necessário.

d. O COT realiza também a busca de dados e a coleta de conhecimento, a coordenação das operações com elementos vizinhos e a monitoração da situação logística.

e. O subcomandante da FT, na qualidade de chefe do EM da unidade, exercerá suas funções do COT do PCP da força-tarefa, coordenando o estudo de situação continuado e exercendo a sincronização da manobra com o apoio de fogo e a logística interna da unidade. Deverá manter estreito controle das atividades do COL no PCR, devendo convocar o S1 e o S4 para o PCP durante o planejamento das operações ou sempre que se fizer necessário.

f. As funções básicas do COT/FT são:

(1) receber informações

(a) receber mensagens e relatórios do(s) escalão(ões) superior(es) e subordinados;

(b) receber as ordens do(s) escalão(ões) superior(es);

(c) monitorar a situação tática;

(d) manter um registro de todas as atividades mais significativas;

(e) manter atualizada a localização do(s) Elm superior(es) e subordinado(s);

(f) monitorar a situação do inimigo; e

(g) acompanhar a situação das classes de suprimentos críticos.

(2) divulgar informações

(a) encaminhar relatórios ao(s) escalão(ões) superiores;

(b) operar como enlace de comunicações entre diferentes elementos;

(c) expedir ordens e instruções; e

(d) processar e divulgar informações aos elementos pertinentes.

(3) analisar informações

(a) consolidar relatórios;

(b) antecipar eventos e atividades, desenvolvendo as ações apropriadas;

(c) conduzir análise prognóstica baseada na situação tática;

(d) identificar informações que respondam aos EEI;

(e) conduzir o processo de tomada da decisão; e

(f) identificar as necessidades de executar decisões de conduta com base na situação corrente.

(4) propor linhas de ação de conduta - é função do COT propor linhas de ação de conduta ao Cmt FT com base nas informações disponíveis e na análise conduzida.

(5) integrar os meios disponíveis.

(6) sincronizar os sistemas operacionais envolvidos na Op.

2-12. CENTRO DE OPERAÇÕES LOGÍSTICAS (COL)

a. O Centro de Operações Logísticas é constituído de duas áreas básicas: 1ª Seção (Pessoal) e 4ª Seção (Logística). O COL opera sob o controle do S4. Outros elementos podem ser organizados em torno destas áreas básicas, conforme os apoios recebidos pela FT.

b. A organização interna do COL deve facilitar a coordenação do estado-maior, prover adequado espaço para o trabalho e para as comunicações. Deve ser previsto um reduzido número de militares presentes no interior do COL, a fim de facilitar o trabalho de estado-maior.

c. No COL é realizado o planejamento das operações logísticas, o acompanhamento da situação logística corrente e todas as atividades logísticas desenvolvidas na ATC, na ATE e nas AT SU. O acompanhamento da situação logística do Esc Sp é realizada mediante ligações constantes com o EM e a A Ap Log da Bda.

d. O COL é a principal instalação do PCR da FT, que, em princípio, desdobra-se na ATC, atuando também como Posto de Comando Alternativo.

e. No COL deve ser mantida atualizada uma carta de situação, para facilitar o planejamento das operações logísticas e poder apoiar o Cmt FT, no caso deste passar a operar do PCR.

ARTIGO III

SINCRONIZAÇÃO

2-13. GENERALIDADES

a. Sincronização é o arranjo das atividades de todos os sistemas operacionais no tempo, no espaço e na finalidade.

b. A sincronização inclui o efeito de emassar o poder de combate no ponto decisivo, embora não se limite a ele. Algumas atividades que o comandante sincroniza em uma operação podem ocorrer antes do momento decisivo. A sincronização visa obter poder de combate **" vencedor".**

c. No ataque, um comandante de FT sincroniza seus fogos de apoio com a manobra ao levar os fogos de seus morteiros e os da artilharia a bater armas inimigas de fogo direto enquanto manobra suas FTSU rapidamente, em direção ao flanco ou à retaguarda do inimigo.

d. A sincronização, usualmente, requer estreita coordenação entre vários elementos e atividades que participam de uma operação. Contudo, por si só, essa coordenação não é garantia de sincronização, a não ser que o comandante primeiro visualize os efeitos desejados e qual a seqüência de atividades que os produzirá. O estado-maior precisa conhecer a intenção do comandante, pois é o estado-maior que faz uma grande parte do plano de sincronização acontecer.

A sincronização deve estar sempre na mente dos comandantes e, a partir daí, no planejamento e coordenação de movimento, fogos e atividades de apoio. **Ensaios são a chave para o êxito de operações sincronizadas**.

e. O objetivo da sincronização é usar cada meio disponível onde, quando e da maneira que possa melhor contribuir para obter a superioridade no local e momento decisivos. A sincronização exige:

(1) o perfeito conhecimento dos efeitos produzidos pelos diversos meios de combate;

(2) o conhecimento da relação entre as possibilidades do inimigo e das forças amigas;

(3) o domínio perfeito das relações entre o tempo e o espaço;

(4) a clara unidade de propósitos.

f. A sincronização acontece a partir da concepção da operação pelo comandante e seu estado-maior, quando estes planejam que ações realizar e como estas ações devem ocorrer no tempo e no espaço, para atingir seu objetivo. A sincronização visa fazer com que os efeitos da ação de diversas forças se façam sentir de maneira total no momento e no local desejados.

g. O resultado da sincronização efetiva é o máximo uso de todos os recursos para obter a máxima contribuição para o sucesso. Sincronização implica no julgamento e escolha entre atividades simultâneas e seqüenciais. O comandante deixa claro para o seu estado-maior e comandantes subordinados quando os efeitos de uma atividade são pré-condição para uma ação subsequente. Atingir isto requer uma antecipação dos eventos que vem com o **" pensar em profundidade "**, com o domínio das relações de tempo e espaço e um completo conhecimento da interação das nossas possibilidades com as do inimigo. Acima de tudo, sincronização requer um claro estabelecimento da intenção do comandante.

h. A sincronização implica a judiciosa exploração do fator da decisão **"tempo"**.

i. A sincronização dos sistemas de combate da FT ocorre verticalmente, da brigada para a FT e através das FTSU / SU Cmdo Ap e seus pelotões. Ela ocorre também, horizontalmente, entre as seções do estado-maior.

2-14. SINCRONIZAÇÃO NA FORÇA-TAREFA BLINDADA

Uma força-tarefa normalmente sincroniza suas operações:

- assegurando-se que seus meios de inteligência de combate estão ajustados às necessidades de seu comandante e que responderão a tempo de influenciarem nas decisões e na operação;

- determinando qual será o esforço principal e carreando os meios necessários para este elemento;

- coordenando a manobra com os meios de apoio ao combate e apoio logístico disponíveis;

- utilizando a Estimativa Logística para assegurar-se que os meios necessários estarão disponíveis e alocados;
- emassando rapidamente seu poder de combate no ponto decisivo para obter a surpresa, a massa e uma efetiva ação de choque, sem demoradas explanações e expedições de ordens;
- planejando **" à frente "**, para explorar as oportunidades criadas pelo sucesso tático;
- permitindo uma execução descentralizada das operações;
- utilizando as ferramentas da sincronização;
- conduzindo ensaios de sincronização.

MATRIZ DE SINCRONIZAÇÃO (EXEMPLO)					
DADOS			FASEAMENTO DA OPERAÇÃO		
DATA / HORA DOS EVENTOS (PREVISÃO) OBJETIVOS OU FASES					
SITUAÇÃO DO INIMIGO					
SISTEMAS OPERACIONAIS DO CAMPO DE BATALHA	INTELIGÊNCIA	Terreno			
		Pos Inimigas			
		Obstáculos			
	MANOBRA	Frações			
		Z Aç Pcp			
		Área Rg			
		Profundidade			
	APOIO DE FOGO	Mrt			
		Art			
		Armt AC			
		Aéreo			
	ENGENHARIA	Equipamento			
		Pessoal			
	DEFESA ANTIAÉREA	Tubo			
		Msl			
		Sist Vig/Tiro			
		PC Pcp			

SISTEMAS OPERACIONAIS DO CAMPO DE BATALHA	APOIO LOGÍSTICO	Ct civis e PG			
		CI I			
		CI III			
		CI V			
		CI IX			
		Mnt			
		Ap Saúde			
SIMULAÇÃO					
DISSIMULAÇÃO					
MEIOS		FT SU			
		FT			
		BDA			
NOTAS		Dados essenciais à operação			

2-15. FERRAMENTAS DA SINCRONIZAÇÃO

a. Matriz de sincronização

(1) É um documento empregado pelo estado-maior da FT na visualização e ensaio de todas as ações a serem realizadas antes, durante e após o combate. Este documento não é padronizado, podendo ser adaptado ao sistema de trabalho do estado-maior da FT ou da operação a ser conduzida. Em princípio, constitui-se numa planilha de dupla entrada onde, na coluna vertical são lançados os eventos e faseamento do combate, a situação do inimigo, todos os sistemas de combate, os meios disponíveis e ações de dissimulação e simulação previstas para a operação e, na coluna horizontal, são lançados o tempo ou o faseamento da operação. É feita uma interação destas duas colunas, reagindo-se cada sistema com o faseamento da operação/ tempo, considerando-se a interferência do inimigo, do terreno, das condições climáticas, e de outros dados que poderão interferir no cumprimento da missão.

(2) A matriz de sincronização pode ser utilizada para suplementar o calco de operações e ordens verbais. O preenchimento da planilha não substitui a ordem de operações para o cumprimento da missão.

b. Planilha de acompanhamento do combate - É um documento de trabalho empregado pelas seções de estado-maior e elementos de apoio ao combate e logístico. Nestas planilhas são sintetizadas as ações, atividades e atuações de cada sistema de combate, visando facilitar o acompanhamento das ações do combate e a realização do estudo de situação continuado e planejamentos dele decorrentes. O emprego destas planilhas permite maior rapidez na introdução de correções no planejamento inicial, que se fizerem necessárias durante o combate.

2-16. PROCESSO DE SINCRONIZAÇÃO

a. A sincronização possui três fases distintas: a sincronização realizada durante o planejamento da operação, a sincronização do ensaio da operação e a sincronização durante o combate.

b. A sincronização da manobra, do apoio ao combate e o apoio logístico realizada durante a fase inicial de planejamento é conduzida pelo comandante da FT, auxiliado pelo seu estado-maior. Nesta fase são planejadas as ações a realizar e como estas ações irão ocorrer.

c. Encerrada a fase de planejamento e com a ordem de operações pronta, é realizado um ensaio da operação, conduzido pelo subcomandante e com a presença do estado-maior, comandantes das FT SU, Pel Exp, Pel Mrt P e os elementos em apoio ou em reforço. Neste ensaio todas as ações previstas para o combate são interagidas com a provável atuação do inimigo, possibilitando a introdução de modificações que venham contribuir para a execução do planejamento inicial. A finalidade deste ensaio conduzido pelo subcomandante, além de ajustar o planejamento, é garantir que todos os elementos do estado-maior, comandantes de FTSU, elementos de apoio ao combate e apoio logístico conheçam a intenção do comandante, compreenderam o conceito da operação, sabem o que fazer em todas as fases do combate e qual a missão de todos os elementos subordinados da FT.

d. O ensaio de sincronização tem início com o S2 expondo todos os dados e conhecimentos disponíveis sobre o terreno, as condições meteorológicas e o inimigo e, de que forma se espera que interfiram na operação. Em seguida, e para cada fase da operação, os oficiais responsáveis pelos sistemas de combate (manobra, apoio de fogo, engenharia, comando e controle, logística e defesa antiaérea) e os comandantes subordinados expõem como o seu sistema / FT atuará durante a fase considerada. O S2 passa a atuar como se fosse o comandante inimigo (com base nos dados e conhecimentos disponíveis sobre efetivos, equipamentos, doutrina, etc... disponíveis), interferindo na explanação de cada responsável por sistema de combate, procurando neutralizar o planejamento de cada um destes sistemas, levando o estado-maior a buscar alternativas para a interferência inimiga, ajustando o planejamento inicial. Ao final do ensaio, e tendo certeza da viabilidade da operação e de que todos sabem o que fazer, o subcomandante dá por encerrada esta fase da sincronização e informa ao comandante da FT os resultados obtidos, se este não tiver acompanhado o ensaio.

e. Ao iniciar-se o combate, o subcomandante passa a conduzir a terceira fase da sincronização, no COT do PCP. Ele mantém-se informado da situação tática e logística da FT, do Esc Sp e elementos vizinhos, realizando um estudo de situação continuado, com o apoio do S2 e dos demais elementos do estado-maior, quando necessário. Com base neste estudo de situação ele introduz modificações no planejamento inicial, após contato com o comandante da FT, agilizando a resposta dos elementos necessários, face à mudança da situação tática ou logística.

ARTIGO IV

LIGAÇÕES E COMUNICAÇÕES

2-17. LIGAÇÕES (Fig 2-5)

a. Ligações são as relações e contatos estabelecidos por meios diversos, pelo comando da FT, de modo a coordenar esforços, com vistas ao êxito das operações.

b. Em cada situação tática, o comandante da FT avalia e determina as necessidades em ligações, as quais são estabelecidas, principalmente, através de contatos pessoais e pelo emprego de meios de comunicações.

c. No âmbito da FT, normalmente, as ligações necessárias são estabelecidas de modo a permitir a entrada na cadeia de comando do escalão imediatamente superior e, a ligação com os elementos vizinhos, em apoio, apoiados e subordinados, inclusive reforços.

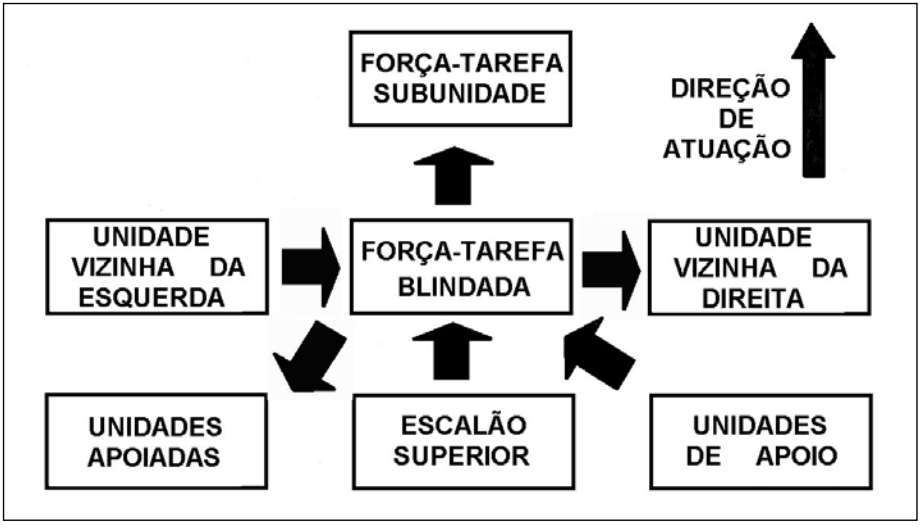

Fig 2-5. Ligações nas FT Bld

2-18. COMUNICAÇÕES

a. O Cmt é o responsável pelo funcionamento do sistema de comunicações da FT. Incumbe-lhe, também, zelar para que as SU disponham de meios de comunicações adequados para fazer face às necessidades das operações.

b. O Cmt é auxiliado pelo oficial de comunicações (O Com) no cumprimento das suas atribuições.

c. O oficial de comunicações é o principal assessor do Cmt e do EM em todos os aspectos relativos às comunicações. Ele planeja, coordena e supervisiona as atividades de comunicações de todos os elementos da FT.

d. As responsabilidades de comando sobre as comunicações são igualmente aplicadas a todos os comandantes subordinados, incluindo, também, os comandantes de viaturas blindadas e os chefes das demais viaturas onde estiverem instalados meios de comunicações.

e. Os diferentes meios de comunicações disponíveis na FT Bld grupam-se de modo a constituírem conjuntos homogêneos, com características comuns. Estes conjuntos são chamados sistemas.

f. A FT dispõe basicamente do sistema rádio e de meios informatizados para estabelecer suas ligações de combate. Possui, também, meios suplementares de comunicações, empregados em situações especiais, como os mensageiros, meios acústicos, visuais e fio.

g. Estes sistemas, considerados em conjunto, constituem o sistema de comunicações da FT. O sistema de comunicações da FT constitui parte do sistema de comunicações do Esc Sp e integra os sistemas dos elementos subordinados.

h. Cabe ao Pelotão de Comunicações, orgânico do Esqd / Cia C Ap, a missão de instalar, explorar e manter o sistema de comunicações da FT de modo a assegurar as ligações necessárias ao comando.

i. Sempre que possível, deve ser evitada a ligação por um único meio. O grau de confiança proporcionado pelo sistema de comunicações da unidade é aumentado pelo emprego de todos os meios disponíveis.

CAPÍTULO 3

APOIO AO COMBATE

ARTIGO I

APOIO DE FOGO

3-1. GENERALIDADES

a. O Cmt é o responsável pelo emprego eficiente de todo o apoio de fogo disponível. O sistema apoio de fogo e o sistema manobra devem ser intimamente coordenados, cabendo ao S3 a responsabilidade de EM por essa tarefa.

b. Os principais meios do sistema apoio de fogo orgânico das FT são os Pel Mrt P e Pel AC (FT BIB), do Esqd / Cia C Ap. Nas FT Bld ainda existem os seguintes meios de apoio de fogo:

(1) Pel Ap dos Esqd / Cia Fuz Bld;
(2) Sec Msl AC do Pel Cmdo (FT RCC e RCB)
(3) Can e Mtr das VBC-CC (eventualmente); e
(4) Mtr das VBTP (eventualmente).

c. Normalmente, a força-tarefa recebe apoio de fogo de artilharia do escalão enquadrante.

3-2. ARTILHARIA DE CAMPANHA

a. Generalidades

(1) A FT, normalmente, se beneficia do apoio de artilharia proporcionado pelo grupo orgânico da Bda. Os fogos desse grupo podem ser ampliados por outras unidades de Art.

(2) A artilharia poderá descentralizar seus meios, atribuindo a uma bateria a missão tática de apoio direto à força-tarefa. Poderão também ocorrer

situações de descentralização dos meios e do comando, caso em que uma bateria será dada em reforço à FT.

(3) Quando um elemento de artilharia reforça a força-tarefa, cabe ao Cmt da FT atribuir-lhe a missão tática, mediante proposta do comandante da artilharia recebida em reforço.

(4) Os fogos de artilharia proporcionam ao Cmt da FT um poderoso meio para influir no curso do combate. Para tirar o máximo proveito desse meio, o Cmt da FT deve conhecer suas possibilidades, limitações e saber como planejar e obter os seus fogos.

b. Ligações

(1) A ligação da FT com a Art é estabelecida por esta, mediante o envio de um oficial de ligação (O Lig) e dos meios de comunicações necessários.

(2) A ligação do comandante da força-tarefa e seu estado-maior com o O Lig é assegurada por contato pessoal ou rádio, através da rede de comando da FT.

(3) A ligação com as subunidades é feita através dos observadores avançados (OA), fornecidos pela Art, os quais, normalmente, acompanham os comandantes de subunidade. O OA formula e transmite os pedidos de fogos do Cmt da SU, bem como observa e ajusta o tiro de artilharia.

(4) O Oficial de Ligação (O Lig) da artilharia é o Coordenador de Apoio de Fogo da força-tarefa e o encarregado de integrar o fogo de Art ao Sistema Apoio de Fogo da FT.

(5) O O Lig processa e encaminha os pedidos de apoio de fogo de Art. Mantém ligação com os observadores avançados, auxiliando-os, quando necessário, na transmissão dos dados da observação dos tiros para a central de tiro (C Tir).

(6) Os oficiais e praças da força-tarefa devem estar capacitados a pedir e ajustar o tiro de artilharia, pois nem sempre haverá, nas proximidades, um artilheiro credenciado para conduzir o tiro.

(7) Para maiores detalhes sobre o apoio de artilharia, consultar os manuais de campanha que regulam o Emprego da Artilharia de Campanha e a Ajustagem do Tiro de Artilharia pelo Combatente de qualquer Arma.

3-3. PELOTÃO DE MORTEIROS PESADOS

a. Generalidades

(1) O pelotão de morteiros pesados é um dos principais integrantes do sistema Apoio de Fogo da FT, constituem-se o principal elemento de apoio de fogo indireto à disposição do comandante da FT. Tem como missão proporcionar apoio de fogo indireto e contínuo às peças de manobra da força-tarefa.

(2) O pelotão é empregado, normalmente, centralizado sob o controle do Cmdo da FT. Atua na base de fogos, em apoio às operações da unidade como um todo ou de qualquer de suas peças de manobra.

(3) O Pel Mrt P é constituído de comando, grupo de comando e 2 (duas) seções a 2 (duas) peças de morteiro. No grupo de comando, agrupam-se os meios em pessoal e material necessários à observação, condução do tiro e remuniciamento

do pelotão.

(4) Os fogos de apoio do Pel serão integrados e estreitamente coordenados com os fogos de artilharia e com os fogos de morteiro dos Pel Ap das SU Fuz Bld.

(5) No planejamento dos fogos da FT deverá ser enfatizado o uso de fumígenos, lançados pelo Pel Mrt P, em apoio à manobra das SU de CC e de Fuz Bld, seja para cobrir o movimento cegando os observadores inimigos, seja na sinalização de objetivos e alvos.

b. Ligações - O comandante do pelotão mantém ligação com o comando da força-tarefa, o Adj S3 e o O Lig por meio de contato pessoal ou pelo rádio, utilizando a rede de comando da FT. As ligações com as subunidades de primeiro escalão são asseguradas pelos observadores avançados, enviados pelo Pel Mrt P, que utilizam a rede de comando do Pel para estabelecer os contatos com as posições deste.

c. Observadores avançados

(1) A cada subunidade ou FT SU poderá ser fornecido um OA do Pel Mrt P, de acordo com a necessidade e mediante ordem do comandante da FT. O OA, em princípio, acompanha o comandante da subunidade, a quem cabe o fornecimento do transporte.

(2) O OA formula e transmite os pedidos e realiza a ajustagem do tiro do morteiro. Esta ajustagem pode, também, ser feita pelo OA de artilharia.

(3) O Pel Exp poderá ser utilizado na missão de observar e ajustar os tiros de morteiros, da artilharia de campanha, da força aérea e da aviação do exército.

(4) Todos os oficiais e praças da FT devem estar capacitados a pedir e ajustar os tiros, no caso de inexistência de OA. As técnicas para os pedidos, coordenação e ajustagem do tiro de morteiro são as mesmas usadas para os tiros de artilharia.

d. Formas de emprego

(1) A melhor forma de empregar o Pel Mrt P é a ação de conjunto (apoio à força-tarefa como um todo).

(2) Quando houver limitações de alcance dos morteiros, impossibilidade do comandante da força-tarefa exercer um controle efetivo ou outras dificuldades para o emprego centralizado do pelotão, as seções poderão ser empregadas em apoio direto ou, ainda, excepcionalmente, dadas em reforço às SU.

3-4. PELOTÃO ANTICARRO

a. Generalidades

(1) O Pel AC e a Seç Msl AC são integrantes do sistema de apoio de fogo da FT. O Pel AC é orgânico das FT BIB. A FT RC e o RCB possuem em sua organização uma Seção de Mísseis Anticarro, no Pel Cmdo do Esqd C Ap. Seu emprego é semelhante ao do Pel AC do BIB.

(2) O comandante do Pel AC é o assessor da FT para assuntos relacionados com a defesa anticarro.

(3) Os fogos do Pel AC são eficientes contra viaturas blindadas do inimigo, fortificações e casamatas.

(4) A localização e as missões do pelotão anticarro são atribuídas pelo S3, após decisão do Cmt FT e ouvido o Cmt Pel AC.

b. Ligações - O Cmt Pel AC mantém ligações com o Oficial de Apoio de Fogo (Adj S3) e com as SU apoiadas, por meio rádio.

c. Formas de Emprego

(1) O Pel AC é empregado, normalmente, centralizado (Aç Cj), sob o controle do Cmt FT. O Pel AC pode, também, ser empregado descentralizadamente, em apoio direto (Ap Dto) às peças de manobra.

(2) Dependendo da situação, o Cmt FT pode reforçar suas peças de manobra com Sec AC / Pel AC (na FT BIB) ou com uma Pç Msl AC (na FT RCC e no RCB) e aprofundar a defesa AC com o Pel AC (-) ou a Sec Msl AC (-).

3-5. COORDENAÇÃO DO APOIO DE FOGO

a. Considerações gerais

(1) O apoio de fogo é um dos principais recursos de que dispõe o comandante para intervir no combate. Para que possa empregá-lo onde, quando e como julgue mais conveniente, o sistema apoio de fogo deve estar perfeitamente integrado ao sistema manobra.

(2) A coordenação do Ap visa a obter dos meios de apoio de fogo disponíveis o melhor rendimento possível, evitando duplicações de esforços, batendo os alvos com os meios mais adequados e realizando a integração dos fogos com a manobra concebida.

(3) O Oficial de Apoio de Fogo da FT (Adj S3) é o responsável pelo planejamento dos fogos da FT, conforme orientação recebida do S3. Para executar seu trabalho, mantém constante ligação com o coordenador de Apoio de Fogo da FT (O Lig Art), com o Cmt Pel Mrt P e com o Cmt Pel AC (FT BIB).

(4) Na FT, a função de coordenador de apoio de fogo cabe ao oficial de ligação da artilharia.

(5) Nas subunidades esta tarefa é desempenhada pelo seu próprio comandante, assessorado pelos OA de artilharia e do Pel Mrt P.

b. Centro de Coordenação de Apoio de Fogo

(1) Conceituação - O CCAF é o órgão no qual os representantes de todos os meios do sistema apoio de fogo, orgânicos ou não, trabalham juntos, no planejamento e coordenação dos fogos de apoio.

(2) Localização - O CCAF é uma das três áreas básicas do Centro de Operações Táticas (COT), localizando-se, em princípio, próximo às 2ª e 3ª Seções do EMG, no PCP.

(3) Organização

(a) A organização do CCAF deve prover pessoal e material suficientes para uma perfeita coordenação dos meios de apoio de fogo, para o estabelecimento dos planos de apoio e para a elaboração e difusão de informações sobre alvos.

(b) Os quadros de organização não prevêem pessoal específico para o CCAF. Em princípio, todos os meios de apoio de fogo devem estar representados e cada elemento exerce sua função no CCAF cumulativamente com a que lhe é normal.

(c) O CCAF da FT compreende, normalmente, os elementos que se seguem:

- O Lig Art (Coordenador);
- Adj S/3 (Oficial de Apoio de Fogo e S3 do Ar da FT);
- Controlador Aéreo Avançado (CAA);
- O DAAe (Cmt Sec AAé que apóia a FT);
- Elm do Pel Mrt P;
- Elm do Pel AC (BIB) ou Elm da Sec Msl Ac (FT RCC e RCB);
- representantes do Ap F Ae e de outros meios de apoio de fogo, se for o caso.

(4) Atribuições

(a) Manter constantemente atualizada a situação e as possibilidades de todos os meios do sistema de apoio de fogo disponíveis.

(b) Coordenar o apoio de fogo sobre alvos terrestres, em acordo com a diretriz do Cmt FT:

- analisando as listas de alvos remetidas pelos observadores avançados de artilharia, integrando-as, eliminando duplicações, selecionando os alvos a serem batidos por morteiros e por artilharia, e remetendo à central de tiro do GAC orgânico o plano provisório de artilharia;
- analisando os pedidos de apoio de fogo aéreo pré-planejados, oriundos de escalões subordinados, e encaminhando-os ao CCAF da Bda;
- propondo as medidas de coordenação de apoio de fogo necessárias; e
- decidindo, dentro dos limites da autoridade delegada pelo comandante da força-tarefa, pelo atendimento do apoio de fogo solicitado por meio diferente do mencionado ou pela desaprovação de pedido de elemento subordinado.

(c) Solicitar apoio de fogo aos órgãos dos escalões superiores e coordenar o apoio de fogo necessário à manobra da unidade.

(d) Assegurar a rápida tramitação dos pedidos de apoio de fogo imediato, oriundos das frações subordinadas, só intervindo quando alterações ou coordenação adicional sejam necessárias.

(e) Coordena a utilização do espaço aéreo sobrejacente à Z Aç da FT.

3-6. PLANO DE APOIO DE FOGO

a. Generalidades

(1) O PAF é o documento que integra o sistema de apoio de fogo ao sistema manobra e regula o emprego de todos os meios de apoio de fogo, sejam eles orgânicos, em apoio ou em reforço à FT.

(2) Este plano complementa o conceito da operação do comandante no que se refere ao emprego dos fogos e contém ordens e normas para a execução coordenada do apoio. É um anexo à ordem ou plano de operações da FT onde,

em subparágrafos apropriados, são tratadas as particularidades dos diversos meios de apoio de fogo e do emprego dos agentes químicos que devam ser do conhecimento geral.

(3) O plano de fogos de artilharia ou seu extrato constitui, em princípio, a base do plano de apoio de fogos da força-tarefa.

(4) Normalmente, o PAF da FT será elaborado após a integração e coordenação dos planos de fogos das armas orgânicas, planos de fogos das armas que atuam em proveito da força-tarefa e plano de defesa anticarro.

(5) Em princípio, os fogos das metralhadoras não integram o planejamento de fogos da FT. As Mtr fazem parte do planejamento de fogos das SU.

b. Execução do planejamento

(1) Considerações iniciais

(a) O planejamento do apoio de fogo, em termos gerais, começa logo que o comandante tenha concluído a análise da sua missão. Nessa oportunidade, sempre que possível, ele deve emitir uma diretriz sobre fogos, a fim de orientar o trabalho de planejamento.

(b) O planejamento efetivo e em termos objetivos, entretanto, começa quando o comandante toma a sua decisão e enuncia, para o estado-maior, as linhas gerais de seu conceito da operação.

(c) O planejamento dos fogos de apoio é realizado simultaneamente, nos escalões subunidade e unidade.

(2) Nas subunidades

(a) O comandante da subunidade, assessorado pelos OA da artilharia e do Pel Mrt P, levanta alvos e prevê concentrações, tendo em vista o apoio a sua manobra.

(b) Durante esse trabalho os OA preparam listas de alvos que, uma vez aprovadas pelo comandante da subunidade, são enviadas:

1) a de artilharia para o CCAF;

2) a de morteiros para a central de tiro do Pel Mrt P.

(c) A coordenação entre o comandante da subunidade e os OA de artilharia e de morteiro é muito importante e busca evitar duplicações e tornar mais eficiente o planejamento de fogos no escalão força-tarefa.

(3) No Pel Mrt P

(a) Na C Tir do Pel Mrt P é preparado um plano provisório de fogos, resultado da consolidação das listas de alvos recebidas da força-tarefa. Neste plano, as concentrações são designadas de acordo com as NGA para o planejamento de fogos.

(b) O plano provisório é remetido ao CCAF da força-tarefa para aprovação, sendo os OA informados a respeito das designações dos alvos e de eventuais mudanças em suas listas.

(c) Entretanto, a C Tir do pelotão inicia, desde logo, a preparação das concentrações previstas no plano provisório.

(4) No CCAF

(a) Fogos de artilharia

1) O O Lig de artilharia prepara o plano provisório de apoio de artilharia, coordenando-o com o plano de fogos de morteiros, após o exame das listas de alvos dos OA. As necessidades da força-tarefa incluem, normalmente,

fogos contra alvos situados além dos objetivos das subunidades e de interesse da FT como um todo. Nesse plano provisório, as concentrações são designadas de acordo com um sistema comum de numeração. Após, ser aprovado pelo Cmt FT, o plano provisório de apoio de artilharia é encaminhado à C Tir GAC orgânico da Bda e os OA são informados a respeito da designação de alvos e sobre qualquer mudanças nas listas de alvos.

2) Na C Tir do GAC orgânico é organizado o PFA/Bda, como resultado da consolidação dos planos provisórios recebidos dos CCAF das unidades e da Bda.

3) Após aprovado, o PFA ou um extrato do mesmo é difundido para a FT, onde irá constituir-se na base do PAF.

(b) Coordenação final

1) A coordenação final do planejamento é feita no CCAF, após o recebimento do plano de fogos de artilharia e dos outros órgãos de apoio de fogo, que tenham missão de apoiar a unidade.

2) Cada um desses planos deve ser confrontado com o plano provisório de artilharia, de morteiros, o plano de DAC e o esquema de manobra da unidade.

3) Após a coordenação final, são elaborados o plano de fogos de morteiro (definitivo) e o próprio plano de apoio de fogos da FT, que representa a síntese de todo o planejamento de fogos de apoio.

c. Aprovação e difusão - O plano de apoio de fogos, após aprovado pelo comandante, é difundido como um anexo à ordem ou plano de operações da FT.

3-7. PEDIDOS DE APOIO DE FOGO

a. Fogos de artilharia

(1) O comandante da força-tarefa solicita apoio de fogo de artilharia por intermédio do respectivo oficial de ligação, que é o responsável pelas providências para a formulação do pedido e sua transmissão diretamente à C Tir do grupo de artilharia.

(2) Os comandantes de subunidade solicitam apoio de fogo de artilharia por intermédio dos respectivos OA. Ao OA incumbe formular o pedido e transmiti-lo, diretamente à C Tir do grupo de artilharia, bem como realizar a ajustagem do tiro.

(3) O coordenador do apoio de fogo (O Lig) supervisiona a ação dos OA e pode interferir nos seus pedidos de apoio de fogo.

b. Fogos de morteiro - Os comandantes de subunidade solicitam apoio de fogo de morteiro por intermédio dos respectivos OA, que desempenham atribuições idênticas às dos OA de artilharia.

c. Fogos anticarro

(1) Os fogos AC são coordenados pelo Cmt Pel AC e pelo Cmt da Sec Msl AC, quando este atuar centralizadamente, a fim de cumprir as missões atribuídas ao pelotão.

(2) Quando o Pel AC ou suas Sec AC (FT BIB) e a Sec Msl AC ou as suas peças (FT RCC e no RCB) reforçarem as peças de manobra ou forem empregados

em Ap Dto à elas, os fogos AC serão desencadeados mediante coordenação dos Cmt SU apoiadas.

d. Apoio de fogo da força aérea (Fig 3-1)

(1) Considerações iniciais

(a) As missões de apoio de fogo da força aérea são:

1) pré-planejadas, executadas contra alvos fixos ou transitórios, resulta de planejamento detalhado;

2) imediatas, solicitadas quando a natureza do alvo e a situação tática exigirem que o mesmo seja atacado imediatamente.

(b) A FT, normalmente, recebe um controlador aéreo avançado, que é um integrante do sistema de controle aerotático da força aérea. O CAA é o principal assessor do comando nas questões referentes ao apoio aéreo.

(c) Cabe ao S3 do Ar (Adj S/3) coordenar todos os assuntos referentes ao apoio aéreo, na FT.

(d) Os pedidos de apoio aéreo são formulados, no escalão FT, através do preenchimento de formulários próprios. Eventuais necessidades das subunidades são consideradas e englobadas no pedido da força-tarefa.

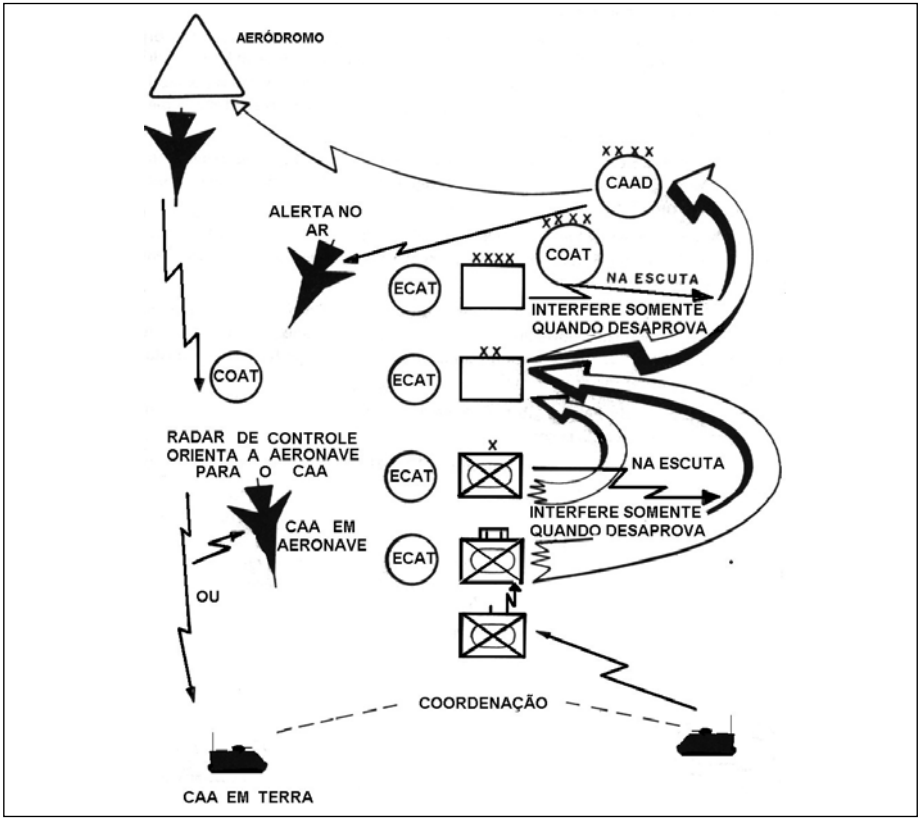

Fig 3-1. Pedidos de apoio aéreo imediato

(2) Pedidos pré-planejados

(a) A FT apresenta seus pedidos de missões pré-planejadas diretamente à brigada. Esse tipo de pedido é encaminhado através dos canais normais de comando até o Ex Cmp, tendo cada escalão consolidado, previamente, os pedidos dos seus subordinados. Cabe ao Ex Cmp apresentar à força aerotática uma proposta de plano de fogo aéreo (PF Ae). Após a aprovação dos pedidos incluídos no PF Ae, os interessados são informados através dos canais de comando.

(b) Ao ser informado, pela brigada, da aprovação (ou não) dos seus pedidos pré-planejados, o comando da FT fica em condições de elaborar um PF Ae, que será anexado ao PAF.

(3) Pedidos imediatos

(a) A FT apresenta seus pedidos de apoio aéreo imediato diretamente ao Centro de Apoio Aéreo Direto da FAT, que funciona intimamente ligado ao Centro de Operações Táticas do Ex Cmp. Os comandos da brigada e superiores permanecem na escuta e o silêncio significa aprovação do pedido.

(b) Esses pedidos são encaminhados pela rede de pedidos aéreos e, normalmente, formulados pelo CAA.

(c) Como o alcance das estações-rádio das FT e das brigadas não permitem atingir diretamente o CAAD, cada DE, servindo de elo, instala e explora uma rede de pedidos aéreos (Fig 3-1), e da qual participam as FT e brigadas, com estações rádio de média potência.

(d) Quando a brigada está diretamente subordinada ao Ex Cmp, ela mesma instala e explora a rede de pedidos aéreos e participa da rede do Ex Cmp.

(e) Na FT, cabe ao S3 do Ar (Adj S3) participar da rede de pedidos aéreos.

ARTIGO II

DEFESA ANTIAÉREA

3-8. GENERALIDADES

a. A FT não dispõe de elemento orgânico integrante do sistema de defesa antiaérea. A defesa antiaérea é proporcionada pela AAe da brigada por intermédio de uma Sec AAe autopropulsada dotada de mísseis e/ou canhões.

b. A artilharia antiaérea tem como missão impedir ou dificultar os reconhecimentos e os ataques aéreos do inimigo, a fim de permitir a liberdade de manobra para os elementos de combate, o livre exercício do comando e uma maior disponibilidade e eficiência dos elementos de apoio ao combate e apoio logístico.

c. O Cmt Sec AAe é o assessor do Cmt FT para os assuntos de defesa antiaérea (DAAe) e coordenação do uso do espaço aéreo, sendo o encarregado pela integração do sistema de defesa antiaérea aos demais sistemas operacionais.

3-9. EMPREGO DA ARTILHARIA ANTIAÉREA

a. A Sec AAe é empregada, normalmente, em apoio direto à FT. Caso os meios de comunicação não permitam este nível de centralização ou a incerteza da situação exigir uma maior flexibilidade tática, a Sec AAe será dada em reforço.

b. O Cmt FT deve estabelecer as prioridades de defesa antiaérea. Para tal, deve considerar os seguintes fatores: importância, vulnerabilidade, recuperabilidade e as possibilidades do inimigo aéreo.

c. As medidas de coordenação do espaço aéreo devem ser observadas por todos os integrantes da FT, a fim de reduzir a possibilidade de ataques e evitar a superposição de esforços.

d. A unidade de emprego da AAe é a Seção. Deve-se evitar a pulverização de seus meios. Entretanto, as unidades de tiro (UT) deverão estar articuladas na coluna de marcha da FT. Quando a FT estacionar ou se encontrar em Z Reu, as UT serão desdobradas".

ARTIGO III

APOIO DE ENGENHARIA

3-10. GENERALIDADES

a. A FT não dispõe de elemento de apoio de engenharia orgânico. Este apoio, quando necessário, é proporcionado pela engenharia da Bda (Eng Bda), principal integrante do sistema de mobilidade, contramobilidade e proteção.

b. A Eng Bda presta apoio à FT por intermédio de elementos constituídos e/ou elementos especializados. Normalmente, o Pel E Cmb a menor fração de emprego junto à força-tarefa, contudo as necessidades em meios especializados de pontes e equipamentos mecânicos, por exemplo, podem exigir o emprego de elementos de maior valor. O Pel E Cmb é constituído por uma seção de comando e três grupos de engenharia.

c. O comandante do Pel E Cmb é o assessor do comandante da FT para assuntos de apoio de engenharia, sendo o encarregado pela integração do sistema de mobilidade, contramobilidade e proteção aos demais sistemas operacionais.

d. A Engenharia é um fator multiplicador do poder de combate das FT Bld. Suas principais missões são proporcionar a necessária mobilidade terrestre, assegurar a contramobilidade e contribuir para a proteção da tropa.

e. A MOBILIDADE é o conjunto dos trabalhos desenvolvidos com a finalidade de assegurar o movimento contínuo da FT Bld.

f. A CONTRAMOBILIDADE é o conjunto dos trabalhos desenvolvidos a fim

de retardar, deter ou canalizar o movimento das forças inimigas, bem como cooperar na sua destruição.

g. A PROTEÇÃO é o conjunto de trabalhos desenvolvidos com a finalidade de anular ou reduzir as ações das intempéries ou do inimigo, proporcionando ao material e ao pessoal, abrigo, bem-estar e segurança.

3-11. EMPREGO DA ENGENHARIA

a. O Pel E Cmb é empregado, normalmente, em apoio direto à FT. Poderá ser empregado em reforço, quando a força-tarefa realiza ações descentralizadas ou quando um efetivo controle não puder ser exercido pela Cia E Cmb / Bda.

b. A pequena disponibilidade de meios de um Pel Eng Cmb determina que seu comandante o empregue, normalmente, centralizado, realizando os trabalhos de interesse da FT como um todo.

c. O emprego do Pel Eng Cmb com a FT deve ser feito segundo os princípios gerais de emprego da engenharia.

d. O Pel E Cmb pode realizar os seguintes trabalhos técnicos em proveito da FT:

(1) executar reconhecimentos especializados de engenharia;
(2) lançar pontes de pequenas brechas, desde que reforçado com equipamentos;
(3) lançar ou construir obstáculos, abrigos e outros trabalhos de organização do terreno que requeiram mão-de-obra e/ou equipamentos especializados;
(4) lançar e remover obstáculos, inclusive subaquáticos;
(5) realizar a abertura e o fechamento de passagens em obstáculos, inclusive campos de minas;
(6) desativar armadilhas e cargas explosivas preparadas pelo inimigo;
(7) balizar pistas e vaus;
(8) conservar e reparar estradas;
(9) classificar pontes, estradas e itinerários;
(10) melhorar vaus;
(11) lançar meios de transposição, desde que reforçado com material;
(12) produzir cortina de fumaça, desde que reforçado com material.

d. Para maiores detalhes consultar o manual de campanha que regula o emprego da Engenharia de Brigada.

3-12. EMPREGO DA VIATURA BLINDADA ESPECIAL - LANÇA PONTE

a. As VBE L Pnt são empregadas, prioritariamente, para a travessia de pequenas brechas pelas FT SU em primeiro escalão, durante o ataque. São, ainda, particularmente aptas para a travessia de cursos de água de pequeno porte, fossos anticarro, crateras, canais, pontes parcialmente destruídas e

outros obstáculos similares, que diminuem a impulsão do ataque. As FT Bld devem receber, normalmente em reforço, uma Turma de Pontes de Pequenas Brechas, do Grupo de Pontes de Pequenas Brechas (GPPB), do Pel Eqp Ass, da Cia Eng Cmb Bld/Mec. O GPPB é constituído por três Turmas de Pontes de Pequenas Brechas, cada uma conduzindo uma ponte (Fig 3-2).

b. As VBE L Pnt podem ser empregadas também:

(1) nas áreas de retaguarda, quando surgem necessidades ocasionais de meios para transposição de pequenos obstáculos. A ponte de pequena brecha pode ser empregada imediatamente nessas situações, em virtude de possuir maior mobilidade e velocidade de lançamento do que as pontes de equipagens do tipo biapoiada.

(2) nos movimentos retrógrados as pontes de pequena brecha podem ser usadas em substituição às pontes convencionais, que tenham sido destruídas ou removidas. A ponte de pequena brecha pode ser removida sem que os membros da guarnição da VBE L Pnt fiquem expostos a tiros de armas portáteis. Se o tempo permitir, durante os movimentos retrógrados, a preparação do local de lançamento facilitará a recuperação da ponte.

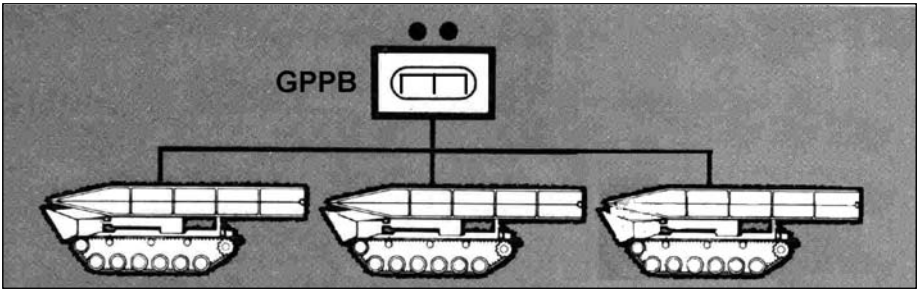

Fig 3-2. Grupo de Pontes de Pequenas Brechas

CAPÍTULO 4

RECONHECIMENTO E SEGURANÇA

ARTIGO I

RECONHECIMENTO

4-1. GENERALIDADES

a. Reconhecimento é a operação conduzida, em campanha, através do emprego de meios terrestres e aéreos, com o propósito de obter dados sobre o inimigo e a região de operações.

b. Dos dados obtidos são produzidos conhecimentos de inteligência de combate, indispensáveis ao planejamento e condução da manobra pelo comando interessado.

c. O reconhecimento e a segurança se completam e estão intimamente ligados. Uma missão de reconhecimento proporciona um certo grau de segurança. Por outro lado, uma força que executa uma missão de segurança provê, também, dados sobre o inimigo e a região de operações.

d. As missões de reconhecimento são atribuídas, em princípio, aos esquadrões e regimentos de cavalaria mecanizados, elementos especificamente organizados, equipados e instruídos para cumpri-las.

e. Para estudo detalhado dos fundamentos, características, tipos, planejamento, técnicas e conduta das operações de reconhecimento consultar os manuais de campanha que regulam o emprego da Bda C Mec, do R C Mec e do Esqd C Mec.

4-2. A FORÇA-TAREFA NO RECONHECIMENTO

a. Face à pouca adequação de seus meios para o cumprimento desse tipo de missão, somente em situações excepcionais serão atribuídas às FT ou às suas subunidades, responsabilidade na execução de operações dessa natureza, em proveito da GU.

b. Entretanto, toda unidade que cumpre missão de combate conduz um reconhecimento. Assim, todos os comandos subordinados devem estar orientados para a transmissão de dados sobre o inimigo e a região de operações, tão logo obtidos, mesmo que negativos.

c. A busca de dados deve ser orientada, particularmente, para os aspectos a seguir relacionados:

(1) localização de armas anticarro, minas e obstáculos naturais e artificiais;

(2) progressão da operação;

(3) vias de acesso, eixos de retraimento e de comunicações;

(4) mudanças na localização, composição, dispositivo e valor do inimigo;

(5) ataques inimigos, sua natureza e intensidade;

(6) provável direção e composição dos contra-ataques inimigos; e

(7) mudanças nos fogos das armas inimigas, incluindo densidade de fogos, direção, volume, precisão e tipos das granadas.

d. Os Pel Exp, orgânicos do Esqd / Cia C Ap, constituem-se nos elementos dotados de particular aptidão para proverem as necessidades de reconhecimento das FT.

ARTIGO II

SEGURANÇA

4-3. GENERALIDADES

a. Segurança compreende um conjunto de medidas tomadas pelo comando para proteger-se da surpresa, da espionagem, da sabotagem, da observação ou de qualquer forma de perturbação de suas atividades por parte do inimigo. A segurança tem por finalidade preservar o sigilo da operação e assegurar a liberdade de ação do chefe.

b. A segurança repousa nas informações, no dispositivo, no emprego de elementos e meios adequados, e nas medidas ativas e passivas adotadas contra a observação e os ataques de qualquer natureza.

c. Todos os escalões são responsáveis por sua própria segurança, mesmo que se beneficiem daquela proporcionada por outra força.

d. O comandante não deve desviar para o cumprimento de missões de

segurança um efetivo em pessoal e meios de tal ordem que, possa prejudicar o poder de combate a ser aplicado na ação principal.

e. A segurança é obtida mediante a adoção de medidas eficazes para detectar a ameaça, propiciando tempo e espaço necessários para que a tropa protegida possa manobrar a fim de evitar, neutralizar ou destruir essa ameaça.

f. A segurança repousa:

(1) nas informações que recebe do escalão superior e nos dados obtidos pelos seus próprios órgãos de reconhecimento;

(2) no emprego de forças de segurança;

(3) no dispositivo adotado;

(4) nas medidas contra a ação eventual da aviação e artilharia de longo alcance, contra os efeitos dos agentes QBN e contra os ataques blindados.

4-4. FUNDAMENTOS DA SEGURANÇA

Ainda que os fundamentos da segurança sejam perfeitamente atendidos, deve-se ter em mente que o mais importante na ação é fornecer dados precisos e oportunos sobre a ameaça inimiga e garantir um espaço de manobra à tropa em proveito da qual se opera. Na execução de uma missão de segurança, a FT deve observar os fundamentos da segurança:

- fornecer um alerta preciso e oportuno ao escalão superior;
- garantir espaço para a manobra;
- orientar a execução da missão em função da força em proveito da qual opera;
- executar um contínuo reconhecimento;
- manter contato com o inimigo;
- outros pormenores relativos aos fundamentos das operações de segurança constam dos manuais de campanha que regulam o emprego da Brigada de Cavalaria Mecanizada, do Regimento de Cavalaria Mecanizado e do Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

4-5. FRENTES NAS OPERAÇÕES DE SEGURANÇA

A extensão das frentes designadas à FT, em operações de segurança, depende de vários fatores, tais como:

- grau de segurança desejado;
- prazos impostos pela missão;
- possibilidades do inimigo;
- terreno (com ênfase nas vias de acesso do inimigo);
- condições meteorológicas;
- possibilidades da FT; e
- apoio de elementos aéreos.

4-6. GRAUS DE SEGURANÇA

a. Cobertura - Cobrir é a ação que proporciona segurança a determinada região ou força, com elementos distanciados ou destacados, orientados na direção do inimigo e que procuram interceptá-lo, engajá-lo, retardá-lo, desorganizá-lo ou iludi-lo antes que o mesmo possa atuar sobre a região ou força coberta.

b. Proteção - Proteger é a ação que proporciona segurança à determinada região ou força, pela atuação de elementos no flanco, frente ou retaguarda imediatos, de forma a impedir a observação terrestre, o fogo direto e o ataque de surpresa do inimigo sobre a região ou força protegida.

c. Vigilância - Vigiar é a ação que proporciona segurança a determinada força ou região, pelo estabelecimento de uma série de postos de observação, complementados por adequadas ações, que procuram detectar a presença do inimigo logo que ele entre no raio de ação ou no campo dos instrumentos do elemento que a executa.

4-7. FORÇAS DE SEGURANÇA

As missões de segurança são realizadas, basicamente, por forças de cobertura, de proteção e de vigilância. São incluídas também, entre as missões de segurança, tanto a que estabelece a ligação entre duas outras forças de maior valor, visando, principalmente, tamponar uma brecha, quanto aquela que realiza a segurança de área de retaguarda (Fig 4-1).

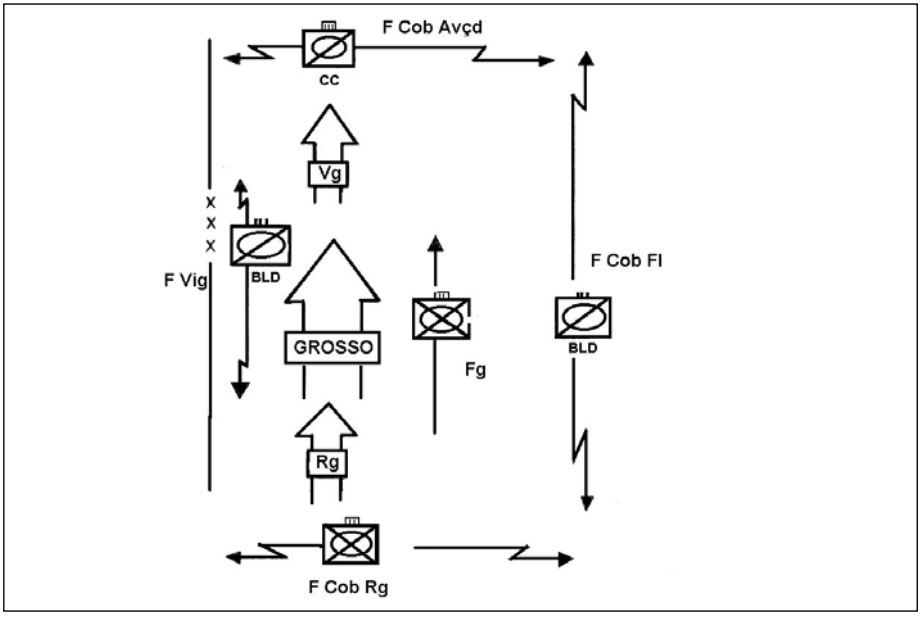

Fig 4-1. Forças de segurança

4-8. FORÇAS DE COBERTURA

a. A força de cobertura é uma força de segurança taticamente autônoma que opera à considerável distância, a frente, no flanco ou retaguarda de uma tropa amiga estacionada ou em movimento. É empregada quando a força em proveito da qual opera está engajada em operações ofensivas ou defensivas. A F Cob recebe, normalmente, missões de natureza ampla, que poderão incluir:

(1) esclarecimento da situação;
(2) desorganização e destruição da força inimiga;
(3) conquista de acidentes capitais do terreno;
(4) retardamento do inimigo.

b. As FT Bld somente cumprirão missões de F Cob em situações extraordinárias e muito específicas do combate. Elas não possuem a necessária autonomia táticas (grande dependência dos apoios ao combate) nem podem operar a grandes distâncias (por imposições logísticas), características fundamentais para uma F Cob. Em função do material de dotação a adestramento do BIB. As FT BIB somente deverão participar de uma F Cob de flanco ou avançada, se enquadradas numa GU Bld.

c. A FT, eventualmente operando como força de cobertura, deverá receber meios de Cmb (Inf, Cav) e de Ap Cmb (Art, Eng) em reforço ou integração, necessários ao cumprimento de missão, dotados de mobilidade compatível com a da força-tarefa.

d. A dosagem dos meios em reforço ou integração será função de criteriosa análise dos fatores da decisão e da zona de ação atribuída a força de cobertura.

e. A FT como F Cob engaja-se em qualquer ação, desde que necessária para o sucesso de sua missão. No entanto, não deve permitir que o engajamento seja decisivo de modo a possibilitar sua ultrapassagem ou envolvimento pelo inimigo.

f. Normalmente, no cumprimento da missão de F Cob, a FT se organiza em FT, valor SU, cuja constituição é função da zona de ação recebida, do Ini, dos meios disponíveis e da rede de estradas.

g. A FT, normalmente, progride com suas peças de manobra adotando dispositivo que assegure uma cobertura completa da Z Aç, de modo a evitar a ultrapassagem de elementos inimigos. Uma força, de valor adequado à operação e ao provável inimigo, deverá ser mantida em reserva, em local no dispositivo que possibilite seu rápido emprego pelo comandante da força-tarefa. A permissão do escalão superior para desbordar uma força inimiga é indispensável.

h. Cabe ao Cmt do Esc, que determina a operação, a indicação para a F Cob, da região ou tropa a ser coberta.

i. A missão de F Cob Avançada, agindo em proveito de uma força

engajada em operações ofensivas, é conduzida empregando-se técnicas semelhantes às das operações de reconhecimento de eixo ou zona. Quando o contato é estabelecido a F Cob Avançada procede de acordo com a natureza da missão recebida (Fig 4-2).

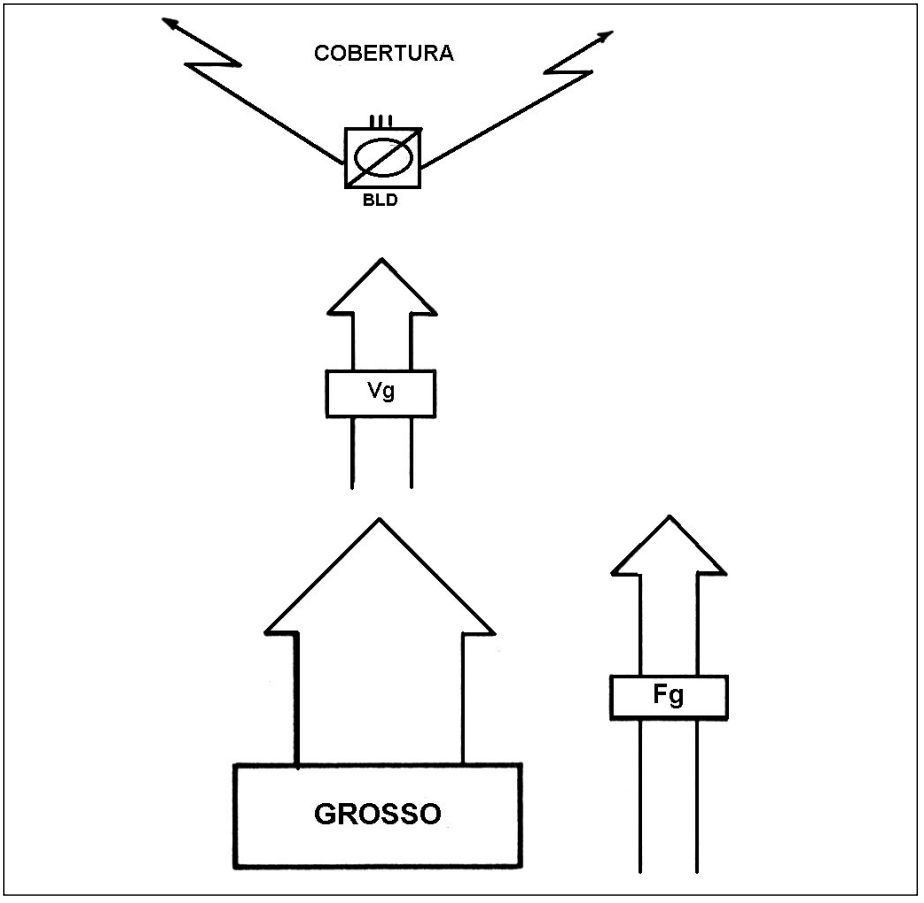

Fig 4-2. Força de cobertura avançada na ofensiva

j. Quando empregada em proveito de força que conduz uma operação defensiva, a F Cob atuará a uma distância, à frente do LAADA, normalmente, prescrita pelo comandante da força coberta. Quando fortemente pressionada a F Cob executa uma ação retardadora até seu acolhimento. Todo o esforço deve ser feito para iludir o inimigo quanto ao verdadeiro dispositivo da força coberta. Normalmente a força-tarefa deverá manter uma reserva forte em CC. Ações ofensivas limitadas serão desencadeadas sempre que surgirem oportunidades (Fig 4-3).

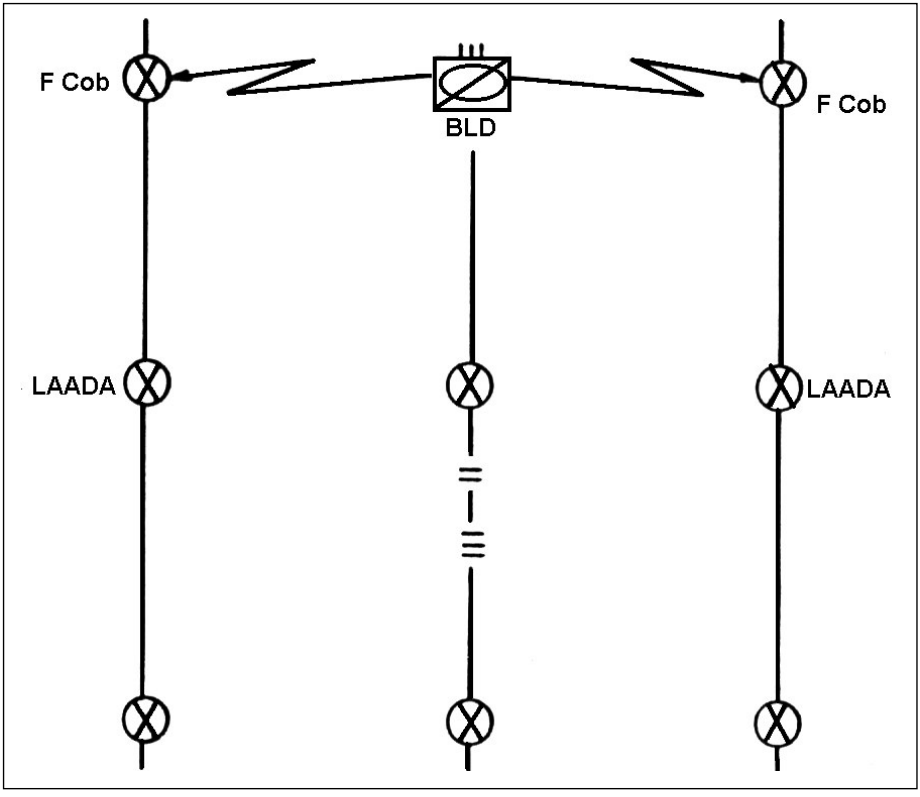

Fig 4-3. Força de cobertura na defensiva

l. Normalmente, quando designada como F Cob de Retaguarda, a força-tarefa operará em proveito de força que realiza um retraimento ou uma retirada. Nesta situação a FT poderá usar a própria linha anteriormente ocupada pela tropa coberta, ou uma linha próxima, para estabelecer a sua posição inicial. As técnicas empregadas são semelhantes àquelas empregadas na ação retardadora (Fig 4-4).

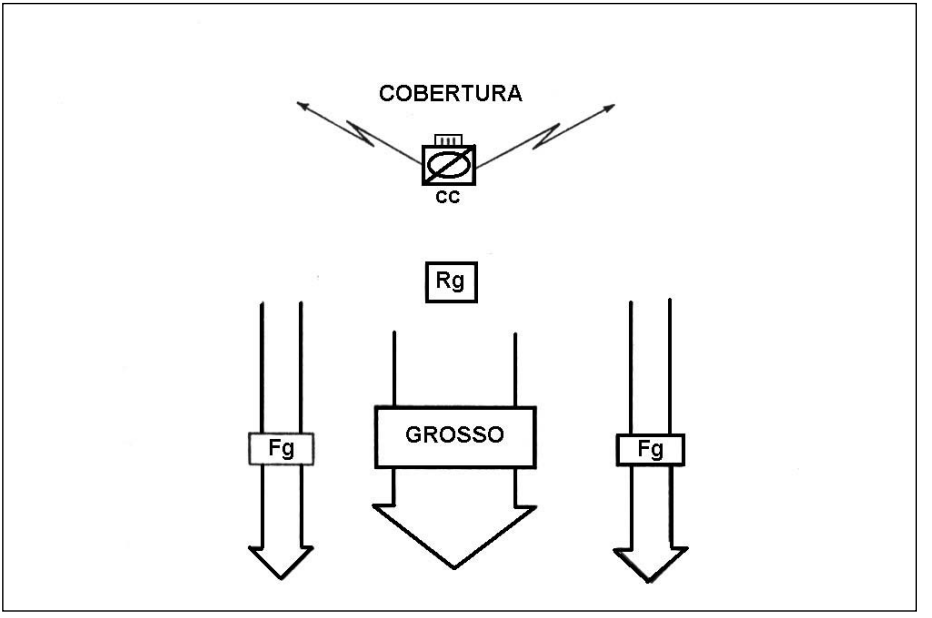

Fig 4-4. Força de cobertura de retaguarda

m. Quando empregada como F Cob de Flanco, a força-tarefa emprega técnicas semelhantes às de flancoguarda. Entretanto, a FT opera a uma grande distância da força coberta. Ela estará além da flancoguarda da força coberta e, normalmente, fora do alcance do apoio de fogo desta força (Fig 4-5).

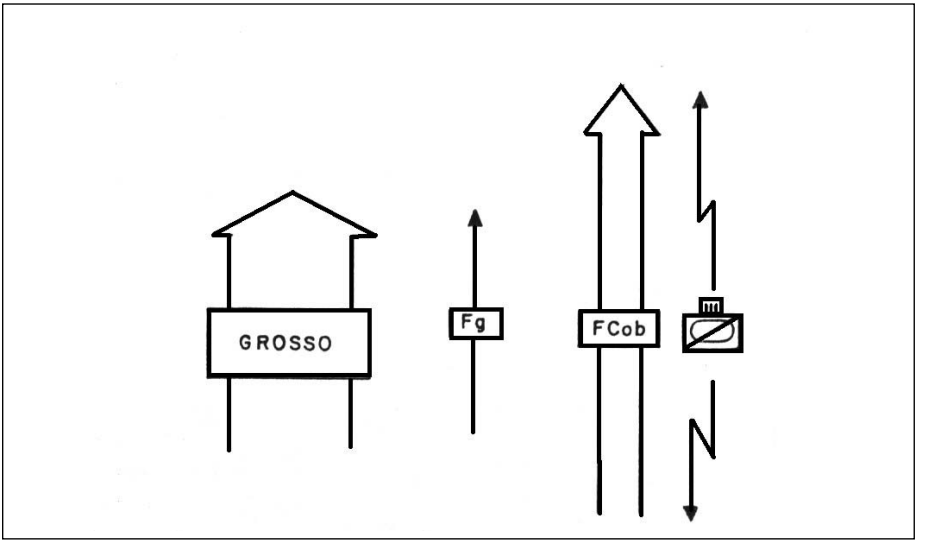

Fig 4-5 Força de cobertura de flanco

4-9. FORÇAS DE PROTEÇÃO

a. Generalidades

(1) A força de proteção é uma força de segurança que opera à frente, no flanco ou à retaguarda de uma força estacionada ou em movimento, a fim de protegê-la contra a observação terrestre, os fogos diretos e o ataque de surpresa do inimigo. Ela repele, destrói ou retarda, de acordo com suas possibilidades, os elementos inimigos que ameacem a força assegurada. A força de proteção opera dentro dos fogos de artilharia da força protegida.

(2) A força de proteção é constituída, normalmente, de elementos orgânicos da força protegida ou que a estejam reforçando. A FT emprega, quando necessário, forças de proteção em seu próprio benefício.

(3) De acordo com sua posição em relação à força principal, a força de proteção denomina-se vanguarda, flancoguarda ou retaguarda.

b. Vanguarda

(1) A vanguarda é uma força de proteção que opera à frente do grosso e atrás da força de cobertura, quando esta for empregada, para proporcionar o esclarecimento da situação o mais cedo possível, assegurar a progressão ininterrupta do grosso, protegê-lo contra surpresa, proteger o desdobramento do grosso quando esse tiver que entrar em ação e facilitar a progressão do grosso pela remoção de obstáculos, limpeza de itinerários e localização de itinerários alternativos (desbordamentos), de acordo com suas possibilidades.

(2) A vanguarda deve ser forte em CC, mas deverá, também, ser integrada por elementos de fuzileiros blindados (Fig 4-6).

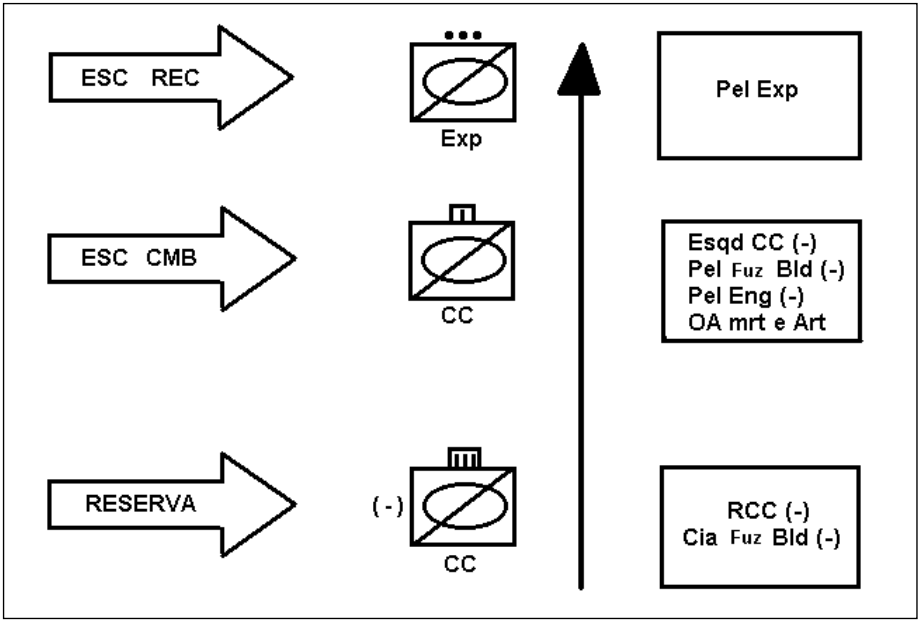

Fig 4-6. Formação de uma FT RCC como vanguarda

(3) A vanguarda progride e se desloca tão longe quanto a situação o permitir, dentro da distância de apoio da força que a destacou. Executa contínuos reconhecimentos para a frente e para os flancos e repele ou destrói pequenos grupos inimigos, antes que eles possam impedir o avanço da força protegida. Quando a vanguarda encontra forças inimigas mais poderosas ou áreas fortemente defendidas, prontamente toma uma ação agressiva para esclarecer a situação, empregando todos os meios disponíveis para determinar a localização, o valor e o dispositivo do inimigo. (Fig 4-7 e Fig 4-8)

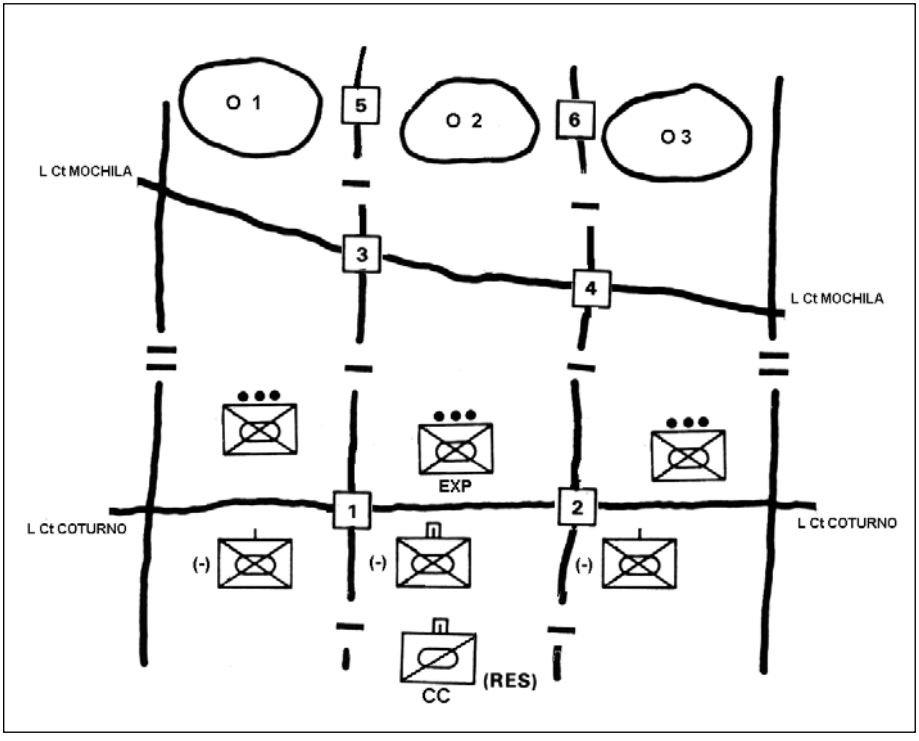

Fig 4-7. FT BIB como Vanguarda

(4) A vanguarda desloca-se o mais à frente possível do grosso, para assegurar que o comandante da força protegida tenha liberdade de ação no emprego das suas forças. Contudo, ela não deve estar tão afastada que corra o risco de ser destruída pelo ataque inimigo antes que o grosso possa lhe dar apoio. O comandante da força protegida, normalmente, especifica a que distância do grosso de sua força a vanguarda deve operar e estabelece linhas de controle para controlar o avanço da vanguarda. Estas distâncias são reduzidas à noite, em terreno movimentado, sob condições de visibilidade restrita e durante condições meteorológicas adversas.

(5) A vanguarda progride até que o contato seja estabelecido, em coluna de marcha num único eixo de progressão, com as SU deslocando-se por

eixos paralelos ou com as SU deslocando-se por zona (procedimento do Rec Zona). Poderá deslocar-se continuamente ou por lanços. A progressão por lanços é empregada quando o contato com o inimigo é iminente e o terreno favoreça esta técnica.

(6) Quando o contato for estabelecido, os seguintes procedimentos deverão ser observados.

(a) Desdobramento

1) Os CC devem deslocar-se imediatamente para posições de onde possam atirar, observar ou serem empregados contra o inimigo.

2) A ação imediata do comandante é informar o contato com o inimigo ao escalão imediatamente superior.

(b) Esclarecimento da situação - Consiste nas ações necessárias para determinação do valor, localização, composição e dispositivo do inimigo encontrado.

(c) Selecionar uma linha de ação - Depois de esclarecer a situação, o Cmt deve selecionar uma linha de ação que seja apropriada à situação e que assegure o cumprimento da missão recebida.

(d) Informação - O Cmt da FT, após haver decidido, informa ao escalão superior. Esta informação inclui:

1) situação completa do inimigo, resultado do esclarecimento da situação; e

2) linha de ação adotada.

(7) A força-tarefa, atuando como vanguarda, deverá estudar, atentamente, os fatores da decisão para determinar a exata formação a ser adotada. Os CC, em geral, lideram a progressão, de modo a empregar a máxima potência de fogo e proteção blindada. Os Elm de Fuz Bld são mantidos a uma distância de onde possam apoiar, prontamente, a ação dos CC.

(8) À noite, ou quando o contato com o inimigo é iminente, a velocidade de marcha deve ser ditada pela vanguarda, ao passo que em outras ocasiões, a vanguarda se ajusta à velocidade do grosso.

(9) O elemento testa da vanguarda é responsável por sua segurança à frente e nos flancos, devendo, para isso, observar em todas as direções, manter intervalos e distâncias adequadas, permanecer alerta e pronto para emprego, usar a técnica de reconhecimento pelo fogo, deslocar-se rapidamente e tomar medidas passivas de defesa aérea.

(10) A ordem para uma vanguarda deve incluir: itinerário ou eixo de progressão do grosso, velocidade de deslocamento do grosso, apoio de fogo disponível, frente a ser ocupada, apoio aéreo disponível, situação tática e ação em fim de missão.

(11) A vanguarda, em geral, ataca diretamente da coluna de marcha, para destruir as forças inimigas que tentem impedir sua progressão. O comandante da FT deve estar atento para realizar ataques de oportunidade, sempre que a situação o permitir.

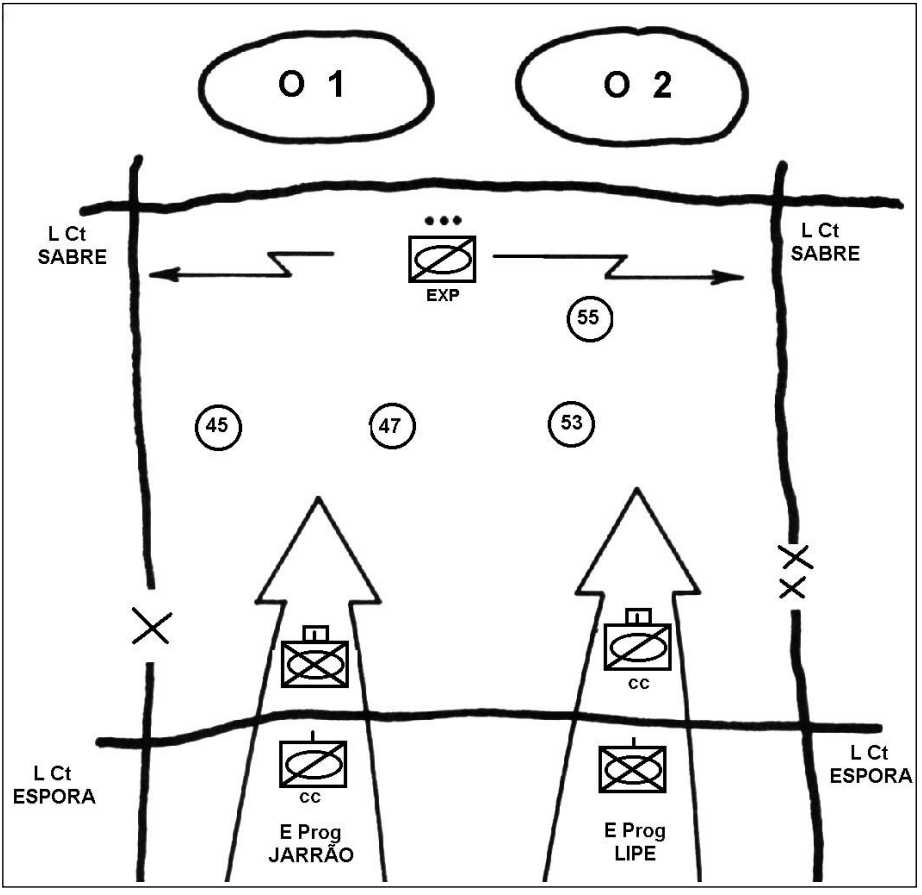

Fig 4-8. FT RCC como Vanguarda (deslocamento por eixos paralelos)

c. Flancoguarda

(1) A flancoguarda é uma força de segurança que opera no flanco de uma força estacionada ou em deslocamento, para protegê-la da observação terrestre, dos fogos diretos e de qualquer ataque de surpresa do inimigo. Ela destrói ou retarda o inimigo, de acordo com suas possibilidades. No cumprimento de sua missão, ela pode empregar tanto operações ofensivas como defensivas. Durante as operações ofensivas ou retrógradas, a flancoguarda é móvel, quando a força protegida está se deslocando. Quando a força protegida está conduzindo uma defesa em posição, a flancoguarda é normalmente fixa, mas deve estar preparada para conduzir uma ação de flancoguarda móvel, quando necessário.(Fig 4-9, Fig 4-10 e Fig 4-11).

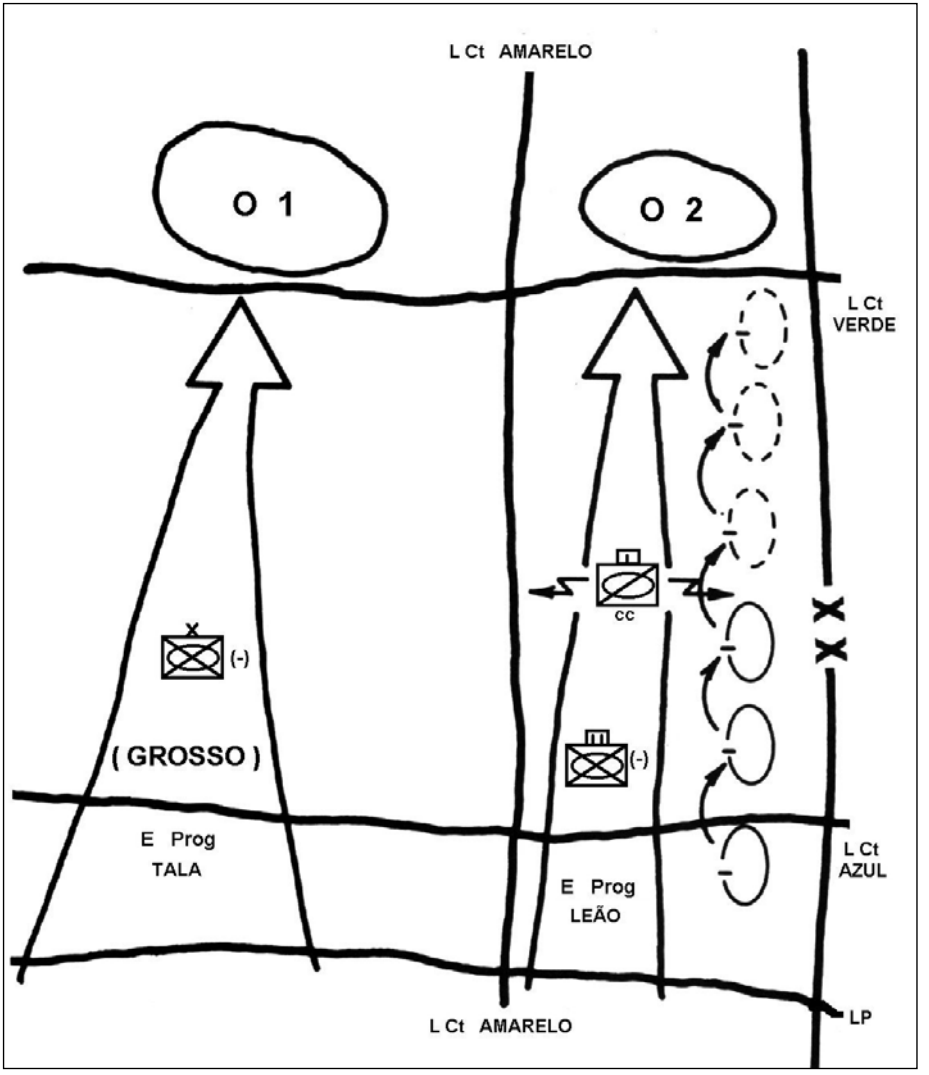

Fig 4-9. FT RCC na flancoguarda (deslocamento por lanços sucessivos)

(2) Em uma operação ofensiva, uma tropa poderá lançar flancoguarda fixa em determinadas regiões, particularmente quando a ameaça inimiga for de pouca monta ou quando o terreno oferecer possibilidades de atuação do inimigo.

(3) Do mesmo modo que a vanguarda, a flancoguarda deve ser forte em CC, mas deverá ser integrada, também, por elementos de fuzileiros blindados.

(4) A flancoguarda regula sua velocidade de progressão pela do grosso. Deve estar suficientemente afastada do grosso, de modo a assegurar a este o tempo e o espaço necessário à manobra, para fazer face a uma ameaça inimiga.

Esta distância não é fixa, e depende dos fatores da decisão (MITMT). Em princípio, quanto mais forte a flancoguarda, maior a distância do grosso em que ela poderá operar.

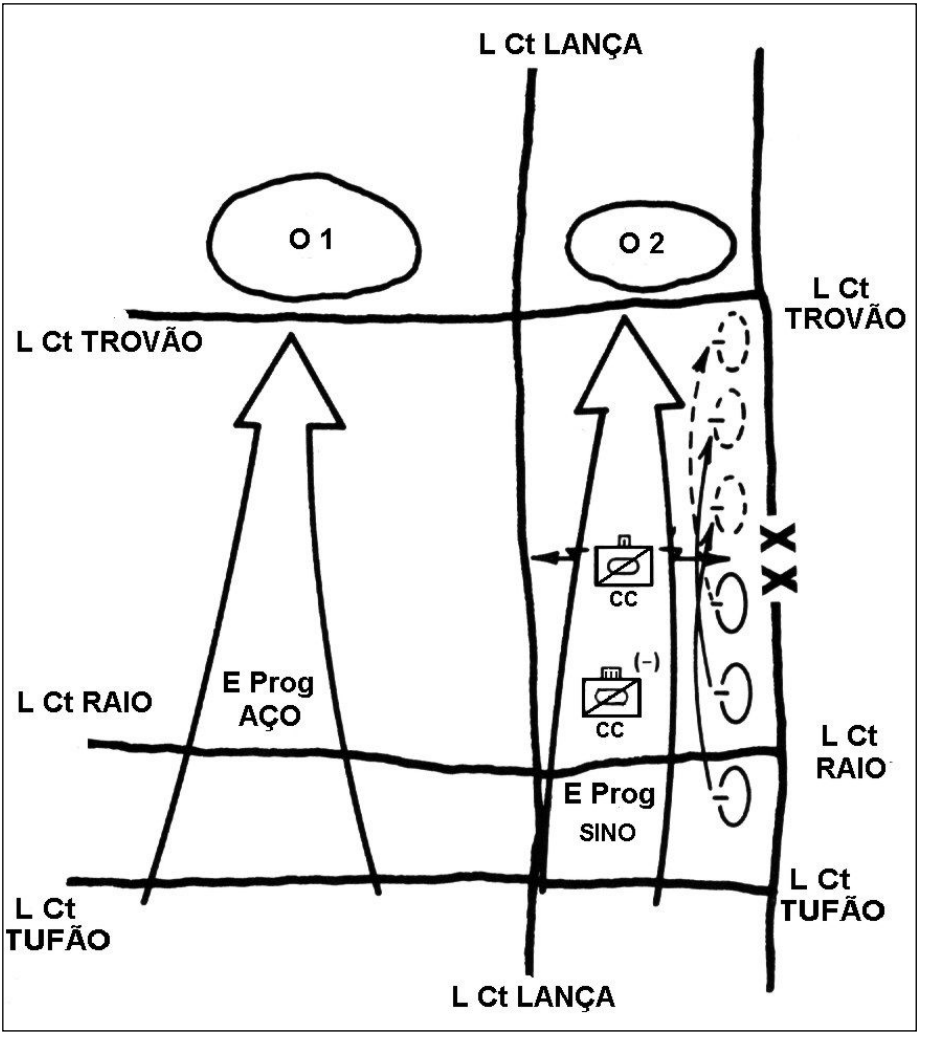

Fig 4-10. FT RCC na flancoguarda (deslocamento por lanços alternados)

(5) Se a área a proteger tornar-se tão extensa que não possa ser protegida adequadamente, o comandante da flancoguarda deve pedir permissão para vigiar parte da mesma ou ser liberado da responsabilidade de segurança entre a Fg e o grosso. Esta solicitação deverá ser feita em forma de proposta ao Cmt do grosso.

(6) A flancoguarda deve se deslocar em uma direção paralela à do grosso, em condições de ocupar posições que barrem as vias de acesso que incidam no flanco da tropa protegida.

(7) Os processos básicos de deslocamento de flancoguarda móvel são: movimento contínuo, lanços alternados e lanços sucessivos. O comandante escolherá o mais adequado, levando em consideração, particularmente, a velocidade do grosso, o terreno e as possibilidades do inimigo.

(8) A progressão por lanços alternados é usada quando a força protegida avança com pouca velocidade e há possibilidade de forte ameaça inimiga.

(9) A progressão por lanços sucessivos é usada quando a força protegida faz altos freqüentes e curtos e não há previsão de forte ameaça inimiga.

(10) A progressão em movimento contínuo é usada quando a força protegida avança sem paradas e a possibilidade de atuação do inimigo no flanco é remota.

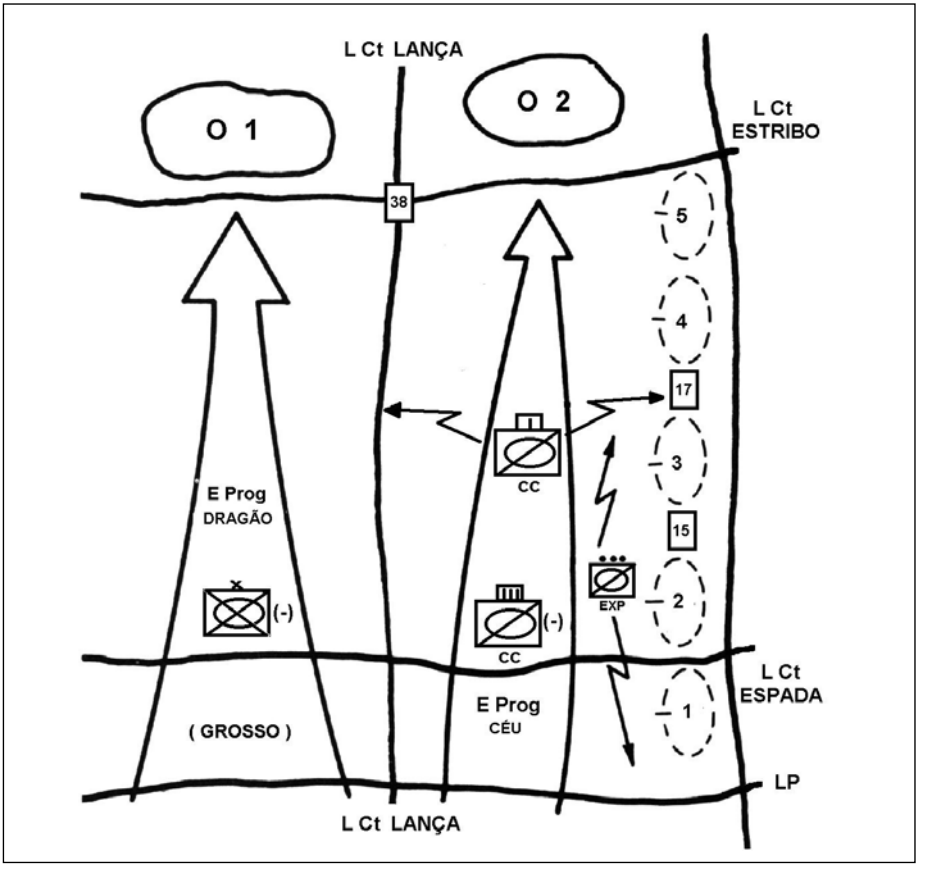

Fig 4-11. FT RCC na flancoguarda móvel

(11) Ao receber uma missão de Fg Móvel, o Cmt FT deve tomar as providências a seguir indicadas:

(a) estudar a situação na carta e selecionar as prováveis vias de acesso do inimigo.

(b) escolher posições de bloqueio que barrem aquelas vias de acesso.

(c) selecionar o itinerário de progressão, caso não tenha sido determinado pelo Esc Sp. A distância entre este itinerário e o do Grosso deve ser tal que esteja dentro da capacidade de reconhecimento de um Esqd; este itinerário deve ser interior às posições de bloqueio e permitir fácil acesso às mesmas.

(d) elaborar um esquema de manobra prevendo:

1) a ocupação das posições de bloqueio entre a retaguarda da unidade testa do grosso (Vg) e a retaguarda do último elemento da coluna de marcha;

2) a segurança da área entre o eixo de progressão do grosso e o itinerário de marcha da FT que realiza o flancoguarda. A frente deve ser compatível com a subunidade testa da FT que estará realizando um reconhecimento de zona.

(e) determinar pontos de ligação à frente e entre as posições de bloqueio.

(f) selecionar a formação a adotar.

(g) coordenar o emprego de elementos aéreos, se disponíveis.

(12) A subunidade testa da flancoguarda tem a tríplice missão de agir como vanguarda, realizar a segurança da área entre o grosso e o itinerário de progressão da força-tarefa e manter o contato com a retaguarda da unidade testa do grosso (Vg). Nesta situação poderá receber o Pel Exp em reforço.

d. Retaguarda

(1) A Retaguarda é uma força de segurança que opera à retaguarda de uma força principal, seja num movimento para a frente ou durante um movimento retrógrado (Fig 4-11 e Fig 4-12).

(2) Tal como a vanguarda e a flancoguarda, a retaguarda deve ser constituída forte em carros de combate e ser integrada por fuzileiros blindados, para desempenhar as funções que lhes são inerentes.

(3) Durante o movimento para a frente, a retaguarda neutraliza ou retarda as forças inimigas que atacarem a retaguarda do grosso, protege os trens e realiza a coleta dos extraviados. A retaguarda marcha a uma distância prescrita pelo Cmt do grosso (no máximo na distância do apoio de artilharia do grosso).

(4) A FT atuando como Rg desloca-se, em princípio, pelo mesmo eixo do grosso. O Cmt FT empregará suas SU como numa Aç Rtrd, atribuindo-lhes Z Aç e itinerários de retraimento, controlando o movimento por L Ct e P Ct.

(5) Durante um retraimento, a retaguarda assegura o desengajamento do grosso. Emprega tática de ação retardadora e retrai por lanços, baseando sua velocidade de deslocamento na do grosso ou deslocando-se de acordo com planos previamente estabelecidos. A retaguarda não deve permitir seu desbordamento pelo inimigo ou que este a force a cerrar sobre o grosso.

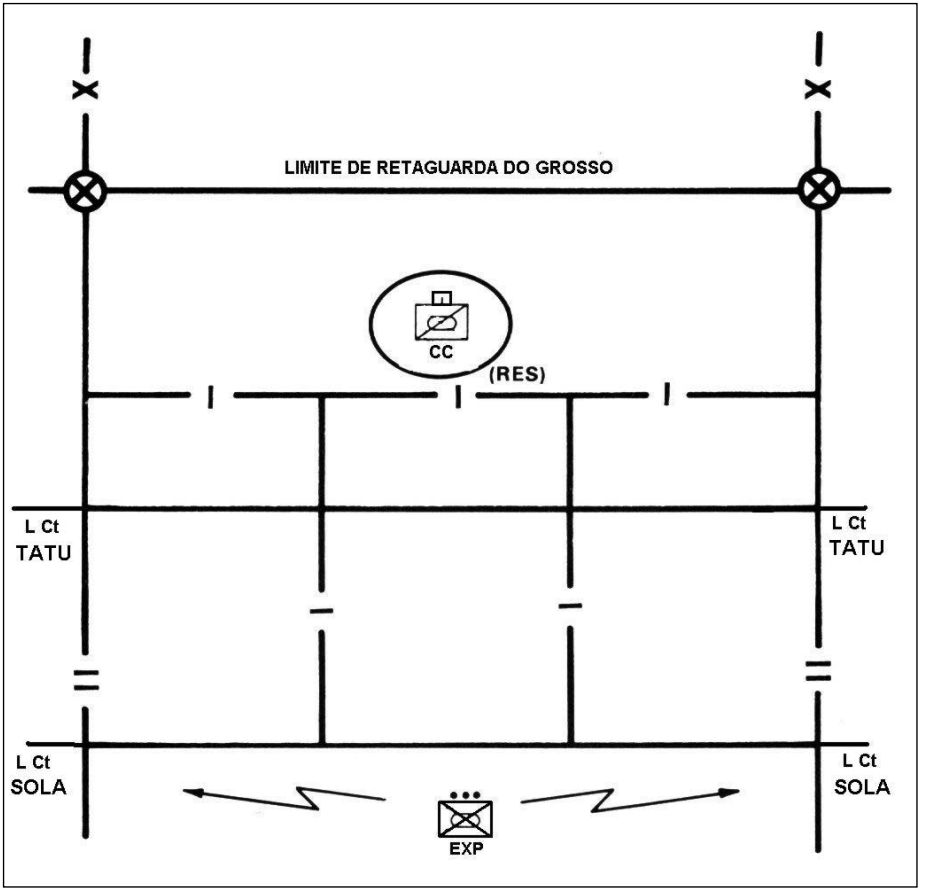

Fig 4-12. FT BIB durante uma ação de retaguarda (retardamento por setores)

(6) Quando contra-ataca, a retaguarda, normalmente, não conta com o auxílio do grosso, a não ser o apoio de fogo. Destrói todo o material que não puder ser evacuado. Se dispuser de elementos de engenharia, este serão empregados para executar destruições e instalar campos de minas e outros obstáculos, a fim de retardar ao máximo a progressão do inimigo.

(7) No planejamento de uma ação de retaguarda o Cmt FT deve:

(a) analisar o terreno, a fim de selecionar posições de retardamento;

(b) verificar os meios e adotar a organização para o combate adequada ao tipo de missão;

(c) designar os elementos que receberão missões de reconhecimento e segurança, particularmente nos flancos da formação;

(d) determinar as missões aos elementos de apoio, se houver;

(e) verificar os planos da força protegida e assegurar a ligação contínua com o Cmt dessa força;

(f) designar os elementos para o prévio reconhecimento das posições de retardamento;

(g) prever os deslocamentos e as localizações do PC e dos trens.

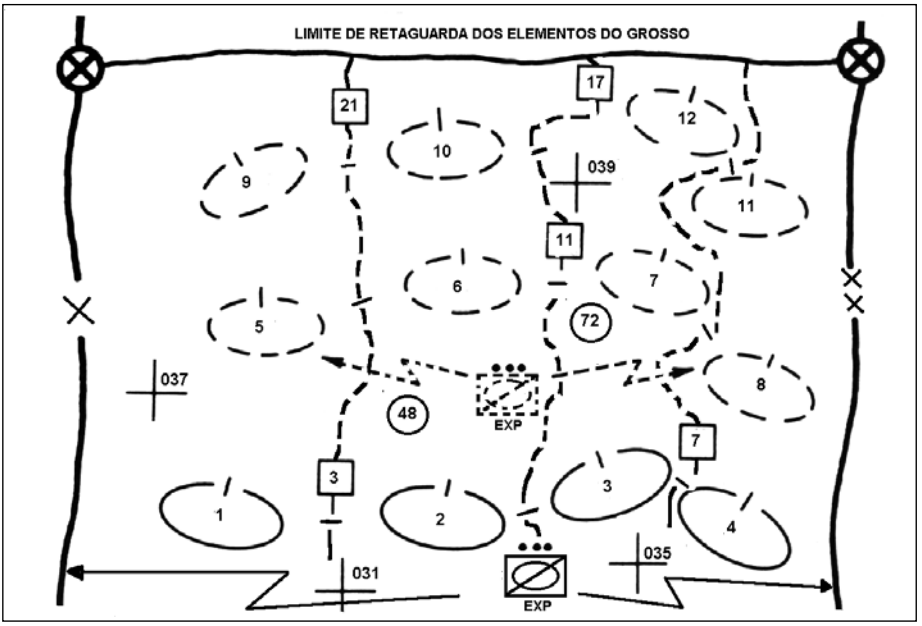

Fig 4-13. FT BIB durante uma ação de retaguarda(posições de bloqueio)

4-10. FORÇA DE VIGILÂNCIA

a. Uma força de vigilância proporciona um alerta, o mais cedo possível, pela observação sobre uma área estendida à frente, no flanco ou à retaguarda de uma força estacionada ou em movimento. As missões da força de vigilância têm por finalidade:

(1) proporcionar um alerta oportuno da aproximação do inimigo;

(2) obter e manter o contato visual com forças inimigas e informar sobre seu deslocamento;

(3) destruir ou repelir patrulhas inimigas;

(4) impedir o avanço das forças inimigas pelo emprego dos fogos de longo alcance, tanto os de apoio como os orgânicos.

b. Uma missão de vigilância é dada quando, por economia de meios, uma extensa área deve ser mantida sob observação e há poucos meios disponíveis para executar a missão. A missão se traduz no estabelecimento de uma "cortina de vigilância" (fixa ou móvel) que é executada pela instalação de uma série de postos de observação, que cobrem as vias de acesso do inimigo. Patrulhas a pé, motorizadas e aéreas reconhecem aquelas áreas que não podem ser observadas dos postos de observação.

c. O comandante da força que está sendo protegida designa o traçado geral da linha de vigilância, as unidades a serem protegidas e a responsabilidade pela área entre a força de vigilância e a(s) força(s) protegida(s).

d. Embora os R C Mec e Esqd C Mec de Bda, particularmente quando apoiados por aeronaves, sejam mais adequados para o cumprimento de uma missão de vigilância, as FT Bld, convenientemente reforçadas, são capazes de desempenhá-la.

e. No cumprimento de missão de vigilância, o comandante da FT atribui zonas de ação a suas peças de manobra. Considera a existência de vias de acesso favoráveis para o inimigo e reduz a frente do elemento responsável pela zona de ação onde haja maior incidência dessas vias. Quando disponíveis, deve ser planejado o emprego de aeronaves em apoio as ações terrestres, para ampliar as possibilidades de observação da força.

f. Uma vez estabelecido o contato visual com o inimigo, ele deve ser mantido. Os postos de observação informam com precisão e oportunidade e podem dirigir os fogos dos elementos de apoio para destruir as forças inimigas. Se for autorizado o retraimento, a força de vigilância desloca-se por lanços, mantendo o contato visual com o inimigo e continuando a ajustar os fogos de apoio. Sob determinadas circunstâncias, a força de vigilância pode permitir infiltrações de pequenas patrulhas inimigas, desde que necessário para que grandes forças inimigas possam ser observadas. Precauções devem ser tomadas para assegurar que os elementos que se infiltrarem não se reunam com outras forças infiltradas e, desta forma, ameacem a força de vigilância.

g. A força de vigilância combate para sua própria proteção e procura destruir ou repelir pequenas patrulhas inimigas, quando necessário ao prosseguimento do cumprimento de sua missão.

h. Quando o flanco de uma força em movimento deva ser vigiado, a missão é conduzida como uma operação de flancoguarda móvel, com as seguintes ressalvas:

(1) a FT, normalmente, não tem responsabilidade pela área entre ela e a força protegida, como acontece com a flancoguarda;

(2) a FT nem sempre estará dentro do alcance do apoio da força protegida;

(3) a força de vigilância ocupa postos de observação sucessivos, ao longo do flanco, em vez de posições de bloqueio.

4-11. CONTRA-RECONHECIMENTO

a. Generalidades

(1) O contra-reconhecimento (C Rec) é um conjunto de medidas, ações e técnicas, utilizadas pela F Seg nas missões de cobertura, proteção e vigilância, destinadas a impedir pelo combate, que elementos de reconhecimento do inimigo obtenham informações sobre as nossas forças ou desdobrem meios que possam interferir no combate. O C Rec poderá ser conduzido por

meio de ações ofensivas (C Rec Ofs) ou defensivas (C Rec Def).

(2) O C Rec Ofs procura deliberadamente o contato com elementos de reconhecimento do inimigo, destruindo-os ou neutralizando-os pelo combate à frente da linha de Pos Blq, de vigilância ou objetivos ocupados pela F Seg.

(3) O C Rec Def procura evitar que elementos de reconhecimento do inimigo penetrem em determinadas áreas ou regiões da Z Aç da unidade ou do Esc Sp. Pode ser conduzido à retaguarda de obstáculos naturais ou artificiais. Procura canalizar as faixas de infiltração do Rec Ini para áreas de engajamento onde serão destruídos ou neutralizados.

(4) Em princípio, não deverá ser criada uma força específica para a execução das medidas e ações de C Rec. Todos os elementos da F Seg devem estar comprometidos com o C Rec.

(5) Os elementos que conduzirão as medidas e ações de C Rec devem ser escalonados em profundidade para terem maior eficiência e eficácia contra o Rec Ini, aproveitando o terreno para a montagem de emboscadas e para a destruição do inimigo dentro de áreas de engajamento.

(6) O valor e a composição dos elementos que conduzirão o C Rec e a natureza do combate a ser realizado deverá ser previsto no planejamento da operação, em função do estudo dos fatores da decisão.

(7) O apoio da Av Ex e da F Ae aumenta a eficácia do combate de C Rec, seja pela possibilidade de localização antecipada dos Elm Rec Ini e suas faixas de infiltração ou pela destruição deste Ini pelo fogo das Anv.

(8) A utilização de equipamentos de visão noturna, individuais e veiculares, e de radares de vigilância terrestre aumentam muito a eficácia do contra-reconhecimento, tendo em vista que possivelmente o inimigo infiltrará os seus meios de reconhecimento à noite.

b. Planejamento e execução do contra-reconhecimento

(1) As ações e medidas básicas de C Rec devem constar das NGA da unidade. Durante o planejamento das operações de segurança poderá surgir a necessidade de emprego de outras medidas e ações de C Rec não previstas nas NGA da FT. Estas novas medidas deverão constar da O Op da FT, nas prescrições diversas ou nas ordens aos elementos subordinados. A complexidade de uma determinada operação ou a intensidade da atuação do reconhecimento inimigo poderão exigir a elaboração de um anexo de C Rec à O Op ou uma Ordem de Contra-reconhecimento.

(2) No contra-reconhecimento a FT emprega elementos de combate (Pel ou FT SU), reforçados ou não por elementos de apoio ao combate, para detectar e destruir o reconhecimento inimigo.

(3) A decisão de empregar ou não o C Rec obedece aos fatores da decisão, notadamente os meios, o tempo e o inimigo.

(4) O S2 é o responsável pelo planejamento inicial do C Rec, em consonância com o planejamento tático do S3 e de acordo com as NGA e as diretrizes do Cmt FT.

(5) Uma ordem de C Rec deverá seguir o modelo da O Op, com ênfase nos parágrafos primeiro e terceiro.

(6) O S2 prepara o parágrafo primeiro da ordem levantando, principal-

mente, a situação do inimigo, com as possibilidades do inimigo acompanhadas dos respectivos calcos. Nos calcos deverão constar, no mínimo, os supostos itinerários de infiltração, os locais de estabelecimento de P Obs, postos de escuta, radares e locais de interesse do Rec inimigo.

(7) Caso os elementos de C Rec sejam empregados bem à frente do dispositivo amigo e excedam o alcance dos equipamentos de comunicações, deverão ser instalados postos de retransmissão.

(8) Os Elm de C Rec poderão estar operando dentro do Ap F da força enquadrante ou poderão deslocar-se bem à frente sob o apoio de seu próprio apoio de fogo.

4-12. VIGILÂNCIA DE COMBATE

a. Generalidades - A vigilância de combate compreende a observação sistemática e contínua de áreas, eixos ou locais, tais como cruzamentos, pontes, aeroportos e outros tipos de instalações específicas. Os fatores que influenciam a vigilância são: as condições de visibilidade, o terreno, as coberturas naturais ou artificiais, as possibilidades de defesa aérea do inimigo e os tipos de equipamentos de vigilância. A vigilância é conduzida por todas as unidades de combate e constitui-se em meio para detecção e localização de unidades, instalações e atividades do Ini.

b. Tipos de vigilância de combate

(1) Visual - A vigilância visual é realizada pelas unidades terrestres e aéreas, particularmente no cumprimento das missões de reconhecimento. A transmissão das observações é feita rapidamente, por meio dos canais de informações ou de comando, dependendo das ordens estabelecidas pelo escalão superior.

(2) Eletrônica - É a vigilância realizada com a utilização de radares de vigilância terrestre e sensores orgânicos, equipamentos de visão noturna, equipamentos de rádio-escuta e outros. As observações feitas por meio dos sensores e radares instalados em aviões são transmitidas diretamente para a estação terrestre, permitindo a máxima rapidez no processamento e avaliação dos dados.

(3) Fotográfica - A cobertura fotográfica realizada pelas FT Bld no cumprimento das missões de vigilância é, normalmente, limitada ao emprego de equipamento manual. A cobertura fotográfica aérea é realizada pelas unidades da Força Aérea.

c. Missões de vigilância de combate - As FT das brigadas blindadas e o RCB das Bda C Mec podem receber as seguintes missões de vigilância de combate, enquanto conduzem outras operações:

(1) determinação, por meio da observação, de atividades de valor militar (mesmo realizadas por civis) ou ausência dessas atividades, em determinadas áreas;

(2) localização de alvos para serem atacados pela força aérea, fogos de artilharia, agentes químicos, etc;

(3) observação e controle dos fogos indiretos orgânicos e não orgânicos ou aéreos;

(4) avaliação de danos;

(5) localização e identificação de unidades inimigas, em movimento ou estacionadas, no interior da área de operações;

(6) observação de vias de acesso do inimigo e vias de transportes.

d. Planejamento e conduta

(1) As unidades de cavalaria mecanizada são as mais aptas para a execução de missão de vigilância, no entanto, as FT Bld podem cumpri-la.

(2) Durante o planejamento das operações de vigilância, os fatores da decisão determinam a organização e o dispositivo das forças. Devido ao fato da vigilância consistir, normalmente, na observação sistemática e contínua de amplas áreas, longos eixos ou locais específicos, a FT, normalmente, empregará suas subunidades como um todo, na execução de observação, enquanto retém uma pequena reserva em CC para auxiliar os elementos que possam ser atacados pelas forças inimigas.

(3) Postos de observação, de escuta e patrulhas são estabelecidos para proporcionar observação contínua e sistemática. Uma força de vigilância não é constituída para oferecer uma forte resistência ao inimigo. Contudo, ela deve ser capaz de proteger-se a si mesma.

(4) A vigilância executada pela FT é menos eficiente à noite. O encargo de patrulhas e postos de observação deve ser aumentado. Na vigilância noturna deve ser feito o emprego intensivo de meios eletrônicos postos à disposição da força-tarefa pelo Esc Sp.

(5) A unidade que realiza especificamente missão de vigilância de combate é responsável apenas pela sua própria segurança. Quando no desenrolar das operações for exigido o emprego de uma força de maior valor do que a necessária às ações de autoproteção, o comandante deve solicitar uma redução da frente anteriormente atribuída. O aumento progressivo das forças inimigas em contato pode obrigar a uma redução da zona de ação ou à execução de um retraimento.

(6) A tropa no desempenho da vigilância de combate deve prever a substituição periódica dos elementos nela engajados, variando frentes e missões.

(7) O aumento progressivo das forças inimigas em contato pode obrigar à uma redução de frente ou à execução de um retraimento.

(8) A vigilância de combate é uma missão eminentemente passiva. No entanto, a FT pode, algumas vezes, receber pequenos encargos, como, por exemplo, bloqueio de estradas, desde que não o obrigue ao emprego permanente de parte de seu efetivo.

(9) É normal o emprego da vigilância de combate realizada por elementos infiltrados, em posições atrás das linhas inimigas.

4-13. LIGAÇÃO

a. A ligação é a ação que visa a ocupar um espaço vazio entre duas forças amigas, ou seja, tamponar uma brecha. Essa missão pode ser cumprida, pelas FT Bld e U/SU Mec, tanto em operações ofensivas, como em operações

defensivas, particularmente pelos R C Mec. Excepcionalmente, as FT das brigadas blindadas e os RCB das Bda C Mec receberão uma missão de ligação.

b. A amplitude do intervalo entre as forças amigas, o terreno e as possibilidades do inimigo, condicionarão o dispositivo a adotar.

c. Em geral, cada FT recebe um eixo de progressão. Há necessidade de manter o contato físico com os elementos vizinhos e o planejamento da força de ligação deve estar perfeitamente coordenado com esses vizinhos. Entre as subunidades da FT, o contato poderá ser físico, visual ou pelo rádio.

d. Se houver possibilidade de se manter uma reserva, esta deverá ser forte em CC.

e. A progressão dos elementos de primeiro escalão é controlada pelo comandante da FT e é condicionada pela progressão das forças a serem ligadas.

f. Durante a progressão, todo o esforço deve ser feito para a destruição do inimigo encontrado. Caso isso não seja possível, o inimigo deve ser fixado até que se obtenha a permissão para desbordá-lo ou que se receba meios para sua destruição. Qualquer contato estabelecido com tropa inimiga deve ser imediatamente informado.

g. Na defesa, em geral, a missão de ligação será cumprida pela vigilância ou pelo retardamento na frente atribuída à FT.

CAPÍTULO 5

OPERAÇÕES OFENSIVAS

ARTIGO I

INTRODUÇÃO

5-1. GENERALIDADES

a. As operações ofensivas são essenciais para se obter resultados decisivos. Elas visam basicamente destruir o inimigo, conquistar o terreno, manter a iniciativa das operações, privar o inimigo de fontes de recursos, desviar a atenção do inimigo de outras áreas ou esclarecer determinada situação.

b. O espírito ofensivo inspira audácia, fortalece o espírito de corpo e motiva o combatente.

c. As FT Bld, por sua organização, equipamento e adestramento, são particularmente aptas para conduzirem ações ofensivas caracterizadas pela predominância do combate embarcado. Na execução do combate ofensivo a força-tarefa tem oportunidade de explorar ao máximo suas características de mobilidade, proteção blindada, potência de fogo, ação de choque e flexibilidade.

d. A ofensiva exige iniciativa na condução das operações. O comandante da FT mantém a iniciativa através de ações rápidas e agressivas, da exploração dos pontos fracos no dispositivo inimigo e de planos alternativos que permitam enfrentar, de imediato, as mais diversas situações.

e. Como as operações táticas ofensivas normalmente expõem o atacante, elas exigem superioridade de poder de combate no local selecionado para o ataque. Esse fato, e a necessidade de contar com forças disponíveis para aproveitar o êxito, implicam na necessidade de aceitar riscos em outras partes

não selecionadas da frente. O comandante deve obter superioridade relativa de combate esmagadora em seu ataque principal, a fim de destruir o inimigo no momento e local escolhidos.

f. Na parte selecionada da frente, o comandante deve evitar a parte mais forte do dispositivo inimigo, atraí-lo para fora de suas posições defensivas, isolá-lo de suas linhas de suprimento e forçá-lo a lutar numa direção não planejada e em terreno não preparado para a defesa. Agindo desta maneira, o inimigo ficará exposto e será surpreendido. Sempre que possível, deve-se procurar atuar sobre o flanco e a retaguarda do inimigo. Somente em situações excepcionais devem ser realizadas manobras frontais.

g. As operações táticas ofensivas são batalhas contínuas. Podem prolongar-se por semanas mantendo o inimigo sob pressão constante e deixando-lhe poucas opções. Por esse motivo, o comandante deve planejar sua operação como uma operação continuada, de longa duração, com pouco ou nenhum tempo para descanso. O repouso da tropa, principalmente dos elementos de comando e controle, deve ser previsto como parte importante do planejamento, bem como o emprego de tropas descansadas, a alternância ou combinação de diferentes formas de manobra ou tipos de operação, a substituição do escalão de ataque e o estabelecimento de esquemas de sono e rotação de funções. Estas medidas irão minorar os efeitos negativos da falta de sono no desempenho individual e coletivo.

5-2. FORMAS DE MANOBRA

a. Generalidades

(1) São cinco as formas de manobra tática ofensivas: a penetração, o ataque frontal, o desbordamento, o envolvimento e a infiltração. As formas de manobra são resultado de dois movimentos básicos: o movimento de flanco e o movimento frontal.

(2) Os movimentos de flanco são dirigidos no sentido de contornar o dispositivo inimigo e alcançar objetivos em sua retaguarda imediata ou em maiores profundidades. São executados, normalmente, para obrigar o inimigo a lutar em situação desfavorável. O desbordamento e o envolvimento são formas básicas de manobra utilizadas quando se executa um movimento de flanco. É o movimento normalmente realizado pelas FT Bld.

(3) O movimento frontal é orientado diretamente à frente, conhecida ou suspeita, da posição do inimigo. Geralmente, é executado quando a situação tática impede um movimento de flanco. As formas básicas de manobra utilizadas quando se executa um movimento frontal são: a penetração, o ataque frontal e a infiltração. Todos são movimentos frontais, a diferença entre eles está na finalidade e nas condições de execução destas formas de manobra. As forças-tarefas blindadas somente empregarão este movimento em último caso.

(4) A forma de manobra tática ofensiva " INFILTRAÇÃO ", normalmente não será realizada por uma FT Bld (como um todo). Esta forma de manobra é mais adequada para as Unidades de Infantaria Leve ou Motorizada. As SU Fuz Bld poderão realizá-la, de forma limitada, em determinadas situações do combate.

b. Desbordamento

(1) O desbordamento é uma forma de manobra realizada quando a força principal do atacante contorna, por um ou ambos os flancos, a principal força de resistência do inimigo, para conquistar objetivos situados em sua retaguarda imediata. Dependendo dos flancos a serem contornados, o desbordamento poderá ser simples ou duplo. Qualquer escalão poderá realizar um desbordamento. O desbordamento é a forma de manobra preferida para o emprego de forças-tarefas blindadas.

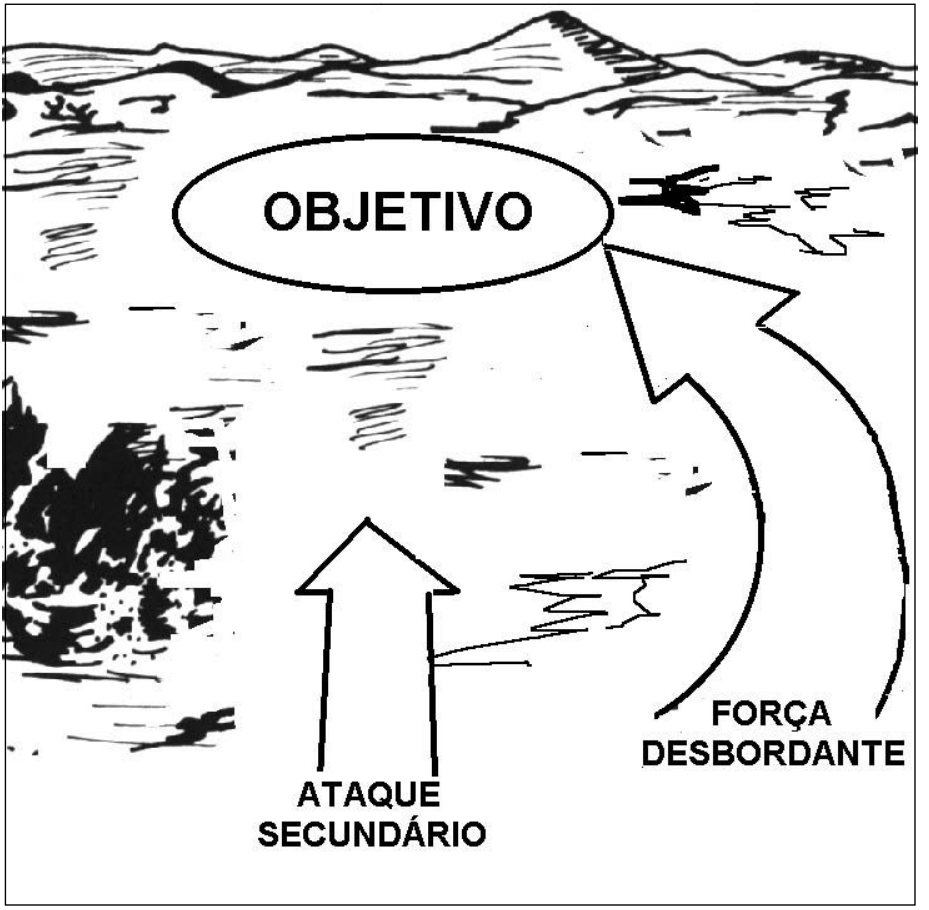

Fig 5-1. Manobra de desbordamento simples

(2) Destruir forças inimigas, particularmente a reserva inimiga, instalações de comando e controle, logísticas, de artilharia de campanha ou antiaérea, na região escolhida pelo atacante, são as principais finalidades do desbordamento. A principal vantagem do desbordamento é que ele obriga o inimigo a combater numa direção em que está menos preparado, onde possui menor efetivo e menor número de armas anticarro.

(3) São condições favoráveis porém não impositivas à adoção de uma manobra de desbordamento:

(a) existência de flanco vulnerável no dispositivo inimigo;

(b) possibilidade de obtenção da surpresa;

(c) disponibilidade de tempo para se efetuar o planejamento do ataque.

(4) O desbordamento poderá, ou não, ser apoiado por uma ou mais ações secundárias que fixem o inimigo em parte da frente. A força desbordante atua no flanco ou retaguarda do dispositivo adversário, dirigindo seu ataque a um objetivo situado na retaguarda imediata das principais forças inimigas.

(5) Quando o desbordamento é conduzido pela brigada, a FT pode constituir a força de fixação ou a força que desborda. Quando o desbordamento é conduzido pela FT, uma ou mais FT SU atacam o inimigo para fixá-lo frontalmente enquanto o restante da FT manobra para atacá-lo no flanco ou retaguarda. A força que ataca para fixar o inimigo deve ter suficiente poder de combate para mantê-lo decisivamente engajado, enquanto o desbordamento é realizado.

(6) O desbordamento deverá, sempre que possível ser realizado embarcado. Poderá, entretanto, ser realizado desembarcado, dependendo do terreno e do estudo de situação realizado pela FT.

(7) Para as FT Bld, o desbordamento é a forma de manobra que maiores vantagens proporciona ao atacante, uma vez que:

(a) oferece melhores condições para obtenção da surpresa;

(b) ataca ponto mais fraco do inimigo;

(c) diminui o número de baixas do atacante;

(d) proporciona resultados decisivos (destruição do inimigo);

(e) dificulta ao inimigo reagir frontalmente;

(f) obriga o inimigo a combater em mais de uma direção;

(g) impede o inimigo de retrair e apresentar nova defesa;

(h) possibilita o cumprimento da missão em menor tempo.

c. Envolvimento

(1) No envolvimento, a força envolvente, realizando ou não a ação principal e operando independentemente da força encarregada de realizar a ação de fixação, contorna, por terra ou pelo ar, a posição inimiga para conquistar objetivos profundos em sua retaguarda. Isto forçará o inimigo a abandonar sua posição ou deslocar forças poderosas para fazer face à ameaça criada, aceitando o combate em região escolhida pelo atacante.

(2) O envolvimento, devido a sua finalidade, ao poder de combate empregado, ao grau de descentralização e à amplitude do movimento, é uma forma de manobra normalmente realizada por escalões iguais ou superiores ao divisionário.

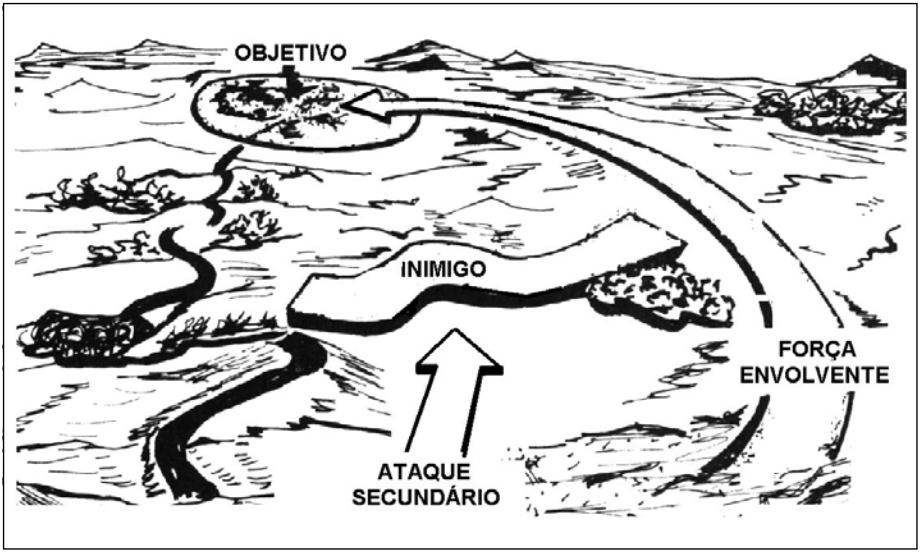

Fig 5-2. Manobra de envolvimento simples

d. Penetração

(1) Na penetração, a FT Bld atacante passa através da posição defensiva do inimigo. A finalidade da manobra é romper o dispositivo do adversário, dividi-lo e derrotá-lo por partes. Uma penetração, para ser bem sucedida, exige a concentração de forças superiores no local selecionado para romper a defesa do inimigo.

(2) A forma de manobra " PENETRAÇÃO " só deverá ser empregada por FT Bld quando não for possível a realização de desbordamentos ou envolvimentos.

(3) A penetração é indicada quando os flancos do inimigo são inacessíveis, quando ele está desdobrado em larga frente, quando o terreno e a observação forem favoráveis e quando se dispõe de forte apoio de fogo.

(4) Se houver uma flagrante superioridade no poder de combate do atacante, uma múltipla penetração poderá ser realizada. Em tal caso, as forças atacantes podem convergir para um objetivo único e profundo ou conquistar objetivos independentes. Quando for impraticável prosseguir com mais de uma penetração, a que apresentar maior possibilidade de sucesso deve ser explorada.

(5) Depois do rompimento da posição avançada inimiga, forças são empregadas para alargar a brecha, destruir as guarnições da defesa e aproveitar o êxito por meio da conquista de objetivos vitais na retaguarda inimiga.

(6) O grupamento de forças empregado numa manobra de penetração será, normalmente, constituído de:

(a) um ataque principal orientado para o objetivo decisivo na posição defensiva inimiga;

(b) um ou mais ataques secundários capazes de facilitar as ações do ataque principal e de propiciar maior flexibilidade às forças atacantes;

(c) uma reserva constituída por forças capazes de manterem a impulsão do ataque, repelirem contra-ataques, alargarem a brecha e de serem empregadas para explorarem o êxito da operação;

(d) uma base de fogos capaz de apoiar as ações das forças que manobram e neutralizar os fogos da defesa inimiga.

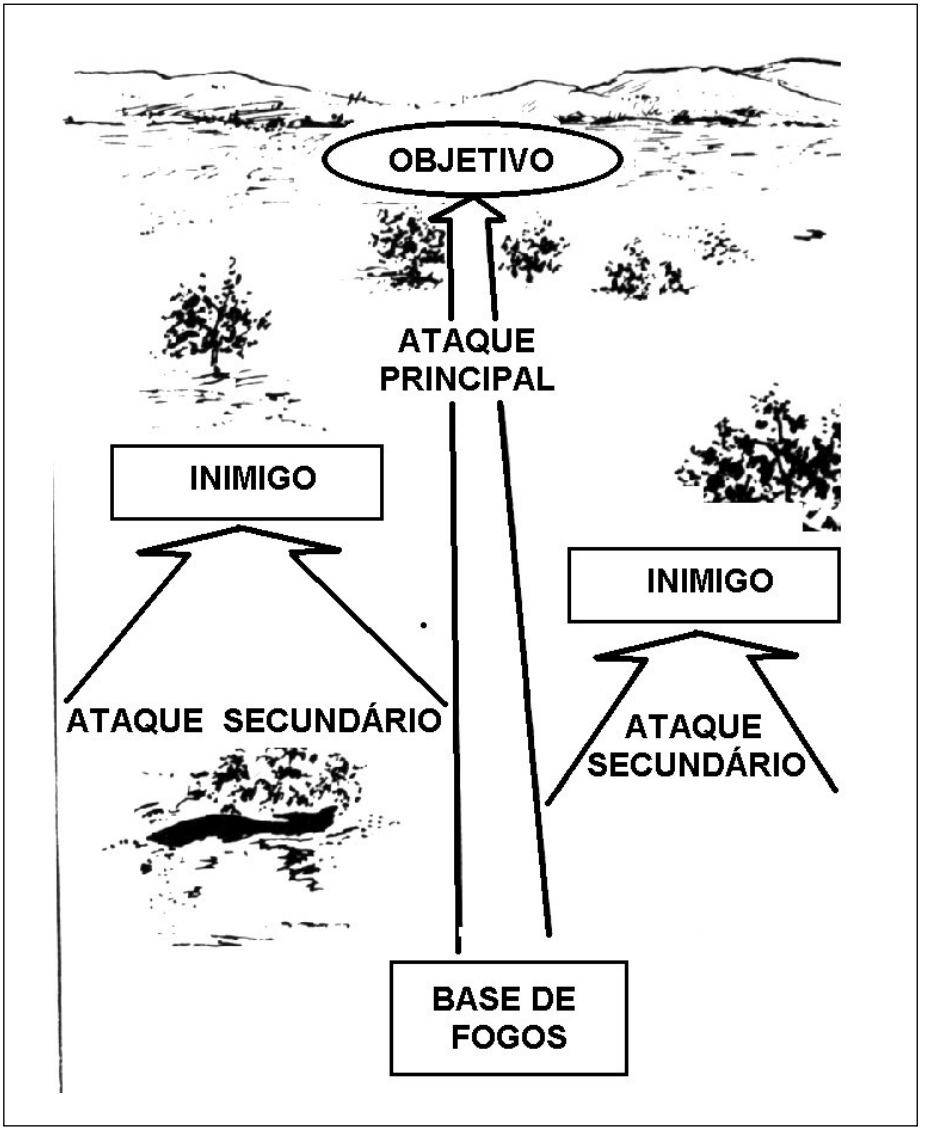

Fig 5-3. Manobra de penetração

(7) Numa penetração a FT concentra o seu poder de combate para romper a defesa inimiga numa parte selecionada da frente. A brecha criada deve ser ampliada, a fim de permitir a passagem da FT, a destruição o inimigo em posição e a conquista de objetivos em profundidade.

(8) O sucesso da penetração dependerá da capacidade da FT obter a surpresa, neutralizar as armas anticarro do inimigo, concentrar forças no ponto de ataque e rapidamente passar força suficiente pela brecha. A rapidez do ataque poderá evitar que o inimigo tenha condições de deslocar sua reserva e bloquear o atacante.

(9) No planejamento de uma penetração, a FT deve considerar a realização da operação em três fases:

(a) isolamento da área selecionada para a penetração. Posicionando forças num dispositivo de segurança em torno da força atacante, à frente da posição inimiga, de modo a permitir a realização da penetração sem interferência de outras forças inimigas, com o planejamento de fogos para bloquear reservas inimigas que possam interferir na operação e com o planejamento de contra-ataques para desaferrar a força atacante, caso seja necessário.

(b) penetração inicial da posição inimiga. Normalmente uma FT SU é empregada para a abertura de uma brecha na posição defensiva. Esta FT SU amplia e mantém a brecha aberta. A penetração inicial é apoiada por todos os elementos da FT;

(c) exploração da penetração inicial. As demais SU da FT passam pela brecha a fim de completar a destruição da posição inimiga ou deslocarem-se para seus objetivos em profundidade. Estes objetivos devem ser suficientemente profundos para permitir o desbordamento do restante da posição e bater pelo fogo a reserva inimiga, bloqueando seus itinerários de contra ataque.

(8) Uma penetração bem sucedida cria, normalmente, condições que permitem ao escalão superior efetuar o aproveitamento do êxito, lançando uma força profundamente na retaguarda do inimigo.

e. Ataque frontal

(1) No ataque frontal, o inimigo é pressionado igualmente ao longo de toda a frente, deixando, por conseguinte, de haver a caracterização de ataques principal e secundário. É empregado para destruir ou capturar forças inimigas reconhecidamente fracas ou para fixá-las em suas posições, mediante uma pressão contínua, a fim de evitar seu desengajamento. Sua profundidade é reduzida, devendo a força atacante possuir superioridade de meios.

(2) São condições para a execução do ataque frontal: a existência de inimigo reconhecidamente fraco, não possuindo forças concentradas à retaguarda e a determinação da conquista de objetivos pouco profundos e possuidores de mesma importância.

(3) Num ataque frontal, como numa penetração, as características e possibilidades das FT Bld não são adequadamente exploradas. Esta forma de manobra só deverá ser adotada pelas FT Bld quando não for possível a realização de desbordamentos ou envolvimentos.

f. Missões das FT Bld num ataque conduzido pelo escalão superior - A FT pode participar da execução de qualquer das formas de manobra ofensivas.

Entretanto, suas missões normais, num ataque conduzido pelo escalão superior, são:

(1) liderar um ataque de penetração, quando a posição inimiga é pouco profunda e há grande possibilidade de se passar de imediato a um aproveitamento do êxito;

(2) executar a ação principal em um desbordamento, explorando um flanco vulnerável da posição defensiva inimiga;

(3) liderar o isolamento de uma posição defensiva inimiga.

(4) constituir-se em reserva móvel e potente do escalão superior para ser empregada no aproveitamento do êxito, após atingida a penetração ou mesmo antes.

g. Formas de manobras mais adequadas ao emprego de FT Bld - As formas de manobra mais adequadas ao emprego das FT no ataque são o desbordamento e o envolvimento, por permitirem explorar ao máximo as características de tropa blindada, a obtenção resultados mais decisivos e reduzirem as perdas em viaturas e vidas humanas.

5-3. TIPOS DE OPERAÇÕES OFENSIVAS

a. São cinco os tipos de operações ofensivas: marcha para o combate, reconhecimento em força, ataque, aproveitamento do êxito e perseguição.

b. A FT poderá conduzir ou participar de qualquer tipo de operação ofensiva. Entretanto, o reconhecimento em força, o aproveitamento do êxito, a perseguição e o ataque de oportunidade são os que proporcionam melhores condições para utilização plena de suas características

5-4. FORMAÇÕES DE COMBATE

a. Considerações iniciais

(1) Na ofensiva, em terreno aberto, em princípio, a formação básica das FT Bld deverá ser a formação em losango ou diamante, pois é a que oferece maior potência de fogo em todas as direções, maior segurança e maior facilidade para o comando e controle. Em determinadas situações, outras formações poderão ser empregadas, como as formações em coluna, particularmente em terreno restrito, a formação em linha e variações dessas formações básicas.

(2) A formação de combate não é rígida. Freqüentemente, o inimigo ou o terreno irão impor modificações nas formações adotadas inicialmente.

(3) A natureza do terreno e a existência ou não de abrigos e cobertas influirão na posição de cada elemento dentro da formação. Em princípio, por segurança, **a distância entre duas viaturas blindadas deverá ser em torno de 100 m.**

b. Formação em losango ou diamante

(1) No combate moderno e não-linear, em princípio, a FT Bld adotará a formação em losango, como formação padrão para o deslocamento em terreno

aberto. Normalmente, as FTSU adotarão a mesma formação da FT.

(2) A formação em losango possibilita o bom controle da unidade, dá profundidade ao dispositivo, possibilita boa proteção à frente, nos flancos e na retaguarda e permite à FT desdobrar-se rapidamente para fazer face às ameaças vindas de qualquer direção.

(3) Nesta formação, as FTSU que estão à retaguarda e nos flancos podem ultrapassar ou contornar a da frente, quando necessário, permitindo ao comando: flexibilidade, manutenção da iniciativa e da impulsão do ataque e melhores condições de segurança nos flancos e retaguarda.

(4) As considerações que favorecem a adoção da formação em losango são:

(a) combate não-linear;
(b) situação tática podendo evoluir rapidamente;
(c) boa visibilidade;
(d) terreno aberto, possibilitando bastante espaço para a manobra da FT;
(e) poucas informações sobre a situação inimiga.

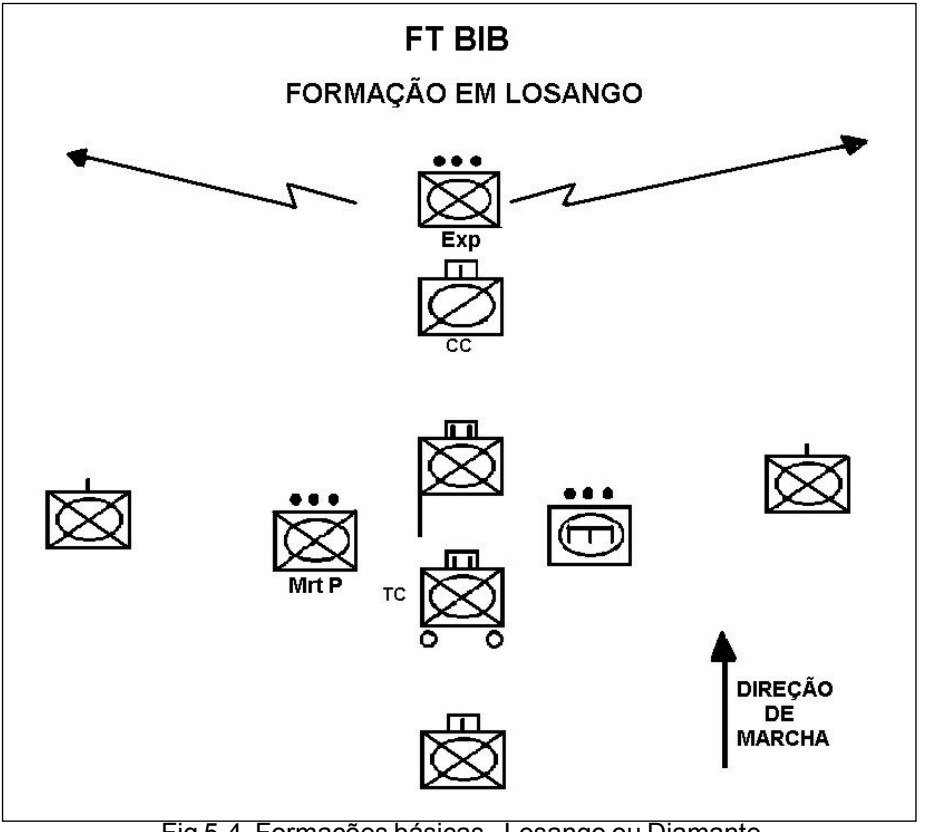

Fig 5-4. Formações básicas - Losango ou Diamante

c. Formação em coluna

(1) A formação em coluna será adotada em situações especiais, particularmente quando a FT progredir em terreno restrito. A FT estará em coluna quando, na esteira da subunidade testa, progredirem, de forma sucessiva, as demais peças de manobra, independente da formação por elas adotadas. Quando o comandante da FT não especificar a formação para as SU, seus Cmt poderão selecionar aquela que julgarem mais adequada.

(2) A formação em coluna possibilita o máximo controle da unidade, dá profundidade ao dispositivo e permite à FT desdobrar-se rapidamente para fazer face às ameaças de flanco.

(3) Nesta formação, os elementos que estão à retaguarda podem ultrapassar ou contornar os da frente, quando necessário, permitindo ao comando boa flexibilidade, manutenção da iniciativa e da impulsão do ataque e melhores condições de segurança de flanco.

(4) As considerações que favorecem a adoção da formação em coluna são:

(a) visibilidade reduzida;

(b) espaço restrito para manobra;

(5) O comandante optará pela formação em coluna, particularmente, quando forçado pelo terreno e pela situação do inimigo.

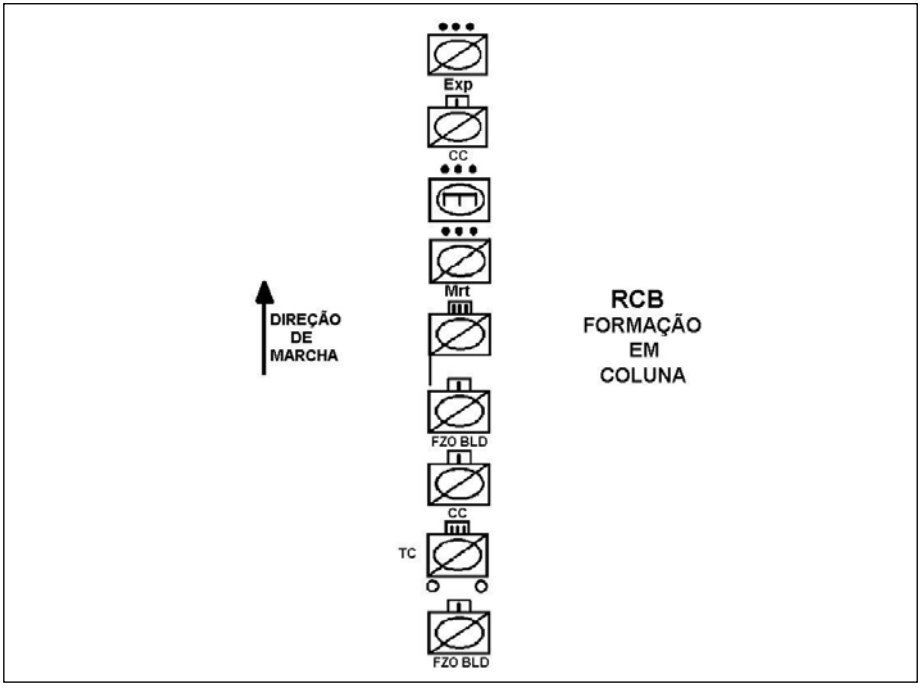

Fig 5-5. Formações básicas - Coluna

c. Formação em linha

(1) A FT estará em linha quando duas ou mais SU estiverem justapostas, em primeiro escalão, independente das formações adotadas pelas SU. Quando o Cmt da FT não determinar a formação das peças de manobra, esta será estabelecida pelos comandantes de subunidade.

(2) A formação em linha proporciona o emprego do máximo poder de combate à frente e maior rapidez nas ações. Deve ser empregada em ataques coordenados ou quando for necessário um rápido esclarecimento da situação.

(3) Na formação em linha, o controle e a coordenação, são mais difíceis do que na formação em coluna.

(4) As considerações que favorecem a adoção da formação em linha são:

(a) espaço adequado para a manobra;

(b) necessidade de maior poder de combate à frente;

(c) necessidade de avanço rápido sobre uma frente ampla; e

(d) necessidade de esclarecimento rápido da situação.

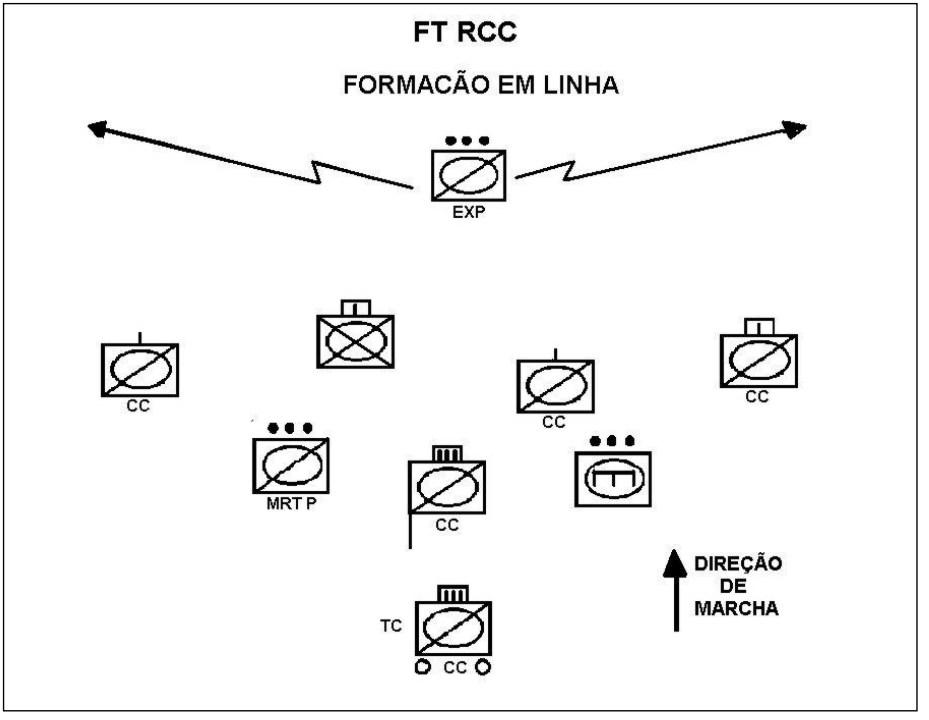

Fig 5-6. Formações básicas - Linha

d. Formação dos elementos subordinados

(1) As SU e os pelotões, em princípio, deslocam-se na formação em losango. Em determinadas situações poderão adotar as formações em linha, em coluna ou variações destas formações básicas.

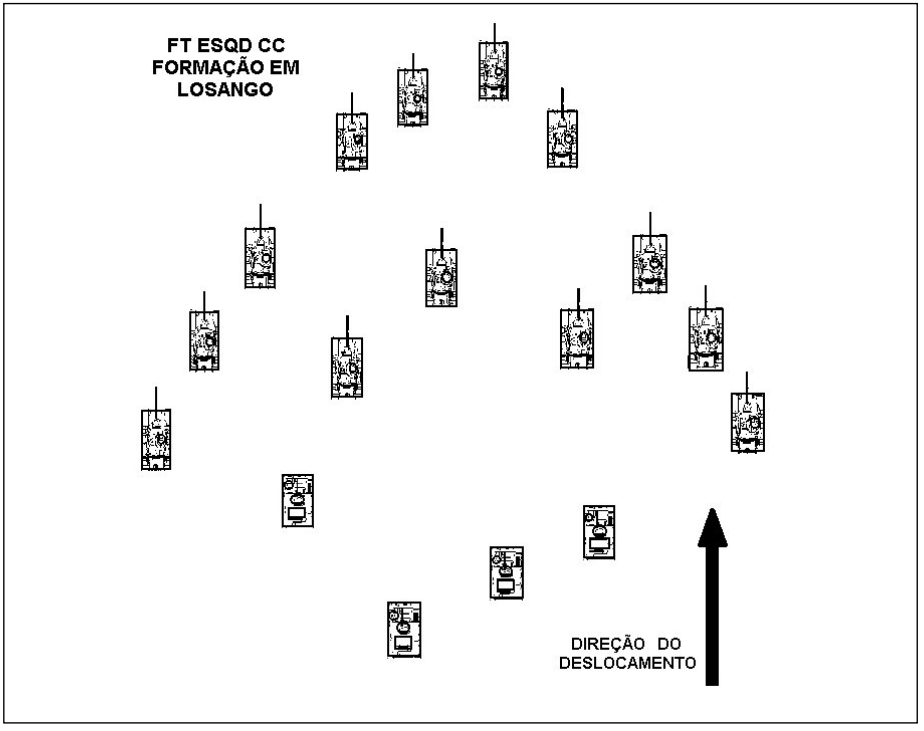

Fig 5-7. Formações básicas - FT Esqd CC em Losango ou Diamante

(2) Os Pel CC deslocam-se, em princípio, adotando a técnica de movimento tipo " esquadrilha ". Nesta técnica, as seções constituem-se em elementos de progressão, cada um integrado por um líder (CC do Cmt Pel ou do Adjunto) e um ala (CC número 2 e 4 das Sec CC). O Cmt Pel CC orienta o deslocamento do motorista de seu CC, os CC número 2 (1ª Seção) e do Adjunto orientam-se pelo deslocamento do CC do Cmt Pel CC e a VBC-CC número 4, desloca-se, orientando-se pelo CC do Adjunto. Esta técnica de movimento facilita o comando e controle do pelotão de carros de combate e permite menor tempo de reação face às ações do inimigo.

(3) As FTSU não necessitam adotar, obrigatoriamente, a mesma formação empregada pela FT. Assim, a FT pode estar se deslocando em coluna e ter suas subunidades em linha ou vice-versa.

(4) Quando o comandante da SU não especificar a formação para um pelotão, o comandante deste escolhe a que julgar mais apropriada.

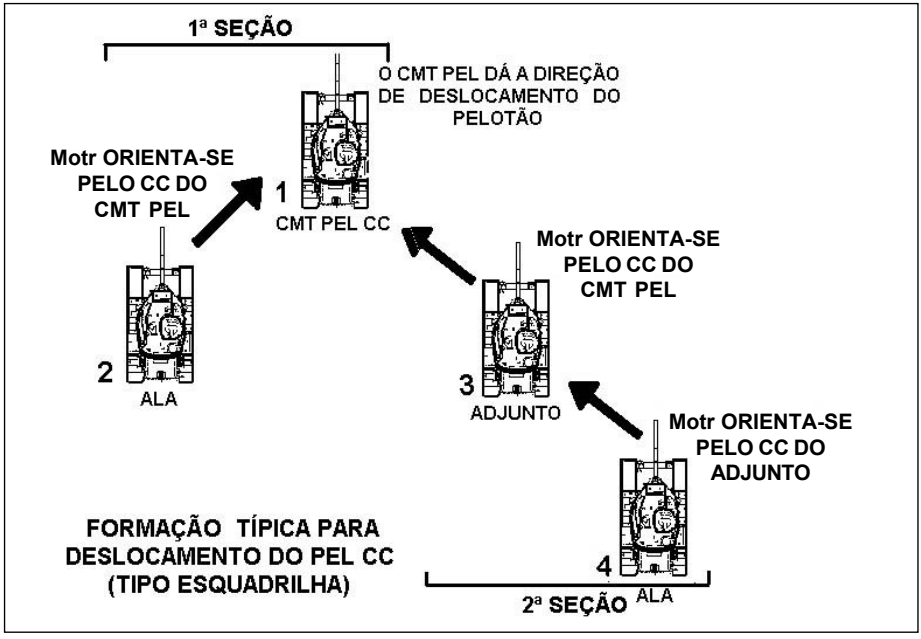

Fig 5-8. Técnica de deslocamento do Pel CC, tipo “esquadrilha”

e. Segurança

(1) A segurança deve ser uma preocupação constante do comandante da FT. Ela tem que ser observada desde a ocupação da Z Reu até o final da missão da unidade.

(2) A segurança pode ser obtida pela atribuição de missões específicas a determinados elementos da unidade e pelo próprio dispositivo adotado.

(3) Um dispositivo em profundidade favorece a segurança, pois os elementos não engajados poderão desdobrar-se rapidamente para enfrentar ameaças inimigas.

(4) A segurança face a um flanco ameaçado poderá, também, ser proporcionada pelo escalonamento de um elemento no flanco.

5-5. COORDENAÇÃO E CONTROLE

a. A coordenação e o controle da FT durante o ataque são assegurados pelo uso adequado e oportuno dos meios de comunicações disponíveis e pela adoção de medidas de coordenação e controle.

b. A consideração fundamental na seleção de medidas de coordenação e controle é que o mínimo de medidas restritivas deve ser usado, de modo a permitir a máxima liberdade de ação aos elementos subordinados. O Cmt seleciona apenas as que lhe assegurem o necessário grau de controle sem, entretanto, tolher a ação de seus subordinados.

ARTIGO II

MARCHA PARA O COMBATE

5-6. CONSIDERAÇÕES GERAIS

a. Conceito e características

(1) A marcha para o combate (M Cmb) é uma marcha tática na direção do inimigo, executada com a finalidade de obter ou restabelecer o contato com o inimigo e/ou assegurar vantagens que facilitem as operações futuras.

(2) O melhor aproveitamento do dispositivo no momento do contato é obtido pela apropriada organização da FT para o combate e pela manobra de seus componentes.

(3) As principais características da M Cmb são a incerteza do desenrolar da operação, a evolução de ações descentralizadas para centralizadas, a mudança rápida da extensão e a profundidade do dispositivo.

(4) A M Cmb deve ser executada agressivamente, para se apossar do objetivo antes que o inimigo possa reagir.

(5) A M Cmb é, normalmente, realizada em colunas múltiplas. Os elementos subordinados empregam formações variadas, conforme a situação tática exigir.

b. Classificação

(1) Quanto à segurança

(a) Coberta - A marcha é coberta quando, entre o inimigo e a tropa que a realiza, existe uma força amiga capaz de lhe proporcionar a necessária segurança. A marcha coberta deve ser executada, de preferência, à noite.

b) Descoberta - A M Cmb é descoberta quando não há tropa amiga interposta ou quando a segurança por ela proporcionada não for suficiente.

(2) Quanto ao dispositivo

(a) Coluna - Facilita o controle e proporciona flexibilidade, impulsão e segurança ao deslocamento. Admite, como variante, o dispositivo em escalão, o que favorece o desenvolvimento para o flanco.

(b) Linha - O dispositivo em linha dificulta as mudanças de direção e restringe a capacidade de manobra, mas aumenta a rapidez do deslocamento e permite atribuir à força um maior poderio de fogo à frente.

(3) Quanto à possibilidade do contato

(a) Contato remoto - Situação em que o inimigo terrestre não pode atuar sobre a FT.

(b) Contato pouco provável - É a fase de transição entre o contato remoto e o iminente. O término desta fase se dá quando o contato se torna iminente e se inicia o desdobramento da FT.

(c) Contato iminente - Situação em que a FT pode, a qualquer momento, sofrer ação terrestre do inimigo. O contato torna-se iminente a partir da linha de provável encontro (LPE), linha do terreno onde se estima que possa haver o encontro inicial ou o restabelecimento do contato com os primeiros elementos das forças inimigas.

c. Dispositivo e formação

(1) Qualquer dispositivo da tropa que proporcione o máximo de velocidade, controle e segurança, pode ser empregado no curso de uma marcha para o combate.

(2) Quando o contato é remoto, o movimento é feito em coluna de marcha, dispositivo em que as unidades não necessitam ser agrupadas taticamente e podem deslocar-se por vários meios e por diferentes itinerários. A integridade tática pode ser sacrificada em benefício da velocidade, das exigências logísticas e do conforto da tropa.

(3) Quando o contato é pouco provável, o movimento é feito em coluna tática. O comandante da FT conserva as vantagens do movimento em coluna e agrupa sua tropa taticamente, sem desdobrá-la. Isto é feito para facilitar o movimento e a ocupação, em ordem, de uma zona de reunião, ao mesmo tempo que facilita a rápida adoção de dispositivo para o combate, quando o contato torna-se iminente.

(4) Quando o contato é iminente, prevalecem as medidas táticas e o movimento é feito em marcha de aproximação, situação em que os elementos são agrupados taticamente e desdobrados. Pode ser adotado qualquer dispositivo desdobrado, inclusive o desdobramento em profundidade. A proteção proporcionada pelos elementos de primeiro escalão assegura um contato pouco provável para os demais elementos da tropa, que podem continuar o deslocamento em coluna tática.

d. Articulação

(1) Normalmente, uma força que executa uma M Cmb, articula-se em um grupamento principal ou grosso e forças de segurança (proteção ou cobertura).

(2) O grosso compreende a maioria do poder de combate da força, que deve ser preservado para o emprego imediato pelo comandante, além dos órgãos de apoio logístico. As peças de manobra do grosso são organizadas para o combate e colocadas em posição que lhes permitam o máximo de flexibilidade de emprego, tanto durante o deslocamento como após estabelecido o contato com o inimigo.

(3) As forças de segurança no nível FT são constituídas pelas forças de proteção (vanguarda, retaguarda e flancoguarda)

(4) A articulação visa a proporcionar:

(a) avanço rápido e ininterrupto;

(b) segurança adequada em todas as direções e melhores condições para esclarecer a situação o mais cedo possível;

(c) manutenção da maioria do poder de combate em condições de pronto emprego.

(5) Na execução da M Cmb, enquanto os elementos desdobrados em primeiro escalão efetuam a devida proteção do grosso, este se desloca de região de destino em região de destino.

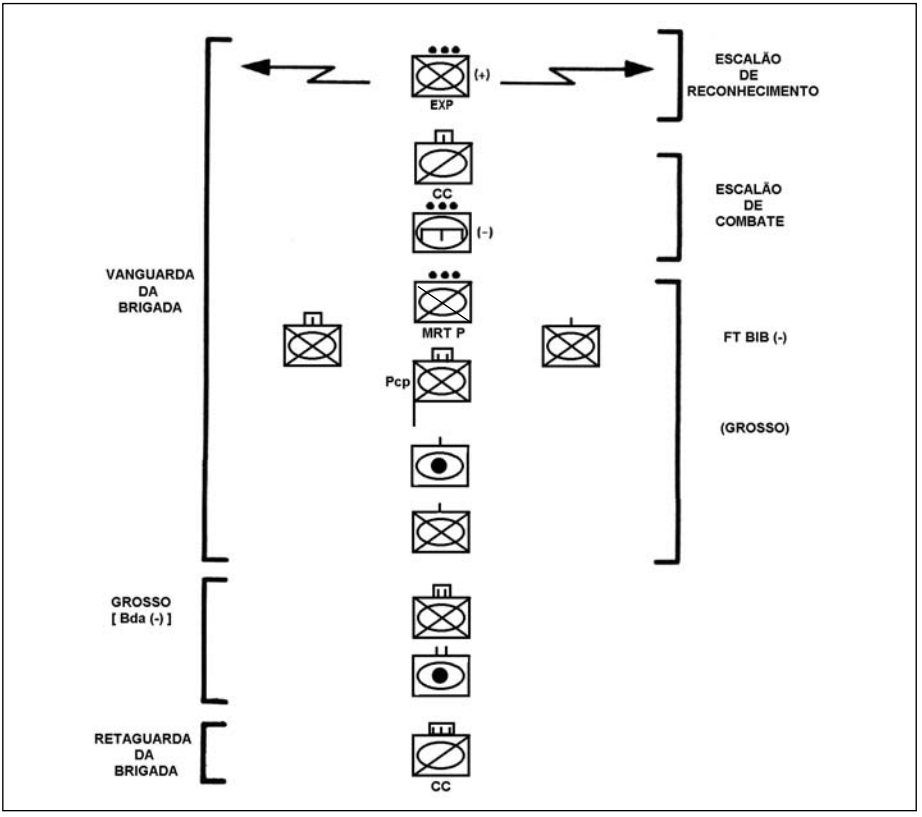

Fig 5-9. Organização de uma FT na M Cmb

(6) As regiões de destino localizam-se, preferencialmente, em áreas capazes de proporcionar um mínimo de segurança contra ações inimigas e as melhores condições para o pronto emprego dos elementos de combate e de apoio.

e. Particularidades do estudo de situação - No estudo de situação de uma M Cmb o Cmt FT deverá ter presente as considerações que se seguem:

(1) Missão

(a) A M Cmb, embora constitua um tipo de operação eminentemente ofensiva, poderá ser utilizada para, num quadro de manobra concebido pelo Esc Sp, cumprir uma fase de uma atitude ofensiva ou defensiva. Dessa forma, a tropa que a realiza, normalmente, em final de missão, conquista determinada região do terreno, visando facilitar o desenvolvimento das futuras operações. Os planejamentos e a regulação deste tipo de operação são feitos até os objetivos finais.

(b) Assim, mesmo nas missões de natureza defensiva, não estará excluída a possibilidade de serem necessárias ações ofensivas para atingir a região a defender.

(c) A execução de uma marcha para o combate poderá determinar as seguintes medidas de coordenação e controle:

1) eixo (s) de progressão, para os elementos de 1º escalão;
2) itinerário de progressão, para o grosso;
3) objetivo (s);
4) hora de início de movimento;
5) linhas ou pontos de controle;
6) regiões de destino, inicial e subseqüentes.

(2) Inimigo

(a) A possibilidade de interferência do inimigo durante a realização da marcha é sempre considerada; entretanto, a graduação dessa interferência variará de acordo com sua natureza e valor, no tempo e no espaço, condicionando de forma diferente a realização da marcha.

(b) O estudo do inimigo deverá ser conduzido objetivamente, no sentido de levantar:

1) as linhas ou regiões que ele poderá atingir;
2) as direções mais favoráveis para atingi-las;
3) o prazo em que poderá fazê-lo; e
4) a natureza e o valor da tropa com que poderá intervir.

5-7. CONDUTA DA FORÇA-TAREFA NA MARCHA PARA O COMBATE

a. Generalidades

(1) A M Cmb é caracterizada pela ação rápida e agressiva. As forças de segurança devem esclarecer prontamente as situações surgidas em suas zonas de responsabilidade. Dentro das suas possibilidades, elas destroem as forças inimigas que possam interferir no movimento do grosso e detêm as que não puder destruir.

(2) O Cmt emprega elementos do grosso, à medida que se torne necessário, para manter a impulsão. Todos os esforços são feitos para manter o inimigo desarticulado e impedir que pequenos elementos possam estabelecer uma defesa eficiente.

b. Conduta da FT

(1) A FT pode participar de uma marcha para o combate realizada pelo escalão superior ou conduzir a sua própria marcha para o combate.

(2) Quando conduz sua própria M Cmb, ou quando participa da operação realizada pelo escalão superior, porém marchando por um eixo diferente, a FT, normalmente, emprega:

(a) uma FT SU como vanguarda;
(b) flancoguarda (s) de valor pelotão;
(c) retaguarda de valor pelotão.

(3) Quando participa de uma M Cmb no âmbito da Bda C Mec, o RCB, normalmente, será empregada no grosso, face à maior aptidão dos R C Mec para

cumprirem missões como força de segurança. Entretanto, o RCB poderá, também, executar missões de força de cobertura ou atuar como uma força de proteção para o Esc Sp.

c. Forças de Segurança

(1) Vanguarda

(a) A Vg da FT numa M Cmb é constituída por uma FT SU. Sua composição dependerá do estudo de situação e dos fatores da decisão. Em terreno aberto, deve ser constituída com base numa FT Esqd CC. Em terrenos muito compartimentados, fechados e em situações de baixa visibilidade, deve ser integrada por uma FT Esqd/Cia Fuz Bld.

(b) Elementos de engenharia devem integrar a Vg da FT, com prioridade de emprego para a mobilidade da Vg e do grosso. As VBE Lç Pnt, quando disponíveis, devem deslocar-se a retaguarda da Vg, de modo a prover apoio à manobra do grosso.

(c) Quando a FT deslocar-se por dois eixos paralelos, devem ser constituídas duas vanguardas, que deverão atuar de forma coordenada.

(d) A missão da Vg é prover a segurança para o grosso e facilitar o movimento contínuo da FT. Ela deve ser capaz de rapidamente esclarecer a situação, destruir os elementos de reconhecimento e retardamento do inimigo e remover obstáculos que interfiram no movimento da FT.

(e) Nas FT Bld, o Pel Exp pode integrar-se à vanguarda. Neste caso, ele deverá operar à frente da vanguarda, cerca de 2 a 6 Km, atuando como um Pel C Mec no Rec Zona ou Eixo, provendo adequado alerta e suficiente espaço para a manobra da Vg e do grosso da FT. O Pel Exp, nesta fase da M Cmb, deve ter a prioridade dos fogos da FT.

(f) Quando a força inimiga é descoberta, o Pel Exp procura determinar seu valor, composição, localização, etc.... O engajamento decisivo deve ser evitado, mas, uma vez estabelecido o contato, este deve ser mantido e todas as atividades do inimigo devem ser informadas ao Cmt Vg.

(g) Quando as SU da FT cerram sobre o inimigo, o Pel Exp desencadeia seus fogos sobre posições inimigas em profundidade ou sobre forças inimigas que manobram contra o grosso.

(2) Flancoguarda

(a) A segurança nos flancos do grosso da FT é normalmente estabelecida com um pelotão das SU do grosso, sob o controle de uma determinada SU.

(b) Os Pel da Fg devem atuar a uma distância tal que permita ao grosso da FT o tempo e o espaço necessário para manobrar e fazer face à ameaça em seu flanco. em terreno aberto, esta distância pode estender-se de 2 a 3 Km do grosso.

(c) Fogos indiretos (Mrt e Art Cmp) devem ser planejados sobre as principais VA que incidam nos flancos do E Prog / Z Aç da FT.

(d) A última SU da FT destaca um pelotão para compor a retaguarda da FT. Este elemento deve permitir que a FT possua o tempo e o espaço necessário para reagir às ameaças que incidam em sua Rg.

ARTIGO III

RECONHECIMENTO EM FORÇA

5-8. CONSIDERAÇÕES GERAIS

a. O reconhecimento em força é uma operação de objetivo limitado, executada por uma força ponderável, com a finalidade de revelar e testar o valor, a composição e o dispositivo do inimigo, ou para obter outras informações. Seu objetivo principal é o de esclarecer a situação, podendo ser conduzido no quadro de uma operação ofensiva ou defensiva.

b. O reconhecimento em força não constitui um tipo de missão de reconhecimento. No entanto, qualquer elemento ao realizar uma missão de reconhecimento de eixo, de zona ou de área, eventualmente, poderá ter que se engajar numa ação de reconhecimento em força. O comandante que conduz um Rec F, com a finalidade de obter informações sobre o inimigo, deve estar preparado para explorar, prontamente, a descoberta de pontos fracos no dispositivo inimigo.

c. O reconhecimento em força permite, normalmente, a obtenção de informes de forma mais rápida e pormenorizada. Entretanto, um comandante ao decidir pela execução de um reconhecimento em força deverá considerar:

(1) o conhecimento que possui sobre a situação do inimigo, a urgência e importância das informações desejadas;

(2) a eficiência, rapidez e disponibilidade de outros órgãos de busca;

(3) até que ponto a realização do reconhecimento em força poderá comprometer o sigilo das operações de seu escalão e do superior;

(4) a possibilidade de, com o reconhecimento em força, arriscar-se a um engajamento decisivo com o inimigo.

d. O valor da força de reconhecimento deve levar o inimigo a revelar a localização de suas forças em primeiro escalão, seu dispositivo, valor e localização de suas reservas e fogos de apoio.

e. O RCB na Bda C Mec e as FT RCC nas brigadas blindadas são as FT Bld mais apta à execução de um reconhecimento em força. Quando receber esse tipo de missão, a FT, em princípio, contará com apoio de artilharia, engenharia e, se disponível, de meios aéreos.

f. O comandante da FT planeja e conduz o reconhecimento em força como um ataque. Durante a execução da operação, deve conservar-se atento para evitar que a força-tarefa venha a se tornar decisivamente engajada. Deve, também, manter-se em condições de explorar o êxito da ação, aproveitando, prontamente, qualquer vulnerabilidade inimiga que descubra ou manter o terreno conquistado.

g. Após completar a operação de reconhecimento em força, a FT pode permanecer em contato, explorar um êxito alcançado, apoiar uma ultrapassagem ou retrair.

5-9. EXECUÇÃO DO RECONHECIMENTO EM FORÇA

a. O reconhecimento em força pode ser executado como:

(1) Um ataque com objetivo limitado - Neste caso, a ação pode ser dirigida exclusivamente, sobre uma determinada área a respeito da qual o comando deseja rápidas e precisas informações ou pode se traduzir em uma série de ataques, que não passem de sondagens agressivas, desencadeadas ao longo de toda a frente ou de grande parte da mesma.

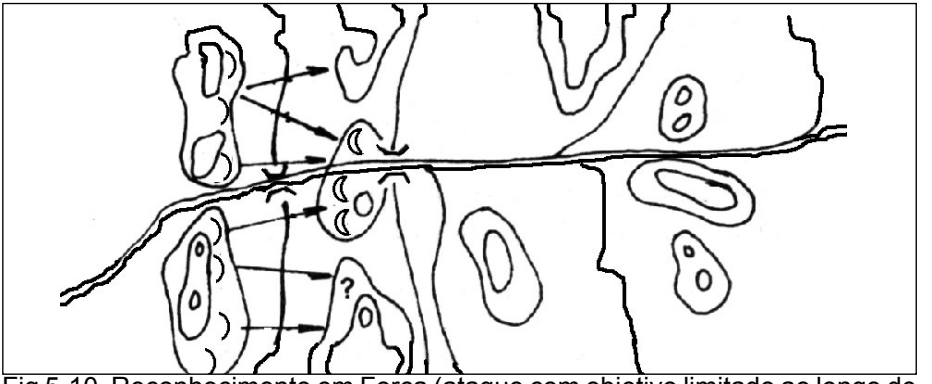

Fig 5-10. Reconhecimento em Força (ataque com objetivo limitado ao longo de toda a frente)

(2) Uma incursão - Ao contrário da forma anterior, é uma ação desencadeada sobre uma posição inimiga, sem a idéia de conquistar ou de manter o terreno; consiste em introduzir no dispositivo inimigo uma força capaz de realizar uma ação rápida e violenta, cujo vulto seja suficiente para forçar o inimigo a revelar suas posições, o tempo de reação de suas reservas e seus planos de fogos. Após esta ação, segue-se também, um rápido retraimento para as linhas amigas. A incursão, conduzida pela FT, pode caracterizar-se por uma varredura com carros de combate.

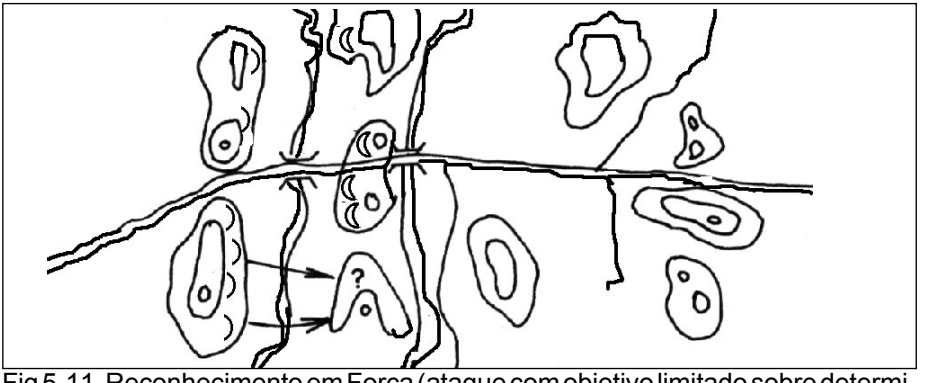

Fig 5-11. Reconhecimento em Força (ataque com objetivo limitado sobre determinada região)

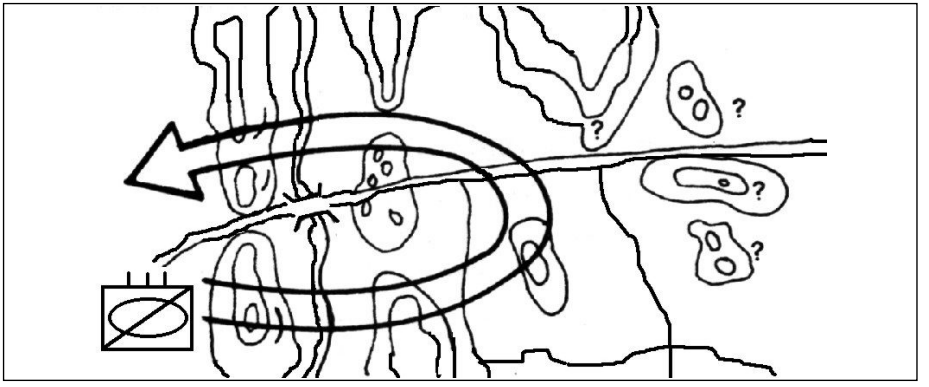

Fig 5-12. Reconhecimento em Força - ataque de varredura / incursão

b. Quando são buscados dados sobre uma área particular, o reconhecimento em força é planejado e executado como um ataque com objetivo limitado. O objetivo deve ser de importância tal que, quando ameaçado, force o inimigo a reagir. Se a situação do inimigo ao longo de uma frente deve ser esclarecida, o reconhecimento em força é um movimento para essa frente, empregando elementos de sondagem, fortes e agressivos, para a determinação dos pontos sensíveis ou vulneráveis. A manutenção de um objetivo não é, por si só, uma finalidade do reconhecimento em força. A operação tem por finalidade obter o máximo de informes com relação ao inimigo. A profundidade de qualquer objetivo designado depende da finalidade do reconhecimento em força. Quando os dados (valor, dispositivo e linhas de ação prováveis do inimigo) são obtidos, pode ser dada outra missão à força de reconhecimento, tal como: retrair, manter o contato, realizar o aproveitamento do êxito ou apoiar a ultrapassagem de uma outra força.

ARTIGO IV

ATAQUE

5-10. CONSIDERAÇÕES GERAIS

a. A finalidade do ataque é derrotar, destruir ou neutralizar o inimigo. A diferença entre os tipos de ataque reside no tempo para planejamento, coordenação e preparação antes da execução, ou seja, na quantidade de tempo à disposição do comandante para essas atividades.

b. Normalmente, o objetivo atribuído à uma FT Bld será uma força inimiga, blindada ou não. Em função da localização dessa força, que poderá ser alterada pelo deslocamento do inimigo, a FT Bld deverá orientar seu ataque. A conquista de uma determinada região no campo de batalha poderá ser, eventualmente, atribuída à uma FT Bld.

c. Existem dois tipos de ataque: o ataque de oportunidade e o ataque coordenado.

5-11. ATAQUE DE OPORTUNIDADE

a. Generalidades

(1) O ataque de oportunidade caracteriza-se pela imediata expedição de missões pela finalidade e de ordens fragmentárias, destinadas aos elementos de manobra e apoio de fogo, privilegiando a rapidez, a iniciativa e a manutenção da impulsão, buscando, em princípio, a execução de manobras desbordantes associadas à fixação do inimigo, com a finalidade da força prosseguir no cumprimento da sua missão. Apesar de ser um ataque possível de ser realizado por uma força de qualquer natureza, as tropas blindadas são as mais aptas para executá-lo. Deve ser realizado, em princípio, no escalão brigada e inferiores. O ataque de oportunidade pode ser executado na seqüência de um combate de encontro ou uma defesa com suceso.

(2) É um tipo de operação ofensiva empregada rotineiramente pelas FT Bld, para conquistar ou manter a iniciativa, ou para sustentar o ritmo das operações.

(3) São características de um Ataque de Oportunidade:

(a) emprego simultâneo de todas as peças de manobra, podendo não constituir reserva. A FT poderá ser totalmente desdobrada para o ataque. As peças de manobra são empregadas como um todo e não de forma parcelada;

(b) prazo reduzido para planejamentos e reconhecimentos;

(c) execução agressiva e rápida do ataque, sem dar tempo ao inimigo de reorganizar-se ou rocar meios;

(d) necessidade de abrir caminho para o prosseguimento na missão inicial, o mais rápido possível;

(e) expedição de missões pela finalidade e ordens fragmentárias;

(f) inimigo fraco, sobre o qual se dispõe de suficientes informações para realizar o ataque.

(5) Existem duas categorias de ataques de oportunidade, dependendo da situação da força inimiga:

(a) ataque contra uma força inimiga em movimento;

(b) ataque contra uma força inimiga estacionada.

(6) Num ataque de oportunidade uma FT Bld distribui seus meios, normalmente, pelo Escalão de Assalto, Base de Fogos e Reserva. Em função da situação tática e do estudo de situação realizado pelo comando da FT Bld, poderá não ser atribuída a missão de reserva, ao menos inicialmente, a nenhuma das peças de manobra.

b. Execução

(1) Na execução de um ataque de oportunidade, as seguintes ações devem ser realizadas pela FT:

(a) reconhecer e determinar o valor, a composição e a orientação da força inimiga;

(b) determinar se a força inimiga a ser atacada está apoiada por

outras unidades próximas;

(c) encontrar uma via de acesso coberta, que incida no flanco do inimigo e possibilite o deslocamento em alta velocidade;

(d) deslocar elementos CC para uma posição dominante e atacar o inimigo pelo fogo;

(e) estabelecer uma base de fogos com os Pel Ap dos Esqd Fuz Bld, o Pel Mrt P e a Sec Msl AC (Pel AC na FT BIB) para destruir ou anular todas as armas AC de longo alcance, de tiro direto e indireto, do inimigo que possam ser observadas, antes que o escalão de ataque inicie seu ataque;

(f) isolar a força inimiga, que será atacada, de outras forças que possam apoiá-la, empregando o fogo indireto (com munição fumígena ou alto explosiva);

(g) atacar o inimigo pelo fogo ou pelo fogo e movimento; e

(h) imediatamente após o êxito do ataque, estabelecer posições de bloqueio e P Obs sobre as Via A que conduzam à posição conquistada.

(2) A sincronização destas ações é a chave do ataque de oportunidade. O sucesso deste ataque depende do sentimento do momento mais adequado e da habilidade do comandante em empregar seus meios de combate para cumprir as ações na seqüência correta. O Cmt e seu EM devem estar preparados para aplicarem o poder de combate da FT contra o inimigo com rapidez, explorando as situações que se apresentarem, buscando destruir rapidamente o inimigo sem lhe dar tempo para reagir. Ações ofensivas e defensivas são realizadas simultaneamente. Fogos de destruição e fogos de cegar devem ser aplicados no momento e local corretos.

(3) A decisão para conduzir um ataque de oportunidade é, normalmente, tomada após o reconhecimento mostrar que a vitória depende de um ataque rápido, com um mínimo de planejamento e preparação. As táticas para a condução do ataque devem observar três características comuns:

(a) conhecimento ou suspeita de que as armas AC inimigas estão anuladas ou destruídas pelo fogo direto e/ou indireto, antes do escalão de ataque ser empregado;

(b) o inimigo deve ser forçado a combater em duas direções; e

(c) perda da capacidade de reação por parte das forças inimigas.

c. Conduta

(1) Durante a execução de outras missões, elementos das forças de segurança, freqüentemente, estabelecerão contato com as forças inimigas. Ao esclarecer a situação, o comandante do elemento em contato pode recomendar um ataque de oportunidade como uma linha de ação para o Cmt da FT, que decide pela sua adoção ou não. Caso seja adotada, o Cmt da força-tarefa atribui missões pela finalidade às suas peças de manobra e expede Ordens Fragmentárias para os elementos subordinados, que, rapidamente, posicionarão suas frações para executar um ataque de forma simples e no mais curto prazo possível.

(2) Os elementos em contato continuam esclarecendo a situação o mais à frente possível, progredindo agressivamente, procurando a presença de outras forças inimigas, para os flancos ou retaguarda, que possam apoiar o

inimigo em contato.

(3) O Cmt deve se deslocar para uma posição dominante, de onde possa controlar todas as ações de seus elementos subordinados e expedir as ordens necessárias à luz do terreno, no menor prazo possível.

(4) O Pel Mrt P é desdobrado no terreno e se prepara para bater pelo fogo as posições inimigas.

(5) Os trens de combate, com os elementos de saúde e manutenção de viatura cerram à frente, para prestar um apoio mais cerrado ao escalão de ataque.

(6) O escalão de ataque transpõe a linha de partida rápida e agressivamente. Todas as ações ofensivas seguem os mesmos fundamentos preconizados para o ataque coordenado.

(7) O Pel AC/ Sec AC (BIB e FT RCC/RCB) ocupa rapidamente posições de tiro de onde possa apoiar o ataque da FT.

(8) Peculiaridades do ataque contra uma força em movimento

(a) Quando duas forças oponentes deslocam-se de modo convergente, o lado que vence é, normalmente, aquele que manobra rapidamente e ocupa posições vantajosas para atacar o flanco do inimigo.

(b) Planejamentos para enfrentar situações inopinadas e normas para reação durante o contato, das NGA da OM, facilitam a realização de ataques de oportunidade pelas FT Bld.

(c) A vanguarda da FT atacará ou adotara uma postura defensiva, dependendo do valor e do dispositivo do inimigo. O Cmt da FT Bld manobra com o grosso da FT contra o flanco ou retaguarda do inimigo, enquanto mantém o inimigo sob fogo para impedir que atue da mesma forma.

(d) O ataque é normalmente liderado pelas FT / SU de carros de combate. As FT / SU de fuzileiros blindados fixam o inimigo ou acompanham o ataque dos CC.

(e) Fumígenos e outros apoios de fogo podem ser utilizados para romper a manobra do inimigo ou cobrir a manobra da FT.

(f) O Pel Exp e a vanguarda provêem as informações iniciais sobre o inimigo e o desenvolvimento da situação.

(9) Peculiaridades do ataque contra uma força estacionada

(a) Um ataque de oportunidade contra uma força estacionada é iniciado após o Pel Exp e a SU vanguarda realizarem o reconhecimento da força inimiga para delimitar seus flancos e encontrar falhas no seu dispositivo que possam ser exploradas pela FT. Esta busca de informações deve ser feita com rapidez para que a FT não perca a iniciativa.

(b) O assalto será realizado sempre que possível embarcado.

(c) Em função do terreno ou da situação tática, um ataque embarcado poderá não ter condições de sucesso ou ser impraticável. Neste caso, um assalto desembarcado dos Fuz Bld será realizado para destruir o inimigo. Os CC e as demais viaturas blindadas apoiam pelo fogo o assalto dos fuzileiros, deslocando-se para o objetivo quando os fuzileiros iniciarem a sua consolidação.

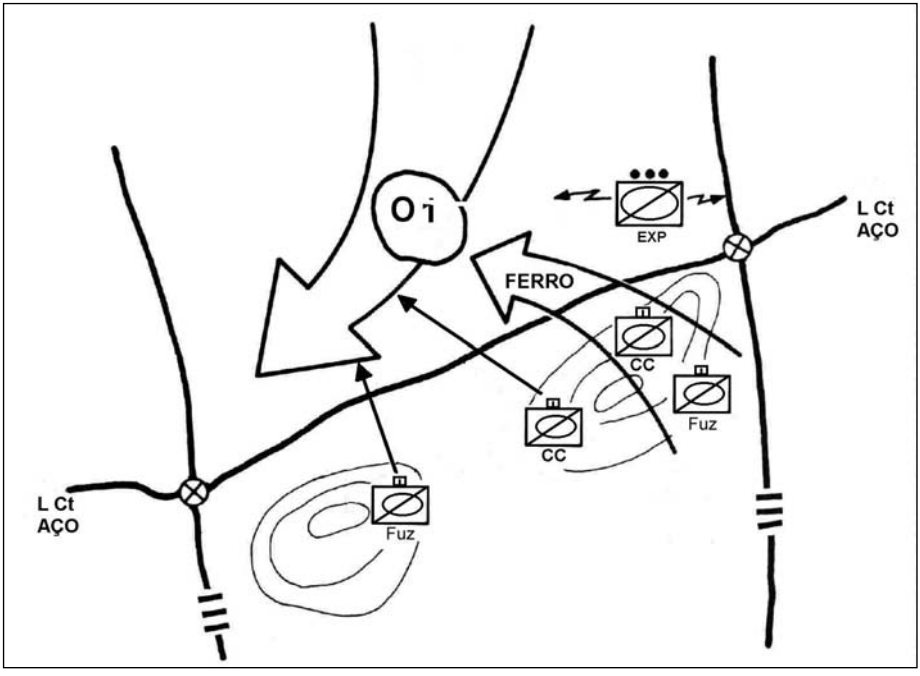

Fig 5-13. Ataque de oportunidade contra uma força em movimento

d. Fogos em apoio ao ataque de oportunidade

(1) Na execução do ataque de oportunidade a FT deve combinar os fogos indiretos com os diretos. Os fogos indiretos devem complementar os planos de manobra.

(2) É importante que os fogos indiretos sejam controlados, a fim de se evitar fratricídio. O comandante deve determinar:

(a) quem vai desencadear os fogos indiretos sobre o objetivo?

(b) quem irá transportar os fogos indiretos para alvos subseqüentes?

(c) qual será o sinal para o transporte dos fogos indiretos?

(d) existem medidas restritivas de fogo?

(3) O estudo dos fatores da decisão dará ao comandante as respostas que melhor atendam cada item acima. O FATOR TEMPO possui elevada prioridade no planejamento do ataque de oportunidade.

(4) O Cmt deve usar os fogos indiretos disponíveis de morteiros e artilharia em apoio para:

(a) bater pelo fogo a posição inimiga enquanto os elementos em contato esclarecem a situação;

(b) ocultar das vistas do inimigo o escalão de ataque durante a preparação e, se possível, durante a condução do ataque de oportunidade (FUMÍGENOS);

(c) isolar as forças inimigas em contato, pelo emprego de munição alto explosiva e fumígena entre as suas posições e qualquer outra posição de onde forças inimigas possam apoiá-las; e

(d) alongar os fogos indiretos além do objetivo para bloquear os itinerários de retirada do inimigo.

5-12. ATAQUE COORDENADO

a. Considerações Gerais

(1) Características

(a) O ataque coordenado é uma operação ofensiva que consiste na combinação do fogo, movimento e ação de choque contra uma resistência ou posição defensiva do inimigo, sobre o qual as informações disponíveis indicam a necessidade de um planejamento completo.

(b) Sua realização efetiva-se depois de um reconhecimento completo, de uma avaliação metódica do poder relativo de combate, da busca e levantamento de alvos e de uma análise sistemática de todos os outros fatores que influenciam a decisão.

(c) Exige um estudo de situação completo e minucioso. É, normalmente, empregado contra posições organizadas e requer apoio de fogo adequado.

(2) Distribuição de forças - A FT no ataque coordenado, normalmente, constituirá três grupamentos de forças: base de fogos, escalão de ataque e reserva.

(a) Base de fogos

1) A missão da base de fogos é fixar o inimigo no terreno e neutralizar suas armas, permitindo, em conseqüência, liberdade de ação para o escalão de ataque.

2) A base de fogos da FT, normalmente, é constituída pelo Pel Mrt P e pelo Pel AC (na FT BIB) ou a Sec Msl AC (no RCB e FT RCC) e outros meios de apoio de fogo disponíveis, em apoio ou reforço. Poderá ser integrada também, temporariamente, por CC e outras armas das SU, por qualquer motivo, não participem do escalão de ataque.

3) Os CC não são incluídos, normalmente, na base de fogos, uma vez que este emprego não permite aproveitar adequadamente suas características. Contudo, quando o terreno e obstáculos impeçam o emprego dos CC no escalão de ataque, eles podem ser colocados na base de fogos, para apoiarem pelo fogo direto e protegerem os flancos do escalão de ataque. As VBC-Fuz/VBTP dos fuzileiros blindados, quando realizarem o ataque desembarcado, poderão, também, serem integradas na base de fogos.

4) A base de fogos recebe alvos específicos e áreas nos quais deverá atirar durante a progressão, o assalto e a consolidação do objetivo pelo escalão de ataque. Sinais para suspensão ou deslocamento dos fogos, devem ser estabelecidos previamente.

5) A base de fogos deve proporcionar apoio contínuo e cerrado ao escalão de ataque, desde a linha de partida até o objetivo. Para isto, ocupa as posições que forem necessárias. Tais posições devem possuir bons campos de tiro, cobertas e abrigos. Além disso, devem ser escolhidas posições de muda para todas as armas.

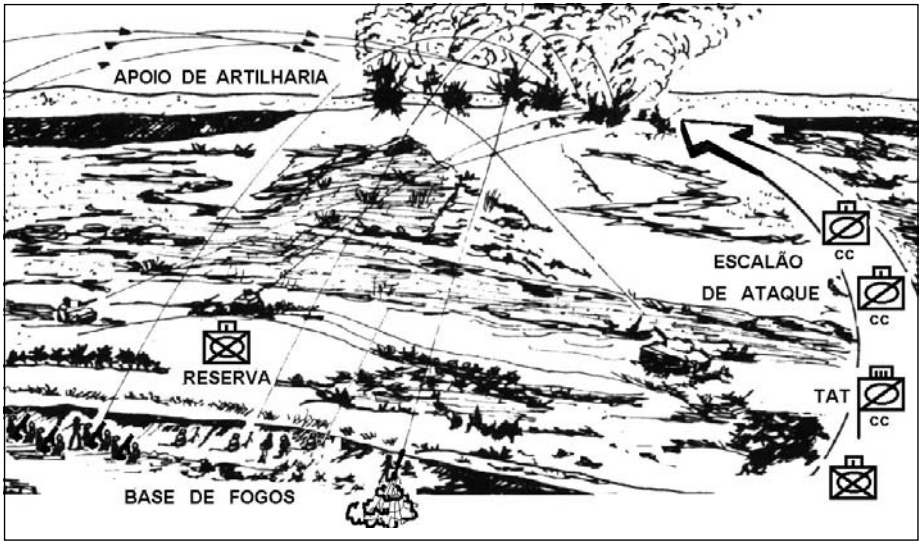

Fig 5-14. Distribuição de forças no ataque coordenado

(b) Escalão de ataque

1) A missão do escalão de ataque é cerrar sobre o inimigo e destruí-lo ou capturá-lo.

2) O escalão de ataque deve receber o maior poder de combate possível. Em princípio, deve ser integrado por elementos combinados de CC e Fuz Bld (FT) e disposto em uma formação que tenha massa e profundidade.

3) O escalão de ataque cerra sobre o inimigo o mais rápido e diretamente que possa, para aproveitar os efeitos da atuação da base de fogos. Sempre que possível, deve procurar atacar um ou ambos os flancos do inimigo.

4) Após transporem a linha de partida, os elementos do escalão de ataque empregam o máximo de velocidade e de violência que forem capazes. A progressão desses elementos deve ser regulada, de modo que abordem o objetivo simultaneamente, possibilitando o apoio mútuo entre os CC e os Fuz Bld.

5) Quando restrições, impostas pelo terreno ou pela defesa anticarro inimiga, impedirem que os elementos do escalão de ataque progridam emassados e continuamente, esses elementos empregarão a técnica de fogo e movimento.

6) Ao iniciar o assalto ao objetivo os fogos de todas as armas do escalão de ataque devem ser intensificados. Simultaneamente, a base de fogos transporta seus tiros para os flancos e para além do objetivo. Tiros de tempo da artilharia e de morteiro podem, também, ser empregados sobre os carros de combate e os Fuz Bld embarcados.

7) Em princípio, o desembarque dos Fuz Bld só deverá ser realizado no interior do objetivo, para realizar a limpeza das resistências remanescentes do inimigo ou, após ultrapassado o objetivo, quando realizarão o assalto

na direção contrária ao movimento inicial, surpreendendo as resistências remanescentes do inimigo pela retaguarda, enfrentando menor número de obstáculos e armas automáticas com tiro ajustado. Somente quando a progressão das viaturas blindadas se tornar difícil ou muito lenta, quando for necessária a remoção de obstáculos ou, quando a segurança aproximada dos carros de combate exigir a atuação dos Fuz desembarcados, em estreito contato com os CC, nos níveis mais elementares da tropa (GC - Sec CC), os fuzileiros deverão desembarcar antes do Objetivo, estejam embarcados em VBC-Fuz ou VBTP.

8) O combate embarcado dos fuzileiros blindados é realizado pelo emprego da metralhadora ou canhão das VBTP ou VBC- Fuz. Somente em situações especiais os Fuz deverão expor-se aos fogos inimigos durante os deslocamentos embarcados, realizando o tiro com suas armas individuais, pelas escotilhas ou seteiras de tiro.

(c) Reserva

1) A reserva constitui-se na porção da força mantida sob o controle do comandante para emprego em qualquer local da ZAç, a fim de que o Cmt FT possa influir na ação. É, normalmente, empregada para:

a) explorar o êxito obtido pelas forças do escalão de ataque;
b) reforçar elementos de primeiro escalão;
c) substituir elementos de primeiro escalão;
d) manter ou aumentar a impulsão do ataque;
e) manter o terreno conquistado pelo escalão de ataque;
f) destruir os contra-ataques inimigos;
g) proporcionar segurança nos flancos ou na retaguarda.

2) A reserva, em princípio, deve contar com CC e Fuz Bld em sua composição. Um objetivo profundo, um limitado conhecimento do inimigo, a disponibilidade de meios ou a impossibilidade de visualizar o ataque até o objetivo final exigem a manutenção de reserva mais forte.

3) A decisão de empregar a reserva é da maior importância e exige exame judicioso de cada um dos fatores da decisão por parte do comandante.

b. Planejamento

(1) Generalidades

(a) O sucesso do ataque depende, em grande parte, de um planejamento judicioso. Planos bem concebidos e energicamente executados conduzirão ao sucesso no cumprimento da missão da unidade.

(b) Após o recebimento de uma ordem de ataque, o Cmt FT, assessorado pelo seu EM, inicia, imediatamente, o estudo de situação, tendo em vista o planejamento para o ataque. Nesta fase, normalmente, o comando desenvolve as seguintes atividades:

1) análise da missão e de todas as informações pertinentes;
2) planejamento do emprego do tempo disponível;
3) expedição de diretrizes de planejamento para o EM;
4) expedição de ordem preparatória para os elementos subordinados;
5) prosseguimento do estudo de situação do comandante e tomada de decisão na carta, quando for o caso;

6) estabelecimento das ligações necessárias, particularmente com as unidades a serem ultrapassadas e as vizinhas;

7) realização de reconhecimentos no terreno, sempre que possível;

8) tomada da decisão final;

9) sincronização da manobra, apoio ao combate e apoio logístico;

10) preparação do plano de ataque;

11) distribuição da ordem de operações para o ataque. Normalmente, as ordens são dadas verbalmente, sendo mais tarde confirmadas, por escrito.

(c) As atividades acima não são estanques, podendo duas ou mais serem realizadas simultaneamente.

(d) O estudo de situação do comandante, sempre que possível, é realizado ou complementado à vista do terreno.

(e) Os reconhecimentos no terreno devem ser feitos de acordo com o planejamento prévio, que abrangerá, entre outros, os seguintes aspectos: horário, locais, itinerários, número de participantes, transporte, medidas de segurança e ligações.

(2) Ordem de Operações - A ordem de operações traduz a decisão pormenorizada do comandante para efetivar a operação planejada. Integram a ordem de operações: o calco de operações (a nível FT, normalmente traduz-se no esquema de manobra) da manobra a ser realizada, o plano de apoio de fogos e demais pormenores essenciais, relativos às informações e à segurança, às medidas de coordenação e de controle, ao apoio logístico e às comunicações.

(a) Esquema de manobra

1) O esquema de manobra é a representação gráfica dos elementos essenciais da linha de ação adotada para o cumprimento da missão da unidade.

2) O esquema de manobra deve ser simples e permitir uma visualização clara de como foi planejado o emprego da FT, incluindo seu dispositivo, organização para o combate e a localização e previsão do movimento das suas peças de manobra até os objetivos a serem conquistados.

3) Um esquema de manobra, normalmente, inclui as seguintes medidas de coordenação e controle:

a) objetivos;

b) zona de ação (definida por limites);

c) linha de partida;

d) hora de ataque; e

e) outras necessárias.

(b) Plano de apoio de fogos

1) O plano de apoio de fogos regula o emprego coordenado de todos os fogos disponíveis. Sua execução deverá permitir a perfeita sincronização dos fogos com a manobra a ser realizada.

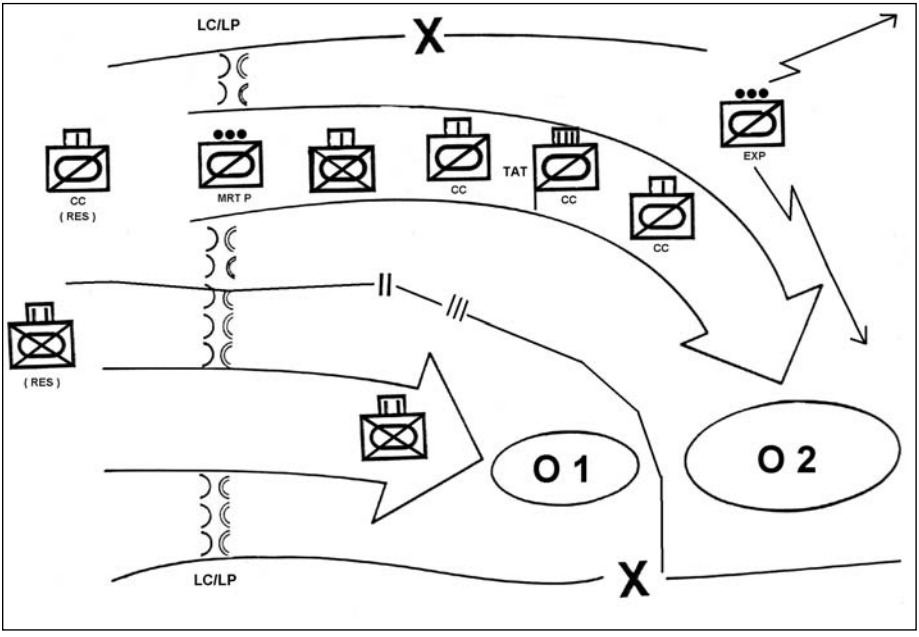

Fig 5-15. A FT RCC no ataque coordenado

2) No planejamento dos fogos o Cmt FT Bld deve enfatizar o emprego de fumígenos em apoio à manobra das FT SU, analisando judiciosamente o quando e o onde empregá-los, de forma a poder tirar partido da cobertura proporcionada pelos fumígenos, cegando o defensor, dando maior velocidade ao deslocamento e diminuindo a probabilidade de perdas no ataque.

(3) Regulação da manobra

(a) O planejamento para a realização de um ataque coordenado é sempre efetuado até o final da missão. No entanto, para cumpri-lo, caberá ao comandante da força determinar, após um judicioso estudo de situação, qual será o tipo de regulação mais indicado à manobra.

(b) A manobra poderá ser regulada até o final da missão (regulação longa) ou necessitar de regulação curta. O que distingue os dois tipos de regulação da manobra é a possibilidade do comandante poder ou não definir, desde logo, todos os aspectos indispensáveis de uma decisão, ou seja: o que, quem, o quando, o onde, o como e o para quê.

(c) Fatores que, normalmente, viabilizam a regulação longa:

1) escalão superior exige rapidez;

2) inimigo fraco;

3) dispositivo inimigo fraco em contato e forte em profundidade;

4) possibilidade do comandante visualizar o ataque até o objetivo final;

5) disponibilidade de meios.

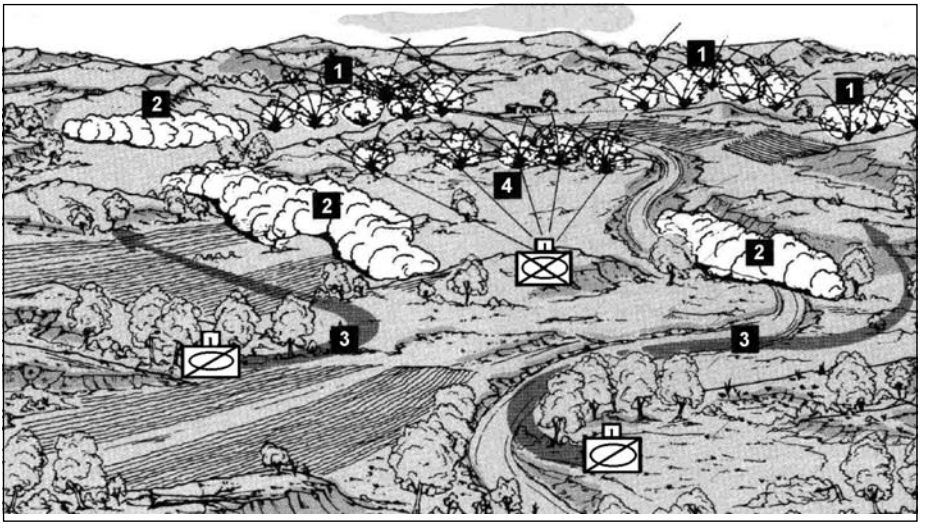

Fig 5-16. Emprego de fumígenos no ataque coordenado, em apoio à manobra das FT SU

(d) Fatores que, normalmente, viabilizam a regulagem curta:

1) escalão superior não exige rapidez;

2) inimigo forte ou com situação indefinida;

3) dispositivo inimigo forte em contato e em profundidade;

4) papel dissociador do terreno (existência de obstáculos e compartimentação);

5) possibilidade de ameaça nos flancos;

6) reduzida mobilidade de nossos meios e dependência das operações de elementos vizinhos;

7) impossibilidade do comandante visualizar o ataque até o objetivo final.

(4) Seleção de objetivos

(a) O objetivo de uma FT Bld será, normalmente, uma força blindada ou mecanizada do inimigo. Poderá receber, também, como objetivo, posições defensivas de uma força de infantaria inimiga, regiões capitais do terreno, instalações de comando e controle, instalações logísticas, etc..., na retaguarda do inimigo. A missão da FT poderá incluir a conquista de um ou mais objetivos.

(b) Uma área designada como objetivo deve ser conquistada e controlada. Para isto, entretanto, não é indispensável que ela seja totalmente ocupada. Tratando-se de uma área muito extensa, a FT, freqüentemente, conquistará apenas os acidentes dominantes em seu interior e controlará o terreno restante pela observação e pelo fogo.

(c) Para o cumprimento da missão a força-tarefa emprega suas subunidades. Os objetivos designados para as SU devem, em seu conjunto, coincidir com o objetivo da FT e serem claramente definidos.

(d) Um objetivo de SU deve ter as seguintes características:

1) ser facilmente identificável;

2) contribuir de modo marcante para o cumprimento da missão da FT, inclusive facilitando as operações futuras;

3) ser possível sua conquista pela subunidade, dentro das limitações de tempo e espaço impostas.

(e) Os objetivos podem ser de três naturezas:

1) intermediário;

2) final;

3) decisivo.

(f) Objetivos intermediários

1) São objetivos indispensáveis ao cumprimento da missão, marcados para:

a) proporcionar segurança à manobra;

b) facilitar mudanças de direção, de dispositivo ou de ritmo;

c) obter unidade de esforços;

d) facilitar o controle durante o ataque;

e) proporcionar melhores condições de prosseguimento.

2) Devem ser designados o menor número possível de objetivos intermediários, tendo em vista não se reduzir a velocidade do ataque. A marcação de um objetivo impõe, à força que o atinge, a execução das ações de consolidação e de reorganização, acarretando, em conseqüência, uma maior permanência na região atingida.

(g) O objetivo final é aquele que se situa na região que caracteriza o cumprimento da missão. Se único, pode coincidir com o objetivo decisivo.

(h) O objetivo decisivo é aquele cuja posse mais facilita o cumprimento da missão, razão pela qual o ataque principal, normalmente, será orientado para ele.

(5) Valor do escalão de ataque

(a) Durante o seu estudo de situação, o comandante procura determinar o valor que será necessário dar ao escalão de ataque, para a conquista do objetivo final da FT.

(b) Pela análise dos fatores da decisão, ele conclui quanto à necessidade de empregar uma ou mais peças de manobra em primeiro escalão e sobre a composição e orientação da reserva.

(6) Ataques principal e secundário(s)

(a) Generalidades

1) Após a determinação dos meios necessários para o escalão de ataque conquistar o objetivo final, o comandante designa o ataque principal e o(s) ataque(s) secundário(s).

2) Se o ataque secundário estiver obtendo êxito e o ataque principal não, o comando poderá deslocar o peso do poder de combate disponível para o primeiro, transformando-o em ataque principal. Todavia, o sucesso do ataque principal não deve depender do sucesso do ataque secundário.

(b) Ataque principal - O ataque principal é dirigido contra o objetivo que melhor contribua para o cumprimento da missão (objetivo decisivo).

Deverá utilizar a via de acesso que possibilite conquistar o objetivo com o menor número de baixas para o atacante e infligir maiores danos ao inimigo, em princípio, e possuir a mais alta prioridade de distribuição de poder de combate e de apoio de fogo. Deverá, ainda, beneficiar-se da localização da reserva, que deverá ser orientada na zona de ação da força que realiza o ataque principal. O comandante deve ter em mente que, em princípio, a melhor via de acesso quanto ao terreno para o atacante será, também, aquela onde o inimigo irá concentrar seu poder de combate, a maioria de seus obstáculos e seus fogos ajustados. Em princípio esta Via A não deverá ser utilizada pelo ataque principal.

(c) Ataque secundário

1) O(s) ataque(s) secundário(s) é(são) planejado(s) para auxiliar o ataque principal e contribui para o sucesso deste pela execução de uma ou mais das seguintes missões:

a) conquistar e controlar terreno que facilite a manobra do ataque principal;

b) desgastar o inimigo;

c) proteger o ataque principal;

d) fixar forças inimigas em partes selecionadas da frente;

e) iludir o inimigo quanto à localização do ataque principal;

f) forçar o inimigo a empregar sua reserva, ou parte dela, prematuramente ou em áreas não decisivas;

g) impedir que sejam reforçados os elementos inimigos que se defrontam com o ataque principal;

h) permitir uma maior flexibilidade ao Cmt e maiores alternativas para a conquista do objetivo decisivo.

2) O ataque secundário deve receber poder de combate suficiente para o cumprimento de sua(s) missão(ões).

(7) Dispositivo para o ataque

(a) O dispositivo para o ataque e as possibilidades de mudanças subseqüentes decorrem de um minucioso estudo de situação.

(b) As forças encarregadas dos ataques principal e secundário(s) poderão ser empregadas adotando dispositivos em linha, em coluna, em losango ou diamante ou suas variações.

c. Execução do ataque

(1) Conduta do ataque

(a) Da zona de reunião à linha de partida

1) Antes do ataque as unidades ocupam locais dispersos à retaguarda da linha de partida. O deslocamento para a LP é planejado de tal forma que os elementos do escalão de ataque a ultrapassem, na hora determinada e em movimento contínuo. As paradas nas posições de ataque, se necessárias, se limitam ao tempo indispensável para a adoção das formações de ataque.

2) O movimento da posição de ataque para a LP pode ser protegido por uma preparação de artilharia. O escalão de ataque cruza a LP durante ou após esta preparação.

(b) Da linha de partida ao objetivo

1) O escalão de ataque, sempre que possível, desloca-se em massa da LP para o objetivo. Massa significa uma formação sem fragmentação, embora mantendo a dispersão apropriada da força e seus componentes. Este deslocamento em massa aproveita a potência de fogo e aumenta a ação de choque dos CC.

2) O escalão de ataque deve cerrar sobre o objetivo no menor tempo possível. Quanto mais tempo ficar exposto aos fogos inimigos tanto maiores serão suas perdas. O movimento é realizado por itinerários que proporcionem cobertas e abrigos. O rápido movimento e o uso de todos os fogos disponíveis multiplicam a ação de choque do escalão de ataque. Se o escalão de ataque tiver que empregar o fogo e o movimento para progredir, deve haver ação de comando para assegurar que os movimentos sejam executados rapidamente e que toda a força continue a avançar sobre o inimigo. Quando a situação permitir ou na preparação para o assalto, o avanço em massa é retomado.

3) O escalão de ataque submete o Ini ao máximo de fogos tão logo este fique dentro do alcance eficaz de suas armas. Os CC procuram destruir os CC e as Vtr Bld do inimigo à maior distancia possível. O objetivo principal dos carros de combate durante um ataque é a destruição dos blindados inimigos. Os CC poderão dirigir seus fogos, também, sobre posições de armas anticarro e de outras armas coletivas, a fim de facilitar a progressão da FT. Os fogos dos CC são reforçados por todas as armas de apoio disponíveis, impedindo o movimento e a observação do inimigo e destruindo suas defesas. O máximo emprego de fumígenos deve ser realizado nesta fase do ataque para apoiar a manobra das FT SU.

4) As VBC-Fuz / VBTP acompanham os CC à uma distância que permita o apoio dos fuzileiros aos carros de combate, quando necessário. O armamento orgânico das VBC-Fuz / VBTP deve ser utilizado durante o ataque, em reforço aos fogos dos CC, procurando bater viaturas, dotadas de blindagem leve ou não blindadas, equipes de armas anticarro, outras armas coletivas e a infantaria inimiga desdobrada no terreno. Durante o ataque, os fuzileiros devem manter-se abrigados no interior de suas viaturas blindadas, não realizando fogo com seu armamento individual pelas escotilhas ou seteiras das VBC-Fuz / VBTP.

5) O comandante da FT controla o apoio de fogo e o deslocamento de seus elementos de manobra.

6) À medida que os elementos de primeiro escalão progridem, os fogos de apoio são suspensos ou transportados, normalmente pelos observadores avançados que acompanham as FTSU. Estas, deslocando-se em massa, cerram sobre o objetivo e o assaltam.

7) Durante o desenrolar do ataque, os elementos de primeiro escalão fazem o máximo emprego possível dos fogos de apoio. As armas de tiro indireto poderão se deslocar por escalões, a fim de proporcionar apoio de fogo contínuo ou, particularmente em operações móveis, continuar o movimento até que seu emprego se torne necessário.

8) O segundo escalão desloca-se de modo que possa apoiar os elementos em primeiro escalão, proteger os flancos ou cumprir outras missões.

Tão logo o primeiro escalão atinja seus objetivos, os elementos do segundo escalão poderão cerrar para outras posições que lhes permitam auxiliar na consolidação e repelir contra-ataques.

(2) Assalto ao objetivo

(a) Quando o escalão de ataque se aproximar do objetivo os fogos de apoio da base de fogos são intensificados. Assim que os elementos de primeiro escalão atingem uma distância que permita o combate aproximado com o inimigo, o assalto é iniciado, e os fogos de apoio são transportados para além e para os flancos do objetivo, a fim de isolá-lo.

(b) Os carros de combate assaltam a posição defensiva inimiga realizando, se possível, o tiro em movimento, evitando constituir-se em alvos estáticos, progredindo em alta velocidade. Nesta fase do ataque é fundamental o apoio dos fuzileiros blindados aos carros de combate, seja pelo fogo do armamento das VBC-Fuz / VBTP destruindo as armas anticarro de curto alcance do inimigo e posições de metralhadoras, não destruídas ou ultrapassadas pelos carros de combate, seja pela ação dos fuzileiros desembarcados, empregando fogos de assalto e o combate corpo - a - corpo, destruindo ou capturando as guarnições dos blindados inimigos destruídos ou avariados, eliminando resistências remanescentes da posição defensiva inimiga nas trincheiras, abrigos e dobras do terreno ou removendo obstáculos que impeçam a progressão das viaturas blindadas.

(c) Sempre que a situação tática e o terreno permitirem, os fuzileiros blindados deverão cruzar o objetivo abrigados em suas viaturas blindadas, desembarcando após ultrapassá-lo e assaltando-o pela retaguarda, a fim de destruir as resistências inimigas e limpar o objetivo, enfrentando um menor número de armas coletivas com tiros ajustados, contando com o fator surpresa e o efeito psicológico desmoralizante sobre os defensores.

(d) Os CC apoiam os Fuz Bld nas ações de limpeza do objetivo. Antes mesmo que estas ações estejam concluídas, elementos de CC se deslocam para posições nos limites do objetivo ou à frente e afastadas deste, onde se preparam para fazer face a contra-ataques ou para o prosseguimento do ataque.

1) Ações no objetivo

a) Generalidades

- A efetiva ocupação do objetivo é uma fase crítica do ataque. Além do controle tornar-se difícil, esta é a oportunidade mais favorável para um inimigo agressivo desencadear contra-ataques planejados, coordenados e apoiados por todos os seus fogos disponíveis.

- Terminado o assalto, a FT passa a executar as atividades denominadas de “ações no objetivo”, que são a consolidação da posse do terreno conquistado e a reorganização da unidade.

b) Consolidação - A consolidação do objetivo compreende todas as medidas executadas para assegurar a sua posse e fazer face aos possíveis contra-ataques inimigos. Estas medidas podem variar desde o simples estabelecimento da segurança local até a completa organização da posição para a defesa e, normalmente, incluem:

- segurança: assegurada pelo estabelecimento de postos de observação e lançamento de patrulhas com a finalidade de eliminar

núcleos remanescentes do inimigo;

- reconhecimento: além dos necessários à efetivação da segurança, são realizados outros, visando ao aperfeiçoamento do dispositivo defensivo e ao cumprimento de missões imediatas e futuras;

- tomada do dispositivo adequado para repelir contra-ataques: elementos ocupam posição para barrar as vias de acesso favoráveis a ações inimigas, particularmente as apoiadas por blindados;

- apoio de fogo: deslocamento de meios, realização de fogos e preparação de planos de fogos das diversas armas para apoiar a manutenção do objetivo ou, se for o caso, o prosseguimento do ataque.

c) Reorganização - A reorganização compreende as medidas destinadas a manter ou restabelecer a eficiência combativa e o controle da unidade. Deve ser contínua e compreende as medidas especificadas abaixo:

- relatórios - a FT recebe informações das subunidades e envia relatórios minuciosos ao escalão superior sobre a situação tática e logística, informando-o a respeito da missão, situação da tropa, dos equipamentos e suprimentos;

- recompletamentos - os pedidos de recompletamentos são remetidos ao escalão superior o mais cedo possível;

- suprimentos - as reservas e dotações orgânicas são recompletadas na medida do possível. Ressuprimentos, particularmente aqueles relativos a munição, equipamentos, combustível e lubrificantes, são efetuados;

- evacuação - são tomadas providências destinadas à evacuação dos prisioneiros de guerra, material danificado e baixas;

- controle - neste setor, as providências necessárias podem abranger o deslocamento do posto de comando principal, o estabelecimento de ligações que tenham sido interrompidas e a revisão ou reformulação dos planos para o emprego das comunicações, buscando seu pleno restabelecimento.

2) Prosseguimento do ataque

a) Durante o ataque, uma das preocupações básicas do comandante é manter a impulsão. As paradas em objetivos intermediários devem restringir-se ao tempo mínimo necessário para as ações de consolidação e reorganização. Se necessário, o comandante poderá liberar o elemento subordinado das ações no objetivo, a fim de manter a impulsão do ataque.

b) Não havendo imposição de manter um objetivo intermediário, a FT deve prosseguir no ataque, logo que possível e sem perda de tempo, reorganizando-se durante o movimento. Para isto, é fundamental que os comandantes subordinados conheçam, perfeitamente, o conceito da operação, para que possam tomar a iniciativa de prosseguir no ataque, quando for o caso.

c) Se o objetivo deve ser mantido, a unidade o consolida, reorganiza-se e somente prossegue no ataque mediante ordem.

d. Emprego dos carros de combate e dos fuzileiros blindados

(1) Generalidades

(a) A FT conduz as operações ofensivas, normalmente, empregando seus elementos de CC e de Fuz Bld, em princípio, combinados, constituindo

forças-tarefas nível subunidade (FT Esqd CC e FT Esqd / Cia Fuz Bld). A chegada dos elementos de CC e Fuz Bld ao objetivo deve ser regulada, de modo a se obter o máximo efeito da ação de choque e da potência de fogo protegida por blindagem, próprias do conjunto CC-Fuz Bld.

(b) A escolha da formação de ataque para os CC e Fuz Bld, é baseada na consideração da missão, situação do inimigo, terreno e meios, como também na potência de fogo, segurança e controle desejados pelo comandante numa determinada ação.

(c) Em situações de rápido movimento, o avanço dos CC - Fuz Bld deverá ser coordenado, combinando-se as formações de combate de cada elemento numa formação mutuamente apoiada. Em princípio, os CC precedem os Fuz Bld, de modo que a força atacante desloque-se reunida, para a frente, como um todo.

(d) Em situações de menor mobilidade, quando os CC avançam por lanços, os Fuz Bld se deslocam pelo mesmo processo, embarcados em suas viaturas. Caso os Fuz Bld tenham que desembarcar de suas VBC-Fuz / VBTP, o deslocamento por lanços aumentará a segurança dos Fuz Bld e reduzirá o tempo em que ficarão expostos às armas de tiro direto. Neste caso, os Fuz Bld ocuparão, normalmente, uma posição desenfiada atrás dos elementos CC mais à retaguarda. Em qualquer dos casos, a velocidade do movimento dos Fuz Bld deve ser regulada, pelo Cmt FT, para assegurar que estejam colocados em posição favorável para juntar-se aos CC no assalto ao objetivo.

(e) Sempre que possível, o escalão de ataque avança em massa, sem parada. Contudo, forçado pela ação inimiga, pelo terreno ou fogos insuficientes da base de fogos, poderá ter que empregar a combinação do fogo e movimento.

(f) Em cada FT, a formação para o ataque deve permitir a coordenação e o apoio mútuo entre os elementos de CC e Fuz Bld.

(g) A VBTP ou a VBC - Fuz, é concebida para proporcionar mobilidade tática e relativa proteção contra estilhaços e fogos de armas portáteis. Sua perda reduz sensivelmente a mobilidade dos Fuz Bld. O Cmt não deve, portanto, expô-las, desnecessariamente, aos fogos AC do inimigo.

(h) Tendo em vista as considerações precedentes, o Cmt FT deve regular a distância entre os CC e Fuz Bld, antes de partir para o ataque. Esta distância será baseada, principalmente, nas seguintes considerações:

1) missão - se a missão exige rapidez, movimento cerradamente controlado e se uma interferência ponderável do inimigo não é previsível, os Fuz Bld poderão seguir os CC mais próximos do que se fogos AC eficazes estiverem dirigidos aos CC;

2) tipo e possibilidades das armas AC do inimigo - se o inimigo estiver equipado com armas AC de curto alcance, os Fuz Bld poderão seguir os CC mais próximos do que se o Ini possuir armas AC de grande calibre, longo alcance e alta velocidade;

3) tipo de terreno - se o terreno for ondulado e acidentado, fornecendo posições desenfiadas, os Fuz Bld poderão seguir os CC mas próximos do que se o terreno for aberto e relativamente nivelado ou plano;

4) ações do inimigo - a distância entre os CC e Fuz Bld, dentro da formação, não deverá ser tão grande, que possa permitir que o inimigo interponha uma força considerável entre seus elementos, o que poderá conduzir a uma derrota por parte, tanto dos CC como dos Fuz Bld.

(i) Qualquer que seja o processo de ataque empregado os Fuz Bld e os CC deverão assaltar o objetivo juntos. Os Fuz Bld, em princípio, deverão assaltar o objetivo embarcados. A resistência remanescente na área do objetivo, o terreno e a premência de tempo devem ser considerados pelo Cmt da FT ao decidir pelo assalto a pé ou embarcado.

1) Dar-se-á preferência a um assalto embarcado quando as resistências remanescentes na área do objetivo não signifiquem grande ameaça aos blindados. Neste caso as VBTP/ VBC-Fuz assaltarão no intervalo e à retaguarda dos CC. A utilização deste processo permite o emprego de munição de tempo pela artilharia durante o assalto. Tão logo possível o combinado CC - Fuz Bld buscará uma posição que lhe permita observação e fogos no compartimento seguinte. Os fuzileiros estarão aptos a participar, de imediato, da consolidação; enquanto parte deles faz a proteção aproximada dos CC, outra parte realiza a limpeza do objetivo.

2) Quando houver indícios de resistências remanescentes em condições de causar sérios danos aos blindados, ou na impossibilidade de visualizar toda a área do objetivo (matas, terreno acidentado, neblina, áreas edificadas, etc.), os Fuz Bld deverão assaltar a pé, eliminando as resistências remanescentes e cerrando para junto dos CC na consolidação. Parte dos fuzileiros poderá receber a missão de executar uma limpeza mais detalhada da área do objetivo.

(j) A decisão sobre quando e onde devem desembarcar os Fuz Bld, se isto for necessário, cabe ao comandante da subunidade ou FT SU e é baseada na situação existente, levando sempre em consideração que o assalto embarcado é preferível ao desembarcado e, que o assalto pela retaguarda do objetivo é mais eficaz que o assalto frontal.

(2) Processos de ataque para CC e Fuz Bld

(a) Há três processos gerais para o emprego combinado dos CC e Fuz Bld no ataque:

1) CC e Fuz Bld numa mesma direção;

2) CC e Fuz Bld em duas direções convergentes;

3) os CC somente apoiam pelo fogo.

(b) Durante o ataque, poderão ser empregados um ou mais desses processos. O escalão de ataque e as SU ou FT SU que o integram devem ser capazes de mudar o seu processo de ataque, caso isto se torne necessário, com a evolução do combate.

(c) A escolha de um processo ou de uma combinação de processos de ataque deve atender às considerações a seguir descritas:

1) os CC devem ser empregados de modo que seja feita a máxima utilização de sua mobilidade tática, potência de fogo, proteção blindada, velocidade e ação de choque;

2) a velocidade de progressão do ataque deve ser a máxima permitida pelo terreno e pela resistência do inimigo;

3) os Fuz Bld deverão permanecer embarcados o maior tempo possível, de modo que:

a) o escalão de ataque possa progredir na velocidade dos CC e VBTP, para cerrar sobre o inimigo e destruí-lo;

b) a mobilidade tática de ambos os elementos do combinado CC-Fuz Bld seja mantida;

c) as baixas, em regiões batidas por fogos de artilharia e de armas portáteis, sejam minimizadas;

d) possa ser utilizada munição de tempo nos fogos de artilharia, em apoio ao escalão de ataque;

e) não haja desgaste prematuro dos Fuz Bld, sendo sua energia conservada para a ocasião em que tiverem que ser empregados.

(d) Os Fuz Bld, normalmente, desembarcam quando se torna necessário:

1) evitar sua destruição por fogo AC inimigo;

2) abrir ou remover obstáculos que impeçam o movimento dos CC e VBTP/ VBC-Fuz para a frente;

3) cooperar na neutralização ou destruição das armas AC que detenham a progressão dos CC e VBTP/ VBC-Fuz;

4) participar de ataque através de regiões densamente matosas ou terreno muito acidentado ou cortado;

5) liderar um ataque através de cursos de água que não puderem ser atravessados pelas VBTP/ VBC-Fuz;

6) participar de ataques através de regiões fortificadas ou através de localidades e vilas que não puderem ser desviadas;

7) auxiliar a progressão dos CC sob certas condições de visibilidade restrita e campos de tiro reduzidos (escuridão, fumaça, neblina, bosques densos, terreno cortado);

8) realizar a limpeza de um objetivo e auxiliar na sua consolidação.

(3) Ataque de CC e Fuz Bld numa única direção

(a) Generalidades

1) No ataque numa única direção, todo o escalão de ataque utiliza a mesma via de acesso para o objetivo. Os Fuz Bld operam embarcados, empregando formações variadas em sua progressão.

2) Este processo proporciona melhor coordenação e controle, uma vez que toda a força atacante se desloca numa única direção e sobre a mesma via de acesso. Comparando com outros processos, permite apoio mútuo mais cerrado entre os elementos da força atacante.

3) As condições que favorecem a adoção deste processo são:

a) ataque em terreno limpo e plano, onde as VBTP/VBC-Fuz tenham dificuldades para mascarar seu movimento; neste caso, os CC proporcionarão proteção às VBTP/VBC-Fuz;

b) disponibilidade de apenas uma via de acesso;

c) o objetivo não pode ser flanqueado facilmente;

d) necessidade de um maior controle de operação.

(b) CC com Fuz Bld embarcados

1) O ataque de CC e Fuz Bld embarcados poderá ser realizado combinando-se estes elementos em uma única formação. As posições dos elementos na formação estão subordinadas à situação tática. Normalmente, os CC lideram, de modo a poderem utilizar melhor sua potência de fogo. As VBTP/VBC-Fuz devem ser dispostas à retaguarda dos CC, de modo que suas metralhadoras orgânicas possam aumentar os fogos dos CC, sem que tal implique em excessiva exposição aos fogos AC do inimigo. Esta técnica somente poderá ser utilizada quando a posição inimiga não apresentar sistema de defesa anticarro (DAC) eficiente.

2) Quando embarcados, os Fuz Bld podem seguir os CC por lanços. Esta técnica contribui para o aumento da segurança das VBTP/VBC-Fuz mas, acarreta redução da velocidade de progressão.

3) A distância entre os CC e as VBTP/VBC-Fuz não deve aumentar ao ponto de permitir que CC inimigos possam infiltrar-se entre eles, acarretando a perda da possibilidade de apoio rápido aos CC pelos Fuz Bld.

4) Ao determinar as posições de CC e VBTP/VBC-Fuz nas formações blindadas, o Cmt deve avaliar continuamente a necessidade de contar com a disponibilidade do apoio dos Fuz Bld expondo as VBTP/VBC-Fuz ao fogo eficaz do inimigo.

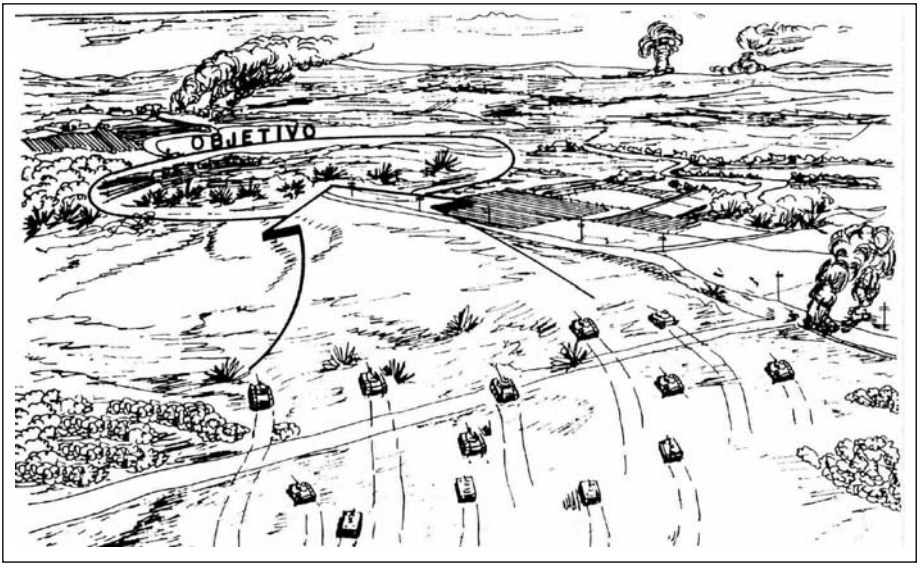

Fig 5-17. Ataque de CC e Fuz embarcados, num único eixo

(c) CC com Fuz Bld em movimentos por lanços

1) Os Fuz Bld seguem os CC por lanços. Esta técnica de movimento aumenta a segurança dos Fuz Bld. Enquanto os CC avançam continuamente de um para outro acidente do terreno, as VBTP/VBC-Fuz devem deslocar-se rapidamente para posições desenfiadas à retaguarda dos sucessivos acidentes do terreno.

2) O controle deve ser exercido de modo a assegurar a execução coordenada do assalto, com os CC precedendo os Fuz Bld no objetivo. Isto normalmente exigirá um aumento da velocidade das VBTP/VBC-Fuz no final do movimento, de modo a cerrar sobre os CC na abordagem do objetivo.

(d) CC com Fuz Bld desembarcados

1) Este processo poderá ser empregado em situações de pouca visibilidade, como em bosques, localidades e neblina densa. Quando os CC e Fuz Bld a pé progridem juntos, os Fuz Bld poderão se colocar entre os CC ou imediatamente a sua retaguarda. Durante a progressão, a posição relativa dos CC e Fuz Bld é ajustada de acordo com o terreno e a resistência inimiga. Durante o assalto, por exemplo, os Fuz Bld deslocar-se-ão, normalmente, à retaguarda imediata dos CC, de modo a permitir cerrado apoio mútuo, além de beneficiarem-se da proteção dos CC.

2) Quando o terreno, obstáculos ou armas AC inimigas restringem ou detêm o movimento dos CC, mas permitem o dos Fuz Bld desembarcados, aqueles poderão, temporariamente, apoiar, pelo fogo, o avanço dos Fuz Bld. Quando o ataque dos Fuz Bld tiver progredido suficientemente ou tiver sido removido o obstáculo que detinha os CC, estes deverão se deslocar para a frente, ultrapassar os Fuz Bld e voltar a liderar o ataque. Este tipo de ação não deve ser confundido com o processo em que os CC somente apoiam pelo fogo, já que a intenção é que os CC participem do assalto ao objetivo.

Fig 5-18. CC e Fuz desembarcados, progredindo juntos

3) Quando os CC assaltam sob proteção de munição de tempo de artilharia e morteiros, os Fuz Bld seguem à retaguarda numa distância de segurança dos arrebentamentos, eliminando ou capturando o pessoal inimigo remanescente.

4) As VBTP/VBC-Fuz devem progredir logo atrás dos Fuz Bld desembarcados, para estarem prontamente disponíveis, quando necessárias, para prosseguir no ataque ou para auxiliar na consolidação do objetivo.

(4) Ataque dos CC e Fuz Bld em duas direções convergentes

(a) Generalidades

1) Normalmente serão empregados CC e Fuz Bld em uma mesma direção. Poderão surgir situações em que seja necessário o emprego de Fuz Bld em uma direção e CC em outra.

2) A coordenação do assalto é mais difícil do que em outros processos.

3) Este processo, normalmente, obtém o máximo efeito de surpresa. Proporciona oportunidade para a força atacante golpear os flancos ou retaguarda do inimigo, além de obrigá-lo a combater em duas direções. O emprego dos CC em ambas as direções, sujeita os CC inimigos a exporem seus flancos e retaguarda e, a serem destruídos.

4) As condições que favorecem o emprego deste processo são:

a) possibilidades de flanqueamento do objetivo;

b) possibilidade de manutenção do controle a despeito das dificuldades.

(b) CC com Fuz Bld embarcados num mesmo eixo

1) Normalmente, uma FT SU com os Fuz Bld embarcados é empregada em cada direção.

2) O ataque deverá ser coordenado de tal maneira que as FTSU cheguem ao objetivo simultaneamente, para assegurar o máximo de ação de choque.

3) O movimento dos CC e das VBTP/VBC-Fuz será regido pelas mesmas considerações feitas para a atuação em uma única direção.

(c) CC com Fuz Bld a pé por eixos diferentes

1) O movimento de CC e Fuz Bld a pé obedece as mesmas considerações quanto ao emprego em um único eixo.

2) Quando o escalão de ataque é detido por fogos ou obstáculos AC inimigos, os Fuz Bld a pé progridem utilizando Via A coberta, impraticável para os CC e atacam o flanco do inimigo. Nesta situação, os CC apoiam pelo fogo, deslocando-se logo que possível em direção ao objetivo.

3) As FTSU em cada Via A devem procurar a abordagem do objetivo simultaneamente. O ataque poderá ser coordenado de tal modo que os CC cheguem primeiro ao objetivo e, os Fuz Bld posteriormente. Tal atitude permitirá o uso de tiros com munição de tempo da artilharia e de morteiros durante a fase do assalto à posição.

(d) CC numa direção e Fuz Bld na outra - Este procedimento é empregado quando uma das Via A é adequada para os CC, mas acarreta excessiva exposição dos Fuz Bld e suas viaturas, enquanto a outra poderá ser utilizada por Fuz Bld a pé, mas restringe ou impede o movimento dos CC. Este processo torna crítica a coordenação CC-Fuz Bld para o assalto.

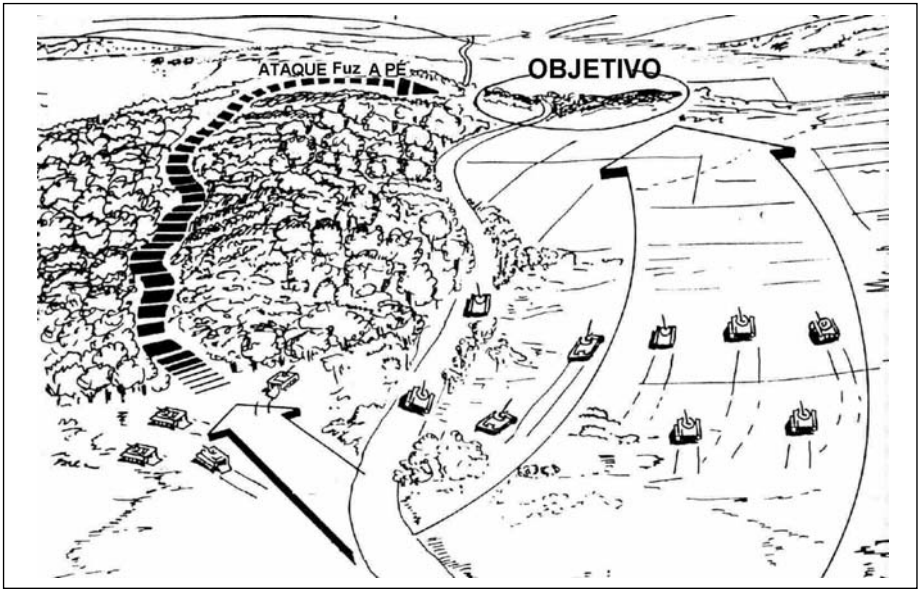

Fig 5-19. Os CC e os Fuz a pé, no ataque por eixos diferentes

(5) Os CC somente apoiam pelo fogo

(a) Neste processo os Fuz Bld, a pé, atacam para conquistar o objetivo e os CC os apoiam somente pelo fogo. As condições que tornam necessária a utilização deste processo são:

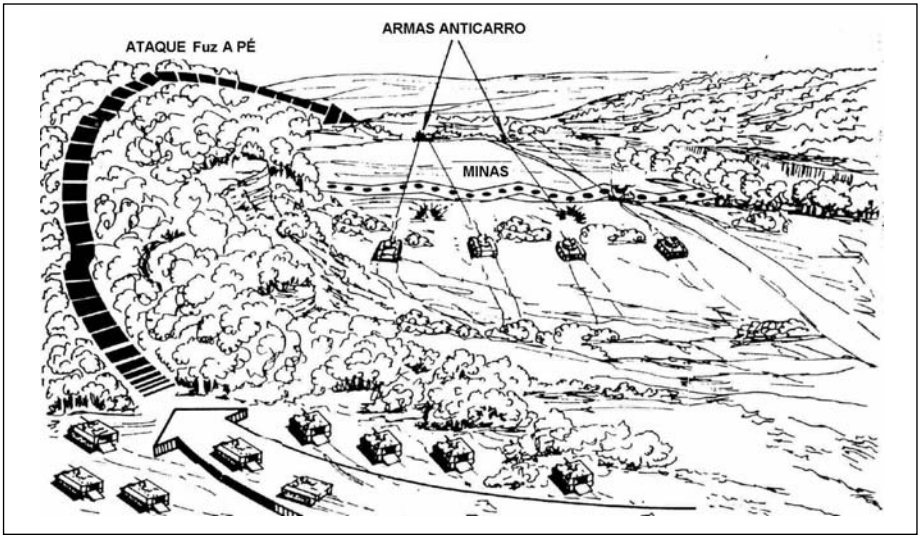

Fig 5-20. CC somente apoiando pelo fogo o ataque dos Fuz

1) a existência de obstáculos que impeçam o movimento das viaturas no ataque, obrigando a conquista de um objetivo para permitir a remoção dos obstáculos;

2) terreno impraticável para os CC deve ser conquistado.

(b) Quando os cursos de água, obstáculos aos CC, devem ser transpostos, os CC apóiam os Fuz Bld somente pelo fogo. As VBTP/VBC-Fuz podem transpor cursos de água não vadeáveis pelos CC. Em conseqüência, os CC deverão se colocar em posições de tiro desenfiadas das quais possam, pelo fogo, apoiar a travessia das VBTP/VBC-Fuz.

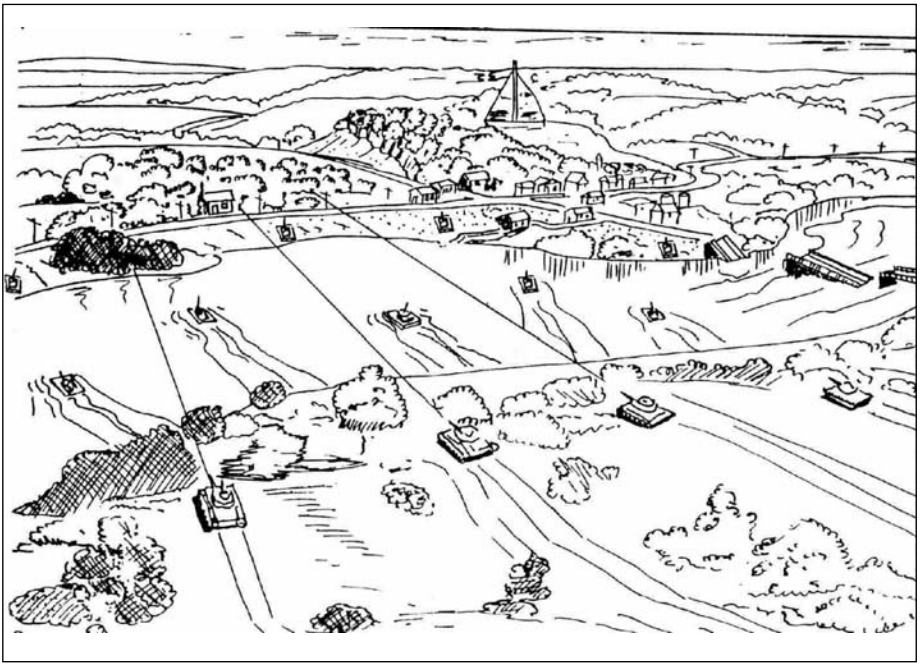

Fig 5-21. CC apoiando pelo fogo a transposição de um curso de água pelos Fuz Bld

5-13. EMPREGO DOS ELEMENTOS BLINDADOS NAS OPERAÇÕES DE ABERTURA DE BRECHA

a. Generalidades - Em combate, o comandante da FT irá se deparar com uma grande variedade de obstáculos artificiais e naturais. Os obstáculos devem ser rapidamente ultrapassados para conservar a iniciativa e manter a impulsão do ataque. O comandante deve decidir rapidamente se irá desbordar, realizar uma operação de abertura de brecha ou forçar a passagem através do obstáculo. A opção de se forçar a passagem em um obstáculo só deverá ser adotada se não for possível desbordá-lo ou abrir uma brecha, pois este processo acarretará uma grande quantidade de perdas em pessoal e material. A urgência no cumprimento

da missão será fator decisivo na escolha do processo a ser adotado para se ultrapassar um obstáculo.

(1) O planejamento e a execução de uma operação de abertura de brecha são encargos do elemento operacional. Esse tipo de operação exige a integração e sincronização de todos os sistemas operacionais, extrapolando o conceito de ser uma ação típica de OM de Engenharia.

(2) A aplicação sistêmica e integrada dos fundamentos e princípios das operações de aberbura de brecha está diretamente ligada à eficiência das forças de combate modernas. Assim, o adestramento deixa de ser estanque, passando a ser integrado. Esse procedimento proporciona o emprego combinado das Armas e enfatiza a sinergia entre os sistemas operacionais.

b. Desbordamento do obstáculo

(1) Os obstáculos devem ser, sempre que possível, desbordados. Os fogos ajustados do inimigo poderão ser evitados, deslocando-se a tropa por itinerários cobertos e abrigados dos fogos diretos inimigos. O Pel Exp será empregado para reconhecer os limites laterais do obstáculo, encontrar itinerários que possibilitem o desbordamento do obstáculo, localizar as armas do inimigo e seus itinerários de contra-ataque na área do obstáculo.

(2) Os elementos da FT SU vanguarda devem rapidamente se desdobrar no terreno para apoiar o reconhecimento do Pel Exp. Estes procedimentos devem fazer parte das NGA da FT para se ganhar tempo e evitar confusão.

(3) Normalmente, a subunidade vanguarda da FT estabelecerá uma proteção face ao obstáculo. Ao mesmo tempo, o Pel Exp iniciará os reconhecimentos laterais procurando encontrar itinerários que possibilitem o desbordamento do obstáculo. Os fuzileiros blindados e os engenheiros reconhecem o obstáculo, para o caso do desbordamento não ser realizado.

(4) Os helicópteros da aviação do exército e as aeronaves da força aérea podem ser empregados na localização de itinerários de desbordamento, na proteção da tropa no obstáculo e impedindo o reforço da posição inimiga ou a realização de contra-ataques.

c. Abertura de brecha nos obstáculos

(1) Na defensiva, a doutrina enfatiza o emprego de obstáculos em profundidade, a fim de criar várias " linhas de defesa " e dar mais solidez à posição defensiva. A FT poderá se deparar com obstáculos junto à linha de contato ou em profundidade e deverá estar capacitada para realizar uma operação de abertura de brecha para poder cumprir sua missão. Normalmente, poderão ser encontrados num campo de batalha, obstáculos do tipo:

(a) campo de minas;

(b) obstáculos de troncos ou trilhos, como abatises, ouriços, estacas, muros, etc.;

(c) fossos anticarro e crateras;

(d) obstáculos de arame;

(e) obstáculos químicos (gás).

(2) Tipos de operações de abertura de brecha

(a) Se o desbordamento não puder ser realizado, dois tipos de operação de abertura de brecha podem ser realizados:

1) Abertura imediata de brecha

a) A abertura imediata de brecha é empregada quando a impulsão do ataque deve ser mantida. Ela será realizada, em princípio, sob fogo inimigo, portanto, a velocidade e rapidez das ações são extremamente importantes.

b) Os engenheiros de combate em apoio à FT devem, sempre que possível, integrar a Força de Abertura de Brecha da FT, para agilizar os trabalhos no obstáculo. Entretanto, fatores como tempo e espaço poderão impor a abertura da passagem sem a participação direta da engenharia.

2) Abertura deliberada de brecha

a) Este processo será empregado quando a abertura imediata da brecha tiver falhado ou existir tempo suficiente para a operação e recursos adicionais estiverem disponíveis.

b) A brecha será aberta, em princípio, por uma fração de engenharia de combate. As peças de manobra fornecem segurança e realizam reconhecimentos em apoio à fração de engenharia que estiver realizando a remoção do obstáculo.

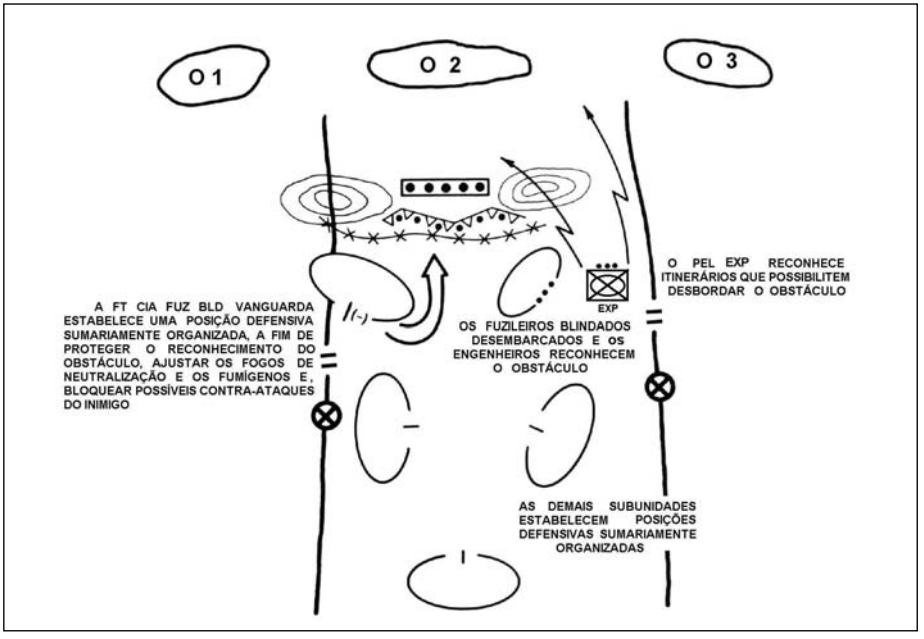

Fig 5-22. Ultrapassagem de obstáculos - reconhecimento

(b) Para a realização destes dois processos de abertura de brecha, a FT deve possuir o adestramento necessário e padronizar procedimentos em suas NGA.

(c) A FT deve reconhecer a linha de obstáculos imediatamente à sua frente e em profundidade na posição defensiva inimiga.

(3) Organização da FT para uma operação de abertura de brecha.

(a) A FT deverá organizar suas peças de manobra para a operação

de abertura de brecha, em:

1) Força de Apoio - Em princípio, será constituída com a FTSU vanguarda da FT. Ela deve prover o apoio aproximado e o apoio de fogo necessário para apoiar, inicialmente, a Força de Abertura de Brecha e a Força de Assalto. Se necessário, alguns elementos da Força de Apoio poderão passar ao controle operacional da Força de Assalto, para assegurar a coordenação de fogos durante o assalto.

2) Força de Abertura de Brecha - Esta força deverá abrir brechas e trilhas no sistema de obstáculos do inimigo e neutralizar suas defesas mais próximas à orla posterior do obstáculo, para permitir a passagem da Força de Assalto através do obstáculo. A Força de Abertura de Brecha poderá ser empregada para alargar a brecha inicial, durante ou após o ataque da Força de Assalto, a fim de permitir o prosseguimento da operação. Esta força será, normalmente, organizada com base numa subunidade de fuzileiros blindados e com a engenharia em reforço ou apoio direto. Seu trabalho será feito protegido pela Força de Apoio.

3) Força de Assalto - A missão da Força de Assalto é atacar através da brecha e destruir o inimigo que protege o obstáculo e impede a progressão da FT.

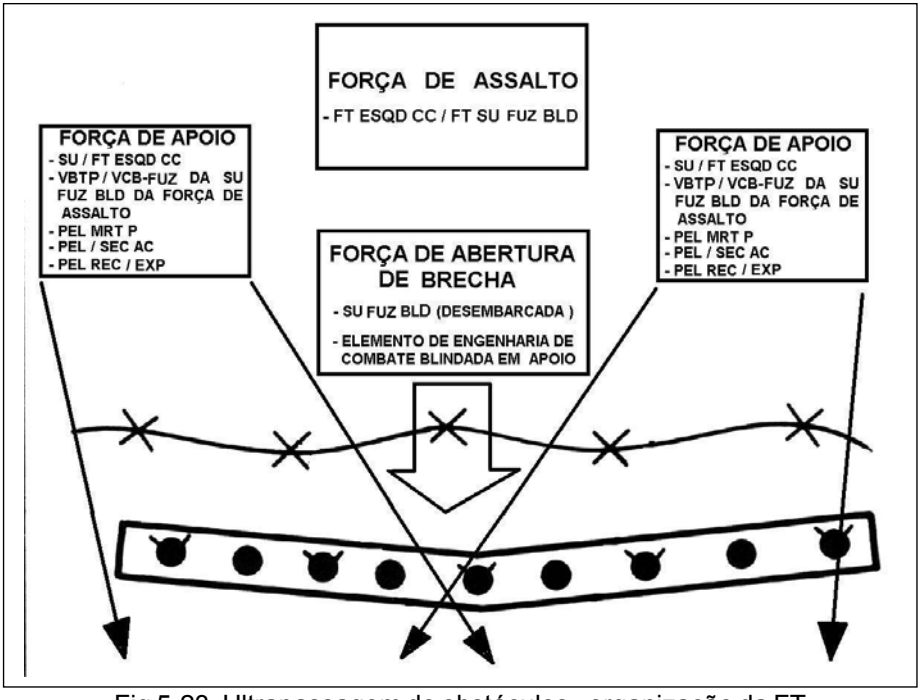

Fig 5-23. Ultrapassagem de obstáculos - organização da FT

(b) A identificação do obstáculo é a tarefa mais crítica a realizar neste tipo de operação. Vários métodos de identificação podem ser empregados, inclusive o reconhecimento aéreo e terrestre. Normalmente, o Pel Exp e patrulhas de fuzileiros blindados da FTSU vanguarda serão os elementos que primeiro detectarão o obstáculo. Os elementos de engenharia que apóiam a FT devem ser alocados à vanguarda, para facilitar a identificação e o reconhecimento do obstáculo. O Pel Exp pode ser reforçado com elementos de engenharia, com a mesma finalidade.

(c) Quando possível, a noite será aproveitada para a realização dos trabalhos iniciais no obstáculo. Se os engenheiros dispuserem de equipamentos de visão noturna e de treinamento para a abertura de brechas à noite, a FT poderá ganhar tempo trabalhando protegida pela escuridão, além de reduzir as perdas em pessoal e material na operação diurna.

(d) Se durante uma operação ofensiva a FT, entrar inadvertidamente num sistema de obstáculos do inimigo, ela deverá executar quatro tarefas críticas:

1) A FTSU vanguarda deve imediatamente informar ao comandante da FT e desdobrar-se de modo a estabelecer uma proteção face ao inimigo, desencadeando rapidamente fogos de neutralização e lançando fumígenos para cegar os observadores inimigos.

2) A FT deve procurar itinerários que possibilitem retrair e desbordar o obstáculo.

3) A vanguarda deve destacar elementos para reconhecerem os limites do(s) obstáculo(s).

4) A FT deve iniciar uma operação de abertura imediata de brecha, caso não seja possível desbordá-lo.

(e) A FT SU vanguarda passa a constituir a Força de Apoio e realiza a proteção da FT. Se a decisão para abrir a brecha é tomada, o Pel Exp passa a fornecer segurança no flanco da FT e a Força de Abertura de Brecha inicia a operação de remoção dos obstáculos. A fração de engenharia que integra a FT pode ser reforçada com equipamentos especiais para a abertura de brechas, como os torpedos bangalore, as cargas explosivas lineares lançadas por foguetes e blindados especializados de engenharia, com equipamentos do tipo rolo, arado e malhador. Estes equipamentos devem ser empregados junto com a Força de Abertura de Brecha.

(f) Somente após a Força de Apoio ter se desdobrado e estar em posição para apoiar a operação e fogos de neutralização (explosivos e fumígenos) estarem batendo a posição inimiga, a Força de Abertura de Brecha inicia seu deslocamento para o obstáculo.

(g) Durante a abertura da brecha, as outras subunidades da FT devem manter-se dispersas, para evitar constituírem-se em alvos compensadores próximo ao obstáculo. A dispersão da FT é uma necessidade tática.

(h) Ao chegar na orla do obstáculo, a Força de Abertura de Brecha estabelece sua própria proteção e, os equipamentos disponíveis para a abertura da passagem iniciam o trabalho no obstáculo. As VBTP / VBC-Fuz da SU Fuz Bld e dos engenheiros somente permanecerão próximas ao obstáculo quando a área estiver sendo batida por intensos fogos indiretos inimigos, a fim de fornecer

proteção e transporte aos elementos da Força de Abertura de Brecha. Somente uma brecha deverá ser aberta inicialmente, mas, pelo menos duas brechas para viaturas são necessárias para apoiar a FT.

(4) Técnicas e condutas para a abertura de brecha

(a) O objetivo inicial de uma brecha é possibilitar a travessia segura de viaturas e elementos a pé para o outro lado de um obstáculo. O número e o tipo de passagens a serem abertas num obstáculo depende do valor da Força de Abertura de Brecha, da profundidade e densidade do obstáculo e do equipamento disponível. São necessidades mínimas para a passagem em obstáculos:

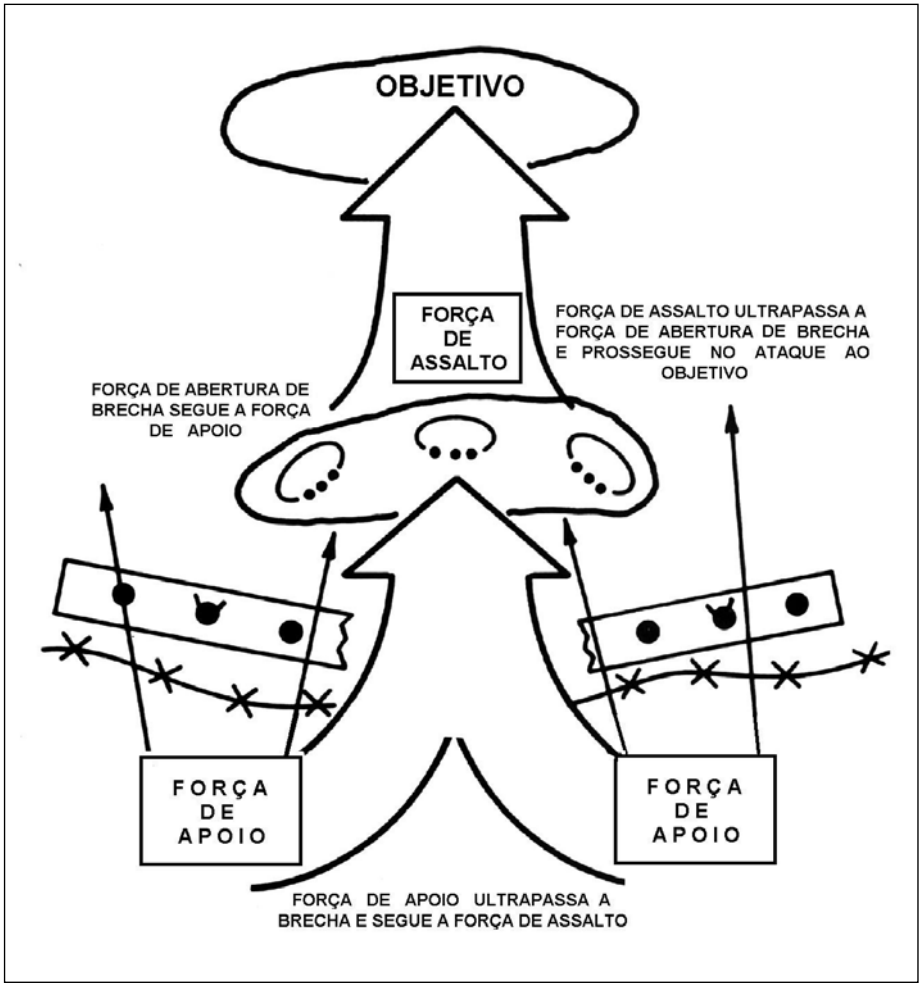

Fig 5-26. Ultrapassagem de obstáculos - abertura da brecha e assalto

1) Quando a FT realizar a transposição do obstáculo empregando, inicialmente, elementos embarcados (Bld ou Mec) deverá ser aberta, no mínimo, uma brecha de 7 m por SU ou FTSU em 1º escalão.

2) Quando a transposição for realizada pela FT empregando, inicialmente, elementos a pé, deverão ser abertas no mínimo:

a) para a Força de Assalto ou Ataque principal, uma trilha por pelotão em 1º escalão;

b) para o Ataque Secundário ou para a Força de Apoio, uma trilha por SU ou FTSU;

c) para as armas de apoio, carros de combate e viaturas empregadas em 1º escalão, uma brecha de 7 m.

(b) A FT deve estar preparada para abrir brechas nos obstáculos sem o apoio da engenharia de combate. As SU Fuz Bld devem estar em condições de apoiarem os Pel CC / Esqd CC na abertura imediata de brecha. As técnicas mais comuns de abertura de brechas, utilizando equipamentos orgânicos são:

1) empurrar uma viatura destruída, com uma VBC-CC, para o outro lado do obstáculo;

2) empregar as VBC-CC para destruir os obstáculos de arame e abrir uma brecha;

3) utilizar, quando disponíveis, viaturas blindadas especializadas em socorro dotadas de lâminas, para nivelar o terreno no obstáculo, abrindo uma brecha;

4) utilizar acessórios dos carros de combate como os arados, malhadores e rolo compressor, quando disponíveis.

(c) Cada viatura blindada poderá transportar uma corda com uma fateixa, para auxiliar na remoção de obstáculos de arame.

(5) Balizamento da brecha

(a) A brecha deve ser claramente balizada para que as viaturas possam cruzar o obstáculo rapidamente e com segurança. Este balizamento pode ser feito com equipamento específico de engenharia ou, temporariamente, com meios de fortuna disponíveis. A situação tática permitirá ou não, a realização de um balizamento padrão da passagem. São normalmente empregados no balizamento expedito de brechas em obstáculos:

1) latas e sacos vazios de ração;
2) pedras;
3) galhos de árvores e arbustos;
4) granadas fumígenas;
5) papel higiênico;
6) cordas;
7) tinta ou cal.

(b) O balizamento da brecha deve começar bem antes da orla anterior do obstáculo e terminar depois da orla posterior, delimitando corretamente a área segura para a travessia.

(c) Após as brechas serem abertas, os fuzileiros blindados da Força de Abertura de Brecha cruzam o obstáculo e vão desdobrar-se do outro lado, instalando-se defensivamente e passando a bater pelo fogo as posições inimigas conhecidas ou prováveis. A Força de Abertura de Brecha deve estabelecer uma

segurança aproximada da região de passagem, para poder apoiar a ultrapassagem e o desdobramento da Força de Assalto.

(6) Abertura imediada de brecha em obstáculos com troncos de árvores e/ou trilhos.

(a) Abatises são destruídos pela colocação de cargas explosivas. Após a detonação dos explosivos, os troncos são removidos a braço ou com o emprego das viaturas blindadas.

(b) Obstáculos com trilhos ou troncos podem ser removidos com o apoio de viaturas especializadas de engenharia ou viaturas blindadas.

(7) Abertura imediata de brecha em fossos anticarro.

(a) Um fosso anticarro bem posicionado e bem construído constitui-se num formidável obstáculo para a FT Bld. É um obstáculo que exige equipamento especializado para a sua construção ou, um grande número de soldados e trabalhadores civis, demandando um longo período de construção. Por se constituir num obstáculo importante para o inimigo, provavelmente estará fortemente minado, reforçado por obstáculos de arame e batido por fogos diretos e indiretos ajustados. Quando a FT deparar-se com um fosso anticarro, deverá atuar rapidamente, de forma agressiva, devendo:

1) informar ao escalão superior;

2) estabelecer uma proteção com a Força de Apoio (vanguarda);

3) lançar o Pel Exp e patrulhas de Fuz Bld para reconhecer itinerários que possibilitem o desbordamento do obstáculo;

4) iniciar a abertura imediata do obstáculo, se não for possível desbordá-lo.

(b) A abertura imediata do obstáculo somente deverá ser iniciada após ser desencadeada a neutralização da posição defensiva inimiga, com fogos indiretos e diretos, explosivos e fumígenos, seja durante o dia ou durante períodos de visibilidade reduzida.

(c) Os Fuz Bld, engenheiros e o Pel Exp devem reconhecer o obstáculo, tentando localizar seus pontos fracos. Intervalos no fosso ou nos obstáculos de arame, locais onde o fosso esta parcialmente fechado ou onde a parede não é muito íngreme, são locais em potencial para se cruzar o obstáculo.

(d) Para iniciar a abertura da brecha, a artilharia, os morteiros e os carros de combate devem atirar no interior do fosso e na parte superior da parede do lado inimigo. Estes fogos provocarão o desmoronamento da parede do fosso, fechando-a parcialmente, destruindo obstáculos de arame e detonando as minas. A FTSU Vanguarda (Força de Apoio) deverá ajustar estes fogos.

(e) Quando a Força de Abertura de Brecha tiver limpado a passagem, a engenharia deverá deslocar para o fosso suas viaturas blindadas lançadoras de pontes de pequenas brechas (PPB). No mínimo são necessárias duas PPB para apoiar a ultrapassagem do fosso pela FT.

(f) Se as PPB não estiverem disponíveis, o fosso anticarro deverá ser fechado, utilizando-se neste trabalho as viaturas da engenharia e cargas explosivas, coladas nas paredes do fosso. Os CC poderão ser empregados para auxiliar no desmoronamento das paredes do fosso.

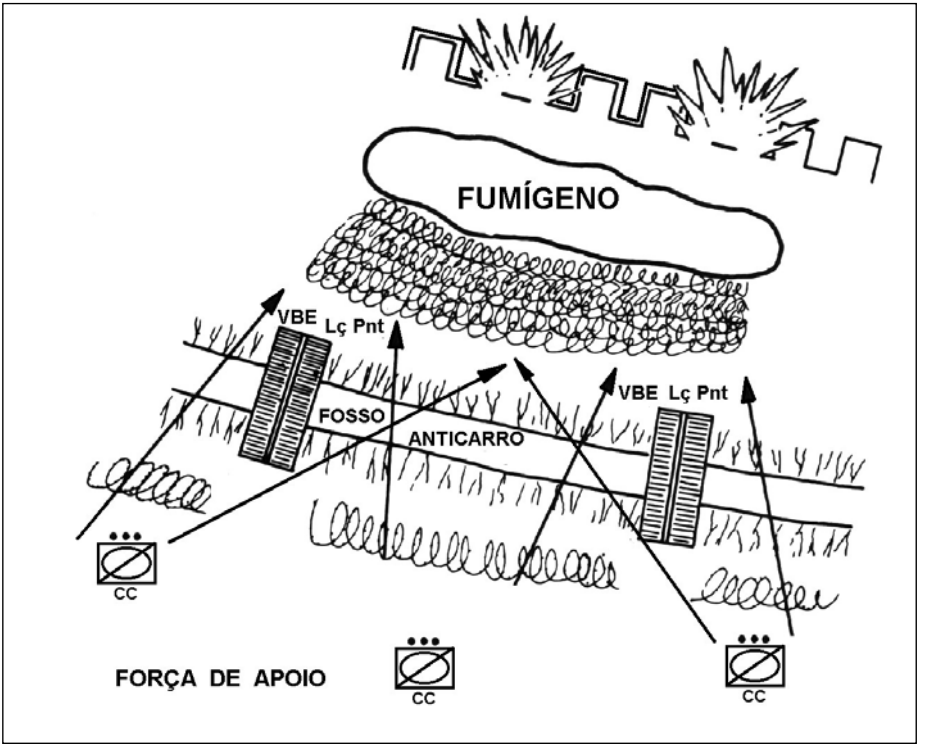

Fig 5-25. Ultrapassagem de obstáculos - fosso anticarro

(g) Imediatamente após haver sido estabelecida a passagem, elementos da Força de Abertura de Brecha cruzam rapidamente o fosso e estabelecem uma proteção aproximada no lado oposto do obstáculo, Com o apoio destes elemento e da Força de Apoio, a Força de Assalto cruza o fosso e desencadeia seu ataque.

ARTIGO V

APROVEITAMENTO DO ÊXITO

5-14. CONSIDERAÇÕES GERAIS

a. Conceito

(1) Operação que se segue a um ataque bem sucedido e que, normalmente, se inicia quando a força inimiga se acha, reconhecidamente, em dificuldades para manter suas posições. Caracterizada por um avanço contínuo e rápido das forças amigas com a finalidade de ampliar ao máximo as vantagens obtidas no ataque e destruir a capacidade do inimigo de reorganizar-se ou de realizar um movimento retrógrado ordenado.

(2) Constitui a fase decisiva da ofensiva. O sucesso da operação repousa na judiciosa exploração das vantagens iniciais conseguidas pelo ataque. Visa a destruir a capacidade do inimigo de reconstituir uma defesa organizada ou de conduzir, ordenadamente, um movimento retrógrado, em face de uma ameaça de destruição ou captura.

(3) A oportunidade para o início de uma operação de aproveitamento do êxito deve ser judiciosamente considerada. Constituem indícios capazes de justificá-la:

(a) visível diminuição da resistência inimiga em pontos importantes da sua defesa;

(b) aumento do número de prisioneiros de guerra e de material abandonado pelo inimigo;

(c) ultrapassagem de posições de artilharia e de instalações de comando e de suprimento.

b. Grupamento de forças

(1) A operação de aproveitamento do êxito comporta dois tipos de forças:

(a) a força de aproveitamento do êxito;

(b) a força de acompanhamento e apoio.

(2) Ambas as forças deverão possuir alta mobilidade e são subordinadas diretamente ao escalão que as lançou. Não há relação de comando entre ambas.

c. Missões

(1) Da força de aproveitamento do êxito

(a) Conquistar objetivos profundos na retaguarda inimiga.

(b) Cortar linhas de transporte e de suprimento inimigas.

(c) Barrar ou cortar eixos de retraimento da força cercada.

(d) Cercar e destruir forças inimigas.

(e) Desorganizar a capacidade de comando e de controle do inimigo.

(2) Da força de acompanhamento e apoio

(a) Manter aberta a brecha da penetração realizada pela força de aproveitamento do êxito.

(b) Assegurar a posse de acidentes capitais de interesse para a operação.

(c) Limpar o terreno.

(d) Substituir elementos da força de aproveitamento do êxito que tenham sido deixados à retaguarda.

(e) Auxiliar em atividades de assuntos civis e de prisioneiros de guerra.

(f) Proteger áreas e instalações à retaguarda da força de aproveitamento do êxito.

(g) Assegurar a liberação das vias de transporte.

(h) Bloquear o movimento de reservas inimigas para o interior da área.

d. Acidentes capitais - Em princípio são considerados acidentes capitais para uma operação de aproveitamento de êxito:

(1) objetivos impostos;
(2) as passagens contínuas sobre rios e obstáculos;
(3) as passagens obrigatórias;
(4) as regiões dominantes;
(5) as regiões capazes de proporcionar segurança; e
(6) as regiões favoráveis à rocada de meios.

e. Vias de acesso - Em face da necessidade de rapidez, uma operação de aproveitamento do êxito deve utilizar o maior número possível de eixos disponíveis que demandem aos objetivos impostos, situados profundamente na retaguarda inimiga.

f. Inimigo - Quando o aproveitamento do êxito é iniciado, a situação do inimigo é de desorganização. A resistência inimiga consistirá, em princípio, de retardamento executado por pequenos elementos, em linhas descontínuas e sem profundidade. A desorganização inimiga tende a aumentar proporcionalmente aos sucessos obtidos pela força de aproveitamento do êxito.

g. Liberdade de ação

(1) A execução descentralizada e a adoção de um mínimo de medidas de controle, exigirão iniciativa por parte dos comandantes envolvidos neste tipo de operação, atribuindo-lhes acentuada liberdade de ação.

(2) A rapidez das ações implicará na adoção de decisões prontas e acertadas. Geralmente as missões serão atribuídas por suas finalidades.

h. Conduta

(1) A força de aproveitamento do êxito é organizada para destruir instalações ou posições inimigas que seus elementos surpreenderem ou que estiverem fracamente defendidas. As ordens são difundidas pelo rádio, após rápido reconhecimento, normalmente feito pela observação do objetivo e do terreno que interessem à ação a ser empreendida. Os elementos empregados atuam com o máximo de potência de fogo e ação de choque disponíveis.

(2) Caso a resistência inimiga seja de vulto, elementos com poder de combate suficiente para realizar a manutenção do contato são deixados face àquela posição, enquanto os demais desbordam e prosseguem no cumprimento da missão. Caberá à força de acompanhamento e apoio a redução e limpeza dessas posições inimigas, ocasião em que os elementos deixados à retaguarda reagrupam-se à força de aproveitamento do êxito.

i. Características - Uma operação de aproveitamento do êxito possui as seguintes características:

(1) planejamento centralizado e execução descentralizada;
(2) medidas de controle reduzidas ao mínimo;
(3) objetivos profundos;
(4) progressão rápida, contínua e em larga frente;
(5) ataques de oportunidade, por incursões rápidas, golpes de mão e desbordamentos, partindo da coluna de marcha;

(6) missões atribuídas pela finalidade;

(7) ampla utilização de meios aéreos para reconhecimento e apoio de fogo;

(8) desbordamento e manutenção do contato em fortes pontos de resistência inimiga.

5-15. SEGURANÇA DA FORÇA-TAREFA

a. Generalidades - Cada comandante é responsável pela segurança de sua unidade. Um elemento blindado empregado no aproveitamento do êxito, em virtude do seu aprofundamento no território inimigo, é particularmente vulnerável a ataques nos flancos e retaguarda e à inquietação por meio de pequenos bolsões de resistência e guerrilheiros. Em conseqüência, a segurança se torna acentuadamente importante.

b. Segurança durante o deslocamento

(1) Durante o deslocamento, a segurança é proporcionada:

(a) pelas forças de segurança;

(b) pelo reconhecimento e vigilância de combate, por meios terrestres e aéreos, à frente, nos flancos e à retaguarda;

(c) pela ligação com as unidades vizinhas;

(d) pela formação da coluna.

(2) Os elementos de apoio na coluna são protegidos colocando-se elementos de combate próximos a eles. Dependendo da situação, a segurança da coluna poderá ser proporcionada pelo emprego de vanguarda, flancoguarda(s) e retaguarda.

c. Segurança durante os altos - Quando a testa da coluna faz alto, o restante da mesma continua em movimento, cerrando à frente em formação preestabelecida e em condições de ação instantânea em qualquer direção. Medidas de segurança e de defesa aérea passiva devem ser consideradas para a segurança contra ataques e observação aéreos.

5-16. COMPOSIÇÃO DA FORÇA-TAREFA NO APROVEITAMENTO DO ÊXITO

a. Generalidades - No aproveitamento do êxito, as FT Bld se organizam, normalmente, em 1º Escalão, 2º Escalão e Reserva. O 2º Escalão será constituído pelas peças de manobra com missão definida após determinado ponto do terreno, determinada fase da operação ou, após o estabelecimento do contato com resistências inimigas. Em princípio, esta organização por escalões será impositiva quando a FT deslocar-se por um único eixo de progressão. As FT Bld, durante o aproveitamento do êxito, devem ser capazes de executar qualquer tipo de operação terrestre e de iniciar uma ação no menor tempo possível. Deverão ser organizadas de modo que o comandante disponha de todos os elementos que possa precisar para o cumprimento da missão. A FT deverá contar com o reforço de elementos de engenharia e de elementos de apoio logístico. Os fogos de apoio deverão ser proporcionados pela Art, pelo Pel Mrt P e pelas demais armas orgânicas de tiro direto e indireto.

b. Mobilidade - A mobilidade se torna acentuadamente importante durante o aproveitamento do êxito. Os elementos de apoio ao combate e de apoio logístico devem ser altamente móveis.

c. Organização - A organização para o combate e a ordem de marcha são baseadas na consideração dos fatores da decisão (missão, inimigo, terreno, meios e tempo). A ordem de marcha deve corresponder ao emprego previsto de cada um dos elementos da coluna.

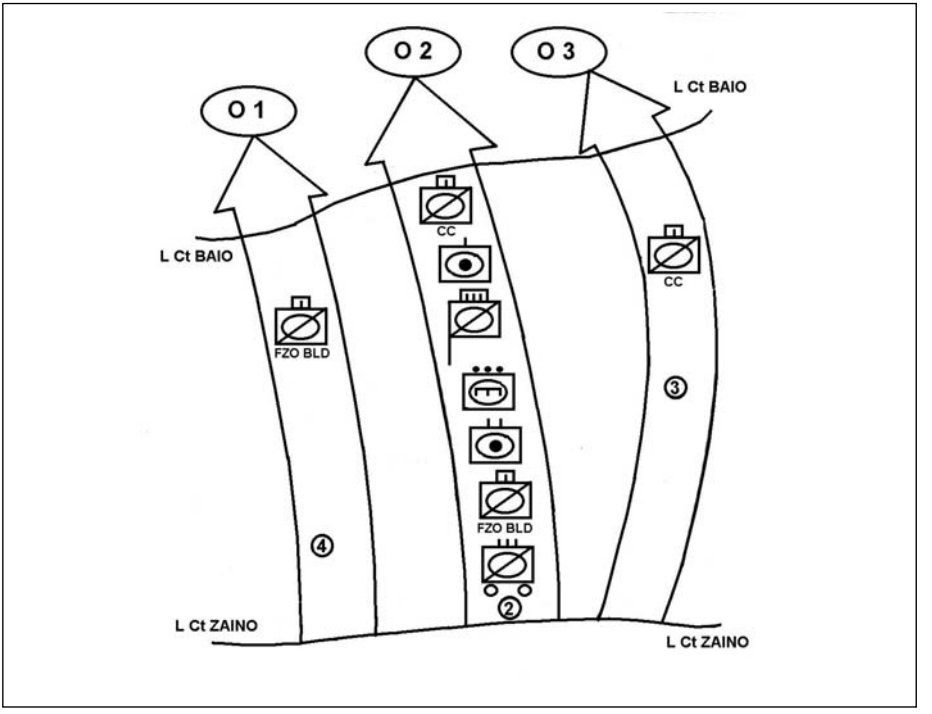

Fig 5-26. Dispositivo e organização do RCB para o aproveitamento do êxito (um exemplo)

d. CC e Fuz Bld - Em princípio, serão empregados constituindo FT SU para liderar o movimento, manobrar para qualquer flanco e proporcionar, segurança. FT fortes em CC, normalmente, serão empregadas em primeiro escalão.

e. Posto de Comando Tático - O PCT (constituído, normalmente, do grupo de comando, de elementos de segurança e de comunicações) terá sua localização condicionada às necessidades do comandante. Em princípio, o PCT marcha à retaguarda da subunidade que se desloca à testa do grosso, pelo eixo considerado mais importante. Isto permitirá uma maior rapidez na tomada de decisões e expedição de ordens.

f. Artilharia - A artilharia, em apoio ou em reforço, normalmente, progride por onde a FT desloca a maioria de meios, até o momento em que seja encontrada uma resistência inimiga que necessite de seus fogos para ser reduzida, a fim de assegurar, do interior do dispositivo, um adequado apoio de fogo à frente. É essencial que elementos de combate precedam a artilharia, a fim de lhe proporcionarem segurança O comandante da bateria de artilharia assessora o comandante da FT nas suas tomadas de decisões.

g. Equipe de controle aerotático (ECAT) - Esta equipe compõe-se essencialmente de um controlador aéreo avançado (CAA) e de elementos equipados com meios de comunicações capazes de permitirem a ligação terra - ar. Sua atribuição é a de orientar e controlar os ataques aéreos durante a execução do apoio aproximado, utilizando-se de postos de observação no solo ou no ar. Quando empregada no solo, a ECAT pode utilizar um veículo blindado fornecido pela FT ou sua viatura orgânica e, com freqüência, pode vir a integrar o PC Tat.

h. Morteiros - O pelotão de morteiros pesados, em princípio, progride à retaguarda de uma das FT empregadas em primeiro escalão. Quando a FT progride por 2 eixos de progressão e possui artilharia em reforço ou apoio direto, esta se deslocará pelo eixo principal e o Pel Mrt P pelo secundário. O Cmt do pelotão de morteiros, apresenta sugestões ao S3 ou ao OAF (Adj S3) capazes de influírem em suas decisões.

i. Engenharia - A FT, normalmente, na execução do aproveitamento do êxito, receberá um pelotão de engenharia em reforço. Desde que não haja facilidade de rocadas, o comandante do pelotão de engenharia pode empregar grupos de engenharia em diferentes eixos de progressão, mantendo-os, em princípio, diretamente sob o seu controle. Nestes casos, quando os meios de engenharia tiverem que se locomover com freqüência, o comandante da FT deverá atribuir a mais alta prioridade de tráfego ao Pel Eng. Os grupos de engenharia progridem imediatamente à retaguarda dos elementos mais avançados das subunidades de primeiro escalão e são empregados para manter a impulsão dessas forças, realizando trabalhos de remoção de obstáculos, lançamento de pontes de pequena brecha, reparação de estradas e balizamento de itinerários alternativos e de vaus. Na realização destes trabalhos, os elementos de engenharia deverão contar com a proteção da força apoiada.

j. Trens - Os trens de combate, normalmente, se deslocam à retaguarda dos elementos que compõem a maioria de meios da FT. Elementos de combate são designados para proverem a segurança dos trens, constituindo uma proteção de retaguarda.

l. Meios de defesa antiaérea - O comandante da FT deve priorizar a defesa antiaérea disponível, distribuindo os meios AAe pela Bia O AP em apoio direto quando desdobrada, pelo Elm Eng, quando realizando trabalhos em pontos críticos do itinerário e pelos elementos que integram a sua maioria de meios, sem contudo pulverizá-los.

m. Coordenação e controle

(1) O estabelecimento de adequadas medidas de coordenação e controle torna possível a execução de ações altamente descentralizadas, permitindo unidade de esforços na consecução dos objetivos estabelecidos no planejamento centralizado elaborado pelo comando da FT.

(2) Um mínimo de medidas restritivas de coordenação e controle deve ser estabelecido. A execução descentralizada e a rapidez das ações exigem o máximo desenvolvimento da iniciativa dos comandantes dos escalões subordinados.

(3) As medidas de coordenação e controle, normalmente estabelecidas em um aproveitamento do êxito, são eixos de progressão, objetivos, regiões de destino, pontos de ligação, linhas e pontos de controle.

5-17. CONDUTA DA FORÇA-TAREFA NO APROVEITAMENTO DO ÊXITO

a. O aproveitamento do êxito se caracteriza por acentuada rapidez, carência de informações atualizadas sobre o inimigo e fluidez das ações, o que contribui para a realização de freqüentes combates de encontro. Quando a força de aproveitamento do êxito encontra uma resistência inimiga, em princípio, procura desbordá-la (técnica de movimento). Caso isto não seja possível e um engajamento torne-se necessário para o prosseguimento da missão, a força busca reduzir rapidamente a resistência inimiga realizando um ataque.

b. A realização de ações sucessivas ou simultâneas contra resistência inimigas encontradas e que não possam ser desbordadas permite conduzir a operação com menor perda de tempo.

c. Os elementos aéreos, quando disponíveis, são empregados à frente, nos flancos ou à retaguarda do dispositivo da FT, para alertá-lo sobre a aproximação ou resistência de forças inimigas, bem como, atuar sobre as mesmas.

d. Para completar o aproveitamento do êxito, a progressão deve, em princípio, continuar durante a noite. De modo geral a progressão noturna é conduzida da mesma maneira que uma progressão diurna. Entretanto, as medidas de segurança devem ser aumentadas, diminuídas as distâncias entre as viaturas e ampliado o reforço de Fuz Bld aos elementos de CC situados em primeiro escalão. Durante a noite, há uma chance maior de obtenção da surpresa, porém a velocidade de progressão é menor e os fogos de apoio são menos eficientes. Quando a resistência inimiga é encontrada e o ataque for necessário, este será conduzido de acordo com os princípios estabelecidos para uma operação noturna.

e. Dentro da FT pode ser alterada a composição das subunidades para o ataque a objetivos sucessivos. A operação começa com um ataque ao primeiro objetivo. Tão logo seja conquistado ou o comandante da força-tarefa esteja certo de que o conquistará, dá ordem para que outra SU ataque o segundo objetivo, enquanto a operação de limpeza do primeiro está sendo concluída. De

modo semelhante, uma terceira SU poderá atacar, desbordando ou ultrapassando a SU no segundo objetivo. O ataque de cada SU deve ser apoiado pelos fogos de outra SU.

ARTIGO VI

PERSEGUIÇÃO

5-18. CONSIDERAÇÕES GERAIS

a. A perseguição é uma operação destinada a cercar e destruir uma força inimiga que tenta fugir. É normalmente, uma extensão do aproveitamento do êxito.

b. Na perseguição, normalmente, são constituídas:
(1) uma força de pressão direta;
(2) uma força de cerco.

c. A missão de força de pressão direta é evitar o desengajamento do inimigo e impedir que ele se reorganize e prepare novas defesas, infligindo-lhe o máximo de perdas. Os elementos de primeiro escalão da força de pressão direta progridem rapidamente ao longo de todas as estradas disponíveis, destruindo ou ultrapassando pequenos bolsões de resistência, enquanto que as resistências maiores são reduzidas pelas unidades de acompanhamento. A força de pressão direta desborda para atacar os flancos e retaguarda dos últimos elementos inimigos, procurando atingir o seu grosso. Sua missão final é a de servir de "martelo", quando da destruição das forças inimigas.

d. A missão da força do cerco é atingir a retaguarda do inimigo e bloquear a sua fuga de forma que ele seja destruído entre a força de pressão direta e ela própria. A força avança por eixos paralelos aos eixos de retirada do inimigo. Se a força de cerco não puder ultrapassar o inimigo, ataca o flanco do seu grosso.

e. O RCB, por suas características, é o elemento com mais aptidão para constituir a força de cerco da Bda C Mec, quando esta conduz uma perseguição.

f. A força de cerco deve ter mobilidade igual ou superior a do inimigo e ser organizada para realizar uma operação semi-independente. A pequena capacidade de reação do inimigo reduz a necessidade de apoio mútuo.

g. O sucesso de uma perseguição impõe ininterrupta pressão contra o inimigo para impedir a sua reorganização, retirando-lhe condições de preparar novas posições defensivas. Isto exige das forças que a realizam, o emprego de intenso esforço, levado até o limite da capacidade de resistência de seus elementos e equipamentos. Os comandantes de todos os escalões localizam-se bem à frente de suas tropas, para manter o ímpeto do avanço. Maiores riscos podem ser admitidos nesta operação, desde que sejam obtidos resultados decisivos, razão pela qual a segurança é relegada a um plano secundário.

h. Uma vez ordenada a perseguição, os comandantes dos diversos escalões, utilizando-se de todos os meios disponíveis, impulsionam o movimento e mantêm a sua continuidade. Defesas inimigas são desbordadas e bolsões de resistência isolados são ultrapassados ou destruídos pelo fogo. A permanente pressão exercida pela força de pressão direta e as ações desenvolvidas pelo cerco impedem que as forças inimigas estabeleçam uma defesa organizada.

i. Elementos de engenharia integram as forças encarregadas da perseguição, tendo em vista manter a continuidade de suas progressões.

j. Os elementos de apoio de fogo são colocados o mais à frente possível, a fim de que o fogo possa ser desencadeado no interior das posições inimigas e sobre as suas colunas em retirada.

l. Planejamentos adequados devem ser feitos para atender o apoio logístico. O consumo de classe III é particularmente elevado. O transporte aéreo pode ser empregado para a entrega rápida de suprimentos às unidades avançadas. Deve ser feito o máximo emprego de materiais capturados ao inimigo, particularmente os relativos a meios de transporte e estoques de suprimento.

m. A velocidade do avanço, a incapacidade inimiga de reagir com eficiência e a dispersão das forças, contribuem para segurança das forças de perseguição.

n. A cobertura aérea é realizada, em grande parte, como na marcha para o combate. Freqüentemente, um grande número de armas destinadas à cobertura aérea é desviada para o apoio às operações terrestres.

o. O comandante não deve restringir a liberdade de ação e a iniciativa de seus subordinados, empregando medidas de coordenação e controle restritivas, pois o sucesso da perseguição depende da velocidade e da agressividade. As medidas de coordenação e controle podem incluir, dentre outras, a determinação de um ou mais eixos de progressão, o estabelecimento de zonas de ação, a designação de objetivos e a fixação de linhas ou pontos de controle.

5-19. AS FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS NA PERSEGUIÇÃO

a. A FT como força de pressão direta - Constituindo ou integrando a força de pressão direta, a força-tarefa progride sobre uma frente, a mais ampla possível, utilizando todos os eixos disponíveis. Realiza constantes ações ofensivas, durante o dia e durante a noite, sobre a força de segurança de retaguarda do inimigo e busca, sempre que possível, engajar o seu grosso. Uma inflexível pressão sobre o inimigo, além de impedir sua reorganização e a preparação de novas defesas, serve para facilitar as ações da força de cerco. As FT RCC são as FT Bld mais aptas para esta missão.

b. A FT como força de cerco - as FT BIB e os RCB são as FT Bld mais

aptas a constituírem a força de cerco ou dela participar. Nesta situação, a FT progride ao longo de eixos paralelos às linhas do inimigo, para atingir o flanco do grosso das forças que se retiram ou, principalmente, para conquistar regiões de passagem obrigatória, desfiladeiros, pontes e outros acidentes do terreno, com a finalidade de interceptar, o mais cedo possível, a fuga da força principal do inimigo. Uma vez isto conseguido, o inimigo é destruído entre a força de pressão e a de cerco.

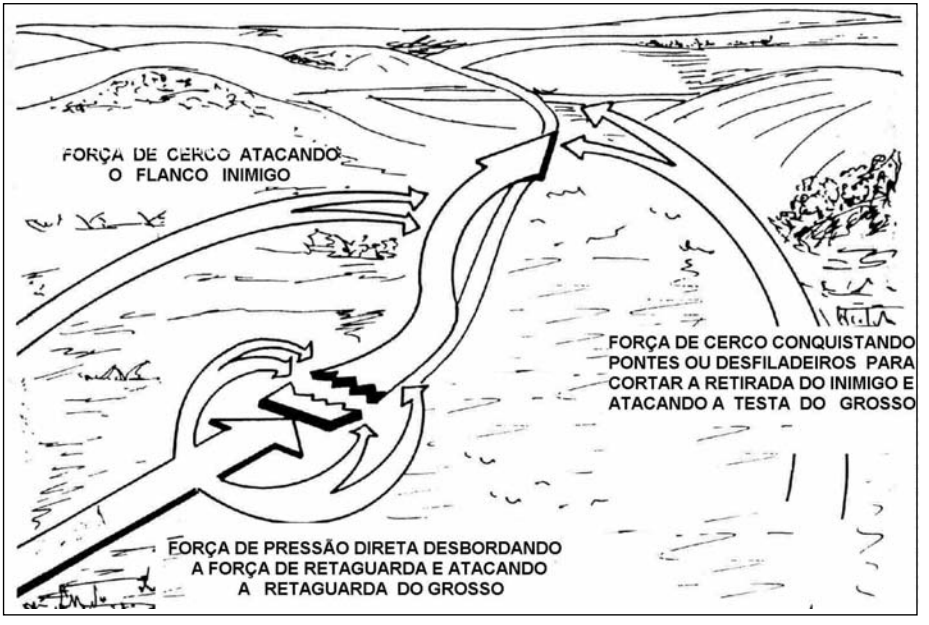

Fig 5-27. Ações da força de pressão direta e da força de cerco na perseguição

ARTIGO VII

OUTRAS OPERAÇÕES OFENSIVAS

5-20. GENERALIDADES

a. Durante a realização de operações ofensivas, quaisquer que sejam o seu tipo ou forma, é comum a realização de outras operações que não caracterizam, necessariamente, novos tipos ou formas de operações ofensivas.

b. Essas ações ofensivas podem ocorrer em um ou mais tipos de operações ofensivas e podem mesmo, representar parte importante de seu desenvolvimento.

5-21. COMBATE DE ENCONTRO

a. Considerações gerais

(1) O combate de encontro é uma ação que ocorre quando uma força em movimento, que não esteja completamente desdobrada para o combate, engaja-se com uma força inimiga, parada ou em movimento, a respeito da qual não dispõe de informações precisas ou não possui nenhuma informação. A ação deixa de ser um combate de encontro, quando a situação do inimigo tiver sido esclarecida e possam ser desencadeadas operações subseqüentes, planejadas e coordenadas.

(2) As principais características do combate de encontro são o conhecimento limitado do inimigo, rápidas evoluções de situação, um mínimo de tempo disponível para o comandante tomar conhecimento da situação e para formular e executar as ações necessárias.

b. Conduta da FT Bld no combate de encontro

(1) Generalidades

(a) O princípio básico que rege a conduta de um combate de encontro é a conquista e a manutenção da iniciativa. Mantendo a iniciativa o comandante pode, subseqüentemente, adotar a melhor linha de ação para o cumprimento da missão.

(b) As atividades que permitem ao comandante dispor de melhores condições para manter a iniciativa, quando da realização de um combate de encontro, são:

1) execução de rápido estudo de situação;

2) emissão de ordens fragmentárias; e

3) emprego de elementos aptos e com atuação planejada, a partir da coluna de marcha e atuando descentralizadamente.

(c) Em um combate de encontro, o comandante da FT se defronta com três linhas de ação:

1) atacar parceladamente, partindo do dispositivo de marcha, tão logo as subunidades possam ser empregadas;

2) reconhecer e conter a força inimiga, retardando a ação decisiva até que o grosso de sua força possa ser empregado em uma operação coordenada, seja ofensiva, seja defensivamente;

3) desbordar (técnica de movimento) a força inimiga, desde que autorizado pelo escalão superior, ocasião em que são deixados elementos adequados com a missão de efetuarem a manutenção do contato com a mesma.

(d) Uma ação ofensiva desencadeada rápida e agressivamente propicia as melhores condições de um efetivo esclarecimento da situação inimiga. Manobras de desbordamento devem ser as preferidas, pois permitem revelar o dispositivo com maior rapidez e possuem condições de obtenção de uma maior surpresa tática e de resultados decisivos.

(e) Quando a FT se defrontar com uma posição inimiga cujo valor venha a por em risco o cumprimento de sua missão, desde que autorizado pelo escalão superior, a resistência inimiga deve ser desbordada. Neste caso, deixa um mínimo de elementos com a missão de manter o contato com a posição

inimiga, os quais serão recuperados posteriormente, tão logo sejam substituídos por elementos encarregados de reduzi-la.

(f) Em princípio, quando a unidade se empenhar na destruição de uma posição inimiga, a mesma deve ser atacada por meio de manobra desbordante, a qual, além de permitir maior surpresa, possibilita determinar com rapidez a frente, a profundidade e o dispositivo das forças inimigas.

(g) Quando a força encontrar o inimigo em movimento, procura realizar ataques sobre seus flancos, com a finalidade de obter a surpresa, preservar a iniciativa das ações e revelar, o mais rápido possível, seu valor e dispositivo.

(h) Quando a FT encontrar forças inimigas superiores, deve adotar, rapidamente, um dispositivo defensivo, capaz de proporcionar às demais forças amigas, tempo e espaço suficientes para preservarem sua liberdade de ação. Para tanto, imediatamente após o estabelecimento do contato com o inimigo, o escalão superior deve ser informado.

(2) Ataque partindo da coluna de marcha contra fraca resistência - Há muitas ocasiões em que, tendo em vista a surpresa ou inferioridade de poder de combate, o inimigo não pode oferecer séria resistência. Colunas de viaturas, artilharia, elementos mecanizados em formação cerrada, bivaques, instalações de suprimentos e postos de comando são objetivos compensadores, que poderão ser atacados imediatamente, partindo da coluna de marcha.

(3) Ataque partindo da coluna de marcha contra forte resistência - Se a resistência inimiga é tão forte que os elementos de primeiro escalão realizam apenas pequeno progresso em seu ataque, poderá se tornar necessário que eles contenham o inimigo até que reforços cheguem em seu auxílio.

(4) Redução de um bloqueio de estrada - Normalmente, os bloqueios de estrada estarão localizados em estreitos desfiladeiros onde a manobra se torna difícil e é de se esperar que estejam defendidos por armas AC, minas e armas automáticas. O comandante do Pel CC da testa faz um rápido estudo da situação e tenta desbordar a resistência, empregando o fogo e movimento. Todo fogo possível é colocado sobre o bloqueio. Se a manobra dos CC não for exeqüível, ele se desdobra, mantém o inimigo sob fogo cerrado e informa ao comandante da SU. Freqüentemente, os Fuz Bld, juntamente com elementos de engenharia que os acompanham, serão necessários para reduzir o bloqueio, apoiados pelos fogos dos CC. O apoio de fogo será solicitado. Nenhuma tentativa será feita para superar o obstáculo com os CC, pois o mesmo poderá estar minado e conter armadilhas. Entretanto, uma vez iniciada a tarefa de remoção, os CC poderão ser empregados na remoção de material pesado, como por exemplo, troncos de árvores.

(5) As figuras 5-28, 5-29, 5-30, 5-31 apresentam situações de combate de encontro onde o inimigo está em movimento ou estacionado, possui poder de combate superior ou é fraco e permite a realização de um ataque.

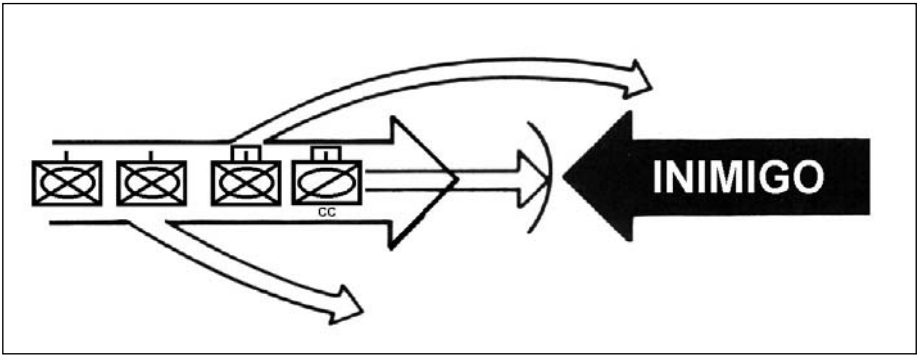

Fig 5-28. Combate de Encontro. Ambas as forças em movimento. Ataque parcelado

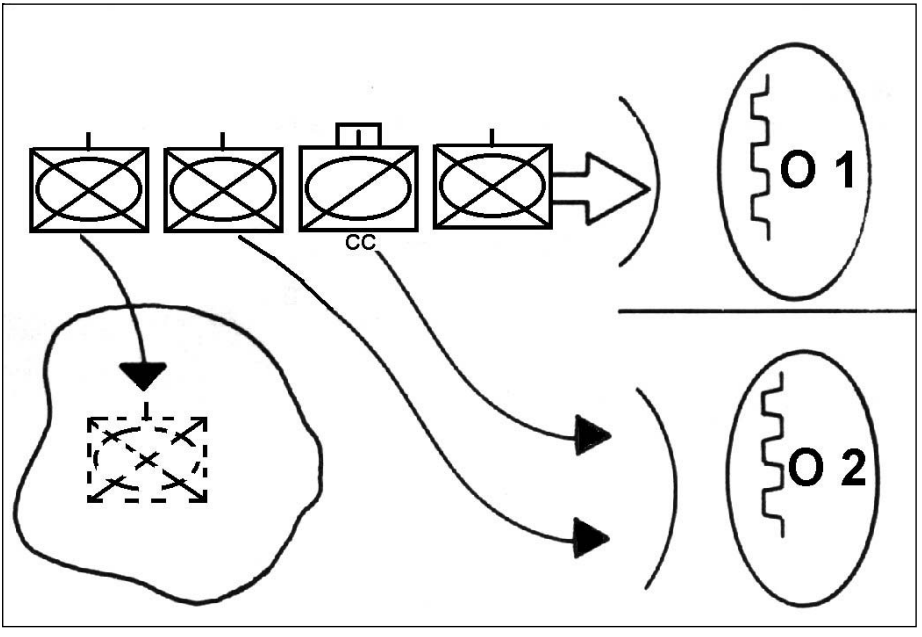

Fig 5-29. Combate de Encontro. Inimigo em posição defensiva. Ataque Coordenado

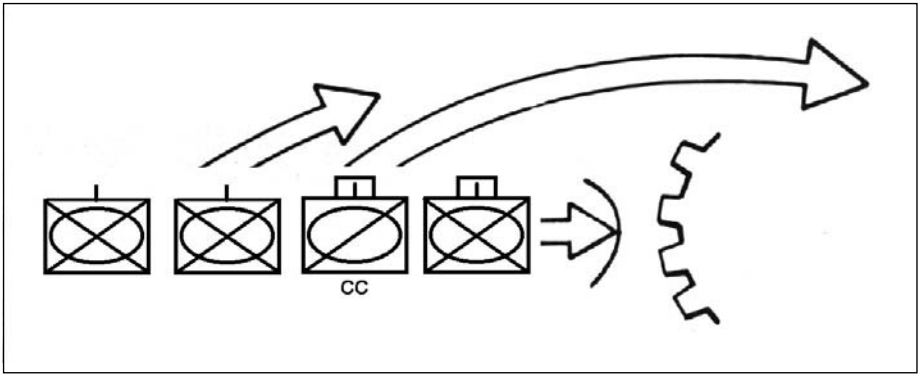

Fig 5-30. Combate de Encontro. Inimigo em posição defensiva. Desbordamento

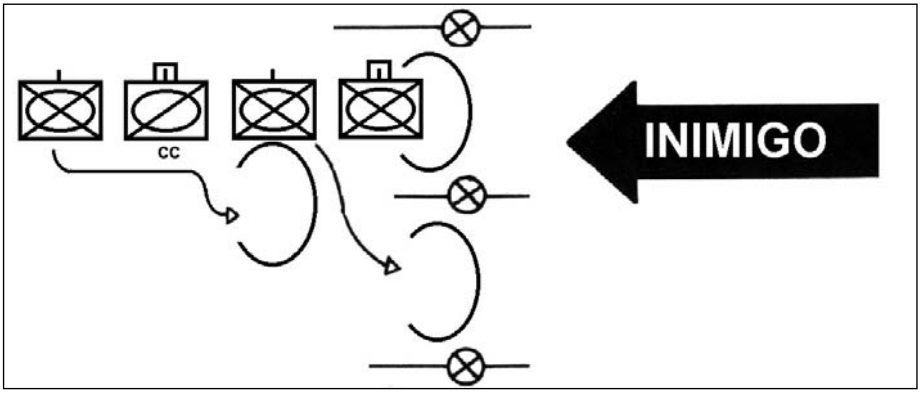

Fig 5-31. Combate de Encontro. Ambas as forças em movimento. Inimigo superior

5-22. INCURSÃO

a. Generalidades

(1) No combate não-linear, particularmente em AOC, poderão surgir no dispositivo inimigo brechas ou áreas fracamente defendidas. As FT Bld, pelas suas características de mobilidade, proteção blindada, potência de fogo, ação de choque e flexibilidade poderão ser empregadas para explorar estas oportunidades, realizando incursões na retaguarda inimiga e infligindo severos danos em seus sistemas de comando e controle, de apoio ao combate e logístico.

(2) As operações de incursão realizadas pelas FT poderão contribuir para a quebra da coesão dos subsistemas de combate do inimigo (C2, Ap F, Log, Com), criando situações favoráveis à sua destruição pelas brigadas e divisões de exército.

(3) Incursão de forças blindadas é uma operação ofensiva, extremamente agressiva e de elevada mobilidade realizada com a finalidade de obter um resultado específico no interior da posição inimiga. Normalmente de pequena ou média

duração e sem nenhuma intenção de manter o terreno onde se realiza, termina num retraimento planejado.

(4) As ações de incursão estão baseadas na abordagem indireta do combate, onde os subsistemas de combate do inimigo são destruídos separadamente, tornando-o vulnerável.

(5) Uma situação favorável ao emprego de ações de incursão pelas FT Bld poderá surgir quando:

(a) existir espaço suficiente para a manobra;

(b) for identificada uma baixa densidade ou inexistência de forças inimigas em determinado local no campo de batalha, permitindo uma infiltração ou desbordamento do inimigo;

(c) os eixos de comunicações e suprimento do inimigo estiverem muito distendidos;

(d) houver disponibilidade de cobertura (F Ae) e apoio de fogo da artilharia;

(e) a disponibilidade de informações sobre o inimigo permitir um planejamento detalhado e meticuloso da ação.

(6) São requisitos básicos para uma ação de incursão a surpresa, a dissimulação, a mobilidade, a existência de superioridade aérea local e de disponibilidade de apoio de fogo terrestre.

(7) As incursões são realizadas durante o dia ou à noite, podendo ser conduzidas dentro ou fora da distância de apoio do escalão imediatamente superior às forças de incursão.

(8) A força que realiza uma incursão sempre retrai após o cumprimento de sua missão. O retraimento é a parte mais difícil da operação, devendo ser cuidadosamente planejado e conduzido.

(9) A segurança é vital neste tipo de operação, porque a força que incursiona fica exposta ao ataque do inimigo em todas as direções.

(10) As incursões são planejadas e executadas à semelhança de qualquer tipo de ataque, ressaltando a surpresa e a velocidade de execução como fatores de importância capital.

(11) Normalmente, as incursões são limitadas no tempo e no espaço, ficando o apoio logístico restrito ao que possa ser conduzido nas viaturas de combate e em reduzido número de viaturas logísticas, se possível blindadas, que poderão acompanhar a força blindada incursora. Entretanto, planos alternativos devem ser elaborados para suprir a FT se necessário, seja por ar ou por terra. O apoio de manutenção fica limitado aos pequenos reparos. A evacuação médica é feita nos veículos de combate ou pelo ar.

(12) Neste tipo de operação, é necessária uma cuidadosa coordenação dos elementos que incursionam com os meios de apoio de fogo.

(13) Para cumprir uma missão de incursão, as FT Bld devem ser constituídas de tal forma que possam ser tática e logisticamente auto-suficientes para o período de duração da missão, sendo capazes de sobreviver com reduzido apoio logístico e operar com elevada rapidez e letalidade. As FT devem ser integradas por elementos de carros de combate, fuzileiros blindados, engenharia de combate, defesa antiaérea e, se possível, por artilharia de campanha autopropulsada.

(14) A força incursora deve ser de tal valor que constitua uma autêntica ameaça para o inimigo, forçando-o a destacar considerável parcela de suas forças para bloqueá-la, neutralizá-la, destrui-la ou persegui-la. O valor mínimo da tropa que executará este tipo de operação é o correspondente ao das FT baseadas nos RCC, RCB e BIB.

b. Finalidade

(1) A principal finalidade de uma ação de incursão pelas forças-tarefas blindadas é a destruição ou quebra da coesão do sistema de combate do inimigo, por meio da realização de violentas ações ofensivas em sua área de retaguarda, contra os subsistemas de comando e controle, apoio ao combate e logística do inimigo, contribuindo para criar uma situação favorável para a destruição de suas forças de combate pelas brigadas e divisões de exército.

(2) Uma ação de incursão poderá ser empreendida para:

(a) fixar as reservas do inimigo, impedindo que possam intervir no combate;

(b) impedir ou dificultar o desengajamento ou retraimento da força principal do inimigo, ocupando temporariamente posições importantes à retaguarda daquela força;

(c) realizar junção, apoiar, reforçar ou contribuir para a exfiltração de forças aeromóveis ou pára-quedistas;

(d) bloquear vias de acesso importantes no campo de batalha, à retaguarda ou flancos do inimigo, em profundidade, impedindo ou dificultando o movimento de suas reservas;

(e) cobrir o flanco de uma outra força blindada durante uma ação ofensiva de desbordamento ou envolvimento;

(f) iludir ou desgastar o poder de combate do inimigo;

(g) obter informações para o planejamento operacional do escalão superior;

(h) destruir instalações de comando e controle, logística, artilharia, defesa antiaérea, engenharia ou comunicações, na área de retaguarda do inimigo;

(i) atuar contra os eixos de suprimento e de comunicações do inimigo

c. Conduta da incursão

(1) A operação de incursão poderá comportar uma ultrapassagem. Esta ação deve ser cuidadosamente coordenada com a tropa a ser ultrapassada.

(2) A FT deverá concentrar sua atuação sobre o objetivo que lhe foi atribuído, procurando explorar a surpresa e a velocidade e evitando qualquer tipo de engajamento desnecessário com o inimigo.

(3) Preferencialmente, as incursões são executadas de forma a que a unidade inicie seu deslocamento através das linhas inimigas ao início do crepúsculo ou em condições de pouca visibilidade, o que limita a observação do inimigo e proporciona tempo suficiente para a infiltração ou desbordamento / envolvimento, concentração na área de retaguarda do inimigo e deslocamento para os objetivos iniciais.

(4) Quando a incursão é realizada durante o dia, na aproximação do objetivo, tanto quanto possível, deverão ser utilizados itinerários cobertos.

(5) Sob condições de visibilidade reduzida, quando é possível se obter a surpresa, destacamentos de vanguarda precedem a FT, visando evitar a descoberta antecipada da ação de incursão e neutralizar destacamentos de segurança do inimigo.

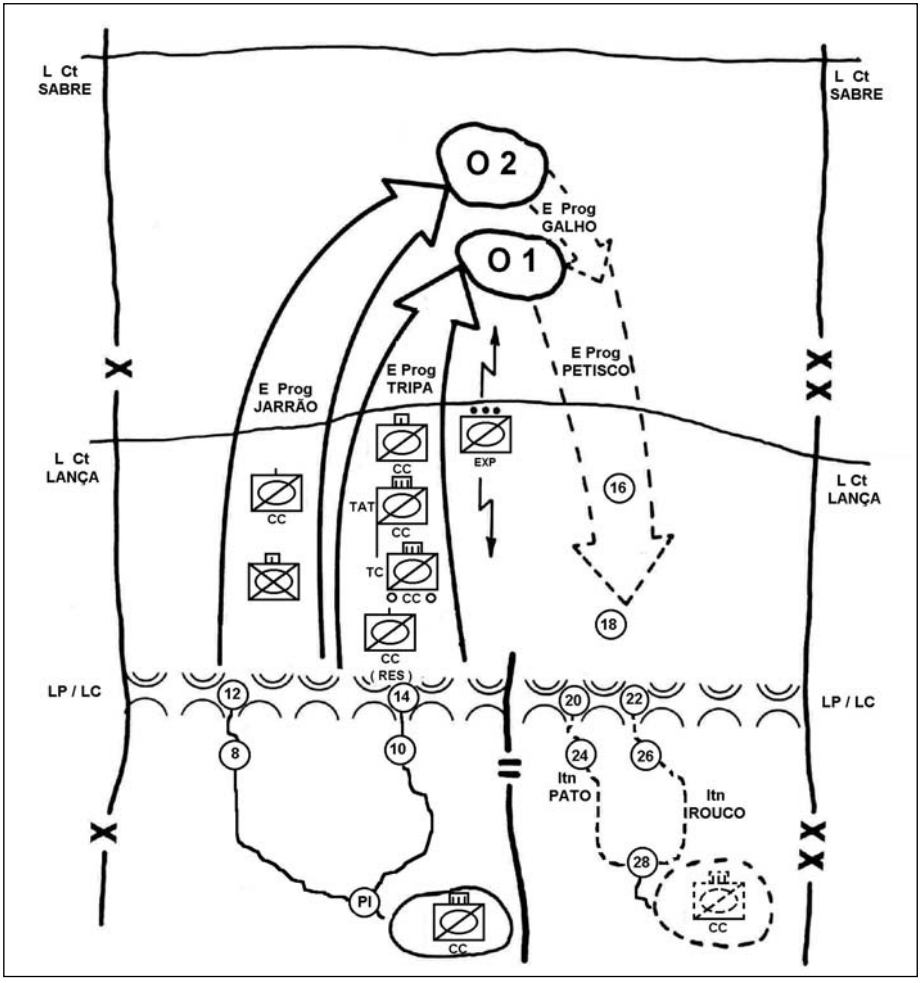

Fig 5-32. Exemplo de uma incursão de FT RCC

(6) O itinerário de retraimento, em princípio, não deve ser o mesmo utilizado na aproximação do objetivo. Os nós rodoviários e os acidentes do terreno de importância, devem ser evitados. Destacamentos de segurança e fogos de proteção podem ser empregados para manter livres os itinerários de retraimento.

(7) Devem ser marcados pontos de reunião para a execução da incursão e para iniciar o retraimento, ao longo dos itinerários de progressão e retraimento, como medida de coordenação e, já em área amiga, para fim de missão.

5-23. ATAQUE DE VARREDURA

a. Generalidades

(1) O ataque de varredura é uma ação ofensiva, rápida e violenta, desencadeada contra uma força inimiga para infligir-lhe o máximo de perdas, desorganizá-la e destruir seu equipamento, sem finalidade de conquistar um objetivo.

(2) O ataque de varredura pode ser empregado na realização de reconhecimento em força, incursões e outras operações ofensivas.

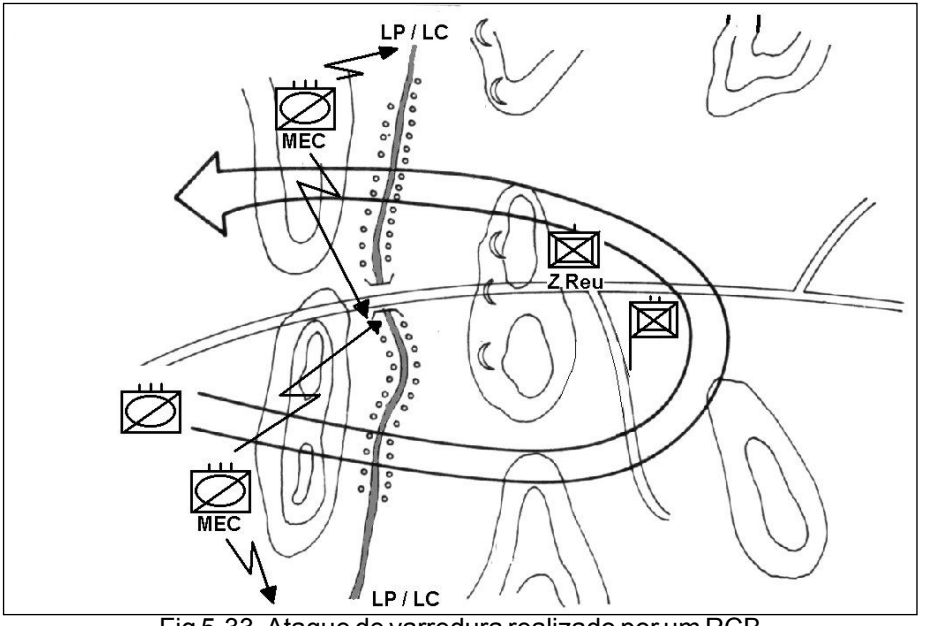

Fig 5-33. Ataque de varredura realizado por um RCB

b. Composição das FT SU - As forças que conduzem o ataque de varredura devem ser, predominantemente, de carros de combate. Elementos de fuzileiros blindados podem ser utilizados com missão específica de guardar ou evacuar prisioneiros de guerra, evacuar as baixas ou executar demolições de material durante a varredura.

c. Planejamento e execução de um ataque de varredura - O planejamento e a execução de um ataque de varredura é semelhante ao de um ataque coordenado, mas sem a marcação de objetivo.

5-24. DISSIMULAÇÃO TÁTICA

a. Generalidades

(1) As operações de dissimulação tática são empregadas para induzir o inimigo a levantar de forma incorreta ou incompleta, o dispositivo das tropas amigas, suas possibilidades e intenções, de tal forma que reaja de uma maneira

preestabelecida e específica, que lhe seja desvantajosa.

(2) Ataques secundários, incursões, fintas, demonstrações e dissimulação eletrônica, desde que destinadas a iludir ou enganar o inimigo, são algumas operações de dissimulação tática.

(3) A dissimulação tática contribui para a segurança e para a surpresa e aumenta a probabilidade de sucesso da operação. Ela pode ser usada para compensar um poder relativo de combate desfavorável e permitir o emprego judicioso de homens, material e tempo.

b. Finta

(1) Generalidades

(a) A finta é uma demonstração de força com a finalidade de iludir o inimigo e desviar sua atenção do ataque principal. Normalmente, consiste de um ataque pouco profundo, de objetivo limitado, executado por pequena parte da força que realiza uma operação.

(b) Uma finta pode influir sobre o desdobramento final da força inimiga. É mais eficiente quando o inimigo dispõe de grande reserva, quando há diversas linhas de ação exeqüíveis para o atacante e quando a força empregada tem valor adequado para provocar a desejada reação do inimigo.

(c) O planejamento e a execução das fintas são semelhantes aos das demais operações ofensivas, podendo variar de uma pequena incursão a um ataque secundário de considerável valor.

(2) Finalidade da finta

(a) As fintas destinam-se a levar o inimigo a reagir de acordo com a vontade do atacante.

(b) O atacante pode pretender que o inimigo reaja fisicamente, pode desviar sua atenção, pode querer confundi-lo ou pode querer obrigá-lo a reavaliar as possibilidades e intenções do elemento que executa a finta.

(c) Do inimigo podem ser desejadas as seguintes reações:

1) emprego inadequado da reserva;

2) desvio dos fogos de apoio direto do ataque principal;

3) revelação dos fogos defensivos;

4) acostumá-lo a incursões e fintas tão freqüentes que pequena ou nenhuma ação seja tomada quando for lançado o ataque principal.

(3) Oportunidade da finta

(a) As fintas podem ser executadas antes, durante ou após o ataque principal.

(b) Uma finta antes do ataque principal pode provocar o movimento das reservas inimigas, atrair seus fogos de apoio, localizar as forças de sua artilharia ou confundi-lo.

(c) Uma finta executada durante o ataque principal pode desviar a atenção do inimigo e, possivelmente, suas reservas, incluindo armas de apoio, para atuarem contra a finta. A dificuldade do comandante inimigo, em identificar o ataque principal, pode obrigá-lo a manter sua reserva nas posições, aguardando o desenvolvimento de ambos os ataques, até que seja demasiado tarde para interferir no combate.

(d) Uma finta executada depois do desencadeamento do ataque

principal tende a obrigar o inimigo a manter suas reservas em posição, pela nova ameaça e da incerteza quanto ao local do ataque principal.

(e) A hora da operação deve ser selecionada levando-se em conta a oportunidade que mais favoreça o sucesso do ataque principal.

(f) Na seleção da área para a execução de uma finta, os seguintes aspectos são considerados:

1) a área deve ser de interesse para o inimigo;

2) evitar a interferência no ataque principal;

3) quando a finalidade de finta é provocar o deslocamento das armas de apoio e das tropas inimigas, devem ser executadas longe das unidades inimigas, para forçar o seu deslocamento.

c. Demonstração

(1) Generalidades

(a) Uma demonstração é uma operação em área onde não se procure obter uma decisão. Difere de uma finta porque não há avanço contra o inimigo.

(b) As considerações e as técnicas básicas para o planejamento das fintas também se aplicam às demonstrações.

(c) A demonstração deve ser conduzida com suficiente realismo, a fim de iludir o inimigo.

(2) Características da demonstração

(a) É necessário menor quantidade de tropa para uma demonstração do que para uma finta e as forças que a executam não precisam ser equilibradas em elementos de combate e de logística.

(b) É possível o retraimento das forças de demonstração e o seu subseqüente emprego em outras áreas.

(c) As forças de demonstração empregam fogos, fumaça e outros artifícios, com a finalidade de iludir o inimigo quanto às possibilidades das forças amigas.

(3) Emprego da demonstração - As demonstrações são particularmente eficientes quando o inimigo e as forças de demonstração estão separadas por um obstáculo. Podem ser usadas com vantagem para figurar a concentração para transposição de curso de água ou um ataque a áreas fortificadas.

ARTIGO VIII

ATAQUE NOTURNO

5-25. CONSIDERAÇÕES GERAIS

a. Generalidades

(1) A ampla utilização dos equipamentos de visão noturna no combate moderno, ampliou consideravelmente as possibilidades táticas de atuação durante períodos de visibilidade restrita, acrescentando grande importância às ações noturnas, possibilitando a condução de combates continuados e mantendo constante pressão sobre o inimigo.

(2) A força que opera durante a noite com as mesmas possibilidades do combate diurno, estará apta o obter sucesso contra força inimiga não adestrada e equipada para este tipo de ação.

(3) Os veículos blindados equipados com dispositivo de visão noturna podem realizar o tiro e a manobra quase como de dia. Assim, a unidade blindada poderá utilizar o combate noturno com mais liberdade de movimento e menor número de medidas de controle restritivas que no passado.

(4) Pela sua própria natureza, no entanto, as operações ofensivas noturnas necessitam de maior preparação e medidas de controle, cuidadosamente concebidas, que a maioria das operações diurnas.

b. Finalidade - A FT poderá participar ou realizar um ataque noturno para:

(1) completar ou explorar um sucesso obtido em uma operação diurna e manter a impulsão do ataque;

(2) conquistar regiões importantes para o prosseguimento do ataque, evitando-se as pesadas perdas que, provavelmente, ocorreriam em um ataque diurno;

(3) obter a surpresa;

(4) beneficiar-se de condições psicológicas favoráveis;

(5) reduzir baixas quando do ataque a posições organizadas;

(6) compensar uma inferioridade em relação ao inimigo, particularmente em meios aéreos e blindados.

c. Considerações

(1) O ataque noturno caracteriza-se pelo decréscimo da eficácia do tiro sobre o inimigo e o correspondente aumento da importância do combate aproximado, bem como pela dificuldade dos movimentos, da ação de comando e do controle.

(2) O ataque noturno exige maior tempo para o seu planejamento e tropas bem treinadas e experimentadas em operações noturnas, para a sua execução.

(3) O ataque noturno pode ser iluminado (iluminação artificial) ou não iluminado. A iluminação do campo de batalha permite reduzir, em parte, as deficiências próprias do combate noturno, aumentando, com isso, a velocidade de progressão dos fuzileiros. O ataque não iluminado é realizado com mais lentidão, porém com maior probabilidade de obtenção da surpresa.

(4) Durante a execução do ataque noturno, sobressaem as dificuldades relacionadas com o comando e controle, orientação, coordenação de fogos, avaliação de distâncias e identificação de forças amigas.

(5) Atualmente, o combate noturno não iluminado tornou-se mais exeqüível, com a utilização de equipamentos de visão noturna, os quais minimizam em grande parte as restrições decorrentes da pouca visibilidade durante a noite.

(6) A iluminação artificial pode ser utilizada quando não houver disponibilidade suficiente de equipamentos de visão noturna ou quando o inimigo dispuser desse material.

(7) Quando disponíveis, os equipamentos passivos de visão noturna tais como os amplificadores de luz residual e os de imagem térmica, poderão diminuir sensivelmente os problemas decorrentes da escuridão. As distâncias de detecção

e de engajamento, a amplitude dos lanços e a utilização de itinerários cobertos e abrigados sofrerão modificações obrigando a novos procedimentos.

(8) Ao ataque noturno aplicam-se as mesmas considerações referentes ao ataque diurno: as mesmas formas de manobra, organização para o ataque e formações podem ser empregadas. Entretanto, é desejável que as tropas atacantes estejam mais familiarizadas com o terreno no qual atacarão. Quando possível, devem ser realizados ensaios nas condições que mais se aproximem das condições reais de ataque. Nos ataques iluminados, os fuzileiros blindados, dependendo de outras considerações, poderão deslocar-se embarcados em suas viaturas blindadas.

(9) A FT, quando equipada com VBTP ou VBC-Fuz não dotadas com dispositivos veiculares de visão noturna, conduzirá, normalmente, um ataque noturno com os fuzileiros blindados desembarcados. As unidades de infantaria motorizada ou de infantaria leve podem infiltrar-se durante períodos de visibilidade limitada para apoiar uma junção e o ataque das unidades blindadas ou destruir alvos selecionados que contribuam para o ataque das FT Bld. Durante o aproveitamento do êxito, perseguição e ataque contra fracas posições inimigas conhecidas, a FT poderá atacar embarcada à noite, mesmo que suas VBTP ou VBC-Fuz não estejam equipadas com dispositivos veiculares de visão noturna.

(10) Os CC poderão ser empregados em combinação com as VBTP/ VBC-Fuz, como no ataque diurno, desde que dotados de equipamentos de visão noturna ou com iluminação artificial do campo de batalha. Se esses equipamentos não estiverem disponíveis e o ataque não puder ser iluminado, os CC serão empregados para apoiar os Fuz Bld apenas pelo fogo.

(11) O comandante decide por um ataque não iluminado quando atribui prioridade à obtenção da surpresa. No entanto, quando a posição inimiga é forte, dificilmente há possibilidade de obtenção de surpresa, sendo mais conveniente o ataque iluminado. A iluminação pode ser utilizada desde o início do ataque ou pode ser desencadeada a pedido da força atacante, quando o sigilo tenha sido quebrado. Os planos incluem todos os meios de iluminação: granadas iluminativas de morteiros e da artilharia de campanha, meios de iluminação lançados de aeronaves, etc...

(12) Os ataques noturnos favorecem psicologicamente o atacante que sabe da sua realização, enquanto que o defensor é assaltado por dúvidas, apreensão e medo do desconhecido.

(13) Os fatores acima tornam de máxima importância os princípios de simplicidade, sigilo e surpresa. Os ataques noturnos contra resistências organizadas exigem um planejamento cuidadoso e pormenorizado, assim como uma execução precisa e coordenada.

(14) O sigilo e a surpresa são essenciais para que o ataque noturno seja conduzido com um mínimo de baixas. A simplicidade do plano facilita a surpresa. Na eventualidade da perda da surpresa, o plano deverá proporcionar os fogos, a manobra e a ação de choque necessários à conquista do objetivo. Devido às dificuldades da reorganização à noite, não é aconselhável esperar-se de uma unidade a conquista de mais de um objetivo. O objetivo deverá ser facilmente identificável à noite e suficientemente pequeno para que possa ser conquistado em

um único assalto.

(15) As dificuldades do combate noturno aumentam com o efetivo da tropa. Quando duas ou mais unidades vizinhas devam executar ataques noturnos, seus objetivos deverão ser fixados de tal maneira que os ataques possam ser feitos, independentemente, pelas respectivas unidades.

(16) Durante o período de escuridão não deverá ser tentado nenhum plano de manobra que relacione a ação de uma unidade com a da outra.

d. Iluminação

(1) Ataque não iluminado

(a) Um ataque noturno, não iluminado, é feito sob a proteção da escuridão, usando-se somente a luz natural e os equipamentos de visão noturna veiculares e individuais. Este ataque necessita de grande coordenação e de rigorosas medidas de manutenção do controle e da direção durante a escuridão.

(b) O objetivo designado sob essas condições poderá ser uma determinada zona ou acidente do terreno, junto à frente inimiga, e de tal largura e profundidade que possa ser conquistado em um simples assalto. Esse objetivo deverá ser bem definido e facilmente identificável à noite.

(c) É essencial a observação, durante o dia, do objetivo e do terreno à frente. A direção é mantida por acidentes existentes, tais como estradas, cercas, sebes e outros meios de fortuna, como fitas de demarcação, fios telefônicos ou artifícios eletrônicos. Os ataques noturnos não iluminados, não apoiados, são feitos quando as considerações de sigilo os imponham.

(2) Ataque iluminado

(a) Os ataques iluminados são empregados quando o fator sigilo não seja preponderante ou não se dispuser de equipamentos de visão noturna para a maioria do escalão de ataque.

(b) Num ataque iluminado são empregados na iluminação do campo de batalha artifícios iluminativos lançados por morteiros, artilharia de campanha e pela força aérea.

(c) Um ataque noturno iluminado pode ter maior profundidade que um ataque não iluminado. O prosseguimento do ataque sobre objetivos sucessivos pode ser feito empregando-se a iluminação.

e. Apoio de fogo - Os ataques noturnos podem ser classificados, também, em apoiados e não apoiados.

(1) Um ataque noturno apoiado é feito com o emprego de fogos de apoio antes, durante e depois do ataque. Estes ataques, quer sejam iluminados ou não, podem ser executados quando a possibilidade de surpresa seja remota. Os fogos de apoio da FT e da brigada, normalmente, são empregados na preparação do ataque, durante sua execução e após a conquista do objetivo.

(2) Um ataque noturno não apoiado é feito para permitir que a força de ataque avance até a distância de assalto, sem o auxílio dos fogos de apoio. Estes ataques noturnos, quer sejam ou não iluminados, podem ser executados quando houver probabilidade de obter-se completo sigilo e quando o escalão de ataque for constituído de fuzileiros a pé. Uma vez iniciado o assalto sobre o objetivo, os fogos de proteção planejados são empregados como em qualquer ataque noturno apoiado, para isolar o objetivo e evitar ou limitar os contra-

ataques. Embora não haja intenção de emprego, os fogos de apoio devem ser planejados, tendo em vista uma eventual necessidade de seu desencadeamento.

5-26. PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO DE UM ATAQUE NOTURNO

a. O planejamento de um ataque noturno deve começar o mais cedo possível, para permitir a preparação do ataque ainda com luz do dia.

b. Os ataques noturnos são planejados basicamente do mesmo modo que os ataques diurnos, e muitos princípios e técnicas para o ataque noturno são os mesmos aplicados para o ataque diurno sob condições de visibilidade reduzida.

c. Os preparativos feitos pelo comandante da FT para um ataque noturno compreendem:

(1) determinação da composição do escalão de ataque e a hora de início do ataque;

(2) a escolha de Z Reu e as providências para sua ocupação;

(3) imediata expedição de ordens;

(4) a determinação dos limites do objetivo e as vias de acesso mais favoráveis;

(5) determinação do dispositivo do escalão de ataque; localização das posições de ataque; da linha de partida; da provável linha de desenvolvimento; dos pontos de liberação de SU; dos limites laterais exatos de cada objetivo de subunidade e do limite de progressão;

(6) o reconhecimento e o balizamento dos itinerários entre a Z Reu e a posição de ataque;

(7) a coordenação com as tropas amigas nas vizinhanças da posição de ataque e na linha de partida; instruções para abertura de brechas à frente para a passagem de tropa;

(8) conclusão sobre o tipo de ataque; se iluminado ou não, se apoiado ou não;

(9) reconhecimento e planejamento para assegurar a imediata coordenação e execução de pormenores.

d. O número de manobras possíveis, durante o ataque, depende das dimensões e da acessibilidade do objetivo e da visibilidade.

e. Nos ataques noturnos não iluminados, ou com iluminação limitada, as dificuldades em controlar as mudanças de direção e a dificuldade de identificação restringem as possibilidades de manobra. Para contornar essas dificuldades, os ataques noturnos são feitos sem mudança de direção e com dispositivos relativamente cerrados.

f. O escalão de ataque pode deslocar-se da zona de reunião para uma posição de ataque segura, de onde o ataque sobre o ponto fraco do inimigo será facilitado. Depois de ultrapassada a linha de partida, todos os deslocamentos na escuridão são feitos diretamente na direção dos objetivos, sem qualquer mudança na direção.

g. Ao elaborar seu plano de manobra o comandante considera, além da amplitude e da localização do objetivo:

(1) hora de início do ataque;
(2) dispositivo;
(3) linha de partida;
(4) posição de ataque;
(5) pontos de liberação;
(6) processo e velocidade de deslocamento;
(7) provável linha de desenvolvimento;
(8) limite de progressão;
(9) linhas de segurança para os tiros.

h. Devem ser previstos meios de identificação para todo o pessoal e viaturas. Podem ser usados braçais, botões e cintos luminosos e dispositivos eletrônicos de identificação. As viaturas devem ser marcadas na parte posterior.

i. O ataque noturno a pé da FT é, normalmente, conduzido em quatro fases: preparação, progressão, assalto e consolidação / reorganização.

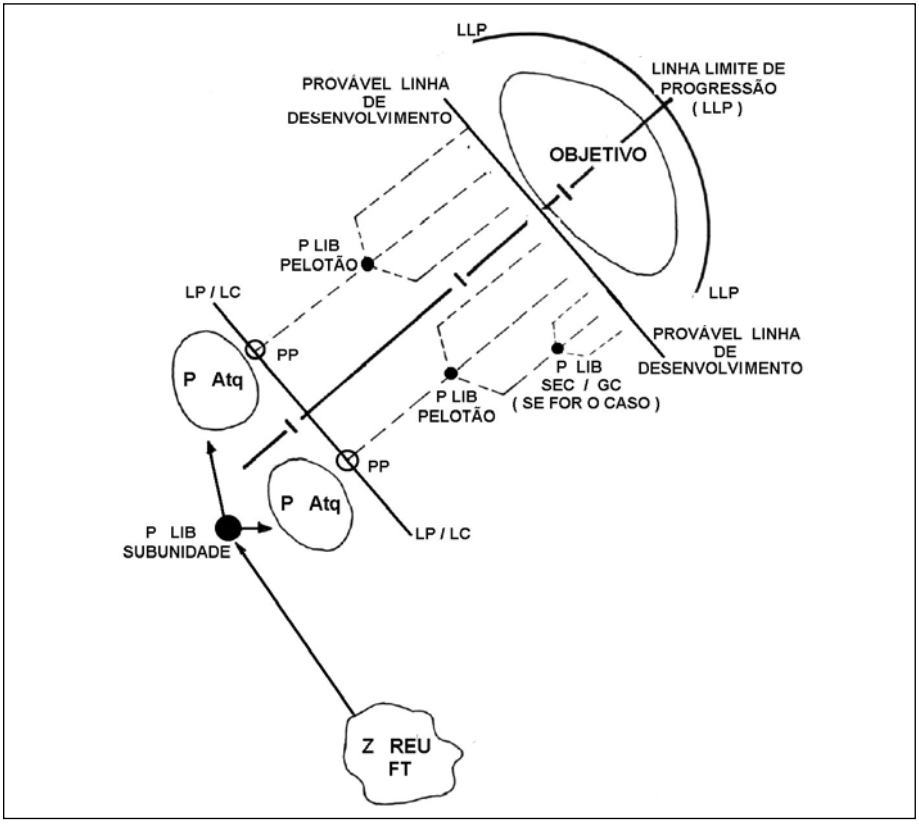

Fig 5-34. A FT no ataque noturno

5-27. EXECUÇÃO DO ATAQUE NOTURNO

a. Ataque noturno a pé (carros de combate na base de fogos)

(1) Preparação - Esta fase inclui todas as atividades de reconhecimento. A preparação mais crítica do ataque noturno a pé é o posicionamento dos elementos de apoio, que deverão desencadear os fogos de neutralização no local escolhido para o ataque.

(2) Progressão - A SU Fuz Bld, desembarcada, desloca-se furtivamente, transpondo a linha de partida e progredindo na direção do inimigo em coluna, por ser este o dispositivo de mais fácil controle para o comandante da subunidade. Tal dispositivo é mantido até que seja atingido o ponto de liberação de pelotão ou seja forçado o desenvolvimento pela ação inimiga. A ordem de deslocamento deve ser o elemento de apoio, o elemento que fará a abertura da brecha na posição inimiga e por último o elemento que realizará o assalto. Se o objetivo estiver próximo da linha de partida ou se for previsto um iminente contato com o inimigo, poderá ser conveniente a progressão, a partir da linha de partida, com os pelotões justapostos, cada um deles em coluna. Ao ser atingida a linha de desenvolvimento, ou se o inimigo descobrir o ataque antes que ela seja alcançada, o assalto será iniciado.

(3) Assalto

(a) Os elementos de apoio estabelecem posições nos flancos da área onde serão abertas brechas na barreira de proteção do inimigo (campos de minas), de onde possam isolar a área.

(b) Assim que esta segurança for estabelecida, os elementos que abrirão as brechas posicionam-se na borda do campo de minas. As brechas são abertas, as trilhas são marcadas e balizadas e os guias para os elementos que realizarão o assalto são providenciados.

(c) Os elementos do assalto deslocam-se rapidamente para a brecha, cruzando-a e explorando o rompimento da barreira inimiga.

(d) Os elementos de apoio desencadeiam seus fogos no interior da posição, impedindo que o inimigo possa deslocar forças para tamponar a brecha.

(e) Os elementos de assalto devem ser capazes de controlar os fogos de apoio, de forma a poder aplicá-los no local mais adequado. O planejamento da operação deverá incluir sinais luminosos para a identificação dos elementos de assalto e para a suspensão ou transporte dos fogos de apoio.

(f) O desenvolvimento pode ser forçado pela ação inimiga ou executado quando da chegada à linha de desenvolvimento. É feito, nesta linha, com rapidez e em silêncio; qualquer parada prolongada nesta fase do ataque aumenta a possibilidade de quebra do sigilo. Devem ser tomadas precauções para evitar um assalto prematuro, causado por tiros feitos a esmo pelo inimigo.

(g) Após o desenvolvimento, a progressão é retomada, até que seja encontrada resistência inimiga, quando o assalto será iniciado. Nesta fase, todas as frações assaltantes pressionam com a maior rapidez possível.

(h) Todo esforço deve ser feito para manter a formação em linha e evitar que se transforme em grupos isolados. Uma ação agressiva do comando é essencial nessa ocasião.

(i) O assalto, normalmente, é realizado com todos os pelotões de fuzileiros em linha, para obter a máxima potência de fogo e ação de choque. Quando é mantida uma reserva, esta se desloca de acordo com a determinação do comandante da SU. Pode seguir de perto o escalão de ataque ou ser deixada atrás da linha de partida, para ser levada à frente por guias ou mediante um sinal convencionado; pode receber a missão de limpeza ou de apoio normal. Se, inicialmente, não houver uma reserva, imediatamente após a conquista do objetivo será designado um pelotão para constitui-la.

(j) O pelotão de apoio e os carros de combate dos Esqd CC, devem ficar em condições de emprego logo após a conquista do objetivo. As armas de apoio que permitam o transporte a braço podem seguir o escalão de ataque por lanços, porém, relativamente distanciadas para evitar que se envolvam no assalto.

(l) A decisão de como e quando deslocá-las depende da visibilidade, do terreno e da ação inimiga. Quando as condições são favoráveis a um deslocamento imediatamente atrás do escalão de ataque, os elementos de apoio podem ser deixados atrás da linha de partida para serem conduzidos à frente por guias, após a conquista do objetivo. Em tais casos, se as armas de apoio são utilizadas para proporcionar fogos de proteção ao escalão de ataque, elas, normalmente, devem ser instaladas em posições convenientes, nos flancos da linha de partida, de onde possam desencadear fogos de proteção dos flancos.

(m) A mudança de posição das armas de apoio, após a conquista do objetivo, pode ser feita a braço ou em viaturas. As medidas de controle desse deslocamento variam de acordo com a visibilidade, o terreno, o inimigo e a ausência ou neutralização de minas ou obstáculos anticarro.

(4) Consolidação e reorganização

(a) A fase de consolidação e reorganização é semelhante à realizada no ataque diurno, necessitando, entretanto, de um planejamento mais detalhado.

(b) A consolidação começa logo que o objetivo tenha sido conquistado. Os Cmt de fração reúnem seus elementos e os dispõem em condições de enfrentar os contra-ataques inimigos. Os elementos de apoio de fogo de todos os escalões deslocam-se rapidamente, em condições de bater as prováveis vias de acesso do inimigo. Os carros de combate e as viaturas blindadas cerram para o objetivo por itinerários balizados pelos Fuz. Os observadores de artilharia e do pelotão de morteiro pesado ajustam os fogos defensivos logo que cheguem ao objetivo. Ao amanhecer, todos os elementos deverão estar em posição. Os ajustes finais nas posições das armas de apoio são feitos quando houver luminosidade suficiente para se identificar os objetivos a serem batidos.

(c) Devem ser incluídos no planejamento do ataque noturno à pé:

1) pontos de ligação entre unidades e sinais de reconhecimento;

2) guias para conduzir os carros de combate, as viaturas blindadas e os elementos de apoio através dos obstáculos para as suas posições finais na consolidação;

3) os itinerários de cada fração ou a ordem de deslocamento, caso sejam utilizados menor número de Itn que o de frações no assalto;

4) limite para a progressão;

b. Ataque noturno embarcado

(1) Progressão

(a) A formação adotada pelos elementos de manobra da FT será ditada pelo alcance de seus equipamentos de visão noturna veiculares, devendo permitir o controle e a coordenação do escalão de ataque.

(b) Uma progressão cautelosa é essencial para o sigilo. Quando as frações de assalto atingem os pontos de liberação sucessivos, à retaguarda da linha de desenvolvimento, abandonam a formação adotada para o deslocamento entre a Z Reu e a Provável Linha de Desenvolvimento (PLD), normalmente a formação em coluna adotando a formação escolhida para o ataque. Ao atingir a linha de desenvolvimento, normalmente, será adotada a formação em linha para o assalto. A linha de desenvolvimento poderá ser protegida por uma parte do escalão de ataque, que precederá as FT SU encarregadas do ataque. Os comandantes de coluna verificam constantemente a direção e a ligação.

(c) A ação das patrulhas ou postos de vigias inimigos podem forçar o desenvolvimento de todo ou parte do escalão de ataque, antes da linha prevista.

(d) Se possível, os elementos que forem forçados a se desenvolver, retornam ao dispositivo previsto inicialmente para o ataque, após a resistência ter sido reduzida. O restante do escalão de ataque faz alto durante esses períodos ou continua o deslocamento até a primeira parada prevista, onde aguarda ordens.

(e) Nas FT Fuz Bld, a progressão poderá ser realizada com a(s) fração(ões) de CC, em linha, seguidas pelos Fuz Bld, embarcados, com os pelotões em linha.

(f) Nas FT CC, normalmente, a(s) fração(ões) de fuzileiros blindados progredirá(ão) em coluna, imediatamente à retaguarda dos CC.

(g) Os fuzileiros blindados permanecem embarcados até a posição de assalto, desembarcando durante a progressão, quando necessário, para apoiar os CC na remoção de obstáculos ou na eliminação de armas AC inimigas. Nos ataques noturnos os Fuz Bld, normalmente, desembarcam das Vtr Bld antes do Objetivo.

(h) Os armamentos orgânicos das VBTP / VBC-Fuz são empregados para aumentar os fogos dos carros de combate.

(2) Assalto

(a) Quando os Fuz Bld desembarcam das VBTP/VBC-Fuz torna-se difícil a manutenção do controle e a coordenação das diversas peças de manobra, exigindo dos comandantes de pelotão e de grupo um rígido controle sobre seus homens, uma preocupação constante com as medidas de coordenação e controle estabelecidas e a identificação amigo / inimigo, para evitar o fratricídio.

(b) O assalto ao objetivo é feito pelos CC, seguidos pelos fuzileiros blindados desembarcados e pelas VBTP / VBC-Fuz.

(c) A velocidade dos CC deverá ser regulada de modo a evitar um excessivo afastamento dos Fuz Bld a pé. Normalmente, se estabelecerá um limite no terreno para a progressão com vistas a evitar a perda do controle quando o escalão de ataque ultrapassar o objetivo.

(d) No assalto, ruídos (sirene) e tiros traçantes podem ser empregados, com efeito psicológico desmoralizante sobre o inimigo. Todo esforço deve ser feito para manter a formação em linha e evitar que se transforme em grupos isolados. Uma ação agressiva do comando é essencial nessa ocasião.

(3) Ações após a conquista do objetivo

(a) Após a conquista do objetivo, são adotadas medidas similares às empregadas no ataque diurno. Preferencialmente, elementos de fuzileiros blindados apoiados por CC ocupam posições à frente do objetivo conquistado.

(b) A consolidação começa logo que o objetivo tenha sido conquistado. Os comandantes de fração reúnem seus elementos e os dispõem em condições de enfrentar os contra-ataques inimigos. Os elementos de apoio de fogo de todos os escalões deslocam-se rapidamente, em condições de bater as prováveis vias de acesso do inimigo. Os observadores de artilharia e do pelotão de morteiro pesado ajustam os fogos defensivos logo que cheguem ao objetivo. Ao amanhecer, todos os elementos deverão estar em posição e são feitos ajustes finais nas posições das armas de apoio.

c. Ataque noturno em prosseguimento à ação diurna

(1) Nas operações de grande mobilidade, particularmente no aproveitamento do êxito e na perseguição, uma ação iniciada durante a luz do dia, poderá continuar à noite.

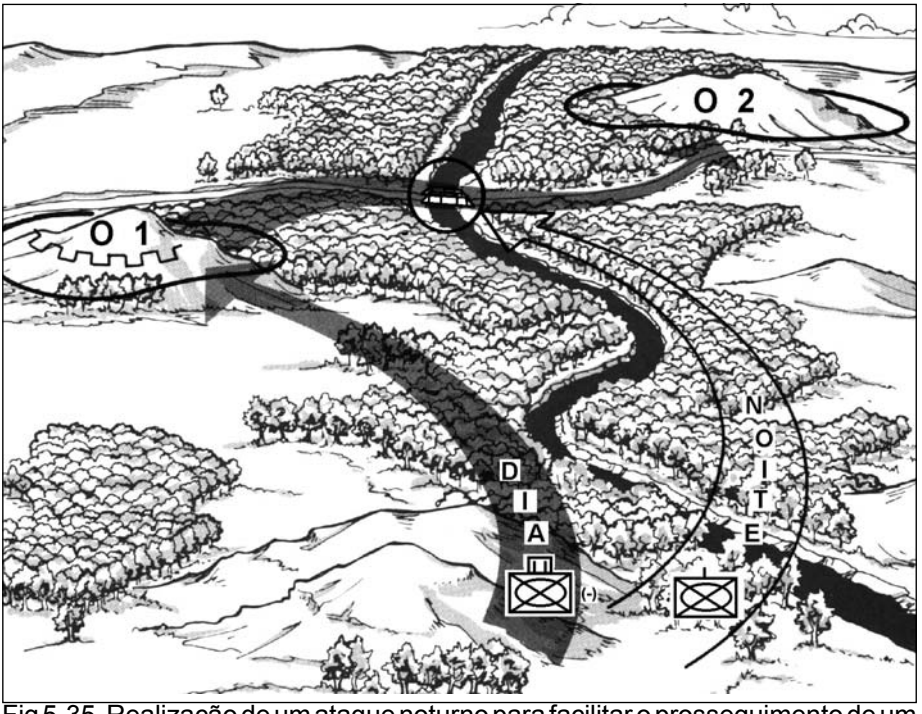

Fig 5-35. Realização de um ataque noturno para facilitar o prosseguimento de um ataque diurno

(2) Nesta situação não será possível a realização de reconhecimentos diurnos da área de operações em que a FT vai atuar.

(3) Considerando os riscos para a progressão das viaturas blindadas em terreno desconhecido, normalmente, a velocidade do ataque embarcado é reduzida e, se possível, são empregados elementos de segurança à frente, até próximo à posição de assalto, com a finalidade de identificar obstáculos que impeçam a progressão dos blindados.

(4) Para acelerar a progressão, os fuzileiros blindados deslocam-se embarcados.

(5) O assalto ao objetivo deverá ocorrer de acordo com o descrito na letra **b.** acima.

5-28. MEDIDAS DE COORDENAÇÃO E CONTROLE NO ATAQUE NOTURNO

a. Linha provável de desenvolvimento - A linha provável de desenvolvimento é uma linha previamente escolhida onde é tomado um dispositivo de combate antes do assalto final. Deve ser apoiada em um acidente do terreno, facilmente identificável à noite, e situado dentro da distância de assalto do objetivo. Essa distância varia de acordo com a natureza da posição a ser assaltada, tipo e intensidade dos fogos de preparação, reação inimiga prevista e terreno. Deve ser suficientemente afastada, de modo a permitir a tomada do dispositivo em linha para o assalto sem ser descoberta, e suficientemente próxima para não perder o máximo de controle durante o assalto. Quando não se dispõe de linha nítida, uma outra pode ser balizada por meio de processos artificiais.

b. Limite da progressão - Para manter o controle e evitar que o escalão de ataque seja atingido por fogos de proteção das tropas amigas, o comandante deve estabelecer um limite de progressão, tanto em profundidade como nos flancos do objetivo, materializando-o por pontos característicos do terreno, identificáveis à noite.

c. Ponto de liberação de pelotão - O ponto de liberação de pelotão é o local onde o comandante da SU entrega aos comandantes de pelotão o controle do deslocamento para suas respectivas zonas de desenvolvimento. Normalmente, esse ponto fica localizado entre a linha de partida e a provável linha de desenvolvimento, sendo utilizado quando a subunidade se desloca em coluna. Quando a SU parte da posição de ataque com os pelotões justapostos, o ponto de liberação de pelotão coincide com essa posição. Caso a ação inimiga obrigue o desenvolvimento antes do ponto de liberação, os pelotões combatem de acordo com a determinação do comandante da SU ou as exigências da situação.

CAPÍTULO 6

OPERAÇÕES DEFENSIVAS

ARTIGO I

INTRODUÇÃO

6-1. GENERALIDADES

a. As operações defensivas constituem-se em atitudes temporárias adotadas pela força terrestre até que, criadas condições favoráveis, possa tomar ou retomar a ofensiva.

b. As FT Bld, por suas características, são mais aptas ao emprego nas ações dinâmicas da defesa e nas operações de movimentos retrógrados. Eventualmente, poderão ser empregadas na defesa de uma posição.

6-2. A FORÇA-TAREFA NA DEFESA

a. O comandante da FT deve decidir onde irá defender-se do ataque inimigo baseando-se no estudo de situação da defensiva, na determinação das vias de acesso, dos acidentes capitais do terreno e nas vulnerabilidades do inimigo. Com base neste estudo serão levantadas linhas de ação para determinar o melhor dispositivo defensivo a ser adotado.

b. A FT desdobra forças-tarefas de valor subunidade, normalmente, para barrar vias de acesso de valor unidade. No desdobramento das subunidades no terreno, o comandante da FT deve visualizar o posicionamento dos pelotões de cada subunidade. Estas posições devem permitir o estabelecimento de um sistema defensivo integrado.

c. O planejamento da defesa, a organização das forças-tarefas de

subunidades e a conduta da defesa baseiam-se na missão, no inimigo, no terreno, nos meios e no tempo disponíveis e nos fundamentos da defesa.

(1) Apropriada utilização do terreno - O terreno é o principal fator na seleção da posição defensiva e na localização e distribuição das forças defensivas. O defensor procura controlar acidentes do terreno essenciais à observação, às comunicações e à manobra da reserva, negando ao inimigo a utilização do que possa comprometer o sucesso da defesa. Toda vantagem deve ser tirada dos obstáculos naturais e artificiais, que aumentam o poder defensivo das posições, ou conduzem o inimigo para regiões favoráveis às ações de contra-ataques. Os obstáculos desempenham um forte apoio ao esquema defensivo, inclusive na distribuição das forças em posição e de reserva. Na avaliação das vias de acesso do inimigo e dos acidentes capitais do terreno, baseia-se a distribuição das tropas, dos meios de vigilância de combate e do fogo. A análise do terreno deve considerar os seguintes aspectos:

(a) acidentes capitais;
(b) observação e campos de tiro;
(c) cobertas e abrigos;
(d) obstáculos;
(e) vias de acesso.

(2) Segurança - Precauções devem ser tomadas para evitar a surpresa tática, uma vez que o atacante normalmente detém a iniciativa da hora, do local, da direção e da potência de ataque. Os comandantes devem providenciar a segurança em todas as direções para obter um alerta, o mais cedo possível, e informações seguras da aproximação das forças inimigas. Todos os escalões são responsáveis por sua própria segurança.

(3) Defesa em todas as direções - Embora a defesa seja organizada com vistas a barrar a via de acesso mais favorável ao atacante, o inimigo pode atuar por uma direção não esperada ou considerada viável, inclusive à retaguarda da posição defensiva, empregando um envolvimento ou por ação de guerrilha em larga escala. O defensor deve ser capaz de engajar-se em qualquer direção, não permitindo ao inimigo obter uma vantagem decisiva pela surpresa ou direção do ataque. A defesa em todas as direções é alcançada por um dispositivo defensivo inicial cuidadoso e pelos planejamentos de emprego da reserva e dos fogos de apoio para os eventuais engajamentos.

(4) Defesa em profundidade - A organização da posição defensiva em profundidade é essencial. Sendo admissível um sucesso inicial do inimigo, que lhe propicie uma penetração na área de defesa avançada, deve o defensor estar preparado para bloqueá-lo em sucessivas linhas do terreno à retaguarda. O desdobramento de forças em profundidade é obtido pela preparação de posição suplementares, pela manobra dos elementos avançados para posições alternativas e pelo emprego das reservas.

(5) Flexibilidade - A defesa deve ser organizada permitindo modificações no plano de emprego de forças e dos fogos, a fim de conter o ataque inimigo à medida que ele se desenvolva. Reservas móveis e fogos potentes, quando disponíveis, constituem um precioso instrumento para a condução da defesa.

(6) Dispersão - Em ambiente de guerra convencional, a dispersão

decorre da precariedade dos meios em relação aos grandes espaços. O cumprimento da missão é primordial; é secundário o grau de risco em aceitar uma menor dispersão. A dispersão em profundidade é preferível à dispersão em largura, pois evita que as frentes se tornem muito extensas para o defensor; proporciona mais meios para a reserva; evita movimentos laterais face a um ataque inimigo; facilita a descoberta e a destruição de elementos de infiltração e proporciona um melhor dispositivo de forças para a realização de contra-ataques. A dispersão em largura leva as unidades avançadas a se arriscarem a um isolamento e, em conseqüência, a serem batidas por partes, após a penetração inimiga. A distância entre as unidades deve ser compatível com a possibilidade de proporcionar massa suficiente para cumprir a missão da brigada e de fornecer uma força de manobra ofensiva em tempo oportuno.

(7) Máximo emprego da ação ofensiva - Na defesa, toda oportunidade deve ser aproveitada para tirar a iniciativa do inimigo e destruí-lo. A defesa deve ser preparada para a execução de ações ofensivas, sempre que a oportunidade para isto se apresentar. Os contra-ataques de desorganização são, freqüentemente, a chave do sucesso na defesa.

(8) Integração e coordenação das medidas defensivas - O plano de defesa como um todo abarca a integração e coordenação cuidadosa de todas as medidas defensivas.

(a) O planejamento dos fogos é conduzido e coordenado em todos os escalões. Deve proporcionar um contínuo apoio de fogo às forças da área de segurança, da área de defesa e da área de reserva. Os fogos são também planejados para controlar as brechas e cobrir as barreiras.

(b) Quando o tempo permitir, obstáculos naturais são suplementados por campos minados e outros obstáculos artificiais. As barreiras são organizadas para restringir o movimento inimigo, sem interferir, contudo, no planejamento da manobra defensiva, particularmente os contra-ataques.

(c) Todos os meios de vigilância de combate são coordenados intimamente e incorporados ao plano de defesa.

(9) Tempo - O tempo disponível para o planejamento, a preparação e a ocupação da posição defensiva é de capital importância e freqüentemente determina o tipo de defesa a ser usado.

(10) Apoio mútuo - A distribuição das forças e o planejamento dos fogos em largura e profundidade asseguram apoio mútuo entre as forças. O defensor organiza-se no terreno de modo a proporcionar apoio mútuo entre os diversos núcleos de defesa, a fim de permitir que qualquer um deles possa realizar fogos à frente e nos flancos dos que lhe são adjacentes. A observância deste princípio permite que o inimigo que conquiste um núcleo possa ser tomado pelos fogos de flanqueamento realizados pelos núcleos vizinhos. O apoio mútuo ainda permite que, submergindo um determinado núcleo, o inimigo possa ser contido pelos fogos dos elementos vizinhos e dos imediatamente à retaguarda.

d. Os carros de combate são os elementos chave dos contra ataques. Podem atirar em movimento, possuem elevada cadência de tiro e menor tempo de engajamento que os mísseis. Os carros de combate devem ser utilizados, prioritariamente, nas Via A mais propícias ao emprego de carros de combate pelo inimigo. A reserva deve ser organizada com base nos carros de combate.

e. Nas operações defensivas, o comandante da FT deverá procurar maximizar o emprego das VBC- Fuz / VBTP e dos fuzileiros desembarcados. As viaturas blindadas serão empregadas para destruir viaturas blindadas leves ou não blindadas, a partir de espaldões nos núcleos de defesa ou como base de fogos e, nos contra ataques. Os fuzileiros desembarcados são normalmente empregados para:

(1) defender os núcleos da posição defensiva contra o ataque da infantaria inimiga;

(2) realizar patrulhamento e ocupar P Obs / Postos de Escuta à frente da posição defensiva, a fim de obter informes sobre o inimigo;

(3) construir e defender os obstáculos do plano de barreiras da posição defensiva;

(4) realizar emboscadas anticarro com armamento anticarro portátil;

(5) realizar a limpeza dos campos de tiro e de observação.

f. Os mísseis anticarro do Pelotão de Mísseis Anticarro (BIB) e a Seção de Mísseis Anticarro (RCC e RCB) provêem fogos de longo alcance mas possuem reduzida cadência de tiro e longo tempo de vôo. Eles devem ser posicionados onde possam ter maximizadas suas características, normalmente, de posições de flanqueamento batendo áreas relativamente abertas. Na defensiva são, normalmente, empregados em reforço aos fogos anticarro dos Esqd/Cia Fuz Bld, aprofundando o combate anticarro, reforçando as forças na área de segurança, a fim de destruir os elementos de reconhecimento do inimigo e bloqueando a penetração de blindados inimigos nos flancos ou retaguarda da posição da FT.

6-3. TIPOS DE OPERAÇÕES DEFENSIVAS

a. As operações defensivas em seu sentido mais amplo, abrangem todas as ações que oferecem um determinado grau de resistência contra uma força atacante.

b. Compreendem dois tipos de operações:

(1) a defesa em posição; e

(2) movimentos retrógrados.

6-4. FORMAS DE DEFESA

a. Defesa em posição - Compreende duas formas:

(1) defesa de área;

(2) defesa móvel;

b. Movimentos retrógrados - As formas das operações de movimentos retrógrados são:

(1) ação retardadora;

(2) retraimento;

(3) retirada.

6-5. ESTUDO DE SITUAÇÃO NAS OPERAÇÕES DEFENSIVAS

Durante o estudo de situação o Cmt e seu EM consideram o terreno, o inimigo e as condições climáticas para determinarem e analisarem as prováveis Via A terrestres e aéreas para o inimigo. Estas considerações sobre as Via A devem incluir:

a. Determinação dos acidentes capitais do terreno e regiões de grande importância para a defesa. O EM deve identificar as Via A onde a velocidade de progressão e o desdobramento do inimigo são limitados e onde suas formações de ataque poderão ser bloqueadas e expostas a contra-ataques. Os acidentes capitais do terreno deverão facilitar o bloqueio das Via A.

b. A determinação das Via A principais e secundárias e os corre-dores de mobilidade, onde as condições de trafegabilidade permitirão o emprego de tropas blindadas ou mecanizadas.

c. Determinação, SOB O PONTO DE VISTA DO INIMIGO, do:

(1) Espaço para a manobra - Considerando os pontos de estrangulamento e os obstáculos naturais, levantar quantas viaturas blindadas comportam as Via A e, em conseqüência, qual o valor das unidades blindadas inimigas que as Via A suportam.

(2) Cobertas e abrigos - Que partes do terreno permitem o movimento do inimigo a coberto das vistas do defensor. Considerar o inimigo aproximando-se em coluna antes de desdobrar-se para o ataque.

(3) Trafegabilidade - Quais as características de trafegabilidade do terreno, acidentes do terreno e condições climáticas e seus efeitos sobre o deslocamento de forças do inimigo, particularmente as blindadas e mecanizadas. Como as condições de visibilidade reduzida poderão afetar a trafegabilidade de viaturas ou tropas a pé.

(4) Campos de tiro e de observação - Que regiões da posição defensiva são vulneráveis aos fogos diretos de CC, mísseis anticarro, obuseiros autopropulsados e helicópteros de ataque do inimigo.

(5) Acidentes capitais do terreno - Que partes do terreno de posse do inimigo lhe darão decisiva vantagem sobre o defensor.

(6) Efeitos da visibilidade limitada - Fumaça, poeira, neblina e escuridão afetam todos os deslocamentos de tropa, particularmente as blindadas e mecanizadas. Durante estes períodos de baixa visibilidade as estradas, canais, valetas, linhas de crista e outras partes do terreno que facilitem a navegação, crescem de valor nas Via A.

(7) Vias de acesso aéreas para o inimigo - Por onde o inimigo poderá realizar assaltos aeromóveis, nos flancos ou retaguarda da posição defensiva.

d. Determinação das possibilidades do inimigo durante o desenrolar das operações.

e. Determinação e denominação de áreas de maior interesse para o inimigo e as áreas onde deverá haver maior concentração de seus fogos, a fim de facilitar o levantamento de seu “plano de ataque” e possibilitar rapidez na reação por parte das forças da defesa.

ARTIGO II

DEFESA MÓVEL

6-6. A FORÇA-TAREFA NA DEFESA MÓVEL

a. Generalidades

(1) A defesa móvel é uma forma de defesa em posição que se baseia na destruição do inimigo por meio do fogo e do contra-ataque, no qual um mínimo de meios é empregado para as ações de alertar as forças de defesa e de canalizar, retardar ou bloquear o atacante, e uma forte reserva é empregada para contra-atacar e destruir no momento mais oportuno.

(2) Em princípio, uma Def Mv será conduzida pelo escalão DE ou Sp.

(3) Neste tipo de defesa a FT pode receber missões de integrar ou constituir a:

(a) força de segurança do escalão superior;

(b) força de fixação da área de defesa avançada;

(c) força de choque (reserva).

b. FT como força de segurança - Excepcionalmente, esta missão poderá ser atribuída à FT. Quando isto ocorrer, a FT deverá receber reforços de artilharia e de engenharia.

c. FT como força de fixação

(1) A FT em princípio não deve ser empregada como força de fixação, por não ser o emprego mais adequado para uma força blindada e não permitir que explore corretamente suas características. Contudo, se os fatores da decisão assim o indicarem, a FT poderá integrar uma força de fixação conduzida pela DE.

(2) Como integrante de Bda empregada na defesa móvel conduzida por uma DE a FT poderá receber as seguintes missões:

(a) cobrir o retraimento dos elementos de primeiro escalão;

(b) ocupar posições de bloqueio para apoiar o contra-ataque realizado pela força de choque do Esc Sp;

(c) integrar a força de choque do escalão superior.

(3) A FT como parte da força de fixação, conduz suas ações de acordo com as ordens recebidas do Cmt Bda a que pertence e dentro dos princípios que norteiam o tipo de missão a desempenhar.

(4) O Cmt da FT, organizará sua unidade para o combate, normalmente, de modo a colocar FTSU, fortes em CC, nas zonas de ação mais favoráveis à aproximação de blindados inimigos e FTSU, fortes em Fuz Bld, nas zonas de ação mais favoráveis ao inimigo a pé. O terreno na zona da FT pode, também, favorecer o emprego de FT equilibradas. O Pel Mrt P é empregado em ação de conjunto para proporcionar apoio de fogo em toda a frente da FT e, no maior alcance possível.

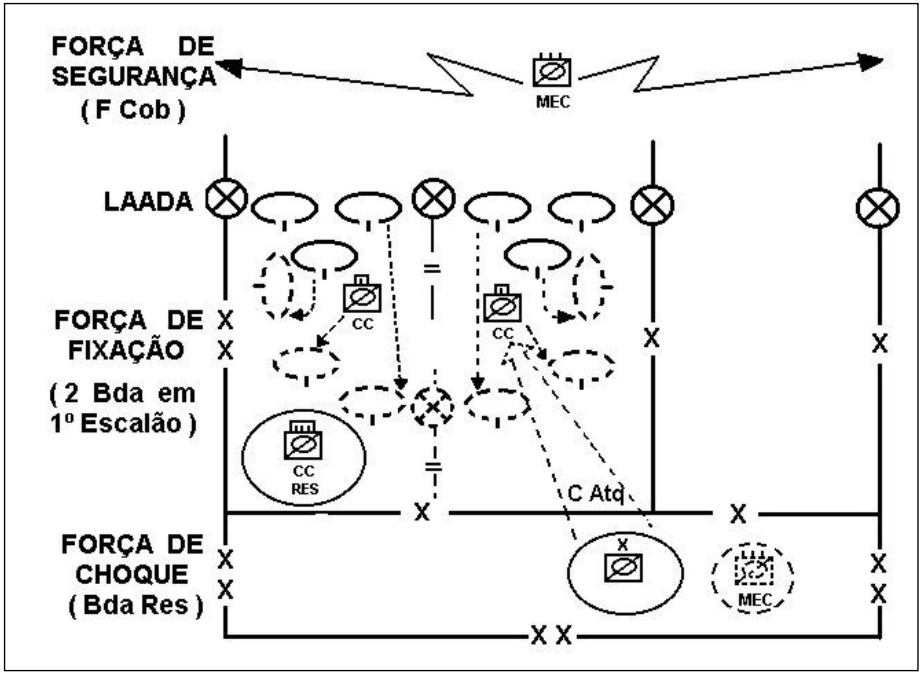

Fig 6-1. A FT BIB na Força de Fixação da Defesa Móvel

(5) A segurança não pode ser descurada durante a organização e preparação da posição defensiva. O Pel Exp ou as SU da ADA estabelecem P Avç C à frente da posição defensiva. Estabelecem-se comunicações entre os P Obs e as SU de primeiro escalão. Patrulhas e P Obs são estabelecidos nos flancos, de acordo com as necessidades, para a segurança à FT.

(6) Os planos de contra-ataque são desenvolvidos ao mesmo tempo que a organização das posições de bloqueio e os preparativos iniciais da defesa. Medidas de controle devem ser estabelecidas para cada plano.

(7) Certas posições de bloqueio podem ser usadas como posições suplementares, das quais o inimigo possa ser batido se ocorrerem penetrações na posição defensiva ou ataques de certas direções. O esquema de manobra também inclui posições de bloqueio, das quais os elementos que as ocupam possam apoiar pelo fogo ou realizar ataques a objetivos limitados contra forças inimigas que ameaçam uma outra posição.

(8) O PC da força-tarefa fica localizado à retaguarda da área de defesa, onde se valerá da proteção dada pelo dispositivo tático das SU. Elementos de artilharia podem ser localizados dentro da zona de ação da FT. Devem ser estabelecidas ligações com tais elementos e a localização das unidades de artilharia deve ser coordenada com o dispositivo das subunidades.

(9) Os P Obs conduzem os fogos de apoio sobre o inimigo para retardar ou deter o seu ataque. A força aérea apóia as unidades em contato e bate as forças blindadas e mecanizadas inimigas tão à frente do LAADA quanto possível,

reduzindo o número de viaturas blindadas que as forças terrestres devem destruir. Quando forçados pelo inimigo, os P Obs retraem para cumprir novas missões.

(10) Tão logo a força de ataque inimiga atinja a região dentro do alcance eficaz da defesa, os tiros das armas de apoio são realizados para causar-lhe o máximo de baixas. Logo que o contato é obtido, o Cmt da FT inicia ações com a finalidade de deter, destruir, repelir e desorganizar o inimigo e, ainda, canalizá-lo para uma região favorável a sua destruição. O inimigo é mantido sob constante pressão e não lhe é dada oportunidade de estabelecer-se na Z Aç da FT. Todo esforço é feito para desorganizar a formação do ataque inimigo, para dispersar seus elementos e para transtornar seu plano de ataque.

(11) Quando um ataque é dirigido contra a Z Aç da FT, o Cmt procura conservar a liberdade para manobrar seus meios para regiões críticas. Se algumas posições iniciais estiverem em perigo e na iminência de serem destruídas, o Cmt da FT pode determinar aos elementos que as ocupam que retraiam para posições à retaguarda. Pode-se determinar às SU que apoiem posições de bloqueio que estejam sob grande pressão do inimigo. Isto é executado por um contra-ataque limitado, pelo apoio de fogo ou efetivo reforço aos elementos em posição.

(12) Quando o ataque aumentar em força e as posições iniciais das SU estiverem em perigo de serem destruídas, o Cmt da FT pode ser obrigado a executar um retraimento, utilizando as posições de bloqueio selecionadas em profundidade.

d. A FT como força de choque

(1) Generalidades - A FT, normalmente, integra a força de choque (reserva) em uma defesa móvel. Nesta situação, os aspectos a seguir devem ser observados.

(2) Planos

(a) Quando a FT integrar a F Choque, seu Cmt prepara planos baseados nos planos de contra-ataque formulados pela Bda que realizar o C Atq. A FT, ao estabelecer seu plano de C Atq, inclui medidas de controle, fogos de apoio e as coordenações necessárias. As medidas de controle incluem:

1) linha de partida;

2) direção do movimento marcada por eixo de progressão ou direção de ataque, dependendo do grau de controle desejado;

3) objetivo(s);

4) medidas de controle adicionais, as quais podem incluir posições de ataque, itinerários que conduzem a estas posições, limites e outras.

(b) A aprovação final dos planos de contra-ataque da força de choque deve ser dada pelo Cmt que executa a defesa móvel. Após a aprovação, os membros interessados na ação devem familiarizar-se com os planos, bem como reconhecer a região do ataque. A ação do inimigo raramente permitirá à reserva executar seu ataque exatamente como planejado. O Cmt da FT deve estar pronto para modificar, rapidamente, qualquer plano de C Atq, baseando-se na evolução dos acontecimentos e na conduta do inimigo.

(3) Reconhecimento - A formulação dos planos de contra-ataque deve ser precedida por um completo reconhecimento da região. O ataque da força de

choque deve se desenrolar em terreno favorável, que permita ao atacante enfrentar o inimigo pelo flanco ou pela retaguarda e, preferencialmente, forçá-lo contra um obstáculo.

(4) Localização

(a) A localização da reserva é fixada pelo escalão superior, em princípio numa região que facilite tanto o aprofundamento da defesa como o deslocamento para qualquer ponto da zona de ação.

(b) A FT normalmente recebe encargos de organizar posições de aprofundamento. Entretanto, a primeira prioridade é dada aos ensaios e aperfeiçoamentos dos seus planos de contra-ataque.

(5) Execução de contra-ataques

(a) A execução de contra-ataque depende de ordem do comando superior. O contra-ataque tem que ser lançado no momento e local certos. Normalmente, é executado quando o inimigo, canalizado por elementos de retardamento, atinge uma região pré - estabelecida e antes que possa ganhar impulsão para prosseguir.

(b) Para a execução do contra-ataque a FT, normalmente, ultrapassa elementos da força de fixação. Cabe à força-tarefa a responsabilidade pela área entre a LP e o objetivo.

(c) A FT recebe prioridade do apoio de fogo para realizar o contra-ataque. Em princípio, beneficia-se, também, dos efeitos do apoio aéreo aproximado, que é empregado para atacar concentrações inimigas e para evitar que o inimigo reforce suas forças.

(d) O planejamento do contra-ataque na defesa móvel é semelhante ao realizado numa defesa de área.

ARTIGO III

DEFESA DE ÁREA

6-7. GENERALIDADES

a. A defesa de área dá ênfase à manutenção ou ao controle de um terreno específico, por um determinado período de tempo. O defensor desdobra a maioria de seu poder de combate na área de defesa avançada para deter as forças inimigas à frente do limite anterior da área de defesa avançada. Conduz contra-ataques para expulsar ou destruir forças inimigas que penetrarem naquela área e para retomar o controle da mesma ou do terreno que a defesa deseja conservar. O defensor depende da potência dos fogos e das forças empregadas na área de defesa avançada para deter e repelir o atacante. A área de defesa avançada tem uma maior prioridade na distribuição dos meios de combate.

b. Na defesa de área, o defensor planeja aceitar um engajamento decisivo e cumprir sua missão pelo engajamento do atacante ao longo do limite anterior da área de defesa avançada, contando com um grande volume e variedade de fogos. O defensor pode não possuir capacidade para ocupar todos

os acidentes capitais do terreno da posição defensiva; no entanto, emprega suficiente poder de combate à frente para dominar a área.

c. As FT Bld terão maiores possibilidades de explorar suas características de mobilidade, potência de fogo e ação de choque quando empregadas para constituir a reserva.

6-8. ESCALONAMENTO DA DEFESA

a. A defesa é escalonada em três áreas (Fig 6-2):
(1) área de segurança;
(2) área de defesa avançada;
(3) área de reserva.

b. Área de segurança - É a que se estende à frente do limite anterior da área de defesa avançada (LAADA) até onde forem empregados os elementos de segurança estabelecidos pela unidade. As forças de segurança são compostas de elementos que alertam sobre a aproximação do inimigo, desorganizam-no e o iludem quanto à verdadeira localização da posição defensiva.

c. Área de defesa avançada (ADA) - A área de defesa avançada se estende do seu limite anterior (LAADA) para a retaguarda, englobando as posições ocupadas pelas SU de primeiro escalão. As forças da área de defesa avançada são compostas de elementos encarregados da defesa imediata dessa área.

d. Área de reserva - A área de reserva se estende da retaguarda das subunidades em primeiro escalão até o limite de retaguarda da FT. As forças de reserva ocupam regiões na área de reserva (área de retaguarda) e dão profundidade à posição defensiva. Estes elementos limitam e eliminam as penetrações ou podem reforçar as SU de primeiro escalão. A reserva é o principal meio de que dispõe o comandante da força-tarefa para influir no combate.

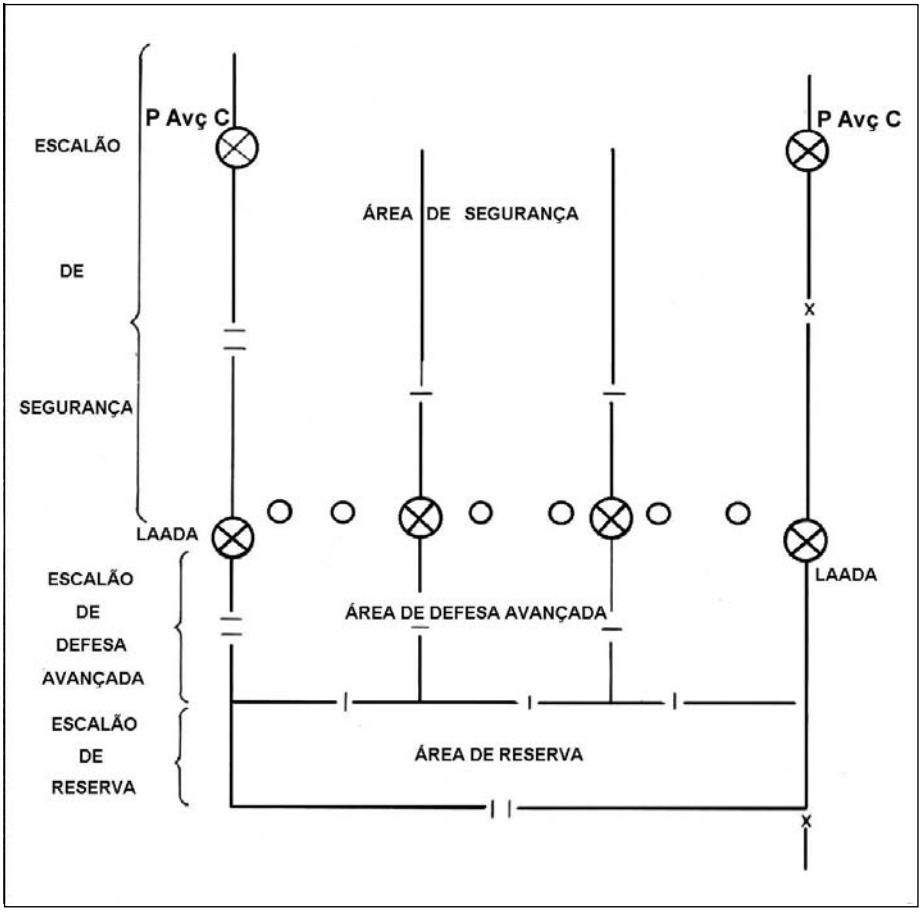

Fig 6-2. Escalonamento de uma FT BIB na defesa de área

6-9. ORGANIZAÇÃO PARA O COMBATE

a. Generalidades

(1) A organização para o combate é a combinação dos diversos meios disponíveis, sob uma estrutura de comando, a fim de prover o controle, a coordenação e o apoio necessários ao emprego das forças e de modo a obter superioridade sobre o inimigo.

(2) A disponibilidade de meios é confrontada com as necessidades, respectivamente, dos escalões de segurança, de defesa avançada e de reserva.

(3) O comando pode não dispor de meios suficientes para atender às necessidades de cada escalão. Quando isto acontecer, deve ajustar a distribuição das forças para cada escalão, de modo a obter a melhor organização possível para o combate, tendo em vista o cumprimento da missão.

b. Possibilidades dos elementos de combate

(1) Nas operações defensivas, os fuzileiros blindados têm as seguintes possibilidades:

(a) manter o terreno;

(b) repelir o assalto inimigo pelo fogo e combate aproximado;

(c) contra-atacar;

(d) manobrar em qualquer tipo de terreno e sob quaisquer condições climáticas;

(e) integrar outras forças.

(2) As possibilidades dos carros de combate na defensiva são:

(a) contra-atacar;

(b) destruir os blindados inimigos pelo fogo;

(c) apoiar os elementos de fuzileiros pelo fogo, manobra e ação de choque;

(d) integrar outras forças.

(3) As possibilidades dos Pel Exp, na defensiva, são:

(a) executar o reconhecimento e prover segurança;

(b) ser empregado nos P Avç C.

c. Organização dos elementos de manobra

(1) Os elementos de manobra são organizados para o combate visando ao cumprimento da missão recebida. Suas possibilidades variam desde a capacidade ofensiva limitada de um elemento de Fuz Bld à capacidade defensiva limitada de um elemento de CC. A dosagem da combinação de carros de combate e Fuz Bld é determinada para cada situação, visando a explorar suas possibilidades e reduzir suas limitações.

(2) O elemento de manobra de Fuz Bld é capaz de retardar e defender em boas condições forças de igual ou menor mobilidade. Esta organização pode ser empregada quando não há carros de combate disponíveis, onde haja pequena ou nenhuma ameaça de blindados inimigos e o terreno restrinja o movimento de veículos.

(3) O elemento de manobra combinado, à base de Fuz Bld, tem as mesmas possibilidades do elemento puramente de Fuz Bld, entretanto, possui maior capacidade para a DAC e maior potência de fogo. Esta organização pode ser empregada quando houver ameaça de blindados inimigos, onde o terreno não restrinja totalmente o movimento de veículos, quando houver necessidade de fogos profundos e ação de choque dos carros, ou para os elementos de primeiro escalão na defesa móvel.

(4) O elemento de manobra combinado, a base de carros, é normalmente organizado com carros de combate e Fuz Bld e, de um modo geral, possui as mesmas possibilidades do elemento combinado, organizado à base de Fuz Bld com a maior capacidade para a DAC e ação de choque, e com uma menor capacidade para manter o terreno. Esta organização pode ser adotada quando houver necessidade de forte reserva móvel, onde o terreno favoreça o movimento de veículos e ofereça poucas (ou nenhuma) cobertas e abrigos para os Fuz Bld; quando o inimigo for forte em carros de combate ou quando houver necessidade de constituição de um forte elemento de segurança. Este tipo de organização não

deve ser empregado com o fim exclusivo de manter o terreno; tal missão não tira partido de suas características ofensivas, tendo em vista que a manutenção do terreno requer maior proporção de Fuz Bld, particularmente nos períodos de visibilidade reduzida.

(5) O elemento de manobra equilibradamente combinado tem geralmente as mesmas possibilidades do elemento organizado à base de carros de combate, com redução de sua característica ofensiva e anticarro, porém com maior possibilidade de manter o terreno. Esta organização pode ser empregada quando for necessária uma reserva móvel combinando carros e Fuz Bld, onde houver igual necessidade de carros e de Fuz Bld e o terreno oferecer boa transitabilidade, quando a situação do inimigo for obscura ou na composição dos elementos de primeiro escalão na defesa móvel.

6-10. PLANEJAMENTO DA DEFESA

a. Generalidades

(1) O plano de defesa será elaborado após o recebimento da ordem de defesa emitida pelo Esc Sp. Este plano compreenderá um esquema de manobra e um plano de apoio de fogo, os quais serão feitos simultaneamente e intimamente integrados. O plano de defesa abrangerá, também, o planejamento de contra-ataques, de segurança, de apoio logístico e o estabelecimento da rede de comunicações.

(2) A flexibilidade é obtida através da escolha de posições suplementares que permitam a defesa em todas as direções, pela manutenção de uma reserva adequada e pelo controle centralizado do apoio de fogo. Além destas medidas, o comandante prepara planos alternativos para fazer face às situações previsíveis.

b. Medidas preparatórias

(1) Normalmente, ao receber a ordem de defesa, o Cmt FT emite uma ordem preparatória aos elementos subordinados, alertando-os da operação a ser executada e determinando algumas medidas preparatórias. Os preparativos para a defesa de uma área compreendem: um plano inicial, o reconhecimento, o plano pormenorizado de defesa, a transmissão da ordem e a ocupação e organização da posição. A seqüência dessas medidas e a possibilidade que cada uma delas tem de ser realizada, integralmente, dependem, principalmente, de ter sido estabelecido o contato com o inimigo e do tempo disponível. As decisões rápidas e as ações eficientes do estado-maior são necessárias para a pronta e ordenada ocupação da posição e sua organização posterior.

(2) Deslocamento da unidade - Se a tropa não estiver em posição, o Cmt da FT providencia o seu deslocamento para a zona designada. Se a defesa a ser estabelecida tem em vista manter um objetivo conquistado, planeja a redistribuição de sua tropa na posição.

(3) Plano inicial de defesa - Após receber a ordem de defesa, o comandante da FT faz um breve estudo na carta para organizar o seu plano inicial de defesa. Este plano compreende: as medidas gerais de segurança, o dispositivo, as zonas de reunião e os eixos de suprimento. Os elementos

essenciais do plano inicial são transmitidos imediatamente aos subordinados para que possam iniciar os preparativos indispensáveis à organização da posição.

c. Reconhecimento e coordenação

(1) Planejamento do reconhecimento - Antes de partir para o reconhecimento do terreno, o comandante da FT prevê o emprego do tempo disponível. Fixa o tempo a ser despendido no reconhecimento, determina os locais que devam ser percorridos e examinados, escolhe os itinerários a serem seguidos e dá missões específicas aos oficiais de seu estado-maior e comandantes subordinados. O reconhecimento deve ser tão minucioso quanto a situação o permitir. Quando a FT deve estabelecer uma defesa sumária, partindo de um dispositivo de marcha ou de um dispositivo ofensivo, o comandante modifica o seu reconhecimento, para ajustá-lo à situação e, em alguns casos, limita-o a um simples estudo da carta. Se o contato com o inimigo não tiver sido estabelecido, poderá haver um reconhecimento pormenorizado.

(2) Coordenação e transmissão da ordem - Antes da partida para o reconhecimento, o comandante da FT assegura a coordenação dos esforços com as unidades em reforço, em apoio e vizinhas, bem como decide onde, como e a quem transmitirá sua ordem de defesa.

(3) Execução do reconhecimento - No reconhecimento, o comandante da FT utiliza alguns oficiais para auxiliá-lo na elaboração do plano de defesa. Esses oficiais, normalmente são: o S2, o S3, o comandante do Esqd / Cia C Ap e o oficial de ligação da artilharia. Outros oficiais podem receber ordem de executar reconhecimentos pormenorizados e apresentarem informes sobre determinadas áreas ou sugestões para a localização de armas e de instalações. Devem ser tomadas medidas para a segurança do reconhecimento. Durante o reconhecimento, o comandante da FT, ou oficiais qualificados, examinam:

(a) as prováveis vias de acesso para as tropas a pé, os carros de combate e helicópteros inimigos;

(b) os locais a serem ocupados pelo escalão de segurança;

(c) os acidentes capitais no âmbito da área de defesa da FT;

(d) o terreno, na frente da posição, mais favorável à observação inimiga;

(e) o traçado geral do LAADA;

(f) os limites e pontos limites entre os elementos de primeiro escalão;

(g) a localização geral dos morteiros e as zonas a serem batidas por seus fogos;

(h) os fogos defensivos a serem pedidos à artilharia de apoio;

(i) os obstáculos naturais imediatamente à frente da posição ou os acidentes do terreno que, rapidamente, possam ser transformados em obstáculos, caso necessário;

(j) a localização das armas AC e dos campos de minas;

(l) a localização das prováveis regiões de penetração na área de defesa;

(m) as regiões a serem organizadas pela reserva da FT e sua zona de reunião;

(n) a localização dos postos de observação;

(o) a localização do posto de socorro, trens de combate e postos de comando;

(p) a estrada principal de suprimento.

d. Elaboração do plano de defesa

(1) Esquema de manobra - O esquema de manobra é o plano para a localização e o deslocamento dos elementos de manobra orgânicos e em reforço, a fim de cumprir a missão. Na elaboração do esquema de manobra o comandante considera a missão, o inimigo, o terreno e as condições meteorológicas, os meios disponíveis e os respectivos efeitos sobre o plano de defesa.

(2) Seqüência - Na elaboração do esquema de manobra, o comandante e o estado-maior, normalmente, seguem esta seqüência lógica de planejamento:

(a) determinação, análise e avaliação da Área de Operações;

(b) análise do terreno e das condições meteorológicas;

(c) avaliação do inimigo;

(d) integração do terreno, das condições meteorológicas e do inimigo;

(e) determinação das forças a empregar na área de defesa avançada e na reserva.

(f) determinação das forças do escalão de segurança.

(g) determinação das necessidades de obstáculos, de DAC e de outras medidas defensivas.

(h) estabelecimento das medidas de coordenação e controle necessárias.

(i) estabelecimento da organização para o combate.

(j) determinação das necessidades de apoio logístico.

(l) estabelecimento de planos alternativos para as contingências previsíveis.

(3) Outras considerações

(a) A seqüência apresentada acima é flexível e pode ser adaptada à situação, ao tipo de operação e à personalidade do comandante. Alguns itens podem ser considerados em ordem diferente ou simultaneamente e outros podem ser revistos, à medida que o planejamento é executado. Nos estágios mais convenientes desta seqüência, o plano de apoio de fogo e os planos de contra-ataque são também considerados e elaborados.

(b) Ao montar as linhas de ação para a defesa de determinada área, o comandante da FT considera que estas podem variar em termos de:

1) traçado do LAADA;

2) dispositivo;

3) combinação destas alternativas.

e. Análise da missão

(1) O primeiro estágio da elaboração do esquema de manobra é a completa análise da missão da FT e a consideração de todas as informações sobre as condições meteorológicas, o terreno, o inimigo e as forças amigas. O comandante estuda a ordem recebida para assegurar a compreensão das ações impostas e deduzidas, que deve executar. Normalmente estas ações são definidas em termos de uma área específica a ser defendida.

(2) O comandante da brigada, normalmente, designa o traçado geral do LAADA e a localização inicial e missão dos P Avç C, quando empregados. Define a responsabilidade da FT ao longo do LAADA (e, se for o caso, ao longo da linha dos P Avç C), estabelecendo os limites e pontos limites da força-tarefa.

f. Estudo da área de defesa

(1) O comandante da FT, auxiliado por seu estado-maior e comandantes subordinados, realiza um reconhecimento pormenorizado da área, a pé, pelo ar ou em viatura. Com base neste reconhecimento e em outras informações obtidas, estuda a área de defesa, a fim de determinar quais os acidentes do terreno que devem ser mantidos para o cumprimento da missão. Se a conquista ou posse de um acidente proporciona uma vantagem marcante para qualquer dos contendores, este é considerado um acidente capital do terreno e deve ser controlado pelo defensor.

(2) O defensor não é obrigado a ocupar fisicamente todos os acidentes capitais do terreno. Pode controlar os acessos aos mesmos ou, em combinação com os fogos, defendê-los com forças relativamente pequenas. O comandante poderá receber ordem, como parte do esquema de manobra, de defender determinado(s) acidente(s) capital(is).

(3) Depois de levantar os corredores de mobilidade e as vias de acesso para abordagem e progressão no interior da posição e, também, as Via A que devem ser utilizadas nos contra-ataques, o Cmt e seu EM analisam as condições de observação, campos de tiro, as cobertas e abrigos, os obstáculos e os acidentes capitais que poderão influir em cada via de acesso. Consideram, ainda, a possibilidade de agravar os obstáculos e de empregar barreiras para melhorar a defesa.

(4) Com base no estudo da área de defesa, determina como melhor utilizar o terreno, dentro dos recursos disponíveis, identificando os conjuntos topotáticos a serem defendidos pelos elementos subordinados. Na identificação destes conjuntos, o comandante da FT leva em consideração, particularmente:

(a) as ligações topográficas dos diferentes acidentes capitais;

(b) o número e o valor das vias de acesso barradas pelos acidentes capitais;

(c) as ligações táticas dos acidentes capitais, particularmente quanto ao apoio mútuo e possibilidades de barrar as vias de acesso à frente e em profundidade;

(d) o espaço adequado para o desdobramento, em largura e profundidade, do elemento subordinado.

6-11. A FORÇA-TAREFA NA DEFESA DE ÁREA

a. Determinação das forças a serem empregadas na ADA

(1) O número de subunidades a serem empregadas na ADA, a largura da frente a ser atribuída a cada uma e a localização específica das posições de aprofundamento selecionadas para preparação e ocupação (ou ocupação futura) dependem da missão, dimensões, transitabilidade e valor defensivo do terreno, das possibilidades do inimigo e dos meios disponíveis.

(2) À medida que o comandante analisa o terreno, considera o valor da resistência que deseja opor ao inimigo em cada uma das vias de acesso, com base na visualização do que é necessário para manter o terreno (defender, retardar ou vigiar, de acordo com o grau de resistência desejado). Uma das técnicas utilizadas consiste em determinar o número de elementos de valor pelotão necessários para barrar o inimigo em cada via de acesso de valor subunidade e o número de pelotões necessários para fechar os intervalos, dando continuidade à frente. Com base nesta avaliação, determina-se o número de SU necessárias. Deve ser considerado, também, o número de pelotões necessários a dar profundidade às subunidades de primeiro escalão e o valor da reserva adequada à FT.

(3) Finalizando, são determinados os limites laterais entre as subunidades, levando-se em conta os conjuntos topotáticos.

b. Frentes e profundidades

(1) Ao determinar a frente e a profundidade de cada elemento de primeiro escalão, o comandante da FT considera a possibilidade das subunidades defenderem o LAADA e ainda disporem de meios para manter uma reserva adequada. Esta determinação envolve também a consideração do valor relativo das forças amigas e inimigas e o valor defensivo do terreno.

(2) As frentes atribuídas às subunidades no LAADA não devem exceder a sua capacidade de assegurar o apoio mútuo entre os pelotões de primeiro escalão.

(3) As limitações nos campos de tiro imporão uma redução das frentes das subunidades. A existência de reforços dados às SU exigirá uma ampliação das frentes a elas atribuídas.

(4) Tanto quanto possível, deve-se evitar intervalos e brechas entre os elementos localizados no LAADA, nos escalões Unidade e inferiores. Se isto for inevitável, é conveniente que os intervalos se localizem entre as FT/ Unidades ou entre elementos do escalão superior.

(5) É conveniente designar-se frentes mais estreitas para os elementos que defendem a cavaleiro da via de acesso mais favorável ao inimigo. O comandante da FT deve evitar dividir a responsabilidade das vias de acesso entre dois elementos. Em princípio, atribui a defesa de cada acidente capital no LAADA a uma subunidade.

(6) A profundidade atribuída às subunidades de primeiro escalão deve incluir espaço suficiente para localizar as posições principal e de muda e o pelotão de aprofundamento, possibilitar apoio mútuo com os pelotões do LAADA e limitar as penetrações inimigas na área de defesa. O espaço deve também ser suficiente para a instalação de posições suplementares, de onde

o pelotão reserva possa defender os flancos e a retaguarda da SU. A profundidade deve prover espaço para a instalação dos morteiros, posto de comando e trens da subunidade.

(7) Na determinação da profundidade a ser atribuída às subunidades de primeiro escalão, o comandante leva em consideração a localização das posições de aprofundamento da reserva da FT.

c. Reserva da força-tarefa

(1) À medida que o comandante da FT levanta a necessidade das forças de primeiro escalão, considera, também, o valor e a localização da reserva. Atribui suficiente poder de combate à mesma, levando em conta a missão, o inimigo, o terreno, os meios e o tempo. As missões apropriadas para a reserva da FT incluem:

(a) guarnecer os postos avançados de combate (P Avç C) na frente que corresponde à FT, quando for o caso;

(b) preparar e ocupar as posições de aprofundamento e limitar as penetrações inimigas na posição;

(c) executar contra-ataques para expulsar o inimigo e restabelecer a posição;

(d) apoiar ou reforçar as SU de primeiro escalão, pelo emprego de seus meios orgânicos de manobra e de apoio de fogo;

(e) executar as missões de segurança de flanco e de área de retaguarda;

(f) assumir, mediante ordem, a missão das SU de primeiro escalão;

(g) executar patrulhamento;

(h) cobrir intervalos e brechas da frente.

(2) As posições principais, de muda e suplementares da reserva são escolhidas de modo a assegurar a defesa em profundidade e em todas as direções, bem como a flexibilidade. Situa-se nos acidentes capitais que barram, em profundidade, as principais vias de acesso e possam limitar as penetrações inimigas.

(3) Quando o Cmt FT determina que a reserva prepare posições de muda e suplementares, especifica a prioridade da preparação.

(4) Em princípio a reserva será de valor FTSU. Sempre que possível será organizada à base de carros de combate, elemento particularmente apto à execução das ações dinâmicas da defesa, face a suas características ofensivas.

(5) A reserva deve permanecer reunida, em local apropriado e em condições de emprego de acordo com as necessidades.

(6) Os planos de contra-ataque são estabelecidos em função das possíveis penetrações do inimigo. Objetivos, itinerários, linhas de partida e direções de ataque são selecionados para cada plano de contra-ataque. Todos os elementos de combate e apoio ao combate disponíveis devem ser empregados para a realização de contra-ataque. Os planos devem ser suficientemente flexíveis, de maneira a permitir, sempre que possível, que as reservas dos elementos de primeiro escalão participem dos contra-ataques.

(7) A reserva deverá ser localizada de onde melhor possa atender a conduta da defesa, levando-se em consideração, particularmente, a facilidade de movimento e a provável direção de orientação da maioria de meios do inimigo.

(8) Cabe a ela a preparação dos núcleos de aprofundamento da FT, para serem ocupados com a finalidade de bloquear o avanço inimigo e ainda permitir o cumprimento da missão.

(9) As ações ofensivas mais freqüentemente atribuídas à reserva na defesa são os contra-ataques de desorganização, para restabelecimento da posição e para destruir parte das forças inimigas.

(a) O contra-ataque de desorganização é uma manobra tática com o fim de comprometer um ataque inimigo, enquanto este está em fase de organização. É normalmente realizado por blindados orgânicos, através de um ataque de varredura às zonas de reunião do inimigo e não recebe terreno a conquistar.

(b) O contra-ataque para restabelecimento da posição é um ataque executado por parte da força de defesa contra uma força atacante inimiga com a finalidade específica de retomar o terreno perdido. É dirigido contra objetivos limitados no interior da posição e cuja conquista caracteriza o seu restabelecimento.

(c) O contra-ataque para destruir parte das forças inimigas é um ataque executado com a finalidade de destruir os elementos inimigos que tenham penetrado ou se infiltrado na posição. O objetivo desta ação é a própria força inimiga.

d. Elementos de segurança

(1) Os P Avç C constituem o elemento de segurança da FT, quando participando de um dispositivo definido, com missão na ADA.

(2) A missão principal dos P Avç C é proporcionar alerta oportuno sobre a aproximação do inimigo e impedi-lo de realizar a observação terrestre aproximada e os fogos diretos sobre o interior da área de defesa. Dentro de suas possibilidades, os P Avç C retardam e desorganizam o inimigo e se esforçam para iludi-lo sobre a verdadeira localização do LAADA.

(3) A localização dos P Avç C é normalmente prescrita pelo Cmt do escalão enquadrante. São, normalmente, guarnecidos e controlados pelas FT/ Unidades de primeiro escalão.

(4) A linha dos P Avç C é localizada à frente do LAADA, em acidentes do terreno de onde possam melhor cumprir sua missão. Os P Avç C, normalmente, são dispostos em um único escalão (dispositivo linear) com uma série de postos de vigilância. Estes postos de vigilância são estabelecidos em posições do terreno que devem:

(a) proporcionar profundos campos de observação e de tiro;

(b) proporcionar obstáculos na frente e nos flancos;

(c) possuir itinerários de retraimento desenfiados das vistas e fogos inimigos;

(d) possuir posições cobertas e abrigadas;

(e) impedir a observação terrestre aproximada e os tiros inimigos diretos sobre o LAADA;

(f) estar dentro da distância de apoio dos elementos do LAADA; e

(g) controlar todas as vias de acesso do inimigo.

(5) A composição pormenorizada dos P Avç C é prescrita pelo Cmt FT, dentro das limitações de efetivo impostas pelo Cmt Bda. Normalmente, os elementos da subunidade reserva guarnecem os P Avç C. A consideração dos fatores abaixo condiciona o emprego de elementos de primeiro escalão:

(a) distância;
(b) disponibilidade de itinerários de retraimento;
(c) tempo disponível para a preparação das posições;
(d) disponibilidade de meios e missões a cumprir; e
(e) necessidade de reforços para a execução dos P Avç C.

(6) O valor dos P Avç C varia de um pelotão até uma subunidade, por FT/ Unidade de 1º escalão. Os P Avç C devem ser tão móveis quanto o permitam o terreno e os meios disponíveis.

(7) Quando receberem a missão de retardar o Ini os P Avç C devem ser providos de CC. O apoio de artilharia e morteiros provém, normalmente, do interior da própria área de defesa. Quando isto não é possível, elementos destas armas podem ocupar posições à frente do LAADA.

(8) Quando o comandante da FT determinar que as subunidades de primeiro escalão guarneçam os P Avç C em seus respectivos setores, carros de combate, armas anticarro e outros elementos de apoio podem ser dados em reforço a estas SU para as ações de P Avç C. Após o retraimento dos P Avç C, tais elementos retornam ao cumprimento de suas missões. Quando as SU de primeiro escalão guarnecem os P Avç C, o Cmt FT, normalmente, delega aos mesmos o controle e a autoridade para determinar o retraimento dos P Avç C. Elementos de reserva podem, também, reforçar as SU de primeiro escalão para as ações de P Avç C.

(9) Os comandantes das subunidades informam, oportunamente, ao comandante da FT e aos comandantes das unidades vizinhas sobre os planos e a hora prevista para o retraimento. Para evitar sua captura ou destruição, a fração da SU que estiver guarnecendo os P Avç C, poderá retrair por iniciativa própria, após haver cumprido a sua missão. Todo esforço deverá ser feito para informar ao Cmt SU e aos comandantes dos elementos vizinhos, sobre o retraimento.

(10) Normalmente, elementos de segurança dos escalões superiores estão à frente da linha dos P Avç C. Os P Avç C, mantém contato com os elementos amigos à frente, caso a brigada não estabeleça esta ligação. Se não houver elementos amigos à frente, devem ser empregadas patrulhas avançadas para estabelecer e manter o contato com o inimigo.

(11) O Pel Exp poderá receber a missão de P Avç C, devendo ser reforçado, se necessário.

(12) Os P Avç C retraem mediante ordem do comandante, que controla suas ações e o fazem por itinerários previamente selecionados, que não interfiram nos fogos da posição defensiva.

e. Segurança da área de retaguarda - No escalão FT não é estabelecida uma força especial para a segurança da área de retaguarda. Os elementos da reserva recebem, como uma de suas missões, o fornecimento de forças para esta segurança, sempre que necessário.

f. Segurança aproximada e dos flancos - As subunidades e frações tomam medidas de segurança em benefício da própria proteção aproximada, para evitar surpresas e infiltrações em suas posições. Estas medidas são constituídas de vigias e postos de observação e de escuta, instalados nas vias de acesso que se dirigem para o interior da posição.

g. Outras medidas de segurança

(1) Devem ser estabelecidas medidas de defesa contra ataques aeroterrestres, ações de guerrilheiros, infiltrações e armas QBN. Patrulhas procuram localizar o inimigo e obter informes sobre as suas atividades. São empregadas à frente e no interior da área de defesa. Outros meios podem ser empregados para aumentar a segurança, tais como, os dispositivos eletrônicos de vigilância, os equipamentos de infravermelho, artifícios iluminativos, arame farpado e minas antipessoal. Os elementos de reconhecimento, são habitualmente empregados nas missões de segurança.

(2) As medidas de segurança passiva são altamente importantes. Deve ser dada particular atenção à camuflagem. As posições devem ser camufladas na medida em que o tempo permitir. As posições das armas devem ser providas de cobertura protetora contra os efeitos dos fogos inimigos.

h. Medidas defensivas diversas

(1) Plano de barreiras - O Cmt FT planeja o emprego de obstáculos à frente e no interior de sua área de defesa, integrados no sistema de barreiras da brigada. Os obstáculos devem ser estabelecidos levando-se em conta a localização das posições defensivas e o efeito das barreiras sobre a mobilidade das forças amigas no interior da posição, particularmente nos contra-ataques.

(2) Defesa contra blindados

(a) O planejamento da DAC acha-se intimamente ligado ao planejamento de barreiras. Os obstáculos naturais e os campos de minas AC facilitam a destruição dos blindados, canalizando-os para as regiões batidas pelas armas anticarro e os carros de combate. A DAC deve ser estabelecida em largura e em profundidade e engloba o emprego de armas anticarro, minas, carros de combate, artilharia e armas QBN. Deve ser dada particular atenção às vias de acesso de blindados que apresentem ameaça à posição da FT. Entretanto, nenhuma região deve ser desprezada no planejamento da DAC, uma vez que as forças blindadas podem ser empregadas, com êxito, em terrenos aparentemente desfavoráveis.

(b) A DAC deve ser planejada de modo que os blindados inimigos sejam batidos pelo fogo, logo que fiquem dentro do alcance eficaz das armas da defesa. Procura separar os blindados dos elementos a pé que os acompanham, para destruí-los à frente da área de defesa. Se os blindados inimigos atingirem ou penetrarem na área de defesa, procura-se canalizá-los para regiões onde sua destruição seja facilitada pela ação ofensiva de reservas blindadas e pelas armas anticarro que ocupam posições de aprofundamento. As armas anticarro das SU ficam sob controle direto do comandante da SU que coordena seu emprego com as armas anticarro da FT. Os CC são empregados na DAC, normalmente aprofundando a defesa.

(3) Defesa contra ataques aeroterrestres, aeromóveis, ações de guerrilha e infiltrações. Devem ser tomadas medidas efetivas contra ameaças de forças inimigas aeroterrestres e aeromóveis, de guerrilha e de infiltração, de modo que a unidade possa concentrar-se na missão principal da defesa. Deve ser estabelecido um sistema de alarme, utilizando os elementos de segurança e de observação já instalados. Deve ser realizado um reconhecimento pormenorizado para localizar as prováveis zonas de lançamento e desembarque de forças inimigas. Quando necessário, podem ser empregadas patrulhas especiais, dispositivos de alarme, bloqueios de estrada e P Obs com equipamento de radar (quando disponível) para cobrir a área. Deve ser preparado um plano de iluminação e tomadas medidas para prover segurança para os elementos administrativos na área. Quando uma força inimiga se infiltrar na área, toda ou parte da reserva recebe a missão de destruí-la e os fogos planejados apoiam a sua ação.

(4) Defesa contra ataques aéreos - As unidades de artilharia podem operar na área da FT, sob o controle de um comando superior. Neste caso, o comandante da FT coordena a defesa contra ataques aéreos com o comando dessas unidades. As armas orgânicas da FT podem ser particularmente eficazes contra os helicópteros e outras aeronaves de vôo lento. Os setores de tiro atribuídos e as condições de emprego das armas da FT devem ser definidos pelo comandante. As medidas de defesa antiaérea incluem:

(a) medidas passivas de proteção;

(b) estabelecimento de um sistema de alarme; e

(c) permissão (ou não) às unidades para atirar em todas as aeronaves seguramente identificadas como inimigas (mesmo quando não realizam ataque direto à unidade).

(5) Defesa durante os períodos de visibilidade reduzida

(a) Para as unidades equipadas com dispositivos passivos de visão, as operações defensivas noturnas diferem pouco daquelas realizadas durante o dia.

(b) A distância de emprego das armas de fogo direto é determinada pelo alcance eficaz dos dispositivos de visão passiva à disposição do defensor.

(c) A organização da posição defensiva à noite é semelhante àquela adotada de dia. No entanto, as possibilidades concedidas pelo uso de equipamentos passivos de visão permitem ao defensor a realização de movimentos na escuridão.

(d) A utilização de equipamentos potentes, com alcance superior àquele adotado pelo inimigo, poderá proporcionar vantagem decisiva ao defensor, permitindo o engajamento da força atacante antes que esta o possa fazer.

(e) O emprego de iluminação ativa somente deverá ser considerado quando não se dispõe de equipamentos passivos ou quando o nível de luz ambiental diminuir a eficiência destes equipamentos.

(f) O emprego dos meios ativos elimina a surpresa, alertando o inimigo sobre o combate iminente, revela a posição do defensor e permite ao atacante o emprego mais eficiente de seus equipamentos de visão por intensificação da luz residual.

(6) Simulação - Ao estabelecer o plano de defesa, o comandante da FT considera o emprego das medidas de simulação que possam levar o atacante

a dispersar meios ou orientar mal o seu esforço. As forças de segurança empregam a simulação para fazer com que o inimigo se desdobre prematuramente e retarde a execução de seus planos. Posições, equipamento e atividades simuladas podem favorecer a economia de forças e obrigar o inimigo a executar uma ação ofensiva desnecessária, tornando seus elementos vulneráveis a uma ação amiga. Os trabalhos simulados devem ficar localizados, no mínimo, a 150 metros de qualquer posição real, para que os fogos dirigidos contra eles não atinjam os locais efetivamente ocupados.

i. Medidas de coordenação e controle

(1) Limite anterior da área de defesa avançada (LAADA)

(a) O limite anterior da área de defesa avançada (LAADA) é a linha que liga a orla anterior dos núcleos de defesa de primeiro escalão. Destina-se a coordenar o dispositivo e os fogos de todas as armas e unidades de apoio.

(b) O LAADA é, normalmente, indicado aos elementos subordinados por meio de pontos limites localizados sobre os limites laterais destes elementos. É mais precisamente definido à medida que os comandos o designam, sucessivamente, para os respectivos elementos subordinados.

(c) Se necessário, o traçado do LAADA pode ser determinado com mais precisão pelo comando aos elementos subordinados, usando calcos de operações ou indicando, no terreno, os pontos limites e o traçado do LAADA.

(d) O traçado do LAADA deve ser irregular, a fim de facilitar a execução dos tiro de flanqueamento; entretanto, as grandes saliências e reentrâncias devem ser evitadas.

(e) A definição de traçado do LAADA, nos sucessivos escalões de comando, deve levar em conta as seguintes considerações:

1) observação na frente e nos flancos;

2) bons campos de tiro para os tiros rasantes e de flanqueamento das armas automáticas;

3) cobertas e abrigos para as tropas, as armas e os trabalhos de organização da posição;

4) existência de obstáculos naturais, particularmente anticarro;

5) terreno que facilite o deslocamento dos elementos de apoio logístico no interior da posição; e

6) dificultar a observação inimiga no interior da posição.

(f) Se o traçado geral do LAADA determinado pelo escalão superior incluir elevações e linhas de cumeada que formem um compartimento transversal, o comandante poderá localizar o LAADA numa das seguintes linhas:

1) na crista militar, que normalmente permite observação sobre a base da elevação e é o traçado mais comumente utilizado na defensiva; um traçado à frente da crista militar ou mesmo ao fundo dos vales pode ser necessário para dar maior profundidade à posição ou para obter melhores campos de tiro;

2) na crista topográfica, quando se tornarem necessários campos de observação e de tiro mais profundos que os obtidos pelos campos de observação e de tiro de um outro traçado;

3) na contra - encosta, quando for mais vantajosa do que qualquer

outro traçado; o sucesso da defesa em contra - encosta reside em impedir ao inimigo a utilização da crista topográfica da elevação ocupada.

(2) Limites

(a) Os limites definem as áreas de responsabilidade dos elementos de 1º escalão. Dividem a frente da FT, levando em consideração o valor defensivo do terreno e a relativa importância das regiões a serem defendidas. São localizados de modo a deixar a um único elemento a defesa de um mesmo acidente capital e das vias de acesso que a ele se dirigem.

(b) Quando os P Avç C estiverem sob controle da FT, os limites entre as subunidades de primeiro escalão se estendem até a linha dos P Avç C. Se os P Avç C estiverem sob o controle das SU, serão prolongados à frente da linha dos P Avç C, até o limite do alcance das armas de apoio ou limite da observação terrestre.

(c) Os extremos dos limites indicam a extensão da área de responsabilidade de cada elemento, à frente ou à retaguarda do LAADA. Os limites de retaguarda, para a FT, só serão designados quando houver atividades de guerrilheiros ou houver possibilidade de infiltrações ou de ataques aeroterrestres.

(d) Os limites no interior da posição e imediatamente à sua frente devem ser situados em uma linha nos terços médio ou inferior das encostas, de modo a assegurar a unidade de comando ao longo das vias de acesso que se dirijam aos acidentes capitais no interior da posição.

(e) O prolongamento dos limites à frente, tendo em vista o emprego dos fogos e a observação, importa em aproveitar o terreno de maneira diferente da usada na defesa aproximada e no interior da posição. Neste caso, os limites serão traçados ao longo das cristas e partes elevadas do terreno, evitando a criação de ângulos mortos para os fogos e áreas desenfiadas à observação do defensor, bem como facilitando a identificação destes limites.

(f) As mesmas considerações serão aplicadas quando os compartimentos forem definidos por localidades e bosques. A responsabilidade de defesa destas regiões não deve ser dividida entre dois comandos.

(g) Os cursos de água, estradas, trilhas e obstáculos longitudinais, devem ser controlados por um único comando. Assim, os limites passarão em uma das margens ou orla do acidente, de tal forma que a responsabilidade pelo mesmo fique claramente definida.

(3) Pontos limites

(a) Os pontos limites fixam os locais onde o comandante do escalão superior deseja que os comandantes subordinados e vizinhos coordenem suas defesas. O comandante da brigada os designa sobre os limites das FT, no LAADA e nas linhas dos P Avç C, se for o caso, normalmente por propostas dos comandantes das FT de primeiro escalão. Os comandantes de FT designam pontos limites sobre os limites das suas SU, no LAADA e, quando às subunidades de primeiro escalão controlarem os P Avç C, na linha dos P Avç C. Os comandos vizinhos podem ajustar a exata localização dos pontos limites através de entendimento mútuo e mediante aprovação do escalão superior.

(b) Os pontos limites devem ser localizados sobre ou nas proximidades de um acidente do terreno facilmente identificável, tanto no terreno como

na carta. Os comandantes ou seus representantes fazem a coordenação nestes pontos e determinam se os intervalos entre as suas unidades devem ser cobertos por fogos, barreiras, ocupação física ou pela combinação destes processos.

(4) Zona de reunião - A Z Reu para a reserva da FT deve possuir as seguintes características:

(a) desenfiamento;

(b) cobertas e abrigos;

(c) acesso fácil às posições de aprofundamento, considerando-se a prioridade de ocupação;

(d) acesso fácil à prováveis posições de ataque, de onde os contra-ataques serão desencadeados;

(e) área suficiente para permitir a necessária dispersão da tropa; e

(f) obstáculos para a sua defesa anticarro. Dentro da Z Reu, a reserva adota o dispositivo para a defesa em todas as direções. Preparam-se posições e abrigos para a proteção contra tiros de artilharia e ataques aéreos.

(5) Posições de aprofundamento - As posições de aprofundamento são localizadas sobre os acidentes capitais que permitam limitar as penetrações inimigas no interior da posição. O Cmt FT estabelece a prioridade de preparação das posições de aprofundamento. Nos calcos de operações, esta prioridade é indicada numerando-se os núcleos segundo sua importância para a defesa, tomando o número "1" o de mais alta prioridade.

j. Contra-ataque para restabelecimento da área de defesa

(1) Generalidades

(a) A finalidade do contra-ataque na defesa de área é restabelecer o LAADA pela destruição ou expulsão dos elementos inimigos que tenham penetrado numa determinada parte da área de defesa avançada (ADA).

(b) O contra-ataque deve ser apoiado por todas as armas disponíveis. Os carros de combate participam ou apoiam o contra-ataque, dependendo das condições do terreno e do inimigo. Em princípio, o grosso dos carros de combate, se o terreno permitir, deve ser empregado como elemento de contra-ataque.

(c) O inimigo expulso de uma penetração não deve ser perseguido além do LAADA, exceto pelo fogo.

(2) Considerações fundamentais

(a) O comandante da FT conduz um estudo de situação continuado para determinar a oportunidade de execução do contra-ataque. Para tanto, inicialmente, deve avaliar se a penetração inimiga é apenas parte de um ataque de maior vulto, o qual deverá ser detido pelo emprego de todos os meios da unidade, ou se é um ataque a ser barrado pelos elementos de primeiro escalão.

(b) Da mesma forma que o insucesso de um contra-ataque pode desequilibrar a defesa e criar o risco de ser batida por partes, o retardamento na execução do mesmo poderá permitir que o inimigo se reorganize e mantenha a iniciativa. Todas as considerações levadas em conta para um ataque se aplicam ao contra-ataque, com uma ênfase, entretanto, na determinação da hora de seu desencadeamento.

(c) É sempre desejável que o inimigo seja detido ou que tenha sua impulsão diminuída; entretanto, essa condição não é um requisito impositivo para o lançamento de um contra-ataque. A largura e profundidade da penetração bem como a velocidade de progressão, a direção do ataque inimigo e o seu valor no interior da penetração, devem ser determinados, a fim de que o comandante possa decidir pela sua execução. O contra-ataque deverá ser desencadeado no momento em que o inimigo for mais vulnerável e de modo a impedi-lo de retomar a progressão ou receber reforços.

(d) O contra-ataque deve ser executado pelos elementos da reserva com possibilidade de cumprir a missão. Na determinação da força de contra-ataque, deve ser considerado que o inimigo do interior da penetração está desgastado, em fase de reorganização e submetido aos fogos dos elementos que estão limitando a penetração. Assim, o valor mínimo para realizar um contra-ataque deverá ser igual aos dos núcleos submergidos, permitindo a reocupação da área. O emprego de uma força, apenas com este valor mínimo, deverá ser evitado, sempre que possível. O valor desejável será idêntico ao do inimigo no interior da penetração. O emprego parcelado da reserva poderá comprometer o sucesso do contra-ataque, que deve ser rápido e violento, empregando todos os meios necessários para assegurar o sucesso.

(e) A direção de contra-ataque deve ser escolhida de maneira a tirar a máxima vantagem do terreno e das vulnerabilidades do inimigo.

(f) A reserva da FT deve ser capaz de executar contra-ataque à noite. A necessidade de conhecimento do terreno, do planejamento e dos treinamentos ganha importância nas execuções de ações noturnas. A escuridão encobre os movimentos da reserva e dificulta a exploração do êxito por parte do inimigo, entretanto, aumenta os problemas de coordenação e controle. Desta forma, deve ser dada especial atenção às medidas de identificação das tropas amigas, à designação de objetivos nítidos e à coordenação dos elementos de contra-ataque.

(3) Planejamento do contra-ataque (Fig 6-3).

(a) Os planos de contra-ataque são preparados juntamente com os demais planos de defesa e visam a fazer face às possíveis penetrações na área de defesa. Os planos são elaborados levando-se em consideração:

1) a provável zona de penetração do inimigo,

2) se o inimigo, no interior da penetração, está detido ou perdendo a impulsão;

3) localização e disponibilidade da reserva.

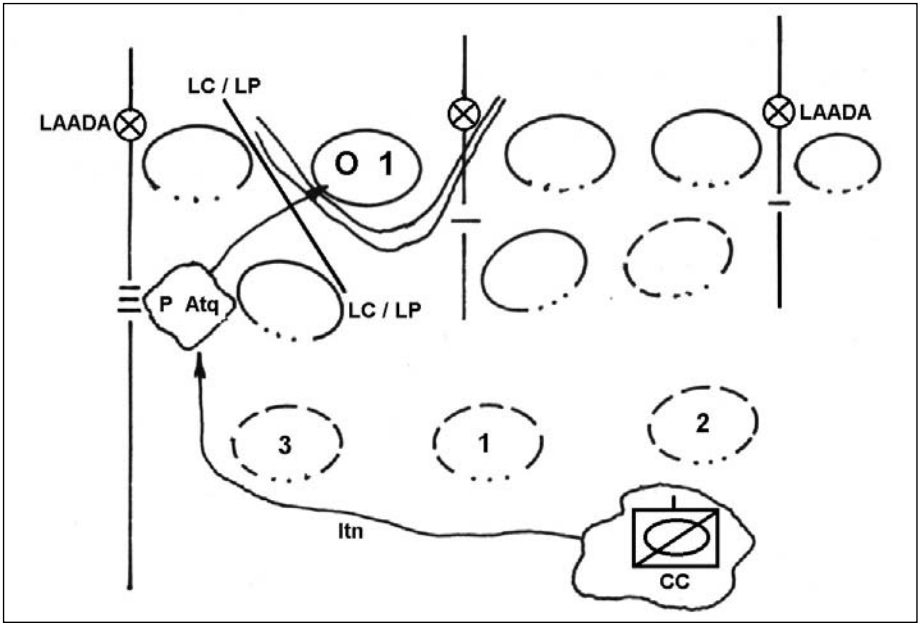

Fig 6-3. Plano de contra-ataque. Esquema de manobra

(b) No escalão FT, o contra-ataque é, basicamente, um ataque limitado com a finalidade de restabelecer a área de defesa, destruindo ou expulsando o inimigo do interior da penetração.

(c) A reserva, normalmente, constitui a força de manobra, porém o plano de contra-ataque inclui nesta força outros elementos orgânicos, em reforço ou em apoio à FT. A força de manobra é apoiada pelas armas de apoio orgânicas, inclusive as armas das subunidades de primeiro escalão, quando possível.

(d) Para a elaboração dos planos de contra-ataque, o comandante estabelece uma prioridade baseada na possibilidade ou ameaça da perda de uma região decisiva da área de defesa. Os planos de contra-ataque são preparados com o conhecimento antecipado de que, freqüentemente, terão que ser adaptados às circunstâncias diferentes das consideradas na fase de planejamento.

(e) O planejamento da execução do contra-ataque (dispositivo, manobra, missão aos elementos subordinados, etc) é elaborado pelo comandante da reserva, em coordenação com o comando da FT e os comandantes dos elementos de apoio. Os planos de contra-ataques devem ser ensaiados tanto de dia quanto de noite, na medida em que o tempo disponível e a segurança permitirem. Entretanto, pelo menos o reconhecimento e um ensaio dos comandos subordinados é indispensável.

(f) O plano de contra-ataque deve dar especial atenção às considerações a seguir enumeradas.

1) Prováveis penetrações inimigas - O comandante estima a largura e a profundidade da penetração que pode aceitar ser capaz de eliminá-la pelo contra-ataque. Considera as perdas de terreno e de elementos de combate em relação ao valor provável do inimigo no interior da penetração, visualizando o valor remanescente da FT e suas possibilidades de intervir na ação.

2) Objetivo - O objetivo designado ao elemento de contra-ataque é, normalmente, um acidente capital, dentro da penetração, cuja conquista seja decisiva para destruir o inimigo e restaurar a área de defesa da FT.

3) Direção de contra-ataque - A direção de contra-ataque é selecionada de maneira a facilitar a unidade e concentração de esforços, a eficácia dos fogos de apoio, o controle e a segurança. Normalmente, a direção de contra-ataque é dirigida sobre o flanco da penetração, evitando passar por núcleos amigos.

4) Linha de partida - A linha de partida é planejada, entretanto, sua localização poderá ser modificada, posteriormente, para melhor atender à situação no momento da execução do contra-ataque. Normalmente, a linha de partida é a própria linha de contato (LC).

5) Hora de contra-ataque - Na fase de planejamento, a hora do contra-ataque não pode ser estabelecida. Entretanto, poderão ser estimados os prazos de que a reserva necessita para iniciar a sua execução após o recebimento da ordem (tempo de deslocamento, prazo para reunião e desdobramento de meios, etc).

6) Posição de ataque - A posição de ataque é selecionada, porém, só será utilizada se necessária à execução do contra-ataque, uma vez que a reunião prévia de tropa pode resultar em um retardo desnecessário.

7) Itinerário - Os itinerários para o deslocamento da reserva para a P Atq são selecionados de modo a serem os mais curtos possíveis, tirando partido das cobertas e abrigos.

8) Composição da força de manobra - Na execução do contra-ataque o comandante emprega todos os meios disponíveis numa única e decisiva ação. O emprego parcelado da reserva poderá retardar a decisão ou comprometer a ação.

9) Limitação da penetração - Os elementos destinados a limitar a penetração inimiga são previstos no planejamento. Aqueles que estiverem situados dentro da zona de ação do elemento de contra-ataque, normalmente, o reforçam. Se o elemento subordinado, cuja área de defesa sofreu uma penetração, não tiver possibilidade de limitá-la, a reserva da FT é empregada para deter o inimigo e a responsabilidade de execução do contra-ataque se transfere para o escalão superior.

10) Apoio de fogo - O apoio de fogo é proporcionado pelas armas orgânicas, em reforço e em apoio à FT. O elemento de contra-ataque passa a ter prioridade de fogos.

11) Missões de defesa - O comandante da força-tarefa designa o elemento subordinado que assumirá a defesa da área penetrada, após a sua restauração.

12) Reserva temporária - Deve ser constituída uma reserva temporária durante o emprego da força de contra-ataque. Esta reserva é formada

por qualquer elemento disponível, sendo designado um oficial para organizá-la e coordená-la. A reserva temporária deve ficar em condições de ocupar uma ou mais posições de aprofundamento.

13) Outras medidas de coordenação e controle - Algumas das medidas de coordenação e controle utilizadas em um ataque normal podem ser aplicadas às ações de contra-ataque: pontos e linhas de controle, limites, etc. Se necessário, o comandante da FT pode modificar os limites dos elementos subordinados de modo a facilitar a coordenação e controle, bem como prover suficiente espaço de manobra para o elemento que irá executar o contra-ataque.

(g) Em todas as fases do planejamento dos contra-ataques, o comandante da FT deve procurar a simplicidade e a flexibilidade, já que as penetrações efetivamente ocorridas durante o combate raramente corresponderão às previstas no planejamento.

(4) Execução do contra-ataque

(a) Apoio de fogos - Todas as armas que possam bater o inimigo no interior da penetração são empregadas para auxiliar o contra-ataque. Os fogos são orientados em duas direções:

1) para destruir ou neutralizar o inimigo no interior da penetração;

2) imediatamente à frente e na base da penetração, para isolá-la e impedir que o inimigo receba reforços.

(b) Manobra - Enquanto a reserva se desloca para a linha de partida, os fogos de apoio ao contra-ataque são desencadeados e a reserva temporária ocupa, imediatamente, as posições de aprofundamento designadas de antemão. O escalão de ataque evita o movimento através das posições ocupadas pelos elementos que limitam a penetração, procurando passar pelos intervalos entre elas. Uma vez conquistado o objetivo, os carros permanecem nas proximidades do LAADA enquanto os demais elementos completam a limpeza da área e reocupam a posição.

(5) Conduta após o contra-ataque

(a) Após o contra-ataque, o comandante da FT faz as modificações necessárias no dispositivo defensivo. Determina que as armas coletivas sejam reinstaladas na posição e designa os elementos que devem guarnecer e defender a área de defesa avançada bem como os que revertem à reserva. A nova reserva é, normalmente, organizada pelos remanescentes da área penetrada e por elementos da força de contra-ataque que não forem utilizados nas posições de primeiro escalão. A reserva temporária, após liberada, retoma as atividades normais.

(b) Se o contra-ataque fracassar e o inimigo não for expulso da penetração, a força executante se aferra ao terreno. O escalão superior, imediatamente, será informado da situação criada em conseqüência do insucesso do contra-ataque.

l. Contra-ataque de desorganização (Fig 6-4)

(1) Contra-ataque de desorganização é uma ação ofensiva lançada para comprometer um ataque inimigo em fase de montagem ou de reunião de meios. É dirigido a um objetivo limitado, situado à frente do LAADA.

(2) O contra-ataque de desorganização pode ser executado com uma das seguintes finalidades:

(a) destruir uma parte da força inimiga;

(b) desorganizar o dispositivo inimigo e retardá-lo;

(c) impedir a observação terrestre direta do inimigo sobre a área de defesa.

(3) O sucesso de um contra-ataque de desorganização depende de grande mobilidade e apoio de fogo. A decisão de executar um contra-ataque de desorganização deve ser cuidadosamente considerada, em função da possibilidade de perda parcelada do poder combativo da unidade, com vistas ao cumprimento de sua missão principal. O planejamento e a ordem de execução de um contra-ataque de desorganização é da competência da brigada ou escalões superiores.

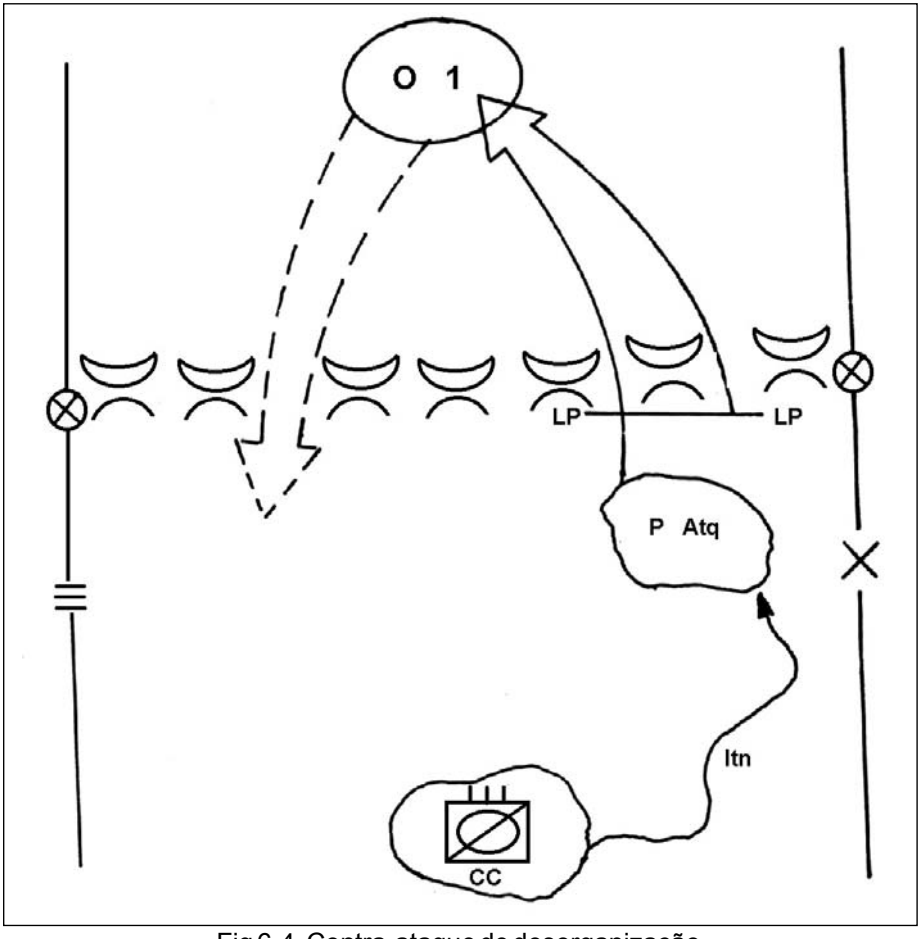

Fig 6-4. Contra-ataque de desorganização

m. Penetração nas áreas de defesa vizinha

(1) As penetrações nas áreas de defesa vizinhas são contidas e repelidas pelo emprego de toda ou parte da reserva, ocupando posições suplementares nos flancos, e pelos fogos dos elementos de primeiro escalão.

(2) A penetração a cavaleiro de um limite entre FT é enfrentada, inicialmente, pelo fogo coordenado das duas unidades. O contra-ataque necessário para expulsar o inimigo da penetração será coordenado pelo comando superior.

6-12. A FORÇA-TAREFA RESERVA DA BRIGADA NA DEFESA DE ÁREA

a. Missões - A FT reserva de brigada, em uma defesa de área, pode receber as seguintes missões:

(1) Limitar penetrações - O Cmt Bda designa as posições de aprofundamento (normalmente de valor subunidade) das quais a reserva possa apoiar pelo fogo as FT de primeiro escalão, deter penetrações, canalizar o ataque inimigo e completar a defesa em todas as direções.

(2) Proteger um flanco - Quando a brigada tem um flanco exposto ou fracamente defendido, ou quando há brechas entre os elementos de primeiro escalão, são designadas e preparadas posições das quais a reserva possa proteger os flancos.

(3) Contra-atacar - Baseado nos planos de contra-ataque da brigada, em função das possíveis penetrações inimigas, e tendo em vista reconquistar partes da área de defesa perdidas.

(4) Organizar uma segunda linha de defesa - A reserva prepara, na altura dos aprofundamentos da brigada, posição na qual possa conduzir uma defesa semelhante à das unidades de primeiro escalão.

(5) Estabelecer P Avç C ou participar dos PAG ou forças de segurança - A reserva poderá estabelecer ou guarnecer os P Avç C em lugar das FT/Unidades de primeiro escalão. Da mesma forma, de acordo com a determinação do escalão superior, poderá integrar os PAG ou mesmo uma força de segurança.

(6) Substituir um dos elementos de primeiro escalão - As substituições podem ser decorrência do plano de rodízio da brigada ou para assumir a missão de uma unidade cujo poder combativo tenha sido comprometido durante a ação inimiga.

(7) Executar missões de segurança da área de retaguarda - Nessas missões se incluem a defesa contra ações aeroterrestres e aeromóveis, contra guerrilheiros e de infiltrações do inimigo.

(8) Participar da organização do terreno - A reserva participa, particularmente, da preparação das posições de aprofundamento, do aperfeiçoamento de obstáculos naturais, do lançamento de campos de minas no interior da posição, da preparação de itinerários e da construção de trabalhos simulados.

b. Dispositivo defensivo (Fig 6-5 e 6-6)

(1) O comandante da brigada prescreve a missão da reserva e as posições de aprofundamento a serem preparadas, bem como a prioridade de construção das mesmas.

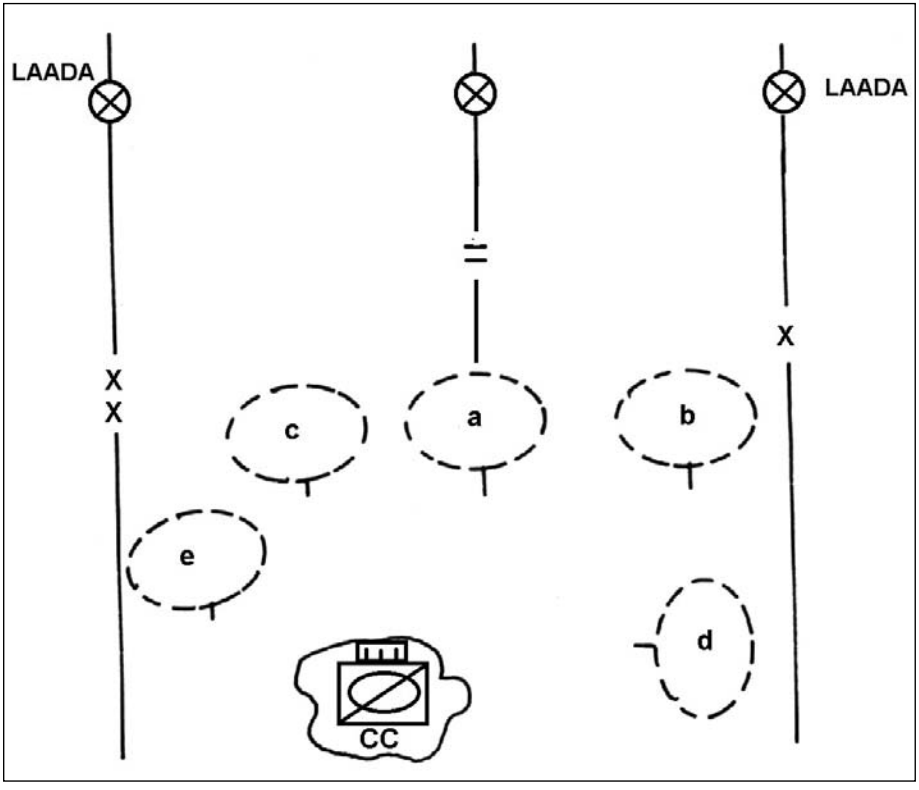

Fig 6-5. Dispositivo defensivo de uma Bda Inf Bld na Defesa de Área

(2) Normalmente, a reserva permanece em uma zona de reunião, ou articulada em mais de uma, se a situação e o terreno o indicarem, em condições de ocupar as posições de aprofundamento ou contra-atacar no mais curto prazo.

(3) De posse do plano de defesa da brigada, o comandante da reserva planeja o emprego dos elementos subordinados, considerando os seguintes aspectos:

(a) nucleamento (valor pelotão) das posições principais e suplementares de aprofundamento determinadas pela brigada, possibilitando sua preparação por qualquer elemento disponível.

(b) limite(s) e ponto(s) a entrarem em vigor, mediante ordem. Os limites são estendidos à frente e à retaguarda das áreas de defesa das FT/ Unidades de primeiro escalão. Durante a conduta da defesa, os limites podem ser prolongados até o LAADA ou modificados de acordo com a situação.

(c) itinerários para ocupação das posições de aprofundamento.

(d) designação das SU que poderão vir a ocupar cada posição de aprofundamento.

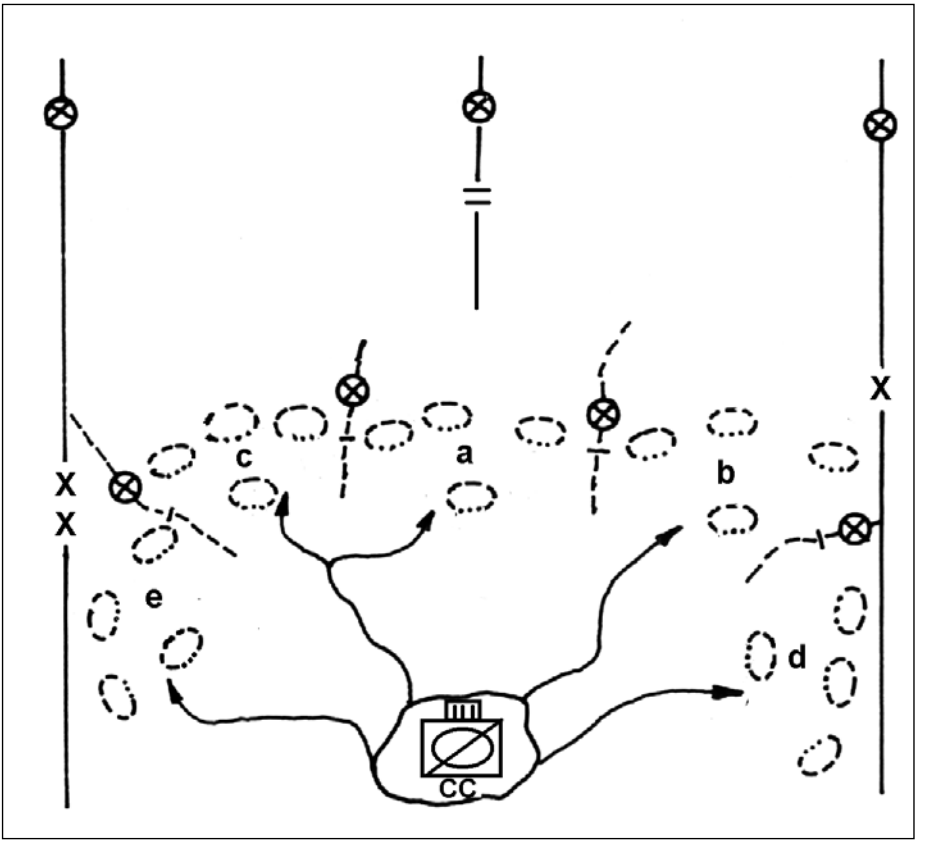

Fig 6-6. FT RCC como reserva na Defesa de Área. Planejamento

(e) divisão da zona de reunião da FT pelos elementos subordinados e em reforço.

(4) AS SU ocupam posições de aprofundamento, normalmente, adotando um dispositivo linear. São preparadas posições suplementares para completar a defesa em profundidade sobre as principais vias de acesso no interior e nos flancos da posição e para proporcionar defesa em todas as direções. Quando não estiverem empenhados com o Ini, as SU aperfeiçoam as posições de aprofundamento à elas atribuídas.

c. Apoio de fogo

(1) No planejamento de fogos, a reserva dá prioridade aos fogos defensivos em apoio às próprias SU, ficando em condições de limitar as penetrações inimigas, criando condições para a brigada conduzir a defesa em uma segunda linha.

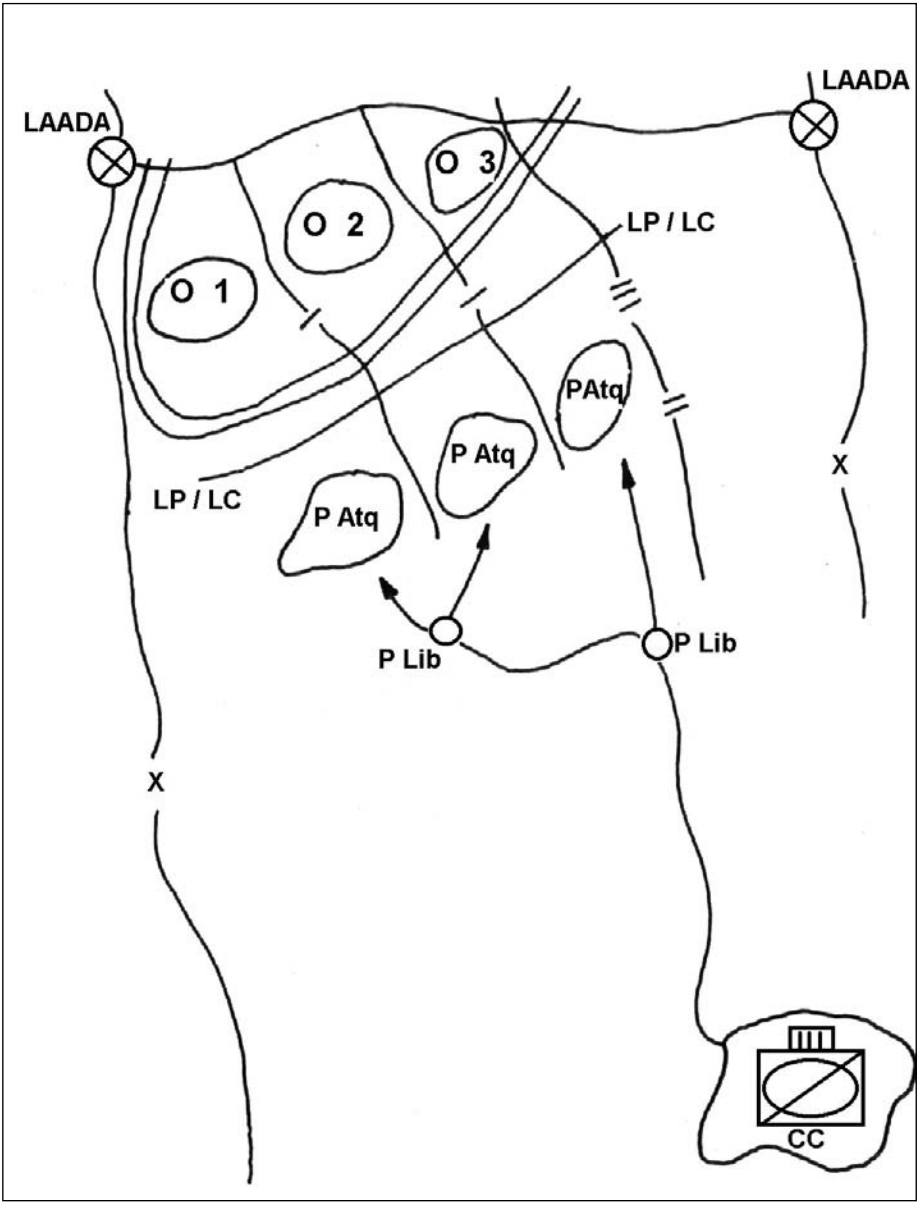

Fig 6-7. Esquema de manobra de uma FT RCC Res, numa Defesa de Área. Contra-ataque.

(2) Numa segunda prioridade, são planejados fogos longínquos para apoiar as FT de primeiro escalão. Excepcionalmente, e mediante ordem do escalão superior, os morteiros e outras armas orgânicas da reserva podem

ocupar posições avançadas para a execução desse apoio. Neste caso, deverão retrair em tempo de proporcionar seu apoio à própria reserva, quando se tornar necessário.

d. Contra-ataque

(1) A ordem da brigada prescreve as possíveis penetrações contra as quais devam ser preparados planos de contra-ataques, bem como estabelece a prioridade neste planejamento. O comandante da FT reserva pode ser designado para elaborar estes planos que, depois de preparados e coordenados com os elementos de apoio, são levados ao comandante da brigada para aprovação. O contra-ataque não deve ser dirigido contra objetivos situados fora da área de defesa. Os comandantes vizinhos coordenam os planos para reduzir as penetrações que afetem simultaneamente suas áreas de defesa.

(2) Os planos de contra-ataque (Fig 6-7) a serem apresentados à consideração do comandante da brigada devem, basicamente, conter:

(a) posição inicial da reserva;
(b) itinerários para atingir a P Atq;
(c) P Lib;
(d) linha de partida (normalmente a própria linha de contato);
(e) direção de contra-ataque (normalmente dirigida no flanco da penetração);
(f) objetivo do contra-ataque;
(g) conduta após o contra-ataque;
(h) medidas de coordenação e controle;
(i) comando e constituição da reserva provisória;
(j) plano de apoio de fogo;
(l) quando necessário, uma zona de reunião avançada pode ser designada.

(3) Aprovados os planos propostos, ou recebidos os elaborados pela brigada, o comandante da reserva passa à elaboração dos planos de execução nos quais pormenoriza a missão dos elementos subordinados. Em princípio, a reserva lança todos os meios em uma única e decisiva ação, não guardando uma reserva, cujo emprego raramente terá ocasião de fazer.

6-13. A FORÇA-TAREFA EM MISSÃO DE POSTOS AVANÇADOS GERAIS (PAG)

a. A missão dos PAG é obter informes oportunos sobre a localização, valor e atividades do inimigo, desorganizar e retardar seu avanço e ocultar a verdadeira localização da posição defensiva.

b. Quando receber a missão de PAG, o Cmt da FT, sempre que possível, faz um reconhecimento pessoal da posição, a fim de complementar seu estudo na carta ou fotografia aérea. Baseado na missão e no reconhecimento ele estabelece seu plano, que inclui medidas de segurança, dispositivo e zonas de ação dos elementos subordinados (na posição dos PAG e em posições retardadoras vantajosas à retaguarda), organização e coordenação de fogos, organização do terreno, dissimulação da posição, medidas para desorganizar o

inimigo durante a ação e deslocamento para as posições sucessivas à retaguarda. Quando as frentes são extensas aumenta-se o intervalo entre os elementos. Estes intervalos entre as frações devem ser cobertos por observação e fogos.

c. As ações da FT neste tipo de missão são essencialmente as mesmas realizadas em uma ação retardadora. O retraimento para as posições subseqüentes deve ser iniciado, em princípio, quando o comando chega à conclusão de que uma força inimiga superior está pronta para atacar e há perigo iminente de engajamento decisivo da unidade ou de parte dela. Entretanto, a FT só retrai com autorização do escalão superior. A ação em cada posição sucessiva visa a forçar o inimigo a desdobrar-se o máximo possível. Neste tipo de missão raramente as SU terão meios suficientes para manter uma reserva.

d. A tropa com missão de PAG deve ser localizada em terreno favorável, batendo as vias de acesso do inimigo desde o mais longe possível.

ARTIGO IV

TÁTICAS E TÉCNICAS ESPECIAIS NA DEFENSIVA

6-14. GENERALIDADES

a. Existem diversas variações possíveis entre as formas de manobra "defesa móvel" e "defesa de área". Em muitas situações, para tirar proveito de um determinado terreno ou para melhor explorar as características de sua tropa, o comandante de uma FT poderá adotar táticas e técnicas especiais da defensiva, como a **"defesa elástica"**, a **"defesa circular"**, a **"defesa em pontos fortes"**, a **"defesa em contra-encosta"**, etc....

b. Nas IP 17-1 serão abordadas apenas a Defesa Elástica e a Defesa Circular, por serem mais apropriadas às forças-tarefas blindadas. Outras táticas e técnicas especiais da defensiva são descritas nos manuais de campanha C 100-5 - OPERAÇÕES, C 7-30 - BRIGADAS DE INFANTARIA e C 7-20 - BATALHÃO DE INFANTARIA.

6-15. DEFESA ELÁSTICA

a. Generalidades

(1) A Defesa Elástica é uma técnica que permite uma penetração do inimigo em região selecionada para emboscá-lo e contra-atacá-lo ao longo de todo seu dispositivo. É a técnica de defesa mais ofensiva. A posição é ocupada por tropas em profundidade, para permitir o ataque em toda a extensão da formação inimiga.

(2) A adoção de uma Defesa Elástica esta condicionada, preponderantemente, às características do terreno. Ela é empregada quando o terreno dificultar repelir o ataque inimigo à frente do Limite Anterior da Área de Defesa Avançada (LAADA), for suficientemente movimentado permitindo a defesa em

profundidade e o estabelecimento de Áreas de Engajamento, sem contudo permitir a realização de uma Defesa Móvel.

(3) As dimensões das áreas de Engajamento devem ser compatíveis com a força inimiga a ser destruída e a eficácia das armas dos núcleos de defesa.

(4) O RCB e a FT BIB são as forças-tarefas blindadas mais aptas a conduzirem uma Defesa Elástica.

b. Aspectos importantes de uma Defesa Elástica

(1) A Defesa Elástica é uma técnica de defesa onde se mesclam aspectos da defesa de área e da defesa móvel.

(2) Visa a destruir o inimigo no interior da posição defensiva, atacando-o pelo fogo em toda a profundidade de seu dispositivo.

(3) Busca separar a infantaria dos blindados inimigos.

(4) Necessita de grande poder de fogo, principalmente, do fogo de armas anticarro de médio e longo alcance.

(5) Tira o máximo proveito do terreno e da surpresa.

(6) Explora o combate em toda a profundidade da Área de Defesa Avançada.

(7) Consiste numa seqüência de defesas, deslocamentos e novas defesas.

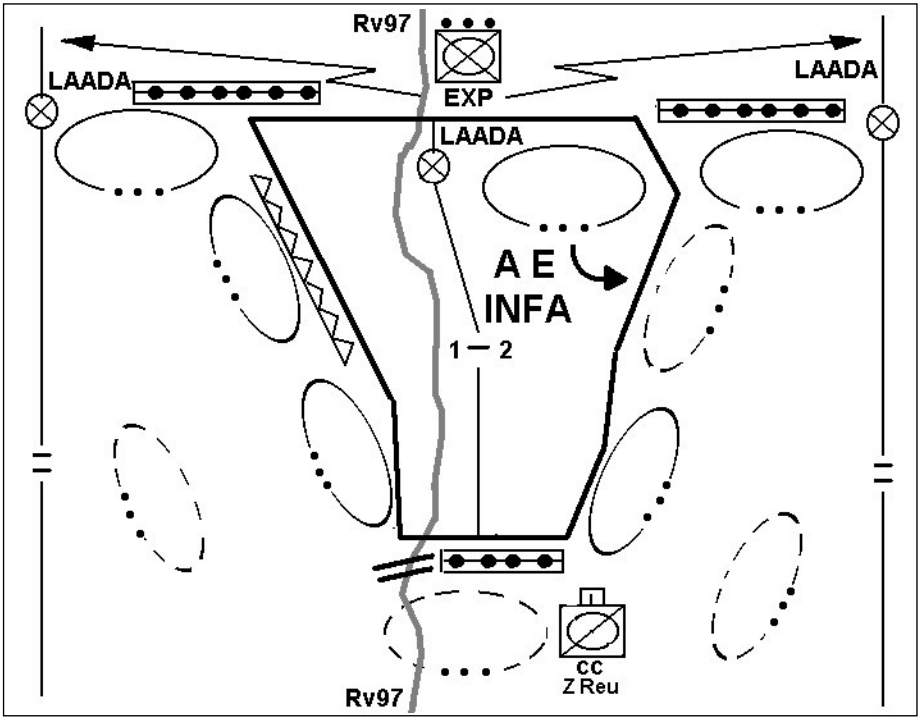

Fig 6-8. FT BIB numa Defesa Elástica

(8) O inimigo deve ser canalizado para o interior da ADA, onde será destruído pelo fogo dos núcleos de defesa, em AE.

(9) Os contra-ataques têm a finalidade de impedir que a força inimiga rompa o dispositivo defensivo nos limites da AE ou desborde a posição defensiva.

c. A FT na Defesa Elástica

(1) A Defesa Elástica é conduzida, normalmente, em três fases:

(a) acolhimento dos elementos da Força de Segurança (F Prot ou F Cob) e canalização da força inimiga para as AE;

(b) destruição da força inimiga nas AE;

(c) contenção da força inimiga nas AE, através de contra-ataques, impedindo que rompa o dispositivo defensivo, nos limites da AE ou desborde a posição defensiva.

(2) A posição defensiva deverá ser estabelecida de forma que o inimigo seja canalizado para o interior das AE. Esta canalização deverá ser obtida pelo emprego de campos de minas, pelo posicionamento dos núcleos de defesa ou, apoiando-se os limites da Posição Defensiva em cursos d'água obstáculo.

(3) O posicionamento dos núcleos defensivos deverá permitir o bloqueio das AE e a penetração de força inimiga compatível com o poder de combate da FT.

(4) A destruição do inimigo será realizada pelos fogos dos próprios núcleos de defesa, pelos fogos indiretos da artilharia e dos morteiros e pelos fogos das aeronaves de Apoio Aerotático e helicópteros da Aviação do Exército sobre as áreas de engajamento. Na fase da destruição deverá ser buscada a maior profundidade possível no dispositivo inimigo.

(5) Os contra-ataques deverão ser realizados por força de grande mobilidade e poder de fogo, normalmente um Esqd CC mantido em reserva como Força de Contra-ataque. Esta força será empregada nos pontos em que o inimigo tentar romper o dispositivo defensivo, nos limites das AE obrigando-o a permanecer em seu interior ou, quando este tentar desbordar a P Def.

(6) O plano do comandante da FT deve prever o desgaste das forças inimigas à frente da ADA e a sua destruição quando penetrarem na P Def, no interior das AE.

(7) As subunidades empregadas na ADA terão por missão, além da contenção e canalização do inimigo, a destruição de seus elementos de comando e controle, de apoio ao combate e de logística, com a finalidade de retardar a sua progressão, enfraquecê-lo e desorganizar seu ataque, empregando várias ações de pequenas frações para esse fim.

(8) As subunidades desdobradas em profundidade ocupam núcleos de aprofundamento, para deter o ataque e destruir as forças remanescentes do inimigo.

(9) Os elementos de reconhecimento da brigada (Esqd C Mec) e das FT (Pel Exp) são empregados, inicialmente, para vigiar à frente da zona de ação da FT, ocupando Postos Avançados Gerais ou Postos Avançados de Combate, informando sobre a aproximação do inimigo, iludindo-o quanto à localização da P Def e ajustando os fogos de apoio. Após acolhidos, passam a integrar a reserva ou ocupam posições defensivas de onde possam contribuir para a contenção do inimigo nas AE, para a sua destruição ou para continuar a informar sobre o deslocamento de reservas, ajustar fogos de apoio, etc.

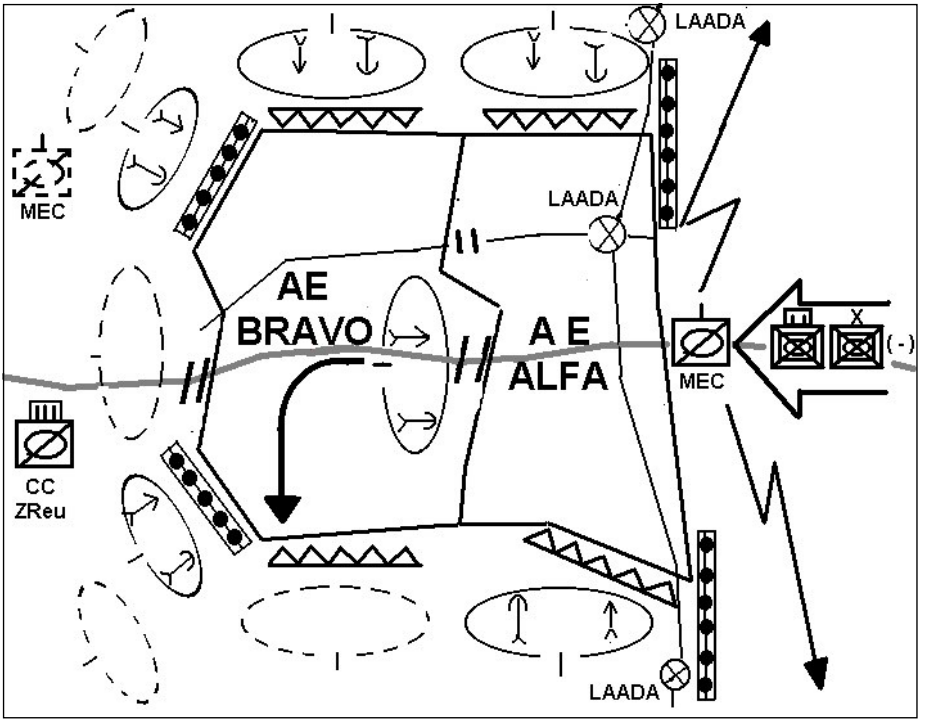

Fig 6-9. Bda Inf Bld numa Defesa Elástica

(10) As armas anticarro são, inicialmente, instaladas em posições avançadas, próximas ao LAADA, engajando o inimigo desde seu alcance máximo e procurando retardá-lo, desorganizá-lo e forçar o desembarque dos fuzileiros blindados inimigos. O uso de obstáculos reforça a posição defensiva, canaliza o inimigo para as AE e assegura a máxima eficiência dos fogos anticarro. Mediante ordem, as armas anticarro deslocam-se para posições de onde participarão da destruição do inimigo no interior das AE.

(11) A FT deve tirar proveito do terreno compartimentado para reduzir a impulsão do inimigo. Este tipo de terreno o torna vulnerável a ataques múltiplos nos flancos, que o enfraquecem antes de chegar à área selecionada para a sua destruição. Esta técnica de defesa se assemelha a uma grande emboscada, onde a surpresa, os rápidos deslocamentos da força de defesa e os ataques violentos e com grande poder de destruição conduzirão a FT à vitória.

6-16. DEFESA CIRCULAR

a. Generalidades

(1) A defesa circular é uma variante da defesa de área, na qual a unidade é disposta de modo a fazer frente, simultaneamente, a um ataque inimigo proveniente de qualquer direção.

(2) A defesa circular pode ser empregada nas seguintes situações:

(a) missões independentes;

(b) defender posições isoladas no interior das linhas inimigas;

(c) constituição de pontos fortes na defesa móvel ou em larga frente;

(d) isolamento da unidade (cerco ou envolvimento) por ação do inimigo;

(e) sob restrições de terreno, tais como em terreno montanhoso, nas áreas de densa cobertura vegetal e nas regiões desérticas, que impeçam a organização de um dispositivo de defesa clássico.

(3) Em princípio, o perímetro da posição defensiva circular da FT será dividido em setores de subunidades, que podem ocupá-los de diversas formas.

(4) Normalmente, os elementos de comando, de apoio e de serviços são localizados no interior do perímetro.

(5) A defesa circular se caracteriza, particularmente, por:

(a) máxima potência de fogo à frente do LAADA;

(b) grande apoio mútuo;

(c) pequeno espaço de manobra.

b. Planejamento - As considerações a serem levadas em conta no planejamento da defesa circular são idênticas às tomadas no planejamento de uma defesa de área.

(1) Área de segurança - A área de segurança é organizada de maneira idêntica à defesa de área. Os elementos de primeiro escalão estabelecem a segurança aproximada e o comando da unidade que conduz a defesa circular estabelece os P Avç C. Os elementos que guarnecem os P Avç C fornecem alerta oportuno da aproximação do inimigo, impedem sua observação direta sobre as posições e, dentro de suas possibilidades, retardam, causam baixas e desorganizam as forças inimigas. Os P Avç C são localizados em regiões que ofereçam boa observação, impeçam a observação e tiros diretos do inimigo sobre a posição e que estejam dentro da distância de apoio do LAADA. As frações que guarnecem os P Avç C são localizadas de modo a cobrir as Via A que conduzem ao LAADA. Os intervalos entre os elementos dos P Avç C são cobertos por patrulhas, radar, observação terrestre e aérea e por fogos.

(2) Área de defesa avançada

(a) Na defesa circular, os elementos de primeiro escalão recebem a responsabilidade de organizar e defender uma parte específica do perímetro. A frente designada para cada elemento de primeiro escalão dependerá da missão, do terreno, do inimigo, dos meios e do tempo disponíveis. Quando o inimigo não for esperado de uma direção particular, o comandante da FT organiza a defesa através de uma distribuição homogênea dos elementos subordinados no perímetro. As armas de apoio ficam em condições de apoiar igualmente todo o perímetro defensivo. Quando for conhecida a direção provável do ataque inimigo ou quando parte do perímetro for particularmente perigosa para a defesa, o comandante da FT atribui frente mais estreita para o elemento que defende a via de acesso mais importante. Neste caso, procura dar maior profundidade ao dispositivo nesta parte do perímetro e as armas de apoio são, inicialmente, orientadas nesta direção.

(b) Como os intervalos entre os elementos de primeiro escalão devem ser evitados, particularmente em terreno coberto, as frentes e profundidades são grandemente reduzidas. Devido à pouca profundidade e falta de espaço de manobra, o comandante da FT procura evitar penetrações na posição. Deste modo, o grosso dos seus meios deve ser localizado no perímetro defensivo, restando uma pequena reserva.

(c) A figura 6-10 apresenta esquematicamente o dispositivo da FT na defesa circular. Este dispositivo pode variar de acordo com a definição da provável direção de ataque inimigo, o terreno e os planos para futuras operações.

(3) Área de reserva

(a) Os elementos de comando e apoio da FT são localizados na área de reserva.

(b) A reserva pode ser constituída por uma subunidade, por elementos das SU de primeiro escalão (reserva hipotecada) ou pela reunião, sob um comando organizado especificamente, de elementos de comando e de apoio da FT(reserva temporária).

(c) É conveniente a organização de uma reserva com grande mobilidade, em condições de atuar rapidamente em qualquer direção. Posições de aprofundamento devem ser preparadas para fazer face a um ataque a qualquer parte do perímetro. A reserva poderá ocupá-las desde logo, tendo em vista as direções mais perigosas para defesa.

(d) O emprego de todas as subunidades em primeiro escalão permitirá o máximo de poder de fogo no LAADA e melhores condições de apoio mútuo, entretanto, tal dispositivo resulta em deixar elementos de subunidades diferentes como reserva e sem um comando específico. A manutenção de uma reserva de valor SU garantirá unidade de comando, porém, pode não proporcionar espaço suficiente para emprego apropriado dos elementos de apoio e de serviços.

(e) As restrições impostas pelo terreno, aliadas à pequena profundidade do dispositivo, podem tornar necessária a localização de uma força de contra-ataque fora do perímetro, desde que este elemento possua apoio de meios aéreos.

(4) Apoio de fogo

(a) O emprego das armas de apoio orgânicas e em reforço, bem como os equipamentos de vigilância são, de um modo geral, idênticos ao de uma defesa de área.

(b) As metralhadoras são, normalmente, empregadas de modo a cobrir todas as prováveis vias de acesso do inimigo. As metralhadoras dos elementos em reserva podem ser empregadas no LAADA, reforçando a defesa.

(c) As armas anticarro, normalmente, batem alvos de diversas naturezas, reforçando os fogos das demais armas.

(d) Os carros de combate podem ser mantidos em zona de reunião, integrar a reserva ou serem colocados em posição de tiro no LAADA. Mesmo quando empregados como reserva, são preparadas posições de tiro (e itinerários para atingi-las), de modo a bater todas as vias de acesso e facilitar a reunião para o apoio ou execução dos contra-ataques.

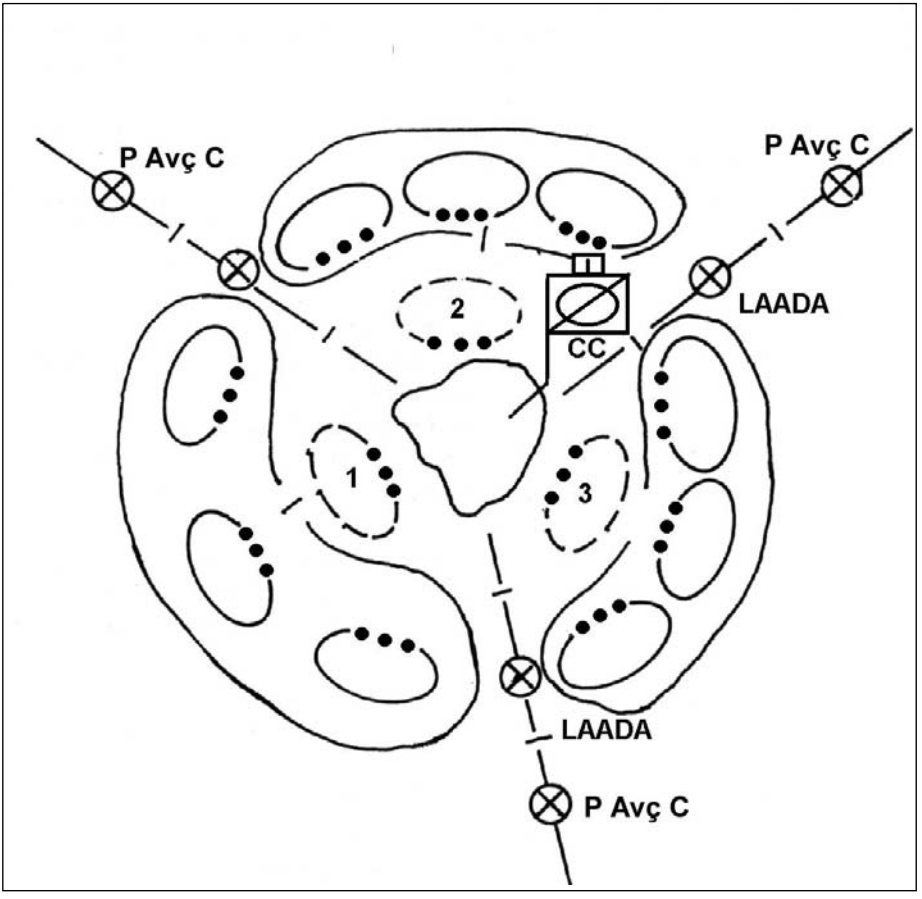

Fig 6-10. A FT Bld na defesa circular

(e) As armas de tiro indireto devem bater o inimigo o mais longe possível do LAADA e em qualquer direção. Os fogos das armas de apoio localizadas fora do perímetro, devem ser coordenados e integrados no plano de defesa da unidade.

(5) Apoio logístico - Na defesa circular, o suprimento, normalmente, é executado por transporte aéreo. A seleção ou construção de uma zona de aterragem (ou de lançamento) é uma necessidade prioritária na preparação da posição. A zona de aterragem deve ser protegida da observação e fogos do inimigo. Tendo em vista que o suprimento aéreo depende das condições meteorológicas e, freqüentemente, sofre a ação inimiga, deve ser dada atenção à economia dos suprimentos disponíveis e à construção de abrigos para os mesmos. Sempre que possível, deve-se utilizar o apoio de fogo das armas localizadas fora do perímetro, poupando a munição das armas no seu interior. Os planos de suprimento devem considerar o emprego de carga em fardos,

preparados com antecedência para maior rapidez de entrega. Estes fardos devem ser de pequeno volume e peso para facilitar a imediata distribuição e o transporte a braço da zona de aterragem para áreas protegidas.

c. Conduta - A conduta da defesa circular é idêntica à de uma defesa de área, entretanto, deve-se dar especial atenção às seguintes considerações:

(1) Escalão de segurança - Postos Avançados de Combate devem ser estabelecidos de modo a cobrir as vias de acesso, alertando sobre a aproximação do inimigo, conduzindo fogos de apoio, iludindo o inimigo quanto à localização da P Def e, dentro do possível, retardando a progressão da força inimiga.

(2) Escalão de defesa - Os elementos de primeiro escalão procuram obter o máximo apoio mútuo entre os núcleos. Estes elementos devem manter adequada disciplina, a fim de impedir a localização prematura do LAADA. A defesa procura evitar penetração nas posições, uma vez que os contra-ataques são de difícil execução.

(3) Escalão de reserva - Se o inimigo penetrar na posição, a reserva pode ser empregada para limitar a penetração ou para contra atacar, a fim de restabelecer a posição. Durante o emprego da reserva, uma reserva temporária deve ser organizada para fazer face a qualquer outra ameaça. Poderá ser necessário o emprego de elementos não engajados em outras partes do LAADA como força de contra-ataque. Neste caso, um elemento de valor adequado deve ser mantido nas posições de onde foram retirados os que executarão o contra-ataque. O emprego de reservas aeromóveis localizadas fora do perímetro exige estreita coordenação com os elementos em posição, incluindo medidas de controle, tais como: linha limite de progressão, linha de coordenação de apoio de fogo e zona de ação do elemento empregado.

ARTIGO V

MOVIMENTOS RETRÓGRADOS

6-17. CONCEITO E FINALIDADES DOS MOVIMENTOS RETRÓGRADOS

a. Generalidades - Movimento retrógrado é qualquer movimento organizado de uma força para a retaguarda ou para longe do inimigo, forçado por este ou executado voluntariamente. Um movimento retrógrado bem planejado e bem executado pode propiciar excelentes oportunidades para infligir pesados danos à tropa e ao material inimigo.

b. Finalidades - Os movimentos retrógrados são conduzidos obedecendo a uma ou mais das seguintes finalidades:

(1) inquietar, desgastar, resistir, retardar e infligir baixas ao inimigo;
(2) conduzir o inimigo a uma situação desfavorável;
(3) permitir o emprego da força ou de uma parte da mesma em outro local;
(4) evitar o combate sob condições desfavoráveis;
(5) ganhar tempo, sem engajar-se decisivamente em combate;

(6) desengajar-se do combate;
(7) adaptar-se aos movimentos de outras tropas amigas;
(8) encurtar as vias de transporte.

6-18. TIPOS DE MOVIMENTOS RETRÓGRADOS

a. Os movimentos retrógrados são classificados em três tipos: ação retardadora, retraimento e retirada.

b. Ação retardadora - É o tipo de movimento retrógrado no qual a força em contato troca espaço por tempo, procurando infligir o máximo de danos ao inimigo, sem se deixar engajar decisivamente.

c. Retraimento - É o tipo de movimento retrógrado no qual toda ou parte de uma força desdobrada rompe o contato com o inimigo. Pode ser executado com ou sem pressão do Ini, durante o dia ou à noite. A despeito do tipo de retraimento que se realize, o contato, por meio da observação, é mantido com as forças inimigas, para proporcionar segurança e dissimulação.

d. Retirada - É o tipo do movimento retrógrado no qual uma força, não em contato, desloca-se para longe do inimigo, segundo um plano bem definido, com a finalidade de evitar um combate decisivo em condições desfavoráveis. A retirada pode ser feita seguindo-se a um retraimento. Normalmente, é executada para permitir que as operações futuras de combate sejam conduzidas sob condições mais favoráveis ou em local, ou oportunidade mais conveniente.

6-19. ESTUDO DO TERRENO E DAS CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS

a. Terreno

(1) A utilização apropriada do terreno é vital à força que realizar um movimento retrógrado, por propiciar a oportunidade de causar grande retardamento a uma força inimiga e infligir-lhe danos consideráveis.

(2) O terreno é selecionado buscando observação e campos de tiro profundos, bem como a máxima utilização de cobertas e abrigos, o que permite bater o inimigo desde longe e mantê-lo sob fogo enquanto manobra na direção da posição.

(3) Os obstáculos naturais são intensamente explorados e os artificiais são empregados para retardar o avanço do inimigo, para obrigá-lo a emassar-se e para proteger flancos expostos. Particularmente as minas e demolições auxiliam no retardamento e na canalização do avanço inimigo. Os sistemas de barreiras aproveitam ao máximo os obstáculos naturais.

(4) Conveniente rede de estradas e terreno de boa transitabilidade facilitam o movimento da unidade, proporcionam rapidez aos deslocamentos, favorecem o controle da operação, permitem uma dispersão ampla, reduzem a vulnerabilidade aos ataques aéreos do inimigo e apresentam melhores oportunidades para manobra, quer seja em ações de retardamento ou contra-ataque. Em princípio procura-se interditar ao inimigo a utilização das rodovias.

(5) A camuflagem é de grande importância neste tipo de operação. Sua eficiente utilização auxilia na destruição do inimigo por meio da surpresa e reduz a possibilidade de localização das forças amigas.

b. Condições meteorológicas

(1) Boas condições meteorológicas favorecem a observação e aumentam o efeito dos fogos e dos agentes químicos. A execução das manobras planejadas, bem como o apoio logístico, são facilitados.

(2) Condições meteorológicas desfavoráveis dificultam a observação, reduzem os efeitos dos fogos, limitam o movimento através do campo, diminuem a eficiência do pessoal e dos equipamentos e aumentam os problemas de comando e controle.

(3) A observação cuidadosa do início e fim do crepúsculo náutico, bem como das fases da lua, proporcionam os indicativos de luminosidade da zona de ação.

(4) A direção e velocidade dos ventos devem ser acompanhadas sistematicamente, considerando-se o continuado uso dos fumígenos neste tipo de operação.

(5) Deve-se levar em conta, entretanto, que nem sempre as melhores condições meteorológicas são as desejadas para a unidade empenhada num movimento retrógrado, porquanto o mau tempo reduz a liberdade de ação do atacante, aspecto que contribui para favorecer o defensor.

6-20. COORDENAÇÃO E CONTROLE

a. A FT realizando um movimento retrógrado, freqüentemente, será desdobrada em larga frente. Normalmente, os movimentos retrógrados consistem de ações descentralizadas dentro do quadro geral da manobra; por isso mesmo, os comandos subordinados atuam com liberdade de ação para que possam explorar vantagens locais. Daí, crescer de importância a coordenação e o controle da operação, para evitar que o inimigo isole ou desborde elementos da FT ou realize penetrações que possam ameaçar o cumprimento da missão como um todo.

b. O rádio é o principal meio de comunicações para os efeitos de controle e coordenação. Um planejamento cuidadoso das comunicações é essencial para evitar a revelação prematura do movimento retrógrado. Elas podem ser empregadas, também, para simular um tráfego de mensagens normal durante uma operação de retraimento ou retirada. Ao serem atribuídas missões às subunidades, devem ser consideradas as possibilidades do equipamento de comunicações.

c. É sumamente importante que os comandos subordinados estejam perfeitamente cientes do conceito da operação e da intenção do comandante. Além disto, a própria missão é atribuída com maiores minúcias e restrições do que em outras operações.

d. As medidas de coordenação e controle usadas nos movimentos retrógrados incluem:

(1) pontos - limite;
(2) posições de retardamento;
(3) posições de bloqueio;
(4) limites;
(5) pontos de ligação;
(6) linhas de controle;
(7) itinerários de retraimento;
(8) zonas de reunião;
(9) postos de bloqueio e controle.

e. As normas para o controle do movimento de civis devem ser rígidas, de simples execução, facilmente entendidas e capazes de serem postas em execução com um mínimo das tropas de combate. Devem ser distribuídas o mais cedo possível.

6-21. RECONHECIMENTO E SEGURANÇA

a. Nos movimentos retrógrados, missões específicas de reconhecimento podem ser atribuídas às subunidades dentro de suas respectivas zonas de ação.

b. O plano de busca da FT inclui elementos essenciais de informações, tais como:

(1) localização das posições de artilharia do inimigo;
(2) direção do movimento do inimigo;
(3) valor e composição de sua principal força de ataque;
(4) localização dos blindados inimigos;
(5) ações do inimigo para impedir ou bloquear o movimento retrógrado;
(6) indícios de utilização de forças pára-quedistas ou aeromóveis, de ataque aéreo, de ação de guerrilha ou de infiltração, que possam interferir no movimento retrógrado.

c. Informações oportunas com relação aos movimentos do inimigo permitem o ajustamento dos planos.

d. Uma força que realizar um retraimento ou uma ação retardadora, planeja e executa ações ofensivas, explorando as informações disponíveis.

e. O inimigo empregará todos os seus meios de informações para determinar nossa localização, capacidade e intenção. É de se esperar que empregue o reconhecimento terrestre, fotografias e observação aéreas, reconhecimento aéreo, bem como atividades de espionagem. Desta forma, cabe ao Cmt da FT atentar para a observação de todas as medidas de contra-informação apropriadas.

f. O emprego de fogos, combinado com ações ofensivas limitadas, proporciona segurança durante os movimentos retrógrados.

g. Deve-se evitar ao máximo que o inimigo perceba nossa intenção de retrair, ocultando-se o movimento através de rigorosas medidas passivas de segurança e de simulação. Estas medidas podem incluir: o silêncio rádio para as subunidades que retraem da posição e a manutenção de padrões normais de utilização do rádio nos núcleos de primeiro escalão, a manutenção de fogos normais, de artilharia e de outros meios de apoio de fogo, o deslocamento das subunidades durante períodos de escuridão ou sob condições de reduzida visibilidade e a manutenção de tropas suficientes na posição para simular a presença da força como um todo.

h. O grau de disciplina da tropa e a efetiva liderança em todos os escalões, constituem medidas de segurança apropriadas contra a ação de agentes inimigos infiltrados na área de operações da unidade.

i. Devem ser tomadas medidas para proporcionar segurança à frente, nos flancos e à retaguarda do grosso, bem como contra ataques aéreos.

j. Medidas de dissimulação possibilitam o mínimo de interferência do inimigo no retraimento do grosso e das forças de segurança.

6-22. APOIO AO COMBATE

a. Apoio aéreo

(1) As aeronaves da força aerotática são empregadas particularmente para proteger os elementos retardadores contra os ataques das aeronaves inimigas, retardar o avanço das forças terrestres inimigas pela inquietação e a interdição em locais críticos, apoiar os contra-ataques e outras ações ofensivas.

(2) A linha de coordenação de apoio de fogo é localizada mais próximo às unidades amigas e pode ser mudada mais freqüentemente do que nas operações ofensivas. Sucessivas LCAF podem ser prescritas nas ordens de operações.

(3) As aeronaves de reconhecimento proporcionam reconhecimento e informes longínquos sobre a localização e o dispositivo das forças inimigas. Estas aeronaves procuram descobrir qualquer tentativa do inimigo para desbordar nossas posições.

b. Artilharia - Nos movimentos retrógrados, a artilharia de campanha é empregada para desencadear fogos sobre o inimigo a grandes distâncias, a fim de forçá-lo a desdobrar-se prematuramente. Ela pode ser empregada para interditar vias de acesso do inimigo, desencadear fogos de inquietação, destruir concentrações inimigas e apoiar os elementos de combate. A artilharia de campanha é preparada para prestar apoio contínuo durante todos os tipos de movimentos retrógrados.

c. Defesa Antiaérea - Deve-se dar elevada prioridade de defesa às forças que retraem e aos pontos críticos no itinerário de retraimento.

d. Engenharia

(1) A engenharia pode ser empregada em apoio direto ou em reforço aos elementos de primeiro escalão. Os elementos em contato, normalmente, devem receber engenharia em reforço.

(2) Uma das mais importantes funções da engenharia é prestar auxílio e assistência na formulação e implementação do plano de barreiras. As barreiras são utilizadas pelo comando da força retardadora com a finalidade de retardar o inimigo ou canalizá-lo para destruí-lo com fogos. O emprego bem planejado de barreiras auxilia a ganhar tempo e dificulta o ataque inimigo. Os planos de barreira são coordenados com o escalão superior tendo em vista, particularmente, as operações futuras. O plano de barreiras é redigido como um anexo ao plano ou ordem de operações, e deve ser coordenado com o plano de apoio de fogos e com os planos de contra-ataques.

6-23. LIDERANÇA

a. Os movimentos retrógrados, devido à circunstância de serem movimentos em direção à retaguarda, exercem considerável influência no moral da tropa. Isto ressalta a importância da liderança em todos os escalões de comando.

b. Coragem pessoal e liderança agressiva são requisitos básicos para que seja mantido o espírito ofensivo.

c. A ação de liderança fica facilitada mantendo-se a tropa esclarecida quanto à finalidade da missão.

d. O espírito agressivo é mantido pela ação pessoal dos comandantes e pela ênfase que se der às oportunidades que possibilitem a destruição do inimigo.

e. É muito importante que todas as perspectivas de uma ação ofensiva bem sucedida sejam aproveitadas e seu sucesso divulgado.

6-24. PLANEJAMENTO DOS MOVIMENTOS RETRÓGRADOS

a. O planejamento de um movimento retrógrado deve ser meticuloso e completo. Os planos são continuamente supervisionados, efetivamente controlados e vigorosamente executados.

b. Ao estabelecer as medidas de coordenação e controle, o comandante da FT leva em consideração que restrições desnecessárias prejudicam a iniciativa e a flexibilidade por parte de seus comandantes de subunidade. As medidas prescritas são as essenciais à segurança, à condução das fases do movimento e à manutenção da unidade de comando.

c. As medidas de coordenação e controle utilizadas em uma retirada são os itinerários para os deslocamentos, as linhas de controle e os postos de controle de trânsito.

d. Em uma ação retardadora, normalmente, são mais utilizadas as linhas de controle, limites de zona de ação, pontos de controle e pontos de ligação. Quando há necessidade de limitar ou determinar prioridade na utilização dos eixos rodoviários, são designados itinerários para o retraimento.

e. Em um retraimento, a situação em que ele é executado (com ou sem a pressão do inimigo (condiciona as medidas de controle e coordenação a serem utilizadas que, de acordo com a situação, serão menos ou mais restritivas. Em função da previsão de atuação do inimigo, serão estabelecidos tantos planos alternativos quantos possíveis, constantes de um anexo à ordem de operações.

f. O comandante, após receber a ordem do escalão superior, realiza a análise da missão da FT e apresenta suas diretrizes pessoais para o planejamento.

g. Baseado na diretriz do comandante, os chefes das diferentes seções do EM da força-tarefa realizam o planejamento da manobra na carta. As linhas de ação, resultantes do estudo de situação, são levadas à consideração do comandante.

h. O comandante e seu EM fazem uso de todos os meios possíveis (reconhecimento terrestre e aéreo) para retificarem ou complementarem, à luz do terreno, os planejamentos feitos na carta. Após o confronto com o terreno, o comandante chega à sua decisão, transmitida aos elementos subordinados em ordem de operações.

6-25. RETRAIMENTO

a. A FT, em uma operação de retraimento, rompe o contato com o inimigo para preservar ou recuperar a liberdade de ação, seja cumprindo missão no quadro da manobra do escalão superior ou agindo isoladamente.

b. O retraimento poderá ser diurno ou noturno e executado com ou sem pressão do inimigo.

c. O retraimento diurno deve ser evitado, sempre que possível, para fugir aos fogos observados do inimigo e à atuação de sua força aérea, ambos capazes de causar pesadas baixas ou provocar a perda da liberdade de manobra.

d. Quando o retraimento diurno for inadiável, ressalta a importância do emprego de campos minados e do apoio de fogos de artilharia e aerotático.

e. A proteção blindada, a mobilidade e o longo alcance do poder de fogo da FT minimizam os inconvenientes do retraimento diurno, particularmente, quando necessária sua realização para desaferrar os elementos em contato com o inimigo.

f. No planejamento de um retraimento noturno, a FT deve saber atuar sob iluminação artificial, que poderá ser empregada pelo escalão superior, na eventualidade de perda do sigilo da operação.

g. Em qualquer retraimento, todos os meios capazes de reduzir a observação inimiga (fumígenos, por exemplo) devem ser utilizados.

h. Os retraimentos sem pressão do inimigo são vantajosos em relação aos executados sob pressão do mesmo, pois o comandante conserva a iniciativa e pode escolher o momento. A dissimulação é facilitada e a eficiência dos fogos inimigos observados é reduzida, uma vez que o comando da força que retrai pode beneficiar-se ao máximo da escuridão noturna e dos períodos de pouca visibilidade.

i. No planejamento de um retraimento devem ser previstos planos alternativos para os elementos subordinados, destinados ao atendimento de situações que impliquem em retraimentos com ou sem pressão do inimigo.

j. Em qualquer das situações em que o retraimento é executado, o contato físico ou visual com o inimigo deve ser mantido. Isto proporciona dissimulação, segurança e contribui para evitar um rápido avanço do inimigo. Uma força provê segurança e dissimulação, para que as tropas em contato possam executar seu retraimento sem que o inimigo cerre rapidamente sobre as mesmas.

l. O retraimento pode ser facilitado pela execução de contra-ataques de objetivos limitados.

m. Os planos e ordens para um retraimento devem ser preparados pormenorizadamente.

n. Tempo suficiente deve ser proporcionado aos elementos subordinados, para executar um reconhecimento durante o dia.

o. Quando na reserva da brigada, a FT pode ser empregada como F Seg da mesma, apoiando o retraimento do grosso.

6-26. RETRAIMENTO SEM PRESSÃO DO INIMIGO

a. Sempre que possível, a FT deve executar o retraimento sem pressão do inimigo e à noite. Este tipo é vantajoso porque o comandante conserva a iniciativa e pode escolher o momento de iniciar o movimento. A dissimulação é facilitada e a eficiência dos fogos inimigos observados é reduzida, uma vez que a força que retrai pode beneficiar-se ao máximo das condições precárias de visibilidade. O sucesso de um retraimento sem pressão do inimigo depende, particularmente, da dissimulação.

b. Tão logo o conceito da operação seja formulado, o comandante emite uma ordem preparatória com os pormenores necessários para que os comandos subordinados possam realizar seus reconhecimentos e planejamentos durante o dia.

c. O movimento inicia-se, efetivamente, após uma ordem, normalmente, via rádio, tipo código. A documentação concernente é confeccionada posteriormente, caso já não constasse de um plano alternativo.

d. É normal a hora do retraimento ser determinada pelo escalão superior. O início do retraimento noturno, sempre que desejado, deve ser previsto de maneira que o movimento seja completado ainda antes do amanhecer.

e. A fim de assegurar um retraimento tão rápido quanto possível, os elementos não imprescindíveis à operação retraem antecipadamente, por infiltração, a fim de evitar um congestionamento desnecessário nos eixos rodoviários, quando o grosso da unidade retrair.

f. A FT destaca parte de suas forças, inclusive elementos de manobra e de apoio, para permanecer em contato com o inimigo. Estas forças são chamadas destacamento de contato. Elas proporcionam segurança e protegem o retraimento do grosso.

g. O destacamento de contato tem por missões:

(1) manter a fisionomia da frente (comunicações, fogos e outras atividades);

(2) retardar e iludir o inimigo, de forma a evitar sua interferência durante o retraimento;

(3) ficar em condições de atuar como retaguarda do grosso da força.

h. O planejamento, em geral, prevê o retraimento simultâneo da maioria dos elementos empregados em primeiro escalão. Quando o comandante do escalão superior não tiver determinado, o comandante da FT especifica o valor, a composição e o dispositivo do destacamento de contato tomando por base os fatores da decisão (missão, inimigo, terreno e meios).

i. A composição, normalmente, é de cerca de um terço dos elementos de manobra e de um terço à metade das armas de apoio orgânicas, permitindo-se a constituição de frações provisórias.

j. O destacamento de contato da FT deve ter um comando único. Em geral, um oficial da subunidade que defende a parte mais importante da frente assumirá o comando deste destacamento. Deve controlar a operação e manter o tráfego de mensagens de comando semelhantes ao da FT, como se ocupasse a posição com todo o seu efetivo.

l. Todo o esforço deve ser feito para que os elementos do destacamento de contato tenham mobilidade superior a do inimigo.

m. O retraimento dos elementos da frente, menos o destacamento de contato, é iniciado pelos trens e viaturas do PC. As subunidades, simultaneamente, se deslocam para a retaguarda, utilizando-se dos itinerários de retraimento previamente reconhecidos e da forma mais discreta possível.

n. Numa zona de reunião, previamente selecionada e ocupada pelo menor espaço de tempo possível, é formada a coluna de marcha da FT. Esta Z Reu poderá não ser usada por todos elementos da FT, dependendo da missão futura e dos itinerários existentes.

o. Após formada a coluna de marcha, o movimento posterior é efetuado de maneira semelhante ao de uma retirada.

p. Após o retraimento dos elementos de 1º escalão, o destacamento de contato assume a responsabilidade total da zona de ação da FT.

q. O retraimento do destacamento de contato deve ser iniciado a tempo de não permitir que o movimento seja executado sob pressão do inimigo.

r. Ao iniciar o retraimento, o destacamento de contato atua como força de proteção de retaguarda. Sua intenção não será mais de manter a fisionomia da frente e sim de impedir que o inimigo cerre sobre o grosso que retrai. Este destacamento mantém o contato com o inimigo e combate, se necessário, até uma outra posição à retaguarda ou até uma linha de acolhimento estabelecida por força do escalão superior.

s. Se o retraimento for noturno, os fogos devem ser utilizados para abafar o ruído das lagartas e motores das viaturas.

t. Se o retraimento for descoberto pelo inimigo, a FT passa a executá-lo dentro das técnicas de um retraimento sob pressão. Para isto, todos os comandos subordinados devem ter conhecimento dos planos alternativos.

u. O retraimento sem pressão, em geral, é executado em três fases:

(1) 1ª fase - retraimento dos trens de estacionamento, dos trens de combate e do posto de comando (Fig 6-11);

(2) 2ª fase - retraimento das subunidades em primeiro escalão, menos o destacamento de contato (Fig 6-12);

(3) 3ª fase - retraimento do destacamento de contato (Fig 6-13).

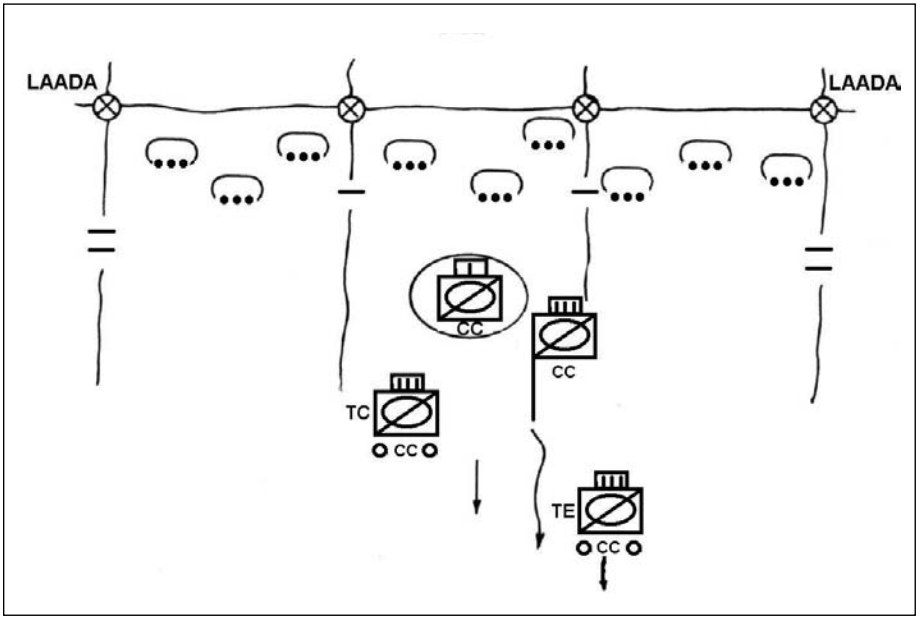

Fig 6-11. Retraimento sem pressão do inimigo (1ª fase)

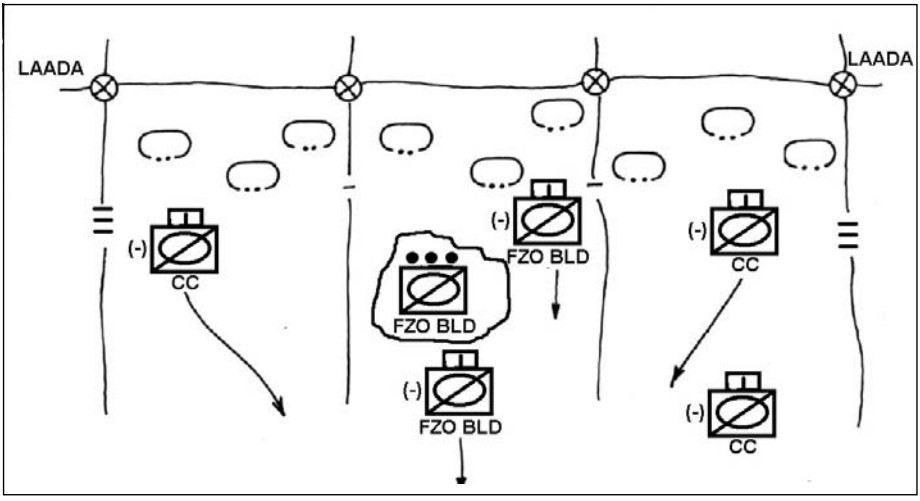

Fig 6-12. Retraimento sem pressão do inimigo (2ª fase)

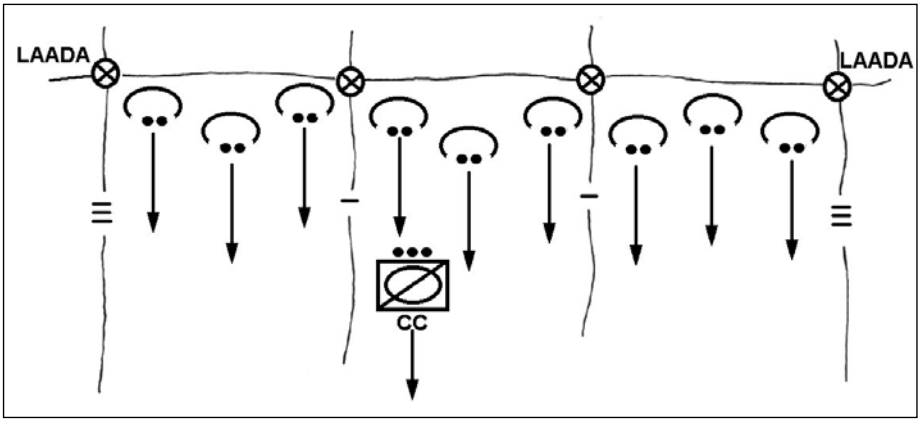

Fig 6-13. Retraimento sem pressão do inimigo (3ª fase)

v. A FT, quando constituir a reserva da Bda, em uma ação defensiva ou ação retardadora, na execução do retraimento sem pressão dos elementos em primeiro escalão, também deixa parte de seu efetivo, cerca de um terço, em posição, com a finalidade de simular atividades normais de uma reserva, bem como apoiar o retraimento dos destacamentos de contato dos elementos em primeiro escalão. A FT, quando possuir sua reserva, poderá deixar elementos da mesma como parte do destacamento de contato.

6-27. RETRAIMENTO SOB PRESSÃO DO INIMIGO

a. No retraimento sob pressão do inimigo, os elementos da força-tarefa retraem combatendo, utilizando táticas de retardamento. A FT é apta a executar

retraimento sob pressão do inimigo, em razão de sua proteção blindada, mobilidade e potência de fogo. Um alto grau de coordenação e uma inteligente utilização do terreno e dos obstáculos são essenciais ao sucesso da operação.

b. Tão logo o conceito da operação seja formulado, o comandante emite uma ordem preparatória com os pormenores necessários para que os comandos subordinados possam realizar seus reconhecimentos durante o dia.

c. O movimento inicia-se mediante ordem, normalmente, via rádio, tipo código. A documentação concernente é confeccionada posteriormente, caso já não constasse de um plano alternativo.

d. Para a decisão de constituir ou não uma força de segurança com sua reserva, o comandante da FT deverá levar em conta o seguinte:

(1) forças disponíveis para constituir a força de proteção;
(2) tempo disponível para desdobrar essa força;
(3) aproveitamento do terreno;
(4) existência ou não de uma força de segurança da brigada;
(5) possibilidade do Ini;
(6) duração da missão.

e. A força de segurança deve ser constituída, predominantemente, de CC e receberá a denominação de força de proteção.

f. Após o acolhimento pela força de proteção, se for o caso, o grosso da FT forma as colunas de marcha, por subunidades, em geral sem designação de zonas de reunião, e se desloca diretamente para a retaguarda.

g. Quando não for possível realizar um retraimento simultâneo de toda a FT, o comando deve determinar a ordem de retraimento. Normalmente, os elementos menos engajados retrairão em primeiro lugar. De qualquer maneira, a seqüência prevista para o retraimento deverá ter em vista preservar a integridade da unidade e o melhor cumprimento da missão.

h. A força de proteção assegura o movimento dos elementos avançados que retraem sem deixar elementos em contato. A estreita coordenação entre essas forças é uma necessidade.

i. São missões da força de proteção:

(1) proteger o retraimento dos elementos da FT que estejam engajados;
(2) retardar o inimigo e evitar a sua interferência no retraimento do grosso;
(3) estar em condições de atuar como retaguarda da força principal.

j. Condições adversas, nesse tipo de retraimento, acarretam aumento no número de baixas. Por isso, é mais favorável sua realização à noite ou sob condições de pouca visibilidade. Uma forte defesa pode permitir atrasar o retraimento até que as condições de visibilidade favoreçam a sua execução.

l. Para assegurar a rapidez do retraimento, os elementos não imprescindíveis à operação retraem antecipadamente, por infiltração, o que evita o congestionamento dos eixos rodoviários quando o grosso da unidade retrair.

m. Quando a FT participa de uma ação retardadora enquadrada pelo escalão superior, normalmente, se desdobra em largas frentes e não tem condições de manter um segundo escalão. Neste caso, o retraimento deverá ser coberto por elementos de segurança do escalão superior.

n. O retraimento sob pressão do inimigo pode ser realizado em três ou em duas fases, dependendo da existência ou não de uma força de proteção constituída pela FT:

(1) 1ª fase - retraimento dos trens de estacionamento, dos trens de combate e do posto de comando (menos o grupo de comando) - Fig 6-14;

(2) 2ª fase - retraimento dos Elm de 1º Esc e do grupo de comando, iniciado pelos menos engajados até o acolhimento pela força de proteção - Fig 6-15;

(3) 3ª fase - retraimento da força de proteção, utilizando técnicas de retardamento, após o acolhimento dos elementos de primeiro escalão - Fig 6-16.

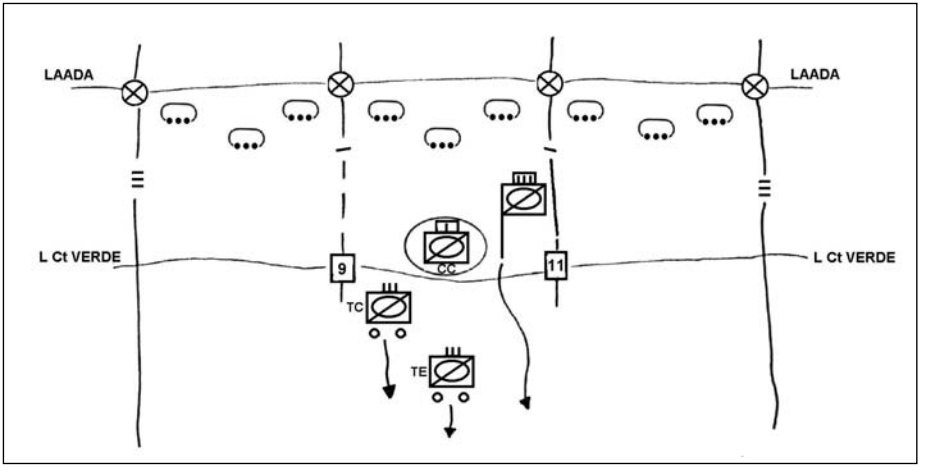

Fig 6-14. Retraimento sob pressão do inimigo (1ª fase)

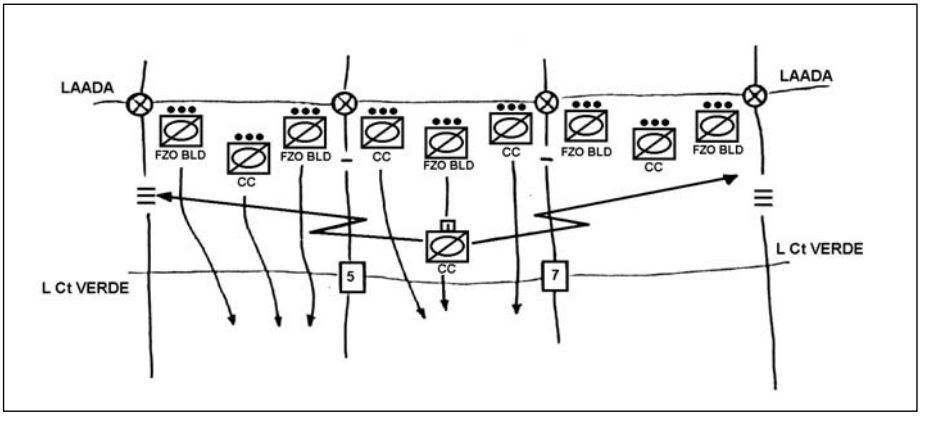

Fig 6-15. Retraimento sob pressão do inimigo (2ª fase)

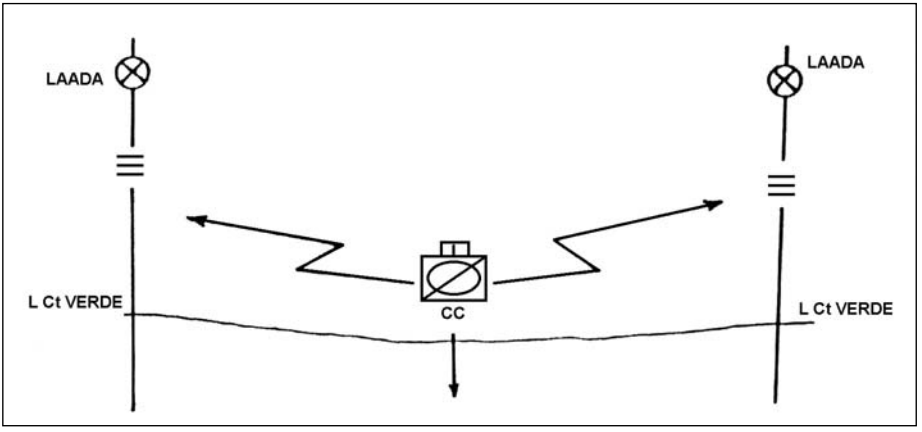

Fig 6-16. Retraimento sob pressão do inimigo (3ª fase)

6-28. RETIRADA

a. Generalidades

(1) A retirada é um movimento retrógrado no qual uma força, que não está em contato, se desloca para longe do inimigo. Quando a retirada se segue a um retraimento, ela tem início logo que o grosso, depois de romper o contato, tenha formado as colunas de marcha.

(2) A retirada pode ser realizada com as seguintes finalidades:

(a) ampliar a distância entre o inimigo e a força amiga;

(b) reduzir a distância de apoio entre forças amigas;

(c) assegurar um terreno mais favorável;

(d) adaptar-se a um reajustamento de dispositivo do escalão superior;

(e) permitir o emprego da força em outro local.

b. Conduta

(1) Quando a retirada é precedida de um retraimento, as forças em contato (destacamentos de contato, força de proteção, destacamentos retardadores, provêem a segurança à retaguarda).

(2) Na retirada, a FT se organiza de modo inverso ao da marcha para o combate. São designados itinerários e objetivos de marcha ou posições à retaguarda, para os elementos que marcham com o grosso. O controle deve ser descentralizado no estágio inicial da retirada, passando gradativamente à centralização, à medida que aumenta a distância do inimigo.

(3) A segurança da FT é realizada de maneira semelhante à da marcha para o combate. Ela é proporcionada pela vanguarda, flancoguarda e retaguarda. Quando a retirada é precedida por um retraimento, normalmente, é necessário constituir uma retaguarda forte em CC. A retaguarda emprega técnicas para retardar a progressão do inimigo e evitar a interferência do mesmo no movimento do grosso. O comandante da FT deve estar atento contra a tentativa de envolvimento de sua unidade por parte do inimigo.

6-29. AÇÃO RETARDADORA

a. Generalidades

(1) A ação retardadora é uma forma de movimento retrógrado em que uma força ganha tempo em troca de espaço, procurando infligir ao inimigo o maior dano possível, sem empenhar-se em ações decisivas.

(2) Uma força está decisivamente engajada no combate quando perde sua liberdade de ação e não tem mais possibilidade de iniciar, pelo fogo ou pela manobra, uma ação planejada. Muitas vezes, elementos de uma unidade ficam decisivamente engajados sem que a unidade tenha perdido a possibilidade de manobrar para executar a ação com sucesso.

(3) Uma ação retardadora exige, normalmente, o emprego dos princípios da defesa móvel em cada posição de retardamento. Em sua execução, são conduzidas ações ofensivas e defensivas. A defesa em cada posição deve obrigar o inimigo a desdobrar-se prematuramente e a perder tempo na preparação do seu ataque.

(4) A FT, em virtude de suas características e possibilidades, é elemento apto para realizar uma ação retardadora.

(5) As posições de retardamento da FT não são, normalmente, organizadas em grande profundidade. Elas utilizam ao máximo a potência de fogo, com o grosso da força concentrado em primeiro escalão sobre as prováveis vias de acesso do inimigo. A FT conduzindo uma ação retardadora é dividida, sempre que possível, em dois grandes escalões: a força retardadora e a reserva. Normalmente, as subunidades não designam reservas. O comandante da FT controla a ação pela atribuição de zonas de ação e linhas de controle às SU e pela designação de posições de retardamento para a FT.

b. Considerações - As seguintes considerações devem ser aplicadas na execução do planejamento e condução da ação retardadora.

(1) Controle centralizado e ação descentralizada - A ação retardadora é caracterizada por operações em larga frente, com o máximo de forças em contato e um mínimo em reserva. Disto resulta uma série de ações independentes ao longo da frente, nas quais os comandantes devem ter liberdade de ação para conduzi-las. Na conduta do retardamento, o movimento para a retaguarda deve ser coordenado meticulosamente. Isso assegura que o inimigo não ultrapasse, desborde ou envolva qualquer elemento da força de retardamento, ou obtenha uma penetração que possa comprometer o sucesso da missão de retardamento.

(2) Máximo emprego do terreno - O máximo de aproveitamento do terreno deve ser feito durante as ações de retardamento, não permitindo que o inimigo avance grandes distâncias sem oposição. As posições de retardamento são selecionadas em regiões que permitam o domínio das prováveis vias de acesso do inimigo e de forma a atingi-lo, pelos fogos, à maior distância.

(3) Forçar o inimigo a desdobrar e a manobrar - O inimigo deve ser engajado no alcance máximo das armas de tiro indireto e ao alcance eficaz das armas de tiro direto. Esta ação obriga o inimigo a perder tempo em desdobramento, no esclarecimento da situação e em manobras para repelir a força de retardamento de sua posição. Repetido emprego desta técnica retardará a progressão do inimigo e trocará espaço por tempo.

(4) Máximo emprego de obstáculos - A utilização de destruições, minas e obstáculos naturais e artificiais é explorada ao máximo para retardar o inimigo. Os obstáculos são empregados para canalizar e retardar a progressão e para proporcionar segurança nos flancos. Para se obter a máxima eficiência, os obstáculos devem ser batidos por fogos.

(5) Manutenção do contato com o inimigo - Contínuos reconhecimentos devem ser conduzidos para estabelecer e manter o contato com o inimigo. Forças inimigas, móveis e potentes, com freqüência, tentarão ultrapassar ou desbordar os flancos, ou penetrar entre unidades que estejam conduzindo o retardamento. Para evitar penetrações ou desbordamentos, o contato não pode ser perdido.

(6) Evitar o engajamento decisivo - Na ação retardadora, posições são ocupadas por determinados períodos de tempo para obrigar o inimigo a desdobrar seus meios, esclarecer a situação e manobrar para atacar cada posição. A tropa deve retrair para a posição de retardamento seguinte antes de tornar-se decisivamente engajada com o inimigo.

c. Processos de execução da ação retardadora

(1) A ação retardadora pode ser executada em posições sucessivas, posições alternadas ou pela combinação desses processos.

(2) Na ação retardadora em posições sucessivas (Fig 6-17) a FT oferece o máximo de resistência organizada na posição inicial de retardamento e continua a oferecer resistência em cada uma das posições de retardamento sucessivas. Face às largas frentes que recebe normalmente, este é o tipo de ação retardadora adotado com mais freqüência pela FT, por ser o que lhe permite concentrar o maior poder de combate em cada posição.

(3) Na ação retardadora em posições alternadas (Fig 6-18), a FT é dividida em dois grupamentos. O primeiro deles organiza e ocupa a PIR e conduz uma ação retardadora enquanto o segundo organiza e ocupa a posição seguinte. Quando o primeiro elemento é forçado a retrair, ele retarda o inimigo entre a PIR e a segunda posição, onde é acolhido, indo, então, organizar e ocupar a terceira posição. Este procedimento é repetido até o final da missão. A necessidade de uma reserva é preenchida pelo elemento de cada posição à retaguarda. Este tipo de ação retardadora tem a vantagem de proporcionar mais tempo para a preparação das posições, para manutenção do material e para descanso dos homens. Entretanto, como desvantagem, exige a repartição das forças, reduzindo, portanto, o poder de combate disponível para a defesa de cada posição. As FT Bld, raramente operam em frentes suficientemente estreitas para permitir o retardamento em posições alternadas.

d. Planejamento

(1) Por ser o planejamento da ação retardadora centralizado, a FT recebe as diretrizes básicas do escalão superior de forma pormenorizada.

(2) Quando constituir a reserva da brigada, a FT será empregada para contra-atacar, desengajar elementos de primeiro escalão, eliminar penetração inimiga, bloquear ameaças à frente ou nos flancos, cobrir o retraimento da força de retardamento ou reforçar um ou mais elementos da mesma.

(3) As ordens dadas à FT, devem especificar, pelo menos:

(a) organização para o combate.

(b) localização geral da PIR.

(c) localização geral das posições de retardamento, previstas e alternativas (linhas de controle intermediárias).

(d) zonas de ação.

(e) prazos a ganhar durante a operação.

(f) pontos de ligação entre as forças de manobra.

(g) ações em final de missão.

(h) limitações impostas à operação.

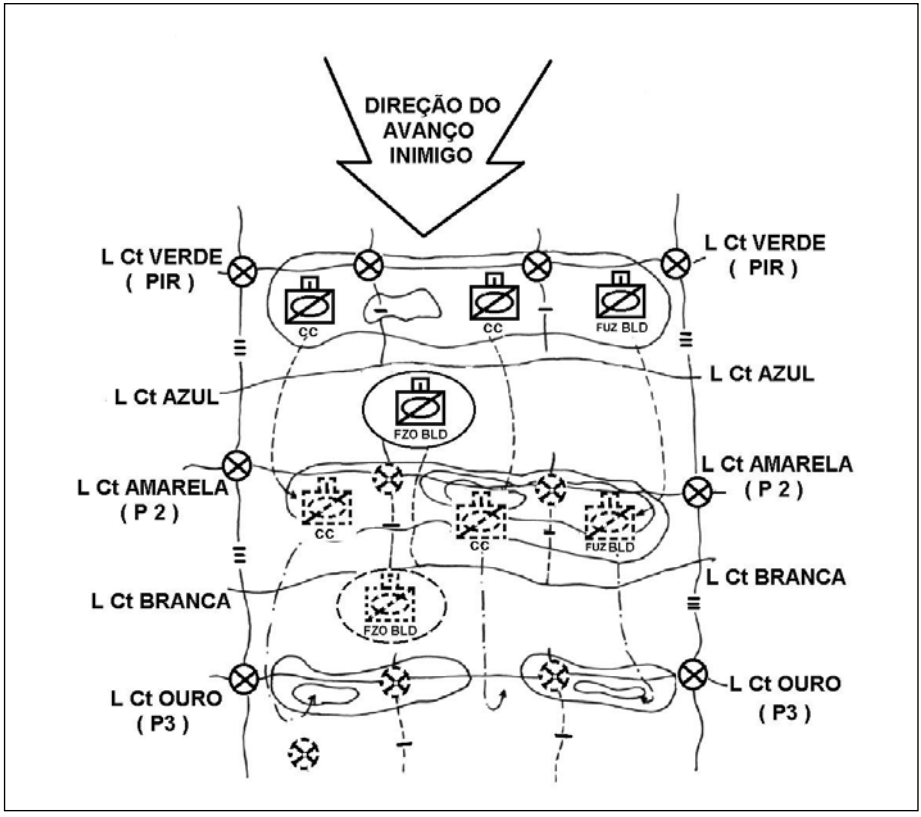

Fig 6-17. Aç Rtrd RCB retardando em posições sucessivas

(4) O prazo a ganhar no decurso da missão é considerado entre a posição inicial de retardamento e a última linha. Este prazo deve ser repartido pelas posições de retardamento escolhidas. Para efeito de planejamento, o tempo a ganhar é sempre computado nas posições. O tempo obtido entre as mesmas constitui ganho circunstancial e sobre o qual não se deve basear a operação.

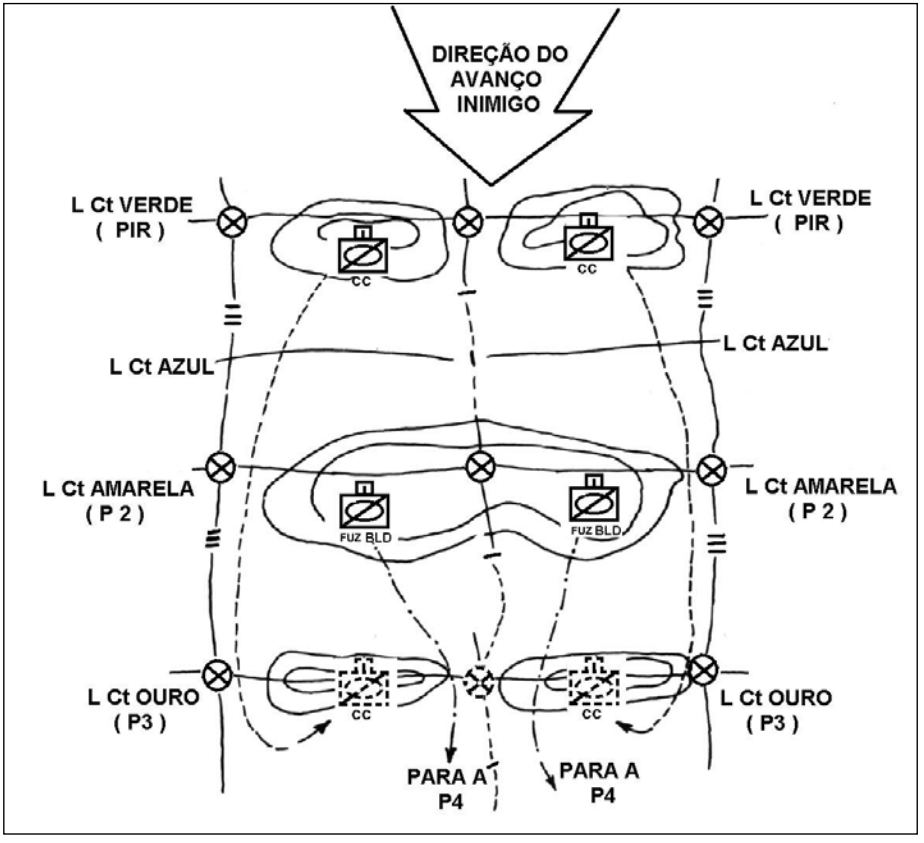

Fig 6-18. Aç Rtrd RCB retardando em posições alternadas

(5) À FT, normalmente, é atribuída uma zona de ação para o retardamento. Os limites da Z Aç incluem a posição de retardamento seguinte. O Cmt FT, se necessário, atribui itinerários para seus elementos subordinados. Se houver itinerários disponíveis, poderá atribuir um para cada elemento, a fim de aumentar a velocidade do movimento. O Cmt deve exercer controle e supervisão rigorosos sobre o retardamento, de modo a manter o horário prescrito nas diferentes Z Aç das SU.

(6) Se o retardamento incluir o acolhimento por forças amigas, deve ser feita íntima coordenação com essas forças. Os planos incluem prescrições sobre o fornecimento de guias por parte da unidade que realizará o acolhimento, horários e demais medidas de coordenação e controle que, circunstancialmente, se tornarem necessárias, bem como sinais de ligação e identificação. Os itinerários designados devem ser reconhecidos para serem, adequada e convenientemente balizados.

e. Escolha das posições de retardamento

(1) O terreno favorável a uma boa posição de retardamento deve oferecer uma ou mais das características abaixo indicadas, as quais permitem infligir grande número de perdas ao inimigo, além de reduzir ao máximo a sua agressão:

(a) linha de alturas perpendiculares à direção de atuação do ini-migo.

(b) obstáculos à frente e nos flancos.

(c) elevações que permitam boas condições de observação e bons campos de tiro.

(d) itinerários desenfiados para os deslocamentos.

(e) boa rede de estradas e condições de transitabilidade através do campo.

(2) O comandante da FT, ao elaborar seu esquema de manobra, pode selecionar novas posições de retardamento, caso se tornem necessárias, propondo ao escalão superior a adoção das mesmas, de acordo com o prazo a ganhar.

(3) As posições de retardamento propostas poderão ser aprovadas ou não, em função dos demais elementos empregados. Elas poderão ser adequadas para a FT, porém inconvenientes no quadro geral da manobra.

(4) Linhas de controle são previstas para coordenação e controle do movimento, podendo transformar-se, em caso de necessidade, em novas posições de retardamento.

(5) Se a profundidade da zona de ação permitir, é sempre conveniente que as posições de retardamento fiquem distanciadas, de modo a obrigar o inimigo a se reorganizar e montar um novo ataque em face de cada posição, considerando principalmente o alcance do grosso dos meios da artilharia de campanha inimiga.

f. Organização do terreno e limites

(1) No planejamento de uma ação retardadora, os limites entre as subunidades são estabelecidos em função dos seguintes fatores:

(a) largura da zona de ação.

(b) zonas consideradas passivas.

(c) zonas consideradas secundárias.

(d) número de vias de acesso para o inimigo, que incidem na(s) posição(ões) de retardamento.

(e) prosseguimento das vias de acesso no interior da nossa zona de ação.

(f) obstáculos.

(g) diretrizes do escalão superior.

(2) Os limites devem estender-se por toda a profundidade da zona de ação quando não for constituída uma força de proteção pela FT e não existir uma força de cobertura do escalão superior. Neste caso, as SU retardam o inimigo entre as posições, dentro das respectivas zonas de ação. Quando existir força de segurança, os limites se estendem até a linha de acolhimento.

(3) Os obstáculos naturais são agravados e obstáculos artificiais são construídos dentro das limitações do material disponível, do tempo e da mão-de-obra.

(4) Posições de bloqueio, valor pelotão, são organizadas nas posições de retardamento da mesma maneira que nas operações de segurança.

(5) A posição é organizada em largura e com pequena profundidade.

g. Dispositivo da força-tarefa

(1) O Cmt da FT designa para as SU, zonas de ação que contenham as vias de acesso mais prováveis do inimigo para a posição da FT ou no seu interior. Estabelece limites entre as SU para indicar zonas de responsabilidade. Sempre que possível, cada Via A e o terreno que a domina são atribuídos a um mesmo elemento. Cada Z Aç de subunidade deverá incluir, no mínimo, um bom itinerário de retraimento.

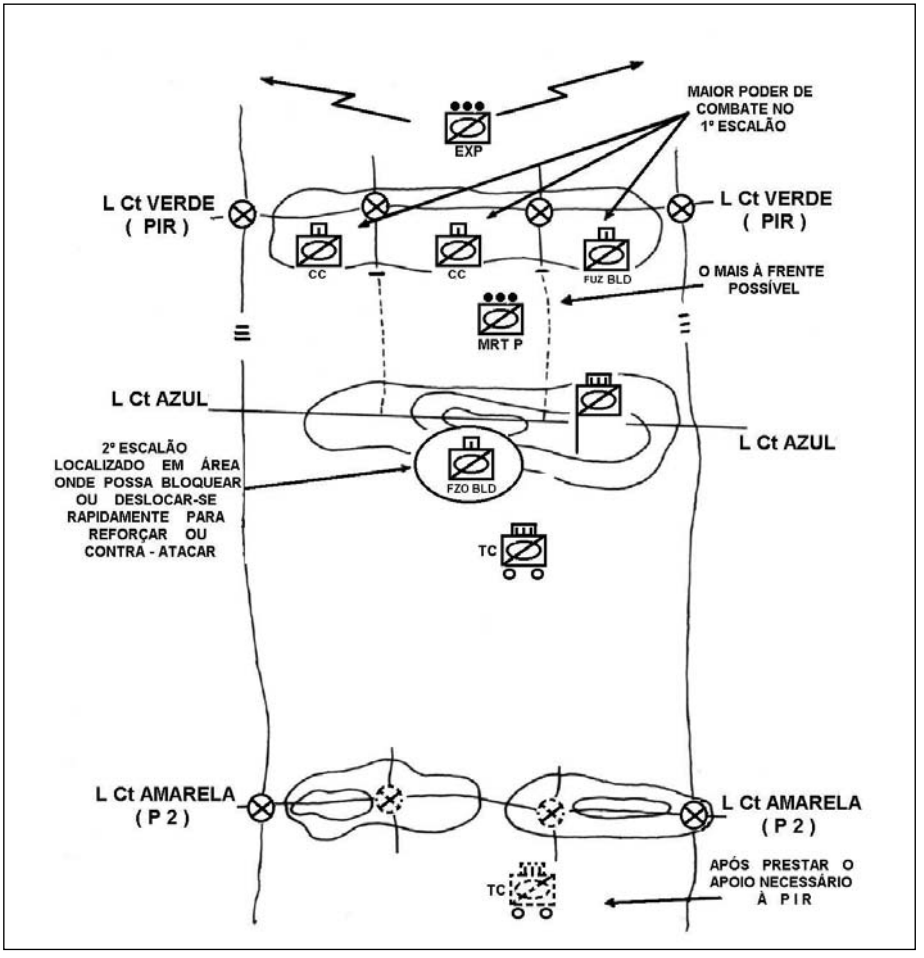

Fig 6-19. Dispositivo do RCB na Aç Rtrd

(2) Se houver reserva da FT, ela deve estar localizada, inicialmente, numa área de onde possa barrar uma Via A em profundidade, deslocar-se rapidamente para qualquer parte ameaçada ou executar com rapidez um contra-ataque.

(3) O PCP, sempre que possível, deve estar localizado bem à retaguarda, a fim de evitar freqüentes deslocamentos e interferência com as ações dos elementos de combate. Sua localização deve proporcionar condições para as ligações com os elementos subordinados, vizinhos e com o escalão superior e estar próxima de estradas, as quais lhe facilitarão futuros deslocamentos. O PCT deve ser desdobrado bem à frente, com os elementos engajados, para que o Cmt possa controlar e intervir na ação. O PCP retrai, normalmente, ao final da 1ª fase do retraimento. O PCT mantém-se em permanente contato com o PCP da FT.

(4) Os TC, após prestarem o apoio necessário junto à PIR, são deslocados para a retaguarda da posição de retardamento seguinte, de onde possam apoiar eficientemente a operação de retraimento, o deslocamento para a nova posição de retardamento, bem como a ocupação da mesma. A ocasião mais oportuna para o deslocamento dos TC é determinada pelo S4 ou seu representante.

(5) Os TE, prestam o apoio necessário para a PIR e P2, a partir da linha de controle entre a P2 e a P3. A ocasião oportuna para o deslocamento dos TE é determinada pelo S4 ou seu representante.

h. Organização para o combate da FT

(1) A organização das SU para o combate se baseia no estudo dos fatores da decisão (MITMT). Em princípio, as subunidades serão organizadas em força-tarefa.

(2) O Pel Exp poderá ser conservado sob o controle da FT para a execução de missões de flancoguarda, de ligação, de reconhecimento dentro da posição ou a sua retaguarda, missões de P Obs e patrulha à frente da posição. O Pel poderá, quando a FT estiver operando numa frente larga, ser colocado em reforço a uma SU para executar missões de patrulha ou de observação ou para auxiliar no reconhecimento da próxima posição de retardamento.

(3) O Pel Mrt P, normalmente, é mantido sob o controle da FT. No cumprimento de sua missão, o pelotão é colocado de onde possa melhor apoiar as SU de primeiro escalão.

i. Segurança na ação retardadora

(1) Generalidades - Durante a ação retardadora, o inimigo fará o máximo esforço para desbordar ou destruir a força retardadora. O Cmt da FT deve prestar particular atenção para que o inimigo não desborde seus flancos ou o surpreenda na posição. Um reconhecimento contínuo é uma das melhores maneiras de proporcionar segurança. O reconhecimento poderá ser ampliado por radares, aviação e helicópteros, quando disponíveis. Uma coordenação cerrada entre as unidades e subunidades vizinhas é essencial, de modo a evitar a apresentação de um flanco exposto ao inimigo.

(2) Segurança à frente - Se os elementos da força retardadora não estão em contato com o inimigo, devem ser tomadas precauções para se evitar a surpresa e para que o alerta da aproximação do inimigo seja dado o mais cedo possível. O Pel Exp da FT poderá ser empregado como uma força de segurança

à frente das posições de retardamento das subunidades. Durante o dia, postos de observação são estabelecidos à frente das posições de retardamento. À noite, são substituídos por postos de escuta. Os itinerários que conduzem das posições aos P Obs são escolhidos cuidadosamente, a fim de evitar sua descoberta pelo inimigo.

(3) Segurança nos flancos - A FT, numa posição de retardamento, deve estabelecer sua própria segurança de flanco pelo estabelecimento de observação em todas as direções, patrulhas e ligação com as unidades vizinhas. Um reconhecimento cuidadoso propiciará aos elementos da força retardadora o levantamento das vias de acesso mais favoráveis ao inimigo para desbordar a força retardadora. Os elementos da testa de qualquer força inimiga, tentando progredir por tais vias de acesso, poderão ser detidos ou emboscados. O Pel Exp da FT, quando não empregado em outro tipo de missão, pode receber a missão de vigiar um flanco exposto da FT.

j. Ocupação de uma posição de retardamento

(1) A ocupação de uma posição de retardamento pela FT é planejada e conduzida de acordo com os princípios e fundamentos das ações da defesa. Entretanto, o comandante dá maior ênfase ao engajamento do inimigo no maior alcance eficaz de seu armamento e na disposição de sua força no terreno, de modo que possa executar o retraimento planejado para a próxima posição de retardamento.

(2) Os fatores básicos a serem considerados para a ocupação de uma posição de retardamento incluem:

(a) posições de tiro principais;
(b) posições de muda;
(c) posições suplementares;
(d) observação;
(e) campos de tiro longínquos;
(f) cobertas e abrigos;
(g) desenfiamento de torre e de couraça;
(h) preparação de roteiros de tiro;
(i) segurança (incluindo P Obs, patrulhas e o emprego de Fuz Bld para a proteção aproximada dos CC);
(j) coordenação com outros elementos, incluindo os de apoio de fogo e engenharia;
(l) itinerários de retraimento.

(3) A preparação da posição prossegue enquanto o tempo permitir. São selecionadas posições principais, de muda e suplementares para cumprimento das missões específicas da defesa da posição de retardamento. Além dessas, também são escolhidas, em outras regiões alternativas, posições principais e de muda para cumprimento das missões de tiro diferentes das previstas para a defesa da posição. Os Cmt de CC devem conhecer perfeitamente os caminhos para estas posições. As VBTP/ VBC-Fuz são colocadas com desenfiamento de couraça e devidamente cobertas. Suas metralhadoras são integradas no plano de fogos das SU.

(4) Deve ser feito o máximo emprego das armas coletivas. Os Cmt de carro, normalmente, procuram colocar seus CC com desenfiamento de couraça

próximos à crista topográfica das elevações, de modo a obter campos de tiro de longo alcance e fácil acesso aos itinerários de retraimento abrigados. Em alguns casos, o terreno poderá permitir que um CC seja colocado numa posição coberta e abrigada à retaguarda e, quando necessário, deslocar-se para a posição de tiro para atirar. Posteriormente, durante a ação, o CC poderá utilizar as posições de tiro de muda e as posições suplementares.

(5) As viaturas não necessárias às posições de retardamento são colocadas em local coberto e abrigado à retaguarda da posição. As viaturas PC, de manutenção e de saúde são, normalmente, colocadas à retaguarda da próxima posição de retardamento para assegurar apoio contínuo durante o período crítico do retraimento de uma posição de retardamento. O comandante deve colocar-se bem à frente de modo a coordenar e controlar as ações de sua unidade.

6-30. CONDUTA DA AÇÃO RETARDADORA

a. Tão logo o inimigo se aproxime da primeira posição de retardamento, os fogos longínquos de artilharia e morteiros são desencadeados. Ao cerrar sobre a posição, o inimigo é colocado sob o máximo volume de fogos de todas as armas da força retardadora no maior alcance eficaz possível, de modo a obrigá-lo a desdobrar-se, executar reconhecimentos e outras manobras que consumirão tempo. Os fogos aproximados devem bater os acidentes capitais e as vias de acesso, com a maior eficácia possível.

b. O êxito da missão de retardamento depende, em grande parte, de uma judiciosa distribuição do tempo a ganhar. Esta distribuição do tempo resulta de um minucioso reconhecimento, de segurança apropriada e oportunos informes de combate. O escalão imediatamente superior deverá ser mantido informado da situação da força, de modo que seja assegurado o recebimento da ordem de retraimento antes que a força se torne decisivamente engajada. As SU não retraem sem autorização do comandante da FT.

c. Ao receber a ordem para iniciar o retraimento de uma posição, a FT executa um retardamento contínuo até a próxima posição de retardamento ou até uma linha de acolhimento por uma força de cobertura, se for o caso. Embora as subunidades tenham considerável liberdade de manobra dentro de suas zonas de ação, o comandante da FT coordena seus movimentos, de modo que uma subunidade não seja colocada em perigo como conseqüência de um retraimento demasiadamente rápido de uma subunidade vizinha. Todo o terreno favorável deve ser aproveitado para infligir o máximo de danos ao inimigo e retardá-lo o maior tempo possível. Os fuzileiros blindados que puderem ser liberados deverão se dirigir imediatamente para a posição à retaguarda, a fim de prepará-la, devendo o retardamento em movimento ser executado por elementos fortes em CC. Os elementos que já estiverem na posição de retardamento seguinte, à aproximação do grosso da FT, tomam o inimigo sob seus fogos, realizando tiros sobre a tropa amiga. Quando acolhidos na posição de retardamento, os elementos do grosso reorganizam a constituição

das subunidades e passam a defender essa posição durante o tempo previsto.

d. O combate aproximado é, em princípio, evitado, sendo empregado somente quando for absolutamente necessário.

e. Na conduta da ação retardadora, são obedecidas todas as prescrições referentes ao retraimento e à retirada.

f. O 2º escalão da FT é empregado para contra-atacar, para desengajar um elemento que se tornou decisivamente engajado, para eliminar uma penetração inimiga, bloquear uma ameaça à frente ou nos flancos, cobrir o retraimento dos elementos da força retardadora ou para reforçar um ou mais elementos da mesma. Quando um contra-ataque for executado para cooperar no retraimento de uma força decisivamente engajada, a ação consiste de um golpe contra um flanco do inimigo, justamente à retaguarda de seus elementos mais avançados. Esta operação é conduzida como um ataque de varredura de carros e não deverá ter um objetivo no terreno.

g. O comando, controle e horário para o desencadeamento do contra-ataque são particularmente críticos. O comandante deve exercer cuidadosa vigilância, de modo a evitar que sua unidade venha a se tornar tão engajada com o inimigo que não possa romper o contato. Contra-ataques para restabelecimento da posição são realizados visando à conquista de objetivos limitados e são apoiados por artilharia, morteiros, e elementos da força retardadora. Do mesmo modo, as SU poderão executar contra-ataques pelas mesmas razões, mas em escala mais limitada.

h. Zona de Ação - À FT, normalmente, é atribuída uma zona de ação para o retardamento. Os limites da zona de ação incluem a posição de retardamento seguinte. Se outra unidade utilizar itinerários na zona de ação da FT, o escalão superior poderá atribuir um eixo para ela. Por sua vez, o comandante da FT, se necessário, atribui itinerários para seus elementos subordinados. Se houver itinerários disponíveis, ele pode atribuir um itinerário para cada elemento, a fim de aumentar a velocidade do movimento. O comandante deve exercer controle e supervisão rigorosos sobre o retardamento, de modo a manter o horário prescrito. Se o retardamento incluir o acolhimento por forças amigas, deverá ser feita cerrada coordenação com estas forças. Os planos devem incluir prescrições sobre guias da unidade que realizará o acolhimento, bem como sinais de ligação e de identificação. Os itinerários designados devem ser reconhecidos para assegurar-se de que estão adequada e convenientemente balizados.

CAPÍTULO 7

AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES BÁSICAS E OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

ARTIGO I

INTRODUÇÃO

7-1. GENERALIDADES

a. Ações comuns às operações básicas - Estas ações correspondem àquelas que são realizadas, com grau de intensidade variável, no decorrer das operações ofensivas e defensivas.

b. Operações complementares - Estas operações destinam-se a apoiar as operações básicas e a contribuir para o incremento e a aplicação do poder de combate.

ARTIGO II

AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES BÁSICAS

7-2. GENERALIDADES

Das ações relacionadas e classificadas como ações comuns às operações básicas, as que dizem respeito mais diretamente às forças-tarefas blindadas são:

- vigilância de combate;
- substituição; e
- cerco.

7-3. VIGILÂNCIA DE COMBATE

a. Generalidades - A vigilância de combate compreende a observação sistemática e contínua de áreas, eixos ou locais, tais como cruzamentos, pontes, aeroportos e outros tipos de instalações específicas. Os fatores que influenciam a vigilância são: as condições de visibilidade, o terreno, as coberturas naturais ou artificiais, as possibilidades de defesa aérea do inimigo e os tipos de equipamentos de vigilância. A vigilância é conduzida por todas as unidades de combate e constitui-se em meio para detecção e localização de unidades, instalações e atividades do Ini.

b. Tipos de Vigilância de Combate

(1) Visual - A vigilância visual é realizada pelas unidades terrestres e aéreas, particularmente no cumprimento das missões de reconhecimento. A transmissão das observações é feita rapidamente, por meio dos canais de informações ou de comando, dependendo das ordens estabelecidas pelo escalão superior.

(2) Eletrônica - É a vigilância realizada com a utilização de radares de vigilância terrestre e sensores orgânicos, equipamentos de visão noturna, equipamentos de rádio-escuta e outros. As observações feitas por meio dos sensores e radares instalados em aviões são transmitidas diretamente para a estação terrestre, permitindo a máxima rapidez no processamento e avaliação dos dados.

(3) Fotográfica - A cobertura fotográfica realizada pelas FT Bld no cumprimento das missões de vigilância é, normalmente, limitada ao emprego de equipamento manual. A cobertura fotográfica aérea é realizada pelas unidades da Força Aérea.

c. Missões de Vigilância de Combate - As FT das brigadas blindadas e o RCB das Bda C Mec podem receber as seguintes missões de vigilância de combate, enquanto conduzem outras operações:

(1) determinação, por meio da observação, de atividades de valor militar (mesmo realizadas por civis) ou ausência dessas atividades, em determinadas áreas;

(2) localização de alvos para serem atacados pela força aérea, fogos de artilharia, agentes químicos, etc;

(3) observação e controle dos fogos indiretos orgânicos e não orgânicos ou aéreos;

(4) avaliação de danos;

(5) localização e identificação de unidades inimigas, em movimento ou estacionadas, no interior da área de operações;

(6) observação de vias de acesso do inimigo e vias de transportes.

d. Planejamento e Conduta

(1) As unidades de cavalaria mecanizada são as mais aptas para a execução de missão de vigilância, no entanto, as FT Bld podem cumpri-la.

(2) Durante o planejamento das operações de vigilância, os fatores da decisão determinam a organização e o dispositivo das forças. Devido ao fato da vigilância consistir, normalmente, na observação sistemática e contínua de

amplas áreas, longos eixos ou locais específicos, a FT, normalmente, empregará suas subunidades como um todo, na execução de observação, enquanto retém uma pequena reserva em CC para auxiliar os elementos que possam ser atacados pelas forças inimigas.

(3) Postos de observação, de escuta e patrulhas são estabelecidos para proporcionar observação contínua e sistemática. Uma força de vigilância não é constituída para oferecer uma forte resistência ao inimigo. Contudo, ela deve ser capaz de proteger-se a si mesma.

(4) A vigilância executada pela FT é menos eficiente à noite. O encargo de patrulhas e postos de observação deve ser aumentado. Na vigilância noturna deve ser feito o emprego intensivo de meios eletrônicos postos à disposição da força-tarefa pelo Esc Sp.

(5) A unidade que realiza especificamente missão de vigilância de combate é responsável apenas pela sua própria segurança. Quando no desenrolar das operações for exigido o emprego de uma força de maior valor do que a necessária às ações de autoproteção, o comandante deve solicitar uma redução da frente anteriormente atribuída. O aumento progressivo das forças inimigas em contato pode obrigar a uma redução da zona de ação ou à execução de um retraimento.

(6) A tropa no desempenho da vigilância de combate deve prever a substituição periódica dos elementos nela engajados, variando frentes e missões.

(7) O aumento progressivo das forças inimigas em contato pode obrigar à uma redução de frente ou à execução de um retraimento.

(8) A vigilância de combate é uma missão eminentemente passiva. No entanto, a FT pode, algumas vezes, receber pequenos encargos, como, por exemplo, bloqueio de estradas, desde que não o obrigue ao emprego permanente de parte de seu efetivo.

(9) É normal o emprego da vigilância de combate realizada por elementos infiltrados, em posições atrás das linhas inimigas.

7-4. SUBSTITUIÇÃO

a. Generalidades

(1) No combate continuado as operações deverão se desenvolver diuturnamente, sem perda da impulsão e da iniciativa, visando conquistar o mais rápido possível os objetivos selecionados. A continuidade das operações deverá ser assegurada mediante a ampla utilização do combate noturno e do ataque de oportunidade, com freqüente substituição dos elementos em primeiro escalão, para se manter permanente pressão sobre o inimigo.

(2) Quando as operações táticas continuam por um período prolongado de tempo, a conservação do poder de combate, a manutenção da eficiência e do plano tático podem exigir a substituição periódica de unidades empregadas. As substituições são executadas por meio de uma **substituição em posição**, por meio de uma **ultrapassagem** ou **acolhimento**.

(3) As forças blindadas, de preferência, conduzem uma operação de substituição por meio de uma **ultrapassagem**, devido à dificuldade inerente de camuflar o movimento dos seus veículos. Todavia, estas forças podem ser

obrigadas a participar de uma substituição em posição como parte de uma grande unidade ou podem mesmo dirigir e controlar substituições em posição das suas subunidades subordinadas.

(4) O congestionamento resultante dessas operações requer que toda a precaução seja tomada para reduzir a vulnerabilidade das forças às ações do ataque inimigo durante a operação. São essenciais uma estreita coordenação de planos e cerrada cooperação entre as unidades que executam a substituição.

b. A FT na substituição em posição

(1) Generalidades

(a) A substituição em posição é uma operação de combate na qual, por ordem do escalão superior, uma força ou parte dela, é substituída por outra em uma área de combate.

(b) As responsabilidades pela missão de combate e pela zona de ação das unidades substituídas são assumidas pela unidade que a substitui. A unidade ou parte da unidade que substitui continua a operação conforme for determinado. Uma substituição em posição é realizada para o prosseguimento da defesa ou para a preparação de um ataque subseqüente.

1) Quando a substituição é executada para continuar a defesa, deve ser feita na base de unidade por unidade, subunidade por subunidade, homem a homem, arma por arma. O comandante da unidade que substitui adota um dispositivo que se ajuste ao plano do comandante da organização substituída. Podem ser introduzidas modificações no plano de defesa pelo comandante substituto, após ter sido completada a substituição.

2) Quando é realizada uma substituição em posição para prosseguir ou retomar um ataque, o comandante substituto a procede somente em determinada(s) parte(s) da área, visto que sua missão principal é a de se preparar para o ataque e de dar prosseguimento ao mesmo. Assume, contudo, a responsabilidade pela defesa de toda a área, embora disponha suas forças para facilitar a retomada ou desencadeamento do ataque. Na maioria das vezes, adota um dispositivo que permita aos principais comandos subordinados executarem seus planos de ataque ou que permita uma mudança de direção do mesmo.

(2) Planejamento

(a) Generalidades

1) Quando a FT realiza a substituição de outra unidade em posição, recebe, da força a ser substituída, uma ordem preparatória que deve especificar, no mínimo, a hora do início e do término da substituição e as prioridades para utilização das estradas e itinerários necessários aos deslocamentos. Comporta, ainda, a ordem preparatória, as condições de execução da substituição, quanto aos aspectos relacionados com a visibilidade e prazos.

2) Após receber a ordem preparatória, o comandante da FT com seu estado-maior analisa a missão, expede ordens preparatórias e estabelece ligações com a unidade a ser substituída.

3) O Cmt da FT, normalmente, estabelecerá seu posto de comando nas vizinhanças do posto de comando da unidade a ser substituída.

4) Trabalhos conjuntos são executados entre os comandantes e estado-maior da FT e da unidade que será substituída, visando aos pormenores

da ação e o estabelecimento de critérios que não tenham sido definidos pelo escalão superior.

(b) Coordenação

1) Troca de planos e de pessoal de ligação

a) Ao Cmt e EM da FT devem ser fornecidos pela força substituída, todas as informações necessárias, inclusive, planos defensivos existentes, planos de fogos, de barreira e contra-ataque.

b) Para proporcionar maior eficiência na troca de informações, a FT, quando substituindo outra unidade, receberá desta, elementos de ligação, distribuídos, normalmente, em cada posto de comando a partir do escalão subunidade.

c) A permanência do pessoal de ligação com a unidade substituta varia com a situação e se estende, normalmente, até ao domínio da situação pela unidade substituta.

2) Seqüência da substituição, quando não especificada pelo comando que ordena a substituição, para estabelecer uma defesa mais forte durante a substituição, é executada por fases, da retaguarda para a frente ou da frente para a retaguarda. Ao determinar a seqüência da substituição, ambos os comandantes consideram:

a) a missão subseqüente atribuída à brigada que está executando a substituição;

b) características da região de operações;

c) o efetivo e a eficiência de combate da unidade substituída;

d) as possibilidades do inimigo descobrir a substituição e de reagir contra a mesma;

e) a necessidade de variar os padrões ou processo de substituição;

f) o valor e o tipo dos elementos envolvidos na substituição;

g) a necessidade de manter o sigilo.

3) Ocasião da passagem do comando - A ocasião ou as circunstâncias, em que o comandante que substitui assume a responsabilidade pela área, são claramente estabelecidas, por acordo mútuo ou pelo escalão superior.

a) Até que se realize a passagem do comando, o comando da unidade substituída é responsável pela área e pelo cumprimento da missão e exerce o controle operacional sobre todos os elementos subordinados da unidade substituta que tenham completado sua parte na substituição. Durante este período, as subunidades que chegam devem se enquadrar aos planos de defesa do elemento que é substituído.

b) Normalmente, o comandante da FT assume o comando quando os seus comandos subordinados tenham assumido as responsabilidades das subunidades da área de defesa avançada e quando tiverem sido estabelecidos meios adequados de comunicações para controlar toda a zona de ação. Após a passagem de comando, o comandante que chega assume o controle operacional de todas as frações que devem sair e que não tenham ainda sido substituídas.

4) Reconhecimento - Todo o esforço deve ser feito no intuito de um completo reconhecimento, diurno, pelo Cmt da FT, membros do seu EM e todos

os comandantes de elementos operacionais envolvidos na substituição. Os reconhecimentos devem incluir:

a) o terreno à frente da posição;
b) as instalações defensivas;
c) os itinerários de substituição;
d) as zonas de reunião;
e) as posições das armas coletivas.

5) Segurança - É feito o máximo esforço para impedir que o inimigo tome conhecimento da substituição. Além de executar a substituição durante os períodos de visibilidade reduzida, são observadas algumas medidas de segurança:

a) as atividades normais na área de operações são mantidas durante a substituição. A unidade que substitui mantém os fogos de inquietação e interdição, patrulhas, tráfego de comunicações e movimentos anteriormente empregados pela unidade que sai.

b) são adotadas restrições quanto ao valor dos destacamentos avançados e dos de reconhecimento da unidade que substitui. Tais destacamentos deslocam-se para a área de operações por infiltração.

c) as redes de comunicações da unidade substituída são utilizadas até que a operação de substituição seja completada.

d) os registros e o repertório de tiros da unidade que substitui são coordenados pela unidade que é substituída, até que se realize a passagem do comando.

e) um plano integrado de dissimulação é executado, tanto pela unidade que substitui como pela unidade substituída.

f) a defesa antiaérea fica permanentemente em alerta e em condições de atuar durante a substituição.

6) Controle de movimento - A FT substituta e a unidade substituída estabelecem um único comando de trânsito, para o controle das unidades que se deslocam para dentro e para fora da área. Isso inclui:

a) itinerários a serem utilizados e prioridades para seu uso;
b) responsabilidade pelo controle do trânsito;
c) localização de zonas de reunião;
d) fornecimento de guias para as unidades que substituem;
e) utilização comum dos meios de transporte.

7) Informações - A unidade substituída transfere para a unidade que a substitui todas as informações relacionadas com o inimigo e com a área de operações e outras informações adicionais necessárias à unidade que substitui.

8) Troca de equipamentos

a) Em razão das dificuldades na colocação apropriada das armas durante a noite, o comandante da unidade substituída e da FT acertam a troca de armas que não podem ser facilmente removidas ou são necessárias para assegurar o emprego eficiente dos fogos.

b) Como alternativa, os reparos das metralhadoras pesadas e as placas - base dos morteiros devem ser trocados. A troca é na base de arma por arma. A autorização para estas trocas deve ser incluída na ordem de substituição do comandante do escalão imediatamente superior.

c) A unidade substituída deixa na posição os suprimentos volumosos e em excesso, tais como munições, materiais de fortificação de campanha, fios de telefone já lançados e outros suprimentos e equipamentos de difícil remoção.

9) Apoio logístico - Com relação ao apoio logístico as unidades substituta e substituída coordenam:

a) transferência de suprimento;
b) uso das instalações;
c) transferência de prisioneiros de guerra;
d) controle de refugiados;
e) desdobramento dos órgãos de serviço;
f) uso dos meios de transporte;
g) controle de trânsito.

(c) Planejamento simultâneo

1) A FT e a unidade substituída expedem ordens de operações determinando as substituições de acordo com os procedimentos coordenados na fase de planejamento.

2) Antes da expedição de ordens de operações, são distribuídas ordens fragmentárias às subunidades subordinadas, para permitir o planejamento simultâneo em todos os escalões interessados.

(3) Execução

(a) Seqüência da substituição

1) A substituição na posição é executada em etapas, para garantir a eficiência da defesa durante a operação.

2) As reservas podem ser substituídas em primeiro lugar, seguidas pela substituição dos elementos avançados, ou vice-versa.

3) Normalmente, quando a maioria das forças está desdobrada no limite anterior da área de defesa avançada (LAADA), a substituição é conduzida da frente para a retaguarda.

4) A possibilidade de o inimigo descobrir ou interferir na operação, aliada às características da região de operações e ao prazo disponível para execução da substituição, são os fatores que o comandante da FT considera na escolha do processo de substituição dos elementos desdobrados no LAADA.

5) O processo de substituição dos elementos desdobrados no LAADA poderá ser conduzido pelos seguintes processos:

a) quando duas subunidades estão desdobradas à frente, a substituição de uma delas deverá ser completada antes de se iniciar a substituição da seguinte;

b) quando três subunidades forem desdobradas à frente, a substituição das duas de flanco deve ser feita simultaneamente, seguida pela substituição da subunidade do centro. Dependendo das circunstâncias, poder-se-á inverter esta ordem;

c) substituição simultânea de todas as subunidades desdobradas à frente da posição.

(b) Conduta da substituição

1) As forças substituta e substituída são vulneráveis durante a execução da substituição. Medidas apropriadas de contra-informação são empre-

gadas para evitar que a operação seja revelada, incluindo a continuidade de atividades normais tais como fogos de apoio, utilização do rádio, tráfego de veículos e outras.

2) Os fogos da unidade substituída e da FT substituta devem assegurar o sucesso da operação e neutralizar a reação do inimigo, no caso da operação ser descoberta.

3) Um esquema cuidadoso das substituições a serem executadas pelas subunidades subordinadas deve ser elaborado pelo comandante da FT, a fim de reduzir ao mínimo o movimento de tropas na área de operações.

4) A situação tática, normalmente, impõe o momento da substituição. Na maioria dos casos, deverá ser conduzida em período de escuridão.

5) As substituições durante as horas de luz são, sempre que possível, evitadas. Contudo, a fumaça pode ser empregada no local ou sobre observatórios inimigos para cobrir a visibilidade sobre a operação.

6) A substituição é conduzida tão rapidamente quanto possível, para assegurar o controle e o segredo. A unidade substituída fornece segurança e vigilância durante a execução da operação.

7) A coordenação com as unidades vizinhas e de apoio é de responsabilidade da unidade substituta.

8) A FT não designa zonas de reunião para escalões menores que subunidade. As zonas de reunião das SU são separadas para diminuir a vulnerabilidade aos fogos inimigos. A zona de reunião avançada da FT, e as zonas de reunião das subunidades, podem ser substituídas por pontos de liberação das SU e por pontos de liberação dos pelotões (Fig 7-1), respectivamente. A permanência excessiva dentro da zona de reunião é evitada.

9) Os fuzileiros blindados desembarcam o mais à retaguarda possível, evitando comprometer o sigilo da operação e deslocam-se a pé para ocupar as posições. Os carros de combate deslocam-se para a frente após completada a substituição pelas tropas desembarcadas.

10) Os carros de combate podem ser substituídos, individualmente, por seções de carros, por pelotões de carros ou por todo o esquadrão de carros simultaneamente.

11) Quando a unidade a ser substituída tiver CC, poderá retrair seus carros, por infiltração, antes da substituição, de modo que tais ações não comprometam a operação.

12) Durante a substituição, os comandantes de cada escalão justapõem os seus postos de comando ou postos de observação aos da força substituída.

13) Quando da passagem de comando, o comandante da FT substituta assume o controle de todas as subunidades no setor, inclusive daquelas que ainda não foram substituídas.

14) Se ocorrer um ataque, antes de o comandante da FT ter assumido a responsabilidade do setor, os elementos da unidade já desdobrados passam ao controle operacional da unidade a ser substituída, para fazer face à ação inimiga.

15) As mudanças na organização da defesa, desejadas pelo comandante da unidade que realiza a substituição, somente serão iniciadas após a troca de responsabilidades no setor.

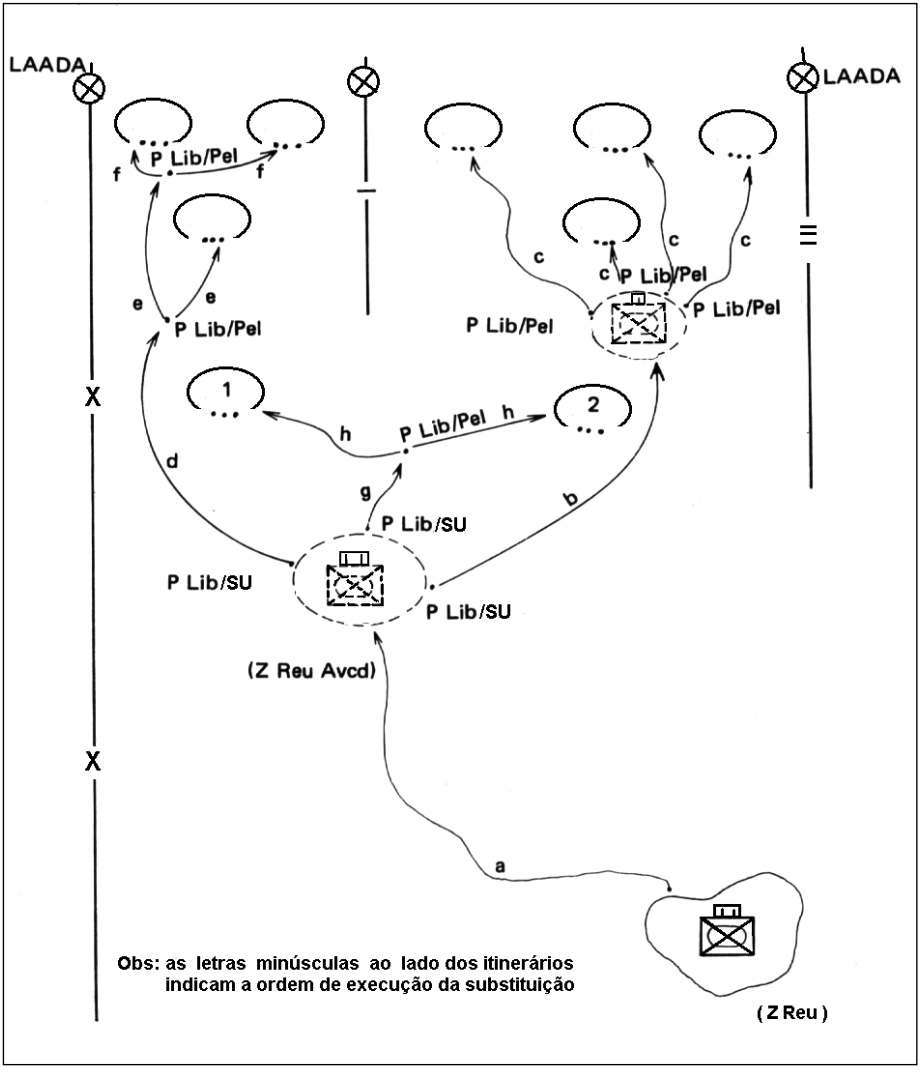

Fig 7-1. Substituição em posição executada por uma FT BIB

c. Transferência de responsabilidades dos campos minados

(1) A transferência de responsabilidade de um campo minado de um comandante para outro é feita através de um relatório.

(2) O relatório de transferência deve ser assinado por ambos os comandantes e deve incluir um certificado onde o comandante do elemento substituto atesta que lhe foi mostrado no terreno, ou de outra maneira, todas as minas dentro de sua zona de responsabilidade, assumindo a completa responsabilidade pelas mesmas.

(3) Esta transferência inclui os campos de proteção local, bem como os campos de minas ordenados pelo escalão superior.

(4) O relatório de transferência é remetido ao escalão imediatamente superior que tenha autoridade sobre ambos os comandantes das forças que participaram da substituição.

d. A FT da ultrapassagem

(1) Generalidades

(a) Ultrapassagem é uma operação na qual uma unidade ataca através de outra que se encontra em contato com o inimigo.

(b) A FT executa uma ultrapassagem para substituir uma unidade desgastada ou desfalcada, para prosseguir ou iniciar um ataque ou para mudar o ritmo de uma operação.

(c) A ultrapassagem pode ser necessária para manter a impulsão de um ataque ou para explorar uma vulnerabilidade da posição inimiga.

(d) A ultrapassagem exige planejamento cuidadoso e coordenação cerrada entre as unidades que participam da operação.

(e) Os elementos da unidade ultrapassada permanecem em posição e apoiam a unidade que ultrapassa até que seus fogos se tornem ineficazes. A unidade ultrapassada pode permanecer em posição ou ser empregada em outra ação.

(f) A unidade em contato provê todo o apoio possível à unidade que vai ultrapassá-la.

(2) Planejamento

(a) Generalidades

1) As normas de planejamento de uma ultrapassagem são semelhantes às da substituição em posição.

2) O comandante e o estado-maior da FT que recebe uma ordem preparatória para uma operação que exija ultrapassagem, ligam-se, o mais cedo possível, com a unidade a ser ultrapassada.

3) O posto de comando da FT deve ser estabelecido nas vizinhanças do posto de comando da unidade a ser ultrapassada.

4) Imediatamente após o recebimento da ordem preparatória, os elementos que vão realizar a ultrapassagem e os que estão em contato organizam uma reunião de planejamento para acertarem os pormenores da operação.

(b) Coordenação - Durante o planejamento, os pormenores abaixo especificados devem ser coordenados pelos comandantes e EM das unidades envolvidas na operação.

1) Troca de informações - As unidades em contato fornecem todos os informes possíveis, do inimigo e do terreno, para a unidade que vai realizar a ultrapassagem. Estes informes devem incluir o valor, dispositivo, composição das forças inimigas e a localização dos blindados, armas anticarro e obstáculos inimigos.

2) Troca de planos táticos - São executadas entre as unidades participantes da operação, inclusive dos planos de comunicações.

3) Reconhecimento

a) Um completo reconhecimento deve ser feito pelo comandante e estado-maior, bem como pelos comandantes de subunidade e de pelotão,

da unidade que vai ultrapassar. O reconhecimento deve abranger os itinerários para os locais de ultrapassagem, o local em si mesmo e a localização das tropas em posição.

b) Um reconhecimento visual deve ser feito da área avançada da posição, podendo ser utilizadas aeronaves neste reconhecimento.

c) Durante o reconhecimento, deve-se tomar o cuidado de não alertar o inimigo, oferecendo indicações de que uma ultrapassagem será realizada. Para isto, pode ser necessário limitar o número e os efetivos do reconhecimento e empregar veículos terrestres das unidades em contato.

4) Segurança

a) Deve ser feito o máximo esforço para evitar que o inimigo tome conhecimento da ultrapassagem.

b) O movimento, através das posições, deve ser conduzido à noite, o que exige um estrito controle e reconhecimento antecipado.

c) O fogo de artilharia deve ser empregado, durante o movimento, para encobrir o barulho dos veículos.

d) Se o movimento através das posições for conduzido durante o dia, a fumaça pode ser empregada sobre os postos de observação identificados e à frente das posições inimigas.

e) Enquanto a ultrapassagem está se realizando, a concentração de tropa apresenta um excelente alvo para o inimigo. Assim, a ultrapassagem deve ser realizada o mais rapidamente possível. Durante o período de concentração de tropa, medidas de defesa passiva contra ataques aéreos devem ser tomadas.

5) Seleção das áreas de ultrapassagem

a) Quando possível, as áreas selecionadas para ultrapassagem não devem estar ocupadas, mas localizadas entre os elementos da unidade em posição ou em seus flancos.

b) Este procedimento reduz a vulnerabilidade que se cria quando uma unidade ultrapassa diretamente através de posições ocupadas por outras tropas. A vulnerabilidade também é reduzida quando as subunidades deslocam-se diretamente para as áreas de ultrapassagem e, em seguida, para o ataque, sem ocupar posições de ataque.

c) Pode ser necessário que a unidade em contato reajuste seu dispositivo, a fim de permitir uma ultrapassagem mais satisfatória.

6) Prioridade para utilização de itinerários e áreas

a) O comando que dirige a ultrapassagem, normalmente, estabelece uma prioridade nas estradas e em determinadas áreas.

b) A FT que vai ultrapassar deve ter prioridade para utilização de itinerários que conduzam à área da unidade que está sendo ultrapassada.

c) Informes completos sobre as estradas a serem utilizadas e áreas a serem ocupadas, devem ser difundidos o mais cedo possível.

d) Os itinerários estabelecidos, para os deslocamentos através da posição, devem ser bem sinalizados e controlados. O ideal é que a FT e a unidade em contato proporcionem guias até o escalão pelotão.

e) O controle do trânsito na área do elemento ultrapassado é da responsabilidade deste, até que a responsabilidade pela zona de ação seja transferida para a FT que ultrapassa.

7) Passagem do comando

a) A hora e as condições que a responsabilidade pelo controle da zona de ação é transferida ao comandante da FT que executa a ultrapassagem devem resultar de um acordo entre os dois comandantes interessados ou serem determinadas pelo escalão superior.

b) Normalmente, o comandante da FT que ultrapassa assume responsabilidade pela zona de ação na hora do ataque. A responsabilidade pela zona de ação pode ser transferida na ocasião do desencadeamento dos fogos de preparação, ou mais cedo, mediante ordem do comando que determinar a ultrapassagem ou acordo entre as unidades.

c) Em princípio, o comandante da unidade em contato exerce o controle operacional sobre os elementos da FT em sua zona de ação, até que a responsabilidade por essa área passe para o comandante que realiza a ultrapassagem. Nessa ocasião, o comandante da FT assume o controle das operações táticas de ambas as forças até que seja completada a ultrapassagem.

8) Apoio ao combate e logístico

a) O elemento em contato proporciona todo o apoio à FT, particularmente em relatórios de campos de minas, fornecimento de guias, apoio de fogo e outros apoios de combate.

b) Os elementos de apoio de fogo das unidades em contato são, normalmente, integrados no plano de apoio de fogo da FT que vai realizar a ultrapassagem.

c) O oficial de ligação da artilharia, os observadores avançados e o oficial de ligação aérea da FT devem manter contato com seus correspondentes para a troca de informações e tomar conhecimento dos pormenores do plano de apoio de fogo.

d) Devido aos problemas de controle de segurança da tropa que ultrapassa, apenas os meios de fogos indiretos da unidade em contato devem ser empregados para apoiar a unidade que ultrapassa.

e) Dentro de suas possibilidades, a unidade que está sendo ultrapassada fornece o apoio logístico para a FT durante e imediatamente após a ultrapassagem. Este apoio pode incluir o serviço de saúde, a condução de prisioneiros de guerra, o controle de trânsito, o controle de extraviados e auxílio no manuseio de mortos mas, normalmente, não inclui o apoio de suprimentos de classes III e V.

f) Áreas de reabastecimento, dentro e fora das posições, são reconhecidas pelo pessoal da FT, auxiliado pelos guias fornecidos pelas unidades em contato.

9) Outras coordenações

a) Limpeza e marcação de brechas através de campos minados e obstáculos amigos, para permitir uma rápida ultrapassagem, são executados pela unidade que está sendo ultrapassada.

b) A FT deve providenciar seu próprio pessoal de controle para as brechas ou desfiladeiros, a fim de fiscalizar cada subunidade.

c) Planos de dissimulação para manter o sigilo e facilitar a obtenção da surpresa, devem ser realizados entre as unidades envolvidas na ultrapassagem.

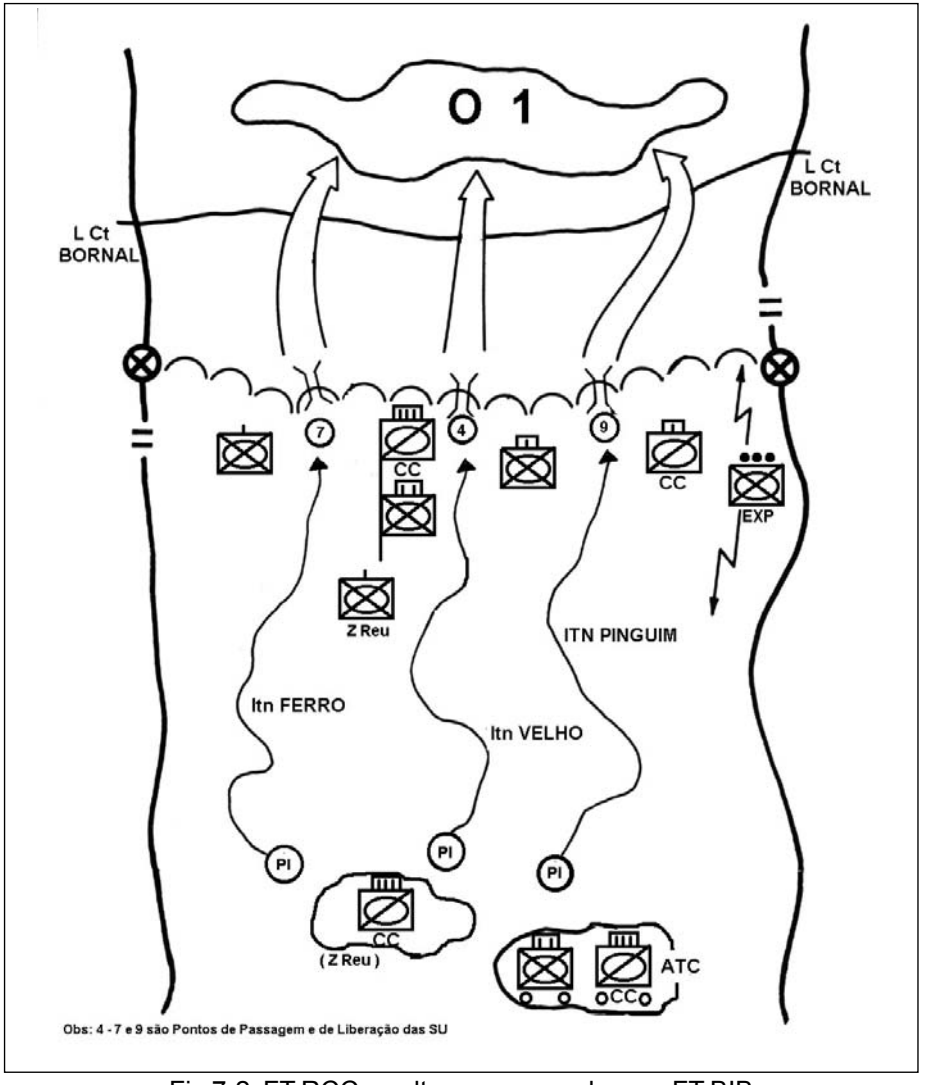

Fig 7-2. FT RCC na ultrapassagem de uma FT BIB

(3) Execução da ultrapassagem

(a) Os elementos da FT iniciam seus deslocamentos da posição da retaguarda para a linha de partida na ocasião prevista. Cuidadosos cálculos de marcha devem ser feitos para que as subunidades ataquem na hora determinada, sem necessidade de usar posições de ataque. Este procedimento reduz ao mínimo o tempo durante o qual as duas unidades ficam concentradas na área avançada.

(b) Em algumas situações, é preferível deslocar as reservas da

unidade em contato para zonas de reunião à retaguarda, imediatamente antes do início da ultrapassagem, para reduzir a densidade de tropas durante a operação. Tal procedimento, normalmente, é prescrito pelo comando que ordena a ultrapassagem.

e. A FT no acolhimento

(1) Generalidades

(a) É a operação na qual uma força, em movimento retrógrado, passa através da zona de ação de outra que ocupa posição defensiva e/ou retardadora a sua retaguarda. A força acolhida realiza um retraimento através de uma posição.

(b) O acolhimento pode ocorrer com ou sem contato com o inimigo. Quando conduzido em contato com o inimigo, o contato perdurará até que as forças que retraem se coloquem sob a proteção dos fogos do elemento que executa o acolhimento.

(c) O objetivo desta operação é a substituição de uma unidade exaurida empregada em uma ação além da sua capacidade. Pode, também, ser realizada como parte de um movimento retrógrado ou para permitir à unidade que retrai o cumprimento de outra missão.

(d) Após acolhida, a unidade que retrai poderá:

1) deslocar-se para área de repouso, a fim de reorganizar-se ou passar por outro período de instrução;

2) cobrir o retraimento de outra unidade, quando integrando escalão que executa uma ação retardadora em posições alternadas;

3) deslocar-se para outra área, a fim de ser empregada em nova missão.

(e) Neste parágrafo trata-se de uma FT como força acolhida. Considera-se que a força realiza, no quadro da operação de acolhimento, um retraimento através de uma posição.

(f) Os comandantes e as tropas que participam destas operações devem estar familiarizados com todos os pormenores do plano de operações.

(2) Planejamento

(a) Coordenação

1) Nenhum comandante, seja o que retrai, quanto o que se encontra em posição, exerce o comando sobre o outro, mas cada força pode apoiar a outra pelo fogo e pela manobra.

2) Após ter recebido a ordem preparatória, o comandante e o estado-maior da FT estabelecem ligações com seus correspondentes da unidade em posição para coordenar o planejamento da operação. O pessoal de ligação é responsável direto pela coordenação dos pormenores da mesma. A troca de elementos de ligação é feita até o nível pelotão.

3) Um plano pormenorizado de reconhecimento deve ser preparado e cuidadosamente coordenado entre a unidade a ser acolhida e a que se encontra em posição.

(b) Seleção das áreas de passagem

1) Sempre que possível, as áreas ou pontos selecionados para a passagem das tropas que retraem devem estar desocupados e localizados entre os elementos da unidade em posição, ou em flancos.

2) O dispositivo na posição defensiva, os planos de fogos, a segurança, a vulnerabilidade e a missão subseqüente da FT devem ser levados em conta na seleção das áreas ou pontos de passagem.

3) A vulnerabilidade aos ataques do inimigo pode ser reduzida pela seleção de áreas ou de pontos que possibilitem a FT passar pelos flancos, ou áreas desocupadas da unidade em posição.

(c) Itinerário de retraimento

1) A FT utiliza vários itinerários de retraimento e evita a utilização de zonas de reunião ou paradas dentro da posição da unidade que faz o acolhimento.

2) A FT deve ter prioridade nos itinerários e na utilização das instalações.

3) Quando possível, os itinerários de retraimento, particularmente para elementos de carros de combate, devem evitar locais organizados da posição defensiva (núcleos de defesa).

4) O comandante da FT é responsável pelo controle de tráfego à frente da posição defensiva. O comandante da força em posição é responsável pelo controle do tráfego à retaguarda de sua área.

(d) Assunção da zona de ação

1) A hora e as condições em que a responsabilidade pelo controle da zona de ação é transferida para o comandante da unidade em posição são determinadas por entendimentos entre os dois comandantes interessados ou fixadas pelo escalão superior.

2) Normalmente, em um retraimento através de uma posição à retaguarda, o comandante da unidade em posição assume a responsabilidade pelo controle da zona de ação no momento em que a tropa que retrai atinja uma linha de segurança de apoio de artilharia ou uma linha de controle designada. Pode ser também a uma hora pré-determinada.

3) Na ação retardadora, a responsabilidade pela zona de ação, por parte do comandante da força que retrai, termina por ocasião de seu acolhimento na posição. A cooperação e a coordenação são essenciais para que o retraimento se processe em boas condições.

(e) Apoio ao combate e apoio logístico

1) A FT deve receber todo o apoio por parte da unidade em posição.

2) O apoio de fogo prestado pela unidade em posição é de grande importância, especialmente com relação à cobertura a ser dada aos destacamentos deixados em contato com o inimigo.

3) Os fogos devem ser coordenados entre as duas forças participantes das operações.

4) Áreas de abastecimento devem ser escolhidas à retaguarda dos elementos que farão o acolhimento, para proporcionar abastecimento de emergência, quando necessário.

(3) Medidas de coordenação e controle

(a) Rigoroso controle é necessário para um retraimento ordenado através de uma posição à retaguarda.

(b) As medidas por meio das quais a operação deve ser controlada e coordenada são previstas pelo escalão superior ou acertadas entre os comandantes interessados.

(c) Qualquer alteração das medidas de controle planejadas deve ser coordenada entre as unidades envolvidas e levadas ao conhecimento de todos os elementos interessados.

(d) As medidas de coordenação e controle, normalmente usadas, são: os pontos de ligação, os pontos de passagem, os itinerários de retraimento, a hora de passagem e os sinais de reconhecimento.

(e) Pontos de ligação

1) Neste tipo de operação, são designados pelo comando que enquadram unidades ou por combinação entre os comandantes envolvidos na operação.

2) Para assegurar uma perfeita coordenação entre as duas unidades, um ponto de ligação principal e outro alternativo devem ser designados em cada setor de subunidade. Estes pontos são efetivados pelos elementos de ligação e são localizados dentro do alcance das armas do limite anterior da área de defesa avançada e/ou posição de retardamento.

3) Os elementos da área de defesa avançada ou posição de retardamento enviam uma patrulha de ligação, equipada com rádio, e guias para o ponto de ligação.

(f) Pontos de passagem

1) Estes pontos são localizados no limite anterior da área de defesa avançada ou posição de retardamento, e através deles as forças são acolhidas. Devem ser reconhecidos pelas forças que retraem.

2) Os pontos de passagem são também empregados para proporcionar um meio de referenciar locais específicos e informações para o controle das unidades.

3) Os guias das unidades que realizam o acolhimento, normalmente, encontrarão os elementos que executam o retraimento no ponto de ligação e os guiarão através dos pontos de passagem sobre o limite anterior da área de defesa avançada ou posição de retardamento, e daí para retaguarda da unidade.

4) Estas ações são coordenadas pelos elementos de ligação das duas unidades.

(g) Itinerários de retraimento

1) São caminhos designados através da posição à retaguarda e que facilitam um retraimento ordenado e contínuo.

2) No interior da posição, é obrigatório que as tropas se mantenham sobre os itinerários prescritos.

(h) Hora da passagem

1) A hora da passagem é designada pelo comandante que ordenou a operação. Horas específicas são designadas para cada subunidade.

2) Um representante da unidade que retrai, com rádio, precederá a unidade de marcha no ponto de passagem. Estes representantes informam à unidade o número de veículos que estão retraindo e a identificação do último veículo a retrair.

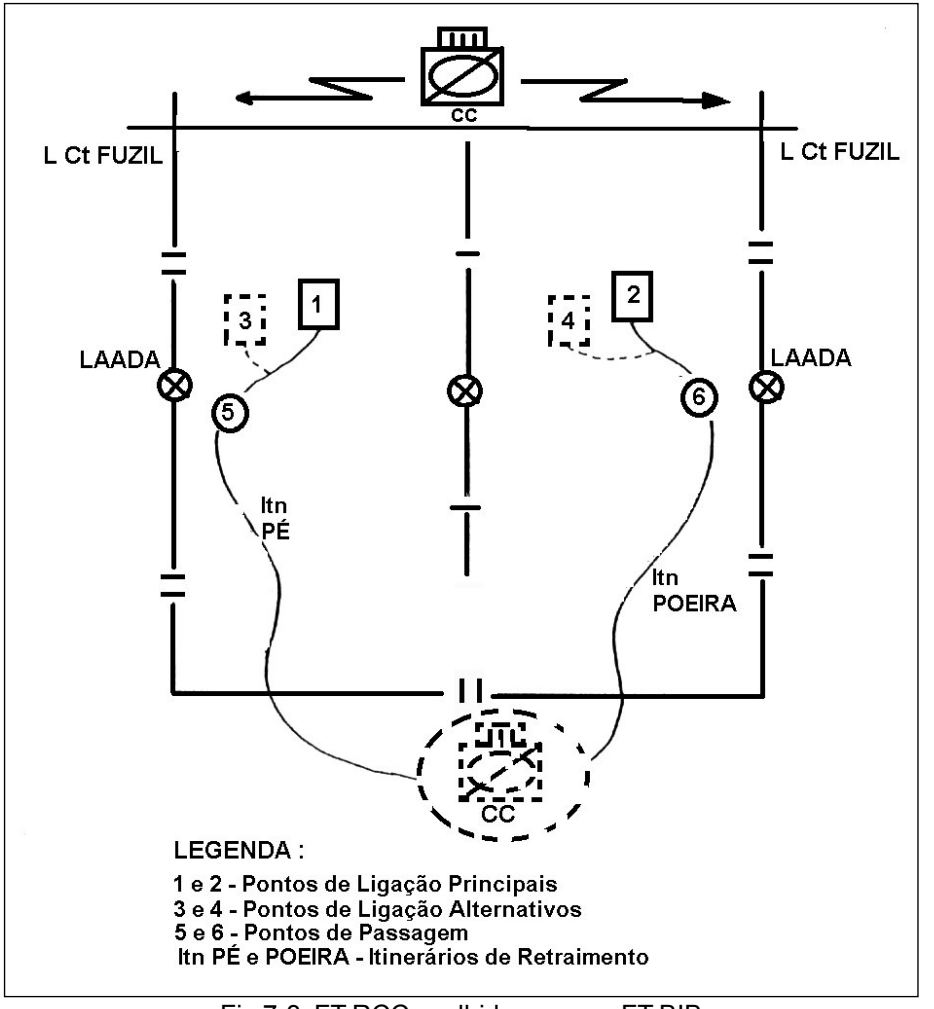

Fig 7-3. FT RCC acolhida por uma FT BIB

(i) Sinais de reconhecimento

1) São incluídos na ordem de operação e devem ser baseados nas instruções para a exploração das comunicações e eletrônica (IE Com Elt) e nas normas gerais de ação das unidades interessadas.

2) Os sinais de reconhecimento são acertados pelas duas unidades. Normalmente, os sinais de reconhecimento cobrem tanto o retraimento diurno quanto o noturno.

(4) Execução do retraimento

(a) Na hora prevista, os elementos da FT iniciam o deslocamento para retaguarda. Sempre que possível, a FT inicia e termina esse deslocamento durante períodos de visibilidade reduzida, evitando utilizar zonas de reunião e deter-se na

área de retaguarda da unidade em posição, uma vez que isto provoca um desnecessário aumento de densidade de tropas na área de operação.

(b) O comandante da unidade em posição designa e controla vários itinerários para obter a necessária dispersão e para acelerar o movimento da FT.

(c) O comandante da FT é responsável pela identificação do último elemento de sua organização a passar através da unidade em posição.

(d) A fim de reduzir a densidade de tropas durante o acolhimento, é conveniente retrair em primeiro lugar os elementos de apoio logístico, a reserva se houver, e os elementos de comando não essenciais e, posteriormente, os demais elementos de comando e de combate.

(e) No retraimento através de posição defensiva de um escalão imediatamente superior, a FT é responsável pelo controle do trânsito à frente da área de segurança do escalão considerado, a unidade em posição é responsável pelo controle do trânsito da posição para a retaguarda e o escalão superior, pelo controle de trânsito da FT desde o limite de retaguarda da unidade em posição até a área de reunião ou nova posição da força-tarefa.

7-5. CERCO

a. Generalidades

(1) Cerco é a operação que visa a isolar uma força inimiga em determinada área, bloqueando todas as vias de entrada e saída nessa área. Esta técnica de combate pode ser empregada contra forças inimigas isoladas ou suas instalações. Deve ser executado com rapidez e o máximo de sigilo e contar com elementos suficientes para cercar completamente a área desejada.

(2) O fator surpresa é fundamental nesse tipo de operação. A descoberta prematura do cerco pode resultar na fuga ou evasão do inimigo, antes que sua destruição ou captura possa ser executada.

(3) A operação de cerco exige força suficientemente grande para cercar ou destruir o inimigo ou a instalação. O cerco, inicialmente, será o mais amplo possível, de modo a assegurar que toda a força inimiga esteja contida dentro de seus limites. O ruído das viaturas pode prejudicar a surpresa. Assim, poderá ser conveniente desembarcar parte da tropa a uma distância afastada do objetivo, e deslocar as viaturas blindadas para posições determinadas, tão logo os elementos desembarcados tenham tomado suas posições. A rapidez na execução e o tempo disponível são fatores cruciais numa operação de cerco.

(4) A FT pode participar de um cerco conduzido pelo escalão superior. Um cerco, normalmente, exige uma força com predominância de fuzileiros.

b. Conduta do cerco

(1) Os deslocamentos para o cerco são executados com rapidez. As posições são ocupadas simultaneamente, a fim de bloquear a fuga e evitar a evasão. Se a ocupação simultânea das posições não for possível, as rotas de fuga mais prováveis devem ser bloqueadas primeiro.

(2) O isolamento é o fase mais crítico da operação. Nesta fase, a força de cerco procura isolar a força inimiga, cortando-lhe os itinerários de retraimento

e impedindo que receba reforços. Se o inimigo descobre que está sendo envolvido, poderá reagir para explorar os intervalos ou atacar os pontos fracos, forçando passagens através das quais possa escapar.

(3) A FT que ocupa posição no cerco deve destacar patrulhas de combate, o mais à frente possível, para alertar sobre o deslocamento do inimigo e para que possam ser preparadas emboscadas sobre os itinerários de fuga. Se fortes patrulhas de combate não podem ser empregadas, o mínimo de segurança desejado é a localização de uma linha de PAC com múltiplos postos de escuta. Uma reserva móvel deve ser orientada para conter qualquer ameaça de rompimento do cerco e reforçar áreas de difícil controle.

(4) Apoio de fogo de artilharia e de morteiros poderá ser empregado para encobrir o movimento dos carros de combate, através da realização de operações de dissimulação pelo fogo, enquanto os mesmos se deslocam para as posições. O controle e a coordenação dos fogos devem ser planejados, pormenorizadamente, para apoiar a operação, tão logo seja quebrado o sigilo.

(5) Segue-se ao cerco, a captura ou destruição do inimigo ou de suas instalações, o que é realizado metódica e completamente pelo emprego simultâneo do fogo e da manobra, e pela redução controlada do cerco. Como a linha do cerco vai sendo progressivamente diminuída, alguns elementos podem ser removidos da linha de cerco e colocados em reserva. Contra pequenas forças inimigas, uma área pode ser limpa pela contração progressiva do cerco; contudo, contra grandes forças inimigas, é provável que, em algum ponto, uma outra ação seja necessária. Nestes casos, são empregadas as técnicas abaixo.

(a) Efetuar uma cunha através da força inimiga e dividi-la em partes permitindo a destruição do inimigo em cada uma delas (Fig 7-4).

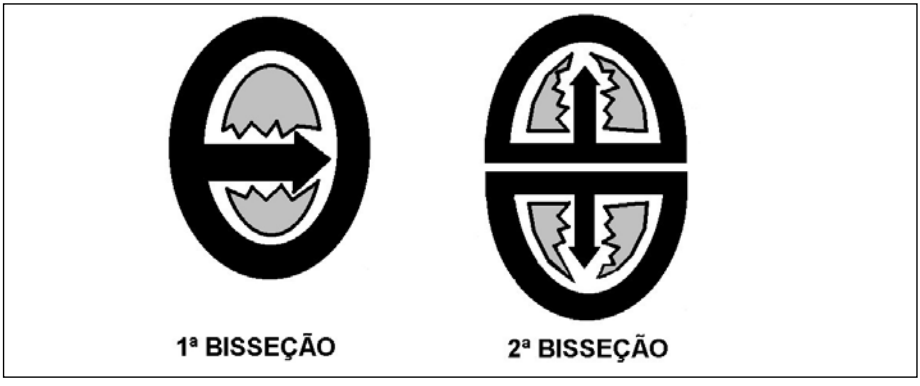

Fig 7-4. Destruição do inimigo na área de cerco pela divisão em subáreas

(b) Empregar uma força de bloqueio sobre um ou mais lados, do perímetro do cerco, enquanto parte da linha de cerco empurra a força inimiga contra a força de bloqueio por uma ação ofensiva. Qualquer elemento pode executar a destruição, embora normalmente, seja conduzida pelo elemento que ataca. Esta técnica é mais eficiente quando a força de bloqueio está localizada imediatamente à retaguarda de um obstáculo natural do terreno (Fig 7-5).

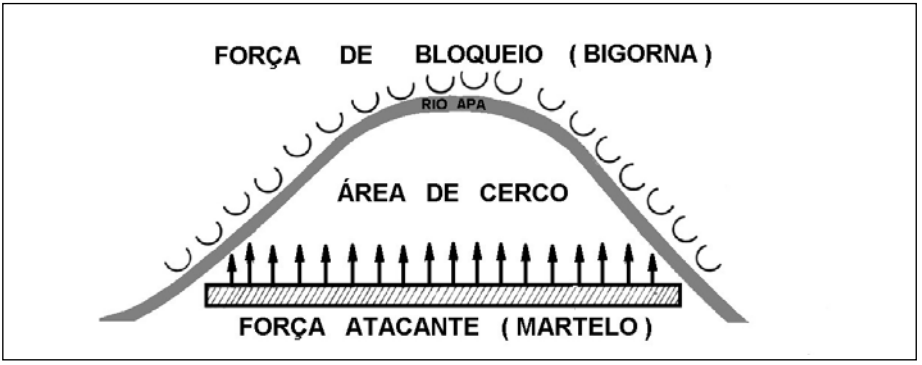

Fig 7-5. Destruição do inimigo na área de cerco pelo emprego de uma força de bloqueio e uma força atacante

ARTIGO III

OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

7-6. GENERALIDADES

Das operações relacionadas e classificadas como operações complementares, a que diz respeito mais diretamente às FT Bld é a operação de junção.

7-7. JUNÇÃO

a. Generalidades

(1) A operação de junção compreende o estabelecimento do contato físico entre duas forças terrestres amigas em operações. Tal encontro pode ocorrer em operações aeroterrestres, anfíbias ou aeromóveis, na substituição de uma unidade isolada, para estabelecer ligações com forças de infiltração, na ruptura de um cerco inimigo, para reunir forças divididas, na convergência de forças independentes ou no encontro com forças de guerrilha amigas.

(2) A FT pode participar de operações de junção integrando uma força maior ou pode executá-la com seus próprios meios.

(3) O fator tempo é, normalmente, crítico numa operação de junção.

b. Planejamento

(1) Generalidades

(a) O planejamento da operação deve assegurar estreita coordenação de esforços das forças envolvidas na junção. O planejamento é coordenado com antecedência, incluindo a troca de informações entre as duas forças.

(b) As seguintes considerações são de interesse no planejamento de operações de junção:

1) relações e responsabilidades de comando;

2) ligações de comando e de estado-maior;
3) sistema de reconhecimento;
4) coordenação dos esquemas de manobra;
5) medidas de coordenação de fogos;
6) coordenação dos planos de comunicações;
7) ações que se seguem à junção.

(2) Relações e responsabilidades de comando

(a) O comando que dirige a junção estabelece as relações e as responsabilidades de comando das duas forças.

(b) As relações de comando das forças envolvidas na operação de junção devem ser estabelecidas antes da operação, com definição clara de responsabilidades.

(c) Após a junção, as duas forças podem se grupar e formar uma única, sob controle de um dos comandantes; ou ambas podem permanecer sob o controle de um comandante superior.

(3) Ligações de comando e de estado-maior

(a) A ligação de comando e de estado-maior entre as duas forças é essencial. Deve ser estabelecida, inicialmente, durante a fase de planejamento e mantida durante a operação.

(b) À medida que a junção se torna iminente, pessoal de ligação adicional é trocado. Isso assegura coordenação de fogos e de quaisquer modificações nos planos táticos.

(c) Quando a operação envolve a junção com forças aliadas ou guerrilhas amigas, devem ser feitas prescrições relativas a intérpretes ou oficiais de ligação com suficiente conhecimento da língua a ser utilizada.

(d) Os meios aéreos podem facilitar grandemente as ligações.

(4) Sistema de identificação mútua

(a) O plano de identificação mútua é estabelecido pormenorizadamente para evitar a possibilidade de hostilidades entre as forças amigas ou que uma seja atingida pelos fogos de outra.

(b) Este plano inclui, normalmente, o emprego de artifícios pirotécnicos, painéis, marcação de viaturas, dispositivos coloridos, fumaças coloridas, meios infravermelhos, radar, sinais por gestos, senhas e contra-senhas.

(5) Coordenação dos esquemas de manobra

(a) Os esquemas de manobra devem ser permutados e medidas de controle estabelecidas com antecedência, pelas forças que participam da junção. Tais medidas compreendem, entre outras:

1) pontos de junção;
2) limites;
3) eixos de progressão;
4) objetivos.

(b) Poderão ser empregadas, também, linhas de controle, para facilitar o controle e localização da força.

(6) Medidas de coordenação de fogos

(a) A coordenação de fogos é obtida pela troca de planos de apoio de fogo e pelo emprego de medidas de controle, tais como:

1) linha de segurança de apoio de artilharia (LSAA);

2) linha de coordenação de fogos (LCF);

3) linha de coordenação do apoio de fogo (LCAF).

(b) As medidas de coordenação de fogos são estabelecidas pelo comando que dirige a operação.

(c) Após a junção, a responsabilidade pela coordenação do apoio de fogo, para as forças como um todo, deve ser claramente estabelecida. A responsabilidade por tal coordenação é, normalmente, atribuída ao comandante mais graduado na área ou à força que tenha interesse principal nas operações que se seguem à junção. O comando que dirige a junção designará o comandante que assumirá essa responsabilidade.

(7) Coordenação dos planos de comunicações - O plano de comunicações inclui os canais para comunicação rádio entre as duas forças. Deve prescrever os procedimentos de identificação a serem usados durante o dia e à noite, ou durante condições de reduzida visibilidade, incluindo, principalmente, os meios alternativos.

(8) Ações que se seguem à junção

(a) Medidas a serem tomadas após a junção devem ser estabelecidas com antecedência.

(b) Realizada a junção com a força estacionária, a força de junção pode reforçar ou assumir a defesa da área, prosseguir no ataque em coordenação com a força estacionária, ultrapassar ou contornar essa força e continuar o ataque para objetivos mais distantes. Serão baixadas prescrições para a substituição ou ultrapassagem, sempre que necessárias.

(c) Planos alternativos são elaborados, tendo em vista a possibilidade de ficar a força de junção incapacitada de atingir a força estacionária no tempo determinado. Em tal contingência, os planos devem prever o apoio de fogo, cobertura e suprimento aéreo para a força estacionária.

c. Execução da junção

(1) Junção de uma força em deslocamento com uma força estacionada

(a) Generalidades

1) A fase inicial de uma operação de junção é executada como uma operação ofensiva normal, começando, normalmente, por um ataque de oportunidade ou coordenado da força de junção, a fim de romper a posição inimiga que se interpõe entre as tropas amigas. Após o rompimento da posição inimiga, a força de junção lança-se em busca do contato com a força isolada.

2) Ao se aproximar o momento da junção das duas forças, a operação assume características peculiares, que a diferenciam das operações ofensivas normais. A coordenação e o controle são intensificados, por meio de restrições impostas às forças atacantes.

(b) Pontos de junção

1) Para evitar os riscos de um combate entre forças amigas, pontos de junção são selecionados. Neles o contato físico entre as forças deve ocorrer.

2) Os pontos de junção devem ser facilmente identificáveis por ambas as forças e em número suficiente para atender possíveis modificações na manobra, localizam-se onde os itinerários de progressão da força de junção

interceptam a linha ao longo da qual os elementos de segurança da força estacionária estão localizados.

3) Pontos alternativos devem ser estabelecidos, uma vez que a ação inimiga pode forçar a junção em locais diferentes dos planejados.

4) O número de pontos de junção estabelecidos depende da possibilidade da força estacionária, do número de itinerários utilizados pela força de junção, da natureza do terreno e das ameaças inimigas.

5) As tropas que guarnecem os pontos de junção, bem como os elementos que realizam o contato com as mesmas, devem estar familiarizadas com as normas para identificação mútua e com os planos para a rápida passagem da força em progressão.

(c) Junção propriamente dita

1) O apoio da força estacionária à força de junção, dentro do esquema de manobra, inclui o fornecimento de guias e a previsão de zonas de reuniões para a reorganização da força de junção.

2) Os obstáculos são removidos imediatamente antes da junção e são abertas trilhas e brechas através das barreiras.

3) Guias fornecidos pela força estacionária auxiliam o controle do trânsito para o interior das posições de defesa.

4) A força de junção é informada sobre os campos de minas e outros obstáculos existentes.

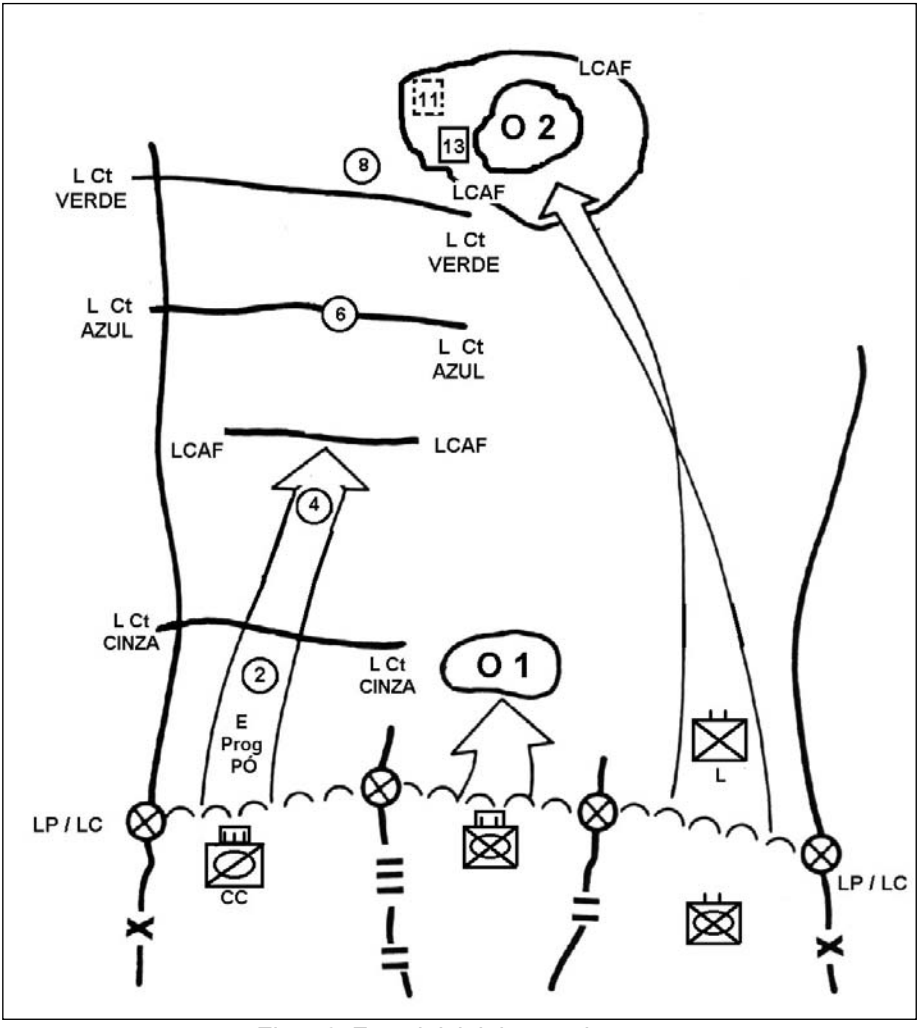

Fig 7-6. Fase inicial de uma junção

(d) Linhas de coordenação de fogos e de coordenação do apoio de fogo

1) Para evitar perda nas forças amigas, a linha de coordenação de fogos é estabelecida, coordenando os fogos, tanto da força de junção como da força estacionária.

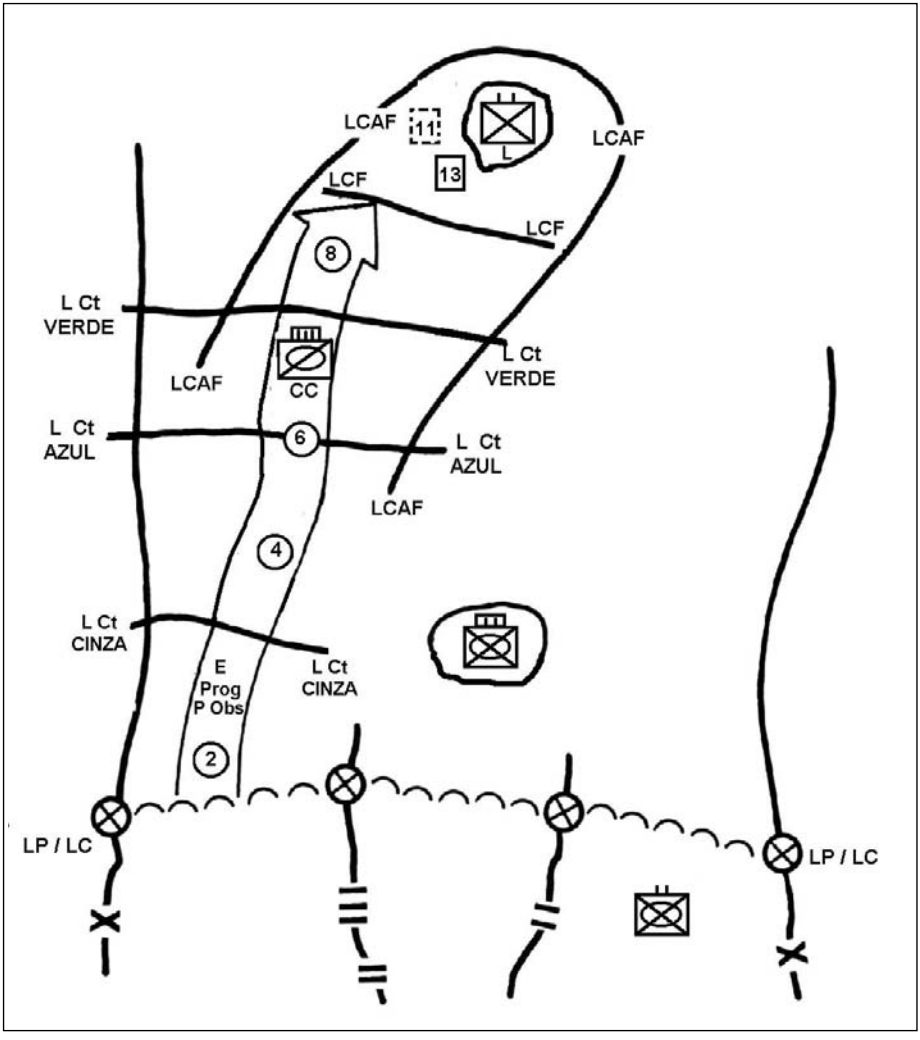

Fig 7-7. Junção propriamente dita

2) Nenhuma das forças pode desencadear fogos além das linhas estabelecidas, sem uma liberação prévia por parte da outra força.

3) À medida que a junção se torna iminente, a linha de coordenação de fogos é deslocada, a fim de permitir o máximo de liberdade de ação à força de junção.

4) O comando que dirige a operação estabelece linhas de coordenação de apoio de fogo para as forças. As linhas de coordenação do apoio de fogo são independentes, nos estágios iniciais; no entanto, à medida que a distância entre as duas forças diminui as linhas se aproximam e se transformam em uma linha de coordenação do apoio de fogo que atende a ambas as forças (Fig 7-8).

5) Ataques aéreos, na área entre as duas forças, são coordenados com as mesmas. Normalmente, a linha inicial de coordenação de fogos torna-se efetiva no momento em que uma linha comum de coordenação do apoio de fogo for estabelecida (Fig 7-8).

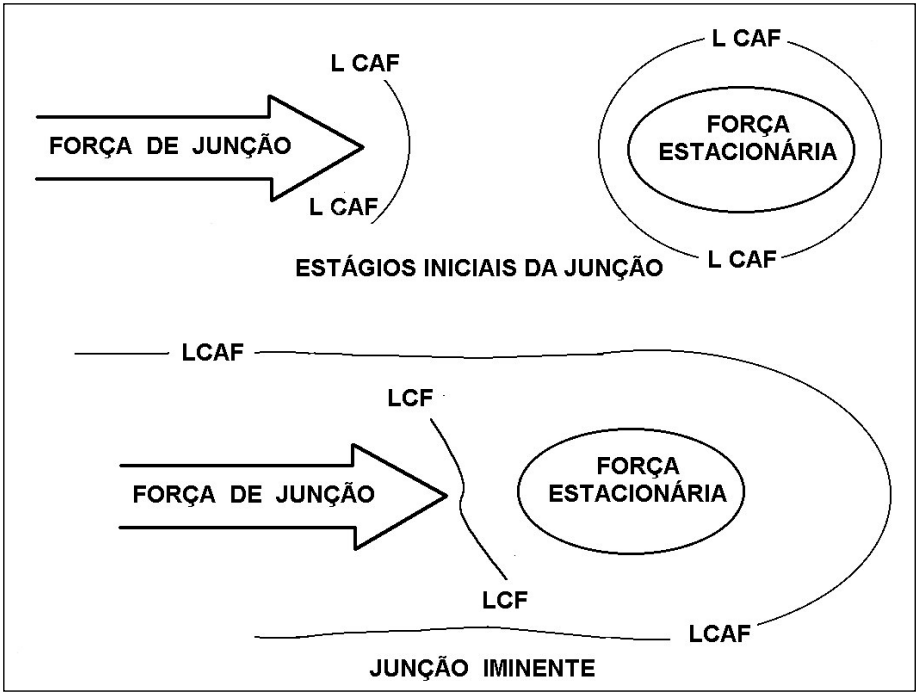

Fig 7-8. Medidas de coordenação e controle de fogos nas operações de junção

(e) Comunicações

1) Nas operações de junção, é comum o emprego de aeronaves (asa fixa ou móvel) para transmitir sinais ou, num sentido mais amplo, dilatar o raio das comunicações.

2) Sinais visuais, tais como artifícios de sinalização ou painéis, podem ser empregados durante o dia e artifícios de iluminação ou dispositivos de infravermelhos, podem ser empregados durante a noite.

(f) Ações após a junção

1) Quando a junção é feita, a força de junção pode reunir-se à força estacionada ou pode ultrapassá-la e continuar o ataque.

2) Se a força de junção continuar a operação em conjunto com a força estacionada, um comandante único deve ser designado para a força como um todo.

3) A força de junção pode passar através do perímetro da força estacionária e podem ser designados objetivos dentro do perímetro ou fora dele, dependendo da missão.

4) Se a missão e o terreno permitirem, é desejável que a força de junção desborde a força estacionária e os objetivos sejam designados fora do seu perímetro.

(2) Junção de duas forças em movimento - Quando duas forças em movimento realizam a junção, normalmente, algumas medidas de controle são prescritas, tais como, limites, linhas de coordenação de fogos, pontos de contato onde a junção deve ser feita. Realizada a junção, as forças continuam no cumprimento de suas missões.

CAPÍTULO 8

OPERAÇÕES SOB CONDIÇÕES ESPECIAIS DE AMBIENTE

Maiores detalhes sobre as operações sob condições especiais de ambiente serão obtidos no manual C 100-5 - OPERAÇÕES.

ARTIGO I

INTRODUÇÃO

8-1. GENERALIDADES

a. As operações sob condições especiais de ambiente ocorrem quando o combate é travado sob condições climáticas altamente desfavoráveis ou em terrenos difíceis. Em certas circunstâncias, podem ser necessários equipamentos adicionais ou treinamento especializado.

b. O terreno difícil pode reduzir a impulsão das operações ou canalizar o movimento das forças de combate, aumentando sua vulnerabilidade quanto à localização e identificação pelo inimigo. Em outros casos, o terreno pode oferecer cobertura e proteção natural contra os efeitos dos ataques inimigos.

c. A utilização do terreno difícil pelas forças em combate pode aumentar as oportunidades para se obter a surpresa. As áreas de terreno difícil favorecem a infiltração, as incursões e as operações de guerrilha.

d. Apesar do emprego das FT Bld neste tipo de ambiente restringir-se á uma situação de acompanhamento e de emprego eventual nas operações, elas poderão contribuir para localizar, atacar, fixar e destruir as forças inimigas. A integração de forças blindadas, de infantaria a pé e de engenharia serão, na maior parte das vezes, a melhor solução para o combate em terrenos difíceis como as regiões de selva, matas densas, florestas, bosques, serras e na caatinga.

ARTIGO II

OPERAÇÕES EM REGIÕES DE SERRAS E TERRENOS MONTANHOSOS

8-2. GENERALIDADES

a. O emprego de viaturas blindadas em regiões de serras e terrenos montanhosos será, normalmente, restrito às estradas e trilhas.

b. Nas operações em regiões desse tipo deve-se dar especial atenção às informações sobre o terreno obtidas junto aos habitantes da área. Todavia, deve-se buscar estas informação em cartas topográficas atualizadas, bem como, em fotografias aéreas, imagens de radar e satélite, entre outros.

c. As regiões de serras e os terrenos montanhosos retardam o movimento e restringem a mobilidade, reduzem os efeitos do fogo e tornam difíceis as comunicações e o apoio logístico. As estradas são, normalmente, escassas e exigem manutenção intensiva.

d. A existência de diversas serras e regiões montanhosas no território brasileiro, em especial as localizadas junto à fronteira norte e nas regiões sul e sudeste, onde é possível o emprego de viaturas blindadas, faz com que este tipo especial de combate seja enfocado com atenção pelas FT Bld, que poderão vir a ser empregadas nessas áreas, seja em operações de combate convencional ou irregular.

8-3. EMPREGO DAS FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS NAS OPERAÇÔES EM REGIÕES DE SERRAS E TERRENOS MONTANHOSOS

a. O emprego das FT Bld nas operações em regiões de serras e terrenos montanhosos será mais reduzido que nos terrenos abertos. Entretanto, as possibilidades de realização de fogo direto dos blindados poderão indicar o seu emprego, sempre que possível, na força de manobra.

b. Neste tipo de região, o movimento é canalizado para as poucas estradas existentes nos vales e nas trilhas localizadas nas partes altas do terreno. Esta característica possibilita o emprego de emboscadas contra blindados e o estabelecimento de pontos fortes.

c. Dependendo da região, o tiro dos canhões dos CC poderá ficar prejudicado em função da limitação do ângulo de tiro vertical do armamento. A progressão das viaturas será lenta, sendo necessária a realização de um eficiente e minucioso reconhecimento, para detectar possíveis emboscadas anticarro do inimigo, antes de cada lanço.

d. Em operações ofensivas, se o terreno permitir, os blindados podem ser empregados em apoio aos fuzileiros desembarcados. Quando o terreno apresentar corredores favoráveis ao movimento e que permitam o emprego de carros de combate, esses podem participar do ataque.

e. Nas operações defensivas, o emprego das FT Bld é muito limitado. Contudo, sempre que possível, devem ser aproveitadas as características dos carros de combate e das viaturas blindadas em ações ofensivas.

ARTIGO III

OPERAÇÕES EM REGIÕES DE MATA DENSA E DE SELVA

8-4. GENERALIDADES

a. Nas regiões de mata densa e de selva o emprego de forças blindadas é muito limitado. Caso venha a ser realizado, ficará, em princípio, restrito aos eixos terrestres existentes na região, às localidades e às áreas desmatadas ou abertas que possam existir ao longo dos eixos.

b. A cobertura vegetal nas áreas de matas densas e de selvas dificulta o movimento do homem a pé e impede o movimento de viaturas em seu interior, reduz a observação terrestre e aérea, os campos de tiros tornam-se restritos pela densidade das árvores e as comunicações rádio são restritas. Entretanto, esta cobertura vegetal proporciona facilidade para a camuflagem das forças, favorecendo a obtenção da surpresa.

c. No território nacional existem grandes áreas cobertas pela floresta amazônica, mata atlântica, de araucárias ou por matas cultivadas (reflorestamento), que permitem o emprego de forças blindadas em determinadas situações e em locais específicos, como as estradas e localidades. As características e possibilidades das FT Bld e de suas viaturas blindadas, se exploradas adequadamente, poderão contribuir para o sucesso das operações nestas regiões de densa cobertura vegetal, aumentando o poder de combate da tropa e permitindo que o emprego da infantaria a pé seja direcionado para as operações no interior da selva e das matas densas, onde suas características podem ser melhor exploradas.

8-5. INFLUÊNCIA DO MEIO AMBIENTE NO COMBATE NAS REGIÕES DE SELVAS

a. As selvas são áreas de florestas equatoriais densas e de clima quente, úmido ou superúmido, cujas características impõem o emprego de formas especiais de combate. As características dessas regiões que mais interferem nas operações são:

(1) as elevadas temperaturas, a grande pluviosidade e intensa umidade;
(2) vegetação densa e exuberante e abundância de águas interiores;
(3) a fraca densidade demográfica;
(4) a escassez de vias de transporte terrestres.

b. O meio ambiente agressivo exige uma aclimatação e adestramento especial do combatente, visando a sua adaptação orgânica às condições climáticas e meteorológicas da região onde vai combater.

c. A adversidade do clima, das condições meteorológicas e das dificuldades para a realização do apoio logístico exigem redobrados cuidados com o material e os suprimentos, visando a sua conservação para emprego em combate.

d. A grande umidade exige um redobrado esforço das guarnições das viaturas blindadas na manutenção e conservação dos optrônicos e equipamentos de observação em geral, a fim de mantê-los em condições de utilização.

8-6. EMPREGO DAS FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS NAS REGIÕES DE MATAS DENSAS E DE SELVA

a. O emprego de FT Bld nas áreas de mata densa e selva dificultará a exploração de algumas de suas características e imporá a adoção de técnicas e processos de combate e de apoio logístico especiais. As principais modificações táticas e logísticas deverão ser:

(1) a grande redução na mobilidade das frações, restrita aos eixos e espaços abertos junto à estes e nas localidades;

(2) a redução dos campos de tiro e de observação;

(3) alterações nas técnicas e processo de deslocamento;

(4) permanente necessidade de segurança em todas as direções;

(5) maior dependência do apoio dos fuzileiros blindados ou à pé e da engenharia;

(6) maior importância das missões de defesa e segurança de áreas de retaguarda, como a de escolta de comboios, a defesa de pontos fortes e a segurança de pontos sensíveis;

(7) maior necessidade de manutenção de todos os equipamentos, armamentos e viaturas, e o conseqüente aumento do consumo de suprimentos classe III e IX;

(8) maior dificuldade na exploração das comunicações rádio;

(9) aumento na realização de missões desembarcadas pelos fuzileiros blindados.

(10) restrições ao emprego dos canhões das viaturas blindadas e dos morteiros;

(11) exigência de maior ação de comando, particularmente na manutenção do moral da tropa e do estado de saúde dos combatentes (selva);

(12) maior atenção e cuidados na confecção e distribuição da alimentação e no suprimento de água (selva).

b. As restrições para o deslocamento de tropas blindadas em regiões de selva e de matas densas, limitando o movimento aos poucos eixos terrestres existentes, só aconselha o emprego de tropas até o nível unidade.

c. Nestas regiões, as principais ações táticas serão realizadas ao longo dos eixos existentes, crescendo de importância os acidentes do terreno que permitam o controle da circulação, como as localidades, os nós rodoviários, os campos de pouso e os ancoradouros.

e. As FT Bld poderão ser empregadas nas operações em áreas de selva na defesa de grandes bases de combate e de pontos fortes nas localidades e ao longo das estradas; na escolta de comboios e como reserva móvel e potente no interior de bases de combate de maior porte e importância.

f. Nas regiões de mata densa as FT Bld poderão conduzir operações defensivas e ofensivas, limitadas aos eixos, às clareiras e localidades.

8-7. EMPREGO DAS FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS NAS REGIÕES DE BOSQUES E FLORESTAS

a. As operações em regiões de florestas ou em áreas de bosque são divididas em três fases:

(1) ataque e ocupação da orla anterior;
(2) progressão no interior;
(3) desembocar do bosque ou floresta.

b. Ataque e ocupação da orla anterior

(1) É semelhante ao ataque a qualquer outra área defendida. A orla anterior é designada como objetivo. Quando o ataque deve percorrer uma grande faixa do terreno exposta à observação e ao fogo do inimigo, ele pode ser realizado durante as horas de escuridão ou coberto por fumaça. Os processos de ataque empregados são os mesmos que para uma posição organizada.

(2) Quando se conquista a orla da floresta, o escalão de assalto a consolida e se reorganiza. As distâncias e os intervalos entre as pequenas unidades e as armas de apoio são reduzidas, para que o contato possa ser mantido durante o avanço através da floresta ou bosque. Desde que a orla da floresta seja um bom alvo para a artilharia e a aviação inimiga, a consolidação e a reorganização devem ser rápidas.

c. Progressão no interior do bosque ou floresta

(1) A tática empregada deve se sobrepor às táticas empregadas pelo inimigo. Os fuzileiros e as viaturas blindadas se deslocam juntos, na mesma velocidade.

(2) Os fuzileiros, precedendo os carros de combate, mantêm o contato visual cerrado com os CC, localizando alvos para eles e proporcionando-lhes segurança.

(3) Freqüentes altos são realizados para reorganização, orientação e execução dos suprimentos, dependendo da extensão do bosque ou da área de selva a ser transposta. O consumo de combustível e munição é muito grande.

d. Desembocar do bosque ou floresta

(1) O prosseguimento do ataque fora da orla posterior do bosque ou floresta, é conduzido da mesma maneira como em qualquer outro ataque. Os planos são, normalmente, feitos para reorganizar o escalão de ataque antes do desembocar, especialmente, quando resistências inimigas muito fortes podem ser encontradas após a limpeza da área coberta. Quando necessário, as unidades e armas de apoio são redistribuídas e os limites, as zonas de ação e as formações das subunidades são reajustadas.

(2) Novos objetivos são designados. Sempre que possível devem ser acidentes capitais cuja captura retira a orla posterior da floresta ou bosque da observação terrestre e dos fogos diretos do inimigo. Os fogos de artilharia e morteiros e o emprego de fumígenos são planejados para auxiliar o desembocar.

(3) Se o inimigo estiver mantendo um eixo de penetração a FT deve empregar na operação um escalão de ataque constituído unicamente por fuzileiros a pé que, efetuando um movimento de flanco pelo interior da selva, ataca a retaguarda do inimigo. Os carros de combate são empregados num ataque secundário frontal à posição, e se deslocam pela estrada sobre o objetivo quando o escalão de ataque atingir a retaguarda e os flancos do inimigo.

ARTIGO IV

OPERAÇÕES NA CAATINGA

8-8. GENERALIDADES

As áreas de caatinga possuem as seguintes características gerais: baixa pluviosidade, pouca umidade, altas temperaturas, grande diferença de temperatura entre o dia e a noite, rápida recuperação da vegetação à chegada das chuvas e dificuldade de movimentos fora das poucas estradas existentes, em determinados tipos de terreno.

8-9. OPERAÇÕES EM REGIÕES DE CAATINGA

a. Nas regiões de caatinga as operações das FT Bld serão facilitadas pela existência de campos de tiro e observação amplos e profundos, apesar do movimento ser restrito às trilhas e estradas em determinadas áreas. A vegetação ressecada, os seixos e pedras do terreno poderão restringir o movimento de viaturas, exigir maior atenção por parte dos motoristas e maior trabalho das equipes de manutenção.

b. As operações nas áreas de caatinga são influenciadas pelos seguintes fatores:

(1) campos de tiro mais extensos;

(2) menor restrição à manobra, porém maiores restrições quanto a localização e utilização das vias de transportes terrestres;

(3) aumento das necessidades de segurança e das medidas de dissimulação de combate, tendo em vista as dificuldades camuflagem para forças blindadas;

(4) maiores possibilidades de se obter a surpresa pela rapidez de movimento;

(5) aumento dos problemas de apoio logístico;

(6) elevadas necessidades de suprimento e manutenção para viaturas e equipamentos, motivadas pela poeira, rochas e variações de temperatura.

c. Nas operações na caatinga a execução do apoio logístico é difícil e cresce de importância o controle das localidades e das fontes de víveres e água.

ARTIGO V

OPERAÇÕES EM REGIÕES CONTAMINADAS COM AGENTE QBN

8-10. GENERALIDADES

a. Considerando-se que o ataque, principalmente de agentes químicos e biológicos, é relativamente simples de ser executado e pode ser uma opção tática e estratégica até mesmo de exército de baixo nível de sofisticação tecnológica, a defesa e a proteção QBN devem ser tratadas com destaque em todos os planejamentos militares.

b. Quando da contaminação de determinada região do campo de batalha por agente Químico, Biológico ou Nuclear (QBN), a idéia da defesa e da proteção deve ser colocada em posição de destaque. A principal preocupação das tropas que sofrem um ataque QBN é o preparo e a adequação aos materiais de proteção QBN. Esta preparação para a proteção deve envolver o indivíduo, as frações especializadas e restrições de ordem tática que serão impostas para as operações.

b. Em princípio, áreas contaminadas por agentes QBN devem ser evitadas. Sendo imprescindível a sua utilização, será necessário que a tropa tenha um rigoroso preparo na utilização dos materiais e equipamentos de defesa QBN, individuais e coletivos, além dos trabalhos de descontaminação após o contato físico com os agentes nas áreas contaminadas.

c. O manual de campanha C 3-40 - DEFESA CONTRA ATAQUES QUÍMICOS, BIOLÓGICOS E NUCLEARES trata do assunto com maiores detalhes.

8-11. EMPREGO DAS FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS EM REGIÕES CONTAMINADAS COM AGENTES QBN

As operações de tropas blindadas sob as condições de contaminação QBN apresentam as seguintes restrições:

a. utilização de equipamentos de proteção coletiva para as guarnições das viaturas blindadas;

b. necessidade de equipes especializadas em defesa QBN para os trabalhos de descontaminação;

c. emprego da tropa somente com a utilização de equipamentos especiais de defesa QBN, como máscaras contra gases e roupas protetoras;

d. necessidade se distribuir à tropa detetores de agentes químicos e

nucleares, além de estojos de primeiros socorros individuais mais complexos, com vacinas e antídotos contra agentes biológicos;

e. maior grau de complexidade na operação do armamento e de equipamentos diversos, na condução de viaturas e na observação do campo de batalha, em função das restrições impostas pelos equipamentos individuais de proteção QBN;

f. redução no ritmo das operações e maior dificuldade na execução das ações táticas planejadas.

CAPÍTULO 9

OPERAÇÕES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

ARTIGO I

TRANSPOSIÇÃO DE CURSO DE ÁGUA

9-1. GENERALIDADES

Para maiores informações sobre as operações de transposição de curso de água, devem ser consultados os manuais de campanha C 31-60 - OPERAÇÕES DE TRANSPOSIÇÃO DE CURSO DE ÁGUA e C 61-100 - A DIVISÃO DE EXÉRCITO.

9-2. A FORÇA-TAREFA NA TRANSPOSIÇÃO DE CURSO DE ÁGUA

a. Considerações gerais

(1) A FT participará de operações de transposição de curso de água enquadrada, normalmente, na brigada.

(2) Quando a brigada, no curso de um aproveitamento do êxito, encontra um rio obstáculo, todos os esforços são realizados para prosseguir o avanço sem paradas ou concentrações de valor significativo em ambas as margens. A transposição deverá ser buscada nas regiões onde o inimigo possa oferecer menor resistência, desbordando-se a posição defensiva principal da força inimiga.

(3) A FT será empregada para a conquista de regiões de passagens na zona de ação da brigada. A aproximação do rio deve ser feita com a máxima velocidade e em uma larga frente. Na impossibilidade da conquista de pontes intactas, será realizada uma transposição imediata em uma larga frente, tirando proveito, em particular, das características anfíbias das VBTP / VBC-Fuz da FT. A transposição imediata é caracterizada pela velocidade e pela surpresa. Todas

as estradas que conduzem ao rio devem ser reconhecidas, mesmo aquelas que não conduzam diretamente aos locais de travessia, mas proporcionem alternativas para o planejamento. A preparação dos locais de travessia para a transposição é feita, normalmente, à noite, sob condições de visibilidade reduzida.

(4) Atuando no contexto da Bda, a FT poderá desempenhar as seguintes missões que contribuirão para o êxito e rapidez de uma operação de transposição de curso de água:

(a) reconhecimento de locais de travessia;

(b) tomada de pontes e locais de travessia intactos;

(c) conquista e Mnt de objetivos que dominem os locais de travessia;

(d) realização de fintas e demonstrações;

(e) contra-ataque para neutralizar penetrações do inimigo no perímetro da cabeça-de-ponte.

(5) No intuito de preservar a iniciativa, através da rapidez e da surpresa, aspectos fundamentais para o sucesso, a FT deverá estar continuamente preparada para a participação numa operação de transposição de curso de água.

(6) O emprego das VBTP / VBC-Fuz da FT numa transposição imediata assegurará as condições mínimas indispensáveis para que a engenharia orgânica do escalão superior lance e opere os meios descontínuos para a transposição de viaturas não anfíbias.

b. O emprego dos Esqd CC na transposição de curso de água

(1) Numa operação de transposição de curso de água, normalmente, os CC serão empregados, inicialmente como base de fogos, apoiando os elementos de fuzileiros que executam a transposição.

(2) Deverão ser executados reconhecimentos, a fim de determinar quais as melhores posições para os carros prestarem o apoio de fogo. Os fogos deverão ser coordenados de maneira que possam ser suspensos ou alongados conforme requeira a evolução da operação.

(3) Quando executarem esta missão, os CC deverão receber suprimento de munição adicional, possibilitando serem empregados posteriormente, na 2ª margem, com suas dotações completas.

(4) Após a conquista da 2ª margem e criadas condições para a transposição de curso de água, pela engenharia, os CC dos Esqd CC reintegram-se ao escalão de assalto, a fim de prestarem o apoio necessário ao prosseguimento da operação.

(5) Os CC dos Esqd CC desempenharão importante missão na neutralização de penetrações inimigas no perímetro da cabeça-de-ponte e no aproveitamento do êxito da operação de transposição.

c. O emprego dos Esqd / Cia Fuz Bld na transposição de curso de água

(1) Os Esqd/Cia Fuz Bld são particularmente aptos para a transposição de cursos de água obstáculos já que suas viaturas são anfíbias. Entretanto, necessita dispor de pessoal habilitado a realizar o reconhecimento para permitir o uso adequado de suas possibilidades anfíbias.

(2) Uma vez que a área de travessia tenha sido selecionada, o

comandante determina o número de locais de travessia. Os primeiros elementos, ao se aproximarem do curso de água obstáculo, procuram determinar o valor e o dispositivo do inimigo e identificar os locais de travessia. O objetivo inicial é eliminar as posições inimigas na primeira margem. Quando se dispõe de pessoal para o reconhecimento subaquático, este fará parte da primeira força que atingir o curso de água.

(3) Em cursos de água fracamente defendidos grupos de fuzileiros cruzam o rio e se apossam da segunda margem. Os CC e outras viaturas blindadas apoiam, pelo fogo direto, os reconhecimentos e as operações na cabeça-de-ponte. Após a engenharia cerrar e lançar seus meios de transposição de cursos de água, os carros de combate e o restante da FT cruzam o rio, reunindo-se aos Fuz Bld.

(4) Em cursos de água fortemente defendidos serão realizadas operações de transposição de cursos de água coordenadas pelo escalão DE. As FT Bld, poderão ser empregadas inicialmente na conquista da cabeça-de-ponte ou serem empregadas após o lançamento das passagens sobre o rio (portadas ou pontes), com a missão de alargar a cabeça-de-ponte ou aproveitar o êxito.

ARTIGO II

OPERAÇÕES EM ÁREAS FORTIFICADAS

9-3. ATAQUE CONTRA POSIÇÃO FORTIFICADA

a. Generalidades

(1) Uma área fortificada caracteriza-se por numerosos trabalhos defensivos e posições organizadas, dispostos em largura e em profundidade, que se apoiam mutuamente. Raramente um área fortificada é constituída por uma única posição fortemente organizada.

(2) Nas áreas fortificadas os trabalhos defensivos podem ser constituídos de fortificações permanentes e de campanha, amplamente desenvolvidas e localizadas dentro de um extenso sistema de barreiras. As características de uma área fortificada incluem um forte sistema de postos avançados, uma bem desenvolvida rede de estradas, um amplo sistema de comunicações e uma reserva altamente móvel, localizada em posição central e provida de uma extensa rede de itinerários cobertos.

(3) As forças de combate, normalmente, devem evitar o combate ofensivo em áreas fortificadas. Quando isto não for possível, devem procurar, com um mínimo de forças, fixar as posições fortificadas, enquanto a força principal continua o avanço para a conquista de objetivos mais distantes e decisivos. A redução de uma área fortificada é, normalmente, uma operação de DE ou Bda e pode incluir um cerco ou um ataque pela retaguarda.

(4) Quando forem empregadas num ataque a uma área fortificada, as FT deverão empregar no escalão de ataque, desde que possível, forças-tarefas de CC e fuzileiros blindados. Neste tipo de operação as FT devem receber apoio de elementos de artilharia , engenharia e meios aéreos.

b. Planejamento do ataque

(1) Reconhecimento da posição fortificada - Um completo estudo de situação, planos e ordens pormenorizados são essenciais em um ataque contra uma posição fortificada. O estudo de situação é baseado em um intensivo reconhecimento. Este começa com um estudo preliminar na carta e aerofotogramétrico, após o qual todos os comandantes executam um extensivo reconhecimento pessoal. Postos de observação, patrulhas, interrogatórios de civis e aeronaves são empregados para obtenção de dados. O reconhecimento procura dados sobre:

(a) localização das fortificações, tais como posições de concreto para metralhadora;

(b) localização de obstáculos, tais como campos de minas, cercas de arame e trincheiras;

(c) pormenores das fortificações, tais como espessura do concreto e aço, entrada e saída, e organização subterrânea;

(d) localização e tipo de armas do inimigo;

(e) itinerários de aproximação desenfiados para a posição;

(f) posições das quais o apoio de fogo direto pode ser fornecido para a força assaltante.

(2) Organização dos elementos de assalto - Os elementos de assalto são, normalmente, organizados em torno dos pelotões de fuzileiros, com o apoio dos elementos de carros de combate. O elemento de assalto é dividido, normalmente, em um ou dois grupos de flanco, um grupo de assalto e um grupo de apoio. Cada grupo pode dispor de carros de combate em apoio. Cada homem e cada veículo, nestes elementos, recebe uma missão especial para executar. A estes elementos deve ser dado o máximo de tempo possível para os ensaios e o reconhecimento. Normalmente, a cada elemento (valor subunidade) é designado apenas um abrigo fortificado de cimento armado, ou uma casamata, ou uma fortificação semelhante de cada vez.

(3) Emprego dos carros de combate contra as fortificações - O carro de combate normalmente proporciona apoio de fogo direto para os elementos de assalto. Eles atiram nas seteiras abertas e procuram destruir a fortificação. Os carros de combate, normalmente, seguem outros elementos da subunidade, mas devem estar suficientemente cerrados para dar apoio direto em qualquer tempo.

(4) Emprego de lança-chamas contra fortificações - Tanto os lança-chamas portáteis como os mecanizados podem ser empregados pelos elementos de assalto. O lança-chamas é uma arma eficiente para os últimos momentos, a fim de proteger o homem após o assalto e para limpar a fortificação assaltada.

(5) Emprego de fumígenos contra a fortificação - O fumígeno pode ser empregado para encobrir toda a frente, para cobrir os movimentos das tropas para a posição, para encobrir um ou ambos os flancos de uma brecha criada por um avanço desigual das unidades, para camuflar uma área fora da ação imediata, ou para cegar os postos de observação, e as fortificações que não podem ser neutralizadas por outras armas. Ainda que o ataque possa ser feito durante a noite, a fumaça pode conter o possível emprego, pelo inimigo, de

artifícios de iluminação. O emprego da fumaça deve ser coordenado para assegurar que ele não interfira com as necessidades de fogos diretos sobre as fortificações e sobre a observação terrestre dos elementos de assalto. Se as condições são favoráveis, todo esforço deve ser feito para observar as fortificações que possam apoiar àquelas que estão sendo atacadas.

(6) Ordens de ataque às fortificações - As ordens para um ataque a uma posição fortificada, normalmente, são expedidas com grandes pormenores. O ataque a cada ponto forte defensivo é planejado separadamente e coordenado com os ataques às fortificações adjacentes. A ordem inclui instruções pormenorizadas para cada escalão de assalto, incluindo as posições, os itinerários que devem ser seguidos, a hora de abrir fogo, os tipos de fogos a serem empregados, as áreas nas quais os elementos podem atirar, a conduta geral e as ações de cada elemento de assalto.

(7) Emprego dos tratores e dos blindados da engenharia - Na fase inicial do ataque, os tratores ou os blindados da engenharia podem ser empregados para auxiliar na remoção de obstáculos. Tão logo o escalão de assalto cerre sobre a fortificação, esses equipamentos se movem para a frente, a fim de se colocarem em condições de cobrir as fortificações com terra. Este é um eficiente meio de imobilização das tropas inimigas que recusam render-se.

c. Conduta do ataque a áreas fortificadas

(1) O ataque, normalmente, começa com um intenso fogo de artilharia e com a colocação de uma cortina de fumaça, se as condições forem favoráveis. É aconselhável também um bombardeio aéreo às fortificações. Enquanto a artilharia está atirando, os itinerários são limpos de minas antipessoal, pelo emprego de granadas ou outros meios. Meios especiais de demolição podem ser empregados para destruir campos minados. Quando as passagens estiverem abertas, os elementos de assalto se deslocam para a frente, tão rapidamente quanto possível, cobertos pelos fogos de apoio.

(2) Os grupamentos de flanco dirigem seus fogos contra qualquer posição nos flancos da fortificação. Os carros de combate e as metralhadoras de todos os grupos atiram contra as seteiras para mantê-las fechadas. Se a fortificação está protegida por arame, uma passagem através da cerca deve ser feita pelas equipes de demolição, pelos carros de combate ou por meio de cargas explosivas. Se possível, o grupo de assalto avança sobre o terreno não batido pelos fogos das seteiras das fortificações. Os canhões dos carros de combate cessam de fazer fogo ao sinal do comandante do elemento de assalto e as metralhadoras, tanto dos carros de combate como dos elementos a pé cessam o fogo quando o fator segurança da tropa atacante o determinar. O tiro de armas anticarro e lança-chamas (quando disponível) dirigidos contra as seteiras dos abrigos podem ser empregados pelos elementos de assalto para auxiliar na proteção do avanço de uma equipe de demolição. Após o rompimento da fortificação, o grupo de assalto avança sobre a posição e com granadas de mão e lança-chamas destrói toda a resistência inimiga. Os grupos de apoio e de flanco se deslocam e cobrem rapidamente a reorganização dos elementos de assalto.

(3) Durante a fase de limpeza do terreno, os carros de combate devem

ficar preparados para atirar nas prováveis vias de acesso de contra-ataque do inimigo. Os carros de combate que apoiaram o ataque pelo fogo se deslocam para a frente, a fim de auxiliar os elementos de assalto. Elementos descansados se deslocam rapidamente para a frente, a fim de prosseguirem no aprofundamento e alargamento da brecha.

9-4. DEFESA DE UMA POSIÇÃO FORTIFICADA

Os carros de combate fazem, normalmente, parte da reserva para o emprego em contra-ataques. Contudo, quando existem várias vias de acesso apropriadas aos blindados, carros de combate podem ser dados em reforço para as unidades avançadas de defesa, a fim de cobrirem as vias de acesso críticas, por meio de posições desenfiadas de torre.

ARTIGO III

OPERAÇÕES EM ÁREAS EDIFICADAS

9-5. GENERALIDADES

A doutrina básica para as operações em áreas edificadas é essencialmente a mesma que está descrita nos capítulos relativos a essas operações, nos manuais C 31-50 - COMBATE EM ZONAS FORTIFICADAS E LOCALIDADES e C 100-5 - OPERAÇÕES. A natureza do ambiente reduz a velocidade com a qual as unidades blindadas, normalmente, conduzem suas operações.

9-6. ATAQUE EM ÁREA EDIFICADA

a. Generalidades

(1) A FT pode participar de uma ataque a uma localidade seja como força de isolamento, seja como força de investimento.

(2) No primeiro caso a força-tarefa deve isolar a localidade em sua Z Aç, conquistando regiões que permitam destruir as forças inimigas que tentem entrar ou sair na localidade e apoiar a força de investimento.

(3) Nas FT Bld, as FT Esqd / Cia Fuz Bld serão empregadas, em princípio, como força de investimento. As FT Esqd CC, normalmente, integrarão a base de fogos.

(4) Durante a fase inicial do investimento da localidade os fuzileiros, em princípio, deverão realizar o ataque desembarcados. Na progressão no interior da localidade os fuzileiros devem avançar protegidos pelas VBTP / VBC- Fuz e pelos CC.

(5) Na progressão no interior da área edificada, os carros de combate devem atirar no segundo andar de casas e prédios, abrindo passagem para os fuzileiros que, subindo nas VBTP / VBC- Fuz, podem acessar as edificações pelo segundo pavimento e realizar a limpeza das resistências inimigas.

b. Características gerais do combate em localidade - Em decorrência dos aspectos militares anteriormente enumerados, o combate no interior de uma localidade se reveste das seguintes características:

(1) observação limitada;

(2) campos de tiro reduzidos;

(3) dificuldades de controle e coordenação;

(4) descentralização máxima, até os mais baixos escalões de comando;

(5) dificuldade de localizar o inimigo (devido à pequena visibilidade e à ampliação e reflexão de som nas áreas edificadas);

(6) dificuldade de comunicações;

(7) predomínio do combate aproximado, estando os contendores separados, muitas vezes, apenas por um muro (ou parede);

(8) dificuldade de apoio cerrado de artilharia e aéreo (por ser pequena a margem de segurança, devido à proximidade do inimigo e às dificuldades de observação e de comunicações);

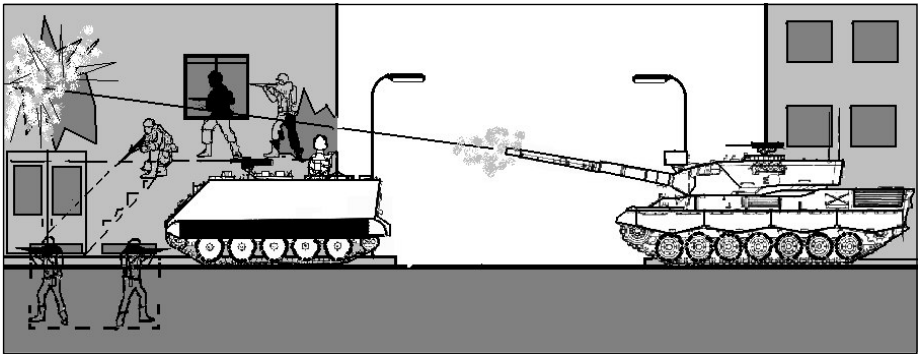

Fig 9-1. Progressão de CC / Fuz no interior de uma localidade

(9) emprego freqüente do tiro à queima-roupa, mesmo para canhões de tiro tenso;

(10) reduzida eficiência de tiro indireto;

(11) maiores necessidades de limpeza e de segurança em todas as direções, devido à extrema compartimentação das áreas edificadas;

(12) desenvolvimento do combate em três dimensões, frente, profundidade e altura;

(13) freqüência das ações noturnas, devido à dificuldade de atravessar áreas à luz do dia;

(14) canalização do movimento das viaturas pelas ruas longitudinais;

(15) plenitude dos obstáculos artificiais;

(16) lentidão das operações;

(17) necessidade de controle de incêndio.

c. Fases do ataque a uma localidade

(1) O ataque a uma localidade se realiza em três fases:

(a) isolamento da localidade;

(b) conquista de uma área de apoio na periferia da localidade;

(c) progressão no interior da localidade.

(2) A primeira fase destina-se a isolar a localidade pela posse dos acidentes capitais que dominam as vias de acesso à mesma. O atacante ocupa posições fora da área edificada, de onde possa fornecer apoio de fogo à entrada dessa área e à progressão através dela.

(3) A segunda fase consiste na progressão das forças do escalão de ataque para a área edificada e a conquista de prédios ou áreas de apoio na orla anterior da localidade, para eliminar ou reduzir a observação terrestre e o tiro direto do defensor sobre as vias de acesso à localidade. As cobertas e abrigos oferecidos por esses prédios conquistados na periferia da cidade (área de apoio) permitem ao atacante descentralizar o controle e deslocar para a frente as armas de apoio e as reservas.

(4) A terceira fase consiste na progressão sistemática, casa por casa, quarteirão por quarteirão, através da área edificada. Nesta fase, adquire particular importância a coordenação dos elementos empenhados, sendo necessário designar-se limites perfeitamente definidos e direções balizadas por pontos inconfundíveis, além de freqüentes linhas de controle. Ademais, é imprescindível que todos os prédios sejam completamente vasculhados, para que a progressão possa continuar sem focos de resistência à sua retaguarda.

d. Designação de objetivos

(1) Quando a força-tarefa constituir ou integrar o elemento encarregado apenas da captura da localidade, enquanto outros elementos a desbordam ou isolam, receberá objetivos definidos e limitados no interior da localidade. Quando, entretanto, a localidade estiver contida por inteiro na sua zona de ação, ela poderá constituir o objetivo de uma das subunidades, enquanto outros elementos a desbordam ou isolam no caso das pequenas localidades. Caso seja necessário empregar mais de uma Subunidade para a conquista da localidade, a FT deverá marcar objetivos de SU em seu interior.

(2) Quanto à sua posição relativa, os objetivos marcados pela FT aos elementos subordinados podem estar situados:

(a) fora da localidade, em acidentes capitais dominantes das vias de acesso, para os elementos encarregados de desbordá-los ou isolá-la;

(b) nas orlas anterior e posterior da localidade e, às vezes, entre ambas as orlas, para os elementos encarregados da limpeza da área edificada.

(3) No interior da área edificada podem ser designados como objetivos:

(a) instalações de utilidade pública, tais como estações de estrada de ferro, usinas de energia elétrica, estações elevatórias ou de captação e tratamento de água, postos telefônicos, portos, aeródromos, pontes, etc;

(b) instalações militares, como quartéis, fortificações, etc;

(c) edifícios da administração pública;

(d) pontos dominantes;

(e) edificações de importância para o cumprimento da missão da unidade.

(4) A forma geométrica da maioria da áreas edificadas facilita a designação de objetivos. O objetivo da orla anterior permite ao atacante

reajustar seu dispositivo, cerrar à frente as armas de apoio e descentralizar o controle, tendo em vista a progressão no interior da localidade. O objetivo da orla posterior, caracterizando a ultimação da limpeza da localidade, possibilitará, se for o caso, o reajustamento e os reconhecimentos para o desembocar da localidade, no prosseguimento das operações. Os objetivos entre as orlas anterior e posterior atendem às necessidades de coordenação, limpeza e segurança.

e. Linhas de controle

(1) Em virtude da extrema compartimentação da área edificada e das conseqüentes dificuldades de observação e de ligação, o controle tende a descentralizar-se até os menores escalões de comando, como pelotão e mesmo grupo de combate, transformando-se o combate em uma série de pequenas ações independentes.

(2) A força-tarefa assegura o controle da operações, marcando linhas de controle, geralmente em ruas.

(3) As frações informam ao atingir uma linha de controle e, desta, só partirão para a seguinte, mediante ordem.

(4) As linhas de controle dispensam os objetivos marcados entre as orlas anterior e posterior da localidade com o propósito de coordenação. Têm papel preponderante no controle do ataque, particularmente, durante a terceira fase, e serão designadas pelos diversos comandos até o escalão pelotão, inclusive.

f. Marcação de limites

(1) A observação restrita e as dificuldades de controle tornam necessário marcar limites até o escalão pelotão, inclusive. A marcação de limites evita que as tropas amigas se ataquem umas às outras, facilita o apoio mútuo e assegura o vasculhamento de todas as construções de áreas edificada.

(2) Nas zonas densamente construídas, os limites passarão, normalmente, por um dos lados da rua, ficando a área da rua incluída na zona de ação de um único elemento.

(3) Nas demais zonas da área edificada, os limites passam por dentro dos quarteirões, pelos quintais, de sorte que ambos os lados da rua ficam incluídos na zona de um mesmo elemento.

g. Conduta do ataque a uma localidade

(1) O ataque se desenvolve na seqüência das três fases que comporta o seu planejamento. Não há, quanto à execução, demora prolongada entre a segunda e terceira fases. Uma vez conquistada a área de apoio e cerrados os meios à frente, tem início a terceira fase, como natural prosseguimento da segunda.

(2) Um plano de ataque detalhado pode ser confeccionado com base em plantas atualizadas da cidade e por intermédio de informações complementares fornecidas por desertores e civis que tenham vivido na localidade.

(3) As operações em áreas edificadas podem tomar uma característica dimensional favorável ao atacante. Pode-se, algumas vezes, ultrapassar quarteirões fortemente defendidos, progredindo por baixo dos mesmos, utili-

zando adegas, redes de esgotos, metrôs ou outras passagens subterrâneas. Outras vezes poderão ser utilizados os tetos, terraços ou sótãos dos edifícios. O processo a utilizar varia em cada caso, pois se deve esperar que o defensor tome as medidas para bloquear vias de acesso as suas posições.

(4) Conquista da área de apoio.

(a) Processa-se de maneira semelhante ao ataque a uma posição organizada em qualquer terreno.

(b) A fim de neutralizar as vantagens do defensor quanto à observação, campos de tiros e abrigos, a progressão para a orla da cidade se fará sob a proteção de fogos intensos de metralhadoras, morteiros, carros de combate, artilharia e fogos aéreos, se disponíveis. Empregam-se fumígenos com freqüência, seja para cegar observatórios, seja para encobrir movimentos em terrenos descobertos.

(c) Após a conquista da área de apoio, na orla, o escalão de ataque deve ser reorganizado, de sorte a permitir:

1) o reajustamento do dispositivo das pequenas unidades, particularmente no nível pelotão, visando a constituir as equipes de fuzileiros - armas de apoio - carros blindados;

2) deslocamentos das armas de apoio e das reservas para a orla da localidade;

3) reajustamento dos planos feitos para a terceira fase.

(d) A demora na área de apoio deve ser reduzida ao estritamente necessário a essa reorganização.

(5) Progressão no interior da localidade

(a) Nesta fase as ações se descentralizam para os comandos subalternos até o escalão pelotão e, muitas vezes, grupo de combate ou similar.

(b) A progressão é lenta e coberta pelo fogo. Se possível, o escalão de ataque evita progredir pelas ruas, porque são batidas pelos fogos inimigos. Sua progressão será feita através dos quintais ou dos quarteirões, através dos prédios, por brechas nas paredes, ou pelos telhados.

(c) As ruas transversais, mesmo que não tenham sido designadas como linhas de controle, apresentam, às pequenas unidades, uma ocasião de reajustamento do dispositivo, antes de prosseguir para a conquista do quarteirão seguinte. As reservas devem progredir o mais à frente possível para maior segurança do escalão de ataque, não apenas nos flancos mas, também, à retaguarda, ocupando prédios já conquistados, para impedir a sua retomada pelo inimigo.

(d) Esta fase oferece possibilidade de surpresa e de riscos para o atacante, não só pela existência de armas da defesa em locais imprevisíveis e difíceis de determinar, como também, pelo abundante emprego, por parte do defensor, de minas, armadilhas e demolições preparadas e ainda, pela utilização de vias de acesso subterrâneas, ao nível do solo, através dos andares dos prédios e, mesmo, pelos telhados.

(6) Limpeza da área edificada

(a) Nas localidades fortemente defendidas a limpeza é feita casa a casa, quarteirão por quarteirão, pelo escalão de ataque, à medida que progride.

(b) Nas localidades fracamente defendidas, as subunidades de primeiro escalão progridem rapidamente através da área edificada para conquistar as saídas na orla posterior. As subunidades que seguem à retaguarda (reservas) tomam a seu cargo a limpeza da área.

(c) Quer se penetre num prédio pelo telhado, por um andar do edifício (através de brechas nas paredes, por exemplo) ou ao nível do solo, o vasculhamento deverá sempre se processar da parte mais alta da edificação para a mais.

(7) Emprego da reserva

(a) O valor da reserva da FT será função da zona de ação atribuída à unidade (se integrante de um comando maior), da expressão da localidade (se agindo isoladamente), da resistência que o inimigo possa oferecer e dos reforços recebidos, se for o caso.

(b) As restrições do combate no interior das cidades e as dificuldades de movimento, observação e comunicações, tornam maiores as necessidades de reservas no escalão Subunidade do que no escalão FT. Em conseqüência, a reserva das FT Bld será, normalmente, menor que a do combate normal e poderá consistir de apenas um pelotão. Pequenas reservas de Subunidade são mantidas bem à frente e a reserva da FT segue as Subunidades do escalão de ataque com um intervalo de um a três quarteirões.

(c) A reserva tem como missões básicas repelir contra-ataques e realizar a limpeza das resistências desbordadas, podendo, ainda, receber missão de:

1) proteger um flanco exposto;

2) atuar no flanco, sobre resistência inimiga que detenha uma Subunidade do escalão de ataque, beneficiando-se da progressão da subunidade mais avançada;

3) substituir um elemento do escalão de ataque;

4) corrigir erros de direção.

9-7. DEFESA EM ÁREA EDIFICADA

a. A defesa de uma área edificada é organizada em torno dos acidentes capitais que possibilitem a manutenção da integridade da defesa e proporcione facilidades ao movimento do defensor. Sistemas subterrâneos podem facilitar o movimento de forças a pé e proporcionar abrigos contra ataques aéreos. É feito o máximo emprego dos escombros e outros obstáculos e a defesa é organizada em profundidade.

b. Quando recebe a missão de defender uma localidade a FT, sempre que possível, ocupa e mantém suas orlas com elementos de fuzileiros blindados, empregando FT Esqd CC para realizar contra-ataques fora da área edificada.

c. No âmbito da Bda C Mec, o RCB poderá ceder elementos de Fuz Bld para os R C Mec, que ficam responsáveis pela manutenção da localidade, passando o Rgt (-) a constituir-se na força de contra-ataque da brigada.

9-8. CONSIDERAÇÕES TÁTICAS

a. Missão dos Fuz Bld no combate de rua

(1) Localização de alvos para o engajamento das armas dos carros de combate.

(2) Neutralização e destruição de armas anticarro do inimigo.

(3) Assalto e redução de posições e limpeza dos edifícios, sob a proteção dos fogos dos carros de combate.

(4) Proteção dos carros de combate contra as medidas individuais anticarro.

(5) Realização da segurança e da defesa de área, uma vez limpa.

b. Missão dos CC, quando empregados no combate de rua

(1) Neutralização das posições inimigas pelo fogo das metralhadoras para permitir aos fuzileiros cerrarem sobre o inimigo e destruí-lo.

(2) Destruição de pontos fortes do inimigo pelo fogo dos carros de combate.

(3) Destruição das barricadas encontradas nas ruas.

(4) Abrir passagem nas edificações, facilitando aos fuzileiros vasculharem seu interior, quando as passagens estiverem bloqueadas por entulhos, obstáculos ou fogo inimigo e permitindo seu acesso pelo segundo andar.

(5) Tomar sob seus fogos qualquer outro alvo indicado pelos fuzileiros.

CAPÍTULO 10

LOGÍSTICA

ARTIGO I

INTRODUÇÃO

10-1. GENERALIDADES

a. Sistema Logístico - Nestas Instruções Provisórias serão abordados aspectos do Subsistema da Logística Operacional, particularmente no nível Unidade, isto é, a Logística Operacional interna das FT Bld.

b. Subsistema Logístico Operacional

(1) O subsistema logístico operacional tem por objetivo prever e prover os meios em pessoal, material e serviços em tempo de guerra, no Teatro de Operações, realizando todas as atividades logísticas necessárias às operações da Força Terrestre e, em tempo de paz, preparando-se para tal fim.

(2) Das atividades do subsistema logístico operacional, as seguintes são realizadas no escalão FT Bld:

(a) saúde;
(b) suprimento;
(c) manutenção;
(d) transporte; e
(e) pessoal.

(3) Para maiores informações, relativas às atividades logísticas, devem ser consultados os manuais de campanha que regulam o emprego do Batalhão Logístico e a Logística nos Escalões, DE e Bda e o que regula a Logística Militar Terrestre.

ARTIGO II

LOGÍSTICA NAS FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS

10-2. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

a. No nível U, o gerenciamento das atividades logísticas é orientado para os objetos e objetivos básicos das funções logísticas.

b. As atividades relacionadas com o pessoal englobam todas as tarefas logísticas voltadas para o apoio aos efetivos, relacionadas com as seguintes funções logísticas:

(1) PESSOAL: o controle de efetivos, o recompletamento, o moral da tropa, o sepultamento, serviço postal, banho, lavanderia e mão-de-obra, se for o caso;

(2) SAÚDE: o apoio prestado pelo Pel Sau da FT e, todas as tarefas, ações e procedimentos referentes à atividade de saúde realizados nesta fração, inclusive a evacuação de feridos (exceto Sup Cl VIII, a cargo do S4).

c. As atividades relacionadas com o material englobam todas as tarefas logísticas centradas no material, relacionadas com as seguintes funções logísticas:

(1) SUPRIMENTO: pedidos, recebimentos, estocagem e distribuição às diversas frações ou locais onde serão processados, aplicados ou consumidos;

(2) MANUTENÇÃO: de todo o material (viaturas, armamento, comunicações, equipamentos diversos, etc...), incluindo o processamento do suprimento de manutenção e a evacuação do material;

(3) TRANSPORTE: no escalão FT, representa o controle dos meios para a realização dos deslocamentos da tropa, a distribuição de suprimentos (Sup), evacuação de material (Mnt), de mortos e de feridos (PES).

d. As 1ª e 4ª Seções do estado-maior da FT mobiliam o Centro de Operações Logísticas (no PCR da FT Bld), desdobrado na ATC. Desta instalação, o S4 e o S1, auxiliados pelos integrantes das 1ª e 4ª Seções e através dos elementos da SU C Ap, planejam, coordenam, sincronizam e conduzem a MANOBRA LOGÍSTICA da FT.

e. A MANOBRA LOGÍSTICA é o conjunto dos planejamentos, procedimentos, métodos e ações realizadas a fim de possibilitar o apoio ao pessoal e ao material, perfeitamente integrados e sincronizados, no espaço e no tempo, à manobra operacional definida pelo comandante da FT Bld.

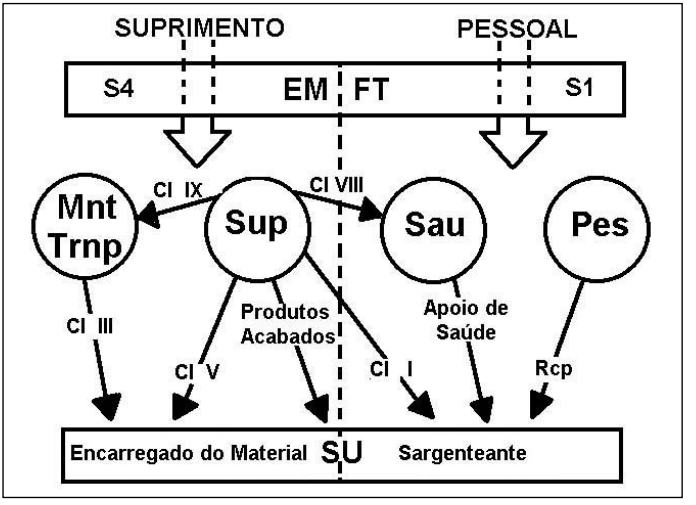

Fig 10-1. Apoio Logístico ao Combate na FT Bld

f. No nível FT Bld, a MANOBRA LOGÍSTICA deve ser planejada e execu-tada de modo a que todas as atividades logísticas desenvolvidas pelo Esqd/Cia C Ap sejam deslocadas em direção aos elementos de 1º escalão, de modo a liberar os Cmt SU CC e Fuz Bld para as atividades de combate, sobrecarregando-os o mínimo possível com preocupações logísticas e evitando que as SU desloquem-se para a ATC ou ATE em busca de apoio logístico. O S1 e o S4 devem atuar de modo a colocar o suprimento, a manutenção e o apoio de saúde, no momento e no local (ATSU ou posições de 1º Escalão) que se fizerem necessários para apoiar as atividades de combate das SU.

g. Os encargos logísticos devem ser minimizados nas FT SU, tanto quanto possível, e colocados sob a responsabilidade e controle da FT, permitindo que os comandantes de FT SU concentrem-se nas atividades de combate e no acompanhamento da situação tática.

10-3. RESPONSABILIDADES

a. O comandante da força-tarefa é responsável pelo apoio logístico na FT. Ele deve assegurar-se que o apoio logístico esta sendo prestado não somente à FT, mas também a todos os elementos sob o seu controle operacional, em apoio ou em reforço.

b. O S4 é o coordenador da MANOBRA LOGÍSTICA da FT, integrando e sincronizando os planejamentos da logística do pessoal e do material à manobra e ao apoio ao combate planejados no COT. O S4 deve antecipar-se às necessidades de apoio logístico, encaminhar os pedidos de apoio ao Esc Sp com oportunidade, fiscalizar o apoio que é prestado à FT e planejar, coordenar e sincronizar toda a Logística Interna da FT.

c. O S1 e o S4 são os assessores diretos do comandante no que diz respeito às atividades logísticas. O S1, nas atividades da logística do pessoal, e o S4, nas atividades da logística do material. Eles são os responsáveis pelo planejamento logístico, controle e coordenação das atividades logísticas nos seus respectivos campos de atuação, de acordo com as ordens e diretrizes emanadas pelo comandante da força-tarefa.

d. Os comandantes de subunidades são responsáveis pelo apoio logístico no âmbito das respectivas subunidades. Solicitam, controlam e coordenam a distribuição do suprimento, a manutenção de 1º Escalão das viaturas e de todos os demais equipamentos, a manutenção de 1º Escalão e 2º escalão do armamento, administram e controlam o efetivo da SU. Supervisionam as atividades de suprimento, manutenção e evacuação de feridos e mortos planejadas e controladas pelo estado-maior da FT.

10-4. ELEMENTOS DE APOIO LOGÍSTICO DA FORÇA-TAREFA

a. Centro de Operações Logísticas

(1) O Centro de Operações Logísticas (COL) é a instalação do Posto de Comando Recuado (PCR), na ATC, onde é planejada, coordenada, e sincronizada a Manobra Logística da FT Bld.

(2) O COL é mobiliado e operado por elementos dos Grupos de Pessoal e de Logística (Sec Cmdo) do Pel Cmdo e elementos do Pel Com.

b. Elementos de estado-maior

(1) S4-Oficial de Logística - O S4 é o assessor do comandante para as atividades da logística do material e o coordenador da Manobra Logística da FT. Tem como auxiliares diretos o Adj do S4 e os elementos do grupo de logística do Pel Cmdo, que compõem a 4ª seção da unidade. Suas principais atribuições são:

(a) coordenar a manobra logística da FT;

(b) assistir e manter o Cmt informado sobre as atividades logísticas sob sua responsabilidade;

(c) planejar, coordenar e supervisionar todas as atividades logísticas referentes ao material da FT;

(d) coordenar com o escalão superior e apoiar as subunidades em suas necessidades logísticas referentes ao material;

(e) coordenar e supervisionar as atividades e os deslocamentos dos trens de combate e de estacionamento;

(f) redigir o parágrafo 4º da ordem de operações, após ter realizado seu estudo de situação, recebendo do S1 a parte referente à logística do pessoal;

(g) fornecer relatórios de logística, quando solicitados;

(h) a realização do estudo de situação continuado, para fins de planejamento;

(i) outras determinadas pelo comandante da força-tarefa.

(2) S1 - Oficial de Pessoal

(a) O S1 é o assessor do Cmt para as atividades da logística do pessoal. Sua assistência ao comandante compreende:

1) informações sobre a logística do pessoal, necessárias para o planejamento e a conduta das operações;

2) estudo continuado da situação, para fins de planejamento;

3) proposta de diretrizes e planos referentes à logística do pessoal;

4) distribuição de ordens para a execução dos planos aprovados;e

5) supervisão para garantir a execução correta das diretrizes e ordens do comandante.

(b) São atribuições específicas do S1 o planejamento, a coordenação e a supervisão de todas as questões referentes aos diferentes aspectos da logística do pessoal, como o controle dos efetivos, os recompletamentos, o apoio de saúde, o moral da tropa, banho, lavanderia e serviço postal.

(c) O S1 controla o efetivo da força-tarefa através do recebimento das mensagens diárias de efetivo das subunidades e elementos em reforço, elaborando o sumário diário de pessoal e o mapa da força. Elabora, também, outros registros e relatórios. Todos estes documentos são enviados para o escalão superior.

(3) Têm ainda encargos e responsabilidades logísticas, nos respectivos setores funcionais, os seguintes oficiais do estado-maior especial:

(a) Cmt Esqd / Cia C Ap e comandante dos trens da FT;

(b) Cmt Pel Sup - Oficial de Munições e comandante dos trens de estacionamento;

(c) Cmt Pel Mnt - Oficial de Manutenção e comandante dos trens de combate;

(d) Cmt Pel Com - Oficial de Comunicações;

(e) Cmt Pel Sau - Oficial de Saúde;

(f) Sub Cmt Pel Sup - Oficial Aprovisionador.

(4) Os principais deveres e atribuições desses oficiais constam do manual de campanha que regula o funcionamento do Estado-Maior e suas Ordens.

c. Pelotão de Suprimento

(1) O pelotão de suprimento é o principal órgão de apoio logístico da unidade.

(2) Sua organização inclui o pessoal e material necessários para executar, no âmbito da FT, as atividades de suprimento das classes I, II, III, IV, V, VI, VII, IX e X.

(3) São missões do pelotão de suprimento:

(a) receber e consolidar os pedidos de suprimento das subunidades, e encaminhar os pedidos da unidade ao batalhão logístico da brigada;

(b) receber, controlar, estocar quando necessário, repartir e distribuir os suprimentos às subunidades;

(c) evacuar os mortos.

(4) Normalmente o pelotão instala e opera um posto de distribuição de suprimento classe I (P Dist Cl I), um posto de distribuição de suprimento classe III (P Dist Cl III) e um posto de distribuição de suprimento classe V (M) (P Dist Cl V) na ATE. Conforme a situação tática o exigir, poderá desdobrar um P Dist Cl III Avançado e um P Dist Cl V Avançado na ATC, que ficarão ou não sob o controle do Pel Mnt.

(5) Quando as cozinhas estiverem centralizadas na ATC, poderá se tornar necessário desdobrar também os P Distr Cl I Avançado (ATC) e Recuado (ATE).

(6) O P Distr Cl I executa, eventualmente, a distribuição dos suprimentos de produtos acabados das classes II, IV, V(A), VI, VII, IX e X.

(7) As cozinhas de campanha, em princípio, permanecem centralizadas na ATE ou na ATC. Quando determinado o consumo de ração R1 durante as operações de combate, as SU poderão receber as Turmas de Aprovisionamento em Ap Dto ou Ref.

d. Pelotão de manutenção

(1) É o elemento encarregado de prestar apoio de manutenção orgânica de segundo escalão.

(2) Suas missões compreendem:

(a) executar a manutenção orgânica de suas viaturas e armamento e a manutenção de segundo escalão das viaturas e do armamento da FT;

(b) executar a evacuação de viaturas no âmbito da força-tarefa;

(c) cooperar na evacuação e coleta de salvados e material capturado;

(d) em caso de necessidade, estabelecer e operar um posto de coleta de salvados (P Col Slv);

(e) solicitar, controlar, estocar e quando necessário, fornecer peças e conjuntos de reparação necessários à manutenção do material, excetuando-se os de saúde e de comunicações;

e. Pelotão de saúde

(1) É organizado com pessoal, equipamento e meios de transporte necessários para proporcionar tratamento médico de urgência e evacuação de feridos, doentes e acidentados no âmbito da unidade.

(2) São missões específicas do pelotão de saúde:

(a) instalar e operar o posto de socorro da FT (PSFT);

(b) preparar os doentes e feridos mais graves para evacuação para a instalação de saúde do escalão superior;

(c) receber, estocar e distribuir a todos os elementos da FT o suprimento de saúde.

f. Pelotão de comunicações

(1) O pelotão de comunicações, normalmente, se desdobra na área do PCP, com a missão de proporcionar apoio de comunicações ao comando da força-tarefa.

(2) Suas missões logísticas compreendem:

(a) executar a manutenção orgânica do seu próprio material de comunicações e manutenção de segundo escalão do material de comunicações da força-tarefa (exceto material criptográfico);

(b) solicitar, receber, estocar e aplicar, de acordo com as necessidades, peças e conjuntos de reparação (Sup Cl VII de comunicações);

(c) evacuar para o escalão superior o material de comunicações que necessite manutenção além do segundo escalão.

g. Outros elementos ligados às atividades logísticas

(1) Subunidade

(a) O Sub Cmt SU é o principal assistente do Cmt SU no planejamento, coordenação e fiscalização da manobra logística a nível da subunidade. É o responsável pelos pedidos de suprimentos de classe I, III e V, bem como da água e de outros materiais necessários ao recompletamento da dotação do Esqd, supervisionando a distribuição desses suprimentos. É, também, o responsável pelas atividades de manutenção, saúde e pessoal. Essas atividades são exercidas sem prejuízo das atribuições táticas, tendo em vista que deve permanecer em condições de substituir o Cmt SU.

(b) O encarregado do material, o sargenteante e o furriel são os principais auxiliares e executantes do apoio logístico:

1) O encarregado do material desenvolve atividades relacionadas à logística do material no âmbito da SU. Controla as viaturas da SU e providencia todos os tipos de suprimento, exceto ração, água e de saúde. Controla, planeja e supervisiona o trabalho do furriel, do sargenteante e do encarregado do material no P Rem SU. Fiscaliza, orienta e controla as atividades das frações e elementos de manutenção e suprimento recebidos em apoio ou reforço pela SU

2) O sargenteante desenvolve atividades relacionadas à logística do pessoal no âmbito da FT. É o encarregado de todas as atividades relacionadas ao controle de efetivos, evacuação de mortos e feridos. Fiscaliza, orienta e controla as atividades das frações e elementos de aprovisionamento e saúde recebidas em apoio ou reforço pela SU.

3) O furriel é o encarregado do recebimento e transporte de todo o suprimento no PIL, na ATC ou ATE. É o responsável pelo remuniciamento da SU, elaboração dos pedidos de munição e da operação do P Rem SU, auxiliado pelo ajudante de mecânico de armamento. Realiza o transporte de água para a SU, a distribuição das rações às frações e o transporte dos mortos para o P Col Mortos da FT.

(2) Pelotões - É da responsabilidade do Cmt Pel providenciar os primeiros socorros aos seus homens e evacuar os feridos o mais rapidamente possível. Deve permanecer a par do nível de munição do pelotão e providenciar a tempo os pedidos de remuniciamento. Deve ter perfeito conhecimento, também, do estado do material e do armamento e solicitar o recompletamento da dotação logo que possível, esclarecendo se o material foi perdido, destruído ou encontra-se em mau estado. Solicita o suprimento de água sempre que necessário e, em operações defensivas, calcula e requisita o material de fortificação necessário para a organização do núcleo de defesa. No tocante às atividades de pessoal, o Cmt Pel deve dar especial atenção à manutenção da disciplina e moral da tropa, além do controle de efetivos. Em todas essas atividades é auxiliado pelo sargento adjunto.

10-5. PLANEJAMENTO DA MANOBRA LOGÍSTICA

a. Generalidades

(1) O planejamento da manobra logística deve assegurar o apoio logístico durante todas as fases de uma operação. Este planejamento deve ser realizado de forma coordenada e simultânea com o planejamento tático e o dos apoios ao

combate.

(2) O planejamento logístico deve ser tão detalhado quanto o tempo disponível o permitir. O emprego de procedimentos padronizados e normas gerais de ação deverão facilitar o trabalho dos Oficiais do estado-maior no planejamento logístico. Para simplificar e agilizar a transmissão das ordens, somente o que não estiver previsto nas NGA deverá ser incluído nas ordens expedidas pelo Comandante da FT.

b. Princípios

(1) As funções logísticas devem antecipar-se às necessidades do elemento apoiado e serem desdobradas o mais à frente possível.

(2) O apoio deve ser contínuo, utilizando-se imediatamente os meios disponíveis, conforme a situação tática o permitir.

(3) Munição, combustíveis, óleos, lubrificantes, peças e itens diversos, pessoal de manutenção e recompletamentos são conduzidos à frente pela FT, em direção aos elementos de 1º Escalão.

(4) O planejamento da manobra logística é uma atividade contínua. A coordenação entre o planejamento tático e os de apoio ao combate e logístico é essencial e deve enfocar todos os fatores que podem ter efeito significativo na missão tática.

(5) A constante avaliação da situação tática e o levantamento das necessidades para as futuras operações são atividades críticas para o planejamento da manobra logística.

(6) Os elementos de 1º Escalão devem ser aliviados ao máximo de seus encargos logísticos.

c. Apoio às operações de combate

(1) Para assegurar um efetivo apoio, os elementos envolvidos com o planejamento e execução da manobra logística devem ter perfeito conhecimento da intenção do comandante e dos planejamentos táticos e de apoio ao combate. É de fundamental importância que eles saibam:

(a) o que cada elemento apoiado irá fazer no cumprimento da missão;

(b) onde cada elemento apoiado estará, em cada fase e no final da missão;

(c) como os elementos apoiados executarão a missão.

(2) Após analisar o conceito da operação, os planejadores da logística devem ser capazes de detalhar o apoio logístico que será necessário para a operação. Eles devem determinar:

(a) que tipo de apoio é necessário;

(b) que quantidade de apoio será necessária;

(c) qual a prioridade de apoio por tipo e por subunidade.

(3) com base nas necessidades, as possibilidades da logística devem ser avaliadas:

(a) que recursos logísticos estão disponíveis (orgânicos, em apoio e das unidades vizinhas);

(b) onde estão os recursos logísticos e as instalações logísticas do escalão superior;

(c) quando os recursos logísticos estarão disponíveis para os elementos apoiados;

(d) como os recursos logísticos podem ser disponibilizados.

(4) Baseado nesta análise, o planejamento da manobra logística poderá ser desenvolvido, reagindo-se a disponibilidades com as necessidades.

d. Estimativa logística na FT

(1) A estimativa logística é uma análise dos fatores que podem afetar o cumprimento da missão. Os planejadores logísticos utilizam-se desta estimativa para a formulação de linhas de ação e para o planejamento da manobra logística em apoio às operações definidas pelo comandante da FT. A chave para esta estimativa é a situação do suprimento disponível, particularmente das Classes III, V e IV (defensiva) e a disponibilidade e situação das viaturas, particularmente as blindadas.

(2) No nível FT, raramente a estimativa logística constará de um documento escrito. O S1 e o S4 freqüentemente irão formulá-la em termos que respondam as seguintes perguntas:

(a) qual a situação atual da manutenção, dos suprimentos e dos transportes?

(b) quanto e o que é necessário para apoiar a operação?

(c) que tipo de apoio externo (Esc Sp) é necessário?

(d) as necessidades poderão ser atendidas através do processo normal de Pac Log, ou serão necessários outros processos de suprimento?

(e) o que está faltando e qual o impacto desta falta na operação?

(f) que linha de ação deverá ser apoiada?

(g) onde estão os elementos a serem apoiados durante a operação?

10-6. TRENS

a. Generalidades

(1) Trens é a designação genérica dada ao conjunto dos elementos em pessoal, viaturas e equipamentos destinados a proporcionar apoio logístico a uma unidade.

(2) Os trens da força-tarefa podem ser empregados reunidos ou desdobrados em trens de combate (TC) e trens de estacionamento (TE). Esta última é a situação normal para o apoio às operações nas FT Bld. Os trens da força-tarefa são instalados, mobiliados e operados pelo Esqd / Cia C Ap.

(3) A repartição dos meios de apoio logístico da força-tarefa entre os TC e TE varia com a missão, a situação tática, o terreno, os meios disponíveis, as condições meteorológicas, considerações de tempo e espaço e a manobra logística planejada pela FT.

(4) Área de trens de combate (ATC) é a região da zona de ação da unidade onde são reunidos os elementos logísticos necessários a um apoio mais cerrado às subunidades.

(5) Área de trens de estacionamento (ATE) é a região da área de retaguarda da brigada onde são reunidos os TE da força-tarefa e onde poderão desdobrar-se instalações de apoio recebidas do escalão superior. Normalmente,

se instala na ATE a seção leve de manutenção, recebida da Cia Log Mnt /B Log. De acordo com a situação, equipes desta seção poderão ser lançadas à frente, para assegurar o apoio cerrado às operações de combate.

(6) Área de trens de unidade (AT) é a região onde os trens da força-tarefa permanecem reunidos, normalmente, numa zona de reunião.

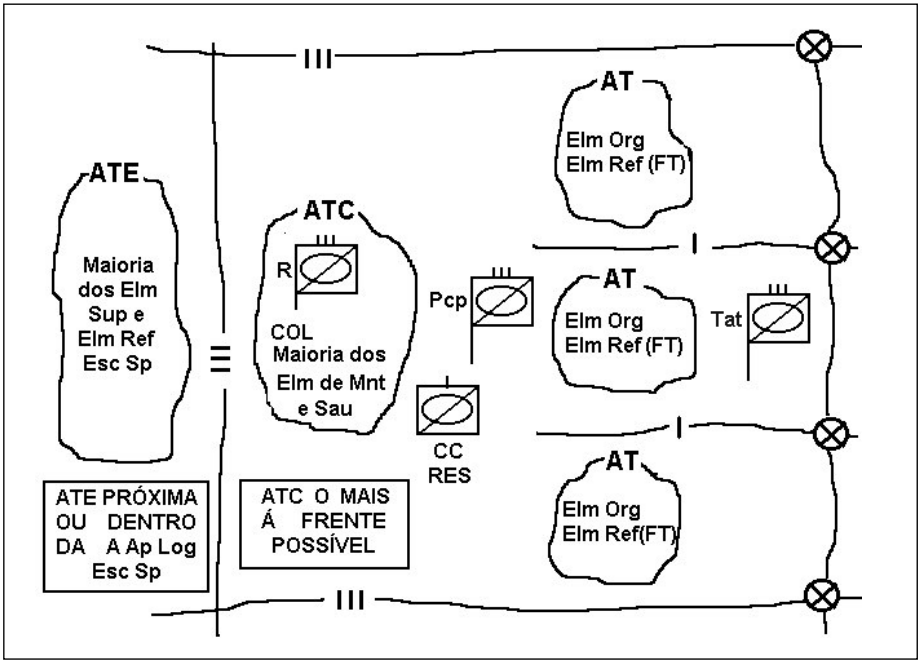

Fig 10-2. Desdobramento dos trens da FT Bld

b. Possibilidades - Os trens da força-tarefa fornecem apoio logístico às subunidades e aos elementos em reforço, particularmente no que se refere a manutenção orgânica, todas as classes de suprimento, posto de socorro (inclusive evacuação de feridos das subunidades), transporte de suprimento, evacuação do material danificado, capturado e salvado e registro e evacuação de mortos.

c. Composição

(1) Trens de combate (TC)

(a) Os trens de combate são organizados para prestar apoio logístico imediato aos elementos empregados à frente, nas operações de combate.

(b) A composição dos TC é variável, dependendo das conclusões do estudo dos fatores da decisão. Em princípio, integrarão os TC a maioria dos meios de saúde e de manutenção da força-tarefa e os elementos necessários para assegurar os suprimentos de classe III e V(M) às subunidades.

(c) Nas operações de grande mobilidade, tais como o aproveitamento do êxito, é aconselhável colocar nos TC o grosso dos elementos de apoio logístico

orgânicos, para evitar que o aumento das distâncias torne problemática a distribuição diária de suprimentos aos elementos de combate.

(2) Trens de estacionamento (TE)

(a) Os TE compõem-se dos elementos de apoio logístico não incluídos nos TC, não necessários, portanto, para o apoio imediato às operações de combate.

(b) Geralmente os TE serão integrados pela maioria dos meios do pelotão de suprimento e pelos elementos de manutenção e de saúde indispensáveis ao apoio dos próprios integrantes dos TE.

d. Localização e deslocamentos

(1) Considerações gerais

(a) Em todas as situações, os trens são localizados e se deslocam de modo a prestar apoio oportuno e adequado em suprimentos, evacuação médica e manutenção aos elementos de combate. Os órgãos de apoio dos escalões superiores são orientados e se situam em consonância com a localização das unidades subordinadas.

(b) A localização dos trens é atribuição do S4 que, no caso da ATE, mantém estreito entendimento com o E4 da brigada.

(c) Para melhor atender à prestação do apoio logístico, a análise da localização de uma área de trens deve considerar a manobra, o terreno, a segurança (do fluxo e das instalações) e a situação logística.

(2) Manobra

(a) Apoio cerrado - Avaliação da distância, medida por estrada até aos elementos a apoiar, considerando-se prioritária a zona de ação do elemento que realiza o esforço principal.

(b) Favorecimento do esforço da ação tática - Posição relativa da área de trens em face do ataque principal, na ofensiva, ou da maioria de meios, na defensiva, considerada a malha viária existente.

(c) Continuidade do apoio - Capacidade de apoiar a todos os elementos empregados até o fim da operação prevista, com o mínimo de mudanças de posição.

(d) Distância máxima de apoio - É a maior distância, medida por estrada, admitida entre a ATE e a ATSU mais afastada, passando pela ATC. Caso a ATE se localize no interior da área de apoio logístico do Esc Sp, tomar-se-á como referência as respectivas áreas de trens de combate (ATC). Quando a localização das áreas de trens de subunidade não forem definidas, a referência será a LC ou o LAADA, na Z Aç dos elementos mais afastados a apoiar. Se, na Z Aç considerada, as rodovias existentes não atingem a LC ou o LAADA, buscar-se-á a maior distância de apoio possível, ou seja, o ponto mais afastado por estrada. A distancia máxima de apoio é função da velocidade e capacidade das viaturas disponíveis para apoiar os elementos de 1º escalão e a capacidade da FT realizar o apoio necessário à noite.

(e) Interferência com a manobra - Possibilidade de dificultar ou impedir os deslocamentos das unidades em reserva e das unidades de apoio ao combate, ou, ainda, restringir o espaço necessário ao desdobramento de instalações de comando e elementos em zona de reunião.

(3) Terreno

(a) Rede rodoviária compatível - Capacidade de tráfego que assegure ligações com o escalão superior e elementos apoiados, e da disposição da malha viária, quando se refere à circulação no interior da área.

(b) Existência de construções - Quantidade, tipo e disposição no terreno das construções existentes e passíveis de serem aproveitadas para melhorar a prestação do apoio;

(c) Cobertas e abrigos - Existência de cobertas e abrigos naturais, capazes de proporcionar ocultação e/ou proteção às instalações;

(d) Obstáculos no interior da área - Obstáculos naturais ou artificiais, capazes de restringir ou impedir o movimento sobre uma via de circulação interna ou periférica, de dissociar uma parte da área ou de reduzir seu espaço aproveitável;

(e) Diminuição da responsabilidade territorial - Verificação, a partir da visualização do provável limite de retaguarda, da extensão dos encargos territoriais decorrentes da escolha desta ou daquela área. A importância da cada área cresce na razão inversa dos encargos por ela gerados;

(f) Solo consistente e existência de água - transitabilidade interna da área, condições do solo para as instalações logísticas e existência de cursos d'água, nascentes, lagos, etc...

(4) Segurança

(a) Segurança do fluxo

1) Distância de apoio x possibilidades do inimigo - Quanto maior for a distância a percorrer para proporcionar o apoio, maior será a possibilidade de intervenção do inimigo sobre o fluxo.

2) Pontos críticos x possibilidades do inimigo - Um ponto crítico, situado ao longo de uma via utilizada como E Sup Ev, que oferece ao inimigo a possibilidade de interferir no fluxo, levando à sua restrição ou interrupção.

3) E Sup Ev x possibilidades do inimigo - Quanto mais próximo o eixo de suprimento e evacuação passar por regiões adequadas ao homizio de inimigo, maior é a necessidade de proteção dos comboios e de patrulhamento de estradas;

4) E Sup Ev x flancos expostos - Quanto mais próximo o eixo de suprimento e evacuação estiver de flancos expostos às penetrações inimigas, maior ameaça existe à continuidade do fluxo de apoio.

(b) Segurança das instalações

1) Dispersão e apoio mútuo - As dimensões da área devem per-mitir adequada e suficiente dispersão das instalações, sem prejuízo para o apoio mútuo requerido entre os elementos que se desdobram dentro da área de trens.

2) Facilidade para a defesa - As características do terreno devem facilitar a defesa do pessoal e das instalações. É propiciada pela existência de elevações que permitam a instalação de postos de vigilância, de cursos de água obstáculos, onde os limites da referida área possam se apoiar, ou a inexistência de faixas ou pontos favoráveis à infiltração inimiga.

3) Proximidade de tropa amiga - Considerar, particularmente, a proximidade de forças em reserva, que estejam justapostas à região considerada ou dela tão próximas que permita incluí-la, total ou parcialmente, no seu dispositivo de segurança.

4) Flancos expostos ou protegidos - Afastamento de uma área em relação a flancos expostos à penetração do inimigo ou de flanco seguramente protegido por tropas vizinhas ou por obstáculos de vulto;

5) Distância de segurança - É a menor distância, em linha reta, admitida entre a área de trens e a linha de contato (LAADA nas operações defensivas).

(5) Situação Logística

(a) Localização atual das instalações de apoio logístico do escalão superior - caracteriza-se pela orientação da(s) ligação(ões) rodoviária(s) existente(s).

(b) Localização atual da área de trens - baseia-se em que a mudança de posição implica em prejuízos às atividades logísticas e desgaste do pessoal e do material;

(c) Localização atual das ATSU dos elementos apoiados;

(d) Eixo principal de suprimento em uso e os previstos para serem usados no prosseguimento das ações;

(6) Outros aspectos - Devem ser considerados na escolha de regiões para o desdobramento da área de trens: sigilo das operações, otimização do transporte, limitações dos meios de transporte, atitude da população, prazos, duração das operações, flexibilidade, etc.

e. Área de trens de combate - ATC

(1) A ATC localiza-se na zona de ação da FT e, sempre que possível, próximo ao PCP da unidade.

(2) Com os TC desdobrados, as dimensões mínimas da ATC, face à necessidade de dispersão das viaturas e instalações, são de 500 X 600 m.

(3) Por motivos de segurança, a ATC não deve se localizar a menos de 1,5 km da LC/LP nas operações ofensivas e 2,5 km do LAADA em operações defensivas.

(4) Poderão ser desdobradas na ATC as seguintes instalações:

(a) posto de remuniciamento avançado;
(b) posto de socorro da força-tarefa;
(c) posto de coleta de mortos;
(d) posto de distribuição de Cl I avançado;
(e) posto de distribuição de Cl III avançado;
(f) área de manutenção de viaturas e armamento;
(g) área de cozinhas;
(h) área de estacionamento de viaturas;
(i) outras instalações.

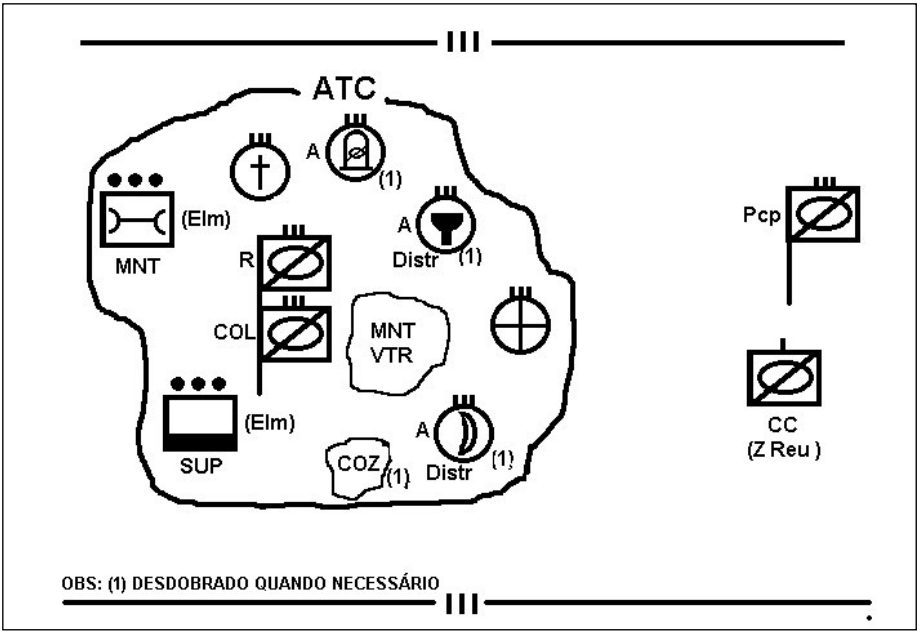

Fig 10-3. Área de Trens de Combate

f. Área de trens de estacionamento - ATE

(1) A ATE, normalmente, se localiza na área de retaguarda do Esc Sp, próxima da área de apoio logístico (A Ap Log) e fora desta.

(2) Em algumas situações, quando haja necessidade de se adotar medidas de segurança mais acentuadas, os TE poderão localizar-se no interior da A Ap Log do Esc Sp, ocupando, neste caso, sua orla anterior. Isto ocorrerá, comumente, nas operações defensivas.

(3) No caso do Esc Sp abrir uma subárea de apoio logístico (SA Ap Log) para apoiar a força-tarefa, será normal a localização da ATE no interior dessa subárea.

(4) Tendo em vista as necessidades de dispersão dos trens, a ATE não deve ter dimensões inferiores a 500 X 1000 m.

(5) Por motivos de segurança, a ATE não deve se localizar a menos de 3 km da LC/LP nas operações ofensivas e 6 km do LAADA nas operações defensivas.

(6) Normalmente são desdobradas na ATE as seguintes instalações:

(a) posto de remuniciamento recuado;
(b) posto de coleta de salvados (em caso de necessidade);
(c) posto de distribuição de Cl I recuado;
(d) posto de distribuição de Cl III recuado;
(e) área de cozinhas;
(f) área de estacionamento de viaturas;
(g) outras instalações.

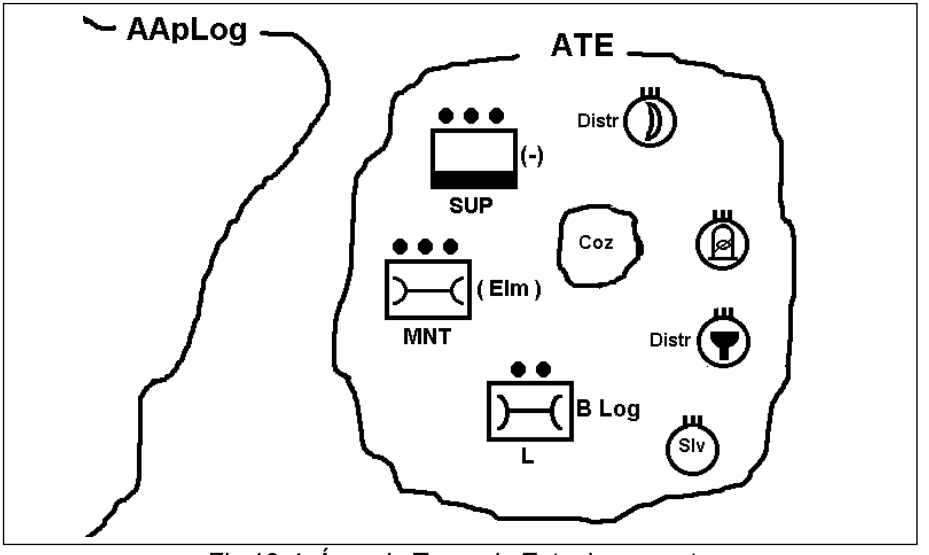

Fig 10-4. Área de Trens de Estacionamento

g. Controle

(1) O S4 é o responsável, perante o comandante, pelo controle dos trens da unidade. Ele estuda continuamente a situação, a fim de propor a oportunidade do deslocamento dos trens, de maneira a facilitar o apoio às operações.

(2) Após a decisão de realizar um deslocamento, o S4, em coordenação com o S3, aciona o reconhecimento dos itinerários e das novas áreas e expede a ordem de deslocamento, normalmente verbal.

(3) Em princípio, o comandante dos TE é o Cmt do Pel Sup e dos TC é o Cmt do Pel Mnt.

(4) A esses oficiais caberá determinar a localização específica de cada elemento na respectiva área de trens, bem como a responsabilidade pela execução dos deslocamentos, o controle e a segurança dos trens.

(5) Quando reunidos, os trens da força-tarefa ficarão sob o controle direto do próprio comandante do Esqd/Cia C Ap.

h. Emprego dos TC

(1) Durante as operações de movimento rápido, torna-se necessário o deslocamento quase contínuo dos TC, para evitar que o aumento da distância dos elementos de combate impossibilite a execução oportuna do apoio. Entretanto, o movimento constante dos TC limita a eficiência dos elementos de apoio logístico, particularmente os de manutenção, pela falta de tempo e de condições adequadas de trabalho.

(2) Nas situações de movimentos mais lentos, os TC poderão permanecer estacionados por longos períodos, deslocando-se por lanços, quando a distância em relação aos elementos apoiados se tornar demasiadamente grande para permitir um apoio oportuno.

(3) Os elementos dos TC se encarregam da sua própria segurança

aproximada. A segurança afastada, normalmente, é obtida pela localização dos TC próximos aos elementos de combate e da reserva. Entretanto, em situações de movimento rápido poderá ser necessário fornecer escolta aos TC ou enquadrá-los na própria formação de combate, para proporcionar-lhes segurança.

i. Trens das subunidades

(1) Os trens das subunidades (TSU) são constituídos pelos elementos da seção de comando, os elementos de saúde (socorro e evacuação) em reforço, os elementos de manutenção do Pel Mnt e as turmas de aprovisionamento do Pel Sup, quando distribuídos em Ref ou Ap Dto.

(2) Na FT, normalmente, os TSU permanecem com as respectivas SU. Todavia, uma parte deles, não necessária ao apoio imediato às operações da subunidade, pode se desdobrar à retaguarda, na ATC ou ATE da força-tarefa.

(3) A área de trens de subunidade (ATSU) deve medir, no mínimo, 50 X 100 m, para permitir uma dispersão adequada.

10-7. EIXO DE SUPRIMENTO E EVACUAÇÃO (E Sup Ev)

a. E Sup Ev é a estrada ou, eventualmente, uma direção selecionada pela força-tarefa para, através dela, ser executado o grosso das atividades de suprimento e evacuação da sua responsabilidade.

b. O E Sup Ev se estende da ATE da força-tarefa à ATSU da subunidade que realiza o esforço principal, passando pela ATC. Ramifica-se, de acordo com as necessidades, para os demais elementos de primeiro escalão.

c. A força-tarefa é responsável pela segurança do seu E Sup Ev.

10-8. PONTO INTERMEDIÁRIO LOGÍSTICO

a. Pontos Intermediários Logísticos (PIL) são pontos de encontro entre os elementos apoiado e apoiador, previamente selecionados, onde se realizam atividades logísticas de suprimento, recompletamento, evacuação de material, mortos, recolhimentos e trocas diversas, etc... visando assegurar a continuidade do apoio em determinada operação.

b. A manobra logística da FT deverá prever a localização do PIL, para cada operação de pacote logístico (Pac Log). A localização do PIL será determinada pelo S4, baseado no estudo da situação tática e logística e na necessidade de segurança para a operação de suprimento planejada (Pac Log).

c. Em princípio, a manobra logística deverá estabelecer para o ponto intermediário logístico:

(1) Localização

(a) O PIL deverá ser localizado entre a ATC e as ATSU dos elementos de 1º escalão, o mais à frente possível quanto a situação tática o permitir.

(b) Sua localização deverá ser feita em local de fácil acesso e com dimensões que permitam a necessária dispersão das viaturas e a realização das

atividades logísticas.

(c) A localização do PIL deverá ser alterada constantemente, para cada operação de Pac Log ou período de operações, a fim de dificultar a sua localização pelo inimigo.

(2) Hora / Horário

(a) Deverá ser estabelecido a hora em que o comboio dos Pac Log chegará ao PIL e se desdobrará para a operação de entrega dos pacotes às subunidades.

(b) O S4 estabelecerá, também a hora, ou horário, em que o Sgt Furriel de cada subunidade deverá chegar ao PIL. Poderá ser estabelecido uma hora única para que todos os furriéis estejam no PIL, a fim de que possam ser reunidos pelos elementos do COL para acertarem detalhes sobre a manobra logística, situação do pessoal, para a troca de informações, documentos e correspondência ou, poderá ser estabelecido um horário diferenciado para cada subunidade. A situação tática deverá determinar o processo a ser utilizado.

(c) O processo de hora única reúne, em determinado momento, um maior número de viaturas e pessoal próximo à linha de frente, podendo constituir-se em alvo compensador para o inimigo, já o processo de horário específico para cada elemento apoiado reúne, por um período maior de tempo, as viaturas logísticas e o efetivo da operação de Pac Log num local muito próximo da frente de combate, facilitando a sua localização pelo inimigo.

(3) PIL Alternativo - Deverá ser previsto para cada operação de Pac Log um (ou mais de um) PIL Alternativo para, caso a situação tática evolua ou a atuação do inimigo torne o local do PIL Principal inseguro para as atividades logísticas, os meios e o efetivo envolvido possam ser transferidos para um local onde a operação possa ser realizada com segurança.

(4) Coordenador da Operação de Pac Log no PIL

(a) O S4 estabelecerá, na manobra logística, quem será o coordenador das atividades no PIL. Em princípio, o Cmt SU C Ap será o coordenador destas atividades.

(b) O coordenador do PIL deverá possuir autoridade para cancelar, transferir ou alterar a operação e modificar procedimentos e medidas de segurança previstas na NGA ou na manobra logística, conforme a situação o exigir.

(c) O próprio S4, seu Adjunto e o S1 poderão, eventualmente, coordenar as atividades no PIL.

(5) Segurança

(a) Se as NGA da FT não estabelecerem, o S4 deverá prever na manobra logística as medidas de segurança e os procedimentos necessários para a proteção do PIL durante seu funcionamento.

(b) O S4 poderá empregar o Pel Exp para a segurança aproximada do PIL, durante a realização das atividades logísticas naquele local. Para isto, deverá coordenar o emprego deste pelotão com o S2 e o S3.

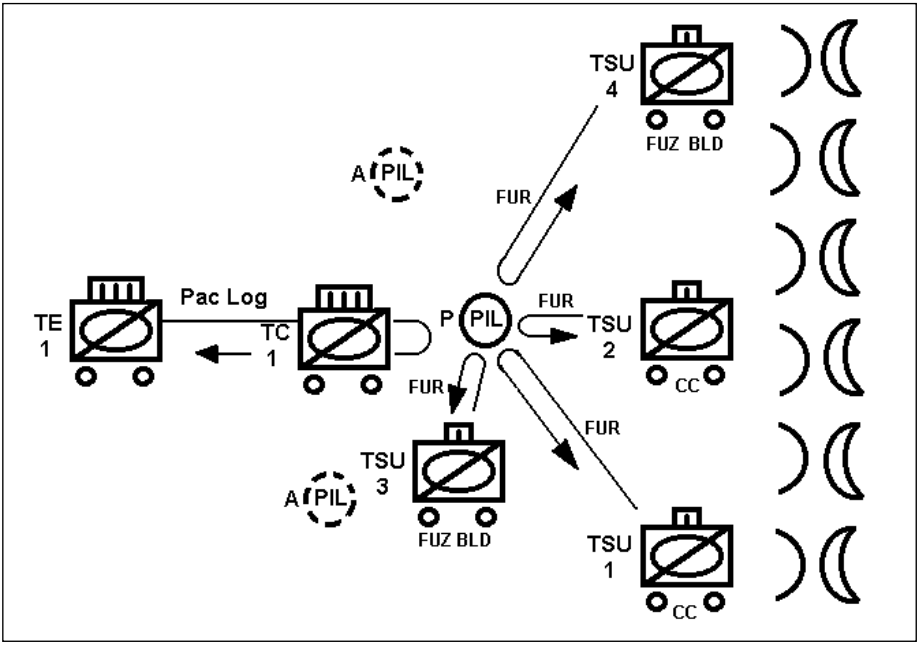

Fig 10-5. Ponto Intermediário Logístico

10-9. PACOTES LOGÍSTICOS

a. O sistema mais eficiente para o apoio aos elementos de 1º Escalão é o executado através da entrega de PACOTES LOGÍSTICOS às SU.

b. Os Pac Log são o conjunto de suprimentos necessários para uma subunidade, em determinado período de tempo, normalmente para uma jornada completa, e para determinada operação de combate, mais as viaturas logísticas da SU C Ap para transportá-los até a SU.

c. O Adj S4 é o Oficial encarregado do planejamento das operações de Pac Log, conforme as orientações recebidas do S4. Ele coordena estas operações com o Cmt Gpt/Cia C Ap (coordenador das atividades no PIL) e com o Cmt Pel Sup (organizador dos Pac Log).

d. Os Pac Log são organizados na ATE pelo comandante do pelotão de suprimento, sob a orientação do Adj S4 ou, diretamente pelo S4. A FT deve possuir pacotes logísticos PADRONIZADOS por subunidade e por tipo de operação de combate. Cada Pac Log padronizado deverá possuir o suprimento necessário (estimado) para uma SU em uma jornada. O emprego de Pacotes Logísticos padronizados tem por finalidade agilizar os trabalhos na ATE.

e. De posse das informações transmitidas pelas subunidades, contendo suas necessidades para a operação ou para a jornada seguinte, o Adj do S4 e o

Cmt Pel Sup introduzem as modificações necessárias nos Pac Log padronizados, adequando-os às necessidades de cada subunidade.

f. A entrega dos Pac Log nas SU dependerá, em princípio, da situação tática e logística existente. Poderão ser entregues a qualquer hora, conforme a urgência e a necessidade. Normalmente, os Pac Log são deslocados da ATE para a ATC, ou diretamente para o PIL, em uma única unidade de marcha, sob o controle do 2º Sgt Armz do Grupo de Comando do Pel Sup, no início da noite. A entrega do suprimento às subunidades deverá ser feita, em princípio, durante períodos de baixa visibilidade (noite, madrugada, etc...) a fim de aumentar a segurança do apoio logístico. Pac Log especiais poderão ser organizados e deslocados para a frente, a qualquer momento.

g. A coordenação das operações de Pac Log na FT é realizada pelo S4. O Oficial de Logística da força-tarefa deve assegurar-se de que o suprimento dos Pac Log será suficiente para apoiar as subunidades, no período e na operação tática prevista.

h. As NGA da FT devem estabelecer a organização básica dos Pac Log (viaturas e pessoal). Um Pac Log de FTSU deverá, em princípio, incluir:

(1) 01 (uma) Viatura de Suprimento Classe I: poderá ser previsto uma viatura para cada pacote logístico de subunidade ou uma única viatura para transportar o suprimento das FTSU, transferindo-se, no PIL, o suprimento de cada SU para as viaturas dos Sgt Furriéis. Esta viatura transporta basicamente as rações de combate ou o suprimento necessário à confecção das rações pelas Tu Aprov em Ap Dto. Caso seja previsto uma viatura por pacote logístico de subunidade, ela poderá tracionar um reboque cisterna de 1500 l de água, para realizar a troca pelo reboque da subunidade. Poderá transportar também outros tipos de suprimento, itens diversos, recompletamentos de pessoal e a correspondência individual dos integrantes da FTSU.

(2) 01 (uma) Viatura de Suprimento Classe III (Cisterna de Combustível): transportará o combustível necessário à FT SU.

(3) 01 (uma) Viatura de Suprimento Classe V (Munição): esta viatura transporta o conjunto das munições necessárias aos sistemas de armas da FTSU. As NGA da FT poderão estabelecer pacotes padronizados de munição, por SU e por tipo de operação/dia ou período considerado. Estes pacotes padronizados poderão ser modificados de acordo com a situação logística e a necessidade das subunidades.

i. Além das viaturas previstas para os Pac Log das FTSU, será prevista uma Viatura de Suprimento Geral. Esta viatura deverá transportar outros itens de suprimento não incluídos nas outras viaturas, como óleos, lubrificantes, etc.... O 2º Sgt Armz do Pel Sup coordenará a unidade de marcha dos Pac Log desta viatura. No PIL o suprimento será repassado para as viaturas dos Sgt Fur.

j. Um Pac Log para pelotão é normalmente transportado em uma única viatura. A água e o combustível serão transportados em tonéis de 200 l ou camburões de 20 l, na própria viatura ou em um reboque.

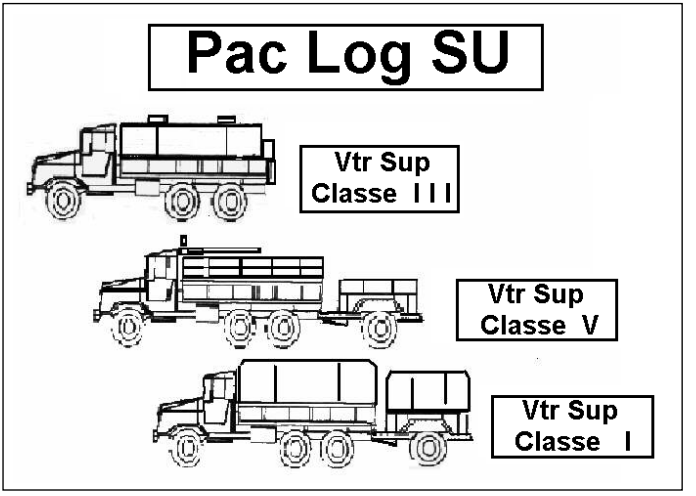

Fig 10-6. Pacote Logístico Padrão de Subunidade ou FT SU

l. O comboio dos Pac Log das FTSU deve chegar no PIL na hora determinada pelo S4. Sua permanência neste local deverá ser regulada pelas NGA da FT, em princípio, será a menor possível. As NGA deverão estabelecer também os procedimentos de segurança a serem adotados durante o deslocamento do Pac Log da ATE até o PIL e, neste local.

m. O Cmt SU C Ap (coordenador das atividades no PIL) e elementos da 1ª e da 4ª Seções (COL) deverão estar presentes no PIL durante a entrega dos Pac Log às FTSU. No PIL será estabelecido contato entre o Sgt Fur das FTSU e os elementos das 1ª e 4ª Seções e do Pel Sup. Neste contato deverá ser transmitido ou informado:

(1) mudança das necessidades logísticas em face da alteração da constituição das FTSU;

(2) a situação do efetivo, suprimento e manutenção das FTSU;

(3) as necessidades logísticas da FTSU para o período seguinte;

(4) entrega e recebimento de documentos e correspondências;

(5) uma atualização da situação logística da FT;

n. Após receberem seus Pac Log no PIL os Sgt Fur conduzem as viaturas de suprimento para a ATSU ou para o local determinado pelo Sub Cmt FTSU, onde será entregue o suprimento. Após a entrega do suprimento, o Sgt Furriel retorna com as viaturas de suprimento até o PIL, liberando-as para o deslocamento até a ATC ou entregando-as diretamente ao 2º Sgt Armz do Pel Sup.

o. As viaturas dos Pac Log das FTSU poderão ser reunidas, após a entrega da suprimento, no PIL ou na ATC, conforme planejamento do S4. Após recebidas todas estas viaturas, será organizada novamente a unidade de marcha sob o controle do Pel Sup, sendo deslocada imediatamente para a ATE, onde terão início os trabalhos de preparação e organização dos Pac Log da jornada ou operação seguinte.

p. A entrega de suprimentos necessários ao PC Pcp / PC Tat, Pel Exp, Pel Mrt P, instalações da ATC e da ATE e elementos em reforço ou apoio à FT, deverão ser objeto de planejamento específico do S4, sendo previsto na Manobra Logística os processos, a hora e o local de entrega do suprimento.

10-10. OUTROS PROCESSOS DE DISTRIBUIÇÃO DE SUPRIMENTO

a. O processo de distribuição suprimento de Pac Log é o método usual para a entrega de suprimento aos elementos subordinados da FT. Entretanto, em determinadas situações, a utilização de outros processos poderá ser necessária.

b. Conforme o estudo de situação do S4, poderão ser empregados também, os seguintes processos de distribuição de suprimento:

(1) Apoio direto dos Trens de Combate: a ATC possui uma limitada quantidade de suprimento de Classe III e V para situações de emergência (reserva tática da FT). O S4 poderá determinar que elementos da ATC realizem a entrega deste suprimento na ATSU (distribuição na subunidade) ou, que elementos das FTSU recebam o suprimento diretamente na ATC (distribuição na instalação de surpimento).

(2) Suprimento pré-posicionado: este processo poderá ser utilizado, principalmente na defensiva e nos movimentos retrógrados. O suprimento necessário a determinada posição defensiva ou de retardamento de uma FTSU poderá ser pré-posicionado no campo de batalha, para agilizar o apoio logístico ou, por medidas de segurança.

(3) Reserva Móvel de Suprimento: este processo poderá ser utilizado nas operações ofensivas de grande mobilidade, quando o eixo de suprimento e evacuação da FT tende a ficar demasiadamente estendido. Viaturas de suprimento, normalmente as do Pac Log padronizado, são entregues em reforço, colocando todo o suprimento necessário a determinada operação ou fase da operação, junto à FTSU.

10-11. ATIVIDADE DE SUPRIMENTO

a. Generalidades

(1) Nas brigadas blindadas e mecanizadas é utilizado, em princípio, o processo de distribuição de suprimento na unidade. Entretanto, é freqüente, também, a distribuição em instalação de suprimento, combinando-se assim o emprego dos meios de transporte do B Log e da FT.

(2) Eventualmente, em função das características da operação ou das condições da região de operações, a força-tarefa poderá receber os seus suprimentos através de processos especiais de distribuição de suprimento, como: comboio especial de suprimento, posto de suprimento móvel, reserva móvel e suprimento por via aérea. Maiores detalhes sobre os processos especiais de suprimento são encontrados no manual de Logística Militar Terrestre.

b. Suprimento Classe I

(1) Ração

(a) As rações operacionais, normalmente utilizadas pela FT, são as seguintes R-1A, R-1B, R-2A, R-2B, R-3 e AE.

(b) Durante o combate, as rações a serem consumidas pelos elementos de 1º Escalão, em princípio, serão as rações de combate (R-2A e R-2B). As rações R-1A e R-1B serão consumidas, sempre que possível, nas Z Reu ou nas situações estáticas do combate.

(c) A distribuição de rações R-1A e R-1B à tropa dependerá da situação tática, da disponibilidade de água tratada para a sua confecção e de ordem do escalão superior.

(d) Compete ao S4 o planejamento e a supervisão do preparo das rações e o planejamento de sua distribuição à tropa (assessorado pelo Of Aprov).

(2) Escalonamento das rações

(a) Com o homem - Cada homem transporta uma alimentação de emergência (AE), que só é consumida mediante ordem. A alimentação de emergência não faz parte da reserva orgânica da FT e, quando houver necessidade de se fazer um pedido, o mesmo é feito considerando-se o efetivo existente.

(b) Com as FTSU e a FT - De acordo com o quadro abaixo:

ELEMENTO	TRANSPORTE	RAÇÃO	QUANTIDADE
SU (Tu Aprv em Ref ou Ap Dto)	Nas cozinhas	R-1A ou R-1B	2/3 a 1 2/3 de ração para o efetivo existente na SU.
	Nas viaturas	R-2A ou R-3	1 ração para o efetivo previsto na SU.
FT	Pel Sup / Esqd - Cia C Ap	R-2A ou R-3	1 ração para o efetivo previsto na FT.

(3) Preparo e distribuição das refeições - As cozinhas de campanha, em princípio, ficarão centralizadas no Pel Sup e desdobradas na ATE ou ATC. Quando determinado o consumo de ração normal, as SU poderão receber em Ap Dto ou em Ref as Tu Aprov do Pel Sup.

(4) Suprimento aéreo: indicado para operações profundas que exijam grandes e rápidos deslocamentos, quando não há rede viária adequada ou os meios de transportes terrestres são restritos, confere rapidez às operações da FT, mas é extremamente dependente da disponibilidade de meios e de condições meteorológicas favoráveis. Os processos de desembarque do suprimento são o descarregamento e o lançamento por pára-quedas ou em queda livre.

c. Suprimento Classe III

(1) Distribuição às subunidades

(a) O reabastecimento das viaturas será feito, em princípio, à noite. No Ponto Intermediário Logístico(PIL) os Pac Log serão entregues aos Sgt Furriéis de cada SU, que deslocarão os comboios para as Z Aç das SU.

(b) Em princípio, a distribuição do suprimento classe III será feita nas ATSU ou em local próximo à ela. Dependendo da situação tática, a distribuição do Sup Cl III poderá ser feita em local imediatamente à retaguarda das posições dos Pel CC e Pel Fuz Bld ou nas posições das viaturas.

(c) As viaturas cisternas de combustível deverão avançar o mais à frente possível. As frações constituídas ou viaturas isoladas, deslocam-se de suas posições até o local determinado para o abastecimento, onde receberão o combustível previsto.

(2) Nível de segurança - No planejamento da Manobra Logística, o S4 estabelecerá um NÍVEL DE SEGURANÇA para a FT, por viatura, referente ao Sup Cl III, em função do apoio do escalão superior e o tipo da operação a ser desenvolvida. Este Nível de Segurança deverá ser, em princípio, de 1/3 da capacidade do tanque de combustível da viatura considerada. Ao atingir este nível, a viatura deverá ter recompletado o seu tanque de combustível na primeira oportunidade.

(3) Ponto de Distribuição de Suprimento Classe III (P Dist Cl III) - Normalmente, a FT instala dois P Dist Cl III: um avançado, na ATC(para situações de emergência) e um recuado, na ATE.

d. Suprimento Classe V

(1) Distribuição às subunidades

(a) O remuniciamento das SU será feito, em princípio, à noite. No ponto intermediário logístico (PIL) os Pac Log serão entregues aos Sgt Furriéis de cada SU, que deslocarão os comboios para as Z Aç das SU

(b) Em princípio, a distribuição do suprimento classe V será feita nas ATSU ou em local próximo à ela. Dependendo da situação tática, a distribuição do Sup Cl V poderá ser feita em local imediatamente à retaguarda das posições dos Pel CC e Pel Fuz Bld ou nas posições das viaturas.

(c) As viaturas de munição deverão avançar o mais à frente possível. As frações constituídas ou viaturas isoladas, deslocam-se de suas posições até o local determinado para o remuniciamento, onde receberão a munição prevista.

(2) Posto de Remuniciamento (P Rem)

(a) Normalmente, a FT instala dois P Rem: um avançado, na ATC(para situações de emergência) e um recuado, na ATE.

(b) Em princípio, os P Rem funcionam sobre rodas, particularmente, na ATC.

e. Suprimento Classe VIII

(1) A distribuição de suprimento Cl VIII, em combate não obedece a processos pré-estabelecidos. É feita informalmente, através dos elementos de saúde dos diferentes escalões aproveitando, quando for o caso, o movimento das ambulâncias ou através dos Pac Log.

(2) O Posto de Socorro da força-tarefa, recebe do D Distr Cl VIII/BLog e mantém, em princípio, pequenos estoques de suprimento de saúde adequados ao nível de apoio prestado. Estes estoques constituem a reserva orgânica de Sup Cl VIII.

h. Suprimento de peças e conjuntos de reparação - A fim de atender as necessidades da FT, o Pel Mnt mantém um estoque adequado de peças e conjuntos de reparação, o qual constitui a reserva orgânica da FT. Cabe ao Cmt do Pel Mnt o processamento da administração do suprimento referente a peças e conjuntos de reparação. O suprimento de comunicações poderá ser processado pelo Pel Com.

i. Suprimento de produtos acabados - Estes suprimentos são reunidos em um só grupo, para maior simplicidade, considerando que o seu consumo é relativamente baixo e o seu tratamento praticamente o mesmo. Cabe ao Cmt do Pel Sup o processamento e administração destes suprimentos.

j. Suprimento Classe X

(1) Suprimento de água

(a) A distribuição do suprimento de água no âmbito da brigada será definida no planejamento de apoio da GU e, é assegurado por um posto de suprimento de água (P Sup Água) instalado e operado pelo batalhão logístico (B Log) da brigada.

(b) A FT poderá receber na ATE ou abastecer-se no P Sup Água usando camburões para água de 20 l, tonéis de 200 l, viatura cisterna para água ou reboques cisternas de 1500 l.

(c) Normalmente, o recebimento será feito à noite, podendo, conforme a necessidade, ser feito a qualquer hora. A FT poderá receber um horário para reabastecer-se, particularmente quando o suprimento é limitado, ou a procura é excessiva.

(d) A distribuição de água às subunidades é feita, em princípio, junto com a distribuição de suprimento Cl I. Entretanto, as subunidades poderão ressuprir-se de água a qualquer momento, junto à viatura cisterna para água da força-tarefa (mediante contato com o S4).

(2) Cartas

(a) A distribuição de cartas na brigada é feita pelo B Log, sob a supervisão do E2. No âmbito da Bda não há pedidos de cartas.

(b) Cabe ao S2 coordenar e supervisionar, no âmbito da FT, todas as atividades referentes ao suprimento de cartas, incluindo o recebimento e a distribuição aos elementos subordinados e, eventualmente, o pedido.

(3) Impressos e publicações (exceto cartas e mapas) - Os impressos e publicações, quando não forem fornecidos automaticamente pelo escalão superior, serão solicitadas ao B Log da Brigada.

l. Artigos controlados e regulados - Os pedidos de suprimento de qualquer classe de artigos regulados e controlados seguem os canais de comando para aprovação. Após aprovados pelo comandante com autoridade para decidir sobre o atendimento, o suprimento, no âmbito da brigada, é fornecido para a FT pelo B Log.

m. Material salvado e capturado

(1) Material salvado

(a) O material salvado constitui valiosa fonte de suprimento. A FT é responsável pela evacuação de salvados para o posto de coleta de salvados da A

Ap Log ou para o seu E Sup Ev. Neste mister pode ser auxiliada por elementos da Cia Log Mnt, particularmente quando se tratar de material volumoso e/ou pesado.

(b) O material salvado, quando evacuado pela força-tarefa para o seu E Sup Ev, é coletado pela Cia Log Mnt e levado para o posto de coleta de salvados da A Ap Log.

(c) Todo o material salvado que necessitar de apoio de manutenção é atendido, inicialmente e sempre que possível, por elementos da seção leve de manutenção, normalmente desdobrados na ATE da FT. Se recuperado e mediante as normas em vigor, pode voltar à cadeia de suprimento, sendo entregue às unidades de origem ou àquelas que estiverem mais necessitadas. O que não puder ser reparado a nível FT é evacuado para o posto de coleta de salvados da A Ap Log. Nesta instalação, o que for recuperado volta à cadeia de suprimento através do sistema de suprimento ou de manutenção da brigada. O que não puder ser aproveitado é evacuado pelo escalão superior, caso seja compensadora tal evacuação.

(2) Material capturado

(a) Com o material capturado ao inimigo procede-se da mesma forma que para o material salvado, exceto no que se refere às amostras de materiais novos, que devem ser imediatamente encaminhadas, após o conhecimento do S2, aos órgãos técnicos do escalão superior.

(b) Evacuação do material capturado

1) O material capturado é evacuado para o P Col Slv mais próximo, seja para o da FT ou o de Bda.

2) Quando se der o recebimento em um P Col Slv de materiais com características desconhecidas ou modificadas, torna-se necessário informar, no mais curto prazo, ao S2 da força-tarefa, que deve entrar em contato com o E2 da brigada quanto ao destino a ser dado ao referido material.

3) Munição e outros artigos cujo manuseio por pessoal não habilitado possa oferecer perigo, não devem ser deslocados; devem ser mantidos sob vigilância, se praticável. O oficial de munições da força-tarefa é notificado o mais cedo possível.

4) O material em condições de utilização pode ser distribuído através dos canais de suprimento, mediante aprovação do comandante da brigada. Equipamentos, combustíveis, lubrificantes e munições devem ser examinados e aprovados antes de serem utilizados.

5) Suprimentos de saúde são manuseados de acordo com a Convenção de Genebra, sendo entregues às instalações de saúde, para inspeção, antes de sua redistribuição ou uso. Esses suprimentos são de especial valor para uso pelos prisioneiros de guerra, no tratamento de seus doentes e feridos, bem como no atendimento de civis.

10-12. ATIVIDADE DE SAÚDE

a. Generalidades

(1) O atendimento médico adequado é uma responsabilidade do comando, em todos os escalões. Ele visa a conservação dos efetivos e a preservação da eficiência e do moral da tropa.

(2) O apoio de saúde é planejado, coordenado e controlado pelo S1, auxiliado pelo Cmt Pel Sau. Deve ser planejado e executado de modo a ajustar-se ao plano tático.

(3) A FT não tem encargos de hospitalização. Cabe ao serviço de saúde da unidade, representado pelo seu pelotão de saúde (Pel Sau), realizar o tratamento médico de emergência e, quando necessário, a evacuação de feridos, doentes e acidentados, no âmbito da força-tarefa.

b. Posto de Socorro

(1) É uma instalação para assistência aos feridos e doentes, estabelecida sob condições de combate pelo pelotão de saúde, através de seu grupo de triagem. Constitui o elo mais avançado da cadeia de evacuação do serviço de saúde. Do PS, o paciente é evacuado pelo pelotão de ambulâncias do batalhão logístico da Bda diretamente para o posto de triagem (P Trg) da Bda ou para o posto cirúrgico móvel (P Cir Mv) que apoia a Bda.

(2) Funções do Posto de Socorro

(a) Receber e fichar os pacientes.

(b) Examinar e classificar os pacientes, fazendo voltar ao serviço os considerados aptos e preparar, para a evacuação, os demais.

(c) Fazer o tratamento limitado ao necessário para salvar a vida ou um membro e preparar, para a evacuação, os demais.

(d) Fazer a profilaxia e o tratamento inicial do choque.

(e) Providenciar abrigo temporário para os feridos e doentes.

(f) Reunir os mortos, no necrotério do PS, para posterior evacuação para o P Col Mortos/Bda.

c. Desdobramento do apoio de saúde na FT

(1) O comandante do pelotão de saúde, (oficial de saúde da FT), é o principal responsável pela execução do apoio de saúde no âmbito da unidade. Incumbe-lhe, através do S1, o assessoramento ao comando sobre quaisquer problemas relacionados com a saúde, incluindo a higiene em campanha e a prevenção contra doenças.

(2) O Pel Sau instala e opera na ATC o PSFT, que é a principal instalação logística de saúde da unidade.

(3) As subunidades, quando necessário, estabelecem refúgios de feridos, instalações muito sumárias, situadas em locais abrigados, para os quais são conduzidos, se preciso for, os homens feridos.

(4) Logo que a unidade entra em combate, ou mesmo antes, cada subunidade recebe, normalmente, uma turma de evacuação, composta de elementos de saúde que atuarão no tratamento de urgência e na evacuação de feridos.

(5) Quando o PS se desloca, os feridos que não possam se locomover

são deixados, em grupos, que serão recolhidos por elementos do B Log. Se necessário, um atendente permanecerá com os feridos.

d. Emprego dos elementos do Pel Sau

(1) O Pel Sau envia para as subunidades uma turma de evacuação, composta de um auxiliar de saúde, um atendente/padioleiro e um padioleiro/motorista numa viatura ambulância. Estas turmas se deslocam com os trens das subunidades, seguindo imediatamente à retaguarda dos elementos de combate.

(2) Quando necessário, o S1 poderá determinar que o Pel Sau apoie com mais de uma Tu Evac uma determinada SU ou reforçe a Tu Evac distribuída com, no mínimo, mais um atendente, para operar o refúgio de feridos da subunidade.

(3) Os elementos restantes do pelotão exercem suas atividades no PSFT.

e. Tratamento e evacuação de feridos

(1) Quando um homem é ferido, os primeiros socorros, em princípio, são prestados por um companheiro. Em seguida, os feridos que possam se locomover serão encaminhados ao refúgio de feridos por seus próprios meios. Aqueles que não tiverem condições de locomoção serão evacuados para o RF pelos integrantes de sua fração, por outros elementos designados pela SU ou serão assinalados no terreno e esperarão a evacuação através da Tu Evac.

(2) No refúgio de feridos, o ferido é preparado para a evacuação, se esta for necessária.

(3) A evacuação dos feridos para o PSFT é feita pela turma de evacuação, a partir do refúgio de feridos, ou mesmo, diretamente do local em que o homem foi ferido.

(4) O PSFT é a primeira instalação da cadeia de evacuação onde existe atendimento médico. Aí, os pacientes são separados de acordo com o tipo e a gravidade dos respectivos casos.

(5) Os feridos que puderem voltar ao combate, em curto prazo, são mantidos no PSFT ou nas suas proximidades, caso a situação tática o permita. Logo que aptos, retornam às suas subunidades. Aqueles que não tiverem condições de retornar à frente de combate são preparados para a evacuação, que será feita em viaturas ambulância, a cargo do pelotão de ambulâncias, da Cia Log Sau do B Log.

(6) Para os feridos graves, poderá ser solicitada a evacuação aeromédica (EVAM). Para isto, normalmente, é utilizada a rede administrativa da brigada, podendo também, em caso de necessidade, ser utilizada a própria rede de comando.

10-13. ATIVIDADE DE MANUTENÇÃO

a. Generalidades

(1) A manutenção é uma responsabilidade de comando. Os comandantes, em todos os escalões são responsáveis pela manutenção adequada de todo o seu equipamento.

(2) Esta responsabilidade inclui as providências para a pronta recuperação do material danificado ou em pane, visando ao seu retorno ao serviço o mais

rapidamente possível.

(3) Em princípio, a manutenção deve ser executada tão à frente quanto o permitirem a situação tática e a disponibilidade de tempo e recursos. Muitas vezes é preferível a ida do pessoal de manutenção ao encontro do material do que proceder em sentido inverso, reduzindo a necessidade de evacuação.

b. Funcionamento da manutenção

(1) Material motomecanizado

(a) A manutenção na FT é executada pelo (a):

1) Motorista ou guarnição: elemento base da cadeia de manutenção; é responsável pela manutenção de primeiro escalão.

2) Grupos de Manutenção de Subunidade (Gpt Mnt/Sec Cmdo): apoia os pelotões e seções na execução de manutenção de 1º Escalão, supervisionando, orientando e auxiliando as guarnições das viaturas. Realiza o levantamento das necessidades de manutenção de 2º Escalão da SU. Inicia a manutenção de 2º Escalão das viaturas da SU. Localiza-se na ATSU.

3) Turma de Manutenção da Sec Ap Dto/Pel Mnt: realiza a manutenção de 2º Escalão que puder ser feita na ZAç das subunidades. Normalmente, as subunidades recebem em Ap Dto as mesmas Tu Mnt, a fim de possibilitar um maior conhecimento das viaturas das frações da SU. As viaturas que não puderem ser manutenidas pela Tu Mnt serão evacuadas para a ATC. Uma determinada SU poderá receber uma, duas, três ou nemhuma Tu Mnt em Ap Dto ou Ref, conforme previsão do S4. Localiza-se na ATSU.

4) Grupo de Manutenção de viaturas da Sec Mnt/Pel Mnt: é o principal elemento de apoio de manutenção da FT. Realiza a manutenção de 2º Escalão que não puder ser feita nas ZAç das Su e inicia a manutenção de 3º Escalão, quando for autorizado pelo B Log. Desdobra-se na ATC.

(b) Além dos meios orgânicos, a FT, em princípio, conta com o apoio do escalão superior proporcionado pela Cia Log Mnt do B Log que desdobra, normalmente, uma seção leve de manutenção, do Pel L Mnt, na ATE da força-tarefa, a fim de prestar apoio de 3º escalão de manutenção à unidade.

(c) O Pel Mnt da força-tarefa e a seção leve de manutenção da Cia Log Mnt do B Log, normalmente, desdobram-se na manutenção na ATC e ATE, respectivamente. Entretanto, poderão realizar a manutenção das viaturas no local, quando tal procedimento for conveniente, sobretudo no caso de viaturas sobre lagartas, cuja evacuação se torna uma operação mais complexa.

(d) Principalmente nas operações de alta mobilidade, o apoio de manutenção toma sentido mais ativo. Equipes de manutenção são lançadas à frente para prestar apoio no próprio local em que houve a pane, inclusive Elm da Cia Log Mnt do B Log, visando apoiar o movimento da FT

(e) Quando não conseguirem recuperar uma viatura indisponível, os diferentes elementos de manutenção, em princípio, solicitarão o auxílio do escalão imediatamente superior. Além dessa providência, o Pel Mnt poderá evacuar a viatura, no mínimo, até o E Sup Ev da FT e a Sec L Mnt Ap Dto procurará evacuá-la no mínimo, para a EPS da brigada.

(2) Armamento e instrumentos

(a) A manutenção do armamento e dos instrumentos óticos e de

direção de tiro (IODT) é executada na FT pelo (a):

1) Usuário do armamento / IODT ou guarnição: são os responsáveis pela manutenção de 1º escalão.

2) Grupo de manutenção (Gpo Mnt) das SU: através do Cb Aj Mec Armt L, realiza a manutenção de 2º escalão do armamento e dos IODT, proporciona apoio à manutenção de 1º escalão dos pelotões, coordenando, assistindo e ampliando o trabalho das guarnições.

3) Grupo de Manutenção de Armamento (Sec Mnt / Pel Mnt): apoia a execução da manutenção de 2º escalão do armamento leve realizada pelas subunidades e realiza a manutenção de 2º Escalão do armamento pesado.

(b) Além dos meios orgânicos, a FT, em princípio, conta com o apoio do escalão superior proporcionado pela Cia Log Mnt do B Log que desdobra uma seção leve de manutenção (Pel L Mnt), na ATE da força-tarefa, a fim de prestar apoio de 3º escalão de manutenção à unidade.

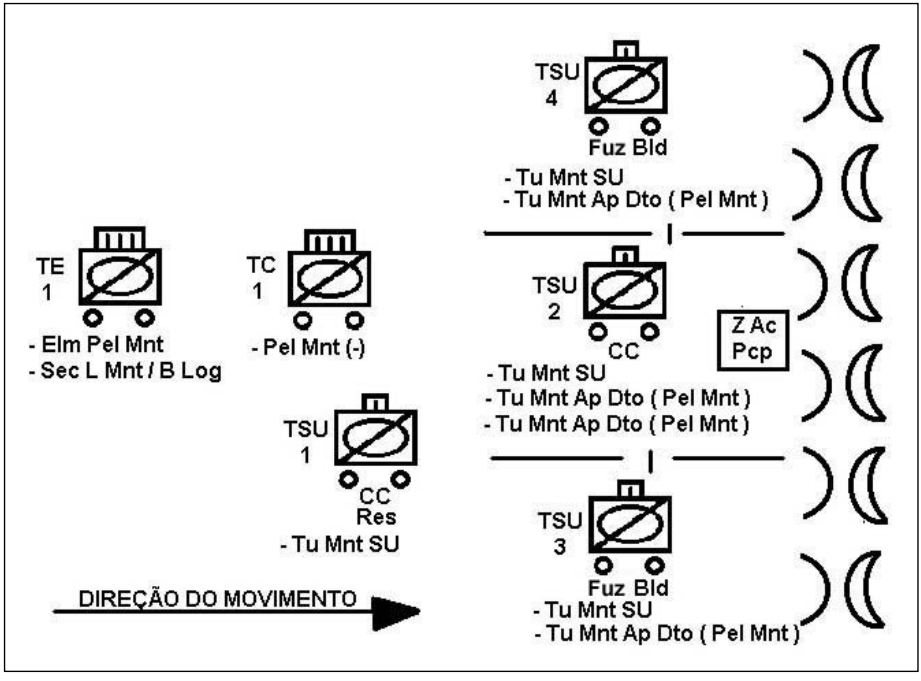

Fig 10-7. Apoio de Manutenção

(3) Material de comunicações

(a) A manutenção do material de comunicações da FT é feita pelos radioperadores (primeiro escalão) e por elementos especializados do Pel Com, que executam o segundo escalão.

(b) Estes elementos poderão passar à disposição do Pel Mnt para a execução da manutenção do material eletrônico e de comunicações das viaturas.

(c) Se for conveniente para a realização da manobra logística, o S4,

poderá centralizar a atividade de manutenção e suprimento do material de comunicações sob coordenação do Oficial de manutenção da FT.

(d) Todo o material que necessite manutenção além do segundo escalão é evacuado para a Cia Log Mnt do B Log.

(4) Material de saúde

(a) O Pel Sau executa apenas a manutenção de primeiro escalão.

(b) Todo o material que necessitar manutenção de segundo escalão ou de escalões mais elevados que não puder ser atendido pelo pessoal e ferramental disponível no Pel Mnt / FT, será evacuado para a Cia Log Sau / B Log, pelos canais de manutenção.

10-14. ATIVIDADE DE TRANSPORTE

a. As atividades de transporte, na FT, são de pequena monta, resumindo-se, praticamente, ao transporte de suprimentos, à evacuação de feridos (S1)e ao controle da(s) coluna(s) de marcha da unidade.

b. No escalão força-tarefa, o controle de trânsito é implementado pela sinalização das estradas e pelo controle sobre os comboios da FT. O Pel Exp poderá ser empregado no controle de trânsito da FT, em determinadas situações.

c. As responsabilidades quanto a transportes na força-tarefa estão afetas ao S4, no tocante à coordenação geral e ao planejamento e supervisão do transporte de suprimentos e evacuação de material. O comandante do Esqd / Cia C Ap é o responsável pela execução dos transportes.

d. O S3 é responsável pelo planejamento, controle e supervisão dos movimentos táticos, inclusive a elaboração das ordens de marcha (O Op), devendo efetuar a necessária coordenação com o S4.

10-15. PESSOAL

a. Generalidades

(1) Pessoal é a atividade da função logística operacional que tem a seu cargo planejar, integrar e controlar as tarefas de controle de efetivos, recompletamento, repouso, recuperação e recreação, sepultamento, suprimento reembolsável, serviço postal, banho, lavanderia e mão-de-obra. Tem por finalidade prever, prover e apoiar o pessoal, contribuindo para manter elevado o moral das forças terrestres em operações.

(2) As demais atividades referentes a pessoal, como disciplina e justiça militar, apoio religioso, finanças, prisioneiros de guerra e assuntos civis, realizadas no TO, não fazem parte da logística, embora sejam do Sistema de Pessoal ou do Sistema de Comando.

(3) A importância do indivíduo para o exército deve ser bem compreendida por todos os comandantes. Os cinco **princípios básicos** que se impõem para a eficiência da atividade de pessoal são **colocar o homem indicado na função apropriada**, **explorar as possibilidades do indivíduo** (desenvolvendo-as pela

instrução), **estimular o desejo de produzir**, **assegurar o progresso profissional** e **utilizar o indivíduo inteiramente nas funções essenciais**.

b. Controle de efetivos

(1) Para o controle de efetivos é essencial a existência de um fluxo de informações sobre pessoal através de relatórios e o seu conseqüente registro em todos os escalões da força terrestre no TO.

(2) Os registros são indispensáveis ao S1 para a elaboração dos relatórios determinados pelo escalão superior, para a consolidação da experiência de combate da FT, para a reunião de dados necessários aos estudos de situação e ao planejamento de uma forma geral.

(3) Na FT, procura-se reduzir ao mínimo os registros, sem contudo omitir os realmente necessários. Dentre estes, destacam-se os cadernos de trabalho, o diário da unidade, o quadro de necessidades de recompletamento, relatório periódico de pessoal, relatório de perdas, sumário diário de pessoal, mensagem diária de efetivos e o mapa da força.

c. Perdas - As perdas têm duplo interesse para o S1 por que afetam o moral e a combatividade da tropa e ocasionam claros a preencher pelo recompletamento.

d. Recompletamento

(1) Na FT, o pedido de recompletamento tem por base a abertura de claros e não a estimativa de perdas.

(2) O S1 é o responsável perante seu comandante, por todos os assuntos que dizem respeito ao recompletamento. A ele compete pedir, receber, providenciar alimentação, distribuir e encaminhar os recompletamentos que forem entregues a sua unidade.

e. Sepultamento

(1) As atividades de sepultamento atendem a dupla finalidade: preservar as condições sanitárias no campo de batalha e manter elevado o moral da tropa. A pronta remoção dos cadáveres, amigos e inimigos, corresponde à primeira finalidade, enquanto que a certeza de um tratamento cuidadoso e reverente aos que tombam na luta é fator importante para o moral dos soldados, no teatro de operações, e dos civis, na zona do interior.

(2) Os mortos inimigos recebem tratamento idêntico aos nossos; não é permitido, entretanto, misturar amigos e inimigos.

(3) No âmbito da FT, o planejamento, a coordenação e a supervisão de todas as atividades relacionadas aos mortos cabem ao S1. Considerando sempre as diretrizes da brigada e entendendo-se com os demais membros do estado-maior e os comandantes dos elementos subordinados, ele planeja a evacuação dos mortos.

(4) As atividades de sepultamento, neste escalão, compreendem a coleta dos mortos, a identificação e registro (nome, posto e graduação, número de registro, subunidade, hora e local da morte) e a evacuação até o posto de coleta (P Col Mortos) da brigada, na A Ap Log Bda.

(5) Normalmente, as próprias subunidades recolhem os mortos nas respectivas zonas de ação e os evacuam para o posto de coleta da FT. Quando

a situação o exige, designam-se meios especiais para este fim.

(6) No escalão FT não há sepultamento propriamente dito. Um soldado morto deve ser identificado imediatamente por seu comandante de grupo, CC, adjunto de pelotão ou ainda pelo Cmt Pel. Tal identificação é sumária e consta apenas do nome do soldado, função e identidade (consta da placa de identificação). A seguir o cadáver é evacuado, por seus companheiros ou por elementos da reserva, para um local próximo ao P Rem/SU. Este local deve estar oculto das vistas daqueles que transitam na área do P Rem. Se o pelotão não pode identificar o morto, o comando do SU deve providenciar sua identificação. Os mortos são evacuados para o P Col Mor da FT, em princípio, pelas viaturas de suprimento de classe V dos Pac Log. Em nenhuma hipótese, os mortos devem ser evacuados em ambulâncias ou viaturas que fazem o suprimento de Cl I.

(7) O P Col Mor da FT se situa nas proximidades do P Rem FT, em local oculto das vistas dos elementos que transitam na área ou nas estradas que o cortam. Este local é operado por elementos do grupo do S1 do Pel Cmdo. Estes elementos registram os mortos em sua documentação e são encarregados de embalar os corpos ou prepará-los para a evacuação para o P Col Mor da Bda. Após registrados, os mortos são evacuados na primeira viatura de munição que vá para a retaguarda a fim de fazer o remuniciamento.

(8) A permanência dos mortos no âmbito da FT deve ser a mais curta possível. Todos os pertences e objetos que se encontram com o cadáver são evacuados com ele para o P Col Mor da Bda. O armamento do morto é evacuado pela SU através do S4/FT, caso não haja falta desse armamento na SU. Neste caso, o Cmdo SU apenas participa que deixa de evacuá-lo porque dele necessita para suprir lacuna de outro armamento destruído (ou perdido) por ação do inimigo.

h. Repouso, recuperação e recreação

(1) Repouso, recuperação e recreação são tarefas da atividade pessoal da função logística operacional que tratam do pessoal, individualmente ou por unidades, permitindo que se refaça do desgaste físico, mental e emocional provocado por longos períodos de combate, de trabalho extenuante e sob pressão. A execução bem dosada dessas tarefas contribui para a conservação do potencial humano.

(2) São realizadas em três tipos de instalações: áreas de repouso, áreas de recuperação e centros de recreação. A FT é usuária dessas instalações. O S1, que é também o oficial do serviço especial da unidade e tem atribuições de organizar e superintender as atividades desportivas e recreativas na FT, assessora o Cmt na concessão de licenças e permissões, particularmente no que diz respeito ao aproveitamento dessas instalações.

i. Alimentação - No nível da FT, a alimentação diz respeito às tarefas e processos realizados pela seção de aprovisionamento do Pel Sup, sob controle do oficial aprovisionador. É o processamento do suprimento classe I após ter sido recebido pelas turmas de aprovisionamento. Sua distribuição será sempre função da manobra logística. A alimentação requer grande atenção dos responsáveis pelo sistema de pessoal, pois tem forte influência no moral e desempenho da tropa.

j. Suprimento reembolsável

(1) Os artigos reembolsáveis, incluídos na Cl X, material de higiene, alimentos diversos, refrigerantes, revistas e outros itens que contribuem para o conforto individual, são oferecidos por meio de cantinas móveis, deslocadas pelo Ex Cmp para as A Ap Log das Bda e para as unidades.

(2) Particularmente na ZC, quando se torna inviável o funcionamento de cantinas, pode ser autorizada a distribuição de determinados artigos essenciais, como parte das rações.

l. Serviço postal - A nível de FT abrange a correspondência e a remessa de impressos, encomendas e valores.

m. Banho e lavanderia

(1) O Cmt FT, o S4 e o S1 deverão sempre considerar no planejamento logístico da FT que as atividades de banho e de lavanderia são fatores importantes na manutenção das condições de higiene e do moral da tropa.

(2) Compete ao S1 o planejamento e a supervisão a das atividades de banho e de lavanderia. A freqüência e a oportunidade deste apoio será condicionada pela situação tática e pela disponibilidade de água tratada, devendo estar regulado no planejamento logístico da brigada.

(3) A Cia Log Pes do B Log instala e opera um posto de banho (P Ban) e até dois postos de lavanderia (P Lav) na AApLog. Este apoio de banho e lavanderia do B Log será controlado pelo E1, que determinará as condições de sua execução e o apoio a ser prestado às OM / Bda. O B Log eventualmente poderá apoiar a FT na ATE ou realizar a troca do fardamento através do fluxo de Sup Cl I.

(4) A atividade logística de banho é um encargo do B Log, que dispõe das condições necessárias, do material e pessoal especializado para realizá-la. Entretanto, a FT poderá, dependendo da situação tática e caso disponha de água limpa ou tratada suficiente, operar equipamentos simples ou improvisados de banho, para pequenos efetivos, a fim de permitir um maior conforto e a melhoria das condições de higiene de sua tropa. Este banho não deverá ser considerado como uma atividade logística e não substitui a atividade realizada pelo B Log.

n. Mão-de-obra - Na FT são muito raras as atividades com respeito ao aproveitamento de civis. Porém, quando a brigada autorizar o emprego de mão-de-obra local, o S1 representará o Cmt FT nas relações com os civis.

10-16. TAREFAS REFERENTES A PESSOAL INTEGRADAS AO SISTEMA COMANDO

Embora não façam parte da função logística operacional, algumas tarefas referentes a pessoal integradas ao Sistema Comando são de grande interesse a nível de FT.

a. Justiça e Disciplina

(1) Sob este aspecto, a atividade de pessoal na FT está particularmente ligada à manutenção da disciplina.

(2) Conquanto todo o EM se interesse pelo assunto, compete especificamente ao S1 informar ao Cmt tudo que possa influir no estado disciplinar da tropa. São indícios comuns de afrouxamento da disciplina:

(a) número excessivo de ausentes e desertores;

(b) numerosos pedidos de transferência;

(c) aumento dos crimes, em número e gravidade;

(d) muitas prisões por violações às leis civis;

(e) aumento do número de doenças sexualmente transmissíveis;

(f) desleixo com o asseio pessoal e a limpeza dos alojamentos, viaturas e instalações;

(g) descuido com o uniforme e a atitude militar;

(h) negligência no cumprimento de ordens e instruções.

(3) Além de informar ao Cmt, o S1 planeja medidas preventivas e corretivas para a manutenção da disciplina e supervisiona sua execução.

(4) As medidas preventivas incentivam a obediência e o respeito à autoridade, eliminando causas reais ou potenciais de transgressão. Compreendem:

(a) aplicação dos princípios de chefia e liderança em todos os escalões;

(b) instrução oportuna sobre os direitos e deveres do soldado;

(c) realização de cerimônias e festividades que desenvolvam o espírito militar, o espírito de corpo, a correção no uso dos uniformes e o sentimento do valor pessoal;

(d) ajustamento das medidas disciplinares às condições locais;

(e) orientação e conselhos adequados nas pequenas faltas que não sejam reincidências;

(f) atenção às reclamações do pessoal, apoiando-as quando justificadas.

(5) As medidas repressivas e corretivas visam coibir transgressões, quando falham as medidas preventivas. Compreendem o emprego de patrulhas com missão policial, a prisão de transgressores, etc.

b. Prisioneiros de Guerra

(1) O planejamento, a coordenação e a supervisão de tudo que se refere a prisioneiros de guerra compete ao S1. Sem perder de vista as diretrizes do escalão superior e entendendo-se com os demais membros do estado-maior e com os comandantes dos elementos subordinados, ele planeja as ações que se seguem à captura dos prisioneiros até sua evacuação para o P Col PG / Bda. O mais cedo possível, após a captura, são os prisioneiros desarmados e grupados para evacuação, separando-se oficiais, graduados, desertores, civis e mulheres.

(2) O tratamento a ser dispensado aos prisioneiros é regulado pela Convenção de Genebra de 1949 e os diversos protocolos subsequentes. As principais prescrições, no que interessa à FT, são:

(a) não se permitem atos de violência nem medidas de represália.

(b) a pessoa e a honra dos prisioneiros devem ser respeitadas.

(c) a evacuação deve ser pronta, para não expor os prisioneiros a perigos desnecessários.

(d) nos interrogatórios, os prisioneiros apenas são obrigados a declarar nome, posto ou graduação, número de identidade e idade.

(e) só se permite a discriminação baseada na consideração de posto ou graduação, condições físicas e mentais, qualificações profissionais e sexo.

(f) o posto e a antigüidade dos oficiais devem ser convenientemente respeitados.

(g) a alimentação dos prisioneiros será igual à das tropas amigas em valor nutritivo.

(h) os prisioneiros não podem ser empregados em trabalhos diretamente ligados às operações de guerra, particularmente no manuseio e no transporte de material para as unidades combatentes.

(3) A pé ou transportados, aproveitando viaturas vazias, os prisioneiros são evacuados da frente até o P Col PG/Bda. As subunidades evacuam os PG até os postos de coleta da FT, onde demoram o estritamente necessário para um ligeiro interrogatório sobre a situação tática. Do P Col PG/FT para o P Col PG/Bda a responsabilidade de evacuação é do Pel PE/Bda.

(4) Durante a evacuação dos prisioneiros, não se permite conversa, sendo também vedado distribuir-lhes alimentos, cigarros ou água antes do interrogatório, exceto se o intervalo entre a captura e o interrogatório tornar-se muito grande.

(5) No desempenho de suas atribuições referentes a prisioneiros de guerra, o S1 mantém as seguintes relações no âmbito da FT:

(a) com o S2, sobre interrogatório e estimativa de captura.

(b) com o S4, sobre meios de transportes.

(c) com o médico, sobre assistência e evacuação dos feridos.

(d) com o Cmt Esqd/ Cia C Ap, sobre a instalação de postos de coleta e a guarda dos prisioneiros de guerra, até que sejam entregues à Bda.

10-17. APOIO LOGÍSTICO DURANTE AS OPERAÇÕES

a. Durante as marchas

(1) Posição dos trens da FT nas marchas - Nas marchas, os trens, normalmente, são colocados como um todo (trens da unidade), nas proximidades da retaguarda da formação.

(2) Suprimento Classe III

(a) O abastecimento das viaturas da FT, nas marchas, é executado durante os altos programados. Para esta operação, é(são) utilizada(s) a(s) viatura cisterna(s) do Pel Sup além de uma viatura para lubrificantes. Durante os altos, a viatura de lubrificantes percorrerá a coluna, entregando o lubrificante necessário a cada viatura da formação enquanto que a(s) viatura cisterna(s) fará o abastecimento de combustível diretamente às viaturas da coluna ou poderá constituir um pondo de distribuição fixo.

(b) Em marchas prolongadas nas áreas de retaguarda, as viaturas de combustível e lubrificantes vazias abastecem-se nos P Distr Cl III, normalmente, estabelecidos pelo escalão superior (B Log da Bda), ao longo dos eixos de marcha. Freqüentemente, é aconselhável que as viaturas de abastecimento vazias precedam a coluna nestes postos.

(3) Refeições - Os altos para alimentação deverão, se possível, coincidir com os altos programados. Se a situação tática permitir, as cozinhas das SU poderão se deslocar com o destacamento precursor, de modo que as refeições possam ser preparadas antes da chegada da FT a um local predeterminado. Poderão, também, deslocar-se junto com a unidade, cozinhando durante a marcha, de modo que refeições quentes possam ser servidas ao final do deslocamento. Se a situação tática não permitir a distribuição de rações quentes durante a marcha, usar-se-ão rações de combate.

(4) Tratamento médico e evacuação - O PSFT, normalmente, marcha próximo à retaguarda da formação. Entretanto, caso a situação tática permita, poderá marchar com o PC. O grupo de evacuação coloca uma turma em apoio a cada SU. A turma de socorro e evacuação, utilizando-se de uma ambulância, marcha próxima à retaguarda da coluna da SU e fica em condições de realizar a evacuação das baixas para o PSFT. Se necessário, as ambulâncias evacuarão os baixados do PSFT para a retaguarda, caso o escalão superior não se encarregue desta providência.

(5) Manutenção e evacuação de viaturas

(a) Quando a ordem preparatória é recebida, as viaturas que não puderem ser reparadas antes da marcha são evacuadas para a unidade de apoio de manutenção, antes do deslocamento. Se o tempo não permitir a evacuação e se as viaturas não puderem ser movimentadas, sua localização e condições são informadas à unidade de apoio de manutenção (Cia Log Mnt do B Log da brigada).

(b) O Pel Mnt marcha próximo à retaguarda da formação da FT. As turmas de manutenção das SU deslocam-se com as mesmas.

(c) As viaturas indisponíveis são deslocadas para o lado da estrada, de modo a não interferir na passagem do restante da coluna. O pessoal das Tu Mnt das SU tentará a reparação das viaturas em pane. Caso o reparo não possa ser realizado, rebocará as viaturas até o destino. Entretanto, se a viatura não puder ser reparada ou rebocada, deve ser deixada para ser reparada ou evacuada pelo Pel Mnt. Se este não puder realizar o reparo ou evacuação, as viaturas sobre rodas são deixadas com seus motoristas e as sobre lagartas com mais um dos membros de suas guarnições, além dos seus motoristas. Neste caso, a localização e condições das viaturas são informadas à Cia Log Mnt do B Log ou Sec L Mnt que opera junto aos TE da FT.

b. Apoio logístico nas zonas de reunião - Nas zonas de reunião as operações de apoio logístico são realizadas de acordo com o tempo disponível e a situação tática. É a situação mais favorável para o apoio, pois a FTSU estarão próximas e desenvolvendo atividades logísticas voltadas para o cumprimento da missão futura.

(1) Suprimento

(a) A sistemática de suprimento com a FT em Z Reu é normal.

(b) Os suprimentos e equipamentos(bem como seus instrumentos de controle) são inspecionados. Devem estar disponíveis, em boas condições e os estoques autorizados completos.

(2) Tratamento médico e evacuação - Normalmente, o pessoal recebe apenas o tratamento de primeiros socorros na zona de reunião. Aqueles que

necessitarem cuidados adicionais são evacuados pelas ambulâncias para o P Trg da Bda.

(3) Manutenção - Deve-se aproveitar ao máximo o tempo disponível nas zonas de reunião para executar os trabalhos de manutenção. Os motoristas e pessoal de manutenção devem ter em mente que uma vez deixada a zona de reunião, as oportunidades para a execução adequada da manutenção serão limitadas. Todos os comandantes, as guarnições das viaturas e o pessoal de manutenção farão o máximo esforço possível para assegurar a eficiência operacional do equipamento, bem como para a execução dos reparos e inspeções que não puderem ser realizados convenientemente durante os períodos de combate. Todo o equipamento deverá ser inspecionado, limpo e deixado nas melhores condições possíveis. O Cmt poderá solicitar auxílio do B Log. O material que a FT não puder reparar será evacuado ou entregue, no próprio local, à Cia Log Mnt. Nesta situação (Z Reu), a FT procura centralizar seus meios para obter maior eficiência nos trabalhos.

c. Apoio logístico no ataque coordenado

(1) Durante uma ação ofensiva lenta, os TC FT deslocam-se para frente por lanços, protegidos pelos elementos de combate. O movimento deverá ser oculto da observação inimiga. Se a rede de estradas é limitada, a localização dos TC deve ser feita num ponto tal que possa fornecer um pronto apoio aos elementos de 1º escalão.

(2) O consumo de munição, combustíveis e lubrificantes (Sup Cl III e V) em operações ofensivas lentas é alto.

(3) O número de baixas é normalmente alto durante este tipo de operação ofensiva, necessitando rápida evacuação pelas turmas de evacuação das FT, até o PSFT. Quando é realizada uma ultrapassagem de tropa amiga, o médico da FT entra em ligação com o chefe do Sv de saúde da tropa ultrapassada, para que esta receba as baixas das SU que realizam a Ultr. Esta providência aumentará a velocidade de evacuação da zona de combate para uma instalação de saúde e auxiliará o PSFT da unidade que realiza a ultrapassagem a manter a mobilidade.

(4) As perdas em viaturas, provavelmente, serão altas. Em conseqüência, é necessário um apoio de manutenção contínuo e cerrado.

d. Apoio logístico nas operações defensivas

(1) O apoio logístico da FT deve ser suficientemente flexível para apoiar uma operação defensiva e permitir uma mudança imediata para apoiar uma operação ofensiva. Esta flexibilidade é especialmente importante na defesa móvel. As operações defensivas são, normalmente, caracterizadas por um consumo relativamente grande de munição e pequeno de combustíveis e lubrificantes. Entretanto, na defesa móvel, o consumo de combustíveis e lubrificantes poderá se tornar grande, em virtude das características de movimentação da operação.

(2) Apoio logístico na defesa móvel

(a) O planejamento logístico para a defesa móvel deverá prever métodos alternativos de suprimento e evacuação médica para assegurar um adequado apoio e evitar interferência com a manobra tática, bem como uma rápida manutenção e evacuação do equipamento. O apoio logístico da força de segurança, da força de fixação e da reserva deve adaptar-se tanto para operações

defensivas como para ofensivas. São usados meios aéreos de suprimento e evacuação para completar os meios terrestres normais. São planejadas localizações alternativas, de onde os TC possam apoiar a FT, tanto em manobras ofensivas como defensivas.

(b) Apoio logístico para a força de segurança - O apoio logístico para a força de segurança é semelhante ao prestado a uma tropa numa ação retardadora. Os trens da FT poderão ser aumentados de modo que possam transportar suprimentos adicionais, para a hipótese da unidade ficar isolada pela ação do inimigo. Devem ser preparados planos para suprimento por meio de aeronaves. As baixas são normalmente evacuadas por meios aéreos. As viaturas em pane deverão ser evacuadas rapidamente. Para o apoio à evacuação de viaturas da força de segurança, como da força de fixação e da reserva, será necessário estabelecer, freqüentemente, pontos de coleta de MB sucessivos, em profundidade, ao longo da do E Sup Ev. Quando a captura de material aguardando reparação, nos pontos de coleta de MB, é iminente, este deverá ser destruído.

(c) Apoio logístico para a força de fixação - Deverão ser elaborados planos pormenorizados para o apoio logístico a cada posição defensiva, incluindo múltiplos eixos e meios alternativos de suprimento e evacuação. O apoio logístico para os elementos da força de fixação é, essencialmente, o mesmo utilizado para uma defesa de área. Os TC são reduzidos a elementos de manutenção e saúde. Viaturas com suprimentos classes III e V são colocadas nos TE, fora do alcance da artilharia leve inimiga.

(d) Apoio logístico para a reserva - As viaturas socorro e ambulâncias acompanham os elementos de manutenção, durante as fases iniciais do contra-ataque. Estabilizada a situação, outros elementos dos TC poder-se-ão deslocar para a frente. Considerando que o contra-ataque é feito em alta velocidade, mas a uma distância relativamente pequena, a ação é freqüentemente completada antes que o grosso dos trens da força de choque se desloque. O S4 deverá ter planos minuciosos formulados e viaturas de suprimento em número suficiente para o ressuprimento das subunidades.

(e) Necessidade de pessoal para o apoio logístico - Na defesa móvel, o pessoal de manutenção e de suprimento, tendo que trabalhar em áreas inseguras e vulneráveis a ataques inimigos, deverá adaptar-se, rapidamente, às mudanças, para acompanhar as operações.

(3) Apoio logístico na defesa de área

(a) Os TC da FT, normalmente, contém apenas o Pel S (menos as turmas de evacuação dadas às SU) e o grosso do Pel Mnt. Viaturas de combustíveis e lubrificantes, normalmente, não são necessárias na frente, em virtude do pequeno consumo destes suprimentos. O consumo de munição é muito elevado, exigindo a estocagem de grandes quantidades para atender aos elementos de segurança à frente da posição, aos elementos dispostos na ADA e ao apoio às ações dinâmicas da defesa. Após o contato com o inimigo, torna-se difícil o ressuprimento. Isso, por sua vez, impõe a estocagem da munição, além da dotação orgânica, junto aos núcleos de defesa para atender, no mínimo, ao consumo até o anoitecer. Assume grande importância, também, a manutenção das dotações completas, particularmente para atender a sustentação do combate durante as prováveis interrupções do fluxo de suprimento.

(b) As viaturas de suprimento, sempre que possível, deslocam-se da área dos TE, beneficiando-se da escuridão e a eles retornam antes do clarear.

(c) As turmas de evacuação do Pel S, equipadas com ambulâncias, evacuam as baixas das subunidades para o PSFT. Padioleiros a pé são necessários em alguns casos. As baixas são evacuadas dos PSFT por elementos da Cia Sau do B Log.

(d) O pessoal do Pel Mnt da FT repara ou evacua as viaturas indispensáveis das subunidades para a área do pelotão, utilizando-se da sua viatura socorro. Viaturas em pane que não puderem ser reparadas pelo Pel Mnt da FT nem pela seção leve de manutenção, deverão ser evacuadas para o P Col Slv, da Cia Log Mnt/B Log, pelas viaturas socorro da FT. Quando necessário o B Log reforçará os meios de evacuação da força-tarefa.

e. Apoio logístico no aproveitamento de êxito e na perseguição

(1) No aproveitamento do êxito e na perseguição, os TC da FT deslocam-se com a força-tarefa e, normalmente, próximos ao fim da formação, onde se beneficiarão da segurança proporcionada pela localização entre os elementos avançados de combate e a retaguarda. Quando a FT se engaja em combate, os TC se deslocam para uma região que lhe proporcione coberta e abrigo e um certo grau de segurança em face da proximidade dos elementos de combate.

(2) No aproveitamento do êxito, as linhas de suprimento se tornam mais extensas. A superação dos problemas resultantes do fornecimento dos suprimentos a grandes distâncias exige um planejamento pormenorizado. O fornecimento de suprimento poderá tornar necessário um reforço adicional de viaturas de transporte do escalão superior, bem como a utilização de meio aéreos. Poderá ser necessária uma proteção maior aos comboios de suprimento e trens.

(3) Cada viatura deverá transportar um suprimento adicional de rações de combate, de acordo com as possibilidades.

(4) O número de baixas de combate normalmente diminui, mas a distância para evacuação aumenta. Quando disponíveis, meios aéreos são utilizados para evacuação das baixas.

(5) Durante o aproveitamento do êxito, a percentagem de perdas de viaturas em combate diminui em relação a outras operações. Entretanto, a percentagem de perdas por falhas técnicas aumenta. O Pel Mnt, deste modo, dirige seus esforços para executar pequenos reparos em maior número de viaturas, em vez de grandes reparos em menor número de viaturas. As viaturas que não puderem ser reparadas pelo Pel Mnt são rebocadas para a estrada principal de suprimento da Bda. Suas localizações e condições são informadas à Cia Log Mnt/B Log ou à Sec L Mnt em apoio à FT.

f. Apoio logístico nos movimentos retrógrados

(1) As operações retrógradas são caracterizadas pelo alto consumo de combustíveis e lubrificantes. A natureza da operação poderá exigir um consumo igualmente alto de munição. Os suprimentos de todas as classes são previamente colocados em posições determinadas de modo a assegurar um apoio contínuo aos elementos de combate, uma vez que o eixo de suprimento e evacuação é vulnerável a ataques do inimigo. O movimento das viaturas de suprimento é, normalmente, executado durante períodos de reduzida visibilidade, em virtude da

superioridade inimiga em poder de combate. A manutenção e o reparo do equipamento danificado tornam-se difíceis, uma vez que são executados, normalmente, sob fogo do inimigo.

(2) Apoio logístico na ação retardadora

(a) Na ação retardadora, o controle e a segurança dos elementos do apoio logístico são de vital importância. O planejamento da operação deverá prever um adequado apoio logístico durante o deslocamento para cada posição de retardamento e na ocupação da mesma. O valor dos TC da FT deverá ser reduzido ao mínimo possível.

(b) O suprimento dos elementos de combate é executado imediatamente após sua chegada às novas posições de retardamento. Tão logo julgar conveniente, o S4, ou seu representante, dirige o movimento dos TC da FT para a retaguarda imediata da próxima posição de retardamento, de onde poderão apoiar eficientemente a operação.

(c) A evacuação dos baixados é, de um modo geral, a mesma das operações ofensivas e defensivas. O PSFT opera na área dos TC da FT. Se as turmas de evacuação dadas às SU não puderem evacuar todas as baixas, poderá ser necessária a utilização de viaturas das próprias subunidades e as demais ambulâncias do Pel S. Planos devem ser elaborados para a evacuação aeromédica do pessoal com ferimentos graves.

(d) Nos movimentos retrógrados, os seguintes procedimentos poderão ser realizados com relação às viaturas indisponíveis:

1) evacuar, normalmente, as viaturas para a manutenção do escalão superior;

2) realizar o máximo de manutenção no local utilizando equipes de trabalho dos elementos orgânicos, em reforço e de apoio;

3) rebocar as viaturas indisponíveis com outras viaturas que não sejam as viaturas socorro;

4) em última instância, destruir as viaturas indisponíveis.

(e) Os dois últimas procedimentos são os mais usados quando de um retraimento sob pressão do inimigo.

(3) Apoio logístico no retraimento

(a) Os planos de apoio logístico no retraimento prevêem o apoio ao grosso e à força de segurança em contato com o inimigo. O apoio logístico para o grosso é semelhante ao prestado para uma unidade realizando uma marcha. O apoio logístico para a força de segurança no retraimento é semelhante ao executado para a força numa ação retardadora. Os trens da FT poderão ser aumentados de modo que possam transportar suprimentos adicionais, para a hipótese de a unidade ficar isolada pela ação do inimigo. Devem ser preparados planos para suprimento por meio de aeronaves. As baixas são, normalmente, evacuadas por meios aéreos. A manutenção fica restrita a pequenos reparos. Freqüentemente, o tempo não permitirá a reparação de viaturas em pane, que deverão ser evacuadas rapidamente. Será necessário, freqüentemente, estabelecer P Col Slv sucessivos, em profundidade, ao longo da E Sup Ev. Quando a captura do material aguardando reparação, nos P Col Slv, é iminente, este deverá ser destruído.

(b) Os planos de apoio logístico prevêem a evacuação ou destruição

dos excessos de suprimento e equipamento, exceto material médico, de modo a não comprometer o retraimento. Os equipamentos e suprimento de saúde não devem ser intencionalmente destruídos.

(c) No retraimento, a existência ou não de pressão do inimigo irá limitar ou não as atividades logísticas a serem realizadas.

10-18. APOIO LOGÍSTICO NA ORGANIZAÇÃO DE FORÇA-TAREFA SUBUNIDADE E NO REFORÇO A OUTRAS UNIDADES

a. Organização e constituição de forças-tarefas subunidade no âmbito da FT

(1) Quando da organização e constituição de FTSU, no âmbito da FT, devem ser previstas medidas visando adequar as Tu Mnt Ap Dto do Pel Mnt e os Gpo Mnt das Sec Cmdo das SU às viaturas blindadas que passarão a integrar a FTSU, particularmente no que se refere a ferramental e suprimento.

(2) Os Pac Log devem ser reestruturados, de forma a permitir o apoio logístico à FTSU, particularmente no que se refere ao suprimento de classe III e V.

b. Reforço de Subunidades ou FTSU à outras Unidades ou FT - Quando uma SU ou FTSU da FT Bld passar a integrar outra Unidade ou FT é necessário apoiar esta U/FT com um destacamento logístico. Este destacamento deve ser organizado pelo S4 com base na natureza da SU que reforçará a outra OM e, de acordo com a capacidade logística daquela U / FT. Em princípio deverá ser integrado por:

(1) uma Turma de Manutenção de Apoio Direto do Pelotão de Manutenção;
(2) uma Turma de Evacuação do Pelotão de Saúde;
(3) uma Turma de Aprovisionamento do Pelotão de Suprimento;
(4) uma viatura de suprimento de classe III;
(5) uma viatura de suprimento de classe V.

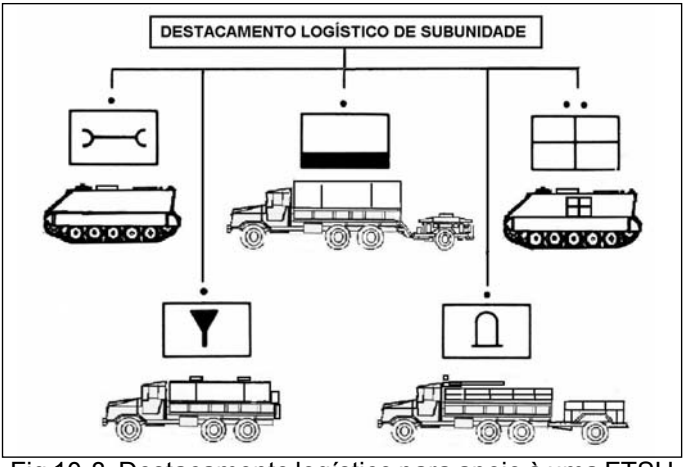

Fig 10-8. Destacamento logístico para apoio à uma FTSU

ANEXO A

OPERAÇÕES COM FUMÍGENOS

A-1. GENERALIDADES

a. Utiliza-se agentes fumígenos nas operações de combate para esconder da observação do inimigo as atividades das forças amigas, dificultar a observação do campo de batalha pelos observadores do sistema de controle de fogo do inimigo, enganar o inimigo sobre as intenções das forças amigas e assinalar alvos e objetivos no terreno (marcação visual).

b. Os agentes fumígenos podem ter efeitos psicológicos e fisiológicos sobre os indivíduos e podem impedir ou dificultar o emprego de dispositivos de visão óticos ou eletro-óticos e telêmetros a laser. Os fumígenos podem romper o sistema de comando e controle e a manobra de unidades de combate, particularmente as blindadas. O comandante da FT e os de SU devem sempre considerar o emprego de agentes fumígenos em apoio à manobra e planejada. Devem também estar preparados para enfrentar os agentes fumígenos lançados pelo inimigo.

A-2. FONTES GERADORAS DE FUMAÇA

a. As fontes geradoras de fumaça variam desde equipamentos simples existentes nas viaturas blindadas até os geradores de fumaça existentes no escalão exército de campanha. Quando maior for a necessidade de fumaça para apoiar a operação, maiores serão as necessidades em meios, planejamento e coordenação.

b. Fontes geradoras de fumaça disponíveis para apoiar as operações da FT:

(1) lançadores de granadas fumígenas existentes nas viaturas blindadas: estes equipamentos são empregados para a proteção da viatura blindada,

permitindo que saia rapidamente da linha de visada do inimigo, retraindo de sua atual posição a fim de deslocar-se para uma posição de tiro melhor ou mais segura. As granadas lançadas dos tubos fumígenos das viaturas blindadas formam uma densa nuvem de fumaça, a cerca de 50 m da viatura. Este equipamento é empregado no nível guarnição de viatura blindada, independente do planejamento da FT;

(2) granadas fumígenas de mão: estas granadas são lançadas manualmente para a sinalização de alvos, objetivos, limites, posições da tropa, etc... Elas produzem uma pequena nuvem de fumaça, que pode ser utilizada para fins táticos (manobra) no nível pelotão. A fumaça produzida por essas granadas não afeta os equipamentos de visão térmica;

(3) tubos fumígenos portáteis: estes tubos produzem uma grande quantidade de fumaça em pouco tempo e são suficientemente pequenos, podendo ser transportados em viaturas blindadas. São utilizados no escalão FT SU ou superiores, em uma grande variedade de missões. Este é o único sistema que flutua em água, embora sua fumaça tenha pouco efeito sobre os equipamentos de visão térmica.

(4) granadas fumígenas de canhões de carros de combate e canhões anticarro sem recuo: as granadas lançadas por estas armas geram uma boa quantidade de fumaça, a distancias até 2.000m, possibilitando seu emprego tático no nível pelotão, subunidade e FT. Necessitam planejamento e coordenação para seu emprego.

(5) granadas fumígenas lançadas por morteiros e pela artilharia: estas granadas possibilitam a formação de uma densa nuvem de fumaça à distâncias consideráveis, sendo o meio de geração de fumaça mais eficiente disponível para as operações da FT. São empregadas, normalmente, para cegar os postos de observação do inimigo, facilitando a manobra, encobrindo retraimentos, mudanças de posição e outros deslocamentos táticos. As granadas que utilizam fósforo branco (WP) podem degradar a eficiência dos equipamentos de visão térmica, já as granadas com hexacloroetano (HC) tem menos efeito sobre estes equipamentos. Os morteiros são o meio mais eficaz para o lançamento inopinado de fumígenos com que a FT conta. A artilharia de campanha não possui uma resposta tão imediata no emprego de fumígenos como os morteiros, e pode não estar disponível se o emprego não tiver sido planejado e coordenado com antecedência.

(6) geradores de fumaça mecânicos: Estes equipamentos podem ser instalados em viaturas próprias ou em reboques, dotando-os de grande mobilidade e permitindo sua rápida entrada em posição. Poderão ser empregados pela FT (no quadro de uma operação divisionária), normalmente, nas fintas e demonstrações, com a finalidade de enganar o inimigo, produzindo uma falsa situação de combate. A fumaça destes geradores, normalmente, não afeta a eficiência dos equipamentos de visão térmica.

A-3. EMPREGOS TÍPICOS DA FUMAÇA

a. São quatro as formas típicas de emprego dos fumígenos, em apoio às operações da FT:

(1) cortina de fumaça;

(2) obscurecimento;
(3) finta;
(4) sinalização.

b. As cortinas de fumaça são empregadas nas zonas de ação da FT ou entre esta e o inimigo, com a finalidade de cobrir o deslocamento terrestre, as zonas de reunião, as áreas de trens, pontos importantes do terreno, instalações, eixos de suprimento, etc..., furtando-os da observação inimiga (terrestre e aérea). O inimigo poderá saber da presença e localização da FT, mas não poderá descobrir quais são suas atividades atuais ou quais são suas intenções. Há três tipos de cortina de fumaça:

(1) Tipo cortina, propriamente dito: é uma densa nuvem vertical de fumaça, lançada entre o inimigo e a FT, normalmente, à frente ou nos flancos da unidade. A cortina de fumaça visa impedir a observação terrestre do inimigo, não interferindo no deslocamento da força-tarefa;

(2) Tipo fumaça: é uma formação horizontal de fumaça, muito densa e pesada, que cobre toda a FT ou determinadas instalações e áreas do terreno. É utilizada para impedir a observação terrestre e aérea do inimigo. A visibilidade dentro da área coberta é de aproximadamente 50 metros, interferindo nos deslocamentos ou manobra da FT;

(3) Tipo névoa: é uma formação semelhante à cobertura, porém com menor densidade de fumaça. A visibilidade no interior da névoa é de aproximadamente 150 m, não escondendo por completo a FT, permitindo deslocamentos táticos com restrições e dificultando a observação terrestre e aérea do inimigo.

c. A forma de emprego de fumígenos tipo obscurecimento é empregada sobre a tropa inimiga, para obrigar que reduza sua velocidade, mude de direção, cesse seu deslocamento ou se desdobre prematuramente.

d. A finta é o emprego dos fumígenos, com a finalidade de enganar o inimigo sobre as reais intenções da tropa amiga. Ela deve ser prevista em todos os planejamentos operacionais, pela vantagem tática que dá para quem a utiliza. A finta pode chamar a atenção do inimigo para uma área não importante da zona de ação, fazendo com que ele empregue seu poder de fogo em local onde não há tropa amiga. Numa operação do tipo finta, a FT pode ser apoiada por elementos com geradores de fumaça mecânicos.

e. Os fumígenos podem também ser utilizados para sinalização de alvos, objetivos, tropa amiga, limites, evacuação aeromédica, recuperação de viaturas em pane, na regulação da manobra e no controle dos fogos.

A-4. CONSIDERAÇÕES NO PLANEJAMENTO DE EMPREGO DE FUMÍGENOS

a. O emprego de fumígenos deve ser planejado em todas as operações com blindados, ficando seu emprego condicionado à situação tática e às condições meteorológicas. É preferível que a FT disponha de um planejamento antecipado do emprego de fumígenos, para fazer face a contingências do combate e em apoio à manobra planejada, do que ser surpreendida durante a execução de manobras de elevada mobilidade e grande rapidez.

b. Os geradores de fumaça mecânicos são meios que raramente estarão disponíveis para emprego com a FT, sua utilização, normalmente, será feita no âmbito da manobra divisionária. A disponibilidade de granadas fumígenas para os canhões do carros de combate, canhões anticarro sem recuo e para as armas de tiro curvo será sempre limitada, devendo a dotação destas munições ser preservada para situações onde seu emprego será decisivo. Portanto, o emprego de fumígenos pela FT deve ser alvo de minuciosa análise pelo estado-maior, sendo utilizados somente quando necessário, nunca indiscriminadamente.

c. O emprego de cortina de fumaça ou de obscurecimento serão inúteis a menos que se empregue a quantidade necessária de fumígenos. A nuvem de fumaça deve ser grande e densa o bastante para atender às necessidades da missão.

d. A efetividade do emprego de fumígenos depende das condições de tempo e da direção e velocidade do vento. Se as condições meteorológicas não forem vantajosas poderão impedir o uso efetivo de fumígenos. Estas condições podem também impor mudanças no tipo de fumaça planejado para a operação.

e. O S3 da FT é o elemento responsável pela integração dos fumígenos com o esquema de manobra da força-tarefa. O Oficial de Defesa Química, Biológica e Nuclear (Cmt Pel Cmdo) tem a responsabilidade funcional de assessorar o S3 quanto ao emprego de fumígenos. No planejamento do emprego de fumaça, deve ser analisado o custo benefício entre a degradação da eficiência de combate do inimigo e a possível degradação do poder de combate da FT, bem como seus reflexos sobre o sistema de comando e controle. O impacto do emprego de fumígenos em unidades amigas vizinhas e, particularmente, sobre a aviação do exército, deve ser considerado e coordenado com estas OM.

f. O emprego de fumígenos deve ser considerado também para os períodos de visibilidade reduzida, pois a fumaça afeta a maioria dos equipamento de visão noturna. A fumaça originada de agentes químicos incendiários pode bloquear, ou reduzir a eficiência dos equipamentos de visão termal.

g. O emprego de fumígenos deve estar intimamente sincronizado com o planejamento dos fogos indiretos de apoio. Durante uma operação com emprego de fumígenos, deve ser feito um acompanhamento contínuo da mudança das condições de vento, para que os ajustes necessários possam ser feitos a tempo.

h. A fumaça, freqüentemente, estará presente no campo de batalha como um subproduto natural do combate. O comandante e o estado-maior da FT, bem como os comandantes de subunidades, devem tirar proveito deste obscurecimento natural produzido pelo combate, para preservar sua dotação de fumígenos.

A-5. EMPREGO DE FUMÍGENOS EM APOIO ÀS OPERAÇÕES DE COMBATE

a. Um das características chaves do campo de batalha moderno é o uso intensivo de fumaça. Entretanto, a realização de uma operação nunca deve depender do emprego da fumaça para o seu sucesso. A FT tem que desenvolver planejamentos alternativos para o caso dos geradores de fumaça mecânicos ou de munição fumígena não estarem disponíveis.

b. O uso de fumígenos durante as operações de combate deve ser controlado cuidadosamente pelo comandante da FT. A fumaça é um indício para o inimigo de que algo está acontecendo, podendo levá-lo a aumentar suas ações de segurança e de reconhecimento. A surpresa mantida até aquele momento é perdida com o lançamento dos fumígenos. As NGA da FT e das SU deverão estabelecer medidas que restrinjam o uso indiscriminado ou inadvertido de fumígenos. A autorização do comandante da FT ou da SU (conforme o caso) deve ser necessária para o uso de fumígenos.

c. A fumaça é um multiplicador do poder de combate significativo para a FT durante as operações ofensivas, defensivas, de reconhecimento e de segurança. A degradação da eficiência dos sistemas de combate, a quebra do planejamento inicial e das formações de combate e outros efeitos que o emprego de fumígenos pode causar sobre o inimigo fazem destes agentes químicos valiosas ferramentas para a FT.

d. O emprego de fumígenos durante as operações de combate pode ser feito para:

(1) cegar os postos de observação do inimigo;

(2) apoiar o deslocamento de uma força, cobrindo-a da observação dos atiradores e observadores inimigos;

(3) isolar parte da força inimiga para destruí-la em uma área de engajamento;

(4) cobrir uma operação de abertura de brechas nas posições inimigas;

(5) cobrir uma ultrapassagem;

(6) apoiar um ataque de oportunidade;

(7) desorientar o inimigo em suas posições defensivas;

(8) derrotar armamento com munição guiada para localização de sistemas;

(9) cobrir um desbordamento ou envolvimento;

(10) apoiar uma finta ou dissimulação;

(11) apoiar operações de travessia de cursos de água;

(12) marcar alvos ou posições inimigas;

(13) separar ou isolar o escalão de reconhecimento inimigo do grosso de suas forças;

(14) reduzir a velocidade de progressão das formações inimigas;

(15) cobrir obstáculos, dificultando sua remoção pelo inimigo (se for o caso);

(16) iludir o inimigo sobre o valor e dispositivo da força amiga;

(17) apoiar o desengajamento do combate de forças amigas;

(18) reduzir a eficiência dos elementos de reconhecimento ou de vigilância do inimigo;

(19) reduzir a eficiência dos fogos de apoio do inimigo;

(20) ocultar a concentração e o deslocamento da FT ou de suas subunidades;

(21) cobrir um contra-ataque;

(22) identificação de unidades ou limites entre peças de manobra;

(23) solicitar evacuação aeromédica, sinalizar viatura em pane;

(24) iniciar ou cessar uma operação ou o deslocamento de uma força, etc.

e. As figuras A-1 até A-4 ilustram situações de emprego da fumaça por forças blindadas.

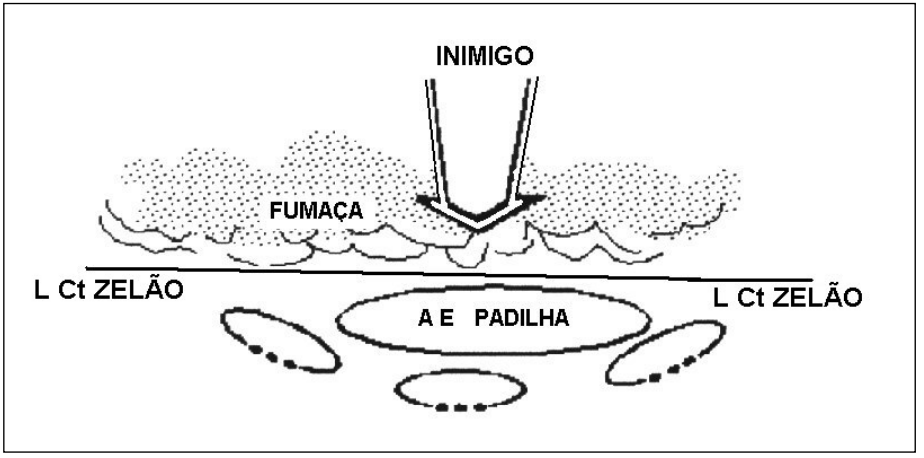

Fig A-1. Fumaça utilizada para quebrar as formações de um ataque inimigo, romper seu sistema de comando e controle durante o ataque e canalizá-lo para uma AE

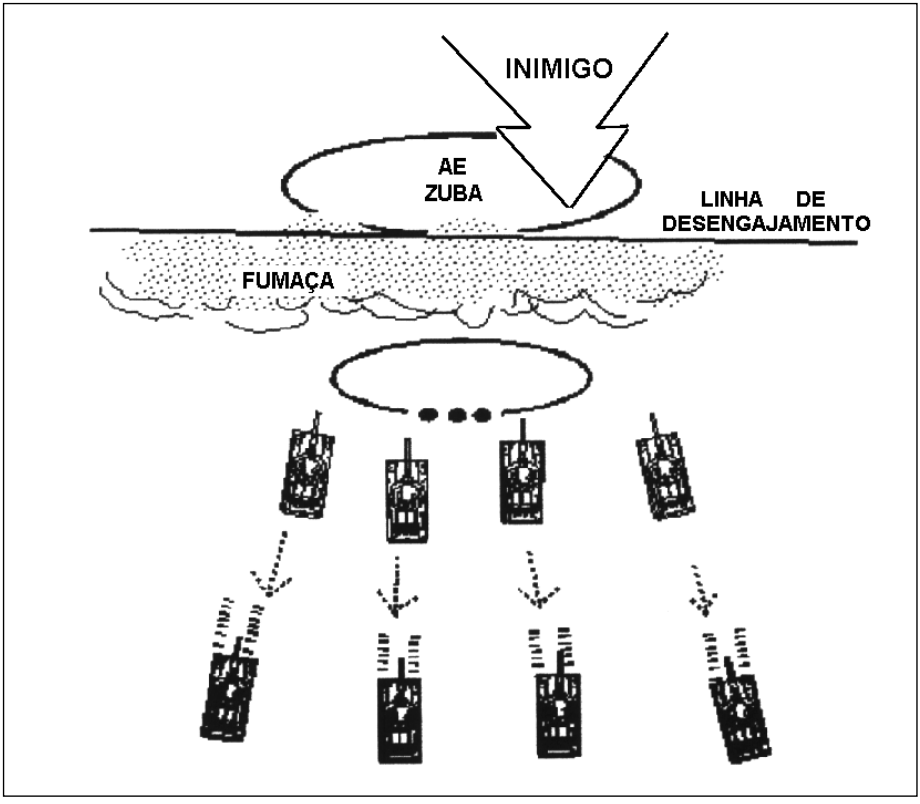

Fig A-2. Usando a fumaça para encobrir um deslocamento

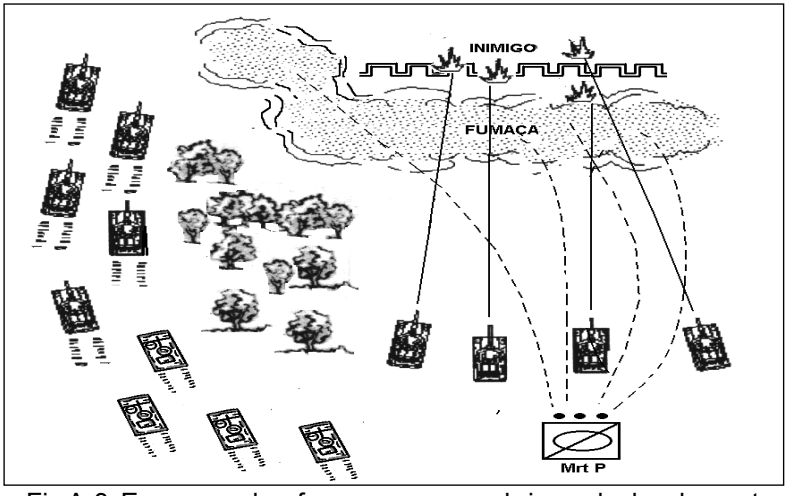

Fig A-3. Empregando a fumaça para encobrir um desbordamento

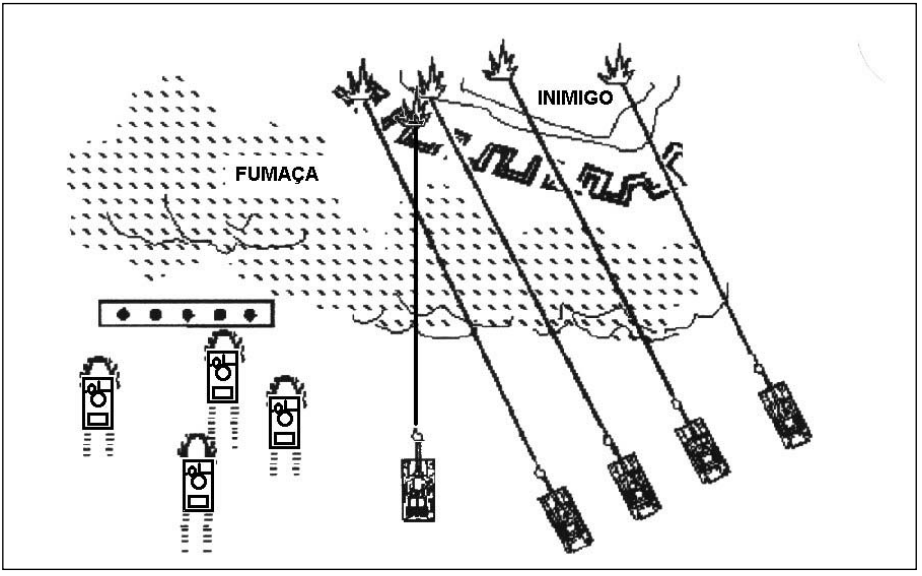

Fig A-4. Usando cortina de fumaça para cobrir a abertura de uma brecha

f. Considerações táticas sobre o emprego de fumígenos

(1) Condições climáticas - A direção e a velocidade do vento, a umidade do ar e a cobertura de nuvem são considerações importantes no emprego de fumígenos. Se o vento é forte ou vem da direção desfavorável, poderá ser impossível estabelecer-se uma efetiva cortina de fumaça. As cortinas de fumaça se formam mais rapidamente e duram mais quando a umidade do ar é elevada e a cobertura de nuvens for grande. O melhor momento para se empregar uma cortina de fumaça é quando o solo está mais frio que o ar.

(2) Tipo de fumígeno a ser empregado - Certos tipos de fumígenos degradam a eficiência de equipamentos de visão infra-vermelha e térmicas. O equipamento de que dispõe o inimigo e o efeito desejado da fumaça determinarão o fumígeno a ser utilizado. É importante observar que mesmo os fumígenos que não afetam os equipamentos de visão térmica, podem impedir ou dificultar o emprego dos telêmetros laser dos carros de combate, fazendo com que o computador balístico do blindado forneça dados de tiro imprecisos. Tal fato deverá condicionar as guarnições de carros de combate, quando atuando sob efeito de fumígenos inimigos, a não confiar em dados de tiro como faixa de alcance, alcance estimado e visada / pontaria fornecidos pelo computador balístico.

(3) Navegação - Os equipamentos do tipo GPS e de visão térmica auxiliam o comandante das frações de blindados a se deslocarem no interior de áreas sob efeito de fumígenos, possibilitando a manutenção de suas formações de combate e da impulsão. Sob estas condições, devem ser diminuídos os intervalos entre as viaturas da fração, a fim de facilitar o comando e controle.

(4) Manobra

(a) Operações Ofensivas - O inimigo ocupando uma posição defensiva pode empregar fumígenos para confundir e desorientar o atacante. Sempre que a FT ou suas peças de manobra estiverem deslocando-se por áreas cobertas por fumaça, os comandantes de todos os escalões devem lembrar-se que suas viaturas blindadas terão suas silhuetas destacadas quando emergirem da fumaça. Esta consideração é crítica e uma solução para o problema é tentar-se fazer com que todas as viaturas saiam ao mesmo tempo da área coberta pela fumaça, dificultando a atuação dos atiradores inimigos.

(b) Operações Defensivas - Durante um ataque, o inimigo poderá lançar fumígenos sobre as posições defensivas da FT ou sobre as posições de algumas de suas peças de manobra. A ação desta fumaça pode degradar a eficiência dos equipamentos de visão e de telemetria dos carros de combate e dos demais blindados, levando os computadores balísticos a fornecerem dados de tiro imprecisos para as guarnições. Uma solução para este problema é a ocupação de posições defensivas " alternativas " (núcleos de defesa) que não estejam sob a ação de fumígenos, planejadas antecipadamente, permitindo cumprir em melhores condições a missão da fração ou da peça de manobra (Fig A-5). Se a fumaça não incapacitar o equipamento de visão térmica mas afetar os telêmetros laser, os comandantes de carros de combate podem utilizar os roteiros de tiro para calcular o alcance desejado.

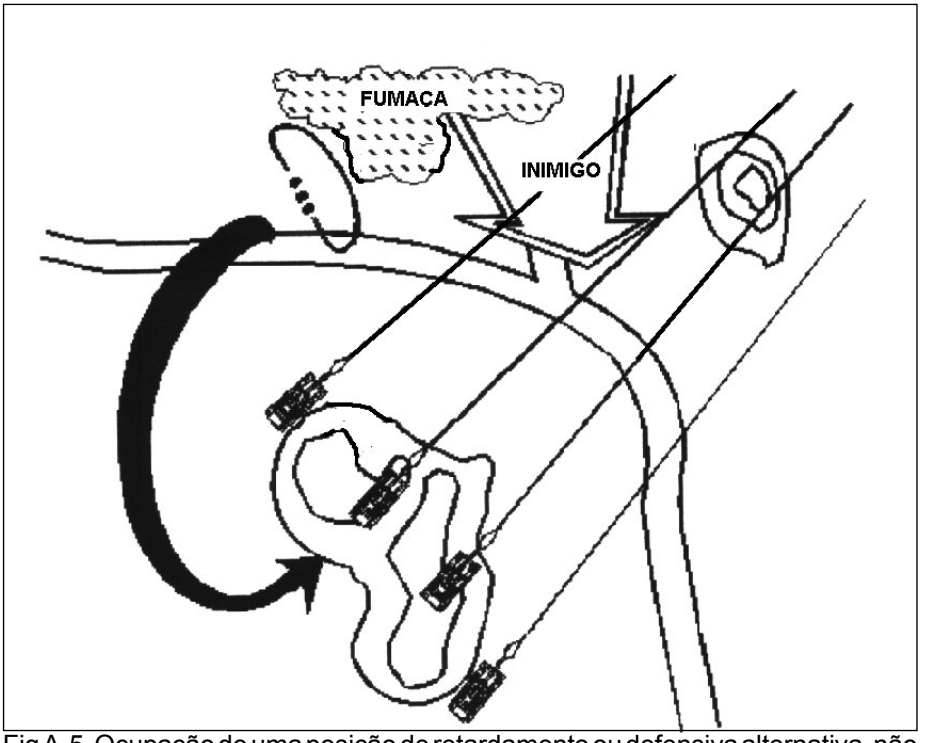

Fig A-5. Ocupação de uma posição de retardamento ou defensiva alternativa, não atingida por fumígenos

ANEXO B

PREVENÇÃO DE FRATRICÍDIO

B-1. GENERALIDADES

a. O fratricídio é tão velho quanto a guerra, é um problema complexo que desafia soluções simples. O fratricídio pode ser definido amplamente como o emprego de armas amigas, com o intento matar o inimigo, destruir seu equipamento ou suas instalações, que resultam em morte imprevista e não intencional ou dano a pessoal amigo.

b. Neste anexo será enfocada a experiência de exércitos envolvidos em recentes operações de combate, onde ocorreram situações de fratricídio. Com base nestas experiências serão abordadas medidas e ações que buscam reduzir o risco de fratricídio durante operações de combate.

B-2. O RISCO DE FRATRICÍDIO NO COMBATE MODERNO

a. O campo de batalha de moderno é mais letal que qualquer um da história conhecida. O ritmo das operações é muito rápido e a natureza não linear do campo de batalha cria desafios para o comando e controle das unidades.

b. A precisão e a letalidade das armas de modernas tornaram possível o engajamento e a destruição de objetivos a grandes distancias . Porém, ao mesmo tempo que a tropa possui uma grande capacidade para adquirir alvos com equipamentos de imagem térmica e outros sistemas de visão sofisticados, ela ainda não tem condições de, com precisão, identificar estes alvos como amigo ou inimigo. Em conseqüência, forças amigas podem ser engajadas e destruídas sem querer, em segundos, e sem que a tropa se aperceba de seu engano.

c. Soma-se a isto o problema do obscurecimento do campo de batalha, em função da destruição de viaturas e da queima de combustível, peças de

borracha, explosões de granadas, uso de fumígenos, etc.. , o que se torna um fator crítico sempre que equipamentos de visão térmica são empregados na localização e identificação de alvos . A chuva, a poeira, a névoa e a fumaça também degradam a capacidade de identificação, reduzindo a intensidade das imagens térmicas.

d. No campo de batalha moderno, a identificação visual não pode ser o critério de comprovação exclusivo de alvos em alcances superiores a 1.000 metros, sob o risco da tropa se envolver em um incidente de fratricídio. O conhecimento da situação é a chave para se evitar este tipo de incidente.

B-3. IDENTIFICAÇÃO DO RISCO DE FRATRICÍDIO E MEDIDAS PREVENTIVAS

a. A redução do risco de fratricídio começa durante a fase de planejamento de uma operação e continua ao longo de sua preparação e na execução. A identificação do risco de fratricídio deve ser preocupação em todos os escalões, durante cada fase da operação. Os riscos identificados pelo comando devem ser comunicados claramente à cadeia de comando, de forma que a taxa de risco da operação possa ser minimizada.

b. Serão abordadas a seguir, algumas considerações que influenciam na identificação do risco e algumas medidas que o comandante pode implementar para que o processo de identificação do risco possa ser mais efetivo e ajude a impedir que os incidentes de fogo amigo aconteçam em sua U.

(1) Na fase de planejamento

(a) Quando o planejamento completo da operação é bem compreendido por todos os envolvidos, o risco de ocorrer fratricídio é minimizado. As seguintes considerações indicarão ao comandante o potencial para fratricídio em uma determinada operação:

1) o esclarecimento da situação inimiga;
2) o esclarecimento da situação amiga;
3) a intenção clara do comandante;
4) a complexidade da operação;
5) o tempo de planejamento disponível para cada escalão.

(b) Os esquemas de manobra são as ferramentas básicas que os comandantes de todos os escalões utilizam para esclarecer a sua intenção . Estes documentos devem representar claramente o conceito da operação, utilizando convenções gráficas e medidas de coordenação e controle regulamentares, de forma que os subordinados possam compreendê-las corretamente. Como tal, os esquemas de manobra podem ser uma ferramenta muito útil na redução do risco de fratricídio.

(2) Na fase de preparação

(a) Os seguintes fatores podem contribuir para aumentar o risco de fratricídio durante o processo de preparação:

1) quantidade e tipo de ensaios realizados;
2) nível de treinamento e de eficiência em combate das peças de manobra e de seus integrantes;

3) a existência de laços táticos e de relacionamento habitual entre as subunidades e frações que realizarão a operação;

4) a prontidão física (resistência) das tropas que realizarão a operação.

(b) Reuniões de coordenação, de sincronização e ensaios são ferramentas primordiais na identificação e na redução do risco de fratricídio durante a fase de preparação. As seguintes observações devem ser consideradas:

1) utilizar ordens claras e concisas nas reuniões de coordenação/sincronização e nos ensaios, para assegurar que os subordinados saibam onde estão os riscos de fratricídio e o que fazer para reduzi-los ou elimina-los;

2) realizar reuniões com os comandantes subordinados para assegurar que eles compreenderam a intenção do comandante da FT. Destacar durante as reuniões as áreas onde poderão confundir-se, detalhar as partes que julgar complexas, ou que possam gerar erros nos seus planejamentos;

3) a quantidade e o tipo de ensaios que a unidade conduzirá, podem determinar a identificação, ou não, de riscos de fratricídio;

4) os ensaios devem estender-se a todos os escalões de comando e envolver todos os elementos chave da operação.

(3) Fase de execução

(a) Durante a execução da operação, a capacidade de rapidamente analisar o risco de fratricídio e intervir para impedi-lo são fundamentais para enfrentar situações imprevistas. Os seguintes fatores devem ser considerados na avaliação do risco de fratricídio após o início da operação:

1) visibilidade entre unidades vizinhas;

2) o nível de obscurecimento do campo de batalha;

3) a habilidade ou inabilidade para identificar corretamente os alvos;

4) as semelhanças e diferenças de equipamento, veículos e uniformes entre as forças amigas e o inimigo;

5) densidade de veículos no campo de batalha;

6) o ritmo do combate.

(b) O perfeito acompanhamento da situação do combate e a informação contínua da evolução desta situação, para todos os escalões envolvidos na operação, é fator chave na redução do risco de fratricídio. Devem constar das NGA da FT medidas para auxiliar os comandantes, de todos os escalões e das viaturas blindadas, neste processo de acompanhamento da situação do combate . Estas medidas podem incluir:

1) permanente escuta da rede do escalão superior;

2) comunicação rádio entre subunidades e frações vizinhas;

3) conhecimento preciso da localização de todas as peças de manobra no campo de batalha;

4) troca constante de elementos de ligação com as unidades vizinhas e o escalão superior e , entre o comando da FT e as peças de manobra, quando for o caso.

B-4. AVALIAÇÃO DA TAXA DE RISCO DE UMA OPERAÇÃO

a. A Taxa de Risco de uma operação deve ser administrada sempre forem identificados fatores de risco de fratricídio . Esta preocupação deve ser de todos os escalões, durante cada uma das fases da operação. Os fatores de risco identificados devem ser informados a todos os escalões, de modo que medidas para a redução do fratricídio possam ser desenvolvidas e implementadas com oportunidade.

b. A tabela abaixo deve ser utilizada para a avaliação da taxa de risco de fratricídio de uma operação. Nesta tabela são avaliados seis fatores que influenciam no risco de fratricídio. O Comandante deve avaliar o risco potencial em cada um dos fatores, atribuindo um conceito e um valor numérico à esta avaliação parcial: baixo (um ponto), médio (dois pontos) ou alto (três pontos). Por exemplo, a intenção do comandante pode variar de claras não muito claras e nebulosa. Se ela for clara receberá 01 ponto, se não está muito clara 02 pontos e se é nebulosa 03 pontos. Somando-se as avaliações parciais chegar-se-á a um parâmetro (percentual) para estimar a taxa de fratricídio global. Esta taxa de risco resultante só deve ser utilizada como um guia. A taxa global deve ser fundamentada em fatores de risco observáveis como os da tabela e no "sentimento " do comandante para os fatores intangíveis que podem afetar a operação. Deve-se notar que, na tabela, somente estão listados os valores(conceitos) extremos nas colunas referentes ao baixo e alto risco de fratricídio. A avaliação do comandante irá determinar qual a interpolação a ser feita e qual a gradação a ser atribuída a cada fator na coluna do risco médio.

FATORES	BAIXO (1)	MÉDIO (2)	ALTO (3)
1. COMPREENÇÃO DO PLANEJAMENTO			
- A intenção do comandante	clara	.....	nebulosa
- Complexidade do plano	simples	.....	complexo
- Situação do inimigo	conhecida	.....	desconhecida
- Situação das forças amigas	clara	.....	obscura
2. AMBIENTE			
- Visibilidade entre OM vizinhas	favorável	.....	desfavorável
- Obscurecimento	claro	.....	obscurecido
- Ritmo do combate	lento	.....	rápido
- Identificação positiva dos alvos	100%	.....	0%
3. MEDIDAS DE COORDENAÇÃO E CONTROLE			
- Relações de Comando	orgânico	.....	conjunto /
- Comunicações (audio)	alto / claro	.....	combinado
- Visual	boa	.....	fraco
- Esquema de Manobra	visibilidade	.....	obscurecido
- NGA	padrão	.....	não compreendido
- Oficiais (elementos) de Ligação	padrão	.....	não existe
- Localização das peças de manobra	eficientes	.....	não treinados
	segura	.....	insegura

4. EQUIPAMENTO (em relação à FT) - Forças amigas - Inimigo	semelhante diferente	....	diferente semelhante
5. TREINAMENTO - Eficiência individual - Eficiência das unidades - Ensaios - Laços táticos - Resistência da OM	adestrado adestrada realista sim boa	....	não adestrado não adestrada nenhum não desgastada
6. TEMPO DE PLANEJAMENTO (regrado: 1/3 a 2/3) - Escalão superior - Escalão avaliador (FT) - Elementos subordinados	adequado adequado adequado	....	inadequado inadequado inadequado
TAXA DE FRATRICÍDIO GLOBAL	26 - 46 % (pontos) *	42 - 62 % (pontos) *	58 - 78 % (pontos) *
* A soma total dos pontos pode não refletir o risco de fratricídio com precisão deve servir como base de referencia na avaliação do risco real pelo comandante da FT			

B-5. CONSIDERAÇÕES SOBRE O RISCO DE FRATRICÍDIO

No questionário abaixo é traçado um paralelo com os cinco parágrafos de uma Ordem de Operações, analisando fatores chaves e considerações importantes para a redução do fratricídio, relacionados a cada parágrafo e item da O Op. Este questionário, como sugestão, deveria ser utilizado pelo estado-maior da FT, por ocasião da confecção de ordens de operações, alertando o comando e EM para o risco de fratricídio da operação considerada.

PARÁGRAFO	ITEM	QUESTIONAMENTO
1. SITUAÇÃO	a. Forças inimigas	(1) Há semelhanças entre o equipamento e uniforme de nossas forças com o das forças amigas e com o do inimigo, que poderiam conduzir para um fratricídio? (2) Que idioma falam as forças inimigas? Este idioma é tão semelhante ao nosso que poderia contribuir para o risco de um fratricídio? (3) Qual é a capacidade de dissimulação do inimigo? Há registro de atividades anteriores de dissimulação? (4) Nós sabemos com precisão a localização das forças inimigas?

1. SITUAÇÃO	b. Forças amigas	(1) Entre as forças amigas há diferenças (ou semelhanças) com as forças inimigas em idioma, uniforme e equipamento, que poderiam aumentar o risco de fratricídio durante as operações? (2) As diferenças em equipamento e uniformes entre nossas forças armadas podem aumentar o risco de fratricídop, durante operações conjuntas ou combinadas? (3) Que diferenças em equipamento e uniformes, de nossas forças e de forças amigas, devem ser ressaltadas para a tropa, a fim de se prevenir o fratricídio? (4) Qual é o plano de dissimulação de nossas forças amigas (e vizinhas)? (5) Qual a localização exata de nossas forças vizinhas (esquerda, direita, à retaguarda e à frente)? (6) Existem grupos neutros, de não combatentes, civis refugiados, etc... em nossa zona de ação ou próxima dela? Qual a localização exata desses grupos?
	c. Nossas forças	"(1) Qual é o nível de adestramento de nossa tropa, das demais OM de nossa brigada, dos elementos em reforço ou em apoio? Qual o nível de adestramento de nossas guarnições de blindados? Nossa tropa possui experiência de combate? Qual a eficiência em combate de nossa tropa e a de nossa brigada? (2) Qual o nível de desgaste e de fadiga de nossa tropa? Existe um efetivo plano de ""sono"" (descanso) em andamento em nossa FT? (3) Nossa FT e as forças amigas estão aclimatadas à esta região? Possuem uniforme adequado? (4) Qual é o nível de desgaste, eficiência e confiança de nosso equipamento e quais as condições do equipamento das forças amigas? Foi distribuído recentemente algum equipamento novo à FT? Qual a situação do adestramento da tropa com este novo equipamento?"
	d. Meios recebidos e retirados	(1) Os elementos recebidos possuem completo conhecimento da situação, equipamento, uniforme e demais informações sobre as forças amigas e inimigas? (2) Os elementos retirados receberam informações corretas sobre a força que passarão a integrar?
	e. Condições climáticas	(1) Quais são as condições de visibilidade esperadas para a operação (dados sobre luminosidade e chuva)? (2) Que efeitos terão o calor, o frio ou a chuva sobre os soldados, o equipamento, o armamento e as viaturas?

1. SITUAÇÃO	f. Informações sobre o terreno	(1) Nós conhecemos perfeitamente a topografia e a vegetação da área onde iremos operar (áreas urbanas, regiões pantanosas ou alagadiças, campos, cerrados, áreas de mata e de mata densa, regiões de bosques, cursos d'água, represas, lagos, etc...? (2) Avaliamos corretamente o terreno com base nos fatores: obstáculos, campos de tiro e de observação, cobertas e abrigos, acidentes capitais e vias de acesso? (3) Possuímos informações corretas sobre a trafegabilidade do terreno onde nossos blindados irão operar?
2. MISSÃO	Nossa missão, bem como todas as tarefas a executar, as responsabilidades logísticas, de apoio de fogo, de apoio da engenharia, etc..., estão claramente compreendidas? A intenção do comandante é do conhecimento de todos na FT?	
3. EXECUÇÃO	a. Organização da FT	(1) As subunidades orgânicas de outras OM e que estão integrando a FT, já trabalharam conosco em alguma operação de combate? (2) As NGA de nossa OM são compatíveis com as NGA das OM de origem das subunidades que integram a FT? Estas subunidades já foram instruídas sobre a nossa NGA? (3) São necessárias marcas ou símbolos especiais para a identificação das viaturas, uniformes ou equipamentos da FT (tipo sinais representativos das SU, painéis, código de letras e números nas viaturas, faixas ou sinais afixados nos uniformes, etc...)? (4) Serão empregados na operação novas viaturas, equipamentos ou armamentos? Eles se parecem com o equipamento do inimigo?
	b. Conceito da Operação	(1) Manobra (a) Foram identificados riscos de fratricídio nas zonas de ação das subunidades que realizarão a ação principal e as ações secundárias? (b) A tropa tem consciência destes riscos e foram tomadas medidas para evitá-los? (2) Fogos (diretos e indiretos) (a) As prioridades de fogos estão bem identificadas? (b) Foram confeccionadas listas de alvos? (c) Os procedimentos para desencadeamento dos fogos são do conhecimento de todos? (d) As áreas restritas foram identificadas e são do conhecimento das subunidades (campos de minas, áreas com restrições de fogos, etc...)? (e) Existe previsão de apoio aerotático ou da aviação do exército para a operação da FT? Os objetivos das aeronaves estão claramente definidos?

3. EXECUÇÃO	b. Conceito da Operação	Contamos com o apoio de CAA? Foram planejados sinais de identificação para nossas viaturas blindadas e demais instalações da FT? Existe coordenação do espaço aéreo sobre a zona de ação da FT? (f) contamos com O Lig da artilharia? O apoio de fogo foi sincronizado com a manobra? (g) Os limites de cada zona de ação foram identificados pelas subunidades? (h) As subunidades possuem observadores avançados da artilharia e dos morteiros pesados? Estes OA foram reunidos pelo Adj S3 (OAF) para um ensaio do sistema apoio de fogo com o O Lig da artilharia, no CCAF? (i) As comunicações OA - O Lig - CCAF foram testadas? Existem meios alternativos para as comunicações entre os elementos do sistema apoio de fogo?
	c. Missões das Subunidades	As missões das subunidades são coerentes com suas possibilidades?
	d. Engenharia	(1) O apoio de engenharia do escalão superior é suficiente para apoiar a manobra da FT? (2) Foram estabelecidas missões e prioridades de apoio para o elemento de engenharia? (3) Os obstáculos e campos de minas lançados pelo inimigo foram identificados? Há um plano para a abertura de brechas? (4) Foi estimado o tempo necessário para a abertura de brechas nos obstáculos identificados?
	e. Prescrições diversas	(1) Serão realizados ensaios? (2) Está prevista a reunião de sincronização, coordenada pelo sobcomandante da FT, com a participação de todos os comandantes de subunidades, chefes de seções do estado-maior e comandantes de frações de apoio de fogo e apoio logístico, para o ensaio da sincronização da manobra, do apoio ao combate e o apoio logístico? (3) As guarnições de blindados praticaram os exercícios de identificação de alvos (silhuetas características e particularidades dos blindados inimigos e amigos)? (4) As subunidades e suas frações conhecem perfeitamente os procedimentos a serem realizados caso sejam surpreendidas por fogo amigo? Conhecem os sinais visuais, rádio ou pirotécnicos para sinalização de "CESSAR FOGO" e "SOMOS AMIGOS"? Estes procedimentos foram ensaiados?

4. APOIO LOGÍSTICO	a. A localização das ATSU, dos eixos de suprimento e evacuação e das Zonas de Ação de cada subunidade são do conhecimento das fra - ções de apoio logístico e dos elementos encarregados da execução da Manobra Logística? b. Os sinais de reconhecimento foram difundidos a todos os elementos encarregados de executar o apoio logístico? c. A localização do refúgio de feridos das subunidades e do posto de socorro da FT são do conhecimento de todos?	
5. COMUNICAÇÕES E ELETRÔNICA	a. Postos de Comando	(1) Onde estarão o comandante , o estado-maior e os elementos chave da FT durante a operação? (2) A cadeia de comando é do conhecimento de todos? Quem assumirá as funções chave de comando e controle, apoio ao combate e apoio logístico no impedimento dos titulares dstas funções?
	b. Comunicações	(1) As IE Com Elt incluem palavras código e sinais visuais para as situações de emergência? (2) Constam das IE Com Elt os sinais e códigos para identificação de aeronaves e forças amigas? (3) Todos os elementos que se utilizam do rádio ou necessitam conhecer sinais e códigos de identifi- cação de forças amigas, possuem cópia das IE Com Elt ou foram instruídos sobre este assunto?

B-6. MEDIDAS PARA A REDUÇÃO DO RISCO DE FRATRICÍDIO

a. As medidas citadas abaixo, proporcionam para a FT um guia para a redução do risco de fratricídio. Elas não são medidas impositivas, nem se pretende que restrinjam a iniciativa dos comandantes. Devem ser aplicadas com base no estudo da situação tática e nos fatores da decisão de MITM-T.

b. A redução do fratricídio passa, normalmente, pela aplicação das seguintes medidas básicas:

(1) identificar e avaliar o risco real de fratricídio durante o estudo da situação. Este risco deve ser expresso na Ordem de Operação ou nas Ordens Fragmentárias;

(2) manter-se constantemente informado sobre a evolução da situação tática. Analisar o campo de batalha com informações reais e atualizadas: localização das peças de manobra, localização de áreas restritas (minas, obstáculos, fogos, etc..), áreas contaminadas por agentes químicos (gás, fumaça, etc...) e alterações nos fatores da decisão MITM-T;

(3) assegurar a correta identificação dos alvos. A tropa deve ter perfeito conhecimento das características, assinaturas térmicas e silhuetas das viaturas blindadas e principais armamentos do inimigo e das forças amigas, em particular as guarnições de carros de combate. É importante saber a que distancia é possível a identificação correta das viaturas blindadas do inimigo, considerando o tipo de terreno e as condições climáticas;

(4) manter efetivo controle de fogo . Assegurar que os comandos de fogo das armas coletivas e dos carros de combate são precisos, concisos, e claros. Incluir nas NGA da OM, como conduta obrigatória, que as guarnições de armas coletivas e dos carros de combate, quando não entenderem com clareza todo o comando de tiro, solicitem a repetição completa do mesmo. Enfatizar a importância da cadeia de comando no processo de controle de fogo. Os atiradores de carro de combate e das armas coletivas de tiro tenso devem ter o hábito de solicitar a confirmação do reconhecimento do alvo e a permissão para realizarem o tiro aos seus comandantes de carro de combate e chefes de peça, antes de engajarem um alvo que presumam seja inimigo;

(5) estabelecer um clima de comando, em todos os níveis, que enfatize a prevenção de fratricídio. Determinar que as medidas de proteção contra o fratricídio sejam colocadas em pratica, conforme previstas nas NGA. Assegurar que a execução das ordens seja supervisionada pelos comandantes de todos os escalões, os quais devem verificar, constantemente, se o desempenho individual e o das frações esta conforme a padronização da OM, a fim de evitar que os efeitos do combate, a tensão emocional e o desgaste físico possam comprometer a segurança da tropa. Quanto menor a experiência de combate da FT, maior atenção deve ser dada aos desvios de conduta por tensão emocional e fadiga de combate;

(6) procurar reconhecer os sinais de tensão do campo de batalha. Manter a coesão da unidade, atuando rápida e efetivamente para aliviar a tensão;

(7) programar instruções individuais, coletivas e para comandantes de frações sobre conscientização do risco de fratricídio, identificação e reconhecimento de alvos e disciplina de fogo;

(8) estabelecer um plano de operações simples, claro e coerente com as possibilidades da FT e de suas subunidades;

(9) todas as ordens expedidas devem ser concisas e claras;

(10) para simplificar a expedição de ordens, utilizar a NGA da OM. Periodicamente determinar uma atualização das NGA, verificando sua coerência com a doutrina em vigor, se adota as normas, símbolos e convenções cartográficas regulamentares, e se está de acordo com as ordens emanadas pelo escalão superior;

(11) fazer um esforço para que o comandante da FT e seus subordinados tenham o máximo de tempo para planejamento;

(12) utilizar vocabulário corrente e de fácil entendimento pela tropa, terminologia correta e prevista na doutrina e medidas de coordenação e controle padronizadas;

(13) assegurar que todos os elementos chave para a operações e todos os escalões envolvidos, compreenderam corretamente a intenção do comandante e o planejamento expedido para a operação;

(14) verificar se o planejamento de emprego das comunicações está correto, claro e prevê uma duplicação dos meios de comunicações para situações de emergência, principalmente na ligação OA - O Lig - CCAF;

(15) planejar a localização do Posto de Comando Tático onde o comandante da FT possa efetivamente intervir na condução do combate;

(16) designar e empregar Oficiais / Elementos de Ligação, quando necessário para a condução da operação;

(17) estabelecer objetivos claros e coerentes para a tropa que deverá conquistá-los;

(18) planejar a realização de ensaios sempre que o tempo disponível o permitir;

(19) durante o combate, manter-se informado da localização correta de sua posição, de seus elementos subordinados e a dos elementos vizinhos. Manter o deslocamento tático de suas peças de manobra sempre sincronizado. No caso de desorientação durante o combate, solicitar imediatamente a ajuda de seus auxiliares ou de seu escalão superior;

(20) incluir sempre uma discussão de incidentes de fratricídio nas críticas após o combate, explorando as experiências de seus subordinados e colhendo ensinamentos para operações futuras.

(21) incluir o risco de fratricídio como fator chave na análise do terreno, durante o estudo de situação.

B-7. ENFRENTANDO UM INCIDENTE DE FOGO AMIGO

a. A FT ou uma de suas peças de manobra pode ser envolvida em um incidente de fogo amigo de vários modos: como vítima do fogo amigo, como elemento de disparo do fogo ou como um observador que intervém em um ataque de um elemento amigo em outro.

b. As seguintes medidas são recomendadas para a tropa que cair vítima de fogo amigo:

(1) reagir ao fogo até que ele seja reconhecido como fogo amigo;

(2) cessar fogo;

(3) executar ações imediatas para proteger os soldados e as viaturas;

(4) utilizar os sinais convencionados para o reconhecimento visual, na direção da unidade que realiza os disparos, na tentativa de fazê-la cessar fogo;

(5) informar ao escalão superior:

(a) que sua tropa está recebendo fogo amigo;

(b) a localização e a direção dos veículos ou da tropa que realiza os disparos;

(c) se já foi identificada a unidade que esta atirando.

c. Medidas a serem adotadas quando a tropa engaja pelo fogo uma força amiga:

(1) cessar fogo;

(2) informar o fato ao escalão superior:

(a) identificar a força amiga engajada (se a unidade não for identificada, informe o valor da unidade, o tipo de viaturas, etc..);

(b) a localização da sua tropa e a da força amiga engajada;

(c) a direção e distancia dos elementos engajados;

(d) o tipo de fogo;

(e) o efeito dos fogos nos alvos.

d. Ações recomendadas para uma força que observa um incidente de fogo amigo:

(1) buscar cobertura e proteção para sua tropa;

(2) usar o sinal de reconhecimento visual " cessar fogo ",na direção da unidade que dispara;

(3) informar o fato ao Esc Sp:

(a) a identificação da força amiga comprometida (se a unidade não for identifica da, informe o número e tipo de veículos, etc...);

(b) a localização do incidente;

(c) a direção e distancia da unidade engajada e da unidade que atira;

(d) o tipo de fogo;

(e) o efeito dos fogos no alvo.

(4) providenciar ajuda se necessário (quando a sua tropa já estiver em segurança).

e. Responsabilidades dos comandantes - Em todas as situações que envolvem o risco de fratricídio e de fogo amigo, os comandantes devem estar preparados para entrar em ação imediatamente, a fim de prevenir vítimas como também danos ou destruição do equipamento. As seguintes ações são recomendadas em situações de fratricídio:

(1) identificar o incidente e ordenar às partes envolvidas para cessar fogo;

(2) avaliar a taxa de risco da situação rapidamente;

(3) identificar e implementar as medidas para impedir que o incidente se repita.

ANEXO C

OPERAÇÕES CONTINUADAS

C-1. GENERALIDADES

a. As operações continuadas são executadas para manter pressão constante sobre o inimigo, sem levar em conta a visibilidade, o terreno, e as condições meteorológicas. A habilidade para efetivamente sustentar esta pressão é freqüentemente a chave do sucesso no campo de batalha.

b. Este tipo de operação será sem dúvida o desafio mais difícil que uma força-tarefa blindada enfrentará. Nas operações continuadas as guarnições dos blindados, os elementos dos sistemas de comando e controle, apoio ao combate e apoio logístico, as viaturas e o equipamento em geral são colocados sob enorme tensão e desgaste. Os comandantes de todos os escalões devem estar emocional e fisicamente preparados para conduzirem seus soldados à vitória. Somente através de uma liderança forte, um sistema de comando e controle eficiente e um treinamento adequado para este tipo de operação, a tropa poderá ser bem sucedida no combate.

C-2. EFEITOS DO COMBATE CONTINUADO SOBRE A TROPA

a. A fadiga é provavelmente a primeira causa da degradação do desempenho individual em combate. A performance e a eficiência individuais começam a deteriorar-se após 14 a 18 horas de combate contínuo e alcançam um nível muito baixo após 22 a 24 horas ininterruptas de combate. A maioria das tarefas que envolvem habilidades de percepção começa a mostrar uma degradação de desempenho depois de 36 a 48 horas sem sono. Os soldados deixam de ser efetivos após 72 horas sem sono. A natureza do combate embarcado, principalmente das guarnições de carros de combate, agrava a fadiga e a tensão emocional inerente ao combate, seja pelo confinamento dos homens durante longos períodos de tempo no interior dos blindados, seja pela

natureza das tarefas que executam, exigindo atenção e concentração, sem ter quem os substitua nem possibilitar descanso, por ser cada função imprescindível à operação do blindado.

b. Os comandantes de todos os escalões devem saber reconhecer os sinais de perda de sono ou degradação do desempenho individual de seus comandados. Estes efeitos são caracterizados pelos seguintes sintomas:

(1) tempo de reação mais lento;

(2) aumento do tempo necessário para a realização de uma tarefa conhecida e de rotina;

(3) decréscimo da memória de fatos ocorridos recentemente;

(4) deterioração da velocidade de aprendizagem;

(5) erros em omissão;

(6) lapsos de atenção;

(7) irritabilidade;

(8) depressão;

(9) desempenho irregular.

c. O ciclo de dia / noite tem um efeito significativo sobre o desempenho individual. Quando os soldados estão acostumados a um determinado padrão de trabalho e a períodos de descanso, eles se tornam fisiologicamente adaptados à este horário. Qualquer modificação neste horário resultará em decréscimo de desempenho. A adaptação fisiológica para determinado ritmo ou horários de trabalho e descanso pode durar de 20 a 30 dias.

d. Um plano de sono rígido e obrigatório será vital para o desempenho coletivo da FT. Ele deve ser colocado em prática sempre que possível. Em operações continuadas cada soldado deve dormir durante quatro horas ininterruptas, pelo menos a cada 24 horas (cinco horas se o sono for interrompido). Este ritmo de quatro horas de sono a cada 24 horas não pode ser mantido por mais de duas semanas, sem antes recuperar-se o descanso da tropa.

e. Outro aspecto de perda de sono que deve ser considerado é o tempo que o indivíduo leva para recuperar-se dos efeitos da perda de sono. Depois de uma operação continuada de 36 a 48 horas, sem sono, são exigidas, normalmente, 12 horas de sono ou descanso para devolver-se aos soldados a eficiência e o desempenho normal de suas funções. Entretanto, o estado de fadiga pode demorar até três dias, em determinados elementos. Depois de 72 ou mais horas sem sono, os soldados precisam, normalmente, de dois ou três dias de descanso para recuperar seu desempenho normal.

f. Para minimizar os efeitos de perda de sono, o comandante tem várias opções. Possivelmente a melhor solução para o pessoal são os intervalos periódicos durante o trabalho e a realização de exercício moderados, diariamente. Esta solução é valida, normalmente, para os elementos dos sistemas de comando e controle, apoio de fogo e logístico da FT, sendo de difícil aplicação nas peças de manobra. Para as peças de manobra da FT poderá ser realizado, em função da situação tática, um revezamento de frações mais desgastadas dos elementos em 1º escalão com fração similares da Reserva, ou mesmo,

substituindo-se uma subunidade inteira da linha de frente pela subunidade da Reserva.

g. Nas guarnições dos blindados, dependendo do nível de adestramento da tropa, para minimizar o problema da perda de sono, pode ser realizado um revezamento de funções individuais, permitindo assim uma diminuição da fadiga pela mudança de tarefas a executar. Esta rotação de funções só terá efeito sobre o estado de fadiga individual, se as novas tarefas incluírem exigências diferentes, como por exemplo, o atirador de carro de combate passa a ser o motorista, durante períodos de menor intensidade ou mais estáticos do combate.

h. Existem dois tipos de militares que tendem a apresentar mais rapidamente os sinais de fadiga, o primeiro é o soldado imaturo e jovem, que não está seguro de si e o segundo, o soldado mais velho, já temperado em combate, em quem os outros confiam e que os tem sustentado, com prejuízo para si próprio Outros militares que devem merecer atenção de todos são os comandantes, em todos os escalões, que se consideram, freqüentemente, como sendo invulneráveis à fadiga. Por suas tarefas exigirem grande responsabilidade, reação rápida, razoável complexidade e planejando detalhado, os comandantes são os militares mais vulneráveis à privação do sono e do descanso diário. As demonstrações de abnegação, de autocontrole e resistência à fatiga, normalmente realizadas pelos comandantes, são extremamente contraproducentes e de alto risco para a suas unidades ou frações.

C-3. ASPECTOS A CONSIDERAR NO PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO PARA O COMBATE CONTINUADO

a. A administração do tempo é a chave do sucesso nas operações continuadas. Durante as fases de planejamento e de preparação para a operação, o comandante da FT deve elaborar um plano rígido com as prioridades de trabalho, de descanso e de segurança da tropa, do estado-maior e para si próprio. Estas prioridades, juntamente com os NÍVEIS DE PRONTIDÃO da força-tarefa, possibilitarão ao estado-maior desenvolver um Quadro Horário que permita uma adequada preparação da FT para o combate. Com base nestas prioridades do comandante, nos procedimentos-padrão para aprestamento e prontidão da OM (níveis de prontidão), nas NGA da Unidade e no Quadro Horário estabelecido, a tropa desenvolverá seu aprestamento para o combate.

b. Os procedimentos padrão para o aprestamento e prontidão da tropa, são níveis de prontidão a serem atingidos, semelhantes ao planejamento existente em tempo de paz para as situações extraordinárias da tropa e para as situações de apronto operacional e ordem de marcha, que permitem à força-tarefa dar respostas rápidas à situações diversas e asseguram a conclusão dos trabalhos de aprestamento e planejamento no prazo determinado. O comandante da FT utiliza os níveis de prontidão (NP) como uma forma padronizada para, rapidamente, colocar a unidade em condições de entrar em combate.

c. A seguir serão exemplificados os níveis de prontidão de uma força-tarefa blindada, que as FT deverão adaptar conforme a situação do combate, a peculiaridade de seu material, o seu nível de adestramento e de organização

(1) NP - 1 é o nível de prontidão utilizado para ALERTA TOTAL. A FT está pronta para deslocamento e para entrar em combate. A FT poderá adotar dois tipos de NP - 1, as viaturas com os motores em funcionamento ou com os motores desligados.

(a) A tropa está alimentada, as viaturas foram reabastecidas, as armas foram remuniciadas, os suprimentos necessários à operação foram distribuídos ou estão acondicionados nas viaturas de suprimento;

(b) O sistema de alarme da FT está em funcionamento (vigias a postos e os sensores disponíveis estão ligados), todos receberam suas ordens e estão em condições de executá-las;

(c) A tropa está embarcada nas viaturas, com o armamento pronto para emprego e as redes rádio em funcionamento;

(d) As viaturas estão com motores ligados(ou desligados, variação da NP-1);

(e) A FT está pronta para deslocar-se imediatamente.

(2) NP - 2 é o nível de prontidão empregado para ALERTA. A FT está pronta para entrar em combate.

(a) Todo o equipamento e suprimento está embarcado nas viaturas.

(b) A verificação antes do combate foi realizada pelos comandantes de todos os escalões conforme previsto na NGA (tropa alimentada, equipamento pronto, armas municiadas, viaturas abastecidas, ordens e planos distribuídos e compreendidos por todos);

(c) Tropa embarcada nas viaturas, armamento guarnecido.

(d) As redes rádio foram testadas e estão em condições de operar;

(e) A FT está em condições de deslocar-se no prazo de 15 minutos, após receber a ordem de deslocamento.

OBSERVAÇÃO: dependendo da situação tática o comandante poderá determinar que os PO permanecem em funcionamento e a segurança aproximada da tropa, desembarcada, continue ativada.

(3) NP - 3 é o nível de prontidão empregado para ALERTA REDUZIDO.

(a) Cinqüenta por cento da FT está empenhada no planejamento da operação e no aprestamento das subunidades e frações;

(b) Os demais elementos da FT executam o plano de segurança. Com base nas determinações do comandante e na situação tática, algum elementos que executam a segurança da tropa poderão ser desviados para realizarem tarefas referentes ao aprestamento da FT.

(c) A FT está em condições de deslocar-se dentro de 30 minutos, após receber a ordem para deslocamento.

(4) NP - 4 é o nível de prontidão empregado para ALERTA MÍNIMO.

(a) Os postos de observação e de segurança estão guarnecidos;

(b) Um homem por pelotão (CC, Fuz, Rec e Mrt) está guarnecendo a torre da viatura blindada, o armamento coletivo da viatura e monitorando o rádio veicular (escuta);

(c) A FT está pronta para deslocar-se em uma hora, após receber a ordem de deslocamento.

d. Cada seção do estado-maior, subunidade e fração da FT deve desenvolver um plano de trabalho, a fim de facilitar seu aprestamento para o combate. De posse da orientação do comandante da FT, do quadro horário elaborado pelo estado-maior, do nível de prontidão determinado e das NGA da OM, o plano de trabalho de cada fração / seção / subunidade é elaborado pelo seu respectivo comandante, de modo a permitir o esforço coordenado de todos na manutenção das viaturas e do equipamento, na realização das atividades logísticas e no trabalho de comando exigido para a operação.

e. Em princípio, um plano de trabalho das peças de manobra deve conter:

(1) execução de reconhecimentos, caso seja possível;

(2) expedições de ordens preparatórias à tropa;

(3) ensaios e treinamentos específicos;

(4) manutenção das viaturas, armamentos e demais equipamentos;

(5) preparação das viaturas de combate (camuflagem, água, alinhamento e teste do armamento, teste do equipamento rádio, verificação e teste dos demais equipamentos);

(6) preparação individual das guarnições das viaturas blindadas e do restante da tropa (treinamentos, ordens, ensaios);

(7) ressuprimento (classes I, III, e V);

(8) preparação das posições de combate (defensiva e ação retardadora);

(9) melhoramento e reforço dos obstáculos em sua Z Aç (defensiva e ação retardadora);

(10) expedição da ordem de operações;

(11) aprestamento e inspeção da fração.

f. O planejamento do trabalho as ser realizado pela FT, seções, subunidades e frações deve permitir que uma parte da tropa possa dormir enquanto outros executam as prioridades de trabalho estabelecidas pelo comandante e mantenham a segurança. Para ser eficiente em um combate continuado, um soldado deve ter, pelo menos, de 4 a 6 horas de sono ininterrupto, num período de 24 horas. Menos do que 4 horas de sono, antes de uma operação desta natureza, pode comprometer significativamente o desempenho da tropa em combate.

g. Planejar e decidir são as atividades que ficam dramaticamente comprometidas quando os soldados não podem descansar e ter um período mínimo de sono. As NGA (da FT e das Subunidades) tem que prever uma divisão adequada do trabalho, para permitir que a tropa e os comandantes de todos os escalões (inclusive o da FT) possam dormir e descansar antes de um combate continuado. Esta divisão do trabalho exigirá que se acumulem as funções durante determinado período (comandante / subcomandante, S1/S4, S2/S3, etc...). Quando os soldados estão cansados, o planejamento de atividades simples, a expedição de ordens e a execução de tarefas normalmente realizadas com facilidade, ficam críticas e passíveis de erros que comprometerão o desempenho coletivo.

h. Para as subunidades de carros de combate, sustentar operações continuadas é uma tarefa crítica, em função do desgaste físico e psicológico das guarnições de carros de combate. Nas situações estáticas do combate, os fuzileiros blindados devem assumir parte das missões de segurança das guarnições de carros de combate, como a segurança aproximada das viaturas e o patrulhamento no intervalo das frações durante os períodos de baixa visibilidade, permitindo um relativo descanso àquelas guarnições.

C-4. SEGURANÇA

a. As Operações de Segurança englobam todas as medidas executadas para se negar ao inimigo, informações sobre as ações e intenções da FT e das forças amigas. As medidas de segurança normalmente adotadas pela FT incluem ações para impedir o reconhecimento inimigo (contra-reconhecimento), segurança das informações, segurança das comunicações e segurança física (tropa, viaturas e instalações).

b. As ações de contra-reconhecimento da FT são executadas para protege-la contra surpresa, observação e infiltração. As seguintes considerações e procedimentos auxiliarão as subunidades e frações da FT na execução do contra-reconhecimento:

(1) disciplina de luzes e ruídos;
(2) camuflagem;
(3) tropa sempre coberta das vistas inimigas;
(4) rígido controle das senhas, contra-senhas e sinais de reconhecimento.

c. A Segurança das Informações é a proteção de todos os dados, documentos, assuntos e equipamentos que necessitem, ou não, receber uma classificação sigilosa, a fim de proteger a FT das operações de inteligência do inimigo.

d. A Segurança das Comunicações aborda todas as medidas, procedimentos e ações que visem estabelecer e manter a segurança das comunicações da FT, protegendo-as das operações de inteligência e guerra eletrônica do inimigo. Este assunto é abordado pelas instruções para emprego das comunicações utilizadas pela FT e deve ser acompanhado e fiscalizado pelo S2 e pelo O Com da FT.

e. A Segurança Física é a proteção de material e equipamento da FT. Deverão ser estabelecidos sistemas de alarme, postos de observação, postos avançados de combate, patrulhamento e as medidas previstas para o nível de prontidão estabelecido para a FT, a fim de impedir a infiltração do inimigo ou de civis na zona de ação (ou Z Reu) da força-tarefa.

C-5. ASPECTOS DAS OPERAÇÕES SOB CONDIÇÕES DE VISIBILIDADE LIMITADA NO COMBATE CONTINUADO

a. A escuridão obviamente limita a visibilidade no campo de batalha, mas há outras condições que também restringem a visibilidade: poeira, fumaça, e outros fatores de obscurecimento causados por armas de fogo e deslocamento de viaturas, como também chuva, névoa, neblina e outras condições de tempo. A utilização de equipamentos de elevada tecnologia, como os de visão térmica e os de navegação terrestre, aliados ao perfeito domínio das operações básicas de combate são fundamentais para que as FT possam conduzir operações continuadas e destruir o inimigo. As forças-tarefas devem ser capazes de combater sob quaisquer condições de visibilidade. Para atingir este nível operacional, a FT deve dominar primeiro a execução de missões sob condições de boa visibilidade, passando progressivamente à situações de baixa visibilidade e maior complexidade.

b. Os comandantes de fração devem utilizar para a navegação terrestre sob condições de baixa visibilidade o GPS (se disponível), a associação carta militar / terreno, a bússola e o odômetro das viaturas. Dependendo da situação tática, o emprego de granadas iluminativas de morteiros e da artilharia de campanha também podem auxiliar no deslocamento terrestre sob condições de visibilidade limitada.

c. A capacidade de identificar as viaturas amigas sob condições de visibilidade limitada é fator crucial para as FT conduzirem operações continuadas. Os comandantes de frações blindadas devem ser capazes de distinguir as viaturas de suas frações, as de suas subunidades e outras viaturas amigas, das viaturas do inimigo. A NGA da FT deve prever para estas situações, a colocação de sinalização visual bem nítida em suas viaturas de combate, como a colocação, na lateral da viatura ou na torre, de barras brancas na horizontal, vertical e inclinadas, ou a letra " V " colocada de forma normal, invertida, como sinal matemático de maior ou menor, identificando as subunidades ou as frações de uma subunidade. Além destas marcas visuais, as NGA da FT podem prever também a utilização de listas refletivas coloridas ou luminescentes (químicas) nas partes traseiras das viaturas ou das torres.

ANEXO D

CASO ESQUEMÁTICO DE UM ATAQUE DE OPORTUNIDADE

D-1. GENERALIDADES

A título de exemplo, será apresentado um caso esquemático de um ataque de oportunidade onde serão ressaltadas suas principais características, o desdobramento das peças de manobra de uma FT Bld e o emprego de fumígenos em apoio à manobra das FT SU.

D-2. ATAQUE DE OPORTUNIDADE - CASO ESQUEMÁTICO (EXEMPLO)

a. Situação Inicial

(1) A FT 251 RCC realizou um ataque coordenado, na região do P Ct 40 (na Z Aç apresentada na figura D-1), enquadrada no ataque de numa Bda Inf Bld. O inimigo após apresentar fraca resistência, retraiu para o N. A FT 251 RCC realizou a consolidação do objetivo conquistado e encontra-se em fase de reorganização. A FT 251 RCC está organizada com dois Esqd CC a 3ª/110º BIB Ref. Um Esqd CC encontra-se integrando uma FT BIB.

(2) O Comandante da brigada determina ao comandante da FT 251 RCC que prossiga para o N, no mais curto prazo, a fim de conquistar a região de passagem sobre o Rio da PEDRA.

(2) A FT 251 RCC não esta em contato com o inimigo. É esperada a atuação de fracos elementos inimigos, dispersos, entre a R de P Ct 40 e o corte do Rio da PEDRA.

(4) Composição dos meios da FT 251RCC, após a conquista da R de P Ct 40:

(a) FT 1º Esqd CC (1º Esqd CC + 3º / 3ª / 110º BIB);

(b) FT 2º Esqd CC [2º Esqd CC (- 1º Pel CC) + 2º / 1ª / 110º BIB + GPPB/ Cia Eng Cmb];

(c) FT 3ª / 110º BIB [3ª / 110º BIB (- 3º Pel) / 110º BIB + 1º / 2º Esqd CC + Sec Msl AC / Pel Cmdo];

(d) Pel Exp;

(e) Pel Mrt P.

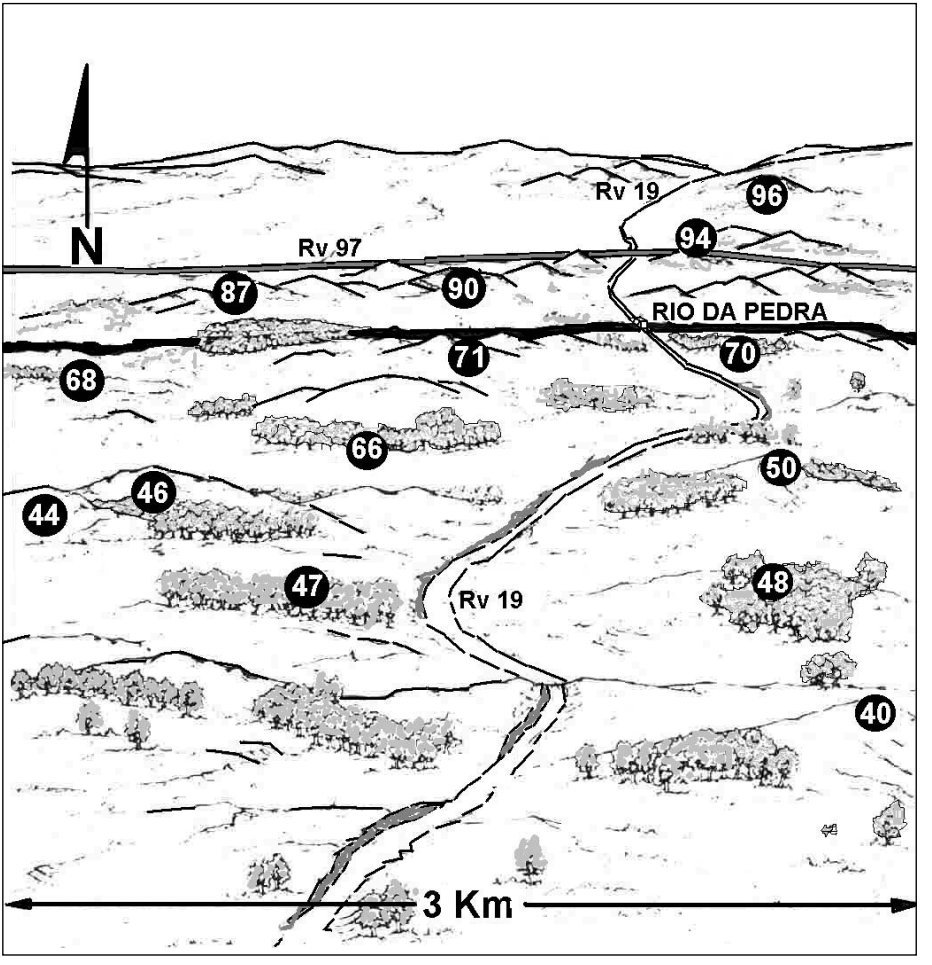

Fig D-1. Zona de Ação da FT 251RCC, no ataque de oportunidade

b. 1ª Situação Particular

(1) 1ª Fase

(a) A FT 251RCC reiniciou seu deslocamento em direção ao corte do Rio da PEDRA.

(b) O Pel Exp irá cobrir o flanco W.

(c) A FT 1º Esqd CC irá se deslocar pelo lado W da estrada.

(d) O restante da FT 251RCC irá avançar do lado E da estrada.

(e) A FT 3ª / 110º BIB estará realizando a ação principal.

(f) A FT 2º Esqd CC constituirá a Res.

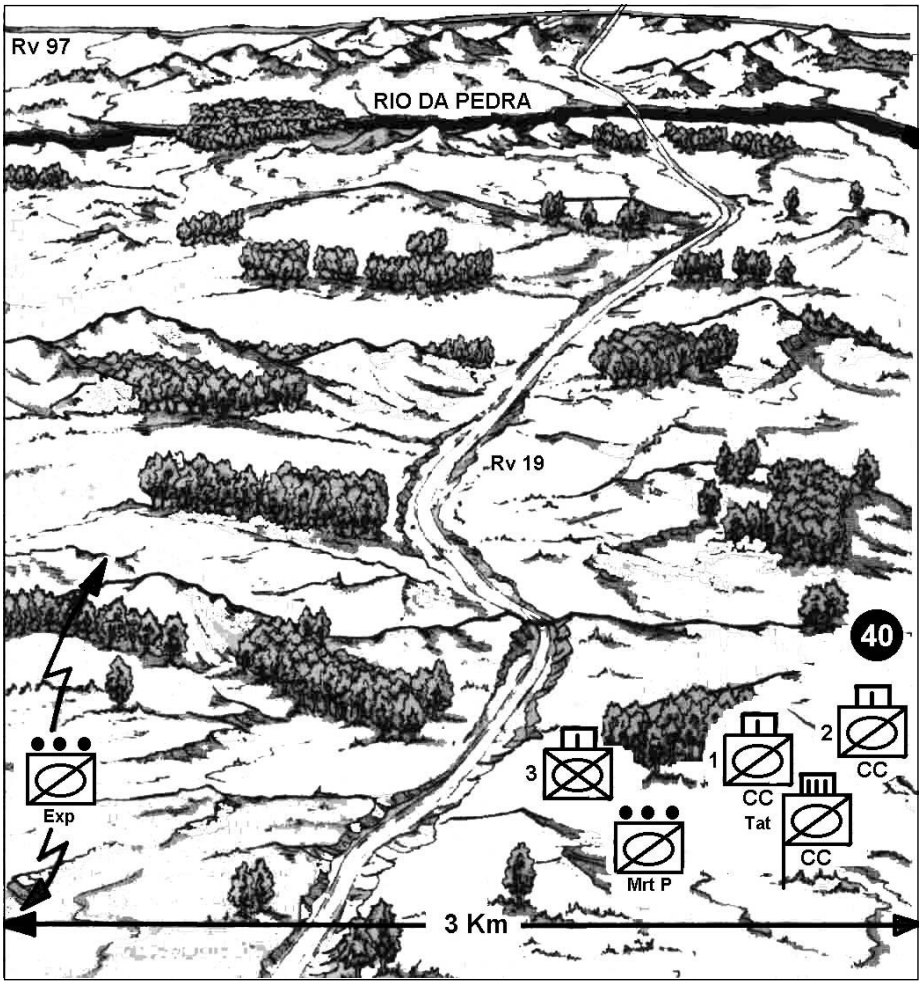

Fig D-2. 1ª Fase - Início do deslocamento - R P Ct 40

(2) 2ª Fase - A FT 1º Esqd CC cruzou a Rv 19 e estabeleceu uma proteção com 03 Pelotões. O 3º Pel CC permaneceu na R de P Cot 40. O 1º Pel CC iniciou o seu deslocamento na direção do P Cot 47. O Pel Mrt P de suas posições ao S da colina do P Ct 40 lançou Gr Fum no lado W da colina do P Ct 48, a fim de cobrir o movimento da FT 1º Esqd CC.

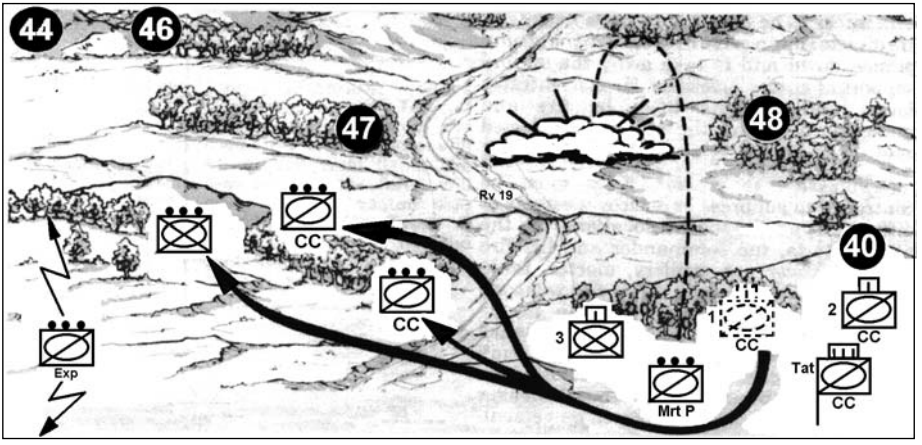

Fig D-3. 2ª Fase - Deslocamento FT 1º Esqd CC

(3) 3ª Fase

(a) O 1º Pel CC atingiu a orla do bosque da R do P Ct 47.

(b) O Cmdo FT 1ª Esqd CC e o Pel Fuz juntaram-se ao 1º Pel CC.

(c) A FT 1º Esqd CC (-) está se deslocando ao longo da orla do bosque e prepara-se para dar um lanço até a R do P Ct 46.

(d) O 3º Pel CC encontra-se ainda na mesma linha do P Ct 40, protegendo o movimento da FT 1º Esqd CC (-). Prepara-se para deslocar-se para a R do P Ct 47.

(e) O Pel Exp dará seu primeiro lanço na Dire da R do P Ct 44, mantendo o Ctt com a Rg da FT 1º Esqd CC.

(f) A FT 3ª / 110º BIB encontra-se na parte W da colina do P Ct 40, apoiando o deslocamento de um Pel Fuz Bld para a R do P Ct 48. seu Pel CC está desdobrado ao S da crista a meio caminho do P Ct 48. Ao atingir as proximidades do P Ct 48, o Pel Fuz Bld foi engajado por fogos anticarro vindos da R do P Ct 46.

(g) A FT 2º Esqd CC protege o movimento das outras FT de suas posições na colina do P Ct 40.

(h) O Ini desencadeou barragem de fogos de Mrt sobre a colina do P Ct 40, batendo as posições da FT 2º Esqd CC e da FT 3ª / 110º BIB.

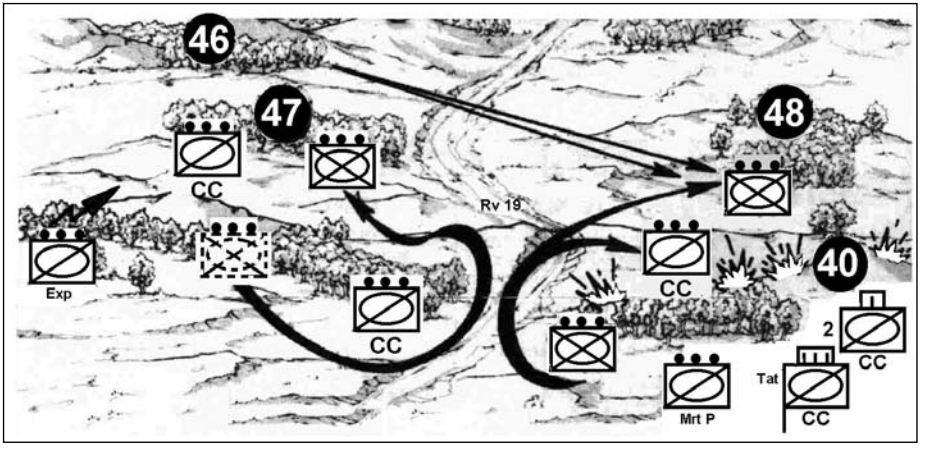

Fig D-4. 3ª Fase - Deslocamento FT 3ª / 110º BIB

(4) 4ª Fase

(a) O Pel CC da FT 3ª / 110º BIB que estava protegendo o movimento do Pel Fuz Bld na Dire do P Ct 48, engajou o Ini com seus fogos de canhão. O Pel Fuz Bld Vg da FT 3ª / 110º BIB atingiu a R do P Ct 48, sem sofrer baixas e esta abrigado dos fogos diretos do Ini do P Ct 46.

(b) O Cmt FT 3ª / 110º BIB solicitou Ap F Art sobre o Ini na R do P Ct 46 e Info ao Cmt FT 251 RCC que:

1) o fogo AC Ini é de Msl AC, a uma distancia de 2.000 m vindo do P Ct 46;

2) elementos de valor Pel Fuz ocupam R do P Ct 46;

3) a colina do P Ct 48 não esta ocupada pelo Ini.

(c) O Pel Exp Info que o flanco W está seguro.

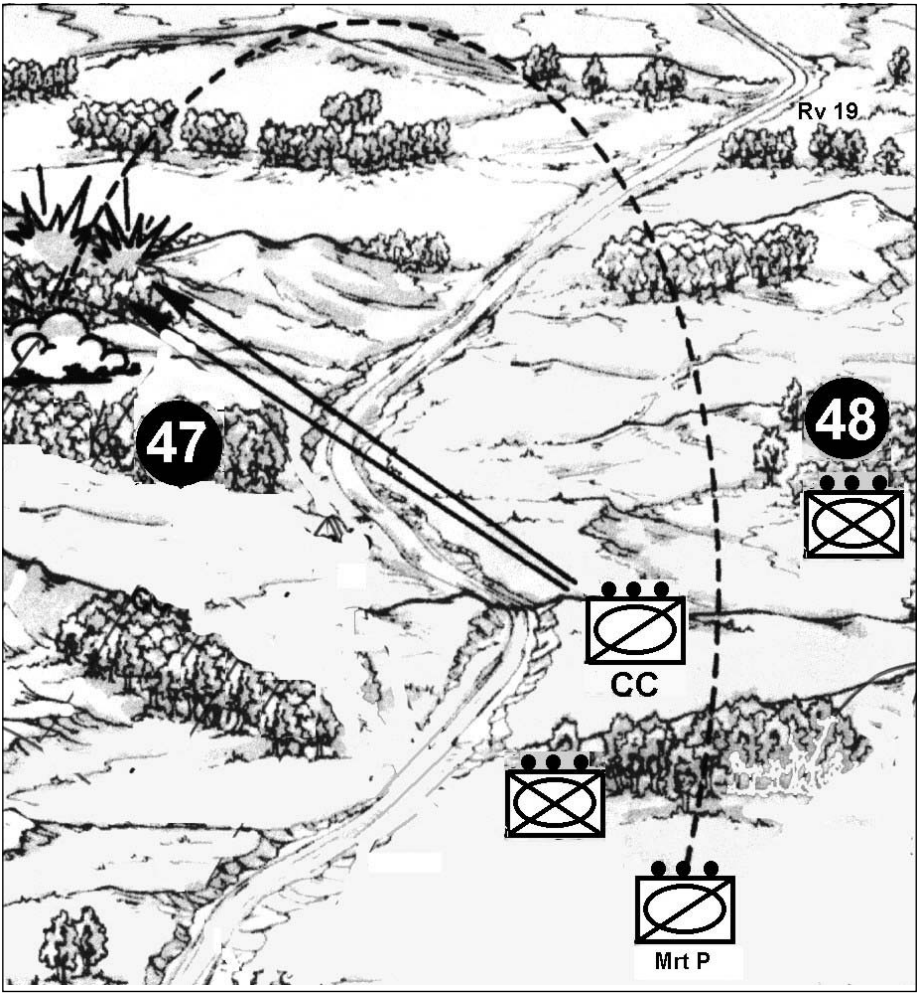

Fig D-5. 4ª Fase - Situação da FT 3ª / 110º BIB

c. 2ª Situação particular

(1) 1ª Fase

(a) De posse das informações de suas peças de manobra(flanco W seguro, Pel Fuz da FT 3ª / 110º BIB detido e seu Pel CC engajando o Ini pelo fogo), o Cmt FT 251 RCC realizou um rápido estudo de situação com o seu estado-maior e concluiu que:

1) poderá empregar suas FT pelo W da Z Aç;

2) o Ini controla a Rv 19, pela qual o s Trens da FT e os apoios deverão deslocar-se;

3) é possível a realização de um Atq pelo W, a fim de envolver o Ini localizado na R do P Ct 46.

(b) Após decidir-se pelo Atq e Info a Bda, o Cmt FT 251 RCC emite as seguintes O Frag:

1) armas Ini localizadas no P Ct 46.

2) FT 1º Esqd CC e FT 2º Esqd CC atacarão para destruir o Ini na R do P Ct 46. FT 1º Esqd CC a W e FT 2º Esqd CC a E.

3) Pel Mrt P deverá lançar Gr Fum entre os P Ct 46 e P Ct 47, a fim de cobrir o deslocamento das FT 1º Esqd CC e 2º Esqd CC.

4) o O Lig (Art) deverá providenciar fogos de artilharia sobre a R do P Ct 46. O OA da FT 3ª / 110º BIB realizará a correção do tiro.

5) a FT 1º Esqd CC inicia a progressão pela VA a W do P Ct 47, passando pelo P Ct 44, a fim de Atq a R ao N do P Ct 46 (Rg do Ini).

6) a FT 2º Esqd CC seguirá o Gp Cmdo FT 251 RCC até o P Ct 47. A partir do P Ct 47 Atq a R do P Ct 46, ficando a E da FT 1º Esqd CC.

7) a FT 3ª / 110º BIB passa à Res devendo guardar a flanco E da FT 251 RCC e bater o Ini pelo fogo, de suas atuais posições.

8) o Pel Exp protegerá o flanco W.

9) eu irei seguir a FT 1º Esqd CC com o Gp Cmdo até as proximidades do P Ct 47, então passarei a seguir as FT 1º e 2º Esqd CC.

10) desencadeamento das ações mediante ordem e conforme NGA. Quando prontos informem ao Cmt FT 251 RCC.

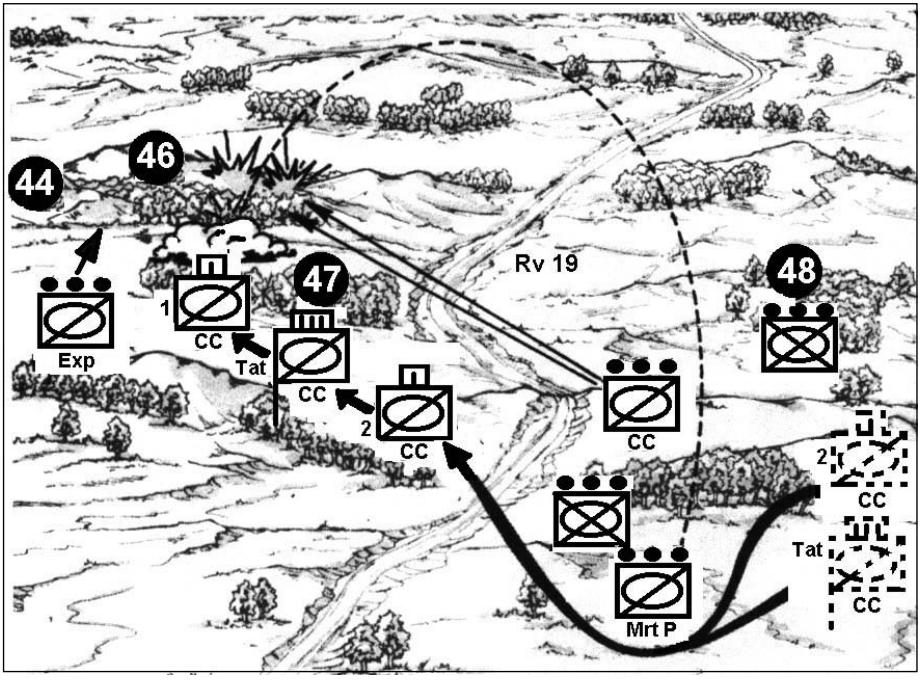

Fig D-6. 1ª Fase - Ordem Fragmentaria para o Atq da FT 251 RCC

(2) 2ª Fase

(a) As FT 1º e 2º Esqd CC deslocaram-se na Dire do P Ct 46.

(b) O Pel Exp atingiu a R do P Ct 44 e informou que os Mrt do inimigo estão atirando de uma R próxima ao P Ct 66.

(c) O O Lig transferiu o fogo da artilharia do P Ct 46 para a R do P Ct 66, para neutralizar os fogos de morteiro do Ini. Transferiu também os Fum do Pel Mrt P do vale ao S do P Ct 46 para a R da elevação entre o P Ct 46 e o P Ct 50, a fim de cegar os observadores Ini localizados ao N desta elevação.

(d) As FT 1º e 2º Esqd CC, controladas pelo Cmt FT 251 RCC, atacaram e ultrapassaram a Pos Ini no P Ct 46, pelo flanco W, destruindo a força inimiga na R.

(e) O Cmt FT 3ª / 110º BIB informou ter avistado um Pel CC Ini deslocando-se rapidamente de NE para a R de P Ct 50 e que os CC Ini foram destruídos pelos fogos de sua FT SU.

(f) Após o ataque a FT 251 RCC rapidamente se reorganizou e prepara-se para prosseguir no seu deslocamento para o N na direção do corte do Rio da PEDRA. A artilharia continua a bater a R do P Ct 66 com os seus fogos.

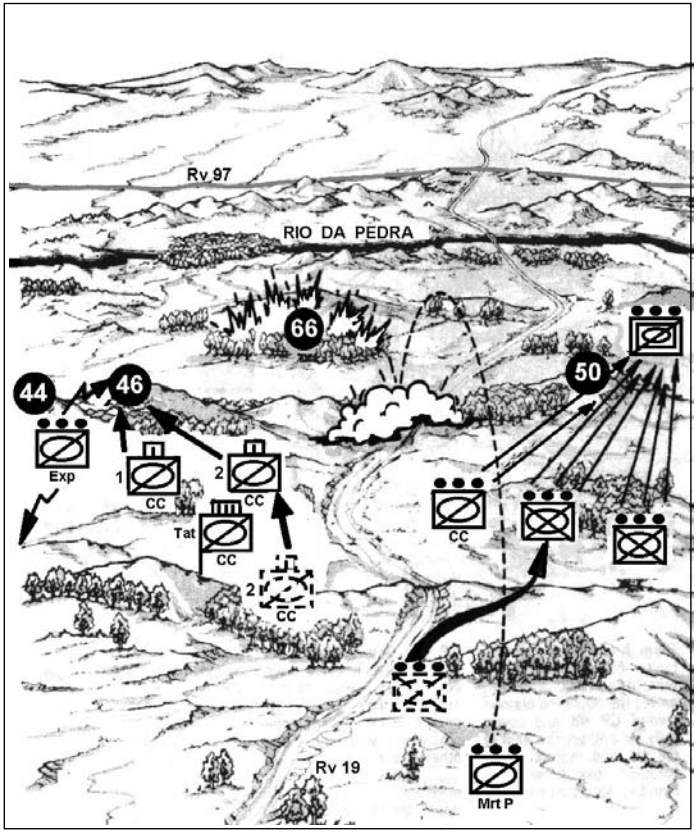

Fig D-7. 2ª Fase - Ataque da FT 251 RCC

d. 3ª Situação Particular

(1) 1ª Fase

(a) A FT 3ª / 110º BIB deslocou-se para a R do P Ct 50.

(b) As FT 1º e 2º Esqd CC cobrem o movimento da FT 3ª / 110º BIB.

(c) Os Mrt Md da 3ª / 110º BIB lançaram fumígenos entre a R do P Ct 66 e o P Ct 68, enquanto o Pel Mrt P da FT 251 RCC mudava sua Pos para a R do P Ct 48.

(d) Parte dos Trens de Combate da FT 251 RCC desloca-se para a R do P Ct 47. As viaturas em pane ou avariadas serão rebocadas até a Rv 19, onde serão manutenidas pelos elementos da Seção de Comando das FT SU e Pelotão de Manutenção, ou rebocadas até a Área de Trens de Combate para reparos mais demorados.

(e) A FT 251 RCC recebeu ordem do Cmt Bda para destruir os elementos de apoio de fogo do inimigo localizados na R do P Ct 66, antes que possam retrair para o N.

(f) O Cmt FT 251 RCC solicitou a transferência dos fogos de artilharia para a R ao N do P Ct 66, a fim de impedir o retraimento do inimigo.

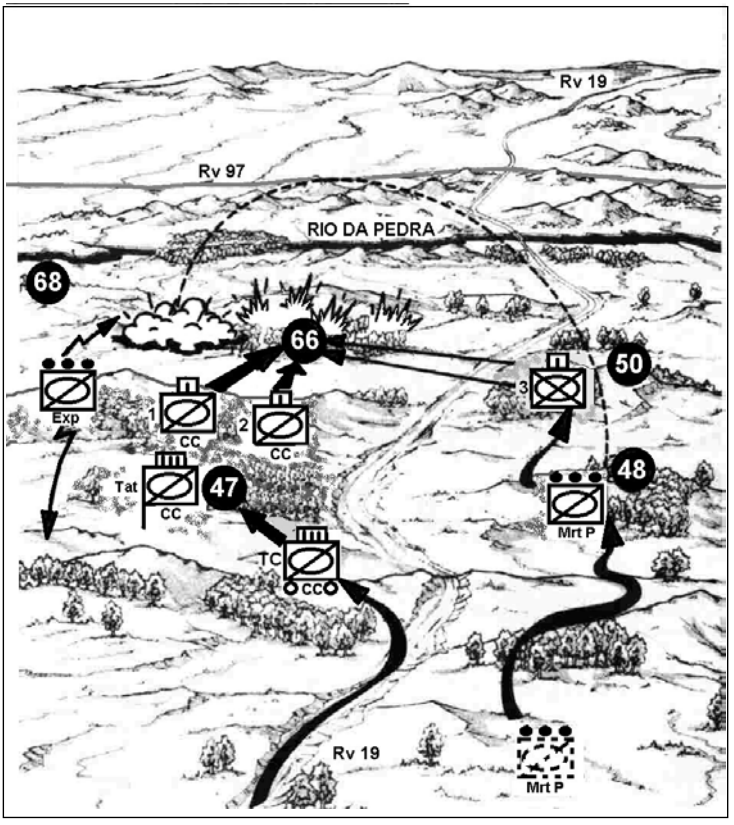

Fig D-8. 1ª Fase - Avanço da FT 3ª / 110º BIB

(2) 2ª Fase

(a) A FT 1º Esqd CC e a FT 3ª / 110º BIB cobrem o movimento da FT 2º Esqd CC para a R da ponte sobre o Rio das PEDRAS, colina do P Ct 70

(b) A FT 2º Esqd CC informou a existência de campos de minas na R a E do P Ct 71 e que, ao aproximar-se da região de passagem, recebeu fogos inimigos vindos da margem N do Rio da PEDRA. Esta esclarecendo a situação.

(c) A FT 2º Esqd CC respondeu ao fogo Ini e seu Cmt informou que:

1) o inimigo na margem N é provavelmente um Pel Fuz Bld e os fogos recebidos são de canhões anticarro e canhões automáticos de pequeno calibre, possivelmente das VBC-Fuz do Ini.

2) não foi detectada nenhuma outra atividade inimiga.

3) a ponte sobre o Rio da PEDRA está destruída.

4) o rio não é vadeável mas pode ser transposto pelas VBTP dos Fuz Bld. As margens são firmes e permitem o acesso das viaturas blindadas ao rio. O curso d'água pode ser transposto com o apoio das pontes de pequenas brechas da engenharia.

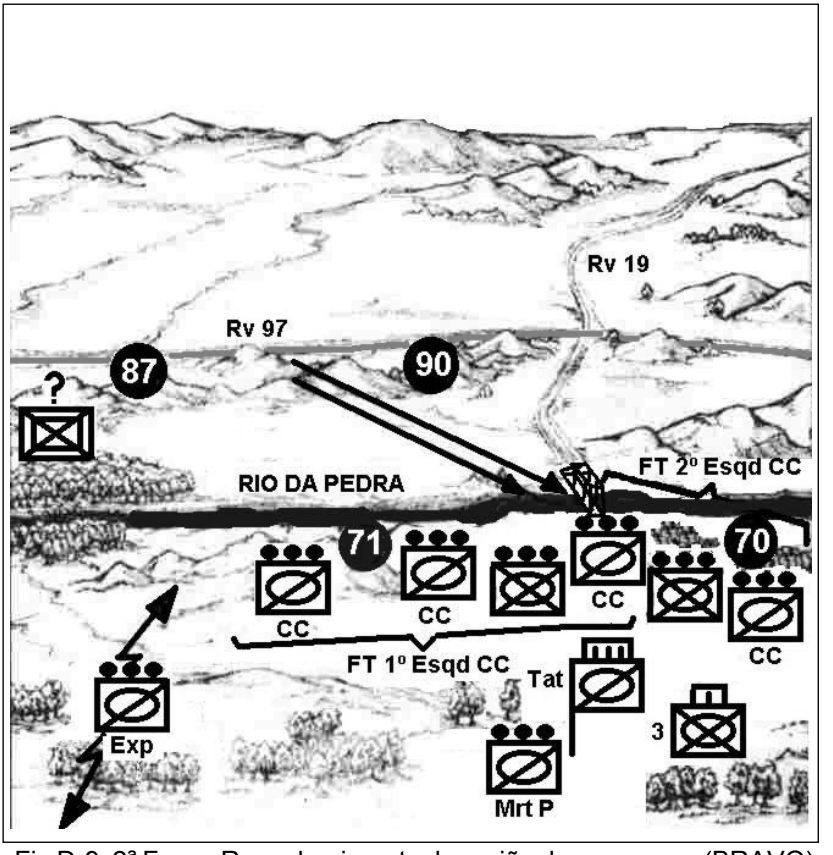

Fig D-9. 2ª Fase - Reconhecimento da região de passagem (BRAVO)

(d) O Pel Exp informou ter avistado atividade inimiga, provavelmente no valor de um grupo de combate, na R da base da colina do P Ct 87.

(e) Com base nas informações recebidas o Cmt FT 251 RCC decidiu não ultrapassar o Rio da PEDRA na R de passagem da Rv 19.

(f) Após realizar um estudo da situação com o seu estado-maior concluiu que:

1) uma travessia do rio a W da R de passagem da Rv 19 é possível, mas poderá ser dificultado pelo Ini na R do P Ct 87.

2) o rio não é vadeável mas permite a passagem das VBTP e o lançamento das pontes de pequenas brechas.

(3) 3ª Fase

(a) O Cmt FT 251 RCC com base nas informações disponíveis (a força Ini no corte do rio não é forte, o inimigo retraiu o grosso de suas forças para o N, o Ini no Rio das PEDRAS provavelmente executa um retardamento, há necessidade de se liberar a região de passagem da Rv 19 sobre o rio, não há como desbordar o obstáculo, o poder de combate da FT é suficiente e meios de travessia estão disponíveis e a margem N deve ser conquistada antes que o Ini seja reforçado) e após realizar rápido estudo de situação concluiu que é possível realizar um ataque para conquistar a margem N (ATAQUE DE OPORTUNIDADE).

(b) Após tomada a decisão de realizar um ataque pela VA que vai da R a W do P Ct 71 para a R do P Ct 90, o Cmt FT 251 RCC :

1) solicita apoio de fogo de artilharia sobre o inimigo na R do P Ct 87;

2) ordena que a FT 2º Esqd CC reverta o seu Pel Fuz Bld para a 3ª / 110º BIB e passe o GPPB para a FT 1º Esqd CC;

3) determina que o 2º Esqd CC proteja o flanco E da FT 251 RCC e mantenha o inimigo localizado na margem N, na região de passagem da Rv 19 sob fogo;

4) determina que a FT 1º Esqd receba o GPPB do 2º Esqd CC e o Pel CC da 3ª / 110º BIB;

5) determina que a FT 1º Esqd CC deverá apoiar pelo fogo a transposição do rio pela 3ª / 110º BIB e o lançamento das pontes de pequenas brechas. Após o lançamento das pontes, deverá cruzar o rio, pelas pontes e juntar-se à 3ª / 110º BIB;

6) determina ao Pel Exp que cruze o rio e reconheça o inimigo na R ao S do P Cot 87.

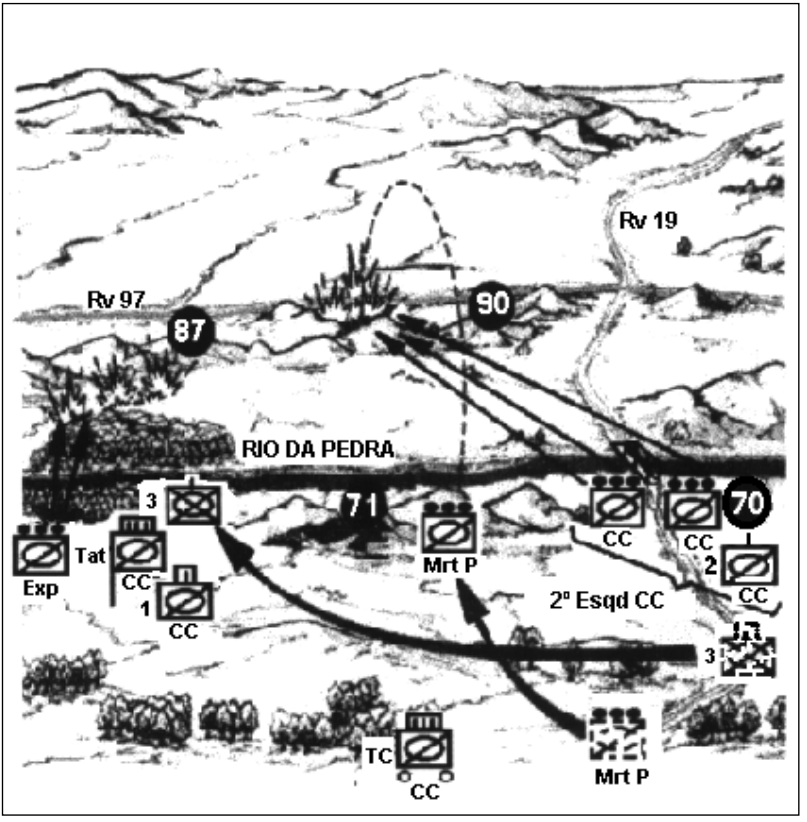

Fig D-10. 3ª Fase - Planejamento do Ataque de Oportunidade

(4) 4ª Fase

(a) Coberta pelos fogos da FT 1º Esqd CC e do 2º Esqd CC, a 3ª / 110º BIB transpôs o rio embarcada em suas VBTP.

(b) Apoiado pela FT 1º Esqd CC e pela 3ª / 110º BIB o GPPB / Cia Eng Cmb lançou suas pontes permitindo que a FT 1º Esqd CC e o Gp Cmdo da FT 251 RCC cruzassem o Rio da PEDRA.

(c) O 2º Esqd CC informou ter observado atividade inimiga na R do P Ct 90, em apoio ao Pel Fuz Bld Ini na R de passagem da Rv 19, na margem N.

(d) O Cmt FT 251 RCC decide reorganizar a 3ª / 110º BIB, passando um Pel CC da FT 1º Esqd CC a seu comando, e empregá-la para conquistar a R do P Ct 90. Decide também, lançar a FT 1º Esqd CC para conquistar a R de P Ct 94 e destruir o Ini que domina pelo N a região de passagem da Rv 19.

(e) Determina ao O Lig que a artilharia e os Mrt P apoiem a FT 3ª / 110º BIB na conquista da R do P Ct 90, devendo cegar os PO Ini, provavelmente localizados na R do P Ct 96. O 2º Esqd CC, deverá manter o inimigo no margem N, em frente à suas atuais posições, engajado por seus fogos, em apoio ao ataque da FT 1º Esqd CC à R do P Ct 94.

(f) O Pel Exp cruzou o Rio da Pedra e passou a reconhecer a R ao S do P Ct 87. Esta ação fez com que a força Ini avistada naquela R retraísse para a R do P Ct 90.

(g) A força inimiga desdobrada na R do P Ct 90, constituída por um Pel Fuz Bld Ref, foi atacada e destruída pela FT 3ª / 110º BIB, que ocupou a R do P Ct 90, batendo a Rv 97 e seu cruzamento com a Rv 19.

(h) A FT 1º Esqd CC atacou e destruiu o inimigo na margem N do rio e ocupou a R de P Ct 94.

(i) As viaturas do Pel Exp cruzam o rio pelas pontes de pequenas brechas e vão reunir-se ao pelotão na R do P Ct 87.

(j) O Cmt FT 251 RCC determina que o GPPB recolha as pontes de duas turmas de pontes de pequenas brechas e vá lançá-las na região de passagem da Rv 19, mantendo uma das pontes na R ao S do P Ct 87.

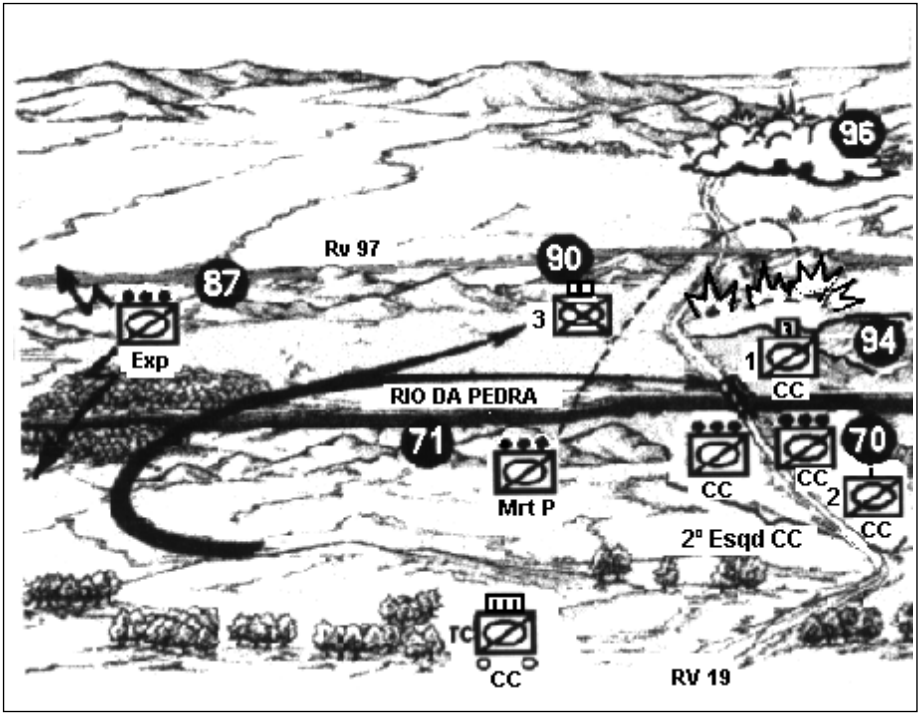

Fig D-11. 4ª Fase - Conquista da margem N do Rio da PEDRA (DELTA)

e. Situação Final

(1) A FT 1º Esqd CC deslocou-se pela Rv 19 e foi ocupar as elevações que, a E da Rv 19 dominam a Rv 97, na linha de alturas P Ct 87 - P Ct 90.

(2) O 2º Esqd CC transpôs o rio pelas pontes de pequenas brechas, ocupando a R do P Ct 94 passando à Res da FT 251 RCC.

(3) Os Trens de Combate da FT cerram para a R do P Ct 70. A FT 251 RCC passará a consolidar suas posições e a reorganizar suas FT SU.

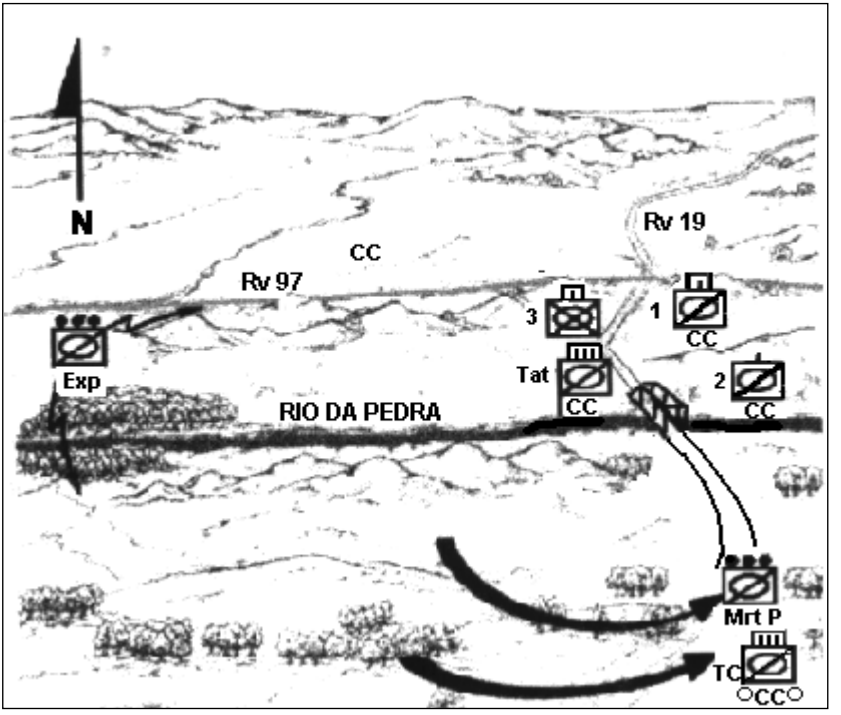

Fig D-12. Situação Final - Consolidação do Objetivo e Reorganização da FT 251 RCC

f. Observações

(1) Observações sobre o Ataque de Oportunidade realizado pela FT 251 RCC sobre o inimigo que bloqueava a progressão da FT desdobrado na margem N do Rio da PEDRA.

(2) O Cmt FT 251 RCC atacou com base nas informações disponíveis e no rápido estudo de situação de seu estado-maior. Foi realizada uma análise rápida da situação para não perder a oportunidade de destruir o inimigo e cumprir a missão recebida da Bda.

(3) Ordens fragmentárias foram expedidas com clareza e rapidez, agilizando a preparação das FT SU e possibilitando a execução da manobra idealizada, num curto espaço de tempo.

(4) O Ini atacado era fraco e o terreno permitia a realização do ataque de oportunidade. A FT 251 RCC tinha poder de combate suficiente e dispunha do equipamento necessário à realização da transposição do rio (GPPB da Cia Eng Cmb Bld / Bda).

(5) A manobra idealizada pela FT 251 RCC enfatizou o emprego da manobra de flanco das FT SU, contra as posições inimigas. Foram empregadas todas as FT SU e SU da FT 251 RCC, não se constituindo a Reserva desde o início da operação. A FT 251 RCC foi dividida em Escalão de Ataque, uma Base de Fogos / Força de Fixação do Inimigo e um elemento de Segurança.

(6) O Cmt FT 251 RCC não poderia ter desbordado o inimigo e a conquista da margem norte era fundamental para o cumprimento da missão recebida. A rapidez do ataque impediria que o inimigo pudesse ser reforçado e a oportunidade fosse perdida.

(7) O ataque realizado difere de um ataque coordenado por não distribuir obrigatoriamente, as subunidades pelos escalões normais de um ataque (ataque principal, ataque secundário e reserva), por empregar todas as SU disponíveis (podendo não atribuir a missão de RESERVA a uma determinada subunidade desde o início da operação), pelo rápido estudo de situação e reconhecimentos realizados, pela expedição de ordens fragmentárias e missões atribuídas pela finalidade.

(8) O ataque da FT 251 RCC também difere de um combate de encontro, pois a FT 251 RCC estava completamente desdobrada, e as suas subunidades foram empregadas como um todo e não parceladamente, como é normal ocorrer num combate de encontro.

(9) O ataque de oportunidade é uma operação ofensiva, situada entre o ataque coordenado e o combate de encontro, que oferece ao comandante de uma FT Bld uma possibilidade a mais, permitindo resolver situações menos complicadas, sem o engessamento de um ataque coordenado, com rapidez e grande poder de combate, e com maior detalhamento e segurança que um combate de encontro. É uma possibilidade que deve ser explorada sempre que a oportunidade se apresentar.

ANEXO E

GLOSSÁRIO DE ABREVIATURAS E SIGLAS UTILIZADAS NO MANUAL DE CAMPANHA C 17-20 - FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS

A

AApLog - Área de Apoio Logístico
AC - Anticarro
Aç Cj - Ação de Conjunto
Aç Rtrd - Ação Retardadora
ADA - Área de Defesa Avançada
Adj - Adjunto
AE - Área de Engajamento
AOC - Área de Operações Continental (ou do Continente)
Ap - Apoio
Ap Dto - Apoio Direto
Ap F - Apoio de Fogo
Armt - Armamento
Art - Artilharia
AT - Área de Trens
ATC - Área de Trens de Combate
ATE - Área de Trens de Estacionamento
Atq - Ataque
Atq Pcp - Ataque Principal
Atq Sec - Ataque Secundário
Av Ex - Aviação do Exército

B

B Log - Batalhão Logístico
Bda - Brigada
Bda C Bld - Brigada de Cavalaria Blindada
Bda C Mec - Brigada de Cavalaria Mecanizada

Bda Inf Bld - Brigada de Infantaria Blindada
BIB - Batalhão de Infantaria Blindado
Bld - Blindado
Btl - Batalhão

C

C Atq - Contra-ataque
C Com Cmdo - Centro de Comunicações de Comando
C Msg - Centro de Mensagens
C2 - Comando e Controle
CAA - Controlador Aéreo Avançado
CAAD - Centro de Apoio Aéreo Direto
CAF - Coordenador de Apoio de Fogo
Can - Canhão
Cav - Cavalaria
CC - Carro de Combate
CCAF - Centro de Coordenação de Apoio de Fogo
Cia C Ap - Companhia de Comando e Apoio
Cia Fuz Bld - companhia de Fuzileiros Blindados
Cmb - Combate
Cmt - Comandante
COAT - Centro de Operações Aerotáticas
COL - Centro de Operações Logísticas
COT - Centro de Operações Táticas
Ct - Controle

D

DAC - Defesa Anticarro
DE - Divisão de Exército
Dire - Direção
DQBN - Defesa Química Biológica e Nuclear

E

E Prog - Eixo de Progressão
E Sup Ev - Eixo de Suprimento e Evacuação
ECAT - Equipe de Controle Aerotático
Elm - Elemento
EM - Estado-Maior
Eng - Engenharia
EPS - Estrada Principal de Suprimento
Esc Cmb - Escalão de Combate
Esc Rec - Escalão de Reconhecimento
Esc Sp - Escalão Superior
Esqd C Ap - Esquadrão de Comando e Apoio
Esqd C Mec - Esquadrão de Cavalaria Mecanizado
Esqd CC - Esquadrão de Carros de Combate

Esqd Fuz Bld - Esquadrão de Fuzileiros Blindados
EVAM - Evacuação Aeromédica
Ex Cmp - Exército de Campanha

F

F Ae - Força Aérea
F Cob - Força de Cobertura
F Cob Avçd - Força de Cobertura Avançada
F Cob Fl - Força de Cobertura de Flanco
F Ptç - Força de Proteção
F Seg - Força de Segurança
FAT - Força Aerotática
Fg - Flancoguarda
FT - Força-Tarefa
FT Bld - Força-Tarefa Blindada
FT SU - Força-Tarefa Subunidade
Fur - Furriel
Fuz Bld - Fuzileiro Blindado

G

GAC - Grupo de Artilharia de Campanha
Gp Cmdo - Grupo de Comando
Gp Mnt - Grupo de Manutenção
GPPB - Grupo de Pontes de Pequenas Brechas
GPS - Sistema de Posicionamento Global (Global Positioning System)
Gr Fum - Granada Fumígena
GU - Grande Unidade

I

IECom Elt - Instruções para Exploração das Comunicações e Eletrônica
Inf - Infantaria
IODT - Instrumentos Óticos e de Direção de Tiro
Itn - Itinerário

L

L Ct - Linha de Controle
LAADA - Limite Avançado da Área de Defesa Avançada
LC - Linha de Contato
LCAF - Linha de Coordenação de Apoio de Fogo
LCF - Linha de Coordenação de Fogos
LP - Linha de Partida
LSAA - Linha de Segurança do Apoio de Artilharia

M

MITM-T - Missão, Inimigo, Terreno , Meios e Tempo

Mrt - Morteiro
Msl - Míssil
Mtr - Metralhadora
Mvt - Movimento

N

NGA - Normas Gerais de Ação
NP - Nível de Prontidão

O

O Com - Oficial de Comunicações
O Exp - Oficial Explorador
O Lig - Oficial de Ligação
OA - Observador Avançado
OAF - Oficial de Apoio de Fogo
Of Aprov - Oficial Aprovisionador
Of DQBN - Oficial de Defesa Química, Biológica e Nuclear
Of Mnt - Oficial de Manutenção
Of Mun - Oficial de Munições
Of Sau - Oficial de Saúde
OM - Organização Militar

P

P Atq - Posição de Ataque
P Ban - Posto de Banho
P Cir Mv - Pelotão Cirúrgico Móvel
P Col PG - Posto de Coleta de Prisioneiros de Guerra
P Col Slv - Posto de Coleta de Salvados
P Ct - Ponto de Controle
P Def - Posição Defensiva
P Dist - Posto de Distribuição
P Lav - Posto de Lavanderia
P Lib - Ponto de Liberação
P Rem - Posto de Remuniciamento
P Sup - Posto de Suprimento
P Trg - Posto de Triagem
P Avç C - Postos Avançados de Combate
Pac Log - Pacote Logístico
PAG - Postos Avançados Gerais
PC - Posto de Comando
PCP - Posto de Comando Principal
PCR - Posto de Comando Recuado
PCT - Posto de Comando Tático
Pel AC - Pelotão Anticarro
Pel CC - Pelotão de Carros de Combate
Pel Cmdo - Pelotão de Comando

Pel Com - Pelotão de Comunicações
Pel E Cmb - Pelotão de Engenharia de Combate
Pel Exp - Pelotão de Exploradores
Pel Fuz Bld - Pelotão de Fuzileiros Blindados
Pel Mnt - Pelotão de Manutenção
Pel Mrt P - Pelotão de Morteiros Pesados
Pel Sau - Pelotão de Saúde
Pel Sup - Pelotão de Suprimentos
PES - Pessoal
PFA - Plano de Fogos de Artilharia
PFAe - Plano de Fogos Aéreos
PG - Prisioneiro de Guerra
PIL - Ponto Intermediário Logístico
PIR - Posição Inicial de Retardamento
PO - Posto de Observação
Pos - Posição
PPB - Ponte de Pequenas Brechas
PS - Posto de Saúde
PSFT - Posto de Saúde da Força Tarefa

Q

QBN - Químico, Biológico e Nuclear

R

R - Região
Rad - Rádio
RCB - Regimento de Cavalaria Blindado
RCC - Regimento de Carros de Combate
Rec - Reconhecimento
Ref - Reforçado
Res - Reserva
Rg - Retaguarda
Rgt - Regimento
Rtrd - Retardadora
Rv - Rodovia

S

Seç - Seção
Seç AC - Seção Anticarro
SEGAR - Segurança de Área de Retaguarda
Sgt - Sargento
Sist Vig - Sistema de Vigilância
SR - Sem Recuo
SU - Subunidade
Sub Cmt - Subcomandante
Sup - Suprimento

T

TC - Trens de Combate
TE - Trens de Estacionamento
Tu Aprov - Turma de Aprovisionamento

U

U - Unidade
Ultr - Ultrapassagem

V

Via A - Via de Acesso
VBC-CC - Viatura Blindada de Combate, Carro de Combate
VBC-Fuz - Viatura Blindada de Combate, Fuzileiros
VBE L Pnt - Viatura Blindada Especializada, Lança Pontes
VBTP - Viatura Blindada de Transporte de Pessoal
Vg - Vanguarda

Z

Z Aç - Zona de Ação
Z Reu - Zona de Reunião
ZC - Zona de Combate

ÍNDICE ALFABÉTICO

	Prf	Pag
A		
A força-tarefa		
- e o moderno combate de blindados	1-8	1-6
- em missão de postos avançados gerais	6-13	6-35
- na defesa (Operações Defensivas)	6-2	6-1
- na defesa de área	6-11	6-17
- na defesa móvel	6-6	6-6
- na transposição de curso de água	9-2	9-1
- no reconhecimento	4-2	4-2
- reserva da brigada na defesa de área	6-12	6-31
As forças-tarefas blindadas na perseguição	5-19	5-60
Ação retardadora	6-29	6-57
Apoio ao combate	6-22	6-47
Apoio logístico		
- durante as operações	10-17	10-35
- na organização de força-tarefa subunidade e no reforço a outras unidades	10-18	10-41
Artilharia de campanha	3-2	3-1
Aspectos a considerar no planejamento e preparação para o combate continuado	C-3	C-3
Aspectos das operações sob condições de visibilidade limitada no combate continuado	C-5	C-7
Ataque		
- contra posição fortificada	9-3	9-3
- coordenado	5-12	5-26
- de oportunidade - Ataque	5-11	5-22
- de oportunidade - caso esquemático (exemplo)	D-2	D-1
- de varredura	5-23	5-69
- em área edificada	9-6	9-6

	Prf	Pag
Atividade		
- de manutenção	10-13	10-27
- de saúde	10-12	10-26
- de suprimento	10-11	10-21
- de transporte	10-14	10-30
Avaliação da taxa de risco de uma operação	B-4	B-4

C

Características		
- das forças-tarefas blindadas	1-4	1-3
- do combate moderno	1-7	1-5
Centro de operações		
- logísticas	2-12	2-16
- táticas	2-11	2-14
Cerco	7-5	7-18
Comando e estado-maior	1-11	1-11
Combate de encontro	5-21	5-62
Composição da força-tarefa no aproveitamento do êxito	5-16	5-55
Comunicações	2-18	2-21
Conceito e finalidades dos movimentos retrógrados	6-17	6-43
Conduta da ação retardadora	6-30	6-65
Conduta da força-tarefa		
- na marcha para o combate	5-7	5-17
- no aproveitamento do êxito	5-17	5-58
Considerações gerais		
- Aproveitamento do Êxito	5-14	5-52
- Ataque	5-10	5-21
- Ataque noturno	5-25	5-71
- Marcha para o Combate	5-6	5-14
- Perseguição	5-18	5-59
- Reconhecimento em força	5-8	5-19
Considerações iniciais - Logística nas Forças-Tarefas Blindadas	10-2	10-2
Considerações no planejamento de emprego de fumígenos	A-4	A-3
Considerações sobre o risco de fratricídio	B-5	B-5
Considerações táticas	9-8	9-12
Constituição das forças-tarefas blindadas	1-10	1-10
Contra-reconhecimento	4-11	4-19
Coordenação do apoio de fogo	3-5	3-4
Coordenação e controle		
- Movimentos Retrógrados	6-20	6-45
- (Operações Ofensivas)	5-5	5-13

D

Defesa		
- circular	6-16	6-39

	Prf	Pag
- de uma posição fortificada	9-4	9-6
- elástica	6-15	6-36
- em área edificada	9-7	9-11
Deslocamento do posto de comando	2-7	2-11
Dissimulação tática	5-24	5-69
Distribuição interna de áreas no posto de comando	2-5	2-10
E		
Efeitos do combate continuado sobre a tropa	C-2	C-1
Eixo de suprimento e evacuação	10-7	10-16
Elementos		
- de apoio logístico da força-tarefa	10-4	10-4
- subordinados	1-12	1-12
Emprego(s)		
- da artilharia antiaérea	3-9	3-10
- da engenharia	3-11	3-11
- da viatura blindada especial - lança ponte	3-12	3-11
- de fumígenos em apoio às operações de combate	A-5	A-5
- do combinado CC - Fzo Bld	1-15	1-19
- dos elementos blindados na transposição de obstáculos	5-13	5-44
- típicos da fumaça	A-3	A-2
Emprego das forças-tarefas blindadas		
- em regiões contaminadas com agentes QBN	8-11	8-7
- nas operações em regiões de serras e terrenos montanhosos	8-3	8-2
- nas regiões de bosques e florestas	8-7	8-5
- nas regiões de matas densas e de selva	8-6	8-4
Enfrentando um incidente de fogo amigo	B-7	B-11
Escalonamento da defesa	6-8	6-10
Estudo de situação nas operações defensivas	6-5	6-5
Estudo do terreno e das condições meteorológicas	6-19	6-44
Execução		
- do ataque noturno	5-27	5-77
- do reconhecimento em força	5-9	5-20
F		
Ferramentas da sincronização	2-15	2-19
Finalidade (Introdução)	1-1	1-1
Fontes geradoras de fumaça	A-2	A-1
Força(s)		
- de cobertura	4-8	4-5
- de proteção	4-9	4-9
- de segurança	4-7	4-4
- de vigilância	4-10	4-18

	Prf	Pag
Forças-tarefas		
- blindadas	1-2	1-1
- subunidade	1-14	1-16
Formações de combate	5-4	5-8
Formas de defesa	6-4	6-4
Formas de manobra	5-2	5-2
Frentes nas operações de segurança	4-5	4-3
Fundamentos da segurança	4-4	4-3
G		
Generalidades		
- Ações Comuns às Operações Básicas	7-2	7-1
- (Ações Comuns às Operações Básicas e Operações Complementares)	7-1	7-1
- Apoio de Engenharia	3-10	3-10
- Apoio de Fogo	3-1	3-1
- (Caso Esquemático de um Ataque de Oportunidade)	D-1	D-1
- Defesa Antiaérea	3-8	3-9
- Defesa de Área	6-7	6-9
- (Logística)	10-1	10-1
- (Operações com Fumígenos)	A-1	A-1
- Operações Complementares	7-6	7-20
- (Operações Continuadas)	C-1	C-1
- (Operações Defensivas)	6-1	6-1
- Operações em Áreas Edificadas	9-5	9-6
- Operações em Regiões Contaminadas com Agente QBN	8-10	8-7
- Operações em Regiões de Mata Densa e de Selva	8-4	8-3
- Operações em Regiões de Serras e Terrenos Montanhosos	8-2	8-2
- Operações na Caatinga	8-8	8-6
- (Operações Ofensivas)	5-1	5-1
- (Operações Sob Condições Especiais de Ambiente)	8-1	8-1
- Organização para o Combate	1-13	1-16
- Outras Operações Ofensivas	5-20	5-61
- Posto de Comando	2-3	2-6
- (Prevenção de Fratricídio)	B-1	B-1
- Reconhecimento	4-1	4-1
- Segurança	4-3	4-2
- Sincronização	2-13	2-16
- Sistemas Operacionais	1-16	1-20
- Táticas e Técnicas Especiais na Defensiva	6-14	6-36
- Transposição de Curso de Água	9-1	9-1
Glossário de Abreviaturas e siglas utilizadas no manual de campanha C 17-20 - FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS		E-1
Graus de segurança	4-6	4-4
Grupo de comando	2-10	2-14

	Prf	Pag
I		
Identificação do risco de fratricídio e medidas preventivas	B-3	B-2
Incursão	5-22	5-65
Influência do meio ambiente no combate nas regiões de selvas	8-5	8-3
J		
Junção	7-7	7-20
L		
Liderança	6-23	6-48
Ligação (Reconhecimento e Segurança)	4-13	4-22
Ligações (Comando e Controle)	2-17	2-21
Limitações das forças-tarefas blindadas	1-6	1-4
Localização do posto de comando	2-4	2-8
M		
Medidas de coordenação e controle no ataque noturno	5-28	5-81
Medidas para a redução do risco de fratricídio	B-6	B-9
Missões das forças-tarefas blindadas	1-3	1-2
O		
O Elemento humano	1-24	1-23
O risco de fratricídio no combate moderno	B-2	B-1
Operação do posto de comando	2-6	2-11
Operações em regiões de caatinga	8-9	8-6
Organização do sistema de comando e controle	2-1	2-1
Organização para o combate	6-9	6-11
Outros processos de distribuição de suprimento	10-10	10-21
P		
Pacotes logísticos	10-9	10-18
Peculiaridades do emprego das forças-tarefas blindadas	1-9	1-8
Pedidos de apoio de fogo	3-7	3-7
Pelotão anticarro	3-4	3-3
Pelotão de morteiros pesados	3-3	3-2
Pessoal - Logística nas Forças-Tarefas Blindadas	10-15	10-30
Planejamento		
- da defesa	6-10	6-13
- da manobra logística	10-5	10-7
- dos movimentos retrógrados	6-24	6-48
Planejamento e preparação de um ataque noturno	5-26	5-75
Plano de apoio de fogo	3-6	3-5
Ponto intermediário logístico	10-8	10-16

	Prf	Pag
Possibilidades das forças-tarefas blindadas	1-5	1-3
Posto de comando tático	2-9	2-13
Processo de sincronização	2-16	2-20
R		
Reconhecimento e segurança	6-21	6-46
Responsabilidades - Logística nas Forças-Tarefas Blindadas	10-3	10-3
Responsabilidades funcionais	2-2	2-2
Retirada - Movimentos Retrógrados	6-28	6-56
Retraimento		
- Movimentos Retrógrados	6-25	6-49
- sem pressão do inimigo	6-26	6-50
- sob pressão do inimigo	6-27	6-53
S		
Segurança		
- da força-tarefa	5-15	5-55
- do posto de comando	2-8	2-12
- (Operações Continuadas)	C-4	C-6
Sincronização na força-tarefa blindada	2-14	2-17
Sistema		
- de apoio de fogo	1-19	1-21
- de comando e controle	1-17	1-20
- de defesa antiaérea	1-21	1-22
- de Inteligência	1-20	1-21
- de logística	1-23	1-22
- de manobra	1-18	1-21
- de mobilidade, contramobilidade e proteção	1-22	1-22
Substituição - Ações Comuns às Operações Básicas	7-4	7-3
T		
Tarefas referentes a pessoal integradas ao sistema comando	10-16	10-33
Tipos de movimentos retrógrados	6-18	6-44
Tipos de operações		
- defensivas	6-3	6-4
- ofensivas	5-3	5-8
Trens - Logística nas Forças-Tarefas Blindadas	10-6	10-9
V		
Vigilância de combate		
- Ações Comuns às Operações Básicas	7-3	7-2
- Segurança	4-12	4-21

DISTRIBUIÇÃO

1. ÓRGÃOS

Ministério da Defesa	03
Gabinete do Comandante do Exército	01
Estado-Maior do Exército	10
DGP, DEP, D Log, DEC, SEF, SCT, STI	01
DEE, DFA, DEPA	01
SGEx, CIE, C Com S Ex	01
DMCEI, CITEx, CDS	01
DS, D Mnt, DFR	01

2. GRANDES COMANDOS E GRANDES UNIDADES

COTER	02
CMS, CMO/9ª DE, CML, CMSE	02
CMP, CMA, CMNE	01
Região Militar	01
4ª e 7ª RM/DE	01
5ª RM/DE	02
2ª DE	02
1ª, 3ª e 6ª DE	03
Brigada	01
Bda Cav Mec/Bld, Bda Inf Bld	03
Grupamento de Engenharia	01
Artilharia Divisionária	01
CAvEx	01

3. UNIDADES

Infantaria Blindada	03
Cavalaria de Guarda	02
Cavalaria (R Es C)	02

Cavalaria (Mec)	02
Cavalaria (Bld e CC)	06
Artilharia (GAC Ap)	02
Artilharia (GAC orgânico de Bda C Mec)	01
Engenharia (B E Cmb)	01
Comunicações	01
Logística (Bda C Mec, Bda C Bld e Bda Inf Bld)	01
Forças Especiais	01
DOMPSA	01

4. SUBUNIDADES (autônomas ou semi-autônomas)

Cavalaria (Mec / Pqdt)	02
Artilharia (2ª, 3ª, 5ª, 6ª, 11ª e 21ª Bia AAAe)	02
Engenharia (1ª, 2ª, 3ª e 4ª Cia E Cmb Mec)	01
Engenharia (6ª, 7ª e 11ª Cia E Cmb Bld)	02
Comunicações (11ª, 12ª, 13ª e 14ª Cia Com)	01
Comunicações (1ª, 2ª, 3ª e 5ª Cia Com Bld)	02
Pel C Mec	01
Esqd Av	01

5. ESTABELECIMENTOS DE ENSINO

ECEME	50
EsAO	100
AMAN	50
EsSA	10
CPOR	03
NPOR Cav / Inf	02
EsCom, EsACosAAe, EsMB, EsAEx, CI Av Ex, CIGE, EsPCEx, EASA, CAAEx	01
CI Bld	15

6. OUTRAS ORGANIZAÇÕES

ADIEx/Paraguai	01
Arq Ex	01
Bibliex	01
C Doc Ex	01
C F N	01
EAO (FAB)	01
ECEMAR	01
Es G N	01
E M Aer	01
E M A	01
Arquivo Histórico do Exército	01

Este Manual de Campanha foi elaborado pela 3ª Subchefia do Estado-Maior do Exército.